CPAD

TEOLOGIA BÍBLICA DA ORAÇÃO



O Espírito nos ajuda a orar

Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket

TEOLOGIA BÍBLICA DA ORAÇÃO



O Espírito nos ajuda a orar

Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket

TEOLOGIA BÍBLICA DA ORAÇÃO



O Espírito nos ajuda a orar

CPAD

4ª edição
Rio de Janeiro



REIS BOOK'S DIGITAL

Todos os direitos reservados. Copyright © 2007 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *The Spirit Help Us Pray*
Logion Press, Springfield, Missouri
Primeira edição em inglês: 1993
Tradução: João Marques Bentes
Revisão: Gleyce Duque
Editoração: Flamir Ambrósio

CDD: 248.3 — Oração
ISBN: 85-263-0068-7

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-21-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

4ª edição/2007

Sumário

Teologia Bíblica da Oração

Preâmbulo / 11
Prefácio / 15
Introdução / 17
Adoração / 18
Comunicação / 18
Comunhão / 19
Confissão / 20
Contrição / 22
Rogo / 22
Intercessão / 23
Meditação / 24
Petição / 24
Orando no Espírito / 25
Submissão / 25
Súplica / 25
Ação de Graças / 26
Dores / 27
Veneração / 27

Parte 1: Oração no Antigo Testamento

1. As Orações dos Patriarcas e seus Contemporâneos / 31
Adão / 31
Sete / 32
Enoque / 33
Noé / 34
Abraão / 35
Eliézer / 39
Isaque / 40
Jacó / 42
Jó / 45

2. As Orações de Moisés / 51
Respondendo à Chamada de Deus / 52
Tempo da Intervenção Divina / 53
Orar – depois Agir / 55
Contínua Dependência de Deus / 57
Moisés, o Intercessor / 59
Nomeação Divina dos Líderes / 67

3. O Período de Josué ao Rei Saul / 73
Josué / 73
Débora / 76
Gideão / 76
Jabez / 79
Jefté / 79
Manoá / 80
Sansão / 80
Os Filhos de Israel / 81
Ana / 83
Samuel / 85
O Rei Saul / 88

4. As Orações de Davi e de outros Salmistas / 91
Na Dependência de Deus / 91
Oração em Tempos de Grande Bênção / 93
Oração em Tempos de Fracasso / 94
Oração em meio à Adversidade / 96
Oração como Expressão de Louvor / 96
A Oração Pública de um Líder Piedoso / 96
Reconhecendo a Deus / 98
Louvor e Adoração / 100
Petição / 101
Confissão / 103
Ação de Graças / 104

5. As Orações de Salomão e dos Líderes Posteriores de Israel / 105
Salomão / 105
Elias / 109
Eliseu / 114
Asa / 116
Josafá / 117
Ezequias / 118
Esdras / 121
Neemias / 124

6. A Oração nos Livros Proféticos / 133
Isaías / 133
Jeremias / 136
Ezequiel / 149
Daniel / 151
Joel / 154
Amós / 156
Jonas / 156
Habacuque / 159

Parte 2: Oração no Novo Testamento

7. A Oração na Vida e no Ministério de Jesus / 165
Oração por Ocasião do Batismo / 167
Oração no Deserto / 168
Oração antes de Escolher os Apóstolos / 168
Oração pelas Criancinhas / 169
Oração no Monte da Transfiguração / 170
Oração em Favor de Pedro / 171
Oração diante do Túmulo de Lázaro / 174
Oração por si Mesmo
e por todos os Crentes / 176
Oração no Jardim do Getsêmani / 181
Oração na Cruz / 184

8. Os Ensinamentos de Jesus sobre a Oração / 187
Recebendo o que Pedimos / 188
Aumentando a Fé para
Receber Respostas / 192
Limpando a Vereda da Oração / 195
Seguindo a Oração Modelo / 196
Tendo Motivos Corretos / 202
Orando pelos Obreiros / 205
Orando com Persistência / 206
Combinando Oração com Jejum / 208

9. A Oração na Igreja de Jerusalém / 211
A Primeira Reunião de
Oração da Igreja Primitiva / 211
A Disciplina Regular da Oração / 215
Oração ante à Perseguição / 216
Uma Prioridade de Oração / 219
Oração na Hora da Morte / 221

10. A Oração na Igreja em Expansão / 225
Recebendo o que Deus já Deu / 225
Recebendo a Orientação de Deus / 227
Conhecendo a Vontade de Deus / 228
Uma Notável Resposta à Oração / 230
Livramento por meio da
Oração Conjunta / 233
Recebendo Orientação
para Enviar Obreiros / 234
Enfrentando os Poderes de Satanás / 236
Uma Resposta Inesperada / 238
Orando por uma Bênção / 239
Recebendo uma Revelação / 240
Recebendo a Certeza da Cura / 241

11. Paulo na Oração – 1ª Parte / 245
Um Intercessor em Favor dos Crentes / 245
Um Testemunho do Coração / 248
Orando no Espírito / 250
Guerra Espiritual na Oração / 252
Quando a Oração Não É Respondida / 253
Um Estilo de Vida Cheio do Espírito / 254
Oração para qualquer Ocasião / 257
Oração em Lugar de Preocupação / 259
Oração pelos Líderes / 261
Instruções sobre a Oração / 262
Oração para a Propagação do Evangelho / 264
Oração em Favor de Todos / 264

12. Paulo na Oração – 2ª Parte / 269
Orando para Conhecer Melhor a Deus / 270
Recebendo a Plenitude de Deus / 274
Orando por um Amor mais Profundo / 279
Orando para Entender a Vontade de Deus / 288

13. A Oração em Hebreus e nas Epístolas Gerais / 299
Confiança para nos
Aproximarmos do Trono / 299
Critérios para Irmos a Deus / 300
Oração por Sabedoria nas Provações / 301
Oração que Garante a Resposta / 302
Oração Poderosa e Eficaz / 305
Empecilhos à Oração / 309
A Certeza de que a Oração Foi Ouvida / 313
Edificação Pessoal através da Oração / 315

Parte 3: A Oração na Prática Contemporânea

14. Intervenção Angelical / 319
Os Anjos e a Oração no Antigo Testamento / 321
Os Anjos e a Oração no Novo Testamento / 329

15. Oração e Reavivamento / 337
Reavivamentos
no Antigo e no Novo Testamento / 340
Reavivamentos na História Recente / 341

16. As Disciplinas da Oração: Um Princípio Prático / 353
Oração Pessoal / 354
Oração Doméstica / 359
Oração Congregacional / 361

17. Problemas Analisados / 365
O Problema do Pecado / 365
O Problema do Raciocínio Humano / 366
O Problema do Caráter de Deus / 367
O Problema das Leis da Natureza / 372

Apêndice 1:
A Importância da Oração Feita em Comum Acordo / 375

Apêndice 2:
Batalha Espiritual na Oração / 379

Apêndice 3:
A Aparição de um Anjo / 381

Apêndice 4:
Testemunhos de Orações Respondidas / 385

Bibliografia / 395

Preâmbulo

Teologia Bíblica da Oração

Apolo era um homem "eloqüente e poderoso nas Escrituras" (At 18.24). Goodspeed afirma que ele era "habilidoso no uso das Escrituras" (v. 25). A versão Almeida Revista e Corrigida diz que ele "falava e ensinava diligentemente". Continuamos tendo homens assim hoje em dia, que nos ajudam a compreender a Palavra de Deus e, particularmente neste caso, o que ela diz sobre cada aspecto da oração. Pois Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket são dons à igreja dos nossos tempos, tal como Apolo e Paulo o foram à igreja de seus dias.

Tendo sido colega do Dr. Bicket no ensino, na administração e, especialmente, em ministérios de oração, posso reverberar o sentimento de Lucas acerca de Apolo para externar minha consideração pelo Dr. Bicket: "Aproveitou muito aos que pela graça criam" (v. 27). Bicket, homem dedicado, disciplinado e de muito caráter, tem contribuído para uma obra monumental acerca da oração.

Robert L. Brandt é conhecido, desde há muito, como um membro da família das Assembléias de Deus que tem se destacado como um gigante de caráter e liderança espiritual, alguém que busca a verdade destemidamente, pronto a segui-la, não importando o preço. Ele, à semelhança de Paulo, é um homem de visão — e não se tem mostrado desobediente a essa visão.

A liderança espiritual requer um conhecimento prático e funcional da oração, um conhecimento que, dando precedência à Palavra de Deus, possa efetivamente integrar-se à vida. Porque a oração é mais o que somos do que dizemos. Assim, no caso da oração, o meio da mensagem é o ser humano. E, quando Robert L. Brandt escreve sobre oração, ele está escrevendo sobre si mesmo. Estar com ele nos dá vontade de orar. Somos afortunados em ter uma liderança como essa, que nos influencia a entrar na presença de Deus! Como colega de ministério, membro e companheiro de vários conselhos eclesiásticos e consulente sobre questões do Espírito, o irmão Brandt tem sido um modelo de espiritualidade e liderança.

No capítulo 17 do Evangelho de João, o Senhor Jesus fala, em sua oração: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo" (v.24). Esta expressão de carinho, quando aplicada por nós a pessoas estimadas, mostra quão precioso é manter comunhão com homens como Bicket e Brandt.

Do Gênesis ao Apocalipse, e de Adão ao apóstolo amado, os autores sagrados cobriram a trilha da revelação de forma significativa e eficiente. Os diálogos de Deus com Adão e a revelação de Jesus a João tornaram-se padrões para uma vida prática de oração, sob a influência do Espírito Santo. Camadas de tradição, cultura e interesse próprio são removidas quando nos apresentam a sublime comunhão com Deus. E o resultado é uma compreensão mais profunda da obra do Espírito Santo.

Talvez a contribuição mais excelente deste amplo volume esteja nos capítulos 11 e 12, onde os autores enfocam o ministério do Espírito Santo na oração através do crente cheio do Espírito. É aqui que deixamos a companhia de muitos escritores tradicionais — quando nossa atenção incide sobre esse mais bendito privilégio de comunhão com Deus, que é Espírito.

Com toda convicção, os autores afirmam: "Os pentecostais vêem espaço para o dom de línguas". Falam ainda sobre o orar de forma sobrenatural, em línguas, e sobre a necessidade da interpretação destas. Esta ênfase especial merece uma leitura séria e cuidadosa deste livro por parte dos crentes que desejam desfrutar os benefícios da oração no Espírito Santo.

O que torna este livro compreensível são as instruções práticas, detalhando a manifestação única na assembléia, quando só os crentes estão reunidos, bem como durante as orações públicas. Algumas passagens da Epístola aos Efésios, que abordam tanto o indivíduo quanto o corpo do qual ele é membro, são especialmente plenas de orientação: "Não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito" (5.18); e "Falando entre vós com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração" (alguns escritores têm concluído que esta passagem, v. 19, indica a liturgia da Igreja Primitiva). De qualquer forma, tais colocações dão dimensões mais amplas à oração, uma vez que acrescentam modos ou maneiras pelas quais pode ser realizada.

Os anjos e seus ministérios estão incluídos neste livro. Embora não seja um aspecto muito comum da oração, na opinião de muitos autores o Rev. Brandt e o Dr. Bicket sentem-se inteiramente à vontade quanto ao ministério dos anjos para com os santos. Sua preocupação específica é descobrir como a intervenção angelical pode ocorrer em resposta às nossas orações.

Em apoio ao leitor que busca saber como orar e como Deus responde às orações hoje em dia, os autores fornecem histórias atuais de pessoas que têm orado e obtido respostas miraculosas de Deus. Isso aumenta ainda mais o valor deste verdadeiro manual de oração.

Centenas de livros têm sido escritos sobre a oração, outros tantos sobre o Espírito Santo, mas somente alguns como este abordam, ao mesmo tempo, o Espírito Santo e a oração. Sua mensagem é decisivamente pentecostal. Aborda a relação do Espírito Santo com a oração, um ponto de vista que há muito se fazia necessário. Mas não pense o leitor que esse tópico constitui uma abordagem restrita a uma denominação ou a um movimento; encare-o como de fato é: uma interpretação sadia e acurada da mensagem bíblica.

Ademais, este é um livro habilidosamente escrito: belas sentenças, boa estrutura lógica, estilo brilhante. Sua escrita excelente adiciona grande valor à abundante literatura sobre esse grande tema que é a oração. Os que ministram ficarão satisfeitos com o detalhamento do índice e da bibliografia, que visa ajudá-los na análise do livro e facilitar o repasse de seu conteúdo a outras pessoas.

Pelo que representa, este livro deveria estar em cada igreja, colégio e lar daqueles que desejam desfrutar as bênçãos plenas da oração no Espírito Santo. É uma mina de ouro para todos quantos buscam crescer na graça e no ministério em favor dos outros, no poder do Espírito. Eu, particularmente, o uso ao lado da minha Bíblia.

J. Robert Ashcroft
Presidente Emérito do Colégio Bereano

Prefácio

Teologia Bíblica da Oração

Este estudo busca explorar de uma perspectiva eminentemente bíblica o escopo inteiro da oração. Seu alvo é não somente prover uma compreensão acadêmica, mas dar origem a um grupo de pessoas que orem e, por conseguinte, façam diferença para Deus neste mundo. Instruídas e incentivadas a perseguir com diligência um ativo ministério de oração, essas pessoas verão suas próprias vidas enriquecidas. O resultado é que revolucionarão seu ministério tanto por Cristo como pela Igreja, gerando ondas de influência espiritual até aos confins da Terra.

Também gostaríamos de encorajar uma perspectiva pentecostal distintiva, com dupla ênfase: 1) que todos os crentes cheios do Espírito tirem vantagem de seu acesso ao próprio recinto do trono de Deus, através de nosso Salvador e Mediador, Jesus Cristo; e 2) que a oração se torne um poder de dimensões sobrenaturais mediante a ajuda do Espírito Santo que habita em nós. Dessa maneira, a oração move-se do meramente ritual para a realidade. "Orar no Espírito" torna-se mais que uma frase bíblica; passa a ser canal da intervenção divina.

A comunicação com Deus está entre as mais antigas práticas da humanidade de que se tem registro. Para Adão, parece que essa comunicação era tão natural como alimentar uma criança recém-nascida. O evidente intuito de Deus era estar em constante e vital comunhão com aquele que fora criado à sua imagem. Ele não desejava que as pessoas tivessem de fazê-lo por si mesmas, de uma forma unilateral e forçada. A comunhão com Ele seria o cordão umbilical pelo qual seus filhos seriam sustentados e reunidos à Deidade.

Mas essa comunhão acabou se tornando uma presa fácil do mal. Embora Adão e Eva começara sua jornada terrestre em santa e harmônica comunhão com o Criador, não parecem ter vivido muito tempo antes de buscarem se ocultar de Deus, em vez de desejarem andar com Ele "pela viração do dia" (Gn 3.8). E essa atitude acabou se tornando

padrão no decorrer dos milênios de história humana. Por negligência, ou pela perniciosa influência do mal, as pessoas não se têm valido da provisão divina. Em conseqüência a oração, além de ser oferecida como um privilégio (o que já deveria ser o bastante), tem sido veementemente ordenada, determinada e exigida de nós.

Por que as pessoas se mostram tão reticentes em experimentar o potencial, a aventura e o desafio quase sem paralelo da oração? Será que não compreendem seu propósito divino? Estarão estranhamente cegas ao valor e benefício que ela traz? Ou simplesmente não percebem seu magnífico potencial, tanto no que se refere ao presente como ao futuro?

Qualquer que seja o caso, investigaremos profundamente os seus muitos aspectos a fim de descobrir uma teologia da oração e aplicá-la à guerra espiritual, em que todos os crentes estão engajados.

Começando a leitura deste livro, não busque apenas ficar informado, mas também ser motivado. Você não terá de esperar até o término da leitura para pôr em prática esses princípios. Permita que o Espírito lhe fale, enquanto o caminho é percorrido, sobre como e quando você deve orar. Pare diante do mais leve impulso, e ore por aquilo que o Espírito puser em sua mente — da maneira como o Espírito o impulsionar. Diante de você está uma aventura das mais empolgantes, intrigantes e desafiadoras. Leve-a a cabo sob oração e de coração aberto.

Queremos agradecer especialmente a Glen Ellard e ao pessoal de editoração da Gospel Publishing House, responsáveis pela publicação em inglês, e a todos quantos ajudaram na preparação deste volume na língua portuguesa.

Introdução

Teologia Bíblica da Oração

A oração é a expressão mais íntima da vida cristã, o ponto alto de toda experiência religiosa genuinamente espiritual. Por que, então, permanece tão negligenciada (para não dizer ignorada)?

Vivemos numa época em que os indivíduos evitam a intimidade e os relacionamentos pessoais. O receio de expor seus sentimentos e desenvolver amizades profundas afeta tanto as relações espirituais como as sociais, erguendo barreiras dentro da própria família e dividindo comunidades. Inconscientes de que esse modismo entrou na igreja e por ele influenciados, alguns cristãos sentem-se nada confortáveis quando se chegam próximos demais a Deus. O resultado imediato é a falta de oração — não querem intimidade!

Além disso, também estamos muito ocupados. Vivemos para realizar, e não para ser. Admiramos a vida ativa mais do que o caráter e os relacionamentos. O sucesso é medido por nossas realizações; portanto, corremos, corremos, corremos — tentando fazer tudo quanto podemos em nossas horas ativas. Mais preocupados em fazer do que em ser, recusamo-nos a aceitar a realidade bíblica de que as realizações humanas são temporárias e fugazes. Somente a obra do Espírito é permanente e eterna. A falta de oração nos impede de alcançar aquilo que tão desesperadamente ansiamos. A falta de oração, na verdade, é impiedade.

O fracasso em compreender o propósito da experiência pentecostal e o papel primário da oração na manutenção da vitalidade dessa experiência resulta, igualmente, na falta de oração. O crente cheio do Espírito anda e fala com Deus, e isto pode ser facilmente percebido, não importa que seja considerado um místico, um profeta ou um estranho vindo de outro mundo — esta é, de fato, a realidade. A cidadania nos domínios do Espírito é tão real quanto a do mundo físico.

A compreensão da natureza da oração e de sua importância para nos tornarmos representantes efetivos de Cristo é essencial para começarmos nosso estudo. Este capítulo serve, portanto, como uma

plataforma de lançamento, não muito diferente de Cabo Canaveral, onde até ao menor detalhe preparatório se dá a maior atenção.

Adoração

A palavra "adoração" engloba um conceito vital no que se refere à oração. A ela estão associados termos como "reverência", "temor do Senhor" e "veneração". A adoração é uma demonstração de grande amor, devoção e respeito. Para o cristão, implica em prestar homenagem a Deus. A adoração estabelece o tom para a vida de oração de alguém. Faz aquele que está orando fixar o pensamento na pessoa a quem se dirige (no caso, a divindade) e considerar os seus atributos e interesses.

Como um crente desejoso de uma vida de oração mais rica começa a adorar a Deus? Um bom começo pode ser listar os atributos de Deus. O crente recém-convertido talvez tenha de passar algum tempo estudando esses atributos, ponderando o que realmente significa ser íntimo de um Deus Todo-poderoso (onipotente), que sabe tudo (onisciente) e está sempre presente (onipresente). O livro de Salmos está repleto de declarações sobre a natureza de Deus. Deveria ser lido como uma afirmação pessoal da eterna glória de Deus e de sua abrangente compassividade e compreensão para com aqueles que nEle confiam. Adore a Deus fazendo suas as palavras com as quais o salmista também o adorou.

Comunicação

Embora as palavras "comunicar" e "comunicação" não sejam usadas nas Escrituras para descrever a oração, a idéia é inerente. A oração pressupõe alguma forma de comunicação, seja esta unilateral ou recíproca.

Por um lado, a oração é uma *transmissão* de informações, públicas ou privadas, dos seres humanos para Deus. Nesta acepção, é praticamente um monólogo, cuja iniciativa é nitidamente humana. Note, por exemplo, o trecho de Daniel 9.3-6:

> E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração, e rogos, e jejum, e saco, e cinza. E orei ao Senhor, meu Deus, e confessei, e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; pecamos e cometemos iniqüidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra.

De outra perspectiva, a oração é uma troca de informações e idéias entre Deus e seu povo. Não importa a iniciativa, pois há reciprocidade, diálogo. Veja o conteúdo de Atos 9.10-16:

> E havia em Damasco um certo discípulo chamado Ananias. E disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! E ele respondeu: Eis-me aqui, Senhor. E disse-lhe o Senhor: Levanta-te e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem chamado Saulo; pois eis que ele está orando; e numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver. E respondeu Ananias: Senhor, de muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; e aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome. Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome.

Uma terceira possibilidade é a oração resultar da iniciativa divina. A mais antiga comunicação bidirecional (diálogo, conversa) registrada na Bíblia entre o Criador e a criatura humana, a coroa da criação, partiu de Deus. Vemos sua descrição no terceiro capítulo de Gênesis, quando Adão e Eva tentam evitar a Deus, a quem haviam desobedecido. Deus, então, tomou a iniciativa:

> E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me (Gn 3.8-10).

Portanto, neste estudo, as palavras "comunicar" e "comunicação" serão usadas para descrever a oração em qualquer um destes três sentidos: 1) pessoas falando com Deus; 2) pessoas e Deus em diálogo; e 3) Deus falando com pessoas em circunstâncias que assim exijam, principalmente quando elas se inclinam por ouvir a sua voz.

Comunhão

Ao descrever a oração, uma definição de dicionário da palavra "comunhão" é especialmente apropriada: "íntimo companheirismo ou afinidade". A idéia de pessoas comungando-se com Deus é muito evidente nas Escrituras; e a primeira instância, após a queda, é registrada em Êxodo 25.22, quando Deus fala com Moisés: "E ali virei a ti e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois

querubins (que estão sobre a arca do Testemunho), tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel".

A expressão "falarei contigo" (logo depois de "virei a tí") é uma tradução literal da palavra hebraica *davar* — seu sentido comum é exatamente "falar". Quando dois seres comungam, eles se reúnem e falam. A aplicação à oração é óbvia.

No Novo Testamento, temos a palavra grega *koinonia* ("comunhão"), que se aplica de modo similar à oração, subentendendo uma relação de intimidade entre Deus e uma pessoa. Paulo a utiliza em 2 Coríntios 13.13, em sua bênção apostólica: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a *comunhão* do Espírito Santo sejam com vós todos" (grifo do autor). Essa mesma palavra aparece em outras passagens, como Filipenses 2.1 e 1 João 1.3, sendo também traduzida por "comunhão".

Para os propósitos de nosso estudo, a palavra "comunhão" indica companheirismo e identificação pessoal, afinidade. Pressupõe intimidade, confiança e solidariedade, podendo ser entendida como uma mescla de personalidades numa bendita unidade, como o trançar de fios para formar uma única corda.

Como um nível de oração, ultrapassa a comunicação pura e simples. Sugere uma intimidade exclusiva e fora do comum, como por exemplo o envolvimento de Abraão com Deus por causa de Sodoma e Gomorra (Gn 18.17,23-33).

Confissão

A confissão é simplesmente o *reconhecimento* de um fato acerca de si próprio ou de outrem. Assim, ela tanto pode ser o desvendar dos pecados pessoais, num ato de contrição (o reconhecimento da nossa miséria e falibilidade), como uma afirmação da grandeza e bondade de Deus (o reconhecimento da santidade e perfeição divinas). Ambos os significados encontram-se tanto no hebraico como no grego, e em português.

Quando Paulo fala: "Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus", em Romanos 10.9, ele tem em mente o reconhecimento de Jesus Cristo como o Filho de Deus, enviado ao mundo para tornar-se o nosso Salvador e Senhor. O texto não constitui uma referência à "confissão de pecados", e sim à "confissão do nome do Senhor".

Pelo menos dois vocábulos hebraicos são traduzidos por "confissão" nas páginas do Antigo Testamento. O primeiro, *todah*, é derivado do segundo, *yadah*. Ambos permitem os dois sentidos já mencionados, como por exemplo em Esdras 10.10,11: "Vós tendes transgredido e casastes com mulheres estranhas, multiplicando o delito de Israel. Agora, pois, fazei *confissão* [*todah*] ao Senhor, Deus de vossos pais, e

fazei a sua vontade" (grifos do autor). Quando há dificuldade, o contexto é que deve determinar se ambos ou apenas um sentido — e qual deles — se aplica à passagem.

Tanto *todah* quanto *yadah* estão alicerçados sobre o sentido literal de "estender a mão". As mãos podem levantar-se na adoração a Deus (este é o primeiro significado) ou contorcer-se em aflição, por causa dos próprios pecados (aqui, o segundo). Nas 111 ocorrências de *yadah* no Antigo Testamento, ambos os sentidos de "confissão" parecem estar presentes.

Entretanto, isso não nos deveria preocupar, pois o louvor é apropriado em meio à confissão de pecados, assim como a confissão de pecados é apropriada quando chegamos a Deus com nossos louvores. Precisamos sempre reconhecer toda a verdade que Deus nos revelar — tanto nossa própria pecaminosidade como sua santidade e majestade.

> Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; pecamos e cometemos iniqüidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos (Dn 9.4,5).

Os dois significados de "confissão" são representados no Novo Testamento pelo termo grego *homologia* (e derivações), cujo sentido básico representa "aquilo que é reconhecido ou confessado" (já visto no texto de Rm 10.9 — no caso, "confessar Jesus"). O outro sentido de "confissão" é ilustrado em 1 João 1.9 ("confessar pecados"): "Se *confessarmos* os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (grifo do autor).

O significado de "confessar", conforme se apresenta nos capítulos seguintes, é primariamente o *reconhecimento do pecado*, tanto perante Deus como diante das pessoas, sendo este um elemento essencial da oração eficaz. Este significado ficou indelevelmente impresso nos israelitas através da cerimônia anual de libertação de um bode no deserto, no Dia da Expiação.

> E Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniqüidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniqüidades deles à terra solitária; e o homem enviará o bode ao deserto (Lv 16.21,22).

Isso simbolizava não somente o fato de que Deus cobriria os pecados deles com o preço da redenção, o sangue vertido; mas que seus pecados desapareceriam para sempre da memória de Deus.

Um notável exemplo de confissão em oração acha-se em Salmos 51.3,4: "Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos é mal, para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares".

Contrição

A contrição é o ato de alguém se lamentar e realmente entristecer-se pelos próprios pecados ou delitos. No hebraico, a palavra *dakka* significa "esmagado", "ferido", "contrito". Os exemplos no Antigo Testamento do uso adjetivado dessa palavra são os seguintes:

> Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado e salva os *contritos* de espírito (Sl 34.18, grifo do autor).
> Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita a eternidade e cujo nome é Santo: Em um alto e santo lugar habito e também com o *contrito* e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos *contritos* (Is 57.15, grifo do autor).

A contrição é uma atitude de coração que envolve humildade, quebrantamento de espírito, admissão de pecado e tristeza pelas transgressões cometidas; ao mesmo tempo, implora a Deus por sua misericórdia.

Rogo

A palavra "rogar" significa "pleitear" ou "pedir com urgência, especialmente a fim de persuadir". Representa cinco diferentes palavras hebraicas, no geral traduzidas como "interceder", "orar" e "suplicar". Em algumas versões, essas palavras são traduzidas por "pedir", "exortar", "interceder", "buscar" ou "implorar". A passagem do Antigo Testamento que descreve a experiência de Moisés com Faraó é apropriada para nosso estudo:

> E Faraó chamou a Moisés e a Arão e disse: *Rogai* ao Senhor que tire as rãs de mim e do meu povo; depois, deixarei ir o povo, para que sacrifiquem ao Senhor. E Moisés disse a Faraó: Tu tenhas glórias sobre mim. Quando *orarei* por ti, pelos teus servos, e por teu povo, para tirar as rãs de ti e das suas casas, de sorte que somente fiquem no rio? (Êx 8.8,9).

Quatro vocábulos gregos são traduzidos por "rogar", sendo que às vezes, dependendo da tradução, assumem os seguintes significados: "implorar", "exortar", "pedir" e "orar". Note-se o uso desse conceito em Tiago 3.17: "Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável *acessível a rogos*], cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia" (grifo do autor). Essa descrição sobre "a sabedoria que vem do alto" caracteriza aquEle "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Cl 2.3).

Intercessão

O vocábulo hebraico *paga'* ocorre 46 vezes no Antigo Testamento. Sua forma verbal significa "encontrar-se", "pôr pressão sobre" e, finalmente, "pleitear". Já sua forma causativa, com *le* ("para"), significa "interceder diante de". O texto a seguir é um exemplo de seu uso no Antigo Testamento.

> Pelo que lhe darei a parte de muitos, e, com os poderosos, repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores *intercedeu* [fez *intercessão*] (Is 53.12, grifos do autor).

No Novo Testamento, a palavra "intercessão" vem do termo grego *entugchano*, que significa "apelar a", "pleitear", "fazer intercessão", "orar". Duas bem familiares e preciosas passagens incluem este vocábulo:

> E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito *intercede* por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos (Rm 8.26,27). Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, *intercessões* e ações de graças por todos os homens (1 Tm 2.1).

Neste nosso estudo sobre a oração compreenderemos que a "intercessão" representa "o ato de uma ou mais pessoas, humanas ou divinas, que fazem intercessão a Deus em favor de outrem".

Meditação

Meditar significa dirigir os pensamentos para alguma coisa, refletir ou ponderar sobre ela. Três palavras hebraicas são traduzidas por "meditar" ou "meditação". Essas palavras têm em si o sentido de "considerar", "estar em pensamento profundo", "ponderar", "contemplar", "pensar". Passagens familiares do livro de Salmos dão conta da meditação como um elo de comunicação entre Deus e uma pessoa:

> Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei *medita* de dia e de noite (Sl 1.1,2, grifo do autor).
> A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura; e a minha boca te louvará com alegres lábios, quando me lembrar de ti na minha cama, e *meditar* em ti nas vigílias da noite (Sl 63.5,6, grifo do autor).

Marvin R. Vincent diz: "A meditação é um falar com a própria mente" (*Word Studies in the New Testament*, vol. 4, 1946, p. 253). Eis como Paulo aconselha Timóteo: "*Medita* estas coisas, ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos" (1 Tm 4.15, grifo do autor). Quanto ao sentido da palavra "meditar", neste estudo, vemos que ela significa "ensaiar e ponderar na mente visando a um mais completo entendimento, assimilação e aplicação da verdade".

Petição

A petição é um "pedido intenso", uma "solicitação" ou "requisição". Quatro diferentes palavras hebraicas são traduzidas por "petição" no Antigo Testamento, embora duas delas compartilhem de uma raiz comum: *tehinnah* e *tahnun*. Ambas são também traduzidas por "pedido", "súplica" e "clamor por misericórdia". Igualmente o vocábulo *she'elah* é traduzido por "petição". Além disso, o verbo *baquash* aparece traduzido por "pedimos" em Esdras 8.23 — o mais comum é vê-lo transcrito como "buscar" e "procurar". Ao falar a Ana, Eli disse: "Vai em paz, e o Deus de Israel te conceda a tua *petição* que lhe pediste" (1 Sm 1.17, grifo do autor).

A idéia de "petição" ocorre três vezes no Novo Testamento, traduzindo três palavras gregas: *deesis* (Fp 4.6), *emphanizo* (At 23.15) e *hikateria* (Hb 5.7). Temos ainda *aitema* ("requisitar"), que aparece algumas vezes com o sentido de petição. Veja, por exemplo, o texto de Filipenses 4.6: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas *petições* [*aitema*] sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e *súplica* [*deesis*], com ação de graças" (grifos do autor).

Neste volume, daremos preferência ao sentido comum assumido pela palavra "petição" conforme a entendemos hoje, sem perder de vista os significados a ela atribuídos nas Escrituras.

Orando no Espírito

Embora a expressão "orando no Espírito" seja formada por mais de uma palavra, a compreensão de seu significado é igualmente essencial para o nosso estudo. Ela deriva-se, principalmente, de Judas 20: "Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, *orando no Espírito Santo...*" (grifo do autor). Esta expressão também tem suas raízes, até certo ponto, na declaração de Paulo em 1 Coríntios 14.15: "Que farei, pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento".

No primeiro caso, o Espírito Santo figura claramente como o agente da oração; no caso de Paulo, entretanto, o seu próprio espírito é que aparece exercendo essa função — "O meu espírito ora bem" (1 Co 14.14). Mas como isso é possível?! Temos uma resposta em Atos 2.4: "E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem". O sentido que salta aos olhos é que orar em línguas só pode ser possível pela capacitação do Espírito Santo.

Portanto, "orar no Espírito" implica igualmente numa concessão do Espírito Santo ao espírito humano. Resulta da identificação do Espírito Santo com o espírito humano, pela qual se passa a falar numa língua desconhecida. Em adição às passagens já citadas, note este trecho: "Orando em todo tempo com toda oração e súplica *no Espírito* e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos" (Ef 6.18).

Submissão

A submissão não é tanto um meio quanto uma condição para a oração eficaz. O cristão submisso aceita humildemente a autoridade e o senhorio daquEle a quem ora. Não obstante o cumprimento dessa condição prévia, ele precisa igualmente submeter-se aos líderes que Deus colocou acima dele: "Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar contas delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil" (Hb 13.17).

Súplica

A súplica é o ato de fazer humildes e intensos rogos pedindo favor, especialmente a Deus. Três vocábulos hebraicos da raiz *hanan* são traduzidos por "súplica". Com freqüência incluem a idéia de

intercessão, petição e pedido insistente. Algumas vezes esses vocábulos são traduzidos por "oração", "pedido de misericórdia" e "solicitação de um favor". Dois usos do vocábulo no Antigo Testamento são derivados de *hanan*:

> Quando o teu povo de Israel for ferido diante do inimigo, por ter pecado contra ti, e se converterem a ti, e confessarem o teu nome, e orarem, e *suplicarem* a ti nesta casa, ouve tu, então, nos céus, e perdoa o pecado do teu povo de Israel, e torna a levá-lo à terra que tens dado a seus pais (1 Rs 8.33,34, grifo do autor).
> A ti, Senhor, clamei, e ao Senhor *supliquei* (Sl 30.8, grifo do autor).

No Novo Testamento, a palavra grega *deesis*, que também significa "petição", é normalmente traduzida como "súplica" na versão Revista e Corrigida. Confira a transcrição de Filipenses 4.6, no tópico sobre "petição". Em algumas passagens básicas sobre a oração, *deesis* indica um rogo mais importuno e apaixonado diante de Deus.

Ação de Graças

A ação de graças é um reconhecimento público ou celebração da bondade divina, uma expressão de gratidão. O verbo hebraico *yadah* e o substantivo *todah* estão associados à gratidão e à ação de graças no Antigo Testamento. Essas mesmas palavras também são traduzidas em outras passagens como "louvor" e "confissão". O papel da ação de graças, ao se prestar honras a Deus, é ilustrado em Salmos 69.30: "Louvarei o nome de Deus com cântico e engrandecê-lo-ei com ação de graças".

No Novo Testamento, a expressão "ação de graças" é tradução do vocábulo grego *eulogia*, cujo sentido básico está associado ao louvor, e também de *eucharistia* ("gratidão"). Esta palavra deriva-se de *eu* ("bem" ou "bom") e *charis* ("favor", "graça", "graciosidade", "benefício", "agradecimento"). A ligação entre a ação de graças e a oração fica bem clara em Filipenses 4.6: "As vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com *ação de graças*" (grifo do autor).

A ação de graças, como um elemento da oração, tanto pode ser desvalorizada como tida em alta conta. Até hoje os judeus devotos entremeiam o dia inteiro com suas orações, no geral compostas por sentenças curtas. Mais de cem bênçãos são normalmente recitadas começando com as palavras: "Bendito sejas tu, ó Senhor, Rei do Universo". Um judeu típico expressa um breve agradecimento a Deus ao receber notícias boas ou más, ao cheirar uma flor odorífera, ao alimentar-se, ao ver um arco-íris e ao passar por uma borrasca. Durante todo o dia o judeu devoto louva e agradece a Deus por tudo que

acontece, valendo-se de orações curtas, que não compreendem mais de uma sentença. A admoestação de Paulo para orarmos "sem cessar" (cf. 1 Ts 5.17) fica muito mais clara quando compreendemos o pano de fundo hebraico a partir do qual ele escrevia. Nos capítulos seguintes, "ação de graças" é o reconhecimento da bondade divina, uma expressão de gratidão a Deus, sob a forma de oração (inclusive a silenciosa), em cântico, música ou língua desconhecida.

Dores

A palavra "dores" é usada na Bíblia para referir-se a todo trabalho doloroso ou laborioso, seja físico ou mental. No Antigo Testamento, a idéia é freqüentemente associada com o trabalho de parto. Por extensão, as dores na oração significam aquele esforço árduo que visa obter uma resposta de Deus. Outras traduções das palavras hebraicas de maior ocorrência para "dores" incluem "labor", "negócios", "misérias", "tribulação" e "tristeza".

As palavras traduzidas por "dores" no Novo Testamento também envolvem sentidos associados ao ato de dar à luz a uma criança: "produzir", "parir" e "dor". Paulo comparou o sentimento que o dominava quando orava pela saúde espiritual dos crentes da Galácia às dores de uma mulher na hora do parto: "Meus filhinhos, por quem de novo *sinto as dores de parto*, até que Cristo seja formado em vós" (Gl 4.19, grifo do autor). Para os propósitos do nosso estudo, a palavra "dores" deve ser compreendida como aquela intensa dedicação à oração que chega a produzir agonia e intensa dor interior em prol duma causa espiritual, principalmente o nascimento e desenvolvimento de almas e ministérios no Reino de Deus.

Veneração

A veneração é a reverência estendida a um ser reconhecidamente sobrenatural. É também o ato de expressar essa reverência, admiração ou devoção. Quatro palavras do Antigo Testamento têm o sentido de "venerar". Essas palavras originais são traduzidas por um grande número de palavras alternativas na língua portuguesa, incluindo "adorar" (principalmente), "servir", "homenagear", "prostrar-se" e "reverenciar". Salmos 29.2 é uma típica tradução da palavra hebraica *chawah* [ou *shachah*], que tem o sentido de "prostrar-se profundamente em homenagem": "Dai ao Senhor a glória devida ao seu nome; *adorai* [*venerai*] o Senhor na beleza da sua santidade" (grifo do autor). A partir deste ponto, pelo fato de em português a distinção entre as palavras "veneração" e "adoração" ser praticamente inócua, tê-las-emos como sinônimas.

Pelo menos uma dúzia de palavras gregas são traduzidas como "adoração" ou "veneração" no Novo Testamento. A palavra grega mais usada é *proskuneo* — "cair prostrado em reverência e homenagem". Relacionada a ela está *proskunetes*, que significa "adorador". Ao falar à mulher samaritana, Jesus definiu a verdadeira adoração como um elo espiritual entre Deus e a pessoa: "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.23,24).

As 15 palavras e expressões anteriores representam 15 aspectos da oração. Nenhuma delas, isoladamente, abarca todo o significado dessa grande disciplina da vida cristã — a oração. Mas a compreensão de cada uma delas, tanto em particular como em função do conjunto, aliada à prática, mostrará que uma vida de oração efetiva não somente é possível mas desejável. Revise seu domínio desses termos, alistando-os numa folha de papel e escrevendo ao lado suas respectivas definições. Em seguida, verifique se você incluiu todas as partes essenciais de cada uma dessas definições.

Há muitas perguntas concernentes à oração que ficarão sem resposta até enfrentarmos, face a face, aquEle a quem oramos. A oração bíblica inclui esforço árduo, intercessão e importunação. Mas também inclui submissão e confiança. Envolve tanto o lutar com Deus quanto o repousar pacificamente em seus braços, e também implica em argumentar e queixar-se diante de Deus — Ele compreende que somos humanos. Mas se não aprendermos o que significa ser submisso, nossas orações não poderão fazer muita coisa.

Quando você estudar as orações existentes na Bíblia e os ensinos sobre a oração, nos próximos capítulos, algumas perguntas invariavelmente surgirão. Não temos a pretensão de responder todas. Guarde-as no coração. Peça ao Espírito que as use (bem como a quaisquer outras perguntas não respondidas acerca da oração) para levá-lo a uma vida devocional mais profunda e a uma comunhão mais íntima com aquEle que pode dar resposta a cada pergunta humana.

Perguntas para Estudo

1. Quais as causas e os resultados da falta de oração?
2. Qual a diferença entre a comunhão e a comunicação?
3. Quais os principais aspectos da oração e como eles se relacionam entre si?
4. Que atitudes deveriam caracterizar a oração?

PARTE
1

Teologia Bíblica da Oração

Oração no Antigo Testamento

PARTE 1:
ORAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Capítulo 1
As Orações dos Patriarcas e seus Contemporâneos
Capítulo 2
As Orações de Moisés
Capítulo 3
O Período de Josué ao Rei Saul
Capítulo 4
As Orações de Davi e de outros Salmistas
Capítulo 5
As Orações de Salomão e dos Líderes Posteriores de Israel
Capítulo 6
A Oração nos Livros Proféticos

Capítulo Um

As Orações dos Patriarcas e seus Contemporâneos

"Há oração em todas as religiões. Deus e a oração são inseparáveis. A crença em Deus e na oração são elementares e intuitivas. As idéias podem ser cruas e cruéis entre os povos primitivos e pagãos, mas pertencem às instituições da raça humana. O ensino do Antigo Testamento está repleto do assunto oração" (*The Path of Prayer*, Samuel Chadwick, Nova Iorque: Abingdon Press, 1931, p. 7).

A oração, conforme já se observou, está entre as mais antigas práticas da humanidade. Falando de Antigo Testamento, ela faz sua introdução no livro dos princípios, o Gênesis, e permanece em evidência até o livro de Malaquias.

De todas as criaturas de Deus somente as pessoas oram — a oração é estritamente pessoal. Ela é um dom de Deus para nós, o nosso elo com o Criador. Portanto, vendo a oração da perspectiva do Antigo Testamento, nosso enfoque será sobre as pessoas que oraram, os motivos de suas orações, como elas se aproximaram de Deus e o trataram, como os nomes e os atributos de Deus influenciaram suas orações e que resultados e realizações chegaram a alcançar. Examinaremos com detalhes as narrativas do Antigo Testamento sobre indivíduos que mantiveram uma comunicação pessoal com Deus.

Adão

O primeiro registro de comunicação entre o Criador e aqueles que Ele criou à sua imagem acha-se em Gênesis 1.28: "E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra". Foi Deus quem tomou a iniciativa, dirigindo a palavra à humanidade, estabelecendo assim um princípio fundamental: ouvir a Palavra de Deus (tomar conhecimento de sua vontade) é pelo menos tão importante quanto dirigirmos a Ele nossas preocupações — e talvez implique em maior conseqüência.

Embora o termo "oração" não seja usado na narrativa de Adão e Eva, a comunicação entre Deus e estas duas pessoas, criadas à sua imagem, é clara e evidente. Devemos observar ainda que estes primeiros seres humanos se comunicaram não somente com Deus, mas também com o anjo caído, Satanás (cf. Gn 3.2-5; Ap 12.9; 20.2). Tanto Deus quanto Satanás dirigem palavras aos seres humanos; devemos aprender a discernir entre os dois. A oração eficaz está alicerçada sobre aquilo que Deus diz, sua Palavra, mas pode ser impedida se escutarmos o que Satanás tem a dizer.

Quando ouvem Satanás, as pessoas lançam uma barreira de comunicação entre elas e o Deus que deseja abençoá-las. Embora Deus andasse com Adão e Eva — Ele "passeava no jardim pela viração do dia" (Gn 3.8) —, eles não puderam tolerar uma comunhão tão íntima após a queda no pecado. Suas consciências os levaram a uma tentativa inútil de esconder-se.

A brecha entre Deus e os pecadores não terá remédio enquanto eles, por sua própria confissão, não possibilitarem a abertura da porta da misericórdia: "[Adão] disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E fez o Senhor Deus a Adão e a sua mulher túnicas de peles e os vestiu" (Gn 3.10,21).

Sete

Como a Bíblia é praticamente silenciosa acerca de qualquer oração feita por Adão e Eva, sugere-se que por um período de tempo, seguindo-se à sua queda e expulsão do Éden, tenha cessado a invocação a Deus: "A Sete mesmo também nasceu um filho; e chamou o seu nome Enos; então, se começou a invocar o nome do Senhor" (Gn 4.26).

Parece ter havido alguma conexão entre o nome dado por Sete a seu filho e o fato de as pessoas terem começado a invocar o nome do Senhor, porquanto "Enos" significa "homem" ou "povo", enfatizando que as pessoas são mortais e limitadas. Tornara-se óbvio que a morte era o destino comum da humanidade. As pessoas daquela geração já haviam tomado consciência de suas limitações e da fragilidade da natureza humana. E talvez também já tivessem se conscientizado de que havia empecilhos em seu relacionamento com Deus. Essa conscientização é freqüentemente a precursora tanto da busca como da renovação espiritual. Foi exatamente este o caso de Sete, quando os homens começaram a "invocar o nome do Senhor". Temos aqui um princípio básico da oração: o reconhecimento da necessidade que nos rodeia é o pré-requisito para uma invocação significativa de Deus.

O original hebraico para o termo "invocar" significa não somente buscar uma bênção no nome do Senhor, mas chamar-se a si

próprio pelo nome do Senhor. Coletivamente, isso implica em reconhecer o propósito bom de Deus para todos e tomar lugar como seu povo.

Particularmente notório no fato de as pessoas começarem a invocar "o nome do Senhor" é que o "Senhor", neste caso, é *Yahweh*, o nome pessoal de Deus, representativo do Pacto, que chama a atenção para sua presença conosco. As conseqüências da oração estão diretamente relacionadas àquEle a quem nossas orações são dirigidas. Compare-se, por exemplo, a oração dos profetas de Baal com a oração de Elias:

> E invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém, nem havia uma voz, nem quem respondesse; e saltavam sobre o altar que se tinha feito (1 Rs 18.26).
> Sucedeu, pois, que, oferecendo-se a oferta de manjares, o profeta Elias se chegou e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu, Senhor, és Deus, e que tu fizeste tornar o seu coração para trás. Então, caiu fogo do Senhor... (1 Rs 18.36-38)

Os profetas de Baal dirigiam suas orações a uma invencionice humana, sem vida e sem poder — Baal. Mas Elias orou ao Senhor Jeová (*Yahweh*), o Deus auto-existente, eterno, aquEle que guarda o Pacto e que fizera as promessas a Abraão, Isaque e Israel, bem como a todas as famílias da Terra (Gn 12.3). A prática de invocar o nome do Senhor, que começara com Sete, foi zelosamente levada adiante por seu filho, Enos. E continuava eficaz nos dias de Elias.

Enoque

Embora as Escrituras não afirmem especificamente que Enoque tenha orado, elas indicam um relacionamento superior entre ele e Deus: "*Andou* Enoque com Deus" (Gn 5.22, grifo do autor). A palavra hebraica ***halak***, aqui traduzida por "andou", contém a idéia de seguir, aderir, isto é, ser íntimo na comunhão com Deus. A comunhão de Enoque com Deus era tanta que resultou na sua translação: "E andou Enoque com Deus; e não se viu mais, porquanto Deus para si o tomou" (Gn 5.24).

O autor da Epístola aos Hebreus expande a referência no Gênesis, ao dizer:

> Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte e não foi achado, porque Deus o trasladara, visto como, antes da sua trasladação, alcançou testemunho de que agradara a Deus. Ora, sem fé é

> impossível agradar-lhe, porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam (Hb 11.5,6).

O testemunho de Enoque ter agradado a Deus está claramente vinculado à sua fé. É razoável concluir que Enoque acreditava que Deus era real, a um nível tal que se via compelido a buscá-lo diligente e insistentemente em oração e comunhão. E foi galardoado com sua remoção física deste mundo, sem nunca experimentar a morte. Suas orações conduziram-no diretamente ao Céu e também à galeria de heróis da fé (Hb 11), para que todo mundo possa vê-lo e imitá-lo.

Noé

Tal como no caso de Enoque, as Escrituras não declaram especificamente que Noé "orou". Entretanto, as buscas espirituais de Noé são identificadas nos mesmos termos usados para Enoque: "Noé andava com Deus" (Gn 6.9).

A narrativa bíblica sobre Noé não deixa dúvidas de que ele manteve um contato e uma comunhão vitais com Deus. Várias vezes as Escrituras indicam que Deus falou com Noé (cf. Gn 6.13; 7.1). Noé, por sua vez, respondia com uma implícita obediência: "E fez Noé conforme tudo o que o Senhor lhe ordenara" (Gn 7.5).

Há nisso uma profunda lição para todo crente que deseja a comunhão da oração com Deus: ouvir algo da parte Deus implica na disposição de lhe obedecer. Muitas vezes a razão para o silêncio de Deus indica que o coração do pedinte não está compromissado com Ele. Em sua geração, apenas Noé tinha o coração voltado para Deus. Mas quanto a seus contemporâneos, o caso era bem diferente: "E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente" (Gn 6.5). Não admira, pois, que Deus não pudesse falar a tais pessoas. A oração era para elas algo estranho. Deus não estava presente em seus pensamentos. A idéia de andar com Deus, viver para Deus e relacionar-se com Deus era, a seus olhos, pura insensatez. E esse tipo de concepção ainda é comum a milhares de pessoas hoje em dia. Isso nos faz lembrar as palavras de Jesus:

> E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem (Mt 24.37-39).

Na narrativa sobre Noé, temos a primeira menção a um altar na Bíblia: "E edificou Noé um altar ao Senhor... e ofereceu holocaustos sobre o altar" (Gn 8.20). O altar de Noé introduziu a prática da construção de altares. Os holocaustos significavam dedicação e exaltação a Deus. O altar denotava relacionamento e adoração; estava vinculado essencialmente à oração. Essa conexão reaparece em Apocalipse 8.3,4, onde lemos: "E veio outro anjo e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que está diante do trono. E a fumaça do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus".

A respeito desse altar, mencionado no Apocalipse, W. Shaw Caldecott faz a seguinte observação:

> Ele é descrito como 'o altar de ouro que estava diante do trono', e com o fumo de seu incenso subiram diante de Deus as orações dos santos. Esse simbolismo está em harmonia com a declaração [de Lucas] de que, enquanto os sacerdotes queimavam incenso, 'toda a multidão do povo permanecia da parte de fora, orando' (Lc 1.10). Desta forma, tanto a história quanto a profecia confirmam a verdade permanente de que a salvação é pelo sangue do sacrifício, tornando-se disponível mediante as orações de santos e pecadores, oferecidas por um grande Sumo Sacerdote (*International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 1, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1939, p. 112).

Por revelação divina, Noé percebeu que sua aceitação por parte de Deus e sua oração eficaz dependiam de um sacrifício de sangue. O mesmo princípio tem aplicação em nossos dias, correspondendo ao sangue que foi derramado de uma vez por todas no Calvário. Eis a razão pela qual Jesus disse: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Quando oramos "no nome de Jesus" somos contemplados não apenas com o poder e a glória de Jesus Cristo, mas também com o acesso e a aceitação decorrentes do sacrifício divino e do sangue derramado pelo Filho de Deus. Pela fé Noé entendeu esse princípio quando construiu seu altar e efetuou sobre ele seu sacrifício (cf. Hb 9.21; 10.19).

Abraão

Não obstante outros antes dele ostentassem uma verdadeira fé em Deus e a demonstrassem por meio de suas orações e pela construção de altares, Abraão é que veio a ser chamado de "o pai da fé". Jamais vemos nas Escrituras os que são da "fé", ou "fiéis", identificados como filhos de Adão, Sete, Enoque ou Noé. Invariavelmente, eles são

identificados (por si mesmos ou por outros) como "filhos de Abraão" (Gl 3.6-9). Os israelitas que oravam a Deus, gerações após Abraão, comumente dirigiam-se ao Senhor como "o Deus de Abraão".

As escavações arqueológicas feitas em Ur dos Caldeus mostram que Abrão (Abraão) viveu seus primeiros anos numa cultura muito idólatra e materialista. O nome "Ur" pode derivar-se de uma raiz que significa "luz". Esta cidade era o centro da adoração à deusa lua, Sin (também chamada Nana pelos antigos sumérios). Sendo este o caso, aumenta-se o mérito de Abraão, que se tornou tão devoto do verdadeiro Deus. A linhagem de Abraão, em Gênesis, é traçada de volta a Sem (cap. 11) e daí a Sete (cap. 5). É possível que a fé de Abraão tenha sido o fruto já maduro da fé de Sete, quando o povo começou a "invocar o nome do Senhor" (Gn 4.26).

Por que esse patriarca, isoladamente e com uma herança relativamente dúbia, ergueu-se a tão elevada estatura espiritual, cuja influência permanece até hoje? Por duas razões evidentes: 1) sua obediência à Palavra do Senhor; e 2) sua edificação de altares para adoração pública, a fim de que todos pudessem invocar o nome do Senhor. Essas duas evidências de uma inabalável crença em Deus fizeram de Abraão um gigante na fé e o pai dos fiéis.

O significado de um altar

Note como Abraão se dedicava à atividade de levantar altares ao Senhor:

> E apareceu o Senhor a Abrão e disse: À tua semente darei esta terra. E edificou ali um altar ao Senhor que lhe aparecera. E moveu-se dali para a montanha à banda do oriente de Betel e armou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente e Ai ao oriente; e edificou ali um altar ao Senhor e invocou o nome do Senhor (Gn 12.7,8).
>
> E fez as suas jornadas do Sul até Betel, até ao lugar onde, ao princípio, estivera a sua tenda, entre Betel e Ai; até ao lugar do altar que, dantes, ali tinha feito; e aí Abrão invocou ali o nome do Senhor (Gn 13.3,4).

Cada passo na edificação de um altar prevê uma reunião entre a humanidade e a deidade. Veja que Abraão "invocou o nome do Senhor" no local do altar, indicando que ele estava consciente de que, ao edificá-lo, preparava-se para uma relação especial com Deus. Abraão também edificou outro altar em Hebrom (Gn 13.18), e ainda um outro, o mais memorável, no monte Moriá: "E vieram ao lugar que Deus lhes dissera, e edificou Abraão ali um altar, e pôs em ordem a lenha, e amarrou a Isaque, seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha" (Gn 22.9).

Ouvir a palavra do Senhor, adorar num altar e mostrar fé no Deus Todo-poderoso são elementos inseparáveis nos relatos do Antigo Testamento. Pode haver altares físicos sem uma fé correspondente no sobrenatural, mas é duvidoso que haja fé genuína onde não se ouve a Palavra do Senhor (cf. Rm 10.17) nem se reserva um local de encontro com Deus.

Abraão foi identificado por Deus como "meu amigo" (Is 41.8). A amizade indica relação e comunhão íntimas. Estudando a vida desse notabilíssimo patriarca, ficamos admirados diante das evidências de uma contínua intimidade com Deus. Veja a interação entre Deus e Abraão, nesta passagem:

> Depois destas coisas veio a palavra do Senhor a Abrão, em visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão. Então, disse Abrão: Senhor Jeová, que me hás de dar? Pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer. Disse mais Abrão: Eis que não me tens dado semente, e eis que um nascido na minha casa será o meu herdeiro. E eis que veio a palavra do Senhor a ele, dizendo: Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de ti será gerado, esse será o teu herdeiro (Gn 15.1-4).
> Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-poderoso; anda em minha presença e sê perfeito. E porei o meu concerto entre mim e ti e te multiplicarei grandissimamente. Então, caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele, dizendo: Quanto a mim, eis o meu concerto contigo é... (Gn 17.1-4)

Atente para os sinais de comunhão entre Abraão e Deus, em alguns versículos do capítulo 17 de Gênesis:

"Disse Deus mais a Abraão..." (v. 15)

"E disse Abraão a Deus..." (v. 18)

"E disse Deus..." (v. 19)

"E acabou de falar com ele e subiu Deus de Abraão" (v. 22)

Foi por causa de sua intimidade com Deus que Abraão fez aquela apaixonada intercessão em favor de Sodoma e Gomorra. Ele mantinha uma relação tão vital com Deus, que este compartilhou com Abraão seu próprio coração no tocante àquelas duas cidades: "E disse o Senhor: Ocultarei eu a Abraão o que faço?" (Gn 18.17) E por causa dessa intimidade, Abraão tornou-se um poderoso intercessor (cf. Gn 18.23-33). Eis como foi lançada a prática da intercessão, posteriormente reforçada pelas instruções do Novo Testamento. Tais raízes tornam esse ministério uma responsabilidade dos servos (e amigos) de Deus até os dias de hoje.

As intercessões de Abraão, embora não tenham impedido que a ira de Deus caísse sobre aquelas cidades extremamente ímpias, serviram para livrar Ló e seus familiares: "E aconteceu que, destruindo Deus as cidades da campina, Deus se lembrou de Abraão e tirou a Ló do meio da destruição, derribando aquelas cidades em que Ló habitara" (Gn 19.29). Para nós, a lição é a seguinte: toda intercessão significativa só pode se originar de um coração que esteja em perfeita intimidade com os sentimentos e propósitos do coração de Deus.

Quando Abraão não orou

Embora Abraão tenha sido o paradigma de uma pessoa cheia de fé, ainda assim trazia a carga de sua própria humanidade. Não obstante ter sido elevado a grandes alturas em seu relacionamento com Deus, ainda assim mostrou-se vulnerável ao fracasso, quando não orava. Mais de uma vez Abraão falhou porque presumiu e dependeu de seus próprios recursos. Com sua esposa, ele tentou cumprir a promessa de Deus através de meios humanos: "E disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de gerar; entra, pois, à minha serva, porventura, terei filhos dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai" (Gn 16.2). O resultado desse episódio não foi apenas o nascimento de um filho, Ismael, mas a instauração de uma linhagem que, com freqüência, seria um espinho nas ilhargas de Israel (cf. Gl 4.22-29).

Novamente, em seu encontro com Abimeleque, rei de Gerar (Gn 20), Abraão agiu de acordo com seu próprio conselho; pensou, mas não orou. Temendo por sua vida, ele resolveu dizer que Sara era sua irmã. Quando o logro se tornou conhecido, Abraão racionalizou suas ações. Tentou se explicar, mas nada justifica o agir à parte de Deus: "Porque eu dizia comigo: Certamente não há temor de Deus neste lugar, e eles me matarão por amor da minha mulher" (Gn 20.11).

Por sua insensatez e fracasso, tão contrários ao caráter de um campeão da fé, Abraão criou uma perigosa circunstância para Abimeleque: "Deus, porém, veio a Abimeleque em sonhos de noite e disse-lhe: Eis que morto és por causa da mulher que tomaste; porque ela está casada com marido" (Gn 20.3).

Não podemos sondar a mente de Deus e nem compreender por que tratou tão duramente o rei que, sem querer, tornara-se vítima do logro de Abraão. Mas pelo menos deveríamos aprender que a falta de oração pode nos levar a uma escolha errada, introduzindo-nos num curso de ação que infligirá perdas e danos, não somente a nós, mas também a pessoas inocentes à nossa volta.

Apesar de Abraão ter fracassado por sua própria negligência quanto à oração, ele não permitiu que o fracasso desencorajasse outras orações. Pelo contrário, aproveitou-se da oportunidade para

descobrir uma nova dimensão de oração — a petição por cura — e achou os ouvidos de Deus abertos: "E orou Abraão a Deus, e sarou Deus a Abimeleque, e a sua mulher, e as suas servas, de maneira que tiveram filhos; porque o Senhor havia fechado totalmente todas as madres da casa de Abimeleque, por causa de Sara, mulher de Abraão" (Gn 20.17,18).

Eliézer

A influência espiritual de Abraão refletiu-se na vida de seu servo de confiança, Eliézer. Os pais de Eliézer, que deviam ser naturais de Damasco, evidentemente eram servos de Abraão quando nasceu o menino: "Então, disse Abrão: Senhor Jeová, que me hás de dar? Pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer. Disse mais Abrão: Eis que não me tens dado semente, e eis que um nascido na minha casa será o meu herdeiro" (Gn 15.2,3).

Na infância de Eliézer, a fé e a vida de oração de Abraão exerceram sobre ele forte influência. Quem quer que tenha escolhido seu nome — que significa "Deus ajuda" — deu evidência de uma fé e de uma crença fortes em Deus. Ao que tudo indica, a oração de Abraão não se restringia a um encontro particular com Deus, mas incluía também uma prática doméstica que envolvia seus servos. A verdade inerente à relação entre Abraão e Eliézer fala por si mesma. "E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras" (Hb 10.24), através do nosso exemplo e da nossa prática de vida.

Assim, anos mais tarde, quando o servo de Abraão (o mais velho da casa, muito provavelmente Eliézer) foi comissionado a encontrar uma noiva para Isaque, ele clamou pela orientação e assistência divinas, tal como lhe ensinara Abraão: "E disse: Ó Senhor, Deus de meu senhor Abraão, dá-me, hoje, bom encontro e faze beneficência ao meu senhor Abraão!" (Gn 24.12) Deus certamente deseja estar envolvido nas nossas ocupações corriqueiras, alegrando-se em participar quando reconhecemos nossa dependência dEle e buscamos sua intervenção.

Embora a cultura ocidental não suporte esse tipo de seleção de noivas usado por Abraão com relação ao seu filho Isaque, o princípio de orar pelo envolvimento divino no processo está longe de ser ultrapassado. O retorno ao rogo intenso e à dependência de Deus na seleção de cônjuges bem poderia reverter a detestável taxa de divórcios que em muitos países solapa o lar e a família tais quais ordenados por Deus.

O meio de orientação seguido por Eliézer merece redobrada atenção, pois muitos crentes, hoje, usam-no (algumas vezes até com abuso) para descobrir a vontade e a orientação divina quanto a outras decisões.

> Eis que eu estou em pé junto à fonte de água, e as filhas dos varões desta cidade saem para tirar água; seja, pois, que a donzela a quem eu disser: abaixa agora o teu cântaro para que eu beba; e ela disser: Bebe, e também darei de beber aos teus camelos, esta seja a quem designaste ao teu servo Isaque; e que eu conheça nisso que fizeste beneficência a meu senhor (Gn 24.13,14).

Certamente é possível que Deus nos guie, hoje em dia, através das circunstâncias que alguém dite (como se deu na experiência de Eliézer); entretanto, devemos ter consciência das normas que parecem mais apropriadas e aplicáveis à era do Novo Testamento. (Essas normas serão discutidas em capítulos posteriores. Note-se, especialmente, os capítulos 11 e 16.)

Mas, a despeito de quaisquer dúvidas que tenhamos sobre quão apropriado seja seguir o exemplo deixado por Eliézer na prática da oração, não devemos esquecer de que Deus lhe honrava a fé e as orações, e assim Rebeca sentiu-se impelida a agir em exata harmonia com a petição daquele viajante. Eliézer não ficou encabulado ou duvidoso, mas reconheceu imediatamente a intervenção e a orientação divinas: "Então, inclinou-se aquele varão, e adorou ao Senhor. E disse: Bendito seja o Senhor, Deus de meu senhor Abraão, que não retirou a sua beneficência e a sua verdade de meu senhor; quanto a mim, o Senhor me guiou no caminho à casa dos irmãos de meu senhor" (Gn 24.26,27).

Isaque

À semelhança de Eliézer, Isaque trazia consigo a impressão da piedosa influência de seu pai. Isaque também foi construtor de altares e uma pessoa dedicada à oração: "E apareceu-lhe o Senhor naquela mesma noite e disse: Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Não temas, porque eu sou contigo, e abençoar-te-ei, e multiplicarei a tua semente por amor de Abraão, meu servo. Então edificou ali um altar, e invocou o nome do Senhor, e armou ali a sua tenda; e os servos de Isaque cavaram ali um poço" (Gn 26.24,25).

Muito pouco há escrito acerca das orações de Isaque, mas não paira dúvida sobre sua íntima relação com Deus. Ele de fato conhecia o Deus de Abraão: ouvira-lhe a voz, obedecera-lhe e experimentara suas bênçãos. Na realidade, presenciara pessoalmente a intervenção divina no altar de seu pai, quando ele próprio era o sacrifício. Isso, sem dúvida, o marcou para sempre. Nada justificava nele alguma dúvida acerca da realidade de Deus. Que alicerce para a oração eficaz! Afinal, "é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6).

O registro bíblico das orações de Isaque limita-se a uma única petição, mas isso não indica que lhe faltasse experiência consistente de oração: "E Isaque orou instantemente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu" (Gn 25.21). A forma como ele orou sugere mais do que uma petição casual. O vocábulo hebraico *'atar*, empregado nessa passagem com o sentido de orar, em seu uso mais antigo está relacionado a sacrifício. A oração de Isaque não foi apenas um pedido polido, ocasional — não! Ele aplicou-se intensamente nessa intercessão a favor de Rebeca. O original hebraico também indica rogos contínuos e repetidos, feitos durante os vinte anos de seu casamento até o nascimento dos gêmeos. Em nenhum instante, no decorrer de todos aqueles anos, consta que ele desistiu.

A infertilidade de Rebeca não era uma preocupação sem importância para Isaque e muito menos para ela, sobre quem tal condição impunha uma carga especialmente pesada. Naqueles dias, muita gente considerava a esterilidade uma indicação do desagrado divino. No mínimo, sua infertilidade a privava da maior ambição de toda mulher hebréia — dar à luz um filho. E, para Isaque, significava ser privado de um herdeiro. A preocupação de Isaque era deveras semelhante à de seu pai, Abraão, quando este quase foi ao desespero: "A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro" (Gn 15.3 – ARA). Quando nos defrontamos com a paixão consumidora de Isaque, aprendemos uma lição muito significativa sobre como enfrentar os maiores problemas da vida: a oração que recebe uma resposta divina é pessoal e intensa.

Um interessante entendimento paralelo acha-se na frase "orou instantemente ao Senhor por sua mulher". O sentido literal dessas palavras é "diretamente na frente dela". Fica implícito que Isaque se aliou a Rebeca, na súplica por um problema que lhes era comum. Isso introduz um princípio de grande significado na oração: a concordância de mais de uma pessoa (eram só dois), em oração, aumenta grandemente a eficácia desta. Pois, "também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19).

Embora as Escrituras só façam referência direta a uma oração de Isaque, no registro do Gênesis há uma declaração que sugere a prática da oração: "E Isaque saíra a orar no campo, sobre a tarde" (Gn 24.63). Essa é a mais antiga referência à prática da meditação nas Escrituras. (Nota: Na versão inglesa usada pelo autor, bem como em nossa versão atualizada – ARA –, em vez de "orar", consta a palavra "meditar".)

Em várias passagens do Antigo Testamento, o vocábulo "meditar" significa refletir sobre as obras e as palavras de Deus. A meditação é

um apoio substancial às nossas orações, pois aguça a percepção do problema ou da necessidade, ao mesmo tempo que fixa a atenção em Deus e na sua capacidade de intervir. Davi empreendeu esforço semelhante com a meditação quando, diante de grande oposição, "se esforçou no Senhor, seu Deus" (1 Sm 30.6).

Jacó

O Deus de Jacó era o Deus de seu avô, Abraão. A piedade tem a virtude de passar de uma geração para outra. Também o pecado. A queda de Adão e Eva (cf. Gn 3), por exemplo, reflete-se nas sucessivas gerações, quase como uma lei espiritual da gravidade. Jacó pôde evidenciar ambos os fatos, pois não obstante a sólida constatação de que herdara a fé de Abraão, também deixou claro, nas vezes que optou pelo engano, seu estado decaído. Nele se percebe um exagerado conflito entre o andar no Espírito (pela fé) e o andar segundo a carne.

Jacó foi uma curiosa combinação. Nele vemos o predomínio da natureza adâmica, com sua inclinação para a busca pelos próprios interesses, pelo ludíbrio, pelas sutilezas e pela falta de oração. Ao mesmo tempo, como se estivesse sempre presente e pronta a explodir através da crosta de depravação, havia aquela fé não fingida no verdadeiro Deus e a crença em sua promessa. Ao que parece, Jacó achava muito fácil e natural avançar baseado na sua própria força, dependendo de suas artimanhas, em lugar de submeter-se a Deus. Mas quando a pressão aumentava muito, e este é um crédito dele, sua fé entrava em ação como se fora um gerador auxiliar, suprindo-o de poder. De fato, Jacó tinha o coração voltado para Deus, tendo evidenciado sua tenacidade em apegar-se a Ele, pela oração, sempre que as circunstâncias requeriam. Não era homem de desistir antes de obter a recompensa da fé. E, embora existam boas razões para crer que o silêncio de Jacó quanto à oração abria caminho para as sutis e destrutivas manifestações da carne (que não foram poucas), há igualmente evidências concretas de que, quando ele finalmente apelava para a oração, era capacitado para escapar das armadilhas da carne e atingir uma cobiçada estatura espiritual.

Uma evidência de que Jacó realmente comungava com Deus é vista no capítulo 28 de Gênesis. A essa altura, ele já se envolvera num tremendo sortilégio. Não apenas enganara seu pai, mas roubara de seu irmão mais velho o direito à primogenitura. Vemo-lo agora fugindo para Harã no ensejo de evitar a ira de Esaú, descansando num lugar chamado Betel. Mas Deus via além dessas picuinhas carnais, contemplando não só o coração de Jacó, mas o cumprimento de um propósito divino superior. Foi quando o visitou num sonho e disse que ele, Jacó, estaria diretamente envolvido no

cumprimento do pacto abraâmico. Como conseqüência, Jacó orou e expressou sua gratidão a Deus na forma de um voto:

> E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer e vestes para vestir, e eu em paz tornar à casa de meu pai, o Senhor será o meu Deus; e esta pedra que tenho posto por coluna, será Casa de Deus; e, de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo (Gn 28.20-22).

Fazer um voto a Deus é, com freqüência, parte de uma oração, e implica num sério compromisso: "Tu orarás a ele, e ele te ouvirá; e pagarás os teus votos" (Jó 22.27; cf. Nm 30.2; Ec 5.4,5).

A maior oração de Jacó ocorreu no momento de sua maior tensão, quando temia por sua vida. Embora tivesse recebido ordens divinas de retornar ao seu país e à sua parentela, após ter passado muitos anos longe de casa, ele se viu dominado de modo intenso pelo medo. Esaú lhe pouparia a vida? Quase vencido pelo medo e pela aflição, Jacó dividiu sua gente, seus rebanhos e seus camelos em dois grupos, a fim de que um deles pudesse escapar caso Esaú viesse contra o outro:

> Disse mais Jacó: Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque, ó Senhor, que me disseste: Torna à tua terra e à tua parentela, e far-te-ei bem; menor sou eu que todas as beneficências e que toda a fidelidade que tiveste com teu servo; porque com meu cajado passei este Jordão e, agora, me tornei em dois bandos. Livra-me, peço-te, da mão de meu irmão, da mão de Esaú, porque o temo, para que porventura não venha e me fira e a mãe com os filhos (Gn 32.9-11).

Seu medo, porém, era legítimo. Seu irmão vinha na direção dele à frente de quatrocentos homens armados. Era o mesmo irmão de quem, por ludíbrio, ele furtara tanto o direito de primogenitura quanto a bênção paterna. O medo é algo terrível. Corrói a fundo uma pessoa. Espanta o sono e inflama o cérebro. O amado João assim escreveu acerca dele: "Ora, o medo produz tormento" (1 Jo 4.18 – ARA). E poderíamos acrescentar que seu único mérito é aumentar o problema.

Que fazer diante de nossos temores? Façamos como Jacó — ele orou! E sua oração foi extremamente exemplar. Primeiramente, ele identificou seu Deus: "Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque". Em seguida, ele identificou a promessa de Deus a ele: "Torna à tua terra e à tua parentela, e far-te-ei bem". Ato contínuo, ele identificou sua própria indignidade da bondade e das bênçãos de Deus: "Menor sou eu que todas as beneficências e que toda a

fidelidade que tiveste com teu servo". Finalmente, ele identificou sua petição e o motivo de seu temor: "Livra-me da mão de meu irmão, da mão de Esaú, porque o temo".

Jacó, porém, não se contentou apenas em orar. Ele fez tudo isso com o propósito de tapar a brecha existente entre ele e seu irmão. Mas, tendo feito tudo quanto podia para estabelecer a paz com Esaú, ainda assim sentia uma profunda incerteza e uma crescente consciência de que seu maior problema não era o irmão, mas ele próprio. Que agonizante experiência, quando temos de admitir a nossa própria condição! Tal percepção e a agonia só podem ser consertadas por Deus: "Jacó, porém, ficou só; e lutou com ele um varão, até que a alva subia" (Gn 32.24).

Quem era o homem contra quem Jacó lutou? Jacó em breve o reconheceu: "E chamou Jacó o nome daquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva" (Gn 32.30). Relembrando a experiência de Jacó, anos mais tarde, Oséias chega à mesma conclusão: "Como príncipe lutou com o anjo e prevaleceu; chorou, e lhe suplicou; em Betel o achou, e ali falou conosco; sim, com o Senhor, o Deus dos Exércitos; o Senhor é o seu memorial" (Os 12.4,5).

O fato simples foi que Jacó lutou com Deus. Não é difícil determinar a razão dessa luta. Jacó queria a bênção de Deus, mas ao mesmo tempo Jacó era a razão pela qual Deus não podia honrar seus apelos desesperados. A luta perdurou a noite inteira. A noite toda Jacó clamou: "Abençoa-me!" E durante todo esse tempo Deus respondeu: "Qual é o teu nome?" A carne é, ao mesmo tempo, fraca e forte. É fraca porque não pode prostrar-se diante de Deus e morrer, e forte porque insiste em viver. Nunca é fácil morrer, mormente para o próprio "eu" pecaminoso e carnal.

"Qual é o teu nome?" Por que Deus seria tão insistente? Por que a luta se prolongou pela noite inteira? Porventura Deus não sabia o nome dele? De fato, sabia. Mas admitir o nome era expor o problema inteiro; significava desnudar o próprio Jacó: o mentiroso, o suplantador, o enganador — era este o significado do seu nome. Jacó podia admitir indignidade e necessidade (cf. Gn 32.10), mas quão humilhante era aparecer despido diante do Deus Todo-poderoso, sem qualquer cobertura autofabricada, como as folhas de figueira do primeiro Adão.

Somente depois que Deus tocou na resistência da carne (cf. Gn 32.25) é que ela se rendeu, e surgiu a confissão. Finalmente, o teimoso lutador admitiu: "Eu sou Jacó". Isso era tudo quanto Deus requeria, e escancarou a porta da bênção divina. A confissão final de Jacó era a chave para ele tornar-se a pessoa que Deus desejava que fosse. Por isso, Deus disse: "Não se chamará mais o teu nome Jacó,

mas Israel, pois, como príncipe, lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste" (Gn 32.28).

Mediante sua oração e luta, Jacó prevaleceu e se tornou Israel, vencedor e príncipe com Deus. Quando ele entrou em luta com sua própria natureza humana e permitiu que Deus a regenerasse, o problema de Jacó com seu irmão também foi resolvido. O princípio continua valendo: os problemas externos que trazemos diante de Deus em oração algumas vezes são respondidos por um milagre de transformação interior.

Jacó jamais esqueceu aquela experiência em Peniel. E também nunca mais foi o mesmo homem. Anos mais tarde, ele expressa sua gratidão pela fidelidade de Deus, retornando ao local de outra experiência sobrenatural — Betel — onde também edificou um altar em honra ao Deus que lhe mudara o nome (cf. Gn 35.3).

Jó

Embora o livro de Jó só apareça bem mais tarde no cânon sagrado, há grande incerteza acerca de sua data e do tempo em que Jó viveu. Incluímos aqui esse livro simplesmente porque representa bem o período patriarcal. Por exemplo, à semelhança dos patriarcas, Jó oferece seus próprios sacrifícios. As riquezas de Jó eram medidas como as de Abraão, em termos de gado e de servos. E seu período de vida foi similar àquele registrado em favor dos patriarcas.

A oração assume toda uma nova dimensão neste que é o mais notável relato de alguém que foi testado quase além da resistência humana. De Jó podemos aprender tanto como não orar quanto como orar melhor, quando confrontados por circunstâncias que desafiam toda explicação racional: "Quem dera que se cumprisse o meu desejo, e que Deus me desse o que espero! E que Deus quisesse quebrantar-me, e soltasse a sua mão, e acabasse comigo!" (Jó 6.8,9)

Pessoas desesperadas perdem de vista a vida. Chega a ser comum que elas orem pedindo para morrer (cf. Nm 11.11-15; 1 Rs 19.4; Jn 4.3). Não obstante, nas Escrituras, em parte alguma há registro de que Deus tenha honrado semelhante pedido. O problema de Jó, tal como acontece a todos os mortais, era a sua incapacidade de discernir o propósito divino e ver além do presente imediato. Em tais tempos, a verdade de Deus dificilmente consegue se estabelecer no coração humano, e o crente precisa lutar contra Satanás, o mestre que sabe acentuar as trevas. Mas nós temos o bendito Paracleto (Consolador, Ajudador, Conselheiro), para dEle recebermos ajuda e conforto: "E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26).

Como, pois, devemos nos aproximar, nas horas mais escuras da vida e nos testes mais severos? Que fazer quando nos mostramos totalmente incapazes de encontrar uma resposta às adversidades, quando toda esperança de recuperação foge de nós? Quando a morte parece ser a única via de escape? Tiago nos diz: "Sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma. E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada" (Tg 1.3-5).

Os propósitos de Deus

Um livramento imediato pode não corresponder à vontade de Deus; mas, sendo este o caso, Deus pode nos dar sabedoria para assimilar qual é a sua intenção e nos submetermos a ela. Circunstâncias difíceis levam as pessoas a fazer inquirições; e podemos concluir, pelo menos em parte, que essa é uma das razões de tais circunstâncias. Se não for submetido uma condição de extrema pressão, nenhum diamante de real valor e brilho pode ser formado.

> Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas sobre ele o teu coração, e cada manhã o visites, e cada momento o proves? Até quando me não deixarás, nem me largarás, até que engula a minha saliva? Se pequei, que te farei, ó Guarda dos homens? Por que fizeste de mim um alvo para ti, para que a mim mesmo me seja pesado? E por que me não perdoas a minha transgressão, e não tiras a minha iniqüidade? Pois agora me deitarei no pó, e de madrugada me buscarás, e não estarei lá (Jó 7.17-21).

Jó, nessa instância, procura inquirir Deus acerca da atenção por Ele dispensada aos meros seres humanos. Por que, afinal, deveria o Deus eterno preocupar-se com Jó? Por que, afinal, o Deus eterno iria se preocupar com criaturas tão insignificantes quanto nós? Os filósofos gregos epicureus afirmavam que Deus não prestava qualquer atenção a este mundo, ou sobre o que acontecia nele, mas antes habitava em segurança e tranqüilidade, sem nada que o vexasse, perturbasse ou desagradasse. Mas, percebendo que o oposto é que era a condição verdadeira, Jó queria saber por quê.

"Por que, ó Deus, vigias tanto as pessoas? Por que dás tanta importância a um indivíduo como eu?" indagava ele.

Podemos nos flagrar fazendo a mesma oração em meio a provas e tribulações aparentemente intermináveis. Mas, a despeito de nossas inquirições, Deus realmente se preocupa com o bem e o mal acerca de nós, às vezes tão inextricáveis que nem podemos decidir

entre um e outro. O ponto de vista oposto, que Deus não sabe ou não se importa com as circunstâncias humanas, em vez de exaltar sua condição divina, efetivamente a degrada.

Expressão em tempos de desespero

A pessoa oprimida por circunstâncias além da capacidade humana de solução é tentada a queixar-se de Deus pelos seus sofrimentos. Se Deus pode aliviar os sofrimentos e não o faz, raciocina, Ele deve aceitar a responsabilidade pela dor não aliviada. Inflamada e confusa com seus próprios conflitos, a mente humana cede às pressões de frustração e desespero. Assim aconteceu com Jó, cuja extrema tristeza era como uma névoa, distorcendo sua visão de Deus:

> Se eu disser: Eu me esquecerei da minha queixa, mudarei o meu rosto e tomarei alento; receio todas as minhas dores, porque bem sei que me não terás por inocente. E, sendo eu ímpio, por que trabalharei em vão? Ainda que me lave com água de neve, e purifique as minhas mãos com sabão, mesmo assim me submergirás no fosso, e as minhas próprias vestes me abominarão. Porque ele não é homem, como eu, a quem eu responda, vindo juntamente a juízo. Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos. Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror (Jó 9.27-34).

O sofrimento pode levar uma pessoa bem perto de perder o equilíbrio mental e emocional. Não podemos desprezar Jó por causa da amargura de sua alma, refletida em suas orações:

> A minha alma tem tédio de minha vida; darei livre curso à minha queixa, falarei na amargura da minha alma. Direi a Deus: Não me condenes; faze-me saber por que contendes comigo. As tuas mãos me fizeram e me entreteceram; e, todavia, me consomes. Se for ímpio, ai de mim! E se for justo, não levantarei a cabeça; cheio estou de ignomínia e olho para a minha miséria. Porque se me exalto, tu me caças como a um leão feroz, e de novo fazes maravilhas contra mim. Por que, pois, me tiraste da madre? Ah! Se, então, dera o espírito, e olhos nenhuns me vissem! Então fora como se nunca houvera sido; e desde o ventre seria levado à sepultura! Porventura, não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me para que por um pouco eu tome alento; antes que me vá, para nunca mais voltar, à terra da escuridão e da sombra da morte (Jó 10.1,2,8,15,16,18-21).

Jó reconheceu prontamente a ascendência de Deus sobre ele. Não obstante, foi incapaz de resolver o mistério de suas próprias

circunstâncias. As pessoas, algumas vezes, ficam tão ocupadas com suas circunstâncias que não podem ver além delas. Se Jó pudesse ter visto o fim de sua experiência, a sua atitude teria mudado completamente. Ao mesmo tempo, o glorioso propósito de Deus não seria legitimamente concretizado, e o próprio Jó nunca alcançaria o melhor de Deus para ele. Aqueles que conhecem a Deus também sabem que nas mãos dEle está um fim glorioso. Essa certeza gera confiança e paz. Ao enfrentar uma provação como a de Jó, devemos atentar para o dilema presente, mas sem perder a certeza de que seu fim foi designado por um Deus amoroso.

Pessoas desesperadas oram para morrer, ou, no mínimo, para conseguir um escape ou fuga (cf. Sl 55.6). Mas o escapismo raramente produz uma solução digna. Pense no que Jó perderia se esta sua oração fosse respondida: "Tomara que me escondesses na sepultura, e me ocultasses até que a tua ira se desviasse, e me pusesses um limite, e te lembrasses de mim! Morrendo o homem, porventura, tornará a viver? Todos os dias de meu combate esperaria, até que viesse a minha mudança" (Jó 14.13,14).

Embora existam elementos contrastantes nessa oração, cujas palavras evidenciam um justo desnorteio em função de sofrimentos intensos, Deus não se ofende e nem se ira. Até parece que Jó estava lutando por causa do sentido pleno da vida e da morte. Ele pediu luz quanto ao futuro: "Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?" As tribulações profundas, bem como as lutas ferozes, levam-nos a enfrentar honestamente as questões. O cristão, contudo, tem uma grande vantagem, pois nosso Salvador, Jesus Cristo, "aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho" (2 Tm 1.10).

Em momentos assim, fazemos bem em relembrar a admoestação de Salomão: "Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento" (Pv 3.5). No tempo certo, as nuvens desaparecerão, conforme sucedeu a Jó, e Deus será visto como de fato é: grande em sabedoria e misericórdia.

Submissão à soberania de Deus

Mas o tom mórbido e amargurado da oração de Jó de repente mudou. Algo precipitou uma meia-volta. O próprio Jó o explica: "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos" (Jó 42.5). Toda a sua perspectiva de vida, e até de morte, foi drasticamente alterada quando ele contemplou Deus conforme Ele é de fato:

> Então Jó respondeu ao Senhor e disse: Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca. Uma vez tenho falado e não replicarei; ou ainda duas vezes, porém não prosseguirei (Jó 40.3-5).

> Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. Quem é aquele, dizes tu, que sem conhecimento encobre o conselho? Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza (Jó 42.1,2,5,6).

Daí por diante, Jó abandonou suas tentativas de arrazoar com Deus e de resolver pelo raciocínio seus próprios problemas. Não continuou mais a apresentar sua própria retidão. Não insistiu na tentativa frustrada de entender circunstâncias além da compreensão humana. Em lugar disso, ele começou a ver a si próprio sob uma luz inteiramente nova, que é o que sempre acontece quando as pessoas vêem a Deus (cf. Is 6.1-5). Agora ele via a si mesmo como um homem "vil", isto é, "indigno". Sua confissão foi humilde e honesta: "Falei demais. Quem sou eu para argumentar e debater com Deus? Certamente abordei questões muito acima das minhas minúsculas habilidades e sobre as quais eu era inteiramente ignorante. Faltou-me o bom senso de fazer silêncio" (paráfrase). A confissão genuína conduz a um verdadeiro arrependimento: "Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (42.6).

Os patriarcas eram pessoas de oração. Apesar de precederem ao padrão formalizado de adoração e perdão, dado por intermédio de Moisés, eles sabiam que Deus requeria sacrifício e obediência. Satisfazendo a esses requisitos, desfrutavam de uma comunhão ímpar com Deus. Isso demonstra que Ele fala e aceita a adoração de todos quantos o buscam com sinceridade.

Perguntas para Estudo

1. Quais exemplos, extraídos dos patriarcas, mostram que a oração e a fé estão relacionadas?
2. E que exemplos mostram a relação entre a oração e a obediência?
3. Há características nas orações de Abraão que constituem um bom exemplo para nós hoje em dia? Justifique.
4. Qual o valor da meditação, e como podemos incorporá-la de maneira eficaz à nossa vida de oração?
5. Será que nós, como Jacó, devemos lutar em oração? Como incrementar positivamente as nossas orações?
6. Quais as principais lições que podemos extrair das orações de Jó?

Capítulo Dois

As Orações de Moisés

Com o estabelecimento de Israel como nação, que caracterizou o término do período patriarcal, Deus começou a tratar seu povo conforme o pacto nacional entregue a Moisés no monte Sinai. Isso não significa que o acesso à presença de Deus tornara-se mais difícil, pois Ele sempre fez questão de manter um elo de comunhão com a humanidade. Não obstante, em várias ocasiões, Deus empregou diferentes meios para prover o perdão dos pecados e comungar intimamente com aqueles que obedecem à sua Palavra e desejam conhecê-lo.

De todas as personalidades do Antigo Testamento que se ocuparam em oração ao Senhor, é duvidoso que alguma delas se compare a Moisés, tanto nos resultados como no profundo impacto sobre a teologia da oração. Bem poderíamos esperar isso, pois Moisés profetizou que outro profeta, como ele mesmo, identificado por Pedro como Jesus Cristo, seria levantado como porta-voz de Deus: "O Senhor, vosso Deus, levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser" (At 3.22; cf. Dt 18.18).

A oração e a comunicação com Deus eram praticamente a única ocupação de Moisés, em especial após a libertação de Israel da servidão do Egito. Seu ouvido estava de tal maneira sintonizado com Deus que as Escrituras estão repletas da declaração "segundo o Senhor ordenou a Moisés" — só nos capítulos 39 e 40 do livro de Êxodo, ela pode ser encontrada 18 vezes. A vida inteira de Moisés, como líder e libertador de Israel, foi marcada por uma íntima comunhão com Deus. (Embora os limites deste livro não permitam o exame de cada aspecto da relação entre Deus e Moisés, um estudo sobre isso seria ao extremo gratificante.)

Apesar de não haver menção nas Escrituras, as orações de Moisés provavelmente começaram nos joelhos de sua piedosa mãe. Esse hábito, juntamente com seu conhecimento prévio das experiências passadas por Abraão, Isaque e Jacó, fornece a chave para a compreensão de sua elevada condição de piedade. Esta condição se manifestava profundamente, mesmo em face de inacreditáveis pressões e tentações:

> Pela fé, Moisés, sendo já grande, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo, antes, ser maltratado com o povo de Deus do que, por um pouco de tempo, ter o gozo do pecado; tendo, por maiores riquezas, o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito; porque tinha em vista a recompensa (Hb 11.24-26).

Respondendo à Chamada de Deus

O primeiro registro de uma oração de Moisés acha-se no terceiro capítulo de Êxodo. Mas foi Deus quem tomou a iniciativa, pois falou primeiro.

> E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto e veio ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o Anjo do Senhor em uma chama de fogo, no meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima. E, vendo o Senhor que se virava para lá a ver, bradou Deus a ele do meio da sarça e disse: Moisés! Moisés! E ele disse: Eis-me aqui (Êx 3.1-4).

As pessoas nunca oram tão bem como quando ouvem a Deus pela primeira vez. Isso não significa ser necessário visualizar uma sarça ardente antes de fazer qualquer oração, mas que se deve dar atenção à Palavra de Deus. Isso pode, inclusive, inspirar a oração.

Nem bem Moisés correspondera a Deus, foi confrontado por uma ordem divina: "Não te chegues para cá" (Êx 3.5). Essa ordem pode soar estranha à primeira vista, especialmente à luz do trecho de Tiago 4.8: "Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós". Moisés, porém, precisava aprender, desde o começo, que toda aproximação do poderoso Deus do Universo exige que se leve em conta sua santidade e justiça. Em outras palavras, a plataforma para as futuras revelações de Deus a Moisés (que exigiam um canal de comunicação livre entre as partes) estava sendo preparada.

Embora esteja claro que Moisés possuía uma fé implícita em Deus, o texto bíblico deixa também evidente algumas lacunas na sua compreensão sobre o supremo Ser: "Qual é o seu nome? Que lhes direi?" (Êx 3.13). Os crentes de hoje possuem uma revelação completa do Antigo e do Novo Testamento, mas, à semelhança de Moisés, têm uma urgente necessidade de experiências cada vez maiores com Deus.

A oração eficaz, bem como a liderança espiritual, são determinadas, em grande parte, pela nossa percepção de Deus. Em conseqüência, Deus se agradou de conceder ao seu servo uma visão abrangente de si mesmo: "E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós" (Êx 3.14). "EU SOU" é uma forma hebraica que indica ação progressiva. Na realidade, é como se Deus dissesse: "Demonstrarei quem sou por aquilo que eu fizer". No versículo 12, a mesma palavra hebraica aparece numa forma verbal futura, significando que o nome de Deus está intimamente relacionado à promessa — "Eu serei contigo".

Deus então prosseguiu a fim de revelar o que faria para livrar o povo de Israel. Talvez alguém pense que, com essa nova e espantosa revelação de Deus, Moisés viesse a sentir-se tremendamente seguro para enfrentar seu novo desafio com total confiança. Mas não foi o que aconteceu. E nem as nossas percepções de Deus, sejam elas as mais exaltadas, nos imunizam dos temores resultantes da nossa própria limitação. Com freqüência, o oposto é que se mostra verdadeiro: quanto maior a nossa visão de Deus, o grande EU SOU, maior a nossa autoconsciência de "eu não sou".

Moisés tinha duas preocupações principais, ambas decorrentes da incumbência dada pelo Senhor. Primeiramente, ele confessou: "Mas eis que me não crerão, nem ouvirão a minha voz" (Êx 4.1). Também se queixou: "Ah! Senhor! Eu não sou homem eloqüente" (Êx 4.10). Mas para cada um desses sentimentos de inferioridade, Deus tinha uma resposta. Para cada "eu não sou", Deus tinha um "EU SOU". No caso de Moisés, haveria uma manifestação sobrenatural e uma capacitação também sobrenatural. Deveríamos esperar menos para os nossos dias? "E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram" (Mc 16.20).

Tempo da Intervenção Divina

Moisés atirou-se à sua missão. Poderíamos esperar que, com a clara chamada de Deus e a positiva certeza de ser por Ele capacitado, o prometido livramento de Israel ocorreria sem qualquer estorvo. Inúmeras pessoas em nossos dias tendem a assumir essa errônea suposição, e alguns, quando as coisas não correm como o esperado, desesperam-se totalmente e perdem a coragem. Mas Deus enxerga as circunstâncias de forma diferente: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8,9).

Em lugar de uma libertação imediata e miraculosa, Moisés descobriu que a realidade era precisamente o oposto. As condições do povo de Israel pioraram, em vez de melhorar, e o próprio Moisés teve de enfrentar a queixa e o desagrado do povo: "E encontraram a Moisés e a Arão, que estavam defronte deles, quando saíram de Faraó. E disseram-lhes: O Senhor atente sobre vós e julgue isso, porquanto fizestes o nosso cheiro repelente diante de Faraó e diante de seus servos, dando-lhes a espada nas mãos, para nos matar" (Êx 5.20,21).

Aqueles que oram, em nossos dias, defrontam-se freqüentemente com tais demoras. Por que as coisas deveriam ser assim? Podemos somente dizer que as demoras divinas, deliberadas como são, constituem uma demonstração da sabedoria de Deus que ultrapassa a compreensão humana.

Quando Moisés não conseguiu compreender o que estava acontecendo, ele orou. Note atentamente a passagem: "Então tornou Moisés ao Senhor e disse: Senhor! Por que fizeste mal a este povo? Por que me enviaste? Porque, desde que entrei a Faraó para falar em teu nome, ele maltratou a este povo; e, de nenhuma maneira, livraste o teu povo" (Êx 5.22,23).

A providência de Deus é certa, embora o tempo determinado por Ele possa, como freqüentemente acontece, deixar os homens perplexos. Com nossas presentes limitações vemos indistintamente, e só o presente. Mas Deus vê claramente o quadro inteiro: as múltiplas complexidades, os seus aspectos temporais (passado, presente e futuro) e as muitas e complicadas ações e reações das pessoas. Não podemos, de modo algum, levantar nossa voz para acusá-lo de irracionalidade ou injustiça. "Não faria justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.25)

Não nos esqueçamos de que o Egito foi, até certo ponto, um bom anfitrião para Israel. Proveu-lhe alimentação e suprimentos durante um tempo de fome generalizada. Honrou um hebreu, José, com o mais elevado ofício do país, abaixo apenas do Faraó. Permitiu a Israel um acentuado crescimento, preservando o povo de Deus por quatrocentos anos. É verdade que o Egito, sob o novo Faraó, passou a explorar o povo santo, impondo-lhes a escravidão e sobrecarregando-os ao extremo. Deus, porém, foi misericordioso com os opressores, dando-lhes tempo para o arrependimento. Longânimo e paciente, Deus não esconde sua firme disposição de que todos sejam salvos, não querendo que ninguém se perca (2 Pe 3.9).

Mas o julgamento não será para sempre adiado. No tempo certo, Deus agirá:

> Então disse o Senhor a Moisés: Agora verás o que hei de fazer a Faraó; porque, por mão poderosa, os deixará ir; sim, por mão poderosa, os lançará de sua terra. Falou mais Deus a Moisés e disse: Eu sou o Senhor. E também tenho ouvido o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios escravizam, e me lembrei do meu concerto. Portanto, dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, vos livrarei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com juízos grandes. E eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios (Êx 6.1,2,5-7).

Como é difícil aos seres humanos sermos pacientes! Como é difícil permitir que Deus cumpra seus propósitos! Quão prontamente parece morrer a esperança quando o mal nos rodeia! As trevas da presente época parecem nos bradar aos ouvidos: "O sol nunca nascerá de novo!" O mesmo caso deu-se com os israelitas. Moisés falara-lhes conforme fora instruído por Deus, "mas eles não ouviram a Moisés, por causa da ânsia do espírito e da dura servidão" (Êx 6.9).

Faraó, o endeusado monarca do Egito, caminhava a passos largos para um ponto perigoso; não tinha mais como se escusar. Haviam sido dadas a ele todas as oportunidades possíveis para reconhecer e submeter-se ao único Deus verdadeiro. Testemunhara o poder e os milagres do Todo-poderoso. Vira as orações de Moisés sendo respondidas invariavelmente uma após a outra — e nada!

> Então, saiu Moisés e Arão de Faraó; e Moisés clamou ao Senhor por causa das rãs que tinha posto sobre Faraó. E o Senhor fez conforme a palavra de Moisés; e as rãs morreram nas casas, nos pátios e nos campos (Êx 8.12,13).
> Então, saiu Moisés de Faraó e orou ao Senhor. E fez o Senhor conforme a palavra de Moisés, e os enxames de moscas se retiraram de Faraó, dos seus servos e do seu povo; não ficou uma só (Êx 8.30,31 – cf. 9.27-35; 10.16-20).

Finalmente Faraó chegou ao ponto crítico, onde não se encontra mais lugar de arrependimento. Há o tempo de orar, e outro, quando as orações não valem mais nada. João chama a isso "pecado para morte" (1 Jo 5.16). Faraó e seus servos haviam pecado para a morte, selando definitivamente seu destino. Agora, qualquer rogo era inútil e vão. O próprio Faraó privou-se da misericórdia divina, quando disse a Moisés: "Vai-te de mim e guarda-te que não mais vejas o meu rosto; porque, no dia em que vires o meu rosto, morrerás. E disse Moisés: Bem disseste; eu nunca mais verei o teu rosto" (Êx 10.28,29).

Havendo a mais leve esperança, não se pode negligenciar a oração. Esgotando-se, porém, toda possibilidade de resposta, só resta à pessoa encomendar a Deus as suas circunstâncias.

Orar — depois Agir

Moisés acabou aprendendo, pela repetição das experiências que, quando ele orava, Deus entrava em ação. Mas a oração não é a única coisa que Deus espera de nós. Paralelamente à oração convicta deve estar a ação constante. Devemos avançar sempre, pela fé.

> Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que

> hoje vistes, nunca mais vereis para sempre. O Senhor pelejará por vós, e vos calareis. Então, disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem (Êx 14.13-15).

Avançando contra Israel, pela retaguarda, vinha o enraivecido Faraó com seu exército bem equipado; e, na frente do povo hebreu, o formidável mar Vermelho cobria o horizonte. A cargo de Moisés estava uma grande e desesperada multidão. Conforme se habituara a fazer, Moisés clamou ao Senhor e, como era comum, ele obteve resposta: "Não é hora de orar, Moisés, é hora de agir! Dá ordem aos filhos de Israel para avançarem".

Antes, Moisés ordenara: "Estai quietos [permanecei em paz]". Esta é a ordem até se obter uma direção específica de Deus. Mas, depois, a ordem foi para que marchassem: "Ponde-vos em movimento". Não confundamos, porém, as coisas. Há um perigo sutil na passividade, e não queremos incentivá-la. Não aprovamos a atitude de quem diz: "Deixe Deus fazer tudo". Ora, há realmente um tempo em que o crente precisa aquietar-se e descansar em Deus. Mas, uma vez pronunciada a ordem divina para nos colocarmos em marcha, não podemos deixar de cumpri-la.

Embora a ordem Deus tenha sido aparentemente contrária, não se pode negar a demonstração de fé implícita na ordem de Moisés, pois ele sabia que Deus daria um jeito. Não obstante os israelitas terem saído do Egito "armados" (Êx 13.18), Deus sabia que eles não estavam preparados para entrar numa guerra (cf. Êx 13.17). Visto terem sido escravos no Egito, faltava-lhes um treinamento específico. Além disso, havia mulheres e crianças no meio deles. Um exército profissional os aniquilaria rapidamente. No entanto, Moisés havia posto sua confiança em Deus, o único que podia livrá-los. Moisés cria nisso, embora Deus não lhe tivesse ainda revelado como ocorreria o livramento (cf. Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Exodus*, Jerusalém: The Magnus Press, The Hebrew University, 1967, pp. 163,164).

Deus geralmente opera por meio das pessoas, e não à parte delas. Ele conta conosco! Mas nossa tendência, quando oramos, é negligenciar nossa responsabilidade, esperando que de alguma forma misteriosa Deus faça aquilo que nos compete. Mas Deus não fará o que já nos ordenou que fizéssemos. Sob suas ordens, compete-nos empreender a marcha.

Respostas claras e contundentes geram e estimulam a fé tanto nos que observam como nos que oram: "E viu Israel a grande mão que o Senhor mostrara aos egípcios; e temeu o povo ao Senhor e creu no Senhor e em Moisés, seu servo" (Êx 14.31). Moisés fez mais do que rogar ou interceder. Ele reconheceu a intervenção de Deus

e serviu de exemplo na adoração e nas ações de graça. Seu cântico de louvor (cf. Êx 15.1-19) despertou uma resposta de adoração por parte de Miriã e das mulheres de Israel: "Então Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque sumamente se exaltou e lançou no mar o cavalo com o seu cavaleiro" (Êx 15.20,21). A lição que se extrai desta passagem salta aos olhos: os líderes espirituais devem dar o exemplo, se querem ver seus seguidores envolvidos na celebração do louvor.

Contínua Dependência de Deus

Exemplos de intervenção divina são, com freqüência, marcados por problemas e circunstâncias quase insuportáveis. Embora isso nos faça lamentar a princípio, seu alvo é o nosso bem — sem dúvida. Mal passara o regozijo pela derrota de Faraó, e Moisés já se confrontava com novos problemas: falta de água potável, águas amargas, queixumes da parte do povo de Israel. Uma pessoa de estatura espiritual menor talvez fosse tentada a lançar, numa atitude tola, a culpa sobre Deus. Mas não Moisés. A oração foi sua reação imediata e seu grande recurso. Por certo o Senhor, que permitira a Israel entrar nessa nova crise, também os livraria dela. Assim, Moisés orou e recebeu uma resposta imediata: "E ele clamou ao Senhor, e o Senhor mostrou-lhe um lenho que lançou nas águas, e as águas se tornaram doces" (Êx 15.25). Anos mais tarde, Moisés lembraria aos israelitas como Deus usara crise após outra para humilhá-los e prová-los a fim de que:

> Se não eleve o teu coração, e te esqueças do Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; que te guiou por aquele grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água; e tirou água para ti da rocha do seixal; que no deserto te sustentou com maná, que teus pais não conheceram; para te humilhar e para te provar, e para, no teu fim, te fazer bem (Dt 8.14-16).

A liderança espiritual custa caro. Certamente não é para os desanimados e infiéis. Quando as coisas corriam bem, Deus recebia a glória; mas quando davam para trás, os líderes tinham de suportar a ira do povo: "E não havia ali água para o povo beber. Então, contendeu o povo com Moisés e disse: Dá-nos água para beber" (Êx 17.1,2). As pessoas tendem a ver somente suas circunstâncias e seus líderes — raramente qualquer coisa além disso. Nessa crise, pois, acusaram Moisés pela sua má sorte. Do ponto de vista deles, Moisés (e não Deus) é que os tirara do Egito. Esqueceram-se de que ele era

apenas um servo de Deus. E Moisés acabou se tornando o alvo da ira deles: "Por que nos fizeste subir do Egito para nos matares de sede, a nós, e aos nossos filhos, e ao nosso gado?" (Êx 17.3).

Como devem reagir aos líderes espirituais quando o povo se volta contra eles? O exemplo de Moisés é a melhor resposta. Ele poderia ter retrucado prontamente; poderia ter argumentado e arrazoado com eles, ou mesmo se deixado afundar num sentimento de autocomiseração e desespero. Em lugar disso, entretanto, ele fez o que toda liderança espiritual deveria fazer sempre: "E clamou Moisés ao Senhor, dizendo: Que farei a este povo? Daqui a pouco me apedrejarão" (Êx 17.4). A oração era a única alternativa que descartava o temor de estar fazendo algo errado. Fazer qualquer coisa que sua natureza humana pudesse insinuar não solucionaria o problema. Tal providência teria apenas agitado e inflamado ainda mais o povo; talvez Moisés até perdesse a vida. Porém, como ele preferiu orar, a resposta de Deus foi rápida. Deus sabe o curso de ação correto para toda situação. Assim, Ele instruiu Moisés quanto ao que fazer:

> Então, disse o Senhor a Moisés: Passa diante do povo e toma contigo alguns dos anciãos de Israel; e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe, e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas, e o povo beberá. E Moisés assim o fez, diante dos olhos dos anciãos de Israel (Êx 17.5,6).

Os seres humanos, por sua própria natureza, estão limitados aos cinco sentidos. Aquilo que as pessoas podem ver e segurar, nisso elas acreditam. Em conseqüência, muitas querem adorar apenas os deuses que podem ver. Elas têm problemas com o invisível. No entanto, enquanto não escaparem dessa servidão ao mundo material, não se relacionarão corretamente nem com Deus e nem com o sobrenatural. Paulo sintetizou essa verdade de maneira excelente: "Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (2 Co 4.18).

Talvez uma das características mais expressivas de Moisés fosse a sua capacidade de assimilar o Deus invisível e então se relacionar com Ele: "E o povo estava em pé de longe; Moisés, porém, se chegou à escuridade, onde Deus estava" (Êx 20.21). O povo, pois, manteve-se distante, ao passo que Moisés se aproximou. As trevas nem sempre representam o mal — neste caso, Deus estava nelas. Mas por que Deus se envolveria num manto de espessas trevas, se a Bíblia dá conta de que nEle não há treva nenhuma? (1 Jo 1.5) Ele pode estar num lugar escuro até por misericórdia, pois homem algum viu a glória de Deus e

permaneceu vivo (cf. Êx 33.20). Das "trevas espessas", portanto, Deus falava com Moisés, conferindo-lhe mandamentos para o povo, instruindo-o acerca de como edificar um altar e prometendo-lhe suas bênçãos.

> Os próprios anjos cobrem o rosto perante o Senhor dos Exércitos, sentindo-se indignos de contemplar a perfeição divina. Mas onde aumenta o amor, diminui o medo. Portanto, que o amor cresça e se torne forte, resplandecendo em nossos corações como uma chama de fogo. Aos poucos o medo será mudado: de um receio pavoroso, transformar-se-á numa admiração profunda... O amor nos atrai a Deus mais do que o medo nos mantém afastados dEle. O amor se regozija em poder chegar "com ousadia ao trono da graça..." Moisés aproximou-se das trevas espessas onde Deus estava. A alma amorosa insiste em se chegar a Deus — para "vê-lo face a face" e "conhecê-lo tal e qual também é conhecida" (*The Pulpit Commentary,* Grand Rapids; Wm. B. Eerdmans, Pub. Co., 1950, vol. 1 – *Exodus,* George Rawlinson, p. 163).

Moisés, o Intercessor

Uma das características mais destacadas nas orações de Moisés é seu altruísmo. Preocupava-se primariamente com as relações entre Israel e Deus. Essa preocupação por Israel é especialmente evidente em suas orações, no capítulo 32 do livro de Êxodo.

Intercedendo pelos transgressores

A primeira das orações de Moisés em favor de Israel ocorreu quando ele ainda estava no monte Sinai, com as tábuas da Lei na mão, recém-gravadas por Deus. Deus revelara a Moisés a grosseira idolatria do povo de Israel. O pedido de Deus a Moisés parece estranho, de nosso próprio ponto de vista: "Agora, pois, deixa-me, que o meu furor se acenda contra eles, e os consuma; e eu farei de ti uma grande nação" (Êx 32.10).

Naquele momento, Moisés teve de enfrentar um dilema nada fácil. Era, ao mesmo tempo, o defensor de um povo que ofendera claramente a justiça divina e o representante de um Deus justo e íntegro. Devemos entender que Deus não o estava obrigando nem instruindo para que desse livre curso à justiça divina. Na verdade, Moisés estava sendo desafiado a uma intercessão que justificasse a preservação de Israel. A intercessão de Moisés acabou servindo para ressaltar o testemunho da integridade divina aos olhos dos egípcios. O verdadeiro intercessor, como todo bom advogado, é um instrumento que decididamente influencia o resultado final: "Então, o Senhor arrependeu-se do mal que dissera que havia de fazer ao seu povo" (Êx 32.14).

A segunda oração (cf. Êx 32.30-35) seguiu-se ao retorno de Moisés ao acampamento da congregação. Deus não pretendia destruir em massa o povo de Israel, conforme sua justiça parecia requerer; mas Ele passaria a congregação pelo crivo, requerendo que cada um declarasse publicamente sua lealdade: "Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse: Quem é do Senhor, venha a mim" (Êx 32.26). Os acontecimentos pareciam antever as conseqüências do julgamento divino.

Uma vez mais, Moisés sentiu-se avassalado pelo evidente juízo que estava prestes a ser derramado. Ele se identificava tão profundamente com o povo que estava pronto a morrer com eles. Apesar de sua disposição para a intercessão, ele não demorou muito para aprender algo tremendo em relação ao destino terrível dos transgressores — ninguém pode se furtar para sempre da prestação de contas. Embora o líder se dispusesse a morrer por aquela multidão pecadora, cada um deles (e também cada um de nós), no fim, haveria de comparecer diante do Todo-poderoso: "Aquele que pecar contra mim, a este riscarei eu do meu livro" (Êx 32.33). (A única exceção a esse princípio divino ocorreu no Calvário, quando Deus entregou seu Filho para morrer pelos pecados de toda a humanidade. E, mesmo agora, cada pessoa é responsável por receber ou rejeitar a graça e a misericórdia divinas.)

Arão bem poderia ser grato pelo fato de ter um irmão dedicado à oração. Mas, enquanto Moisés estava no monte Sinai, recebendo os Dez Mandamentos, Arão sucumbiu aos desejos carnais do povo, fazendo-lhes um bezerro de ouro.

> Também o Senhor se irou muito contra Arão para o destruir; mas também orei por Arão ao mesmo tempo. E prostrei-me perante o Senhor aqueles quarenta dias e quarenta noites em que estava prostrado; porquanto o Senhor dissera que vos queria destruir. E eu orei ao Senhor, dizendo: Senhor Deus, não destruas o teu povo e a tua herança, que resgataste com a tua grandeza, que tiraste do Egito com mão forte. Lembra-te dos teus servos Abraão, Isaque e Jacó; não atentes para a dureza deste povo, nem para a sua impiedade, nem para o seu pecado, para que o povo da terra donde nos tiraste não diga: Porquanto o Senhor não os pôde introduzir na terra de que lhes tinha falado e porque os aborrecia, os tirou para os matar no deserto (Dt 9.20,25-28).

Não fora Moisés um fiel intercessor, Arão poderia ter sido destruído com o restante dos israelitas. Arão era, portanto, um afortunado. Por aí se vê quão sagrada é a responsabilidade dos crentes espirituais atuarem como intercessores (cf. Gl 6.1 e Tg 5.16-20)!

A intensidade da intercessão de Moisés em favor de Israel tem um significado muito especial. Não podia ser confundida com um simples "Senhor, poupa meu povo", seguido por um "amém" seco. Foram quarenta dias e noites numa luta desesperada, agravada pelo juízo iminente: "Porquanto o Senhor dissera que vos queria destruir" (Dt 9.25).

Estamos deveras percebendo que, ao nos aproximarmos do fim desta era, tempos difíceis nos esperam, quando os juízos de Deus serão derramados sobre o mundo? Quão imensa é a necessidade de intercessores incansáveis como Moisés!

Outra intercessão de Moisés é a registrada em Êxodo 33.12-23, precipitada pela declaração de Deus, no versículo 3: "Eu não subirei no meio de ti, porquanto és povo obstinado, para que te não consuma eu no caminho". Moisés ficou arrasado diante desta assustadora revelação. Desde o dia de sua chamada, ele ansiara pela presença divina e contara com ela. Ouvira da boca de Deus: "Eu serei contigo" (Êx 3.12). Mas agora havia a possibilidade de estar sozinho, sem a presença do Deus que lhe confiara tão árdua missão:

> Então, disse-lhe: Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui. Como, pois, se saberá agora que tenho achado graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Acaso, não é por andares tu conosco, e separados seremos, eu e o teu povo, de todo o povo que há sobre a face da terra? Então, disse o Senhor a Moisés: Farei também isto, que tens dito; porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome (Êx 33.15-17).

A triste verdade é que os seres humanos, em seus pecados, não podem suportar a "santa presença", capaz de consumi-los totalmente. Os israelitas estavam num estado tão pecaminoso que a justiça divina, com toda razão, poderia requerer a condenação deles. Moisés percebeu que só havia um raio de esperança — a graça divina. E foi nisso que baseou seu apelo. Ele estava consciente de que não podia pleitear em favor de Israel com base na justiça da Lei. Mas lá dentro, bem no fundo do seu ser, ele começava a ter uma ligeira compreensão da graça e da compaixão divinas:

> Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e apregoarei o nome do Senhor diante de ti; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer (Êx 33.19).

Muito antes que o autor da Epístola aos Hebreus se sentisse impulsionado pelo Espírito Santo a escrever essa verdade, Moisés achegara-se "com confiança" ao trono da graça, achando misericórdia e graça a fim de ser ajudado em tempo de necessidade (cf. Hb 4.16).

Revelação pessoal ao intercessor

Somente pela maravilhosa graça de Deus Moisés obteve a segurança de que Deus, afinal, estaria presente (Êx 33.14). Mas a graça, quando manifestada, tende a aguçar o apetite pelas coisas espirituais. Assim sendo, seguiu-se o ousado apelo de Moisés: "Rogo-te que me mostres a tua glória" (Êx 33.18). É como se ele estivesse dizendo: "Recebi um pouco; mostra-me mais" — pode haver oração maior que esta? Sem dúvida, a oração de Moisés é apropriada a todo filho de Deus, visto que todos os crentes precisam de uma compreensão mais ampla da glória e majestade de Deus.

Ainda que Moisés ignorasse todas as implicações de sua oração, Deus estava pronto para adequá-la (Êx 33.19-23). A resposta divina deu-se nos seguintes termos: "Está bem, Moisés, farei como me pedes, mas fica sabendo que não poderás suportar a plena manifestação da minha glória. Permitirei que a vislumbres parcialmente, o suficiente à tua função de liderança sobre meu povo, ampliando-te a visão e a fé". E como nos encoraja essa resposta à oração de Moisés!

A palavra "glória" tem um sentido que geralmente nos escapa, finitos que somos, talvez porque represente a pessoa do próprio Deus. É quase um sinônimo de Deus. Veja, no versículo 22, "quando a minha glória passar" e "até que eu haja passado". Deus e sua glória são inseparáveis. Onde Ele está, ela também se manifesta. Por conseguinte, Moisés viu mais que um brilho ofuscante. Ele contemplou a essência gloriosa da Divindade — a misericórdia, a verdade, a santidade, o amor, a paciência e a bondade.

> Passando, pois, o Senhor perante a sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares, que perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado; que ao culpado não tem por inocente, que visita a iniqüidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração (Êx 34.6,7).

Quando atendeu ao apelo angustiado de Moisés, Deus o estava preparando para conduzir o povo pelo deserto da peregrinação — a viagem que Moisés tinha diante de si não era pequena. A nova revelação que Moisés obteve de Deus renovou-lhe a confiança na oração de intercessão. Moisés jamais poderia ter feito uma oração tão sublime se não houvesse experimentado a especial e pessoal revelação de Jeová. A resposta de Deus ao novo modo como Moisés intercedeu foi imediata, mudando inclusive sua determinação de destruir os teimosos israelitas:

> E disse: Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, vá agora o Senhor no meio de nós; porque este é povo obstinado; porém perdoa a nossa iniqüidade e o nosso pecado e toma-nos pela tua herança. Então disse: Eis que eu faço um concerto; farei diante de todo o teu povo maravilhas que nunca foram feitas em toda a terra, nem entre gente alguma; de maneira que todo este povo, em cujo meio tu estás, veja a obra do Senhor; porque coisa terrível é o que faço contigo (Êx 34.9,10).

Tratando com a fragilidade humana

Uma característica essencial da boa liderança é sua capacidade de lidar com as crises, e Moisés teve múltiplas oportunidades de demonstrar sua habilidade nessa área. Na sua jornada do Sinai a Cades-Barnéia, uma vez mais ele se defrontou com uma crise: "E aconteceu que, queixando-se o povo, era mal aos ouvidos do Senhor; porque o Senhor ouviu-o, e a sua ira se acendeu, e o fogo do Senhor ardeu entre eles e consumiu os que estavam na última parte do arraial" (Nm 11.1).

O pecado e a presença de Deus são incompatíveis; não podem coexistir — jamais! Moisés rogara insistentemente a Deus que permanecesse no meio do seu povo, mas agora, como um fogo abrasador e de forma irônica, a própria presença do Senhor estava consumindo as pessoas. O pecado serve de combustível para "o fogo consumidor" (Hb 12.29). Israel estava aprendendo, por experiência própria, que não há escapatória para quem ofende a Deus. Começavam a descobrir, também, que somente a intercessão pode efetivamente mudar as circunstâncias, quando feita por alguém que tem acesso a Deus: "Então, o povo clamou a Moisés, e Moisés orou ao Senhor, e o fogo se apagou" (Nm 11.2).

Com toda razão, Moisés poderia exortá-los: "Basta! Vocês nunca aprendem. Já que fizeram por merecê-lo, agüentem as conseqüências". Mas ele deve ter-se lembrado da revelação recebida no monte Sinai: Deus é misericordioso, gracioso, longânimo. Surgiu em seu coração a coragem de fazer outra oração de intercessão — e o fogo cessou de arder no arraial! Nós também temos um Intercessor assim.

Mas suportar a carga de um povo que insiste em hesitar entre dois caminhos pode turvar a percepção de qualquer líder piedoso, levando-o a dar vazão às suas frustrações, em vez de confiar em Deus:

> E disse Moisés ao Senhor: Por que fizeste mal a teu servo, e por que não achei graça aos teus olhos, que pusesses sobre mim a carga de todo este povo? Eu sozinho não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim. E, se assim fazes comigo, mata-me, eu to peço, se tenho achado graça aos teus olhos; e não me deixes ver o meu mal (Nm 11.11,14,15).

Como mencionamos no capítulo anterior, outros servos de Deus foram vítimas da própria fragilidade humana, chegando a orar pedindo a morte: Elias (1 Rs 19.4), Jó (Jó 6.8), Jonas (Jn 4.3). Felizmente, Deus não atende a tais clamores, pois conhece o que está por trás das aparências e das palavras. Ele sabe das nossas fraquezas e "lembra-se de que somos pó" (Sl 103.14). Embora sejamos afligidos por frustrações, Ele não nos condena. Gentilmente, pois, solucionou o caso de Moisés, dizendo-lhe que tomaria do Espírito que estava sobre ele e o poria sobre setenta anciãos. Eles compartilhariam a carga com Moisés que, nem por isso, perderia algo do Espírito Santo. Moisés precisava saber que o Espírito Santo é poderoso o suficiente para cuidar de qualquer situação. Mesmo diante do fracasso humano, a misericórdia de Deus permanece firme.

Mas tais hesitações não podiam ofuscar as qualidades que Deus infundira no seu servo. Moisés e Jesus são os únicos que as Escrituras identificam como mansos ou humildes (cf. Nm 12.3; Mt 11.29). O espírito manso e humilde brilha com mais fulgor quando os invejosos e ambiciosos atacam. Os orgulhosos e auto-suficientes querem retaliação; os presunçosos buscam vingança. Mas os humildes oram por seus adversários. Arão e Miriã tinham criticado seu irmão, Moisés, buscando usurpar-lhe a posição conferida por Deus. Agindo assim, eles provocaram Deus à ira. Miriã, como a principal ofensora (o verbo "falar", em Nm 12.1, está na terceira pessoa do singular e aplica-se, no original, ao gênero feminino, mostrando que ela é quem falava e Arão consentia), foi punida com a tão temida lepra. Talvez algum presunçoso, alheio à sua própria fragilidade, dissesse: "Bem feito! Ela mereceu!" Mas Arão, que não ignorava suas fraquezas, confessou o pecado de ambos, rogando a Moisés por Miriã. "Clamou, pois, Moisés ao Senhor, dizendo: Ó Deus, rogo-te que a cures" (Nm 12.13).

Que exemplo de oração "pelos que vos perseguem"! (Mt 5.44) O bispo Hall, um clérigo inglês do século XVII, disse o seguinte a respeito de Miriã:

> A língua suja dela foi punida justamente com uma face feia, e sua tolice, ao pretender rivalizar com Moisés, tornou-se manifesta a todos. Moisés intercedeu por sua irmã ferida. Afetuosa e sinceramente, ele defendeu a causa dela. Moisés orou como alguém que, de todo o seu coração, perdoara plenamente a inveja de Miriã e Arão (Citado por Herbert Lockyer, *All the Prayers of the Bible,* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959, p. 42).

Note o apelo de Moisés: "Ó Deus, *rogo-te* que a cures". Embora Deus tenha honrado o apelo em favor da cura, Ele não se agradou em concedê-la imediatamente. Aqueles que oram pelos enfermos e aflitos podem desejar tanto a cura que se esquecem dos motivos da

aflição. A lepra de Miriã resultava de uma ofensa séria. Sua cura precisou ser adiada, pois a falta de uma conseqüência imediata poderia fazê-la reincidir no pecado. Ela tinha de aprender uma lição.

Quanto ao povo de Israel, eles nunca pareciam aprender com sua desobediência e os conseqüentes castigos. O compassivo e tenaz Moisés, porém, jamais desistiu. Apesar de ter chegado quase ao ponto de desesperar, ele conseguiu manter uma liderança cheia de força e fé. Sua preocupação não girava mais em torno de si mesmo, mas dizia respeito à reputação de Deus e do seu povo. Isso ficou muito claro quando Deus o testou, sugerindo que destruiria os israelitas e começaria uma nova nação a partir de Moisés.

> E disse Moisés ao Senhor: Assim, os egípcios o ouvirão; porquanto com a tua força fizeste subir este povo do meio deles. E o dirão aos moradores desta terra, que ouviram que tu, ó Senhor, estás no meio deste povo, que face a face, ó Senhor, lhes apareces, que tua nuvem está sobre eles e que vais adiante deles numa coluna de nuvem de dia e numa coluna de fogo de noite. E, se matares este povo como a um só homem, as nações, pois, que ouviram a tua fama, falarão, dizendo: Porquanto o Senhor não podia pôr este povo na terra que lhes tinha jurado; por isso, os matou no deserto. Agora, pois, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça, como tens falado, dizendo: O Senhor é longânimo e grande em beneficência, que perdoa a iniqüidade e a transgressão, que o culpado não tem por inocente e visita a iniqüidade dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração. Perdoa, pois, a iniqüidade deste povo, segundo a grandeza da tua benignidade e como também perdoaste a este povo desde a terra do Egito até aqui. E disse o Senhor: Conforme a tua palavra, lhe perdoei (Nm 14.13-20).

À semelhança de Miriã e Arão, também Corá, Datã e Abirão desafiaram a liderança de Moisés. Eles instigaram um motim dissimulado, tentando implantar uma ordem sacerdotal à parte da estabelecida por Deus (cf. Nm 16.1-21). Em face desse desafio, Moisés percebeu a necessidade de: 1) confirmação dos líderes devidamente constituídos por Deus, ou seja, Moisés e Arão; e 2) julgamento dos usurpadores.

> Mas eles [Moisés e Arão] se prostraram sobre os seus rostos e disseram: Ó Deus, Deus dos espíritos de toda carne, pecará um só homem, e indignar-te-ás tu tanto contra toda esta congregação? (Nm 16.22).

Com essa oração, Moisés e Arão organizaram uma intensa intercessão. Não obstante, a rebelião é tão perniciosa em seus efeitos que nenhum acúmulo de intercessão pode livrar os rebeldes do julgamento divino. A terra abriu-se e engoliu os amotinados, confirmando a

nomeação de Deus sobre os líderes espirituais por Ele empossados e condenando os que tentaram usurpar a autoridade divinamente constituída (cf. Nm 16.31-35).

Quão inconstantes podem ser as pessoas! Embora o juízo divino tivesse devorado literalmente os rebeldes, no dia seguinte "toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão, dizendo: Vós matastes o povo do Senhor" (Nm 16.41). Certamente a ira de Deus arde contra esse tipo de precipitação da língua. Paulo descreve tais pessoas, frívolas e inconseqüentes, como aquelas que, embora "conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem" (Rm 1.32). Testemunhar o julgamento divino contra os rebeldes era uma coisa; defendê-los era algo inteiramente diferente. A atitude deles invariavelmente levava Deus a destruí-los (cf. Nm 16.45).

Mas Arão e Moisés eram homens de oração e intercessão constantes; e, uma vez mais, "se prostraram sobre os seus rostos" (Nm 16.45). A persistência deles é um exemplo para todos os líderes, no que se refere às coisas espirituais. Atento à necessidade do povo, Moisés disse a Arão: "Toma o teu incensário, e põe nele fogo do altar, e deita incenso sobre ele, e vai depressa à congregação, e faze expiação por eles..." (Nm 16.46) E Arão "estava em pé entre os mortos e os vivos; e cessou a praga" (Nm 16.48).

Em outra ocasião, o povo (constituído na sua quase totalidade por uma nova geração de israelitas) suportou a praga das serpentes venenosas por causa de seus queixumes. "Pelo que o povo veio a Moisés e disse: Havemos pecado, porquanto temos falado contra o Senhor e contra ti; ora ao Senhor que tire de nós estas serpentes. Então Moisés orou pelo povo" (Nm 21.7). O apelo angustiado do povo é digno de nota. Este é o único incidente registrado no qual o povo pediu diretamente que Moisés intercedesse — antes eles pediam que Moisés fizesse alguma coisa, mas não a especificavam. Agora, em face duma emergência das mais angustiantes, eles expressam completa confiança na intercessão de Moisés. A presença dessa confiança era fruto de uma reiterada experiência — não surgiu por acaso.

Mas a oração de Moisés não foi respondida como o povo supunha que fosse. Eles queriam a remoção das serpentes. Mas Deus queria que aqueles que fossem picados pelas serpentes participassem na obtenção da resposta. "E disse o Senhor a Moisés: Faze uma serpente ardente e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo mordido que olhar para ela" (Nm 21.8). A oração terá pouco valor se não estiver acompanhada de fé, e a fé não está presente onde as obras estão ausentes (cf. Tg 2.14-18).

Nomeação Divina dos Líderes

Embora o livro de Números registre o fim da vida e da liderança de Moisés, o livro de Deuteronômio provê mais alguns detalhes relacionados ao seu ministério de oração. No terceiro capítulo de Deuteronômio, Moisés pleiteia com Deus: "Senhor Jeová, já começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua forte mão; porque, que deus há nos céu e na terra, que possa fazer segundo as tuas obras e segundo a tua fortaleza? Rogo-te que me deixes passar, para que eu veja esta boa terra que está dalém do Jordão..."(Dt 3.24,25) Dirigir-se a Deus como "Senhor Jeová" é muito significativo. "Senhor" sugere direitos de propriedade e poder. A escolha do nome "Jeová", o nome daquEle que observa o seu pacto, fala do relacionamento íntimo entre Deus e Israel — há em torno desse nome uma atmosfera de graça.

O apaixonado apelo era para que Deus reconsiderasse sua decisão. Moisés tinha desonrado e desobedecido de forma flagrante a Deus. Dominado pela insegurança e instigado pelos israelitas rebeldes, ele fracassou em declarar crença e confiança em Deus. Por isso bateu irado na rocha em vez de apenas pronunciar a palavra que Deus lhe ordenara (cf. Nm 20.1-13). Em conseqüência, a reação divina não foi nada amistosa: "Porquanto não me crestes a mim, para me santificar diante dos filhos de Israel, por isso não metereis esta congregação na terra que lhes tenho dado" (Nm 20.12).

A resposta de Deus ao pedido de Moisés, para que reconsiderasse sua decisão, foi um "não". "Basta; não me fales mais neste negócio" (Dt 3.26). Nossa tendência, numa hora dessas, é dizer: "Deus, tu foste severo demais. Por que não honraste o pedido do teu servo?" Talvez não compreendamos plenamente a recusa de Deus, mas consola-nos saber que o Soberano faz o melhor, não somente pela pessoa que o serve numa condição de liderança, mas também por todo o povo que lhe pertence. Talvez, se a súplica de Moisés fosse atendida, a rebelião daqueles que o tinham provocado em sua iracunda reação até aumentasse. Mas ainda que não entendamos as razões de Deus, continua sendo melhor orar e ter a petição negada do que não orar de forma alguma.

"Aos homens está ordenado morrerem uma vez..." (Hb 9.27) Excetuando-se os cristãos que vierem a participar do arrebatamento (cf. 1 Ts 4.17), todos morrerão. Poucos, entretanto, receberão da parte de Deus alguma revelação sobre o lugar e a hora de sua morte, como aconteceu a Moisés (cf. Nm 27.12,13). No entanto, mesmo diante da iminência da morte, a grandeza e a piedade de Moisés foram novamente evidenciadas. Embora ele ansiasse por entrar na Terra Prometida, essa alegria lhe foi negada por causa da incredulidade. Mas, apesar de não obter uma resposta favorável à sua petição individual por clemência, ele transpôs seus interesses pessoais e orou pelo povo.

Então, falou Moisés ao Senhor, dizendo: Ó Senhor, Deus dos espíritos de toda a carne, ponha um homem sobre esta congregação, que saia diante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar; para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor (Nm 27.15-17).

O próprio homem que tinha sido posto sobre a congregação, por Deus, reconheceu que somente Deus poderia prover a liderança necessária. Quanta humildade! Que total consciência da singular habilidade de Deus! Moisés poderia ter requerido que seu sucessor fosse selecionado por ele, talvez seu próprio filho. Em lugar disso, seu apelo foi: "Que o Senhor, o Deus dos espíritos", faça a escolha! Somente Deus conhece o espírito dentro das pessoas; assim sendo, sua escolha é sempre a melhor.

Temos nisso uma valiosa lição quanto à seleção da liderança espiritual. Quem não contempla o íntimo, tende a escolher com base em coisas como aparência, educação, habilidade ou carisma; mas Deus escolhe com base em coisas superiores: Ele vê o coração. O exemplo de dependência a Deus, deixado por Moisés, serve de excelente padrão no que diz respeito à seleção de pastores e líderes para uma comunidade de crentes.

Moisés foi realmente um gigante no "quem é quem" de Deus sobre pessoas que oram. Mas ele também tornou-se o agente de Deus para revelar, em termos que a humanidade pudesse compreender, o meio de se chegar à presença divina. A oração, mesmo em sua mais elevada manifestação, tem um caráter finito e circunstancial, pois os que entram por ela na presença de Deus — santo e infinito — nada mais são que pecadores. A questão que se nos levanta é a seguinte: Como ocorre essa conexão aparentemente impossível e paradoxal entre o pecaminoso e o santo? Nem pelo mais engenhoso esquema alguém poderia aplacar ou escapar do julgamento de um Deus santo. Nenhuma de nossas "folhas de figueira" poderia resistir ao "fogo consumidor". Ninguém é digno de aproximar-se dEle. Então, como poderemos nós, que por natureza temos a tendência de nos afastar de Deus, virmos a nos aproximar dEle?

Esse caminho foi mostrado a Moisés. Instruído por Deus, ele recebeu algo como um mapa de estrada, uma cópia do plano, um padrão, explicando o caminho até à presença do Santo: "Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou" (Hb 8.5).

O Tabernáculo no deserto atendia ao desígnio de Deus, mostrando, passo a passo, o caminho para o Santo dos Santos, onde a presença gloriosa de Deus se manifestava. Ele era armado no meio do acampamento da congregação de Israel. Cada tribo tinha sua localização previamente marcada nos lados leste, sul, oeste e norte (cf. Nm 2.1-31),

exceto a de Levi. Os levitas, que exerciam uma função sagrada, eram dispostos ao redor do Tabernáculo, isolando-o das demais tribos: "Mas os levitas assentarão as suas tendas ao redor do tabernáculo do Testemunho, para que não haja indignação sobre a congregação dos filhos de Israel; pelo que os levitas terão o cuidado da guarda do tabernáculo do Testemunho" (Nm 1.53).

A leste do Tabernáculo, acampavam-se Moisés e Arão, com seus filhos: "E os que assentarão as suas tendas diante do tabernáculo, ao oriente, diante da tenda da congregação, para a banda do nascente, serão Moisés e Arão, com seus filhos, tendo o cuidado da guarda do santuário, para guarda dos filhos de Israel; e o estranho que se chegar morrerá" (Nm 3.38).

No meio do acampamento havia o Tabernáculo e, no coração do Tabernáculo, o Santo dos Santos, onde habitava a presença de Deus. Todavia, embora Deus estivesse no centro de tudo, um israelita comum não podia aproximar-se dEle diretamente; o acesso à presença de Deus só era possível por meio de um intermediário e de um sacrifício de sangue. Esse acesso, para qualquer israelita, exigia a presença de três elementos humanos: a congregação, o sacerdócio em geral e o sumo sacerdote. Membros individuais da congregação traziam animais à porta do Tabernáculo, no lado oriental, evidenciando seu desejo de adorar a Deus, que estava no meio deles, bem como reconhecendo sua própria condição de pecado e a dependência aos sacrifícios de sangue como expiação. Os sacerdotes levíticos estavam encarregados de oferecer "dons e sacrifícios" (cf. Hb 9.9), incluindo tanto os sacrifícios diários como os voluntários, e também o serviço no Tabernáculo. Mas somente o sumo sacerdote podia fazer a expiação definitiva e comparecer na presença de Deus, e isso somente uma vez por ano. (O diagrama provê uma compreensão básica do Tabernáculo, sua posição, e o caminho para Deus, passo a passo.)

1. As tendas dos israelitas em geral estavam ao redor do tabernáculo, mas conservavam certa distância: "Os filhos de Israel assentarão as suas tendas, cada um debaixo da sua bandeira, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, defronte da tenda da congregação, assentarão as suas tendas" (Nm 2.2). A expressão "defronte", usada por Almeida, em algumas traduções está registrada como "à distância". Isso, no mínimo, implica numa certa separação entre a congregação e seu Deus. Por causa de seu estado pecaminoso, o povo não podia chegar mais perto que a entrada do átrio, a menos que estivesse trazendo algum sacrifício. Só neste caso, tanto homens quanto mulheres podiam chegar à entrada do Tabernáculo. Violar essa regra era provocar Deus à ira.

2. A entrada para o Tabernáculo era reservada aos sacerdotes levíticos, incluindo o sumo sacerdote. Assim que entravam no átrio,

encontravam o altar de bronze onde, para si mesmos, deveriam fazer um sacrifício de sangue, antes que pudessem ir adiante.

3. O altar de bronze exigia sacrifício. O bronze desse altar (uma liga de cobre e estanho) simbolizava o julgamento divino (veja a serpente de bronze, em Nm 21.9). Antes que a humanidade pecaminosa ousasse aproximar-se do Deus santo, seu pecado tinha de ser devidamente resolvido. A pena imposta pelo pecado era a morte — dos transgressores ou de um substituto aceitável.

> Esse completo sacrifício na forma de holocausto... servia como solene proclamação de que todo homem é profundamente culpado diante de Deus e jamais poderá aproximar-se dEle ou obter seu favor, exceto pelo sangue e a obra completa de expiação. Sangue! Sangue! Sangue! É o clamor perpétuo e severo da Lei contra todo violador de seus preceitos; e, enquanto esse grito não for calado e a demanda não for satisfeita, ninguém pode ver a face de Deus e viver (Joseph A. Seiss, *Gospel in Leviticus,* Filadélfia: Lindsay e Blakiston, 1860; reimpressão, Grand Rapids: Kregel Publications, 1981, pp. 29,30).

4. O lavatório mostra a necessidade de purificação. Depois de passar pelo altar de bronze, antes ainda de chegar ao Lugar Santo, cada sacerdote encontrava o lavatório (também chamado de bacia ou pia), recoberto com bronze polido — extraído dos espelhos das mulheres (cf. Êx 38.8). Com o propósito de refletir qualquer impureza ou contaminação, a pia era um lugar de purificação necessária e perpétua. Todo sacerdote tinha de se lavar antes de entrar no lugar de comunhão, adoração e oração.

5. O Lugar Santo continha três itens: a) a mesa dos pães da proposição (a mesa de ouro onde ficavam os pães que simbolizavam a presença daquEle que é o Pão da Vida), b) o castiçal de ouro, representando aquEle que ilumina nossa vereda na direção de Deus; e c) o altar de ouro para o incenso, na extremidade do Lugar Santo, perto do véu, tipificando as orações que são elevadas a Deus por seu povo, além de nosso acesso à sua presença, por meio das orações e dos louvores.

Os sacerdotes levíticos, excetuando o sumo sacerdote, não ousavam ultrapassar esse ponto. Eles podiam oferecer sacrifícios, podiam lavar-se, podiam participar dos pães da proposição, podiam queimar incenso; mas não podiam ir além do véu da separação.

6. O Santo dos Santos era o mais santo de todos os lugares, habitado pelo próprio Deus. Para os israelitas, representava a evidência final da presença de Deus. Os descendentes de Adão — que mesmo depois da queda conservam a imagem de Deus (Gn 9.6) e, portanto, são capazes de ter comunhão com Ele — jamais podem encontrar satisfação completa, nem experimentar plenamente a alegria, sem um efetivo retorno àquela posição onde a presença de Deus enriquecia a

relação entre Criador e criatura. No entanto, para os pecadores, o lugar do "fogo consumidor" sempre será um dos mais temidos. O papel do tabernáculo terrestre apontava para a frente, prevendo o futuro acesso do povo escolhido à própria presença de Deus. Isso é descrito na Epístola aos Hebreus:

> Mas, no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez por ano, não sem sangue, que oferecia por si mesmo e pelas culpas do povo; dando nisso a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário não estava descoberto, enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo (Hb 9.7,8).

Embora Deus tivesse provido, no padrão do Tabernáculo, um profundo esquema sobre como chegar a Ele, seus filhos no deserto nunca desfrutaram do acesso que experimentamos hoje em dia. Eles tinham apenas a sombra; nós, a realidade. Eles tinham o tipo; nós, o cumprimento desse tipo.

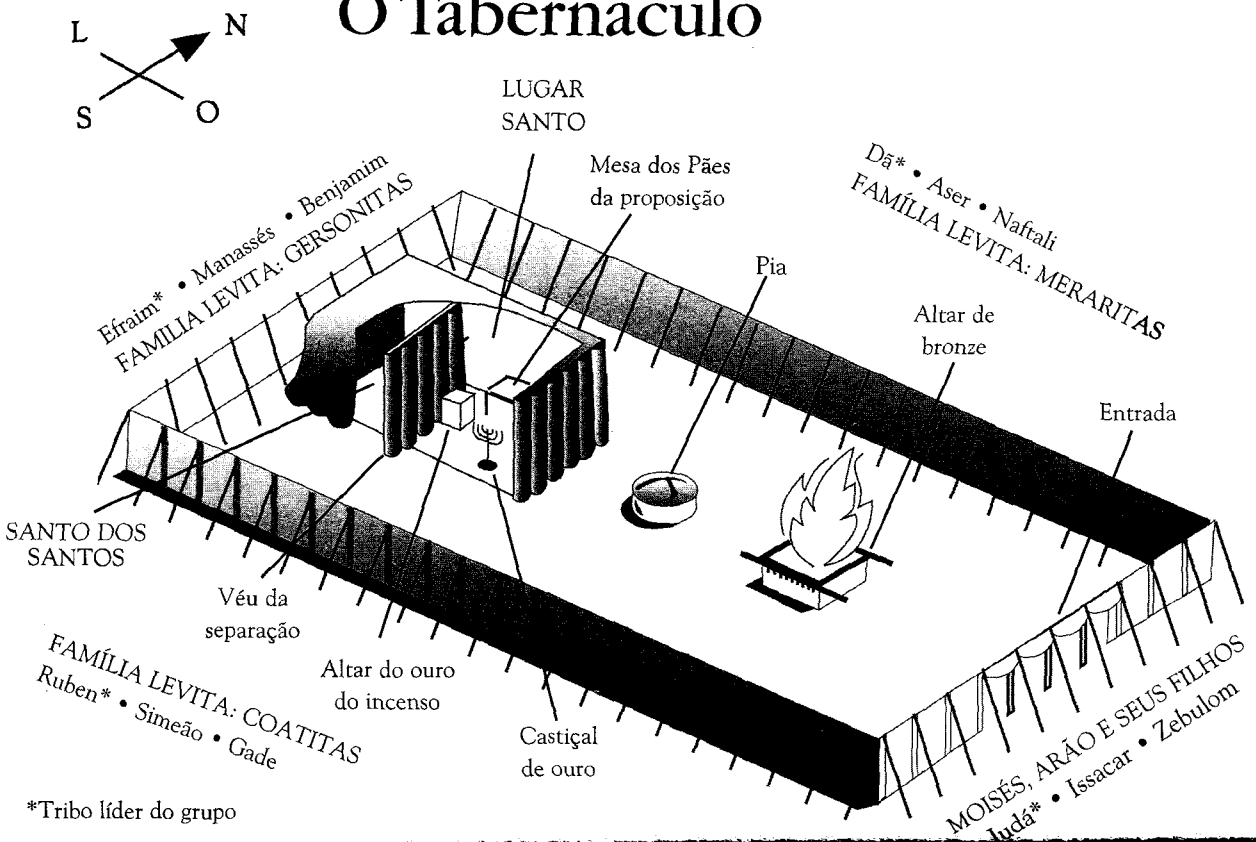
> Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa (Hb 10.19-22).

Felizes são os seguidores de um líder acostumado a orar. Quando o Senhor o estiver usando em algum posto de liderança espiritual, tenha sempre a oração como sua prioridade mais alta. Concluindo este capítulo dedicado a esse gigante da oração do Antigo Testamento, medite na oração dele em Deuteronômio, como agradecimento (cap. 26) e na forma de cântico (caps. 32 e 33).

Perguntas para Estudo

1. Por que algumas orações de Moisés não foram logo respondidas?
2. O que caracterizava as intercessões de Moisés?
3. Por que algumas orações de Moisés não foram respondidas do jeito que ele queria?
4. Que lições você aprendeu sobre a oração e o acesso a Deus, estudando o Tabernáculo e seus móveis?
5. Em que ocasiões não deveríamos orar?
6. Por que razão os líderes espirituais devem ter a oração como prioridade?

O Tabernáculo



*Tribo líder do grupo

Capítulo Três

O Período de Josué ao Rei Saul

Sob as ordens de Josué, Israel entrou na Terra Prometida e a subjugou, dividindo-se o território entre as tribos. Cada tribo, pois, deveria completar a conquista do território que lhe fora demarcado. Entretanto, após a morte de Josué e do resto de sua geração, "outra geração após eles se levantou, que não conhecia o Senhor, nem tampouco a obra que fizera a Israel" (Jz 2.10). Em outras palavras, eles sabiam acerca do Senhor e da travessia do mar Vermelho, além de outros milagres, mas não tinham experiência própria acerca do Senhor e do seu grande poder. Isso implica em: 1) falta de comunhão com Deus e 2) ausência de oração.

Como resultado, as tribos caíram de sua firmeza, voltaram-se para a idolatria com seus padrões imorais e, sem uma piedosa liderança, "cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos" (Jz 17.6; 21.25). Isso precipitou o julgamento divino, fazendo-os amargar derrotas e sujeitar-se à tirania estrangeira. Quando, porém, o povo de Israel se arrependia e clamava ao Senhor, pedindo ajuda, Deus respondia às suas orações e dava-lhes um juiz como libertador. Porém, morrendo o juiz, o povo retornava à idolatria. Esse ciclo repetiu-se vezes sem conta, até que Samuel finalmente uniu as tribos. Suas orações trouxeram um grande período de reavivamento e vitória (cf. 1 Sm 7.3,5,12,13).

Depois dele, o rei Saul tentou estabelecer o reino, mas fracassou. De fato, ele perdeu grande parte do que fora ganho sob Josué. O período inteiro, de Josué ao rei Saul, mostrou-se repleto de altos e baixos espirituais. Mas Deus sempre se fazia presente quando os israelitas se voltavam, arrependidos, e buscavam sua ajuda em oração.

Josué

Embora Josué tenha se tornado o sucessor imediato de Moisés, não parece ter sido um homem de oração como Moisés. Que ele orava, não se pode duvidar, mas parece que se lançava mais à ação que à oração

propriamente dita: "Como ordenara o Senhor a Moisés, seu servo, assim Moisés ordenou a Josué; e assim Josué o fez; nem uma só palavra tirou de tudo o que o Senhor ordenara a Moisés" (Js 11.15).

Pelo menos numa ocasião, a ausência de oração da parte de Josué resultou num problema de conseqüências duradouras para Israel. Faltando-lhe sabedoria e cuidado, Josué entrou em acordo com os homens de Gibeão: "Então, aqueles homens israelitas tomaram da sua provisão e não pediram conselho à boca do Senhor" (Js 9.14).

Apesar disso, seria injusto dizer que Josué não orou. Seu primeiro encontro registrado com Jeová foi no início de seu novo papel como comandante-em-chefe de Israel. A iniciativa parece ter sido totalmente do Senhor, pois não há registro de que Josué tenha feito qualquer petição na oportunidade (cf. Js 1.1-9). Não obstante, o ato de ouvir é uma parte vital da oração. O bom ouvinte com certeza terá menos petições a fazer, pois evitará situações que exijam maiores clamores.

A primeira oração do sucessor de Moisés, uma oração de reconhecimento, está registrada em Josué 5.13-15:

> E sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os seus olhos, e olhou; e eis que se pôs em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; e chegou-se Josué a ele, e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos inimigos? E disse ele: Não, mas venho agora como príncipe do exército do Senhor. Então, Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu Senhor ao seu servo? Então disse-lhe o príncipe do exército do Senhor a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.

A totalidade da oração de Josué, nessa instância, fica registrada em duas perguntas: "És tu dos nossos ou dos nossos inimigos?" e também: "Que diz meu Senhor ao seu servo?" E as respostas recebidas fazem parte de uma revelação. A resposta à primeira pergunta parece ter sido: "Não é questão se sou deste ou daquele, mas de quem é por mim". Os problemas entre os filhos de Deus são melhor resolvidos se estes deixarem de tomar partido uns contra os outros, escolhendo antes o lado do Senhor.

A segunda pergunta revela o coração de Josué. Ele estava pronto para obedecer — de fato, a ser o servo do Senhor — e foi aceito (v. 15). Ao dizer a Josué que tirasse suas sandálias, o visitante divino estava querendo dizer: "Reconhece aquEle na presença de quem tu estás". Não há instrução mais elevada do que essa para quem pretende ser, verdadeiramente, seu servo.

A próxima oração registrada de Josué foi impulsionada pela derrota de Israel em Ai.

> Então, Josué rasgou as suas vestes e se prostrou em terra sobre o seu rosto perante a arca do Senhor até à tarde, ele e os anciãos de Israel; e deitaram pó sobre as suas cabeças. Disse Josué: Ah! Senhor Jeová! Por que, com efeito, fizeste passar a este povo o Jordão, para nos dares nas mãos dos amorreus, para nos fazerem perecer? Tomara nos contentáramos com ficarmos dalém do Jordão. Ah! Senhor! Que direi, pois Israel virou as costas diante dos seus inimigos? Ouvindo isso, os cananeus e todos os moradores da terra nos cercarão e desarraigarão o nosso nome da terra; e, então, que farás ao teu grande nome? (Js 7.6-9)

A observação de Paulo a respeito da oração cabe perfeitamente dentro das circunstâncias de Josué: "Não sabemos o que havemos de pedir como convém" (Rm 8.26). A completa humildade de Josué e dos anciãos de Israel, em face de circunstâncias desesperadoras, é a mais recomendável possível, mas lançar em Deus a culpa por sua sorte foi algo extremamente insensato. Quão turva é a nossa visão humana! Quão pobre é a nossa percepção! Quão tolo é lançar em Deus a culpa!

A opinião de Josué quanto ao que diriam aos adversários de Israel sobre a derrota do povo de Deus era exata. E seu zelo pelo nome do Senhor era admirável. Porém, seu julgamento da causa pelo desastre foi bastante equivocado. O Senhor, entretanto, não o repreendeu por sua oração faltosa. Embora nem sempre possamos orar com uma devida compreensão dos fatos, Deus é honrado quando oramos e honra também as nossas orações, fazendo os ajustes necessários em nosso curso.

Há tempo em que tudo a fazer é orar. Mas há ocasiões em que a oração não é tudo. Às vezes falta-nos a solução para um determinado problema, mesmo orando. Mas, ainda neste caso, a oração pode esclarecer quanto ao que deve ser feito para que o problema seja resolvido: "Então, disse o Senhor a Josué: Levanta-te! Por que estás prostrado assim sobre o teu rosto? Israel pecou..." (Js 7.10,11) O pecado trouxera-lhes a derrota; a vitória dependia de julgar o pecado onde quer que fosse encontrado (cf. Js 7.13-8.1;Tg 5.16).

Uma outra oração de Josué provocou interrupção no curso da natureza. Poucos mortais têm produzido, mediante a oração, efeitos como aquele registrado em Josué 10.12-14:

> Então, Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus na mão dos filhos de Israel, e disse aos olhos dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom. E o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos... O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. E não houve dia semelhante a este,

> nem antes nem depois dele, ouvindo o Senhor, assim, a voz de um homem; porque o Senhor pelejava por Israel.

A resposta divina à oração de Josué mostra até onde Deus está disposto a deixar-se envolver na batalha contra o mal. Se necessário for, Ele pode até sustar o movimento permanente do Universo a fim de assegurar a derrota do inimigo. Quanto encorajamento e ânimo na fé para todos os que, pela oração, engajam-se na guerra espiritual!

Débora

As mulheres desempenharam um papel significativo na história de Israel. E ninguém foi mais proeminente do que Débora, cujo nome, devidamente traduzido, significa "abelha". Como tal, era dotada de "um ferrão para seus inimigos, porém cheia de mel para os amigos" (cf. Herbert Lockyer, *All the Prayers*, p. 54).

A oração pode assumir qualquer forma, desde petições bem articuladas até "gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26). A oração registrada de Débora não se ajusta bem à definição de oração, sendo antes uma canção de louvor que recorda os poderosos feitos de Deus. No entanto, considerada como oração, ela fornece uma fórmula que inspira tremendamente a fé. Toda pessoa que ora obtém grande proveito quando se lembra das muitas coisas que Deus tem realizado — pelo seu Reino e pelo seu povo.

> E cantou Débora e Baraque, filho de Abinoão, naquele mesmo dia, dizendo: Porquanto os chefes se puseram à frente em Israel, porquanto o povo se ofereceu voluntariamente, louvai ao Senhor. Ouvi, reis; dai ouvidos, príncipes; eu, eu cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor, Deus de Israel (Jz 5.1-3).

Gideão

Durante o período dos juízes, os israelitas não estavam servindo ao Senhor de uma maneira consistente. Podemos ver na história desse período um ciclo se repetindo onde, por algum tempo, eles o serviam fervorosa e fielmente, até obter as bênçãos do Senhor — prosperidade e triunfo sobre o inimigo —, então retrocediam. A bonança não permanecia muito tempo, pois logo se afastavam dos mandamentos do Senhor, dando-se inclusive à prática da idolatria e de outras malignidades. Em conseqüência, vinha o castigo de Deus, e eles tinham de suportar derrotas e jugos servis (veja, por exemplo, Jz 6.1) até que novamente se arrependessem e implorassem do Senhor a libertação.

O trato de Deus com Gideão foi uma resposta direta ao clamor desesperado de Israel durante um período de servidão estrangeira.

A palavra do anjo a Gideão — "O Senhor é contigo, varão valoroso" (Jz 6.12) — não fazia sentido para o jovem agricultor que, timidamente, malhava o trigo na segurança de um lagar.

> Mas Gideão lhe respondeu: Ai, senhor meu, se o Senhor é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o Senhor subir do Egito? Porém, agora, o Senhor nos desamparou, e nos deu na mão dos midianitas. Então, o Senhor olhou para ele e disse: Vai nesta tua força e livrarás a Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu? E ele lhe disse: Se agora tenho achado graça aos teus olhos, dá-me um sinal de que és o que comigo falas. Então, viu Gideão que era o Anjo do Senhor; e disse Gideão: Ah! Senhor Jeová, que eu vi o Anjo do Senhor face a face (Jz 6.13,14,17,22).

A oração de Gideão foi resultado da lembrança que herdara de seus pais e do anelo pelo retorno à condição privilegiada de antes. Igualmente, incluía um senso de incapacidade e indignidade (cf. Jz 6.15). Ele exprimiu todo seu desconcerto a Deus, de modo franco e aberto. A humildade e a honestidade de Gideão eram como uma luz brilhando nas trevas de Israel. Percebendo estar ele consciente da sua própria condição humilhante, Deus o selecionou para uma grande missão. A autoconfiança pode ser o maior inimigo de quem precisa aprender a depender de Deus.

O pedido de Gideão — "Dá-me um sinal" (Jz 6.17) — pode parecer, à primeira vista, um tanto indigno. A insistência de Gideão para que Deus lhe desse um sinal, todavia, era mais o resultado de um caráter desconfiado do que uma conseqüência da falta de fé. Ele precisava estar certo de que o Senhor é quem realmente o estava dirigindo e que não era vítima de alguma ilusão ou alucinação.

Imagine só o terror que tomou conta de Gideão quando percebeu que se confrontara, verdadeiramente, com Deus (cf. Jz 6.22). Ainda assim, Deus não se revela além do que possamos suportar. Por isso, o Senhor lhe disse: "Paz seja contigo; não temas, não morrerás" (Jz 6.23). A magnitude dessa revelação era em si própria uma avaliação a que Deus estava submetendo Gideão. No ato, ele construiu um altar ao Senhor, chamando-o de *Jeová-Shalom* ("O Senhor é paz"), apregoando que Deus estava em paz com ele.

Não há dúvida de que ele obteve uma percepção mais ampla de Deus depois de ouvi-lo bradar: "Paz!" Logo aquela sensação de que Deus abandonara Israel caiu por terra. O altar era uma evidência da nova relação que passou a desfrutar com o Senhor, o Deus de quem até então só conhecia de ouvir falar.

O velo de lã que Gideão pôs na eira não era um artifício para descobrir a vontade de Deus. Ele já a conhecia; simplesmente, queria mais segurança. Embora o pedido de Gideão tenha sido honrado por Deus, o "velo tem sido aplicado sem sabedoria por cristãos bem intencionados, porém mal orientados, que o usam em substituição à inequívoca Palavra de Deus".

> Eis que eu porei um velo de lã na eira; se o orvalho estiver somente no velo, e secura sobre toda a terra, então, conhecerei que hás de livrar Israel por minha mão, como tens dito. E assim sucedeu; porque, ao outro dia, se levantou de madrugada, e apertou o velo, e do orvalho do velo espremeu uma taça cheia de água. E disse Gideão a Deus: Não se acenda contra mim a tua ira, se ainda falar só esta vez; rogo-te que só esta vez faça a prova com o velo; rogo-te que só no velo haja secura, e em toda a terra haja o orvalho. E Deus assim o fez naquela noite, pois só no velo havia secura, e sobre toda a terra havia orvalho (Jz 6.37-40).

Para Gideão aquele era um pedido justo, e Deus o honrou. Para nós, uma petição similar poderia trazer perigo e desencaminhar muita gente. Imagine o dilema que Gideão estava enfrentando! Ele estava sendo solicitado a liderar uma revolta contra a autoridade dos governantes midianitas. A princípio, parece muito natural Deus querer libertá-los daquela opressão estrangeira. Mas Israel pecara, e a invasão do inimigo nada mais era que a pena prevista. Durante sete anos, Israel suportara o julgamento divino (cf. Jz 6.1-6). Como Gideão poderia ter certeza de que era Deus quem o estava encorajando a uma atitude que, de outra forma, poderia ser interpretada como resistência à autoridade do próprio Deus? Afinal, não fora Ele que impusera sobre seu povo a paga pela desobediência? Nestes casos, quando sentimos que Deus está nos guiando numa direção pouco comum, ou quando Ele pede que façamos algo contrário ao bom senso ou que foge ao seu modo usual de agir, um ato como o de Gideão é cabível e justificável.

Em outras palavras, quando Gideão depositou no chão o seu velo de lã, ele já sabia o que Deus lhe pedira para fazer (cf. Jz 6.14). Mas foi-lhe difícil crer naquilo que acabara de ouvir. Será que Deus estava realmente falando com ele? Não seria sua imaginação? Afinal, aquilo era exatamente o que muitos jovens hebreus sonhavam em fazer — livrar Israel do domínio dos midianitas. Será que Deus, que dera autoridade tanto aos gentios como aos líderes hebreus, estava mesmo lhe pedindo para se opor à autoridade delegada? Deus usaria uma pessoa tão fraca e sem importância como ele? Com todas essas razões para questionar a validade das instruções divinas que recebeu, o uso do velo de lã atendia a um propósito legítimo. Embora possam existir

exemplos similares de intervenção divina nos dias de hoje, o Novo Testamento estabelece outras diretrizes para se descobrir a vontade de Deus, valendo-se para isso tanto de exemplos como de preceitos que são, de um modo geral, dirigidos à Igreja.

Jabez

As Escrituras registram muito pouco a respeito de Jabez. O trecho de 1 Crônicas 4.9 chama-o de "mais ilustre do que seus irmãos", mas para obtermos um discernimento maior sobre ele devemos depender de sua única oração que ficou registrada.

> Porque Jabez invocou o Deus de Israel, dizendo: Se me abençoares muitíssimo e meus termos amplificares, e a tua mão for comigo, e fizeres que do mal não seja aflito!... E Deus lhe concedeu o que lhe tinha pedido (1 Cr 4.10).

O modo como as pessoas oram, e não quem são ou deixam de ser, é que lhes permite obter a atenção e a resposta celestiais. A oração de Jabez é simples e, no entanto, direta, reconhecendo que Deus é a fonte de qualquer bênção ou sucesso pessoal. Ficamos impressionados diante da atitude e do espírito piedosos de Jabez, evidentes em suas quatro intensas petições.

Pedindo a bênção de Deus. Deveríamos cobiçar a bênção de Deus e entesourá-la mais do que o ouro (cf. Gn 32.26; Pv 10.22).

Pedindo alargamento de território. Todos deveriam desejar posteridade, influência e discípulos espirituais (cf. 1 Ts 2.19). Oportunidades maiores de trabalho devem ser vistas como respostas possíveis a essa oração.

Pedindo capacidade. Todos deveriam buscar intensamente a direção de Deus em suas atividades e também a capacitação que vem da sua mão em qualquer empreendimento ou realização (cf. Gn 24.12-14; At 4.29,30).

Pedindo para estar livre do mal e de suas conseqüências. Todos os homens deveriam clamar a Deus pedindo libertação das aflições e dos efeitos perversos do mal (cf. Mt 6.13; 1 Ts 4.3,4).

Jefté

A oração de Jefté deveria fazer soar um alarma para todo aquele que ora. Fazer um voto a Deus não é uma parte incomum das orações. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, o voto é um compromisso, uma promessa feita a Deus, nunca a uma pessoa humana. É sempre uma expressão voluntária da fé, e não um suborno. O voto contido na oração de Jefté expressa uma devoção e um compromisso incomuns.

Jefté fez um voto ao Senhor: "Se totalmente deres os filhos de Amom na minha mão, aquilo que, saindo da porta de minha casa, me sair ao encontro, voltando eu dos filhos de Amom em paz, isso será do Senhor, e o oferecerei em holocausto" (Jz 11.30,31).

Não é inconseqüente fazer uma promessa a Deus, mas nunca levianamente e sem que seja ponderada antes. O voto de Jefté, embora com a melhor das intenções e o propósito de honrar a Deus, falhou em considerar devidamente as possíveis eventualidades. Ele ficou chocado quando sua filha foi a primeira a sair porta afora. Há muito debate sobre como Jefté cumpriu o seu voto. Alguns acreditam que naqueles dias negros, Jefté realmente sacrificou sua filha. Entretanto, Leon Wood oferece argumentos bastante convincentes para mostrar que Jefté "ofereceu-a no sentido de devotá-la para o serviço contínuo do tabernáculo e para o celibato perpétuo" (Leon Wood, *Distressing Days of the Judges,* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975, pp. 287-95).

Manoá

A preocupação natural de um pai cristão deve ser a nutrição espiritual e o desenvolvimento saudável de seus filhos e filhas. A oração de Manoá deveria ser imitada por todos os que pensam em ser pai.

> Então Manoá orou instantemente ao Senhor e disse: Ah! Senhor meu, rogo-te que o homem de Deus, que enviaste, ainda venha para nós outra vez e nos ensine o que devemos fazer ao menino que há de nascer. Então disse Manoá: Cumpram-se as tuas palavras; mas qual será o modo de viver e serviço do menino? (Jz 13.8,12)

Essa oração foi explicitamente respondida (cf. Jz 13.13,14). Os pais que sinceramente desejam agradar a Deus e criar seus filhos para honrá-lo, são aconselhados a orar exatamente conforme Manoá orou: "E nos ensine o que devemos fazer ao menino que há de nascer" (Jz 13.8); "Qual será o modo de viver e serviço do menino?" (Jz 13.12)

Sansão

Por mais estranho que pareça, só há um relato bíblico de oração da parte deste juiz de Israel, antes daquela petição que fez no momento da sua morte. Depois de matar cerca de mil filisteus com a queixada de um jumento, um sedento e exausto Sansão clamou ao Senhor: "Pela mão do teu servo tu deste esta grande salvação; morrerei eu, pois, agora de sede e cairei na mão destes incircuncisos?" (Jz 15.18)

Eis aí um homem cujo registro dos atos de heroísmo é tão surpreendente que até hoje seu nome é citado como um sinônimo de força sobre-

humana. Eis aí uma pessoa dotada de uma fé tão notável que conquistou um lugar no famoso capítulo da fé de Hebreus (11.32). No entanto, Sansão também foi alguém cuja vida pessoal desregrada lhe trouxe vergonha, cegueira e servidão. Perguntamos, boquiabertos: Por quê? Quem sabe seu silêncio na oração o teria levado à queda?

Sansão sabia como ceder terreno ao Espírito de Deus. Sabia igualmente como exercer uma fé incomum. Mas não sabia como subjugar suas próprias paixões carnais, e fica claro que ele falhou em se valer do recurso disponível da oração. Pois, no fim, "ele não sabia que já o Senhor se tinha retirado dele" (Jz 16.20). Jesus conhecia as fraquezas da natureza humana quando disse aos seus discípulos: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). Que todo crente em Deus preste atenção!

Finalmente, suas últimas palavras foram dirigidas a Deus. Ele fracassara miseravelmente, mas não ignorava qual era de fato a fonte de suas forças.

> Então, Sansão clamou ao Senhor e disse: Senhor Jeová, peço-te que te lembres de mim e esforça-me agora, só esta vez, ó Deus, para que de uma vez me vingue dos filisteus, pelos meus dois olhos. E disse Sansão: Morra eu com os filisteus! (Jz 16.28,30)

O castigo de Deus fora amargo, mas no fim resultou num fruto pacífico de justiça (cf. Hb 12.11). A terrível cegueira, o cativeiro, a servidão e a humilhação da prisão em Gaza pressionaram ao arrependimento o poderoso juiz de Israel, e a uma renovação de seu relacionamento com Deus — a quem fora separado desde o ventre da sua mãe. E, uma vez mais, ele ergueu-se a uma posição de utilidade. Agora, na sua morte, ele podia orar com eficácia e impor uma fragorosa derrota aos inimigos de Deus, maior ainda do que todas as outras que obtivera em vida. A oração continua sendo a chave para a renovação e a restauração, em todos os sentidos.

Os Filhos de Israel

Até agora, nossa atenção tem estado sobre orações individuais. Mas algumas orações coletivas de Israel ficaram registradas, e devemos notá-las. As passagens que citamos abaixo deveriam ser lidas contra o pano de fundo de Juízes 19 e 20, quando Israel buscava a orientação de Deus para combater a imoralidade tribal de Benjamim.

> E levantaram-se os filhos de Israel, e subiram a Betel, e perguntaram a Deus, e disseram: Quem dentre nós subirá primeiro a pelejar contra Benjamim? E disse o Senhor: Judá subirá primeiro. [Após terem sido derrotados pelos benjamitas, os israelitas torna-

> ram a orar.] E subiram os filhos de Israel e choraram perante o Senhor até à tarde, e perguntaram ao Senhor, dizendo: Tornar-me-ei a chegar à peleja contra os filhos de Benjamim, meu irmão? E disse o Senhor: Subi contra ele. [Após outra grande derrota, os israelitas jejuaram e inquiriram a Deus.] Sairei ainda mais a pelejar contra os filhos de Benjamim, meu irmão, ou pararei? E disse o Senhor: Subi, que amanhã eu to entregarei na mão (Jz 20.18,23,28).

O fracasso, após termos aparentemente recebido um senso de direção da parte do Senhor, em resposta à oração, não é estranho à experiência dos filhos de Deus, por mais incompreensível que se nos pareça. Nessas ocasiões, não deveríamos acusar precipitadamente a Deus, mas inquiri-lo com mais intensidade, inclusive com choro e jejum. Dessa maneira, o fracasso pode se tornar um meio de se obter um sucesso ainda mais estrondoso, como aconteceu a Israel (cf. Jz 20.46).

Numa análise superficial, tanto as orações de Israel como as respostas iniciais de Deus soam realmente como algo estranho. Após uma primeira derrota, eles voltam a perguntar: "Tornar-me-ei a chegar à peleja contra os filhos de Benjamim, meu irmão?" A resposta positiva de Deus acabou levando-os a uma segunda derrota. A coisa parecia cada vez mais misteriosa e contrária ao caráter de Deus. Deveríamos entender que os seus propósitos não estão sujeitos a julgamentos humanos. Na economia de Deus talvez houvesse a necessidade de eles aprenderem a depender completamente dEle; ou então Deus pode ter visto algo (um fermento velho) nos israelitas, bem como nos benjamitas, que precisava ser expurgado, a fim de que toda a massa não fosse contaminada (cf. 1 Co 5.5-7). É somente através da capacidade dada por Deus que seu mais elevado propósito pode ser realizado.

> Veio, pois, o povo a Betel, e ali ficaram até à tarde diante de Deus, e levantaram a sua voz, e prantearam com grande pranto. Disseram: Ah! Senhor, Deus de Israel, por que sucedeu isto em Israel, que hoje falte uma tribo em Israel? (Jz 21.2,3).

A grande tristeza e aflição diante da sorte de Benjamim mostra a preocupação do restante de Israel acerca do vínculo que havia entre as 12 tribos, mediante aliança. O que fizeram para garantir esposas para os benjamitas restantes pode até nos parecer cruel, mas eles sentiram ser aquela uma medida necessária. Além disso, a Bíblia ressalta que aquilo não acontecera por orientação de Deus: "Naqueles dias, não havia rei em Israel, porém cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos" (Jz 21.25).

Ana

A oração de Débora, conforme já vimos, assumiu a forma de magnificação e exaltação do nome do Senhor, um cântico de comemoração, seguindo a linha de Miriã (veja o capítulo 2). Já as palavras de Ana são mais prontamente reconhecidas como uma oração. Certa fonte informativa, inclusive, identifica a oração de Ana como "o primeiro exemplo registrado [na Bíblia] de oração feita por uma mulher" (Lockyer, *All the Prayers,* p. 60).

Embora muitas outras mulheres piedosas tenham se engajado na oração, desde os tempos mais remotos, é possível que a oração de Ana tenha sido registrada mais por suas conseqüências do que por qualquer outra razão. Sua oração gerou um dos mais influentes profetas de Israel, Samuel, que se tornou o agente de Deus na seleção e unção do incomparável rei Davi.

> Ela, pois, com amargura de alma, orou ao Senhor e chorou abundantemente. E votou um voto, dizendo: Senhor dos Exércitos! Se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, mas à tua serva deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha. Ana, no seu coração, falava, e só se moviam os seus lábios, porém não se ouvia a sua voz; pelo que Eli a teve por embriagada (1 Sm 1.10,11,13).

O mais profundo desejo do coração constitui, às vezes, o meio de Deus efetuar seu propósito. De um lado, havia uma mulher sem filhos que se consumia de tristeza: Ana; de outro, estava o Senhor, prestes a enviar a Israel um profeta que haveria de alterar para sempre a história daquele povo. Uma oração sem palavras audíveis foi o elo de ligação entre as duas partes.

Choro e oração, lágrimas e triunfo, freqüentemente andam de mãos dadas. A respeito de Jesus, o mais destacado homem de oração entre todos, diz a Escritura: "O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas, ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia" (Hb 5.7). As lágrimas delatam a angústia da alma e a intensidade do choro. Essa combinação de fatores sempre arranca uma resposta de Deus, que é compassivo (cf. 2 Rs 20.5).

Na oração de Ana há um misto de petições e promessa, quase uma santa barganha: "Se quiseres, se me deres, se... então eu o darei a ti". Não foi um escambo barato. A intensidade da alma pode ser medida pelo sacrifício que estiver disposta a fazer a fim de ver satisfeito o seu desejo.

O que caracterizou a oração de Ana foi o fato de que "só se moviam os seus lábios, porém não se ouvia a sua voz" (1 Sm 1.13).

As lágrimas lhe desciam dos olhos, mas a oração subia do fundo de seu coração. Esse é o primeiro exemplo de oração mental ou silenciosa. Daí notamos que a eficácia da oração não depende do volume de voz de quem apresenta sua petição. Deus, "que vê o que está em oculto" (Mt 6.6), não precisa ser despertado por nosso vozerio para nos dar atenção. O que Ele quer ver em nós é um desejo intenso da alma. Naturalmente, esse desejo pode expressar-se também por gritos e clamores em alto e bom som (cf. Mc 10.46,47). Embora Ana não tivesse dado voz alta à sua oração, ela certamente articulava sua aflição na mente, visto que disse a Eli, o sumo sacerdote: "Da multidão dos meus cuidados e do meu desgosto tenho falado até agora" (1 Sm 1.16).

Mas aquela mulher não ficou sem resposta (cf. 1 Sm 1.17,18), começando por uma palavra de ânimo, inspirada por Deus, da boca de Eli: "Vai em paz, e o Deus de Israel te conceda a tua petição que lhe pediste" (1 Sm 1.17). Todos quantos oram podem aprender com o exemplo de Ana. Ela não precisava de qualquer evidência tangível para crer; bastava-lhe uma palavra de confiança: "E o seu semblante já não era triste" (1 Sm 1.18).

A fé de Ana repousou sobre essa palavra e, no devido tempo, Samuel nasceu. E sua fé, uma vez mais, pôde ser evidenciada, quando deu ao seu filho um nome cujo significado nada mais é que "o nome de Deus". Foi assim que ela honrou o nome (incluindo o caráter e a natureza) do Deus fiel que ouvira e respondera à sua oração. Expressava também com esse gesto o desejo de que seu filho tivesse nome e caráter piedosos.

Nem toda oração precisa ser uma petição. A segunda oração começou na forma da mais elevada exaltação ao Senhor, culminando numa inspirada declaração profética:

> Então, orou Ana e disse: O meu coração exulta no Senhor, o meu poder está exaltado no Senhor; a minha boca se dilatou sobre os meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação. Não há santo como é o Senhor; porque não há outro fora de ti; e Rocha nenhuma há como o nosso Deus. Não multipliqueis palavras de altíssimas altivezas, nem saiam coisas árduas da vossa boca; porque o Senhor é o Deus da sabedoria, e por ele são as obras pesadas na balança. O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz tornar a subir dela. O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta. Levanta o pobre do pó e, desde o esterco, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são os alicerces da terra, e assentou sobre eles o mundo. Os pés dos seus santos guardará, porém os ímpios ficarão mudos nas trevas; porque o homem não prevalecerá pela força. Os que contendem com o Senhor serão

> quebrantados; desde os céus trovejará sobre eles; o Senhor julgará as extremidades da terra, e dará força ao seu rei, e exaltará o poder do seu ungido (1 Sm 2.1-3,6-10).

De uma silenciosa e não-expressa petição, essa piedosa mãe israelita passou, ao que tudo indica, a um louvor alto e claro, articulando inclusive uma declaração profética que abrangia a vinda do Messias. Seu louvor nos faz lembrar o *Magnificat* de Maria (cf. Lc 1.46-55).

Samuel

Samuel era apenas uma criança quando aprendeu a orar. "Então, veio o Senhor, e ali esteve, e chamou como das outras vezes: Samuel, Samuel. E disse Samuel: Fala, porque o teu servo ouve" (1 Sm 3.10). Mas antes de Samuel entrar nesse diálogo com Deus, Eli o ensinara a orar: "Pelo que Eli disse a Samuel: Vai-te deitar, e há de ser que, se te chamar, dirás: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve" (1 Sm 3.9).

A instrução dada por Eli foi profundamente simples e profunda. Confrontou a questão central da vida — ouvir a voz de Deus ("Fala, Senhor") e obedecer-lhe ("o teu servo ouve"). Era a plataforma de lançamento para o piedoso e ilustre ministério de Samuel. Os pais crentes (como sacerdotes sobre seus próprios lares) bem poderiam abençoar seus filhos — e o mundo —, transmitindo-lhes a consciência da voz de Deus através da sua Palavra e exortando-os a responder voluntariamente à chamada divina.

Mas a mensagem de Deus não poderia ser dada ao jovem e tenro Samuel enquanto ele não reconhecesse a fonte de onde ela provinha e, para tanto, precisava de ajuda. A origem da mensagem é tão importante quanto a sua expressão. Tanto Samuel quanto Eli precisavam saber que era Deus quem realmente falava. Eli precisava ter certeza de que o relato de Samuel não procedia de uma imaginação infantil. Igualmente o menino, que fora dado ao Senhor como resultado de sua mãe ter ouvido e crido na voz de Deus, também estava instruído a responder a Deus e ouvir-lhe a voz — a resposta que lhe recomendara Eli deixava isso claro.

Assim que Samuel ouviu a voz de Deus, respondeu-lhe logo. Sua resposta mostrava que ele tinha consciência de quem lhe falava, isto é, de onde provinha a mensagem, qual era sua fonte ou origem — e isto era tudo que Deus queria. Tendo aprendido a reconhecer a voz de Deus e a comunicar-se com Ele em oração, Samuel estava preparado para assumir a grande incumbência de liderar espiritualmente a nação.

Mais tarde Samuel foi usado para trazer ao povo um poderoso reavivamento espiritual e vitória sobre os inimigos:

> Disse mais Samuel: Congregai todo o Israel em Mispa, e orarei por vós ao Senhor... jejuaram aquele dia, e disseram ali: Pecamos contra o Senhor. E julgava Samuel os filhos de Israel em Mispa. Pelo que disseram os filhos de Israel a Samuel: Não cesses de clamar ao Senhor, nosso Deus, por nós, para que nos livre da mão dos filisteus. Então, tomou Samuel um cordeiro que ainda mamava e sacrificou-o inteiro em holocausto ao Senhor; e clamou Samuel ao Senhor por Israel, e o Senhor lhe deu ouvidos (1 Sm 7.5,6,8,9).

Israel se afastara do Senhor, dirigindo sua lealdade a deuses estranhos. Os filisteus estavam prevalecendo. Não podiam obter ajuda de Deus até que seu caminho fosse corrigido. Sob a liderança de Samuel eles deram três passos: 1) jejuaram (1 Sm 7.6), 2) confessaram (1 Sm 7.6) e 3) reconheceram a necessidade de uma intervenção divina (1 Sm 7.8). A oração produz resultados muito maiores quando aqueles que oram, antes de tudo, buscam e agem de acordo com a clara e revelada vontade de Deus.

A descrição da oração de Samuel é digna de nota: "Clamou Samuel ao Senhor por Israel, e o Senhor lhe deu ouvidos" (1 Sm 7.9). Para ser eficaz, a oração não precisa ser extensa ou complicada. O que Deus espera ouvir de seus filhos é uma declaração ampla de dependência. E, quando Deus a ouve, Ele age logo (cf. 1 Sm 7.10-14).

Uma postura piedosa, entretanto, não garante isenção do desapontamento, e nem sempre assegura uma completa lealdade dos outros aos preceitos divinamente instituídos. O fato de que os filhos de Samuel "não andaram pelos caminhos dele", mas antes "se inclinaram à avareza, e tomaram presentes, e perverteram o juízo" (1 Sm 8.3), sem dúvida foi um grande desapontamento pessoal para Samuel. Some a isso o pedido dos anciãos de Israel para serem governados por um rei (cf. 1 Sm 8.5) e você começará a sentir a dor que se abateu sobre Samuel. Não obstante, ele continuou conduzindo os negócios do Senhor: "Porém essa palavra pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos julgue. E Samuel orou ao Senhor" (1 Sm 8.6).

"Foi como se o profeta tivesse agido como um mediador entre o povo e Deus, quanto ao assunto em questão; e não deixou de exercer seu ministério com a mais elevada integridade, tão fielmente quanto injuriosa era a questão diante dele mesmo. Nem por isso deixaria de agir como sempre o fizera em circunstâncias mais agradáveis" (*The Pulpit Commentary*, vol. 4 – "1 Samuel", R. Payne Smith, p. 143).

A resposta divina recebida por Samuel foi tão consoladora quanto desconcertante: "Pois [o povo] não te tem rejeitado a ti; antes, a mim me tem rejeitado" (1 Sm 8.7). Eles tinham preferido o domínio de um potentado visível e terreno, em lugar do invisível e onipotente Jeová.

Queriam a todo custo a monarquia com todos os seus males e conseqüências, em lugar da teocracia, com sua gloriosa provisão e promessa.

Em quantos negócios temerários não se mete o povo quando segue os conselhos de seu próprio coração, em lugar de buscar a direção daquEle que pode satisfazer efetivamente as suas necessidades e desejos! Israel aprenderia, mediante uma amarga experiência, quanto custa rejeitar a Deus:

> Então, invocou Samuel ao Senhor, e o Senhor deu trovões e chuva naquele dia; pelo que todo o povo temeu em grande maneira ao Senhor e a Samuel. E todo o povo disse a Samuel: Roga pelos teus servos ao Senhor teu Deus, para que não venhamos a morrer; porque a todos os nossos pecados temos acrescentado este mal, de pedirmos para nós um rei (1 Sm 12.18,19).

Uma pessoa diferente de Samuel poderia tê-los deixado naufragar em seus próprios esquemas, abandonando-os às conseqüências indesejáveis de suas próprias decisões. Mas Samuel buscou antes encorajar e consolar o povo errante, apesar da escolha insensata que haviam feito. E não se mostrou tão melindrado que deixasse de lhes prometer sua contínua oração e liderança: "E, quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor deixando de orar por vós; antes, vos ensinarei o caminho bom e direito" (1 Sm 12.23).

Samuel percebeu que estaria pecando contra o Senhor se deixasse de orar pelo povo. Mas, até onde importa se oramos ou não? Tanto quanto negligenciar a oração significa pecar contra o Deus Todo-poderoso. A preocupação de Samuel pelo povo de Israel ficou registrada em linhas carregadas de emoção que provavelmente descrevem, uma ou outra vez, o sentimento de todo verdadeiro líder espiritual que considera a congregação do Senhor como a própria menina dos olhos:

> É por ela que me rolam as lágrimas;
> E por sua causa não cesso de clamar.
> Dou-me em cuidados e labutas várias,
> *Até que essa luta possa enfim acabar.*
> (Lockyer, *All the Prayers*, p. 64)

Tristeza e desapontamento pelo fracasso dos servos de Deus que ocupam posições elevadas não é algo raro para uma pessoa piedosa: "Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; porquanto deixou de me seguir e não executou as minhas palavras. Então, Samuel se contristou e toda a noite clamou ao Senhor" (1 Sm 15.11).

Certo comentarista assim referiu-se a esta passagem:

> Samuel passou a noite inteira intercedendo por Saul, a fim de que o decreto divino fosse reconsiderado. Enquanto outros estavam em suas camas, dormindo, ele estava de joelhos, orando e lutando com Deus. E não se lamentou pelo fato de ter ficado de fora do governo; nem estava satisfeito no íntimo, como muitos ficariam, porque Saul, seu sucessor, estava sendo rejeitado. Pelo contrário, orou insistentemente pela restauração de Saul, porque não desejava vê-lo excluído. A rejeição dos pecadores é uma tristeza para as pessoas boas. Deus não se deleita na morte deles, e nós também não deveríamos fazê-lo (*Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible,* vol. 2, Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., p. 360).

Ninguém pode negar que havia entre Samuel e Deus uma comunicação desimpedida. Samuel orava; Deus respondia. Deus falava; Samuel atendia.

> Então disse o Senhor a Samuel: Até quando terás dó de Saul, havendo-o eu rejeitado, para que não reine sobre Israel? Enche o teu vaso de azeite e vem; enviar-te-ei a Jessé, o belemita; porque dentre os seus filhos me tenho provido de um rei. Porém disse Samuel: Como irei eu? Pois, ouvindo-o Saul, me matará. Então disse o Senhor: Toma uma bezerra das vacas em tuas mãos e dize: Vim para sacrificar ao Senhor (1 Sm 16.1,2).

Sempre há uma orientação pronta para quem deseja seguir a Deus (cf. Jo 7.17). O coração dedicado e o ouvido treinado não têm dificuldade de ouvir a voz gentil do Senhor: "Este é o caminho; andai nele" (Is 30.21). "Ele vai me matar, Senhor", argumentou Samuel. Ninguém está imune ao medo, nem o piedoso. Mas o servo de Deus terá sempre um socorro oportuno. Basta chegar "confiadamente ao trono da graça" (Hb 4.16). Foi exatamente isso que Samuel fez, obtendo logo uma solução.

O Rei Saul

Saul é um enigma, uma estranha combinação de consciência de Deus, impetuosidade, construção de altar e oração. Embora tenha orado em algumas ocasiões, ele não pode ser considerado um homem de oração. É possível que seus atos de flagrante desobediência e precipitação fossem apenas fruto de sua negligência quanto aos meios da graça — dos quais seu sucessor, Davi, muito se valeria.

Convém ressaltar um caso em que Saul ergueu um altar e orou a Deus:

> Então, edificou Saul um altar ao Senhor; este foi o primeiro altar que edificou ao Senhor. Então, consultou Saul a Deus, dizendo: Descerei atrás dos filisteus? Entregá-los-ás na mão de Israel? Porém aquele dia lhe não respondeu (1 Sm 14.35,37).

Por causa da desobediência, Samuel prenunciara que o reino não prosseguiria na linhagem de Saul (1 Sm 13.14). Em vez de se arrepender, porém, Saul fez questão de ressaltar sua religiosidade, numa forma ingênua e vã de compensação. Sem buscar uma orientação específica de Deus, ele submeteu seus soldados ao juramento de que não comeriam nada até à noite (cf. 1 Sm 14.24).

Favorecido pela ousadia de Jônatas, o povo de Israel conseguira vencer os filisteus, mas quando caiu a noite, os soldados, de tão famintos, começaram a capturar e a matar o gado que haviam tomado sem lhes drenar o sangue, conforme requerido pela Lei. Informado disso, Saul ordenou que os animais fossem trazidos para perto de uma grande pedra, a fim de que o sangue deles pudesse ser drenado. Foi quando edificou seu primeiro altar, talvez na tentativa de compensar a imperdoável quebra da Lei. Todavia, os sacrifícios a Deus não podem compensar um estilo de vida pecaminoso, sendo inúteis onde predomina a desobediência.

Satisfeito consigo mesmo, Saul propôs que os israelitas saíssem de novo contra os filisteus. O sacerdote, porém, fez questão de exortá-lo a primeiramente buscar ao Senhor. E quando, naquele dia, "o Senhor não lhe respondeu", Saul concluiu que algum pecado estava causando esse obstáculo. Até aí, tudo bem. Mas ele não imaginava que o pecado estava dentro da sua própria casa, e não entre o povo.

Atirou-se, pois, à tarefa de descobrir o culpado, não importando quem fosse (1 Sm 14.39). Tirando a sorte, esta caiu sobre Jônatas, que, ignorando o juramento de seu pai, levara à boca um pouco de mel silvestre. Não fora um erro intencional. Tampouco a sorte significava que Jônatas merecia morrer. Simplesmente servira para identificar aquele que, além de ter comido naquele dia, acabara incentivando o exército à comilança.

Negligenciando mais uma vez a oração, Saul fez outro juramento precipitado, dizendo que Jônatas deveria morrer. Mas a intercessão do povo acabou salvando o rapaz (1 Sm 14.44,45). Se nós soubéssemos o quanto Deus fica indignado quando tentamos justificar nossos atos egoístas; quando usamos formas externas de religiosidade e deixamos de lado a obediência! Se Saul tivesse buscado e obedecido a vontade de Deus, não ficaria sem resposta. Muita gente hoje em dia precisa aprender essa lição!

Saul era uma gangorra espiritual. No mesmo dia em que evidenciara clara e flagrante desobediência, teve o topete de ir a Samuel, logo depois, pleitear que sua adoração fosse aceita. Seu propósito como rei limitava-se em causar uma boa impressão ao povo: "Disse ele então: Pequei; honra-me, porém, agora diante dos anciãos do meu povo e diante de Israel; e volta comigo, para que adore o Senhor teu Deus. Então, Samuel se tornou atrás de Saul, e Saul adorou ao Senhor" (1 Sm 15.30,31).

"Adorou ao Senhor" — não pense que isto seja muito estranho ou incomum, pois até mesmo o endemoninhado dos dias de Jesus o adorou (cf. Mc 5.6). Nenhuma adoração, porém, compensa a desobediência, sendo inaceitável quando fere a vontade explícita de Deus.

E Saul de vez em quando orava. Mas a resposta de Deus era sempre a mesma: "E perguntou Saul ao Senhor, porém o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (1 Sm 28.6). Poderíamos nos admirar de não haver resposta alguma, especialmente em face da indicação bíblica de que Deus, tempos antes, mudara-lhe o coração (1 Sm 10.9). Até no mundo natural, onde se realizam muitos transplantes de coração, o corpo humano pode apresentar rejeição. E não foi diferente com Saul, no nível espiritual, pois seu livre-arbítrio sempre rejeitou o caminho da obediência, e isto para prejuízo dele próprio. Sua reiterada atitude de rebelião e desobediência a Deus não permitia lugar de arrependimento ou recuperação. Quão terrível era a situação de Saul!

Em conseqüência disso, ele não conseguia resposta de espécie alguma. Embora depois de rejeitado continuasse como rei de Israel por quase trinta anos, estava em tudo separado de Deus. Nenhum meio ou artifício podia funcionar, nem sonhos, nem Urim e nem profetas. O céu estava em silêncio.

Como último e desesperado recurso, ele procurou uma médium espírita (cf. 1 Sm 28.7). Embora, nessa ocasião, tivesse obtido uma espécie de resposta, não obteve a solução que seu problema exigia e morreu de forma miserável, suicidando-se. E terminou sua vida como um rei teimoso, que liderava um povo teimoso, conduzindo-o à derrota. Como sua vida contrastava com as daquelas pessoas piedosas, dedicadas à oração, que o haviam antecedido: Moisés, Débora, Ana e Samuel!

Perguntas para Estudo

1. Sob quais circunstâncias seria apropriado seguir o exemplo de Gideão, usando uma espécie de velo de lã?
2. Como você pode aplicar a oração de Jabez à sua própria situação?
3. De que maneira Deus tratou com Israel para levá-lo a depender dEle?
4. Como um desejo intenso pode ser expresso através da oração?
5. Por que Samuel mostrou-se preocupado quando o povo lhe pediu um rei?
6. Que razões poderiam fazer Deus negar-se a responder à oração de alguém?

Capítulo Quatro

As Orações de Davi e de outros Salmistas

Considerar as orações de Davi, após ter examinado as de Saul, é como sair de uma cova escura para a luz do dia. Davi era um homem segundo o coração de Deus (cf. At 13.22). Saul era um homem distante do coração de Deus, rebelde e desobediente. O entendimento dessa diferenciação é fundamental para quem busca orar com eficácia, pois enquanto a vida de Saul demonstrava flagrante ausência de respostas, a de Davi estava repleta delas.

Davi, ao que tudo indica, parecia ter a oração apropriada em todas as circunstâncias da vida. Em conseqüência, suas orações — tanto nos relatos de sua vida como nos Salmos — contêm petição, confissão, louvor e testemunho. Não se importando com as circunstâncias, se eram boas ou más, quer seus dias fossem perturbados ou abençoados, Davi orava.

Na Dependência de Deus

A guerra tornara-se a sorte de Davi nesta vida (a começar por Golias), e, embora tivesse aprendido as artes bélicas, ele sempre fez questão de manter uma completa dependência ao Senhor. Não era seu hábito permitir que o sucesso no campo servisse de pretexto à negligência.

A primeira oração registrada de Davi, além daquelas que estão no livro de Salmos, contrasta notavelmente com as orações de Saul: "E consultou Davi ao Senhor, dizendo: Irei eu e ferirei estes filisteus? E disse o Senhor a Davi: Vai, e ferirás os filisteus, e livrarás Queila" (1 Sm 23.2). Saul fez a mesma pergunta e não obteve resposta. Davi orou, e a resposta veio na hora. Ela não dependia tanto do conteúdo da oração quanto do que havia no seu coração. A Bíblia ressalta o fato de Deus reconhecer Davi como um verdadeiro servo, um homem segundo o seu próprio coração, pronto a fazer toda a sua vontade (cf. Sl 89.19,20; 1 Sm 13.14; At 13.22). A deliberação de cumprir a vontade de Deus é essencial quando nos aproximamos dEle em oração.

Davi sempre fez questão de ouvir o que Deus tinha a dizer: "Então, Davi tornou a consultar o Senhor, e o Senhor lhe respondeu e disse: Levanta-te, desce a Queila, porque te dou os filisteus na tua mão" (1 Sm 23.4). Ele não era autoconfiante em excesso, nem todo-suficiente. Era um homem muito diferente daqueles que, hoje em dia, afirmam que orar mais de uma vez pela mesma causa mostra que não temos fé. As vidas de outros homens dependiam dele, e não se pode negar ter sido um ato de prudência verificar a certeza de sua orientação prévia.

> E disse Davi: Ó Senhor, Deus de Israel, teu servo decerto tem ouvido que Saul procura vir a Queila, para destruir a cidade por causa de mim. Entregar-me-ão os homens de Queila na sua mão? Descerá Saul, como o teu servo tem ouvido? Ah! Senhor, Deus de Israel, faze-o saber ao teu servo. E disse o Senhor: Descerá. Disse mais Davi: Entregar-me-iam os cidadãos de Queila, a mim e aos meus homens, nas mãos de Saul? E disse o Senhor: Entregariam (1 Sm 23.10-12).

Deus revela o necessário àqueles que o buscam, mas espera que os tais ajam à luz dessa revelação. Baseado na informação conferida por Deus, Davi traçou um curso próprio de ação. Ele não se tornou negligente em suas orações — conforme as pessoas geralmente fazem — e nem hesitou em tomar o curso de ação recomendado pela revelação de Deus.

Em outra ocasião, "consultou Davi ao Senhor, dizendo: Perseguirei eu a esta tropa? Alcançá-la-ei? E o Senhor lhe disse: Persegue-a, porque, decerto, a alcançarás e tudo libertarás" (1 Sm 30.8).

A maneira como Davi se aproximava de Deus era por meio de Abiatar, um sacerdote que, por sua vez, empregava o Urim e o Tumim determinados por Deus para averiguar a vontade do Senhor. Atualmente não precisamos de sacerdotes intermediários, além de Cristo, e nem de qualquer artifício misterioso, pois dispomos do Espírito Santo para transmitir aos nossos corações a vontade divina.

A promoção de soldado a rei não alterou sua prática de oração: "E sucedeu, depois disso, que Davi consultou ao Senhor, dizendo: Subirei a alguma das cidades de Judá? E disse-lhe o Senhor: Sobe. E disse Davi: Para onde subirei? E disse: Para Hebrom" (2 Sm 2.1). Enobrece a qualquer crente ter uma vida de oração tão bem estabelecida que não se perturba diante das vicissitudes da vida. Porém, quando conquistam uma posição exaltada, alguns tendem a diminuir a própria prática que os fez ascender àquela posição. Mas não Davi. Suas condições não afetavam o zelo com que se dedicava à oração; intensificavam-no até.

A sensibilidade de Davi quanto à necessidade de direção divina era exemplar. Ele não tinha dúvidas sobre Deus ter ordenado a destruição dos filisteus. No entanto, o tempo dessa destruição e os meios a serem empregados sempre foram deixados em aberto. Por

conseguinte, ele indagava regularmente — e obtinha — a orientação clara e precisa de Deus.

> E os filisteus tornaram a subir e se estenderam pelo vale dos Refains. E Davi consultou o Senhor, o qual disse: Não subirás; mas rodeia por detrás deles e virás a eles por defronte das amoreiras. E há de ser que, ouvindo tu um estrondo de marcha pelas copas das amoreiras, então, te apressarás; porque o Senhor saiu, então, diante de ti, a ferir o arraial dos filisteus (2 Sm 5.22-24).

Oração em Tempos de Grande Bênção

> Natã, o profeta, transmitiu ao rei Davi o que tem sido rotulado de Pacto Davídico (cf. 2 Sm 7), com suas abundantes promessas e convicções. Não obstante, Davi não exultou com malignidade sobre a avassaladora revelação; pelo contrário, ele apelou para a oração: Então, entrou o rei Davi, e ficou perante o Senhor, e disse: Quem sou eu, Senhor Jeová, e qual é a minha casa, que me trouxeste até aqui? E ainda foi isso pouco aos teus olhos, Senhor Jeová, senão que também falaste a respeito da casa de teu servo para tempos distantes; é isso o costume dos homens, ó Senhor Jeová? E que mais te falará ainda Davi? Pois tu conheces bem a teu servo, ó Senhor Jeová. Por causa da tua palavra e segundo o teu coração, fizeste toda esta grandeza, fazendo-a saber a teu servo. Portanto, grandioso és, ó Senhor Jeová, porque não há semelhante a ti, e não há outro Deus, senão tu só, segundo tudo o que temos ouvido com os nossos ouvidos...
> Agora, pois, ó Senhor Jeová, esta palavra que falaste acerca de teu servo e acerca da sua casa, confirma-a para sempre e faze como tens falado. E engrandeça-se o teu nome para sempre, para que se diga: O Senhor dos Exércitos é Deus sobre Israel; e a casa de teu servo será estabelecida diante de ti. Pois tu, Senhor dos Exércitos, Deus de Israel, revelaste aos ouvidos de teu servo, dizendo: Edificar-te-ei casa. Portanto, o teu servo achou no seu coração o fazer-te esta oração. Agora, pois, Senhor Jeová, tu és o mesmo Deus, e as tuas palavras são verdade, e tens falado a teu servo este bem. Sê, pois,agora servido de abençoar a casa de teu servo, para permanecer para sempre diante de ti, pois tu, ó Senhor Jeová, o disseste; e com a tua bênção será sempre bendita a casa de teu servo (2 Sm 7.18-22,25-29; cf. 1 Cr 17.16-27).

Embora a postura física da oração possa, em certas ocasiões, ter algum significado, a postura espiritual, ou do coração, é que realmente conta para o Senhor. Neste caso, Davi entrou e "ficou perante ele" (2 Sm 7.18). (*Nota:* Na versão em inglês usada pelo autor consta o verbo *sat*, sentar-se [pret.]. Sentar-se perante o Senhor, naqueles dias, era um privilégio do rei; as pessoas comuns punham-se de pé ou ajoelhavam-se.)

Não é para aqueles que se põem de pé,
Ou para os que se prostram de joelhos.
É para aqueles que inclinam o coração
Que o Senhor há de mostrar sua graça.
É a postura da alma que agrada ou ofende.
Sem uma postura correta aos olhos de Deus,
Nada que possa ser feito logrará êxito!
(Lockyer, *All the Prayers*, p. 82).

Dentre as muitas lições extraídas dessa oração de Davi, pelo menos as seguintes devem ser destacadas:

1. A atitude de coração de quem ora deve caracterizar-se por uma profunda humildade (vv. 18,19).

2. Aquele que ora precisa reconhecer que Deus sabe tudo sobre seus servos, devendo aproximar-se de Deus com essa consciência (v. 20).

3. Deus revela seus planos aos seus servos, àqueles "segundo o seu coração". A plenitude de sua revelação se dá no seu particular campo de atuação — o coração de quem lhe é sujeito (v. 21).

4. Entre os benefícios de quem ora está o significativo estímulo à fé, quando se contempla e declara a grandeza de Deus (v. 22).

5. Dar o devido valor ao povo remido de Deus, aqueles que lhe pertencem para sempre, é igualmente importante (vv. 23,24).

6. Nossas orações devem abranger tanto a casa de Deus como a casa dos servos de Deus (vv. 25-29).

Oração em Tempos de Fracasso

Insensatez e temeridade são a sorte comum dos seres humanos. E, num certo sentido, ninguém está imune a elas, nem mesmo o devoto e poderoso rei Davi. Mas o coração de Davi, "homem conforme o meu coração" (At 13.22), era sua maior vantagem espiritual. Vindo o que quer que fosse à sua vida — fracasso, julgamento faltoso, pecado, tolice — seu coração, como uma bússola, sempre apontava para a saída porque, lá no fundo, o que ele realmente queria fazer era a vontade de Deus. Essa disposição interior sempre o levava à confissão, ao arrependimento e à dádiva do perdão.

Não devemos pensar, entretanto, que seu coração fosse um meio de escape, pelo qual pudesse evitar as conseqüências de seus atos insensatos. A narrativa do seu relacionamento ilícito com Bate-Seba demonstra isso claramente. O bebê que nasceu do adultério adoeceu gravemente, impulsionando Davi a pôr-se de joelhos: "E buscou Davi a Deus pela criança; e jejuou Davi, e entrou, e passou a noite prostrado sobre a terra" (2 Sm 12.16).

Mesmo diante de um fracasso total e devastador, os piedosos oram. Davi tinha estado literalmente "no lazer em Sião" (cf. 2 Sm 11.1,2), enquanto os exércitos de Israel guerreavam. É possível que suas vastas conquistas o tivessem levado, por algum tempo, a negligenciar sua relação com Deus no que era mais vital. Não sendo este o caso, fica-nos a lição de que, embora as pessoas orem, elas permanecem suscetíveis às paixões e devem sempre manter-se em guarda contra momentos inesperados de tentação.

Antes, porém, de orar pela questão específica — a vida do menino — Davi procurou tapar suas brechas espirituais, confessando seu terrível pecado (cf. 2 Sm 12.13). Recebeu, assim, a certeza de ter alcançado misericórdia e graça da parte de Deus. Sem essa contrição, sua própria oração teria sido um presunçoso pecado. Mas apesar da confissão prévia, Deus recusou o pedido, determinando que a criança deveria morrer (cf. 2 Sm 12.14). A oração de Davi não pôde apagar todo o dano causado por uma atitude carnal e egoísta; certas conseqüências precisavam ser suportadas, a despeito do completo perdão.

Em outra oportunidade, depois que tola e orgulhosamente resolveu numerar o povo de Israel e Judá (cf. 2 Sm 24.1-15), atraindo contra si a ira divina, ele de imediato confessou seu pecado: "E, vendo Davi ao Anjo que feria o povo, falou ao Senhor e disse: Eis que eu sou o que iniquamente procedi; porém estas ovelhas que fizeram? Seja, pois, a tua mão contra mim e contra a casa de meu pai" (2 Sm 24.17).

Raramente quem peca afeta somente a si mesmo. Quando mais destacada a posição e maior a responsabilidade da pessoa, maior e mais amplo será o impacto causado pelo pecado. Há angústia em reconhecermos os nossos próprios pecados, mas dificilmente isso se compara à angústia de vermos seus efeitos sobre outras pessoas. Foi esse tipo de angústia que levou Davi a orar daquele jeito, o que lhe trouxe certa medida de alívio. O cronista (provavelmente Esdras) registra a comunhão restaurada:

> Então, Davi edificou ali um altar ao Senhor, e ofereceu nele holocaustos e sacrifícios pacíficos, e invocou o Senhor, o qual lhe respondeu com fogo do céu sobre o altar do holocausto (1 Cr 21.26).

O fogo de Deus que consumiu as oferendas tornou-se a certeza e a evidência, para Davi, da aprovação e aceitação divinas. (O fogo, no Antigo Testamento, era um meio pelo qual Deus demonstrava sua aprovação — cf. Lv 9.24 e 2 Cr 7.1 — e foi, mui provavelmente, a maneira pela qual Deus demonstrou ter aceito a oferta de Abel, enquanto a de Caim foi rejeitada e permaneceu sem ser consumida — cf. Gn 4.4,5). Embora as chamas literais não sejam mais o meio usado por Deus para demonstrar sua aceitação, confirmando-a àquele que

traz uma oferta, Ele ainda tem um fogo santo de confirmação e certeza para os que oferecem a si próprios sobre o seu altar (cf. At 2.1-4).

Oração em meio à Adversidade

"E houve, em dias de Davi, uma fome de três anos, de ano em ano; e Davi consultou ao Senhor, e o Senhor lhe disse: É por causa de Saul e da sua casa sanguinária, porque matou os gibeonitas" (2 Sm 21.1). Condições adversas — físicas ou terrenas (seca, fome, sofrimentos, enfermidades) e espirituais (o desvio do povo de Deus), além da ausência de um agudo senso da presença de Deus — deveriam nos impulsionar a uma ansiosa inquirição pelo Senhor. Em tais horas, o melhor a fazer é buscar sinceramente a sua face. A busca insistente tem em si o mérito de elucidar as causas de situações adversas que se mostram em tudo persistentes.

Davi descobriu que o problema com que Israel se debatia tinha suas raízes na administração anterior e que a presente colheita era fruto da semeadura passada. Saul, em sua precipitação e descuido, dirigira um ataque contra os gibeonitas, com quem Israel assinara um pacto (cf. Js 9.15-27); e a justiça divina não se calava, embora o perpetrador da injustiça fosse já morto. Munido da visão de Deus sobre o problema, Davi propôs um remédio (2 Sm 21.3-6). "Depois disso, Deus se aplacou para com a terra" (2 Sm 21.14).

Oração como Expressão de Louvor

O louvor é parte essencial da oração. De fato, ele é a forma mais elevada de oração; e Davi era um especialista nesse mister: "E falou Davi ao Senhor as palavras deste cântico, no dia em que o Senhor o livrou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de Saul" (2 Sm 22.1). Todo o capítulo 22 de 2 Samuel é um salmo de louvor. Davi estava reconhecendo e dando altos louvores a Deus, cuja presença poderosamente se manifestara, fortalecendo os passos de Davi a cada dia. Davi reconheceu o poder de Deus, louvando-o pelo livramento que abrangeu inclusive as circunstâncias mais ameaçadoras possíveis. Ele honrou a Deus pela orientação, pelo poder e pelas vitórias que lhe permitira obter. Verdadeiramente, Ele é um Deus fiel, digno de todo o louvor! (Esse aspecto da vida de oração de Davi será tratado com mais detalhes quando estudarmos os Salmos.)

A Oração Pública de um Líder Piedoso

O capítulo 29 de 1 Crônicas registra uma magnífica oração de Davi, estando ele defronte da congregação de Israel:

> Pelo que Davi louvou ao Senhor perante os olhos de toda a congregação e disse: Bendito és tu, Senhor, Deus de nosso pai

> Israel, de eternidade em eternidade. Tua é, Senhor, a magnificência, e o poder, e a honra, e a vitória, e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu é, Senhor, o reino, e tu te exaltaste sobre todos como chefe. E riquezas e glória vêm de diante ti, e tu dominas sobre tudo, e na tua mão há força e poder; e na tua mão está o engrandecer e dar força a tudo. Agora, pois, ó Deus nosso, graças te damos e louvamos o nome da tua glória... Porque somos estranhos diante de ti e peregrinos como todos os nossos pais; como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e não há outra esperança. Senhor, Deus nosso, toda esta abundância que preparamos, para te edificar uma casa ao teu santo nome, vem da tua mão e é toda tua. Bem sei, meu Deus, que tu provas os corações e que da sinceridade te agradas; eu também, na sinceridade de meu coração, voluntariamente dei todas estas coisas; e agora vi com alegria que o teu povo, que se acha aqui, voluntariamente te deu. Senhor, Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Israel, conserva isso para sempre no intento dos pensamentos do coração de teu povo; e encaminha o seu coração para ti. E a Salomão, meu filho, dá um coração perfeito para guardar os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos; e para fazer tudo, para edificar este palácio que tenho preparado (1 Cr 29.10-13,15-19).

Essa grandiosa oração, um modelo para qualquer servo de Deus que ora em público, divide-se facilmente em cinco sérias expressões do coração de um líder sobrecarregado:

1. Davi dá-nos o modelo de como entrar na presença de Deus (vv. 10-13). Que deleitoso e inspirador exemplo para os líderes eclesiásticos! Reconhecer a grandeza e o poder de Deus, santificar a sua majestade celeste e dar louvor ao seu glorioso nome são sempre caminhos apropriados de se começar uma oração pública.

2. Davi reconhece que Deus o capacitou (vv. 14-16). À parte do suprimento de Deus, ninguém tem qualquer coisa para dar: "Porque tudo vem de ti, e da tua mão to damos". Não há espaço para nos gloriarmos em nossas próprias doações: à semelhança de Davi, só podemos nos gloriar na suficiência que Deus nos dá (cf. 2 Co 9.8). Reconhecer essa verdade na presença de Deus resulta em receber, da parte do Senhor, uma maior capacitação.

3. Davi confessa que Deus se agrada de um coração sincero (cf. 1 Cr 29.17). Todo líder de igreja deveria ter tempo para assimilar a compreensão de Davi sobre como Deus vê os pensamentos e intuitos do coração. Deus deriva um prazer especial dos corações que se oferecem voluntariamente, colocando suas habilidades e possessões a serviço do Senhor.

4. Davi pede que aquele espírito de liberalidade seja conservado para sempre entre o povo de Deus (v. 18). A liberalidade assemelha-

se à atitude de Deus. Não admira que seja a causa de grande alegria — em Deus e no doador. O apelo de Davi, que é também o nosso, tem de prevalecer na casa de Deus — perpetuamente.

Davi ora pela liderança que há de vir (v. 19). Ora para que seu filho seja, como ele mesmo, um homem segundo o coração de Deus e que compartilhe a visão do pai. Que todos os pais se ajoelhem ao lado desse piedoso gigante e ofereçam petições semelhantes.

Um tratamento pormenorizado de cada uma das orações de Davi e dos outros salmistas requereria, por si mesmo, um volume de bom tamanho. Por conseguinte, examinaremos somente algumas orações selecionadas que nos permitam extrair as lições práticas que julgamos fundamentais. Entretanto, esse não deve ser um estudo teórico.

"A poesia, como a música, pode ser analisada e dissecada, mas, em última análise, deve ser apreciada e experimentada. Separar a poesia do seu elemento subjetivo, quando se busca compreendê-la, equivale a destituí-la de seu poder" (Peter C. Craigie, *Word Biblical Commentary Series*, Waco, Tex: Word Books, 1983, vol. 19 - "Psalms 1-50", p. 36).

Embora este estudo não inclua todos os salmos, insistimos com o leitor para que o faça, repetindo pessoalmente as suas palavras, sempre que isso for apropriado. A disciplina na leitura do livro de Salmos, para obtenção de encorajamento e proveito espirituais, é fortemente recomendada. A leitura e meditação de pelo menos três salmos por dia, além de outros estudos bíblicos, fortalecerão — e muito — a sua vida de oração.

A oração sincera é que dá a medida exata do verdadeiro "eu" de alguém e traz à luz aquilo que lhe vai no coração. Por isso mesmo os Salmos provêem uma fotografia acurada de Davi (2 Sm 23.2), o príncipe daqueles que se deram à oração, e de outros salmistas (1 Cr 25.1), conforme os inspirou o Espírito Santo. Pois todos foram usados pelo mesmo Espírito a fim de nos abençoar.

Reconhecendo a Deus

A oração jamais pode ser dissociada de um reconhecimento apropriado do Deus a quem ela é dirigida. Nos Salmos, as orações assumem um caráter extremamente exemplar quanto a essa questão.

Pelo domínio de uma linguagem apropriada e pelos padrões de excelência, na expressão de suas orações, o livro de Salmos não pode ser ultrapassado. Dentro dele encontramos "um particular tesouro de termos devocionais". Sua graça e elegância expressivas nos fornecem um rico vocabulário, a ser usado quando nos aproximamos de Deus (Lockyer, *All the Prayers*, p. 103).

Notemos como Davi e os demais salmistas repetidamente honraram a Deus por seu majestático poder e glória, por sua fidelidade, justiça e

amor, que nunca falham. Ele é o Criador e Sustentador de todas as coisas. Ele é um Deus bom, cheio de misericórdia e pronto a perdoar. Visto que é eterno, Ele está sempre presente, sempre disponível. Sempre poderemos nos aproximar confiantemente de Deus, porque Ele cuida de nós (cf. Na 1.7; Ef 5.29; Hb 4.16; 1 Pe 5.7). O louvor, quando reconhecemos quem é o nosso Deus e o que Ele tem feito ou pode fazer em nosso benefício, nos conduz diretamente à sua presença.

> Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra, pois puseste a tua glória sobre os céus! (Sl 8.1).
> A tua misericórdia, Senhor, está nos céus, e a tua fidelidade chega até às mais excelsas nuvens. A tua justiça é como as grandes montanhas; os teus juízos são um grande abismo; Senhor, tu conservas os homens e os animais. Quão preciosa é, ó Deus, a tua benignidade! E por isso os filhos dos homens se abrigam à sombra das tuas asas (Sl 36.5-7).
> Grande é o Senhor e mui digno de louvor na cidade do nosso Deus, no seu monte santo (Sl 48.1).
> Com coisas tremendas de justiça nos responderás, ó Deus da nossa salvação; tu és a esperança de todas as extremidades da terra e daqueles que estão longe sobre o mar; o que pela sua força consolida os montes, cingido de fortaleza; o que aplaca o ruído dos mares, o ruído das suas ondas e o tumulto das nações (Sl 65.5-7).
> Dai a Deus fortaleza; a sua excelência está sobre Israel e a sua fortaleza nas mais altas nuvens. Ó Deus, tu és tremendo desde os teus santuários; o Deus de Israel é o que dá fortaleza e poder ao seu povo. Bendito seja Deus! (Sl 68.34,35).
> Pois tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para com todos os que te invocam. Mas tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, e sofredor, e grande em benignidade e em verdade (Sl 86.5,15).
> O Senhor reina; está vestido de majestade; o Senhor se revestiu e cingiu de fortaleza; o mundo também está firmado e não poderá vacilar. O teu trono está firme desde então; tu és desde a eternidade (Sl 93.1,2).
> Porque o Senhor é o Deus grande e Rei grande acima de todos os deuses. Nas suas mãos estão as profundezas da terra, e as alturas dos montes são suas. Seu é o mar, pois ele o fez, e as suas mãos formaram a terra seca (Sl 95.3-5).
> Bendize, ó minha alma, ao Senhor! Senhor, Deus meu, tu és magnificentíssimo; estás vestido de glória e de majestade. Ele cobre-se de luz como de uma veste, estende os céus como uma cortina. Põe nas águas os vigamentos das sua câmaras, faz das nuvens o seu carro e anda sobre as asas do vento. Faz dos ventos seus mensageiros, dos seus ministros, um fogo abrasador. Lançou os fundamentos da terra, para que não vacile em tempo algum (Sl 104.1-5).

Nossa percepção de Deus pesa muito sobre as nossas orações. E, embora Davi tenha reconhecido Deus como o Ser exaltado que Ele de fato é, ao mesmo tempo sabia como torná-lo relevante às circunstâncias da vida. A riqueza de termos descritivos, usados para indicar a pessoa de Deus, é impressionante:

Um escudo, a minha glória e o que exalta a minha cabeça [isto é, que me dá vitória sobre os inimigos] (3.3).
Minha fortaleza, meu rochedo, meu lugar forte, meu libertador, meu escudo, a força da minha salvação e o meu alto refúgio (18.1,2).
Meu pastor (23.1).
Meu ajudador (54.4).
Minha esperança, minha confiança (71.5).
Minha porção para sempre (73.26 – Asafe, como levita que era, não tinha porção nem herança em Israel; cf. Nm 18.20,21. O Senhor era a porção dos levitas).
Meu Rei desde a antiguidade (74.12).
Sol e escudo (84.11).
Meu pai, meu Deus, e a rocha da minha salvação (89.26).
Nosso refúgio (90.1).
Minha força e o meu cântico (118.14).
Minha sombra à minha direita [bem perto, a fim de proteger-me], meu guarda (121.5,7).
Minha benignidade, minha fortaleza, meu alto retiro, meu libertador, meu escudo (144.2).

Louvor e Adoração

O louvor e a adoração são elementos essenciais à oração. Credita-se a Davi o mérito de ter sido o precursor desse santo e sublime exercício, seguido em seu exemplo pelos demais salmistas:

> Eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração; contarei todas as tuas maravilhas. Em ti me alegrarei e saltarei de prazer; cantarei louvores ao teu nome, ó Altíssimo (Sl 9.1,2).
> Eu te amarei do coração, ó Senhor, fortaleza minha. O Senhor é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação e o meu alto refúgio. Invocarei o nome do Senhor, que é digno de louvor, e ficarei livre dos meus inimigos (Sl 18.1-3).
> Bom é louvar ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó

> Altíssimo, para de manhã anunciar a tua benignidade e, todas as noites, a tua fidelidade, sobre um instrumento de dez cordas e sobre o saltério; sobre a harpa com som solene. Pois tu, Senhor, me alegraste com os teus feitos; exultarei nas obras das tuas mãos. Quão grandes são, Senhor, as tuas obras! Mui profundos são os teus pensamentos! (Sl 92.1-5).
> Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. É ele que perdoa todas as tuas iniqüidades e sara todas as tuas enfermidades; quem redime a tua vida da perdição e te coroa de benignidade e de misericórdia; quem enche a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a águia (Sl 103.1-5).
> Eu te exaltarei, ó Deus, Rei meu, e bendirei o teu nome pelos séculos dos séculos. Cada dia te bendirei e louvarei o teu nome pelos séculos dos séculos. Grande é o Senhor e muito digno de louvor; e a sua grandeza, inescrutável (Sl 145.1-3).

Novamente vemos como Davi e os demais salmistas louvaram ao Senhor em todas as coisas e por todos os meios, servindo-se inclusive de instrumentos musicais e de cânticos. O louvor deles não era apenas a repetição formal de um conjunto de frases. Embora tivessem sido, com freqüência, compostos visando a adoração congregacional e algumas celebrações específicas, os Salmos saíram de corações movidos e inspirados pelo Espírito Santo. Eles encorajaram os adoradores a que pusessem inteiramente o coração e a alma na adoração, honrando a Deus por sua abrangente provisão.

Petição

Além do louvor e da adoração, Davi e os demais salmistas fizeram súplicas. Ao contrário das orações de muita gente, os Salmos são marcados pelo equilíbrio, o que não os impede de conter as mais variadas petições. Essas petições abarcam uma grande variedade de situações e circunstâncias. Os salmistas com certeza praticaram as admoestações de Jesus muito antes de elas terem sido registradas, como em Lucas, quando o Mestre fala aos discípulos sobre "o dever de orar sempre e nunca desfalecer" (Lc 18.1). Em todos os tempos e em todas as circunstâncias, a oração permanece uma instrução divina de absoluta aplicabilidade aos filhos de Deus. Exemplos de petições:

Por orientação: "Senhor, guia-me na tua justiça, por causa dos meus inimigos; aplana diante de mim o teu caminho" (Sl 5.8).

Por misericórdia: "Tem misericórdia de mim, Senhor, porque sou fraco; sara-me, Senhor, porque os meus ossos estão perturbados. Até a minha alma está perturbada; mas tu, Senhor, até quando?" (Sl 6.2,3)

Por compreensão: "Por que te conservas longe, Senhor? Por que te escondes nos tempos de angústia?" (Sl 10.1)

Por consolo: "Até quando te esquecerás de mim, Senhor? Para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando consultarei com a minha alma, tendo tristeza no meu coração cada dia? Até quanto se exaltará sobre mim o meu inimigo? (Sl 13.1,2)

Por livramento do ímpio: "Levanta-te, Senhor! Detém-no, derriba-o, livra a minha alma do ímpio, pela tua espada; dos homens, com a tua mão, Senhor, dos homens do mundo, cuja porção está nesta vida" (Sl 17.13,14).

Por ajuda em tempos de aflição: "Na angústia, invoquei ao Senhor e clamei ao meu Deus; desde o seu templo ouviu a minha voz e aos seus ouvidos chegou o meu clamor perante a sua face" (Sl 18.6).

Para ser purificado de pecado oculto: "Quem pode entender os próprios erros? Expurga-me tu dos que me são ocultos. Também da soberba guarda o teu servo, para que se não assenhoreie de mim; então serei sincero e ficarei limpo de grande transgressão" (Sl 19.12,13).

Por palavras e pensamentos corretos: "Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, rocha minha e libertador meu!" (Sl 19.14)

Pelo perdão: "Olha para a minha aflição e para a minha dor e perdoa todos os meus pecados" (Sl 25.18).

Pela ajuda do Senhor: "Ouve, Senhor, e tem piedade de mim; Senhor, sê o meu auxílio" (Sl 30.10).

Pela bênção divina: "Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo; salva-me por tuas misericórdias" (Sl 31.16).

Pela presença perpétua de Deus: "Não me desampares, Senhor; meu Deus, não te alongues de mim. Apressa-te em meu auxílio, Senhor, minha salvação" (Sl 38.21,22).

Para ser poupado do juízo de Deus: "Livra-me de todas as minhas transgressões; não me faças o opróbrio dos loucos. Tira de sobre mim a tua praga; estou desfalecido pelo golpe de tua mão. Se com repreensões castigas alguém, por causa da iniqüidade, logo destróis, como traça, a sua beleza; de sorte que todo homem é vaidade. Ouve, Senhor, a minha oração, e inclina os teus ouvidos ao meu clamor; não te cales perante as minhas lágrimas, porque sou para contigo como um estranho, e peregrino como todos os meus pais. Poupa-me, até que tome alento, antes que eu me vá e não seja mais" (Sl 39.8,10-13).

Por luz e verdade: "Envia a tua luz e a tua verdade, para que me guiem e me levem ao teu santo monte e aos teus tabernáculos" (Sl 43.3).

Para ter um coração puro e um espírito reto: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto" (Sl 51.10).

Pela presença de Deus e do Espírito Santo: "Não me lances fora da tua presença e não retires de mim o teu Espírito Santo" (Sl 51.11).

Para ter restaurada a alegria da salvação: "Torna a dar-me a alegria da tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário" (Sl 51.12).

Para que Deus se volte para seu povo: "Ó Deus, tu nos rejeitaste, tu nos espalhaste, tu tens estado indignado; oh! Volta-te para nós" (Sl 60.1).

Para ver o poder e a glória de Deus: "Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água, para ver a tua força e a tua glória, como te vi no santuário" (Sl 63.1,2).

Por ajuda divina quando oprimido: "Livra-me, ó Deus, pois as águas entraram até à minha alma. Atolei-me em profundo lamaçal, onde não se pode estar em pé; entrei nas profundezas das águas, onde a corrente me leva. Estou cansado de clamar; secou-se-me a garganta; os meus olhos desfalecem esperando o meu Deus" (Sl 69.1-3).

Por ajuda na velhice: "Agora, também, quando estou velho e de cabelos brancos, não me desampares, ó Deus, até que tenha anunciado a tua força a esta geração, e o teu poder a todos os vindouros" (Sl 71.18).

Para obter resposta na tribulação: "Senhor, ouve a minha oração, e chegue a ti o meu clamor. Não escondas de mim o teu rosto no dia da minha angústia; inclina para mim os teus ouvidos; no dia em que eu clamar, ouve-me depressa" (Sl 102.1,2).

Para ser examinado e corrigido por Deus: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23,24).

Confissão

A confissão é, para a oração, um ingrediente essencial, pois abre a porta da misericórdia de Deus e libera o seu perdão (cf. 2 Sm 12.13). As orações nos Salmos incorporam ocorrências significativas de confissão.

> Confessei-te o meu pecado e a minha maldade não encobri; dizia eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado (Sl 32.5).
>
> Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniqüidade e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que a teus olhos é mal, para que sejas justificado quando falares e puro quando julgares. Eis que em iniqüidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe (Sl 51.1-5).

Ação de Graças

As ações de graças eram parte importante nas orações do livro de Salmos, tal como deveriam ser em nossas orações. A falta de gratidão é um sutil inimigo da alma, sempre conduzindo a trevas ainda mais profundas (cf. Rm 1.21).

> Para que a minha glória te cante louvores e não se cale; Senhor, Deus meu, eu te louvarei [te darei graças] para sempre (Sl 30.12).
> Louvarei o nome de Deus com cântico e engrandecê-lo-ei com ação de graças (Sl 69.30).
> Oferecer-te-ei sacrifícios de louvor [ação de graças] e invocarei o nome do Senhor (Sl 116.17).

Queremos acrescentar uma nota final antes de concluir nosso exame das orações registradas nos Salmos: Davi aprendera a exigente disciplina da oração, fazendo dela um hábito. Ele recorda essa sua prática em pelo menos duas ocasiões:

> Pela manhã, ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã, me apresentarei a ti, e vigiarei (Sl 5.3).
> De tarde, e de manhã, e ao meio-dia, orarei; e clamarei, e ele ouvirá a minha voz (Sl 55.17).

Sem dúvida, essa prática começou ainda durante seus dias juvenis. É razoável crer que antes de Davi terminar seus dias de pastoreio ele já se tornara uma pessoa de oração. Pois certamente não existem outros meios válidos de se lidar com a solidão, a não ser que se aprenda e pratique a arte santa da oração.

Perguntas para Estudo

1. Por que Davi foi chamado homem segundo o coração de Deus?
2. Quando é que a falta de fé nos leva a repetir uma oração, e quando a repetição é uma expressão de fé?
3. O que as orações de Davi nos mostram quanto à importância da atitude do coração?
4. Você poderia sumariar o que aprendeu acerca das orações públicas, nos casos ilustrados por Davi?
5. O que o exemplo de Davi revela sobre nossa aproximação de Deus em oração?
6. Que outras lições poderiam ser extraídas das orações do livro de Salmos?

Capítulo Cinco

As Orações de Salomão e dos Líderes Posteriores de Israel

Salomão

Algumas das orações mais exemplares de toda a Bíblia foram pronunciadas pelo rei Salomão, filho de Davi e seu sucessor no trono. Mas, de forma diferente ao que sucedeu às orações de Davi, poucas orações de Salomão ficaram registradas. Para cada oração mencionada, entretanto, há também uma resposta registrada. O relato mais antigo de suas orações acha-se no livro de 1 Reis (cf. 2 Cr 1.7-13).

Uma oração humilde por sabedoria

> E em Gibeão apareceu o Senhor a Salomão de noite em sonhos e disse-lhe Deus: Pede o que quiseres que te dê. E disse Salomão: De grande beneficência usaste tu com teu servo Davi, meu pai, como também ele andou contigo em verdade, e em justiça, e em retidão de coração, perante a tua face; e guardaste-lhe esta grande beneficência e lhe deste um filho que se assentasse no seu trono, como se vê neste dia. Agora, pois, ó Senhor, meu Deus, tu fizeste reinar teu servo em lugar de Davi, meu pai; e sou ainda menino pequeno, nem sei como sair, nem como entrar. E teu servo está no meio do teu povo que elegeste, povo grande, que nem se pode contar, nem numerar, pela sua multidão. A teu servo, pois, dá um coração entendido para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; porque quem poderia julgar a este teu tão grande povo? (1 Rs 3.5-9)

De particular interesse foi a palavra de Deus ao jovem rei: "Pede o que quiseres que te dê". Perguntar é importante tanto para nós quanto para Deus; para nós porque demonstra nossa dependência dEle, e para Deus porque, de alguma forma, Ele faz sua obra respeitando o

exercício da nossa fé. Jesus instrui-nos: "Pedi, e dar-se-vos-á" (Mt 7.7). Mas o recebimento está condicionado à forma como pedimos: "E esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1 Jo 5.14). "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites" (Tg 4.3).

Antes de fazer sua petição, Salomão demonstrou reconhecer, e bem, alguns pontos fundamentais à sua relação com Deus, a saber:

1. Deus mostrara grande misericórdia e bondade para com seu pai, Davi (1 Rs 3.6).

2. Deus é quem o fizera rei no lugar de seu pai (v. 7).

3. Ele se sentia totalmente incapaz de liderar o povo escolhido de Deus, "tão grande, que nem se pode contar, nem numerar" (vv. 7,8).

É compreensível que Salomão se sentisse um pouco pressionado pelas suas responsabilidades. A favor dele, entretanto, pesa o fato de ter achado que sua herança (filho do poderoso rei Davi) não bastava, em termos de capacidade, para desempenhar sua tarefa. Que lição a ser aprendida pelos filhos e filhas de pais proeminentes e capazes, quando, de um modo ou de outro, os filhos tornam-se herdeiros dos papéis de liderança dos pais!

Veja a petição de Salomão (v. 9). O coração de Deus é cativado não somente por uma atitude humilde mas também por uma petição destituída de egoísmo. Um indivíduo de caráter menos evoluído teria pedido por aquilo que lhe trouxesse benefícios pessoais: riquezas, poder e honrarias. Mas não Salomão. Sua oração dizia respeito exclusivamente ao bem-estar de seu povo. Ele não considerou o povo uma possessão sua, mas de Deus; e assumiu o lugar de um pastor subordinado, disposto a cumprir a vontade de Deus e trabalharem favor do povo de Deus.

Antes de mais nada desejou sabedoria, para que pudesse administrar com justiça e retidão os negócios do reino: "E esta palavra pareceu boa aos olhos do Senhor, que Salomão pedisse esta coisa" (v. 10). Em resposta ao pedido de Salomão, Deus também adicionou o que ele não pedira, "assim riquezas como glória", e prolongou os seus dias (vv. 11-14).

Uma renovação do Pacto

Depois de terminado o Templo do Senhor, que requereu sete anos, Salomão pediu que os sacerdotes pusessem a arca do Senhor no santuário que se chamava o Lugar Santíssimo (cf. 1 Rs 8.6). Quando os sacerdotes deixaram o santuário, uma nuvem encheu o Templo, de modo que os sacerdotes não podiam realizar seu serviço. Então Salomão fez uma oração de dedicação (cf. 1 Rs 8.22-53) — uma das mais longas já registradas nas Escrituras. Ela deve ser lida na íntegra, mas para nosso objetivo bastarão algumas porções selecionadas:

E pôs-se Salomão diante do altar do Senhor, em frente de toda a congregação de Israel, e estendeu as mãos para os céus, e disse: Ó Senhor, Deus de Israel, não há Deus como tu, em cima nos céus nem embaixo na terra, que guardas o concerto e a beneficência a teus servos que andam de todo o seu coração diante de ti.
Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus te não poderiam conter, quanto menos esta casa que eu tenho edificado. Volve-te, pois, para a oração de teu servo e para a sua súplica, ó Senhor, meu Deus, para ouvires o clamor e a oração que o teu servo, hoje, faz diante de ti. Para que os teus olhos, noite e dia, estejam abertos sobre esta casa, sobre este lugar, do qual disseste: O meu nome estará ali; para ouvires a oração que o teu servo fizer neste lugar. Ouve, pois, a súplica do teu servo e do teu povo de Israel, quando orarem neste lugar; também ouve tu, no lugar da tua habitação nos céus; ouve também e perdoa. Quando alguém pecar contra o seu próximo, e puserem sobre ele juramento, para o ajuramentarem, e vier o juramento diante do teu altar, nesta casa, ouve tu, então, nos céus, e age, e julga os teus servos, condenando ao injusto, fazendo recair o seu proceder sobre a sua cabeça, e justificando ao justo, e fazendo-lhe segundo a sua justiça. Quando o teu povo de Israel for ferido diante do inimigo, por ter pecado contra ti, e se converterem a ti, e confessarem o teu nome, e orarem, e suplicarem a ti nesta casa, ouve tu, então, nos céus, e perdoa o pecado do teu povo de Israel, e torna a levá-lo à terra que tens dado a seus pais. Quando os céus se cerrarem, e não houver chuva, por terem pecado contra ti, e orarem neste lugar, e confessarem o teu nome, e se converterem dos seus pecados, havendo-os tu afligido, ouve tu, então, nos céus, e perdoa o pecado de teus servos e do teu povo de Israel, ensinando-lhes o bom caminho em que andem, e dá chuva na terra que deste ao teu povo em herança.
Toda oração, toda súplica que qualquer homem de todo o teu povo de Israel fizer, conhecendo cada um a chaga do seu coração e estendendo as mãos para esta casa, ouve tu, então, nos céus, assento da tua habitação, e perdoa, e faze, e dá a cada um conforme todos os seus caminhos e segundo vires o seu coração, porque só tu conheces o coração de todos os filhos dos homens.
E também ouve ao estrangeiro que não for do teu povo Israel, porém vier de terras remotas, por amor do teu nome (porque ouvirão do teu grande nome, e da tua forte mão, e do teu braço estendido), e vier orar a esta casa. Ouve tu nos céus, assento da tua habitação, e faze conforme tudo o que o estrangeiro a ti clamar, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem como o teu povo de Israel e para saberem que o teu nome é invocado sobre esta casa que tenho edificado.

> Quando pecarem contra ti (pois não há homem que não peque), e tu te indignares contra eles, e os entregares nas mãos do inimigo, para que os que os cativarem os levem em cativeiro à terra do inimigo, quer longe ou perto esteja; e, na terra aonde forem levados em cativeiro, tornarem em si, e se converterem, e na terra do seu cativeiro te suplicarem, dizendo: Pecamos, e perversamente agimos, e cometemos iniqüidade; e, se converterem a ti de todo o seu coração e de toda a sua alma, na terra de seus inimigos que os levarem em cativeiro, e orarem a ti para a banda da terra que deste a seus pais, para esta cidade que elegeste e para esta casa que edifiquei ao teu nome; ouve, então, nos céu, assento da tua habitação, a sua oração e a sua súplica, e faze-lhes justiça, e perdoa ao teu povo que houver pecado contra ti todas as suas prevaricações com que houverem prevaricado contra ti; e faze-lhes misericórdia perante aqueles que os têm cativos, para que deles tenham compaixão (1 Rs 8.22,23,27-36,38,39,41-43,46-50).

A oração de Salomão apresenta três divisões facilmente identificáveis:

1. Um apelo geral para que Deus honrasse sua palavra a Davi e ouvisse a oração de seu servo, Salomão (vv. 22-30).

2. Sete petições especiais (vv. 31-50). Essas petições foram expressas mediante paralelismos poéticos. Suas colocações foram colocadas de um modo condicional, contrapondo-se o vocábulo "quando" (ou "se") à palavra "então". (Cada uma dessas colocações paralelas comporta uma profunda teologia da oração; qualquer estudante aproveitaria muito se desse a devida atenção a cada uma delas.)

Quando um homem for obrigado a prestar algum juramento, *então* ouve do céu e age (vv. 31,32).

Quando o povo de Israel confessar o seu pecado, *então* ouve do céu e perdoa o seu pecado (vv. 33,34).

Quando se converterem do seu mau caminho, porque os afligiste, *então* ouve do céu e perdoa-lhes o pecado (vv. 35,36).

Quando o povo enfrentar fome, ou praga, e voltar-se para ti em oração, *então* retribui a cada um segundo o seu coração (vv. 37-40).

Quando chegar um estrangeiro e orar voltado para o templo, por causa do teu grande nome, *então* faze tudo o que ele clamar a ti (vv. 41-43).

Quando enviares o teu povo à guerra, e eles orarem, *então* ouve do céu e sustenta a causa deles (vv. 44,45).

Quando forem levados em cativeiro, se abandonarem o seu pecado e orarem, *então* ouve a sua oração e perdoa-lhes o pecado (vv. 46-51).

3. Um apelo final, solicitando o cuidado especial de Deus sobre o povo que escolhera para que fosse seu, entre todos os povos da Terra (vv. 51-53).

Digno de destaque na oração de Salomão é sua consciência de que as bênçãos e as provisões de Deus estão relacionadas a ações concretas no sentido de satisfazer aos requisitos e condições divinos. Esquecer esse fato é orar em vão.

A postura de Salomão na oração e seus gestos não deixam de ter seu próprio significado. Ele "estendeu as mãos para os céus" (v. 22) e permaneceu "de joelhos... diante do altar do Senhor" (v. 54). As mãos estendidas na direção dos céus mostram que ele estava aberto para receber a bênção e a ajuda de Deus. Ao ajoelhar-se humildemente (embora fosse rei e pudesse estar assentado diante do Senhor – cf. 2 Sm 7.18), Salomão reconheceu a soberania de Deus, como o Rei dos reis. Também mostrou estar cônscio da sua própria incapacidade e de depender totalmente de Deus.

O versículo 27, ao reconhecer a onipresença de Deus, como o faz revela a percepção que Salomão tinha da grandeza e infinidade divinas, certamente um ingrediente vital na oração eficaz. Quão completamente gratificante é abandonarmos nossas limitações humanas e nos voltarmos para o Deus Todo-poderoso! Pois não há quem se iguale àquEle que é, ao mesmo tempo, infinito e eterno, que não pode ser contido numa mera casa terrestre, e tampouco no Céu dos céus. Nosso Deus não habita nos espaços limitados do tempo, nem está subordinado à sucessão infinita dos anos. Quão grande é o Senhor!

Elias

Poucas pessoas têm tido um reconhecimento tão notório por suas orações como o profeta Elias. Quando ele orou ao seu Deus (o nome "Elias" significa "meu Deus é Jeová"), os resultados foram realmente notáveis.

Uma das razões por que Elias obtinha resultados tão perceptíveis era certamente a manutenção de uma relação que não prescindia da comunicação regular com Deus. Esse relacionamento estreito transparece em 1 Reis 17.1: "Então, Elias, o tisbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, que nestes anos nem orvalho nem chuva haverá, senão segundo a minha palavra". As palavras "perante cuja face estou" indicam, no mínimo, que Elias mantinha uma estreita relação pessoal com Deus, derivando daí sua condição de representante. Mostra também que Elias tinha comunhão com o Deus a quem representava e de quem se habituara a receber direção.

Uma oração poderosa e eficaz

Nem sempre podemos acompanhar acuradamente a mão de Deus ou os seus propósitos nas vicissitudes, como na história do

filho da viúva, que morreu somente para ser trazido de volta à vida (1 Rs 17.8-24) — pois só podemos ver como em espelho, obscuramente (cf. 1 Co 13.12).

> E clamou ao Senhor e disse: Ó Senhor, meu Deus, também até a esta viúva, com quem eu moro, afligiste, matando-lhe seu filho? Então, se mediu sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor, meu Deus, rogo-te que torne a alma deste menino a entrar nele. E o Senhor ouviu a voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu (1 Rs 17.20-22).

Aos olhos da viúva, a morte súbita do seu único filho era uma punição por algum pecado cometido por ela na juventude, há muito sepultado na câmara secreta de sua memória. E quem poderia dizer que Deus, em alguns casos, não se utiliza de tais meios para obter o arrependimento necessário, liberando nossa alma para elevar-se desimpedida à sua presença?

Não nos esqueçamos, porém, que Satanás é um grande estrategista. Ele se deleita em tirar vantagem das circunstâncias contrárias da vida, usando-as para nos incutir um sentimento de culpa e nos condenar por pecados há muito perdoados e purificados (Rm 8.1,33,34).

Enquanto Elias orava, pode ser que tenha acusado, por equívoco, a Deus pela morte do filho da viúva. Tanto a mãe quanto o profeta estavam sujeitos às limitações e aos sentimentos humanos. É perfeitamente possível que nem houvesse uma causa justificável para a morte do rapaz e que, neste caso, o único propósito de Deus fosse demonstrar seu poder miraculoso, para trazer glória ao seu próprio nome (cf. Jo 9.3; 11.4). Mas a despeito do que achamos sobre as razões divinas para causar ou permitir uma tragédia, certamente é em tudo aceitável implorar a Deus uma solução para o problema. Nosso erro pode facilmente ser que tiramos nossas próprias conclusões, e então oramos. Não obstante, a ordem reversa — isto é, se orássemos antes — poderia nos poupar de angústias desnecessárias, impedindo-nos de acusar equivocadamente a Deus.

Alguns especulam sobre a razão por que Elias teria se estendido sobre o menino; mas é suficiente compreender que, por meio desse ato, o profeta revelou seu intenso e total envolvimento na obtenção de uma intervenção divina comprovadamente necessária. Por certo a fé foi posta em ação; o humanamente impossível tornou-se realidade, pois o Deus do impossível demonstrou liberalmente seu poder ilimitado. O comportamento incomum de Elias não foi a causa, mas o meio pelo qual a oração foi respondida.

"A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos" (Tg 5.16). Elias foi um excelente exemplo da validade dessa declaração inspirada.

Ele tinha um único motivo, ao pleitear diante de Deus pela criança morta, e estava sendo consumido em sua petição, dando-se a ela desesperadamente. Seu clamor não deixou nenhuma dúvida quanto ao que pretendia: "Ó Senhor, meu Deus, rogo-te que torne a alma deste menino a entrar nele" (1 Rs 17.21). A oração de Elias pode não se conformar aos nossos conceitos de aceitabilidade; foi uma oração em favor de um milagre físico, sem condições ou alternativas. Não obstante, o Senhor o ouviu e respondeu.

Lembretes sobre quem é Deus

Elias e os 450 profetas de Baal puseram-se de pé diante do povo para provar quem era Deus, o Senhor ou Baal. O povo decidiu que o teste era bom e fez os preparativos. Embora os profetas de Baal o tivessem invocado desde a manhã até quase ao anoitecer, não chegaram a receber resposta alguma.E foi então que Elias chegou-se à frente e iniciou sua oração:

> Sucedeu, pois, que, oferecendo-se a oferta de manjares, o profeta Elias se chegou e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, *manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu* sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu, Senhor, és Deus e que tu fizeste tornar o seu coração para trás (1 Rs 18.36,37).

O modo como nos dirigimos a Deus é totalmente relevante, podendo inclusive despertar o coração daquEle que nos ouve. Reconhecer quem é Deus edifica a fé naquilo que Ele pode fazer. Nosso Deus não tem nada a ver com divindades como Baal, que não podem dar resposta mesmo que seus pretensos profetas a busquem com a maior intensidade e importunação. Ao contrário, o Deus de Elias é também o Deus de Abraão, de Isaque e de Israel; cada um desses patriarcas recebeu respostas sobrenaturais às suas orações. Apenas uma vez, nas Escrituras, Deus se identifica desse modo, como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó — naquela ocasião, o próprio Deus é quem aplica a si essa expressão, do meio da sarça ardente (cf. Êx 3.6). Nossas orações podem ser enriquecidas se, dirigindo-nos a Deus, basearmo-nos naquilo que Ele é. (Note a oração de Paulo em Ef 1.17: "O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória".)

O conteúdo da oração simples de Elias, que obteve uma resposta imediata e inegável dos Céus (vv. 38,39), revela a principal paixão do grande profeta. Para nós, tanto quanto para Elias, a oração é um reflexo do coração. Da perspectiva de Elias, Israel precisava conhecer duas coisas: 1) a identidade de Deus e 2) a origem da autoridade

de Elias. Eles precisavam conhecer o Deus de Israel, porquanto a tolice perpetrada pelo seu rei trouxera-lhes uma confusão generalizada: "Manifeste-se hoje que tu [o Deus de Abraão, Isaque e Israel] és Deus em Israel" (v. 36). E também precisava ficar claro que Elias não estava naquela missão por conta própria, apenas como um servo de Deus, e que estava fazendo conforme lhe fora ordenado: "[Manifeste-se também] que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas" (v. 36).

O único propósito de Elias era fazer o coração do seu povo voltar-se de novo ao verdadeiro Deus (1 Rs 18.37). O que será preciso, hoje em dia, para uma mudança de coração como essa nos povos do mundo inteiro? Podem ser necessárias manifestações sobrenaturais, como nos dias de Elias. O que se seguiu fez o coração do povo voltar-se para o verdadeiro Deus. O fogo caiu e consumiu a oferta, a madeira, as pedras, a poeira e até a própria água, "o que vendo todo o povo, caiu sobre os seus rostos em terra e disse: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!" (1 Rs 18.39) Literalmente, eles disseram: "O Senhor — Ele é o único Deus". Em contrapartida, acabaram por reconhecer que Baal não era deus coisa nenhuma.

Entre a promessa e seu cumprimento

Depois de demonstrada e estabelecida a soberania de Deus sobre Israel, Elias pôde anunciar com segurança que a chuva, para interromper a seca, já estava a caminho. Embora as palavras de sua oração não tenham sido registradas, ele deve ter orado fervorosamente para Deus enviar a chuva:

> E Acabe subiu a comer e a beber; mas Elias subiu ao cume do Carmelo e se inclinou por terra, e meteu o seu rosto entre os seus joelhos. E disse ao seu moço: Sobe agora e olha para a banda do mar. E subiu, e olhou, e disse: Não há nada. Então, disse ele: Torna lá sete vezes. E sucedeu que, à sétima vez, disse: Eis aqui uma pequena nuvem, como a mão de um homem, subindo do mar. Então, disse ele: Sobe e dize a Acabe: Aparelha o teu carro e desce, para que a chuva te não apanhe (1 Rs 18.42-44).

O comportamento do profeta demonstra a intensidade de sua oração. Tiago descreve essa intensidade ao usar o vocábulo grego *energeó* (de onde deriva a palavra "energia"), que é traduzido por "com instância" (cf. Tg 5.17 – ARA). Alguns estudiosos têm sugerido que a postura de Elias era como a de uma mulher israelita em trabalho de parto. Essa colocação não é de todo imprópria, pois certamente ele travou uma luta pelo renascimento espiritual do povo de Israel.

Nada, porém, impede que se faça uma pergunta. Visto que Deus dissera a Elias: "Vai e mostra-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra" (1 Rs 18.1), por que precisava orar, afinal? Não lhe obedecera? Sim, claro. Contudo, houve um lapso de tempo entre a promessa e seu cumprimento. E podemos ponderar acerca das razões para a demora. De alguma maneira, Deus limita sua intervenção nos negócios humanos, a fim de levar seus servos a um envolvimento que longe está da passividade. Deus aguarda até perceber-lhes a fé e ouvir-lhes as orações; então libera os benefícios prometidos. E devemos concluir que Ele deseja, mesmo que não precise, ouvir as nossas orações. Quão maior glória não seria tributada a Deus e quanto mais pessoas não se converteriam, se correta e consistentemente orássemos!

Temos nesse trecho em exame, igualmente, uma lição sobre a persistência e a perseverança, bem como uma gentil admoestação contra aqueles que insistem na afirmação de que orar por alguma coisa mais de uma vez significa falta de fé. A labuta incansável de Elias em oração e seu repetido apelo para que seu servo verificasse os primeiros indícios de uma resposta eram o oposto exato da incredulidade. Ele não ignorava que fosse chover e nem que houvesse um papel essencial a ser desempenhado por ele, até que Deus cumprisse o prometido. Quem dera pudéssemos orar com a mesma consciência!

Tempo de não orar

Vejamos, agora, como se ilustra a afirmação de Tiago de que Elias era um ser humano como qualquer um de nós. Eis novamente uma oportunidade de nos identificarmos com ele como pessoa de oração. Um dia ele orou e trouxe fogo e chuva sobre a terra; no dia seguinte, desanimado, orou pedindo a morte (cf. 1 Rs 19.1-7).

> E ele foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu em seu ânimo a morte e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais (1 Rs 19.4).

Há tempo em que o melhor a fazer é orar e, conforme observamos no caso de Moisés, diante do mar Vermelho, há horas em que a oração não convém. Orar quando a exaustão e a depressão nos invadem pode gerar petições contrárias à vontade graciosa do Criador. Ainda bem que Deus conhece a nossa estrutura e sabe que somos humanos (Sl 103.14). Não é sua intenção nos condenar por causa de orações equivocadas, quando a vida nos oprime e, graças a Deus, Ele nos priva de uma resposta precipitada Tivesse se Ele respondido àquele apelo inconseqüente do profeta, a perda talvez não pudesse ser compensada. Deus planejara para Elias uma saída

da terra à parte da morte (cf. 2 Rs 2.1). A essa altura dos acontecimentos, porém, o que Elias queria era mesmo a morte.

É para a nossa edificação que a Bíblia conta a história inteira, falando não só dos feitos heróicos de alguém, mas também de suas frustrações, falhas e defeitos. Diferente de Deus, que não muda, o ser humano pode ser, num e noutro dia, "a glória" e "o escândalo" do universo. A Bíblia não embeleza a história de seus heróis. Ela permite que os vejamos como de fato eram, para aprendermos não só com seus sucessos, mas principalmente com seus momentos de fraqueza.

Conforme observamos, os resultados das orações de Elias foram notáveis — tanto que chegam a nos intimidar em vez de inspirar-nos. Assim, além de estudar as orações de Elias que foram registradas, consideramos outros comentários bíblicos a respeito dele: por exemplo, o comentário de Tiago, irmão do Senhor, ilustrando a oração eficaz por meio de Elias (Tg 5.16-20). O Espírito Santo — para nos expurgar de quaisquer idéias erradas sobre Elias — inspirou Tiago a encorajar-nos pela observação de que "Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós" (Tg 5.17). Vemos assim que ele precisou contender com sua própria humanidade e com as paixões terrenas que ainda o rondavam, as quais guerreiam contra a alma.

Eliseu

Restaurando a vida aos mortos

Eliseu foi um baluarte da oração, como Elias, seu antecessor. Ele recebeu uma "porção dobrada" do espírito que estava sobre Elias, ou seja, a porção do herdeiro. Por causa disso é que ele veio a ser reconhecido entre os profetas como o sucessor de Elias (2 Rs 2.9,15). À semelhança de Elias, Eliseu experimentou respostas raramente concedidas aos mortais:

> E chegando Eliseu àquela casa, eis que o menino jazia morto sobre a sua cama. Então, entrou ele, e fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao Senhor. E subiu, e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Depois, voltou, e passeou naquela casa de uma parte para outra, e tornou a subir, e se estendeu sobre ele; então, o menino espirrou sete vezes e o menino abriu os olhos (2 Rs 4.32-35).

Ressuscitar os mortos certamente não está na ordem do dia — nunca esteve, nem estará. Mas isso não quer dizer que não possa acontecer. Deus não mudou e nem foi destituído de seu poder. Pelo poder de Deus muitos têm ressuscitado dos mortos e outros tantos ainda o serão. "Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus

ressuscite os mortos?" (At 26.8) Elias tinha sido usado nessa espécie de milagre. E certamente Eliseu ouvira a narrativa da ressurreição operada por seu mentor. Em conseqüência, sua fé cresceu quando apresentou-se a ele a oportunidade de operar um milagre idêntico. Seu ministério seguiu o padrão de Elias. Quem ora com eficácia dificilmente deixará de estimular os amigos à prática semelhante.

Eliseu "subiu, e deitou-se sobre o menino" (2 Rs 4.34), como que para comunicar seu calor vital ou espírito a ele. Como Elias (cf. 1 Rs 17.21), depois de clamar a Deus por um milagre, Eliseu evidenciou a intensidade de seu desejo e de sua confiança no poder divino, demonstrando que dependia dEle para obter êxito.

Ato contínuo, ele se afastou do morto (o original hebraico pode indicar que ele desceu à casa da sunamita, já que o quarto onde estava o menino ficava no alto, provavelmente no terraço, como era comum entre os judeus), andando de um lado para o outro, visivelmente preocupado, inteiramente voltado para o milagre que estava buscando. Pela segunda vez estendeu-se sobre o corpo inerte do menino (2 Rs 4.35). Aqueles que realmente desejam transmitir vida às almas espiritualmente mortas devem, de modo semelhante, labutar fervorosamente em oração, além de ir ao encontro delas.

"Meios naturais estão em nosso poder; aqueles que são sobrenaturais pertencem a Deus. Sempre devemos fazer nosso próprio trabalho, e implorar a Deus pelo mesmo" (Adam Clarke, *The Holy Bible Containing the Old and New Testament with a Commentary and Critical Notes,* vol. 2, Londres: Ward, Lock & Co., s.d., p. 388).

Pedindo entendimento espiritual

O rei da Síria estava determinado a capturar Eliseu. Ora, todos os seus planos secretos contra Israel haviam sido malogrados porque Deus os revelava a Eliseu, que os comunicava ao rei de Israel. Assim, certa noite, os homens da Síria cercaram a cidade a fim de prender Eliseu. O servo de Eliseu, quando viu os exércitos da Síria, ficou cheio de medo, a ponto de Eliseu exortá-lo a ver as coisas com os olhos espirituais. Como o rapaz só enxergava o inimigo, Eliseu não teve alternativa a não ser orar por ele:

> Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu. E, como desceram a ele, Eliseu orou ao Senhor e disse: Fere, peço-te, esta gente de cegueira. E feriu-a de cegueira, conforme a palavra de Eliseu (2 Rs 6.17,18).

Para o servo de Deus, amadurecido, ver aquilo era uma coisa; para o moço, que estava começando, outra bem diferente. O mais velho, possuidor de uma visão mais ampla de Deus, deveria levar a carga do mais

jovem, neófito. Eliseu, ao contrário de Geazi, não sentia qualquer medo ou desesperança, pois discernia a presença dos exércitos do Céu. Seu servo precisava da mesma visão espiritual, e a oração de Eliseu foi direto ao alvo — "o Senhor abriu os olhos do moço".

Mas, no momento seguinte, o homem de Deus orou diferente: "Fere, peço-te,esta gente de cegueira". Que ironia! Para seu servo, Eliseu pedira visão; agora, para o inimigo, rogava por cegueira. Deus respondeu a ambas as orações do seu fiel profeta.

> A princípio, essas respostas à oração podem parecer caprichosas. Mas quando vistas contra o pano de fundo da situação política da nação, foram atos de poderoso livramento. Eliseu não guiou os sírios a Samaria para que fossem assassinados, mas instruiu o rei de Israel a deixá-los livres e tratá-los bem. Tal medida trouxe libertação nacional, pois 'não entraram mais tropas de siros na terra de Israel' (2 Rs 6.23) (Harold Lindsell, *When You Pray,* Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1969, p. 141).

Davi também orou para que pudesse compreender as coisas profundas de Deus: "Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei" (Sl 119.18). Satanás é um mestre em cegar os olhos humanos à realidade espiritual por trás das circunstâncias (cf. 2 Co 4.4; Ef 4.18). É da maior importância que os servos de Deus vejam de modo claro e verdadeiro. O meio determinado por Deus para isso é a oração.

Asa

> E Asa clamou ao Senhor, seu Deus, e disse: Senhor, nada para ti é ajudar, quer o poderoso quer o de nenhuma força; ajuda-nos, pois, Senhor, nosso Deus, porque em ti confiamos e no teu nome viemos contra esta multidão; Senhor, tu és o nosso Deus, não prevaleça contra ti o homem (2 Cr 14.11; cf. o contexto: vv. 9-15).

As comparações feitas pelos homens são os pais do temor, e o exagero é o inimigo da fé. Quando os 12 espias de Israel compararam-se com os gigantes cananeus, dez deles se viram como meros gafanhotos, tornando-se vítimas do seu próprio exagero. Asa poderia ter falhado de maneira semelhante, pois o seu exército pouco passava da metade do exército inimigo. Ele tinha 580 mil homens, contra um milhão de etíopes. Para Asa, entretanto, poucos números significavam, pois o povo de Deus contava com um recurso sobrenatural: "Senhor, nada para ti é ajudar, quer o poderoso quer o de nenhuma força". A fé altera a nossa perspectiva e faz entrar em ação, pela oração, o poder daquEle contra quem os poderes multiplicados da humanidade não fazem frente.

Quando orava, Asa confessava sua fé: "Porque em ti confiamos". A confiança e a dependência demonstram uma fé viva. Na declaração de Asa de que "no teu nome viemos contra esta multidão" acha-se a marca d'água da legítima confiança (cf. 1 Sm 17.45; At 3.6).

Josafá

Somente os insensatos não sentem medo. E, embora o temor possa nos paralisar, pode ser também nosso aliado, especialmente quando nos conduz a Deus — como sucedeu a Josafá. Alguns homens tinham chegado a Josafá para avisá-lo de que um vasto exército se aproximava da capital.

> Então, Josafá temeu e pôs-se a buscar o Senhor; e apregoou jejum em todo o Judá. E Judá se ajuntou, para pedir socorro ao Senhor; também de todas as cidades de Judá vieram para buscarem o Senhor.
> E pôs-se Josafá em pé na congregação de Judá e de Jerusalém, na Casa do Senhor, diante do pátio novo. E disse: Ah! Senhor, Deus de nossos pais, porventura não é tu Deus nos céus? Pois tu és dominador sobre todos os reinos das gentes. E na tua mão há força e poder, e não há quem te possa resistir. Porventura, ó Deus nosso, não lançaste tu fora os moradores desta terra, de diante do teu povo de Israel, e não a deste à semente de Abraão, teu amigo, para sempre? E habitaram nela e edificaram nela um santuário ao teu nome, dizendo: Se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste ou fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante de ti; pois teu nome está nesta casa; e clamaremos a ti na nossa angústia, e tu nos ouvirás e livrarás.
> Agora, pois, eis que os filhos de Amom e de Moabe e os das montanhas de Seir, pelos quais não permitiste que passasse Israel, quando vinham da terra do Egito, mas deles se desviaram e não os destruíram, eis que nos dão o pago, vindo para lançar-nos fora da herança que nos fizeste herdar. Ah! Deus nosso, porventura, não os julgarás? Porque em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em ti. E todo o Judá estava em pé perante o Senhor, como também as suas crianças, as suas mulheres e os seus filhos (2 Cr 20.3-13).

Temos aqui o primeiro registro de um jejum geral proclamado pela realeza de Israel, que evidentemente foi observado por todo o Judá. A nação inteira estava consciente da sorte desesperada que se lhes aproximava, e não entendiam o porquê de tudo aquilo. Mas assim é a vida, quer diga respeito a uma nação, igreja, família ou indivíduo.

> De onde menos se espera surge uma grave dificuldade. Aquele poder, que deveria ter sido um aliado, de súbito torna-se um inimigo; a própria instituição que deveria ser-nos a fonte de sustentação, ameaça arrastar-nos consigo para baixo, rumo à ruína financeira; os mesmos homens que pareciam ser e que realmente eram nossos melhores amigos, em quem podíamos confiar, tornam-se nossos oponentes e distorcem o nosso propósito; a manhã clara e brilhante torna-se um meio-dia enevoado e, agora, uma severa tempestade nos ameaça (*The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co, 1950, vol. 6 – *2 Crônicas*, por P. C. Barker, p. 242).

A oração de Josafá (2 Cr 20.6-12), embora feita de improviso, é uma das mais belas de todo o Antigo Testamento, um modelo digno de ser imitado. Endereçada a Jeová, o Auto-existente, o Eterno, o Guardador do Pacto, o Deus sempre presente, Deus é nela exaltado pelo menos de cinco maneiras:

1. Ele é o Deus [fiel] de nossos antepassados (2 Cr 20.6).
2. Ele está no Céu, mas governa sobre todos os homens na Terra (20.6).
3. Ele é o Deus onipotente (20.6).
4. Ele é o que deu aquela terra ao seu povo, Israel (20.7).
5. Ele é a única esperança deles (20.12).

A oração feita por Salomão ao dedicar o Templo (1 Rs 8.33-45) é o ponto de referência para o apaixonado apelo de Josafá (2 Cr 20.8,9). Observe-se as três divisões da oração de Josafá: 1) um lembrete de como Israel fora misericordioso no passado com Amom, Moabe e os moradores do monte Seir, seguindo instruções divinas; 2) um clamor para que Deus considerasse como eles agora devolviam com o mal o bem recebido; e 3) uma petição pela ajuda e intervenção de Deus à luz do presente dilema de Judá e sua admitida falta de forças.

Notável, igualmente, é a confissão de Josafá, da sua fraqueza, ao mesmo tempo que afirma sua confiança e dependência no Deus a quem se dirigia: "Os nossos olhos estão postos em ti" (20.12). Quando alguém ora pedindo a intervenção divina, com olhos fixos em Deus, em vez de visualizar só as circunstâncias, e elas podem ser ameaçadoras, Deus certamente responde. Logo depois, o Espírito de Deus desceu sobre Jaaziel, que deu orientações de Deus a Josafá, pelas quais o rei e todo o seu povo obtiveram vitória e grande regozijo (cf. 2 Cr 20.14-28).

Ezequias

Muito há para ser aprendido das orações de Ezequias (cf. 2 Rs 18.1–20.11; 2 Cr 29 e 32; Is 36 e 39). Eis aí um homem que, certa feita, cedeu

diante do inimigo, em lugar de orar a Deus: "Então, Ezequias, rei de Judá, enviou ao rei da Assíria, a Laquis, dizendo: Pequei; retira-te de mim; tudo o que me impuseres levarei" (2 Rs 18.14). Mas o inimigo nunca se satisfaz com uma pequena cessão: ele sempre exige mais.

Rogando a intervenção divina

Ezequias aprendera a lição: render-se diante das dificuldades é uma insensatez. Todos nós precisamos aprender isso. Se cedermos diante das dificuldades, elas retornarão, e com força multiplicada. Qualquer rendição à dificuldade, no presente, deixa a pessoa mais vulnerável àquela que se apresentar no futuro. Sejam quais forem as circunstâncias a oração é o elemento essencial à nossa vitória.

O modo como Ezequias aborda o Senhor é um modelo para todos quantos queiram garantir uma resposta de Deus. A fé aumenta quando alguém reconhece e proclama o Deus a quem a oração é dirigida.

> E orou Ezequias perante o Senhor e disse: Ó Senhor, Deus de Israel, que habitas entre os querubins, tu mesmo, só tu és Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste os céus e a terra. Inclina, Senhor, o teu ouvido, e ouve; abre, Senhor, os teus olhos e olha: e ouve as palavras de Senaqueribe, que ele enviou para afrontar o Deus vivo. Verdade é, ó Senhor, que os reis da Assíria assolaram as nações e as suas terras. E lançaram os seus deuses no fogo, porquanto deuses não eram, mas obras de mãos de homens, madeira e pedra; por isso, os destruíram. Agora, pois, ó Senhor, nosso Deus, sê servido de nos livrar da sua mão; e, assim, saberão todos os reinos da terra que só tu és o Senhor Deus (2 Rs 19.15-19; cf. todo o cap. 19 e Is 37.14-20).

Note o leitor como Ezequias identifica e proclama o seu Deus:

1. Ezequias dirige-se ao "Senhor, Deus de Israel" — que havia sido ridicularizado pelo inimigo (vv. 10-12).

2. Ezequias ora na casa do Senhor, onde Deus habitava, entre os querubins (v. 15), cônscio de que Ele estava presente. A consciência da presença divina é o caminho mais curto para a bênção!

3. Ezequias reconhece Deus como o supremo potentado: "Só tu és Deus de todos os reinos da terra". Para Ezequias, essa visão dilatada de Deus incluía seu presente inimigo, a Assíria, e encorajava sobremodo a sua fé.

4. Ezequias identifica Deus como o Criador: "Tu fizeste os céus e a terra". Pelo menos por dez vezes na Bíblia, Deus é identificado por quem ora como "aquEle que fez os céus e a terra" — principalmente no Antigo Testamento. Mas essa confissão de fé no Deus Criador também parece ter sido comum na Igreja Primitiva (cf. At 4.24). Não podemos negar ainda que serviu de inspiração a autores de hinos contemporâneos conhecidos como, por exemplo, *Quão Grande És Tu.*

O apelo de Ezequias à intervenção divina testifica de sua confiança no Deus em cujo nome aguardava socorro. Ele, enquanto rei de Israel, recebera uma carta ofensiva da parte de Senaqueribe, rei da Assíria, lançando dúvidas sobre o Deus de Israel. Nessa carta era patente a jactância de que Senaqueribe era mais poderoso que todos os deuses das nações. Ezequias presenciara um reavivamento no começo do seu reinado e conhecia a majestade do Senhor. Também não ignorava que seu exército nacional era insuficiente para resistir às forças assírias. Movido pela fé, imediatamente levou a carta ao Templo e a estendeu perante o Senhor (2 Rs 19.14; Is 37.14). O modo correto de lidar com circunstâncias ameaçadoras, quer através de cartas ou por outros meios, demanda uma predisposição interior no sentido de buscar e acatar a orientação de Deus.

Outro aspecto positivo em Ezequias é que ele não tinha nenhuma inclinação para negar os fatos: "Verdade é, ó Senhor, que os reis da Assíria assolaram as nações e as suas terras" (2 Rs 19.17). Alguns, em nossos dias, rotulariam suas palavras como uma *confissão negativa,* supondo que ele fosse um inimigo da fé (*N.E.*: Sobre este assunto — confissão positiva ou negativa, entre outros temas heréticos — confira o livro *Cristianismo em Crise,* desta editora).

Pouca vantagem se obtém da atitude de enterrar a cabeça no chão e fingir que está tudo bem. Isso não resolve o problema. Somente Deus pode realizar os milagres que precisamos, e, quanto mais rápido reconhecermos isso, mais prontamente sua ajuda virá a nós. Diante dos fatos (a superioridade da Assíria sobre os deuses das nações), Ezequias expressa sua preocupação e zelo no sentido de que todos os reinos da terra soubessem "que só tu és o Senhor Deus" (19.19).

Tempos difíceis apesar da vitória

Talvez a mais memorável das orações de Ezequias esteja registrada em 2 Reis 20 (cf. 2 Cr 32.24-26; Is 38.1-22). Ezequias, então muito doente, recebeu, da boca do profeta Isaías, o comunicado de que morreria. Isaías disse-lhe ainda para deixar a família de sobreaviso e cuidar dos preparativos necessários.

> Então, virou o rosto para a parede, e orou ao Senhor, dizendo: Ah! Senhor! Sê servido de te lembrar de que andei diante de ti em verdade e com o coração perfeito e fiz o que era reto aos teus olhos. E chorou Ezequias muitíssimo (Is 38.2,3).

As vitórias dos servos de Deus sobre seus inimigos não descartam dificuldades em outras áreas. Depois de haver tomado o ouro do templo, dando-o a Senaqueribe como tributo, Ezequias "adoeceu de uma enfermidade mortal" (2 Rs 20.1). Note que a Bíblia, depois

de encerrar seu registro sobre as invasões de Senaqueribe, volta atrás para falar da enfermidade de Ezequias, que ocorreu em meados de 701 a.C., isto porque a ordem de registro dos fatos não é necessariamente cronológica. É óbvio, pelos comentários do comandante assírio em 2 Reis 18.29-31,33 (portanto, antes que o Senhor interviesse e destruísse o exército inimigo), que Deus já cumprira a promessa feita a Ezequias em 2 Reis 20.6, com respeito à sua cura miraculosa (cf. J. Ridderbos, *Isaías,* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1985, p. 315).

A oração respondida de Ezequias, que resultou na sua cura, trouxe-lhe a segurança de que Deus também poderia livrar Jerusalém dos assírios. Mas por que Deus permite que nos sobrevenham tempos difíceis, quando ainda nos deleitamos em uma vitória anterior? Pode ser que a sabedoria divina esteja nos guardando, a fim de que não nos tornemos jactanciosos, assenhoreando-nos de uma glória indevida (cf. 2 Co 12.1-10). Quanto a isso, veja também Stanley M. Horton: *A Defense on Historical Grounds of the Isaiah Authorship of the Passages in Isaiah Referring to Babylon,* tese de doutorado em teologia, Central Baptist Seminary, Kansas, 1959, p. 131.

Observe duas coisas na oração de Ezequias: 1) ele voltou o rosto para a parede; e 2) ele chorou amargamente. O fato de ele ter-se virado para a parede reflete sua consciência da necessidade de privacidade e de intensa comunhão pessoal com Deus. Pode ser mais fácil encontrar Deus numa aparente solidão do que na companhia de uma multidão. O próprio Jesus fez questão, repetidas vezes, de estar sozinho nos montes ou nos lugares desertos (cf. Mt 14.23; Mc 1.35). O choro e a oração são adequados um ao outro. Não é impróprio expressar nossas mais profundas emoções com lágrimas, especialmente diante do altar. Acerca de nosso Senhor, está escrito igualmente que Ele ofereceu, "com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas" (Hb 5.7).

A intensa oração de Ezequias serviu para acrescentar-lhe 15 anos de vida. Foram anos de grande e abençoado reavivamento. O partido daqueles que defendiam a guerra fora desacreditado pela derrota miraculosa de Senaqueribe. O povo tomara posição de fé e obediência (2 Rs 18.36). Deus lhes dera consolação (Is 40.1). Depois disso, então, Isaías pôde registrar as admiráveis profecias que constam dos capítulos 40 a 66 de seu livro.

Esdras

Esdras foi o conselheiro espiritual dos exilados judeus que retornaram de Babilônia para Jerusalém em 457 a.C. E, como baluarte da fé, ele fez uma admirável oração de confissão, pela qual "ajuntou-se a ele de Israel uma mui grande congregação de homens e mulheres e de crianças, porque o povo chorava com grande choro" (Ed 10.1).

Certo comentarista rotulou a oração desse servo de Deus, registrada no capítulo 9 do livro de Esdras, como "um discurso dos mais patéticos", originário do completo fracasso e da carga insuportável de Israel. Nessa oração, não se encontra qualquer petição; antes, uma confissão vicária das mais profundas que se encontram registradas na Bíblia. Essa oração expressa uma intensa labuta:

> E, perto do sacrifício da tarde, me levantei da minha aflição, havendo já rasgado a minha veste e o meu manto, e me pus de joelhos, e estendi as minhas mãos para o Senhor, meu Deus. E disse: Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a ti a minha face, meu Deus, porque as nossas iniqüidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus. Desde os dias de nossos pais até ao dia de hoje, estamos em grande culpa e, por causa das nossas iniqüidades, fomos entregues, nós, os nossos reis e os nossos sacerdotes, nas mãos dos reis das terras, à espada, ao cativeiro, ao roubo e à confusão do rosto, como hoje se vê.
>
> Porque servos somos, porém na nossa servidão não nos desamparou o nosso Deus; antes, estendeu sobre nós beneficência perante os reis da Pérsia, para revivermos, e para levantarmos a Casa do nosso Deus, e para restaurarmos as suas assolações, e para que nos desse uma parede em Judá e em Jerusalém. Agora, pois, ó nosso Deus, que diremos depois disso? Pois deixamos os teus mandamentos, os quais mandaste pelo ministério de teus servos, os profetas, dizendo: A terra em que entrais para a possuir terra imunda é pelas imundícias dos seus povos, pelas abominações com que, na sua corrupção, a encheram de uma extremidade à outra.
>
> E, depois de tudo o que nos tem sucedido por causa das nossas más obras e da nossa grande culpa, ainda assim tu, ó nosso Deus, estorvaste que fôssemos destruídos, por causa da nossa iniqüidade, e ainda nos deste livramento como este; tornaremos, pois, agora, a violar os teus mandamentos e a aparentar-nos com os povos destas abominações? Não te indignarias tu, assim, contra nós até de todo nos consumires, até que não ficasse resto nem quem escapasse? Ah! Senhor, Deus de Israel, justo és, pois ficamos escapos, como hoje se vê; eis que estamos diante de ti no nosso delito, porque ninguém há que possa estar na tua presença por causa disso (Ed 9.5-7,9-11,13-15).

A confissão, quando a desobediência atrai o julgamento de Deus, é o remédio divinamente apontado para o que pode parecer uma situação insolúvel. A confissão genuína abre a porta da misericórdia.

O exemplo de Esdras, em oração, serve para nos ensinar algumas importantes lições sobre como nos aproximarmos de Deus em arrependimento:

1. Ele aproximou-se de Deus não com espírito altivo, mas com o máximo de humilhação e tristeza, que ele expressou rasgando as suas vestes e o seu manto (9.3).

2. Demonstrou total submissão e humildade, prostrando-se de joelhos (v. 5).

3. Compreendeu que nenhum meio humano era adequado à gravidade da situação. A única esperança para o povo, que atraíra sobre si a justa ira de Deus, era a misericórdia desse mesmo Deus. Portanto, à semelhança dos homens sinceros antes dele (cf. Êx 9.29; 1 Rs 8.22), Esdras estendeu suas mãos vazias para o generoso e soberano Deus dos céus (v. 5).

A atitude da pessoa implica em maiores conseqüências que as palavras da oração em si. É claro, porém, que a oração, quando sincera, tem o mérito de refletir a condição interior da pessoa. A consumada vergonha de Esdras salta aos olhos: "Estou confuso e envergonhado" (v. 6). Que acusação contra uma geração como a nossa! As pessoas de nossos dias já nem conhecem o que é vergonha; sua consciência está tão cauterizada que o rubor não lhes sobe mais à face (cf. Jr 6.15; 8.12).

A oração de Esdras bem poderia chamar-se "oração de reconhecimento" ou "de confissão". Nela, Esdras reconheceu cinco coisas:

1. A contínua transgressão de Israel, "desde os dias de nossos pais" é que provocara aquela situação, entregue "à espada, ao cativeiro, ao roubo e à confusão do rosto" (v. 7).

2. Deus, em sua graça divina, deixara um remanescente em Israel, "para nos dar um pouco de vida na nossa servidão" e "para levantarmos a Casa do nosso Deus", em Jerusalém (vv. 8,9).

3. A paciência de Deus fora demonstrada por tê-los punido menos do que mereciam, já que eram inegavelmente desobedientes; a bondade divina, por sua vez, fora demonstrada por dar-lhes um livramento que não mereciam (vv. 10-13).

4. Se Israel novamente quebrasse os mandamentos divinos, a justiça de Deus haveria de requerer, e com toda razão, que os desobedientes fossem destruídos (v. 14).

5. Israel, por causa de sua culpa, não tinha defesa e nenhuma reivindicação a fazer. Não eram dignos de chegar à presença de Deus (v. 15).

A oração de Esdras, pois, é um padrão a ser seguido pelos genuinamente arrependidos, tanto aqueles que se entregaram a um comportamento deplorável, quanto o intercessor altruísta que, à semelhança de Esdras, se aproxima de Deus em favor de sua própria nação ou povo.

Neemias

Deus realiza suas maiores obras por meio de pessoas cujos corações mostram-se zelosos pelas coisas de Deus. Neemias, tal como seu antecessor, Esdras, era uma pessoa assim. Ele se entristeceu profundamente por causa de seus compatriotas judeus. Os líderes públicos que verdadeiramente têm sua gente no coração experimentam tristezas e pesares que escapam a outros. Que Deus nos proporcione mais líderes que experimentem semelhante pesar de coração.

Neemias era homem dedicado à oração. Sua intimidade com Deus se permitia evidenciar na repetida referência pessoal que fazia ao "meu Deus". A oração eficaz evita a formalidade solene em favor de uma calorosa e amorosa familiaridade. Essa familiaridade, entretanto, não significa permissão para a irreverência. Nosso Criador é nosso Amigo, mas nosso Amigo nunca é menos que nosso Criador.

Intercedendo por uma nação

Enquanto estava no cativeiro, Neemias foi informado de que, embora o remanescente judeu houvesse retornado a Jerusalém, os portões da cidade tinham sido queimados, e suas muralhas, postas abaixo (cf. Ne 1.1-3). É visível a preocupação de Neemias com a situação judaica, incluindo a falta de segurança para sua cidade e seu povo. Por isso mesmo, sua oração não era uma atividade esporádica, algo de que logo se esquecesse. Antes, era uma ocupação muito exigente e séria, que envolvia choro, lamentação, jejum e oração.

> E sucedeu que, ouvindo eu essas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus. E disse: Ah! Senhor, Deus dos céus, Deus grande e terrível, que guardas o concerto e a benignidade para com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos! Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para ouvires a oração do teu servo, que eu hoje faço perante ti, de dia e de noite, pelos filhos de Israel, teus servos; e faço confissão pelos pecados dos filhos de Israel, que pecamos contra ti; também eu e a casa de meu pai pecamos. De todo nos corrompemos contra ti e não guardamos os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos que ordenaste a Moisés, teu servo.
> Lembra-te, pois, da palavra que ordenaste a Moisés, teu servo, dizendo: Vós transgredireis, eu vos espalharei entre os povos. E vós vos convertereis a mim, e guardareis os meus mandamentos, e os fareis; então, ainda que os vossos rejeitados estejam no cabo do céu, de lá os ajuntarei e os trarei ao lugar que tenho escolhido para ali fazer habitar o meu nome.

> Estes ainda são teus servos e o teu povo que resgataste com a tua grande força e com a tua forte mão. Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os teus ouvidos à oração do teu servo e à oração dos teus servos que desejam temer o teu nome; e faze prosperar hoje o teu servo e dá-lhe graça perante este homem (Ne 1.4-11).

Toda verdadeira oração, como a de Neemias, procede de uma correta percepção de Deus (cf. v. 5). Deus é divino, exaltado, fiel e poderoso. Quanto mais o conhecermos, mais eficazes e aceitáveis serão nossas orações e adoração. Neemias tanto conhecia intimamente seu Deus, como fazia questão de estar próximo dEle, e não ignorava como fazê-lo:

1. Com tristeza (v. 4). A oração deveria ser marcada, sempre, por uma alegre nota de comunhão com Deus, mas o pecado deu-lhe um tom choroso. Agora a oração está banhada com lágrimas; não obstante, chegará o dia em que nos regozijaremos em Deus e não haverá mais lágrimas (Ap 7.17; 21.4). Mas ainda hoje, as tristezas da oração têm mais valor que o regozijo do pecado.

2. Com importunação (vv. 5,6). Neemias implorou que Deus ouvisse suas orações. Todo seu ser expressava essa devoção. Não há outro modo de se pleitear as realidades espirituais a não ser de todo o coração e com todas as forças.

3. Com persistência (v. 6). Neemias orou dia e noite. Sua persistência refletiu a de Jacó: "Não te deixarei ir, se me não abençoares" (Gn 32.26).

4. Com confissão (vv. 6,7). A confissão de Neemias foi tanto individual, como coletiva, aberta a todos.

5. Com súplicas (vv. 8-11). A oração normalmente exprime alguma petição específica e pode relacionar-se tanto à promessa quanto à misericórdia divina.

Oração por juízo

Neemias recebera permissão do rei Artaxerxes para ir a Jerusalém e reconstruí-la. Quando Neemias e os judeus começaram a sofrer oposição e serem ridicularizados no seu trabalho pelos "povos vizinhos" (cf. Ed 9.1), ele dirigiu-se a Deus: "Ouve, ó nosso Deus, que somos tão desprezados, e caia o seu opróbrio sobre a sua cabeça, e faze com que sejam um despojo, numa terra de cativeiro. E não cubras a sua iniqüidade, e não se risque diante de ti o seu pecado, pois que te irritaram defronte dos edificadores" (Ne 4.4,5).

Da perspectiva do Novo Testamento, orar pedindo juízo, isto é, que os inimigos sejam apanhados na sua própria malignidade, parece impróprio. Porventura, nosso Senhor não nos instruiu: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem"? (Mt 5.44) E o apóstolo Paulo

não reverberou o mesmo sentimento ao ensinar: "Abençoai os que vos perseguem; abençoai, e não amaldiçoeis... A ninguém torneis mal por mal... Não vos vingueis a vós mesmos, amados"? (Rm 12.14,17,19) Como pois, podemos explicar imprecações tão sem misericórdia dos lábios desse homem temente a Deus do Antigo Testamento?

Devemos nos lembrar que as diretrizes, tanto de Jesus quanto de Paulo, são e sempre deverão ser a regra geral. Mas não se pode negar que existem exceções. Temos aquela revelação que diz: "Há pecado para morte, e por esse não digo que ore" (1 Jo 5.16). E possuímos o discernimento acerca da tão severa depravação dos homens, "pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si" (Rm 1.24), e a um "sentimento perverso" (Rm 1.28). Além disso, como interpretaríamos a instrução paulina de que "seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus"? (1 Co 5.5)

A oração de Neemias pedindo juízo sobre os inimigos de Israel não resultava, necessariamente, de um espírito dominado pelo ódio; antes, parece ter sido provocada por um zelo santo dirigido a Deus e à sua causa. Davi orou de modo semelhante (cf. Sl 109.7,14,15). Um crente nunca deve, por sua própria deliberação, excluir quem quer que seja de sua oração, mas em raras ocasiões o Espírito Santo pode restringi-lo de orar pela salvação de um pecador — se é que o pecado que leva à morte tenha sido cometido.

Neemias bem pode ter orado em harmonia com a vontade de Deus, pois somente Deus sabe quando as pessoas perversas atravessam a linha da desesperança eterna. Tendo de enfrentar a oposição de vizinhos hostis, os judeus experimentaram fome e tempos de privação. Trouxeram ao conhecimento de Neemias que as pessoas também estavam sendo exploradas por seus próprios oficiais que estavam emprestando dinheiro a uma taxa exorbitante e aceitando vários membros de famílias como escravos. Quando chamados à responsabilidade, os nobres e os oficiais juraram devolver tudo o que tinham tomado e não praticar mais a usura. Neemias explica o que houve em seguida:

> Também o meu regaço sacudi e disse: Assim sacuda Deus a todo homem da sua casa e do seu trabalho que não cumprir esta palavra; e assim seja sacudido e vazio. E toda a congregação disse: Amém! E louvaram o Senhor; e o povo fez conforme esta palavra (Ne 5.13).

À primeira vista, este versículo parece mais o solene pronunciamento de uma maldição do que uma oração. Mas um exame mais detido revela a expectação de Neemias de que Deus executaria julgamento contra qualquer um que deixasse de cumprir sua pro-

messa ao Senhor. Neemias estava plenamente cônscio de sua própria incapacidade em reforçar as promessas feitas pelo povo. Mas Deus era suficientemente capaz; por isso, ele orou.

Tome nota, Senhor

Parece, às vezes, que um serviço dedicado ou mesmo um desafio aberto tendem a passar despercebidos aos olhos de Deus. Neemias achou que Deus poderia não tomar nota de sua fidelidade e nem perceber os atos malignos de seus inimigos. Dois versículos captam essa queixa:

> Lembra-te de mim para bem, ó meu Deus, e de tudo quanto fiz a este povo (Ne 5.19).

Esta primeira petição parece refletir os sentimentos de Neemias de que o povo, em favor do qual trabalhara com tanta diligência, demonstrava uma certa ingratidão – esse sentimento não é incomum, ainda hoje. Mesmo assim, Neemias encontrou alívio numa simples oração, quando pediu a Deus, que não é ingrato como o ser humano, para recompensá-lo oportunamente.

A segunda petição mostrou-se precisamente o oposto da primeira. Neemias pediu a Deus que castigasse os malfeitores contra os quais tivera de contender.

> Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalate, conforme estas suas obras, e também da profetisa Noadias e dos mais profetas que procuraram atemorizar-me (Ne 6.14).

Tanto líderes políticos quanto profetas errantes estavam impedindo a obra de Deus. Que valiosa lição para nós! Deveríamos implorar ao Senhor para "lembrar-se" e agir contra aqueles que tentam nos intimidar, sejam de natureza humana ou demoníaca. Não podemos nos vingar a nós mesmos, embora seja esta a nossa inclinação natural, mas nada impede de orarmos a Deus acerca de nossos ofensores (cf. Rm 12.19). Deus preservou para si mesmo o direito de executar a vingança e, quando Ele age, sempre o faz com justiça (cf. Lv 19.18; Dt 32.35; Sl 94.1).

O caminho de volta para Deus

O livro de Neemias registra uma oração bastante incomum, e isso por duas razões: 1) é a mais longa oração registrada na Bíblia; e 2) foi proferida por oito pessoas, todas levitas: Jesua, Cadmiel, Bani, Hasabnéias, Serebias, Hodias, Sebanias e Petaías.

É improvável que esses levitas tenham orado em uníssono; é mais provável que cada um deles tenha feito uma parte da oração. Que inspiração deve ter sido para o povo ouvir oito de seus líderes

espirituais expressarem suas orações, que se mesclaram para formar um único clamor a Deus! Somente porções seletas dessa oração coletiva serão incluídas aqui; entretanto, uma leitura completa do trecho de Neemias 9.5-38, destacando-se suas particularidades, poderá prover um discernimento mais abrangente das possibilidades da oração pública.

> Levantai-vos, bendizei ao Senhor, vosso Deus, de eternidade em eternidade; ora, bendigam o nome da tua glória, que está levantado sobre toda bênção e louvor.
> Tu só és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há; e tu os guardas em vida a todos, e o exército dos céus te adora.
> Tu és Senhor, o Deus, que elegeste Abrão... E achaste o seu coração fiel perante ti e fizeste com ele o concerto... e confirmaste as tuas promessas, porquanto és justo.
> E viste a aflição de nossos pais no Egito... E mostraste sinais e prodígios... E o mar fendeste perante eles... E os guiaste, de dia por uma coluna de nuvem e de noite por uma coluna de fogo, para os alumiares no caminho por onde haviam de ir.
> E sobre o monte Sinai desceste, e falaste com eles desde os céus, e deste-lhes juízos retos e leis verdadeiras, estatutos e mandamentos bons... E pão dos céus lhes deste na sua fome e água da rocha lhes produziste na sua sede; e lhes disseste que entrassem para possuírem a terra pela qual alçaste a tua mão, que lha havias de dar.
> Porém eles, nossos pais, se houveram soberbamente, e endureceram a sua cerviz, e não deram ouvidos aos teus mandamentos... Porém tu, ó Deus perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-te, e grande em beneficência, tu não os desamparaste...
> E deste o teu bom Espírito, para os ensinar; e o teu maná não retiraste da sua boca; e água lhes deste na sua sede. Desse modo os sustentaste quarenta anos no deserto; falta nenhuma tiveram; as suas vestes não se envelheceram, e os seus pés não se incharam...
> Porém se obstinaram, e se revoltaram contra ti, e lançam a tua lei para trás das suas costas, e mataram os teus profetas, que protestavam contra eles, para que voltassem para ti; assim fizeram grandes abominações. Pelo que os entregaste na mão dos seus angustiadores, que os angustiaram; mas no tempo de sua angústia, clamando a ti, desde os céus tu os ouviste; e, segundo a tua grande misericórdia, lhes deste libertadores que os libertaram da mão de seus angustiadores.
> Porém, em tendo repouso, tornavam a fazer o mal diante de ti... E, convertendo-se eles e clamando a ti, tu os ouviste desde os céus, e, segundo a tua misericórdia, os livraste muitas vezes.

> E protestaste contra eles, para que voltassem à tua lei; porém eles se houveram soberbamente e não deram ouvidos aos teus mandamentos, mas pecaram contra os teus juízos, pelos quais o homem que os cumprir viverá... e não ouviram... Mas, pela tua grande misericórdia, não os destruíste nem desamparaste; porque és um Deus clemente e misericordioso.
> Agora, pois, ó Deus nosso, ó Deus grande, poderoso e terrível, que guardas o concerto e a beneficência, não tenhas em pouca conta toda a aflição que nos alcançou a nós, e aos nossos reis, e aos nossos príncipes, e aos nossos sacerdotes, e aos nossos profetas, e aos nossos pais, e a todo o teu povo, desde os dias dos reis da Assíria até ao dia de hoje. Porém tu és justo em tudo quanto tem vindo sobre nós; porque tu fielmente te houveste, e nós impiamente nos houvemos...
> Eis que hoje somos servos; e até na terra que deste a nossos pais, para comerem o seu fruto e o seu bem, eis que somos servos nela... e estamos numa grande angústia.
> E, com tudo isso, fizemos um firme concerto e o escrevemos; e selaram-no os nossos príncipes, os nossos levitas e os nossos sacerdotes (Ne 9.5-13,15-17,20,21,26-29,31-33,36-38).

Uma grande parte dessa longa oração consiste de uma narrativa da história anterior de Israel e um reconhecimento de Deus nas relações com seu povo. A oração assume toda uma nova dimensão quando Deus é devidamente reconhecido e suas misericórdias, provisões, castigos e bênçãos são relatados. Nessa oração, pois, Deus é reconhecido como o único Senhor (v. 6); a origem e o Criador de todas as coisas (v. 6); Preservador de todos (v. 6); aquEle que é adorado pelas hostes celestiais (v. 6); aquEle que escolheu a Abraão (v. 7); aquEle que muda o nome (e a sorte) das pessoas (v. 7); Deus clemente e misericordioso (v. 31); o grande, poderoso e terrível Deus (v. 32); o Guardador do Pacto (v. 32).

Depois da reiterada desobediência e rebelião de Israel, bem como da paciência, misericórdia e castigo de Deus, a oração conclui com uma petição ("não tenhas em pouca conta toda a aflição que nos alcançou"), uma confissão ("tu és justo... e nós impiamente nos houvemos"), e um pacto ("fizemos um firme concerto e o escrevemos"). Que tremendo padrão a ser seguido pelo povo de Deus de qualquer época! Há um curso de ação apropriado, mesmo em meio ao pecado e ao fracasso, há um caminho de volta para Deus.

Neemias era, de fato, um homem de oração; seu exemplo refletiu-se na liderança espiritual e devidamente constituída dos levitas. A liderança piedosa é uma profunda bênção em qualquer nação ou governo.

"Lembra-te de mim"

Neemias, quando chegou o tempo determinado, retornou ao rei Artaxerxes. Mas, servindo ele na corte real, o povo de Deus, em Jerusalém, uma vez mais negligenciou sua adoração. E, quando Neemias retornou a Jerusalém (cf. Ne 13.6,7), ficou sabendo do "mal que Eliasibe fizera para beneficiar a Tobias, fazendo-lhe uma câmara nos pátios da Casa de Deus". Essa câmara, em vez disso, deveria ser usada para guardar os artigos do Templo. (Tobias fora um dos que se opuseram aos judeus na reconstrução da cidade [cf. Ne 4.3; 6.19]; além disso era um amonita [cf. 13.1,2]). Neemias também descobriu que a Casa de Deus fora tratada com desleixo (Ne 13.10,11). Depois de pôr as coisas santas no seu devido lugar, ele orou para que Deus se lembrasse da sua fidelidade:

> Por isto, Deus meu, lembra-te de mim e não risques as beneficências que eu fiz à Casa de meu Deus e às suas guardas (Ne 13.14).

Em seguida, Neemias viu o povo trabalhando e vendendo no dia de sábado. Logo os repreendeu, alertando a todos sobre a calamidade que estavam trazendo sobre si mesmos, e lembrou-lhes de que seus antepassados tinham feito a mesma coisa. Por isso, ordenou-lhes que santificassem "o dia de sábado" (Ne 13.15-22). Depois disso, fez uma oração que só podia brotar de um coração que amava a Deus e desejava guardar a sua Palavra:

> Nisso também, Deus meu, lembra-te de mim; e perdoa-me segundo a abundância da tua benignidade (Ne 13.22).

Finalmente, Neemias descobriu entre os homens de Judá alguns que tinham se casado com mulheres pagãs. Lembrando-se de que as esposas de Salomão haviam-no levado a se desviar do caminho reto, Neemias os repreendeu e invocou maldições contra eles. Para enfatizar a seriedade do pecado deles, ele chegou a espancar alguns e mesmo arrancar-lhes os cabelos. Depois, fê-los jurar que não permitiriam a seus filhos casarem-se fora da fé (cf. Ne 13.23-28). E, então, pela terceira vez, Neemias orou: "Lembra-te de mim" (Ne 13.14,22,31).

> Lembra-te de mim, Deus meu, para o bem (Ne 13.31).

A tarefa de Neemias, além de restaurar a cidade de Jerusalém, incluía a restauração do relacionamento de seu povo com Deus. Foi sob sua liderança espiritual que aconteceu uma das maiores renovações espirituais da história de Israel. Os pedidos de Neemias para que Deus se lembrasse dele não foram impulsionados pelo orgulho ou pela

jactância; eram humildes apelos à fidelidade de Deus para que notasse sua obediência e quão diligentemente se dedicara àquela obra.

Em outras palavras, quando Neemias pediu que Deus se lembrasse dele, não estava simplesmente querendo que Deus o mantivesse na sua mente. Pois Deus nunca se esquece. Quando a Bíblia menciona o fato de Deus lembrar-se, está se referindo a Ele entrar na situação e fazer aquilo que está em harmonia com suas promessas. Neemias estava expressando sua fé de que Deus continuaria a mostrar-lhe o mesmo favor, de uma maneira prática. Expressava também sua relação pessoal com o Senhor, pois termina chamando-o de "meu Deus". Isso nos traz à memória a admoestação de Pedro para que os crentes lancem sobre Deus toda a sua ansiedade e todos os seus cuidados, "porque ele tem cuidado de vós" (1 Pe 5.7). Que imenso consolo advém do conhecimento de que o nosso Deus é um Deus pessoal e que, de fato, cuida de nós!

Perguntas para Estudo

1. O que as orações de Salomão ensinam a respeito do nosso Deus?
2. Quais as principais características das orações de Elias?
3. Quando é que tendemos a fazer orações contrárias à vontade de Deus?
4. O que havia de incomum na oração de Josafá?
5. Por que alguns rotulariam a oração de Ezequias, em 2 Reis 19.17, de uma *confissão negativa?*
6. Por que Ezequias estava certo ao orar daquele modo?
7. Em que circunstância uma oração como a de Esdras (Ed 9.6ss) seria válida hoje em dia?
8. Por que a oração dos oito levitas mostra que eles estavam preocupados em encontrar um caminho de volta para Deus?
9. O que impulsionou a oração do "lembra-te de mim", de Neemias?

Capítulo Seis

A Oração nos Livros Proféticos

Os profetas escolhidos por Deus eram os porta-vozes das palavras do próprio Deus. Por uma questão de necessidade, eram indivíduos dedicados à oração. Apesar de alguns dos Profetas Menores não mencionarem a oração, parece-nos claro, pela própria natureza da sua missão, que eles tinham acesso a Deus e usufruíam do privilégio de ouvir-lhe diretamente a voz. Vamos analisar, neste capítulo, exemplos significativos de oração nas vidas desses mensageiros especiais de Deus.

Isaías

Embora Isaías, esse príncipe dos profetas, tivesse muito a dizer sobre a oração (cf. Is 1.15; cap. 12; 55.6,7; 62.6,7), apenas umas poucas orações suas foram registradas. Logo após a extraordinária revelação obtida por Isaías da santidade de Deus (cf. Is 6.1-4), começam a surgir evidências de que entre eles havia realmente uma comunicação desimpedida:

> Então, disse eu: ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!
> Mas um dos serafins voou para mim trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; e com ela tocou a minha boca e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniqüidade foi tirada, e purificado o teu pecado.
> Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós?
> Então, disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim. Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e endurece-lhe os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; não venha ele a ver com os seus olhos, e a ouvir com os seus ouvidos, e a entender com o seu coração, e a converter-se, e a ser sarado.

> Então, disse eu: até quando, Senhor? E respondeu: Até que se assolem as cidades, e fiquem sem habitantes, e nas casas não fique morador, e a terra seja assolada de todo... como o carvalho e como a azinheira, que, depois de se desfolharem, ainda ficam firmes, assim a santa semente será a firmeza dela (Is 6.5-11,13).

Temos nesta passagem uma oração mesclada com narrativa. Nela se registra o que pode acontecer quando o ser humano recebe alguma revelação da parte de Deus. A oração pode fornecer ao indivíduo uma consciência tremenda de Deus, e quando assim acontece, a reação humana pode ser idêntica à do profeta. Não pode haver espaço para a frivolidade ou a irreverência na presença daquEle em quem não há treva nenhuma. A plenitude da luz divina desmascara qualquer vestígio de trevas e leva a alma humana a clamar: "Ai de mim, que vou perecendo!"

É na presença de Deus que os seres humanos, finitos e limitados, são: 1) convencidos de pecado (v. 5), 2) expurgados do pecado (vv. 6,7) e 3) chamados a ministrar (vv. 8,9). A oração de consagração feita por Isaías, seguindo-se ao ato de purificação, lançou as bases para a chamada divina que veio imediatamente após. A rendição da vontade e a purificação do coração é que permitiram a Isaías receber o comissionamento divino: "Vai e dize a este povo". Era uma mensagem difícil, mas havia esperança. Deus teria um remanescente — uma "santa semente".

Isaías também nos deu exemplos de orações de louvor, mesmo forçado a aguardar o cumprimento da promessa e suportar a adversidade. As orações de louvor conferem a Deus a honra que lhe é devida, ao mesmo tempo que estimulam a fé do suplicante. A qualidade de nossa vida de oração está diretamente relacionada a quanto incluímos nela de louvor e ação de graças, como expressa Isaías:

> Ó Senhor, tu és o meu Deus; exaltar-te-ei a ti e louvarei o teu nome, porque fizeste maravilhas; os teus conselhos antigos são verdade e firmeza. Pelo que te glorificará um povo poderoso, e a cidade das nações formidáveis te temerá. Porque foste a fortaleza do pobre e a fortaleza do necessitado na sua angústia; refúgio contra a tempestade, e sombra contra o calor... E o Senhor dos Exércitos dará, neste monte, a todos os povos uma festa... e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos... E, naquele dia, se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará... na sua salvação, exultaremos e nos alegraremos (Is 25.1-9).

Nessa oração de louvor, Isaías deixou-nos um glorioso exemplo de como podemos adorar a Deus enquanto oramos. "Visto que a adoração põe os homens em contato imediato e direto com Deus, como um servo diante de seu Senhor, uma criatura face ao Criador, não podemos deixar de reconhecê-la como fundamental a todos os tipos de oração"

(Harold Lindsell, *When You Pray,* Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1969, p. 33). O profeta, pois, agiu como um maestro no cântico de exaltação dos feitos passados do Senhor e das suas vitórias no futuro. Aquilo que Deus fora no passado, como guardador do Pacto, era a garantia do que Ele haveria de ser (e fazer) no futuro.

Numa de suas composições relativas ao louvor, o profeta inclui palavras de encorajamento para o crente em tempos de tensão e adversidade. Em tais circunstâncias, precisamos declarar que Deus provê perfeita paz.

> Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti. O caminho do justo é todo plano; tu retamente pesas o justo. Até no caminho dos teus juízos, Senhor, te esperamos; no teu nome e na tua memória está o desejo da nossa alma. Com minha alma te desejei de noite e, com o meu espírito, que está dentro em mim, madrugarei a buscar-te; porque, havendo os teus juízos na terra, os moradores do mundo aprendem justiça. Senhor, tu nos darás a paz, porque tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras (Is 26.3,7-9,12).

O profeta evangélico, conforme Isaías tem sido chamado, estava orando baseado em sua experiência e desejo pessoais, mas com a mente fixa em Deus. Ele não escondia sua profunda expectativa de que todos os povos pudessem aprender a justiça. Sua compreensão refletia bem que "o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre" (Is 32.17).

Temos uma promessa de paz e segurança! Mas poucas pessoas, não importa quão sinceramente busquem a face do Senhor, escapam daqueles períodos de silêncio divino, quando os céus parecem de bronze, e Deus não dá sinal de ouvir o clamor desesperado de quem implora por ajuda. Jó experimentou tais períodos: "Eis que, se me adianto, ali não está; se torno para trás, não o percebo. Se opera à mão esquerda, não o vejo; encobre-se à mão direita, e não o diviso" (Jó 23.8,9). Às vezes pode parecer que Deus nos desamparou; esta foi a impressão do seu próprio Filho (Mt 27.46). Contudo, podemos confiar que tudo quanto Ele está fazendo coaduna-se perfeitamente com seu imutável amor. Ele nos está podando e purificando. A disciplina de Deus não anulou seu desejo e determinação de abençoar o povo de Israel, como nação. E olhe que eles também experimentaram o silêncio de Deus. Foi a uma circunstância assim que Isaías se referiu em sua última oração registrada.

> Atenta desde os céus e olha desde a tua santa e gloriosa habitação. Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? A ternura das tuas entranhas e das tuas misericórdias detêm-se para comigo! Mas tu és nosso Pai, ainda que Abraão não nos conhece,

> e Israel não nos reconhece. Tu, ó Senhor, és nosso Pai; nosso Redentor desde a antiguidade é o teu nome.
> Ó! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes se escoassem diante da tua face! Como quando o fogo inflama a lenha e faz ferver as águas, para fazeres notório o teu nome aos teus adversários, assim as nações tremessem da tua presença!
> Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; e todos nós caímos como a folha, e as nossas culpas como um vento nos arrebatam. E já ninguém há que invoque o teu nome, que desperte e te detenha; porque escondes de nós o rosto e nos fazes derreter, por causa das nossas iniqüidades. Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai; nós, o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obras das tuas mãos. Não te enfureças tanto, ó Senhor, nem perpetuamente te lembres da iniqüidade; eis, olha, nós te pedimos, todos nós somos o teu povo. Conter-te-ias tu ainda sobre estas calamidades, ó Senhor? Ficarias calado, e nos afligirias tanto? (Is 63.15,16; 64.1,2,6-9,12)

Essas petições parecem mais a oração de uma nação do que de um profeta isolado, pois o profeta estava expressando o clamor do coração de seu povo. Na última parte da oração de Isaías podemos mesmo sentir a paixão que movia o profeta: "Ó! Se fendesses os céus e descesses! Se os montes se escoassem diante da tua face!" (64.1) Esta petição pretendia que Deus, que habita no Céu, rompesse as fronteiras e se mostrasse poderoso na Terra (64.1-3). A intensidade e a paixão com que os filhos de Deus se dedicam à oração é que determinam o alcance das respostas.

Orações apaixonadas como essa parecem abrir a porta do discernimento espiritual e das revelações, além de esclarecer, retroativamente, os motivos das angústias presentes (cf. 64.5-7). E não se pode questionar a propriedade, para a Igreja ao redor do mundo, de orar tal como Isaías, visto que a necessidade de reavivamento atual é tão grande ou maior que nos séculos VII e VIII a.C.

Uma vez que os corações tenham sido examinados e iluminados pelo Espírito Santo, surge o tempo de buscarmos um remédio. A convicção de pecado nunca pretendeu impor uma carga insuportável para a qual não haja alívio; antes, tem por intuito levar ao arrependimento e à renovação. A oração de Isaías termina com o reconhecimento das relações apropriadas entre Deus e o seu povo; devemos ser o barro nas mãos do grande Oleiro (64.8).

Jeremias

Jeremias, o "profeta chorão", também foi um dos que oravam. Como já fizemos questão de registrar, as lágrimas e a oração se combinam com muita propriedade, desde que as lágrimas indiquem

quebrantamento. "A um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17). A resposta de Deus é tanto mais certa quanto mais adornada a petição de sentimentos como a contrição e a humildade.

A primeira oração registrada de Jeremias é sua resposta ao chamado divino (cf. Jr 1.1-8): "Então, disse eu: Ah! Senhor Jeová! Eis que não sei falar; porque sou uma criança" (Jr 1.6). A princípio, essa reação soa como uma desculpa, mas ela expressa uma humildade que cabia bem ao jovem profeta, sendo-lhe a mais alta recomendação. Pois, conforme observou Adam Clarke:

> Aqueles que realmente são *chamados por Deus* para o sagrado ministério são os tais que foram levados a um profundo conhecimento de si mesmos, sentem sua própria ignorância e reconhecem sua própria fraqueza. E também sabem que tremenda responsabilidade está associada ao seu trabalho, e coisa alguma, senão a autoridade de Deus, pode movê-los a cumprir esse trabalho" (Adam Clarke, *The Holy Bible Containing the Old and New Testament with a Commentary and Critical Notes,* Londres: Ward, Lock & Co., s.d., p. 388).

O plano de Deus ao chamar Jeremias, a quem ele conheceu, separou e nomeou antes do nascimento (Jr 1.5), era claro: "Porque, aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás" (Jr 1.7). Assim sendo, Jeremias entregou a mensagem de Deus a um povo desviado: "Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei as vossas rebeliões" (Jr 3.22). E a resposta que Deus queria ouvir era a seguinte: "Eis-nos aqui, vimos a ti; porque tu és o Senhor, nosso Deus. Certamente, em vão se confia nos outeiros e na multidão das montanhas; deveras, no Senhor, nosso Deus, está a salvação de Israel" (Jr 3.22,23).

A causa para o desatino do povo e a sua decadência era uma só: tinham posto sua confiança em deuses falsos. E a mensagem de Jeremias era que eles não podiam escolher ou selecionar os deuses a quem servir. A adoração a ídolos fica implícita no versículo 23. Veja a primeira parte: "Certamente, em vão se confia nos outeiros e na multidão das montanhas". A segunda parte do versículo estabelece um nítido contraste com a primeira: "Deveras, no Senhor, nosso Deus, está a salvação de Israel". Somente o único e verdadeiro Deus, o Senhor, poderia salvar o povo de seus pecados e de suas difíceis circunstâncias.

Não temos qualquer evidência de que a vida de Jeremias estivesse em oposição a Deus; ainda assim há um caso que merece nossa atenção. Quando recebeu a mensagem, para ser entregue a Israel, de que o inimigo estava vindo para destruí-los (Jr 4.5-9), a reação de Jeremias foi acusar a Deus: "Ah! Senhor Jeová! Verdadei-

ramente trouxeste grande ilusão a este povo e a Jerusalém, dizendo: Tereis paz; pois a espada penetra-lhe até à alma" (Jr 4.10).

Nem todo tipo de oração e adoração honra a Deus, e nem todas elas alcançam seu propósito. Sem uma vida sincera e honrosa diante de Deus, a oração terá ares de escárnio e blasfêmia (cf. Sl 66.18; Is 1.11-16). Alguns comentaristas e eruditos da mais alta categoria têm procurado inocentar o profeta, revendo a linguagem de sua estranha oração. Nem por isso chegamos mais perto da verdade. Tal só é possível quando seriamente reconhecemos que até o mais piedoso dos homens, em momentos de pressão e impaciência (alheio às ações calculadas de Deus), exagera e se precipita nas suas conclusões (cf. Js 7.7).

O exemplo de Jeremias nos faculta uma lição de muita pertinência, face a nossa própria humanidade decaída. Nunca seremos justificados valendo-nos de tiradas contra o Todo-poderoso. O próprio Senhor disse: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor" (Is 55.8). A oração que procede de um coração impuro, de quem presume saber mais do que Deus, nada mais é que um pecado e, como tal, exige arrependimento.

Ao mesmo tempo, fazemos bem de não apontar o dedo para o profeta amargurado e desapontado, com o fim de julgá-lo. Jeremias desejava tanto o cumprimento da profecia em favor de seu povo que o evidente adiamento provocou nele um agudo e dolorido clamor.

Em algumas ocasiões, o choro de Jeremias por causa da má sorte do povo de Deus é claramente enunciado; em outras, seu choro aparece implícito nas suas orações, sempre carregadas de dor e agonia.

> Ah! Senhor, não atentam os teus olhos para a verdade? Feriste-os, e não lhes doeu; consumiste-os, e não quiseram receber a correção; endureceram as suas faces mais do que uma rocha; não quiseram voltar (Jr 5.3).

O profeta aqui expressa as razões do seu choro. Seu coração fora esmagado pela imobilidade de Israel quanto a submeter-se à disciplina divina, visando a redenção. Jeremias sabia que, embora Deus fosse misericordioso e longânimo, chegaria o ponto em que o julgamento não poderia mais ser adiado. Afinal, aos olhos de Deus só o que subsiste é "a verdade" (cf. Gn 6.5-7; 18.20-33; 1 Pe 4.17).

E com certeza Deus busca hoje em dia intercessores com essa mesma disposição de mente; homens e mulheres para quem a depravação, tanto na igreja quanto na nação, constitui uma grave preocupação. Sem um povo assim preocupado, não poderão ser dispersas as nuvens da iniqüidade e dos poderes malignos.

Virá o tempo, entretanto, em que o povo finalmente se recusará a responder ao amor divino. Então a intercessão deve cessar, e começar o julgamento. Prevendo tal fim, Deus avisa a Jeremias: "Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes por ele clamor ou oração, nem me importunes, porque eu não te ouvirei" (Jr 7.16).

Além do sentimento de dor e agonia que Jeremias nutria face ao estado precário do povo, ele também estava sendo massacrado pela profunda tristeza de saber que a punição divina era em tudo merecida.

> Eu sei, ó Senhor, que não é do homem o seu caminho, nem do homem que caminha, o dirigir os seus passos. Castiga-me, ó Senhor, mas com medida, não na tua ira, para que me não reduzas a nada (Jr 10.23,24).

Quanta beleza e quanto perfume emanam da sujeira da terra! As cores e o cheiro das matas, das flores e das sementes sopradas pelo vento não poderiam existir não fora o pó sujo e fétido que estruma o chão. Assim acontece em toda a experiência da vida. De um espírito disciplinado, capaz de pronunciar palavras de confissão e submissão, pode emanar beleza e perfume ainda que em meio às piores circunstâncias.

Essa oração ensina vários conceitos relevantes:

1. É bom que nos aproximemos de Deus, reconhecendo nossa dependência dEle e a necessidade de sua orientação.

2. O pecado merece a ira de Deus, mas se quisermos nos submeter à sua correção (ensino, treinamento e instrução), podemos então esperar um tratamento que inclua gentileza, eqüidade e moderação. Como disse Abraão: "Não faria justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.25)

3. Os que ficassem sujeitos à ira de Deus (por causa de sua rebelião e falta de arrependimento) seriam reduzidos a "nada", isto é, à insignificância. (Jeremias estava nessa passagem se identificando com o povo, seguindo o costume dos profetas. A Septuaginta, tradução do Antigo Testamento para o grego, preparada antes do tempo de Cristo, usa o pronome "nos" em lugar de "me", em Jr 10.24).

Embora Jeremias tivesse uma boa compreensão de Deus e do caráter divino, mesmo ele (tal como outras pessoas dedicadas à oração) sentia-se às vezes grandemente perplexo. Pois, apesar de vislumbrar a realidade e os preceitos eternos mediante o discernimento divino (1 Co 2.13,14), ainda assim ele estava revestido de carne humana — a qual está sempre em guerra contra o Espírito (Gl 5.17). E com Jeremias não era diferente.

> Justo serias, ó Senhor, ainda que eu entrasse contigo num pleito; contudo, falarei contigo dos teus juízos. Por que prospera o caminho dos ímpios, e vivem em paz todos os que cometem o mal aleivosamente?

> Plantaste-os, e eles arraigaram-se; avançam, dão também fruto; chegado estás à sua boca, mas longe do seu coração. Mas tu, ó Senhor, me conheces, tu me vês e provas o meu coração para contigo... Até quando lamentará a terra, e se secará a erva de todo o campo? Pela maldade dos que habitam nela, perecem os animais e as aves; porquanto dizem: Ele não verá o nosso último fim (Jr 12.1-4).

Jeremias não duvidava de que o Senhor seria justo no juízo e, no entanto, sua visão natural levava-o a debater com Deus acerca de certas questões. O tratamento de Deus quanto aos ímpios parecia muito mais gracioso e benevolente do que o tratamento dispensado ao profeta. E, por mais que ele buscasse entender, parecia não haver justificativa para isso, e nem possibilidade de conciliar as ações de Deus com o seu caráter. O escritor do Salmo 73 faz observações semelhantes (vv. 3-17).

Como é que alguém pode submergir em pensamentos tão perturbadores? Jeremias orou. O salmista entrou no santuário de Deus (Sl 73.17). Ambos enfrentaram o problema de frente. Infelizmente, muitos fazem calar suas dúvidas, tornando-se alvo de influências destrutivas da fé. Sufocar a dúvida é privar-se do conhecimento do bem. A não abertura do espírito tende a gerar indiferença para com a verdade. A dúvida só pode ser superada quando ousadamente confrontada.

Todo crente deveria aprender desde cedo que a resposta para as dúvidas mais perturbadoras pode estar bem longe do mais brilhante intelecto humano. Os caminhos e a sabedoria de Deus são muito superiores ao mais amplo entendimento dos mortais (cf. 1 Co 1.21). Essas dúvidas, em vez de nos desviarem de Deus, devem nos impulsionar na direção dEle. A oração é a chave para a sabedoria que vem de cima. Somente por meio da sabedoria as dúvidas que nos emperram a mente podem ser anuladas. Permitamos que o "espírito de sabedoria e de revelação" (Ef 1.17) abra os olhos do nosso entendimento.

Os profetas de Deus, quando entregam uma mensagem verdadeira e nada popular, podem sofrer ao ver muitas pessoas enganadas correndo atrás de falsos profetas, portadores de notícias agradáveis. Desde os tempos antigos existem profetas falsos que se contrapõem em suas mensagens ao povo e aos profetas de Deus (cf. Mt 7.15; Mc 13.22; Ap 20.10). Jeremias teve de lidar com tais profetas que insistiam em dizer que não haveria sofrimento, senão apenas paz, quando a mensagem de Deus vaticinava justamente o contrário.

> Posto que as nossas maldades testifiquem contra nós, ó Senhor, opera tu por amor do teu nome; porque as nossas rebeldias se multiplicaram; contra ti pecamos. Oh! Esperança de Israel, Redentor seu no tempo da angústia! Por que serias como um estrangeiro na terra e como o viandante que se retira a passar a noite? Por que serias como

> homem cansado, como valoroso que não pode livrar? Mas tu estás no meio de nós, ó Senhor, e nós somos chamados pelo teu nome; não nos desampares. Disse-me mais o Senhor: Não rogues por este povo para bem. Quando jejuarem, não ouvirei o seu clamor e quando oferecerem holocaustos e ofertas de manjares, não me agradarei deles; antes, eu os consumirei pela espada, e pela fome, e pela peste. Então, disse eu: Ah! Senhor Jeová, eis que os profetas lhes dizem: Não vereis espada e não tereis fome; antes vos darei paz verdadeira neste lugar. E disse-me o Senhor: Os profetas profetizam falsamente em meu nome; nunca os enviei, nem lhes dei ordem, nem lhes falei; visão falsa, e adivinhação, e vaidade, e o engano do seu coração são o que eles vos profetizam (Jr 14.7-9,11-14).

A culpa por esse triste estado de coisas não era exclusivamente dos falsos profetas. Pessoas com apetite pela falsidade, em religião ou outra área qualquer, encontrarão sempre profetas que se ajustarão a elas. A oração de Jeremias, pois, apresenta-nos um duplo desafio:

Aqueles que reivindicam falar em favor de Deus devem ser profetas verdadeiros, e não se deixar influenciar por aqueles que falam de seus próprios corações.

O próprio Deus tomará nota e tratará com aqueles que, por motivo de vantagens pessoais, aproveitam-se dos caprichos de um povo errante.

Além de dar crédito aos falsos profetas, o povo de vez em quando recorria a deuses falsos, buscando respostas ou confirmações de coisas que eles queriam ouvir. Ao longo da história, a raça humana tem elevado suas orações aos mais diferentes deuses. Algumas vezes, até o próprio povo de Deus volta-se para esses deuses, quando parecem não estar ouvindo o único e verdadeiro Deus. Mas Jeremias rotula esses deuses falsos com grande exatidão — "ídolos inúteis", isto é, "vaidades dos gentios".

> De todo rejeitaste tu a Judá? Ou aborrece a tua alma a Sião? Por que nos feriste, e não há cura para nós? Aguardamos a paz, e não aparece o bem; e o tempo da cura, e eis aqui turbação. Ah! Senhor! Conhecemos a nossa impiedade e a maldade de nossos pais; porque pecamos contra ti. Não nos rejeites por amor do teu nome; não abatas o trono da tua glória; lembra-te e não anules o teu concerto conosco. Haverá, porventura, entre as vaidades dos gentios, alguma que faça chover? Ou podem os céus dar chuvas? Não és tu somente, ó Senhor, nosso Deus? Portanto, em ti esperaremos, pois tu fazes todas estas coisas (Jr 14.19-22).

A principal finalidade da oração não é a obtenção dos objetos desejados, mas o desenvolvimento gradual de um relacionamento

com Deus, que seja compatível com seu caráter e autoridade. Em conseqüência, algumas orações refletem o desespero enquanto outras repercutem a obediência, a submissão e a rendição à vontade divina. A oração atinge seu apogeu quando do coração flui um clamor sincero para que "seja feita a tua vontade!" A honra de Deus — "por amor do teu nome" (Jr 14.21) – deve ser o propósito último de toda e qualquer oração que elevemos a Ele. "Por amor a Jesus" é a melhor expressão desse propósito.

Entre outras qualidades reveladas por Jeremias, e que deveríamos buscar, podemos citar seu caráter, sua fidelidade à chamada divina, seu empenho quando orava por causa das perseguições, sua busca na Palavra de Deus por uma resposta e aquela dor de alma que sempre o conduzia ao quebrantamento. Dificilmente aquele que ora pode estar dissociado de sua oração. Um acaba se tornando parte do outro.

> Tu, ó Senhor, o sabes; lembra-te de mim, e visita-me, e vinga-me dos meus perseguidores; não me arrebates, por tua longanimidade; sabe que, por amor de ti, tenho sofrido afronta. Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração; porque pelo teu nome me chamo, ó Senhor, Deus dos Exércitos. Nunca me assentei no congresso dos zombadores, nem me regozijei; por causa da tua mão, me assentei solitário, pois me encheste de indignação. Por que dura a minha dor continuamente, e a minha ferida me dói, não admite cura? Serias tu para mim como ilusório ribeiro e como águas inconstantes? (Jr 15.15-18)

Jeremias era o profeta de Deus para aquele tempo. Assim, advertia as pessoas a que se voltassem de seus caminhos ímpios, arrependendo-se, a fim de receberem perdão e restauração. O povo, entretanto, não estava correspondendo a essa advertência. De fato, as Escrituras indicam que Jeremias sofreu opróbrio da parte do povo (v. 15).

Para quem está sedento de Deus, só existe um alicerce sólido onde basear sua comunhão e petição — a Palavra de Deus, que é a verdade. Assim o fazia Jeremias. Enquanto as pessoas não aprenderem a basear suas orações na santa Palavra, estarão perdendo uma grande oportunidade, pois a melhor oração é aquela que se faz em consonância com a boa, agradável e perfeita vontade de Deus, como expressa na sua Palavra. Essa Palavra era para o profeta um maná espiritual, o "gozo e a alegria do seu coração". Não admira, pois, que o salmista tenha declarado: "A exposição das tuas palavras dá luz" (Sl 119.130).

Aquele sobre quem repousa a mão do Senhor (Jr 15.17), entretanto, pode encontrar-se como uma pessoa separada. O termo "zombado-

res" poderia ser entendido como "gracejadores" ou "piadistas", indicando que o jovem profeta não via motivos, face a desgraça que rondava a nação, para andar na companhia daquelas pessoas de sua geração que ostentavam uma alegria em tudo irresponsável e inconseqüente. Visto que a mão do Senhor pesava sobre ele, sua vida assumia ares de solidão, separação e santa preocupação, sendo por isso incompatível com a de seus contemporâneos, indolente e despreocupada.

Através da história da Igreja, outros servos de Deus têm passado por uma experiência parecida. São os que, pela intensidade de suas orações, chegaram a compartilhar o sentimento do próprio coração de Deus e, em certas ocasiões, foram incompreendidos ou até repreendidos pelos demais de sua geração. Encerraram a si mesmos tão profundamente em Deus que isso os tornou uma espécie à parte. John Knox, David Brainerd e Watchman Nee são apenas alguns desses exemplos. Eles são raros, mas ainda há espaço e necessidade para mais desses guerreiros de oração.

Deus prometeu a Jeremias fortalecê-lo de tal modo que, embora o povo lutasse contra ele, não poderia vencê-lo (v. 20). Jeremias dependia da cura e da salvação de Deus para si mesmo, bem como para a nação de Israel. Ele demonstrou aquela convicção que se deriva do conhecimento de que Deus é vivo e responde à oração. Note-se a persuasão simples mas firme de Jeremias: "Sara-me, Senhor, e sararei; salva-me, e serei salvo; porque tu és o meu louvor" (Jr 17.14).

> Ó Senhor, Esperança de Israel! Todos aqueles que te deixam serão envergonhados; os que se apartam de mim serão escritos sobre a terra; porque abandonam o Senhor, a fonte das águas vivas. Sara-me, Senhor, e sararei; salva-me, e serei salvo; porque tu és o meu louvor. Eis que eles me dizem: Onde está a palavra do Senhor? Venha agora! Mas eu não me apressei em ser o pastor, após ti; nem tampouco desejei o dia de aflição, tu o sabes; o que saiu dos meus lábios está diante de tua face. Não me sejas por espanto; meu refúgio és tu no dia do mal. Envergonhem-se os que me perseguem, e não me envergonhe eu; assombrem-se eles, e não me assombre eu; traze sobre eles o dia do mal e destrói-os com dobrada destruição (Jr 17.13-18).

As pessoas que oram deveriam sempre lembrar-se da grandeza daquEle a quem estão orando. Para Jeremias, Ele era "a Esperança de Israel". Essa lembrança implica em ter a própria fé estimulada. Além de estímulo à fé, a consciência de quem Deus é, para aqueles que oram, também serve para ponderar os resultados de abandoná-lo ou não. Para Jeremias, nisso residia a diferença entre ter o nome escrito no pó, sobre a terra (17.13), ou gravado numa rocha eterna.

Para o observador casual, o livro de Jeremias pode dar a impressão de que o profeta, além de um complexo de perseguição, tinha uma propensão viciosa para rogar fogo do céu (cf. Lc 9.54). Em vez disso, porém, suas orações delatam uma insuspeitável harmonia com o coração de Deus.

> Olha para mim, Senhor, e ouve a voz dos que contendem comigo. Porventura, pagar-se-á mal por bem? Pois cavaram uma cova para a minha alma; lembra-te de que eu compareci na tua presença, para falar por seu bem, para desviar deles a tua indignação. Portanto, entrega seus filhos à fome e entrega-os ao poder da espada; e sejam suas mulheres roubadas dos filhos e fiquem viúvas; e seus maridos sejam feridos de morte, e os seus jovens, feridos à espada na peleja. Ouça-se o clamor de suas casas, quando trouxeres esquadrões sobre eles de repente. Porquanto cavaram uma cova para prender-me e armaram laços aos meus pés. Mas tu, ó Senhor, sabes todo o seu conselho contra mim para matar-me; não perdoes a sua maldade, nem apagues o seu pecado de diante da tua face; mas tropecem diante de ti; trata-os assim no tempo da tua ira (Jr 18.19-23).

Deve-se frisar que aquilo que se praticava contra o profeta, o porta-voz de Deus, na realidade estava sendo praticado contra Deus. Os sofrimentos do profeta eram os sofrimentos de seu Senhor e Mestre. As reações de Israel à compaixão, à preocupação, aos apelos e à inabalável fidelidade do profeta à mensagem divina eram um convite à ira de Deus. Em essência, a oração de Jeremias representava um "amém" às intenções de Deus. Era como se o profeta, depois de interceder por aquele povo repetidas vezes, finalmente dissesse: "Já que não te ouvem, faze o que queres, Senhor!"

Mas mesmo Jeremias, à semelhança de quantos buscam uma resposta divina e não a recebem logo, tinha indagações quanto à fidelidade de Deus. Até onde Deus estava disposto a guardar as promessas feitas ao seu mensageiro? Jeremias chegou ao extremo de expressar o sentimento injustificado de que Deus o iludira:

> Iludiste-me, ó Senhor, e iludido fiquei; mais forte foste do que eu e prevaleceste; sirvo de escárnio todo o dia; cada um deles zomba de mim. Então, disse eu: Não me lembrarei dele e não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso. Tu, pois, ó Senhor dos Exércitos, que provas o justo e vês os pensamentos e o coração, veja eu a tua vingança sobre eles, pois te descobri a minha causa (Jr 20.7,9,12).

Que oração atrevida! Mas será que foi mesmo? A palavra "iludido" parece muito forte aqui, porque Deus, em nenhum sentido,

procuraria iludir alguém. "Persuadido" seria outra maneira válida de traduzir o original hebraico (cf. ARA). Mas em tempos de profundo abatimento, qualquer um pode sentir-se "logrado", inclusive os de maior fé. Mas Deus é fiel, a despeito de nossas ilusões e persuasões falsas (ora, Jeremias havia se convencido de que tudo não passava de um "ludíbrio" — cf. 20.8); Ele nos ensina até em meio aos momentos de desilusão. É possível que, nessa passagem, Jeremias estivesse se referindo à sua hesitação inicial para aceitar o ofício profético, quando foi chamado pela primeira vez. Sendo assim, suas palavras não significam que ele havia enfraquecido quando as pressões e consternações se tornaram insuportáveis, ainda que pudesse se sentir tentado a isso (cf. Jr 20.8,9).

Os líderes que têm consciência de sua chamada divina, sempre que se pegarem desiludidos frente a circunstâncias adversas, vergando-se como uma árvore sob o vendaval, devem levantar seus olhos para aquEle que os chamou. Só assim sua coragem será renovada, como sucedeu a Jeremias: "Mas o Senhor está comigo como um valente terrível..." (Jr 20.11) E, por estar conosco esse "valente", temos a confiança de que os inimigos serão subjugados e derrotados definitivamente. O "valente terrível" (o original hebraico indica que Ele é o Senhor, aquEle que controla todas as coisas) tornará conhecido o seu poder para defender os que lhe pertencem.

Não é preciso estudar muitas orações no Antigo Testamento, públicas ou particulares, para descobrir que a maioria começa fazendo menção à majestade, à misericórdia e aos grandes feitos de Deus — mesmo quando aquele que ora está sufocado de problemas. Seguindo instruções divinas, Jeremias comprou um campo, lavrou o documento de posse e passou-o a Baruque. Aquele ato era um sinal de que Deus, apesar do cativeiro iminente, haveria um dia de restaurar a terra, sendo possível novamente comprar e vender propriedades. Depois disso, Jeremias fez a seguinte oração:

> Ah! Senhor Jeová! Eis que tu fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido; não te é maravilhosa demais coisa alguma. Tu usas de benignidade com milhares... tu és o grande e poderoso Deus cujo nome é Senhor dos Exércitos, grande em conselho e magnífico em obras; porque os teus olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas obras. Tu puseste sinais e maravilhas na terra do Egito até o dia de hoje, tanto em Israel como entre os outros homens, e te criaste um nome, qual é o que tens neste dia. E tiraste o teu povo de Israel da terra do Egito, com sinais, e com maravilhas, e com mão forte, e com braço estendido, e com grande espanto; e lhe deste esta terra,

> que juraste a seus pais que lhes havia de dar; terra que mana leite e mel. E entraram nela e a possuíram, mas não obedeceram à tua voz, nem andaram na tua lei... Eis aqui os valados... a cidade está dada nas mãos dos caldeus... o que disseste se cumpriu, e eis aqui o estás presenciando. Contudo, tu me disseste, ó Senhor Deus: Compra para ti o campo por dinheiro e faze que o atestem testemunhas, embora a cidade esteja já dada nas mãos dos caldeus (Jr 32.17-25).

Para o intercessor sério, nada é mais produtivo do que revisar os atos poderosos de Deus (cf. 1 Sm 7.12; Sl 78). Essa é uma prática capaz de renovar a convicção de que nada é difícil demais para Deus. Não é um mecanismo de compensação e nem uma manobra psicológica para desenvolver um sentimento de segurança e autoconfiança. Trata-se de um exercício espiritual altamente significativo para todo filho de Deus. Note agora a resposta face a iniciativa do profeta em rememorar os feitos poderosos de Deus: "Eis que eu sou o Senhor, o Deus de toda a carne. Acaso seria qualquer coisa maravilhosa demais para mim?" (Jr 32.27)

Lamentações de Jeremias

As circunstâncias da lamentação de Jeremias envolviam a queda de Jerusalém, conforme ele havia predito. O inimigo vindo do norte (Jr 6.22) fora o agente divino para punir um povo rebelde e impenitente. O livro de Lamentações está repleto de lágrimas e orações. Cada período de tempo tem seu quinhão de tristeza e dor, mas nenhuma época produziu no coração de alguém toda a tristeza que se reflete nesse livro.

> Olha, Senhor, quanto estou angustiada; turbada está a minha alma, o meu coração está transtornado no meio de mim, porque gravemente me rebelei; fora, me desfilhou a espada, dentro de mim está a morte. Ouvem que eu suspiro, mas não tenho quem me console; todos os meus inimigos que souberam do meu mal folgam, porque tu o determinaste; mas, em trazendo tu o dia que apregoaste, serão como eu. Venha toda a sua iniqüidade à tua presença, e faze-lhes como me fizeste a mim por causa de todas as minhas prevaricações; porque os meus suspiros são muitos, e o meu coração está desfalecido (Lm 1.20-22).

Eis um relato de verdadeira contrição. Lamentações é o livro que manifesta essa atitude. Essa é a lamentação a qual Jesus se referiu em Mateus 5.4: "Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados".

As orações feitas durante a noite assumem o matiz das trevas em derredor. Não obstante, Deus compreende e ouve, mesmo quando o suplicante acusa-o de causar terror e destruição; somente Ele conhece o coração como também as palavras que saem da boca.

> Vê, ó Senhor, e considera a quem fizeste assim! Hão de as mulheres comer o fruto de si mesmas, as crianças que trazem nos braços? Ou matar-se-á no santuário do Senhor o sacerdote e o profeta? Jazem em terra pelas ruas o moço e o velho; as minhas virgens e os meus jovens vieram a cair à espada; tu os mataste no dia da tua ira, degolaste-os e não te apiedaste deles. Convocaste de toda parte os meus receios, como em um dia de solenidade; não houve no dia da ira do Senhor quem escapasse ou ficasse; aqueles que trouxe nas mãos e sustentei, o meu inimigo os consumiu (Lm 2.20-22).

As orações de Jeremias muitas vezes refletiam trevas dobradas: (1) a carga de uma abrangente destruição na terra e (2) o peso de trevas espirituais sobre o povo. Para quem, hoje, está experimentando a opressão das trevas, permanece firme aquela bendita certeza: "A luz resplandece nas trevas..." (Jo 1.5) e as trevas não podem prevalecer contra a luz. Ora, Deus é luz e nEle não há treva nenhuma — quem está nEle vence a escuridão!

Pesaroso face às trevas reinantes, Jeremias insistiu em lamentar-se da situação do povo de Deus. Ele queria que Deus respondesse e os aliviasse:

> Cobriste-te de nuvens, para que não passe a nossa oração. Torrentes de águas derramaram os meus olhos, por causa da destruição da filha do meu povo. Os meus olhos choram e não cessam, porque não há descanso, até que o Senhor atente e veja desde o céu. Invoquei o teu nome, Senhor, desde a mais profunda cova. Ouviste a minha voz; não escondas o teu ouvido ao meu suspiro, ao meu clamor. Tu te aproximaste no dia em que te invoquei; disseste: Não temas. Pleiteaste, Senhor, os pleitos da minha alma, remiste a minha vida. Viste, Senhor, a injustiça que me fizeram; julga a minha causa (Lm 3.44,48-50,55-59).

Além dos indícios de tristeza, essa oração de Jeremias (Lm 3.4-66) contém uma confiante nota de dependência. Dentre os pedidos corriqueiros para que Deus julgasse aqueles que estavam sem misericórdia afligindo o seu povo, surge triunfante o testemunho: "Remiste a minha alma!" Quão expressiva linguagem ele usa para descrever a fonte de lágrimas que borbotava de seu mais profundo íntimo! Deus parecia envolto numa nuvem impenetrável, pelo que nenhuma oração podia alcançá-lo. Por isso os olhos do profeta se derramavam em rios, suas lágrimas fluíam incessantemente. Mas Jeremias acreditava que, pelo fato de Deus ter ouvido e respondido no passado, suas orações acabariam por penetrar além das nuvens, e seria ouvido. Essa veemência do profeta, que apesar de angustiado confiava numa resposta, foi a chave para Deus mani-

festar-se. Assim o Senhor se aproximou dele e pôde consolá-lo; disse ao profeta: "Não temas".

Os israelitas haviam experimentado os horrores da guerra: servidão, abuso, fome, humilhação. Jeremias não podia se furtar a uma tão sombria realidade; por causa dela é que dera-se à oração com maior afinco. As pessoas que ignoram ou negam a realidade das situações problemáticas com que se defrontam acabam se tornando vítimas de autoludíbrio. E nada nos impede de rotulá-los como praticantes de uma religião falsa, em tudo insuficiente para fazer virar a maré e resolver a dificuldade.

> Lembra-te, Senhor, do que nos tem sucedido; considera, e olha para o nosso opróbrio. A nossa herdade passou a estranhos, e as nossas casas, a forasteiros. Órfãos somos sem pai, nossas mães são como viúvas...
> Os nossos perseguidores estão sobre os nossos pescoços; estamos cansados e não temos descanso. Aos egípcios estendemos as mãos, e aos assírios, para nos fartarem de pão. Nossos pais pecaram e já não existem; nós levamos as suas maldades. Servos dominam sobre nós; ninguém há que nos arranque da sua mão. Com perigo de nossas vidas, trazemos o nosso pão, por causa da espada do deserto.
> Caiu a coroa da nossa cabeça; ai de nós, porque pecamos! Por isso, desmaiou o nosso coração; por isso, se escureceram os nossos olhos. Tu, Senhor, permaneces eternamente, e o teu trono, de geração em geração. Por que te esquecerias de nós para sempre? Por que nos desampararias por tanto tempo? Converte-nos, Senhor, a ti, e nós nos converteremos; renova os nossos dias como dantes. Por que nos rejeitarias totalmente? Por que te enfurecerias contra nós em tão grande maneira? (Lm 5.1-3,5-9,16,17,19-22).

Jeremias tratou suas tribulações com um radicalismo acentuado demais para as Escrituras Sagradas, diriam alguns estudiosos. Mas Deus nunca pretendeu que nossas orações pusessem uma capa açucarada por cima da realidade. O modo rude como abordamos a realidade, porém, não pode ser aplicado a Deus. Devemos nos aproximar dEle com candura, principalmente quando estamos pleiteando sua ajuda e livramento.

De tudo o que se viu e disse, a paixão que invadiu Jeremias era uma só: que seu povo viesse a experimentar um derradeiro e definitivo reavivamento. O mundo atual também precisa que levantemos a Deus um clamor semelhante, com choro e lamentações, até que nos ouça e atenda. Queremos um reavivamento que nos leve urgentemente à presença do Senhor. Somente assim nossa família e nossa sociedade poderão ser poupadas de uma devastação semelhante.

Ezequiel

O profeta Ezequiel vivia em completa comunhão com Deus. Não obstante, as orações e diálogos que manteve com Deus, registrados no seu livro, são proporcionalmente menos freqüentes que os registrados pelos outros profetas maiores, nos seus respectivos livros. Ezequiel recebeu sua chamada ao ministério profético diante de uma visão que mostrava a aproximação do juízo divino: "E disse-me: Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo... E disse-me: Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se rebelaram contra mim..." (Ez 2.1,3)

Toda pessoa de oração desenvolve hábitos únicos nessa área, geralmente inspirada por aqueles personagens piedosos cujo exemplo merece ser imitado. Ezequiel dirigia-se a Deus como "Senhor Jeová" e, sem dúvida, isso foi inspirado pelo exemplo dado por Abraão (Gn 15.2), Moisés (Dt 3.24), Josué (Js 7.7), Gideão (Jz 6.22), Davi (2 Sm 7.18-20,28,29), Salomão (1 Rs 8.53) e Jeremias (Jr 32.17). Tudo leva a crer que essa expressão acendeu em Ezequiel a chama da fé, permitindo-lhe perceber a poderosa deidade de quem se estava aproximando e rogando o favor.

> Então disse eu: Ah! Senhor Jeová! Eis que a minha alma não foi contaminada, porque nunca comi coisa morta, nem despedaçada, desde a minha mocidade até agora, nem carne abominável entrou na minha boca (Ez 4.14).

O Senhor dera a Ezequiel uma descrição do que haveria de ser feito para servir de símbolo à vindoura destruição de Jerusalém e à sujeição de Israel. Ele deveria cozinhar seu pão sobre excremento humano, pois o povo judeu seria contaminado na terra dos gentios. A resposta de Ezequiel foi similar à de Pedro (At 10.10-14). Pedro, igualmente, preocupava-se em não se contaminar com aquilo que Deus, anteriormente, proibira. Quão dignos de imitação são aqueles que, por todos os meios, buscam preservar-se puros e incontaminados! A contaminação da alma pelo pecado é o maior receio das pessoas de bem. Mas pode haver ocasiões em que uma consciência por demais temerosa erga a voz sem causa. Ezequiel ainda não aprendera que aquilo que entra pela boca não é o que contamina o homem, mas o que sai dela (Mt 15.11). O mundo de hoje, infelizmente, tem demonstrado que está muito aquém daquela pura consciência que busca a todo custo distanciar-se de qualquer sugestão impura.

O livro de Ezequiel posteriormente registra que ele orou por seu povo de um modo muito intenso. Aquele que sente o peso da preocupação por outras pessoas pode, algumas vezes, achar que

Deus preste uma atenção menor às necessidades do seu povo. Às vezes parece ao intercessor que Deus preocupa-se menos que ele próprio. Ora, nossa compaixão jamais excederá a compaixão divina! Deus é quem nos inquieta para orarmos por nossos semelhantes.

> Sucedeu, pois, que, havendo-os eles ferido, e ficando eu de resto, caí sobre a minha face, e clamei, e disse: Ah! Senhor Jeová! Dar-se-á o caso que destruas todo o restante de Israel, derramando a tua indignação sobre Jerusalém? (Ez 9.8)

Por todas as Escrituras, cair de rosto em terra mostra a urgência de uma intercessão desesperada. Todavia, a despeito de quão intensa seja a necessidade que uma pessoa possa sentir, a compaixão de Deus ainda é maior (Ez 18.23,32). A possibilidade de um rigoroso juízo contra Jerusalém levou Ezequiel a pressentir que se aproximava um desastre total.

"Deus coloca as pessoas em situações de provas que não descartam a possibilidade de queda, situações que podem ser desastrosas; mas seu propósito não é o desastre, e sim o triunfo" (Kenneth Leech, *True Prayer: An Invitation to Christian Spirituality,* SF: Harper & Row, Publishers, 1980, p. 146).

Deus, realmente, preservaria um remanescente piedoso da nação de Israel. A destruição de Jerusalém e o exílio babilônico eram necessários a fim de libertar Israel da idolatria e preparar o caminho para o futuro ministério de Jesus Cristo na Terra. Dificilmente o Senhor poderia pregar o Sermão da Montanha se os israelitas continuassem adorando ídolos em toda parte e, principalmente, nos montes (cf. Jr 3.13; Ez 6.13).

Levar a mensagem de Deus ao seu povo não é de todo glamouroso. Algumas vezes, Deus dá aos seus mensageiros a difícil tarefa de pronunciar o julgamento. Tal tarefa é uma sobrecarga para o profeta. Ao mesmo tempo em que a voz de julgamento ribomba, o coração compassivo se esboroa.

> E aconteceu que, profetizando eu, morreu Pelatias, filho de Benaías. Então, caí sobre o meu rosto, e clamei com grande voz, e disse: Ah! Senhor Jeová! Darás tu fim ao resto de Israel? (Ez 11.13)

Deus ordenara que Ezequiel profetizasse contra Jazanias e Pelatias (cf. Ez 11.2-4). Alguns comentaristas sugerem que Ezequiel, à semelhança de Pedro, no caso de Ananias e Safira, proferiu julgamento contra Pelatias, que então, de súbito, morreu (cf. W. Carley, *The Book of the Prophet Ezekiel,* Cambridge, Mass: Cambridge University Press, 1974, p. 68; Charles L. Feinberg, *The Prophecy of Ezekiel,* Chicago: Moody Press, 1969, p. 65; Douglas Stuart, *Ezekiel,* Dallas: Word Books, 1989, p. 102). Encontramos aqui uma profunda lição para

qualquer um que, mediante o exercício da autoridade dada por Deus, é usado pelo Todo-poderoso para emitir seus severos julgamentos: o juízo divino não permite ao profeta que pronuncia a sentença uma alegria maligna; só pode haver tristeza e a oração para que julgamentos idênticos não sobrevenham a outras pessoas.

Uma outra carga suportada pelos mensageiros de Deus é que os ouvintes nem sempre levam a sério sua mensagem. Quando um servo de Deus profere a mensagem ordenada pelo Todo-poderoso, os ouvintes devem arrepender-se e receber a instrução. O mais freqüente, porém, é precisamente o contrário: o mensageiro é ridicularizado, perseguido e rejeitado. Nessas oportunidades, é muito fácil questionar se alguém ouviu e anunciou corretamente a palavra do Senhor: "Então, disse eu: Ah! Senhor Jeová! Eles dizem de mim: Não é este um dizedor de parábolas?" (Ez 20.49)

Eis aqui uma lição para todos os servos de Deus que são vítimas do "disse-me-disse" e dos boatos. A sugestão de alguns, afirmando que o que Ezequiel falava não passava de ficção, em vez de representar a verdade, era simplesmente uma desculpa para justificar a rejeição deles à forte e inequívoca condenação proferida pelo profeta. Se as pessoas ousam rejeitar o próprio Deus, não é de admirar que os mensageiros ungidos do Senhor recebam algumas vezes um tratamento idêntico.

Daniel

Daniel era um homem profundamente dedicado à oração. Manteve-se resoluto em sua determinação de orar, mesmo quando isso implicou em ser o profeta lançado na cova dos leões. Também dependeu de Deus na obtenção de sabedoria a fim de interpretar o sonho de Nabucodonosor e a visão de Belsazar. Falar diante de chefes de Estado com tal autoridade e certeza só se torna possível depois de extensos períodos no lugar de oração.

No seu primeiro caso de interpretação de sonhos, Daniel foi solicitado não somente a dar a interpretação, mas a contar o próprio sonho, igualmente. Os quatro jovens e sábios hebreus, da corte real da Babilônia, não tinham alternativa a não ser lançar-se à oração. Face à horrenda possibilidade de terem suas casas arrasadas e depois serem despedaçados, se não pudessem interpretar o sonho de Nabucodonosor (Dn 2.5,12,13), Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego oraram intensamente (Dn 2.18; cf. 1.7). Embora as palavras usadas em sua oração não tenham sido registradas, o conteúdo da petição é claro.

> Então, Daniel foi para a sua casa e fez saber o caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem miseri-

> córdia ao Deus dos céus sobre este segredo, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia (Dn 2.17,18).

As circunstâncias extremas têm a virtude de reduzir a oração à sua essência, eliminando o excesso de palavras, dirigidas mais aos ouvidos humanos que aos ouvidos de Deus. As cargas compartilhadas, por sua vez, tornam-se mais leves. A união de forças produz uma força maior. A dinâmica da oração unida é espantosa. Concordar juntos em oração, quanto a alguma necessidade particular, produz resultados. Quando a Igreja Primitiva orou conjuntamente, em unidade, o lugar de oração foi abalado (cf. At 4.31).

Quando Daniel e seus companheiros oravam, na aflição do momento, é improvável que tenham imaginado que resposta Deus daria, revelando-se dramaticamente ao feroz rei da Babilônia. Mas, em primeiro lugar, Daniel sabia que fora Deus quem concedera aquele sonho a Nabucodonosor. Por conseguinte, ele pôde declarar com toda confiança ao monarca: "Mas há um Deus nos céus, o qual revela os segredos" (Dn 2.28). Quando oramos, embora pressionados por circunstâncias extremas, fazemos bem em relembrar que podemos estar cumprindo um papel divino que vai além de nossa visão limitada do momento.

Daniel provou que era, realmente, um homem de Deus, ao interpretar um outro sonho de Nabucodonosor, ao explicar o escrito na caiadura da parede, ao distinguir-se superior aos outros administradores, a ponto de o rei pensar em "constituí-lo sobre todo o reino" (Dn 6.3). Os outros administradores, cheios de ciúme, tiveram de ardilosamente traçar um plano para se livrar dele, visto que "ele era fiel, e não se achava nele nenhum vício nem culpa" (v. 4). Mas foram incapazes de encontrar motivos para acusá-lo quanto aos negócios do governo. Sabendo que Daniel era um homem de oração, e que não passava um dia sem orar, eles pediram a Nabucodonosor para assinar um decreto determinando que durante trinta dias ninguém orasse a qualquer deus ou homem, exceto o rei.

"Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa (ora, havia no seu quarto janelas abertas da banda de Jerusalém), e três vezes no dia se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como também antes costumava fazer" (Dn 6.10). Nenhuma linha das Escrituras acerca de Daniel é maior do que esta que finaliza o versículo citado: "como também antes costumava fazer". Grandes indivíduos têm grandes hábitos; grandes hábitos fazem grandes indivíduos. A comunhão com Deus deveria ser o hábito mais importante de todo filho de Deus. A devoção inabalável de Daniel, diante de perseguidores perigosos e

sedentos de sangue, derivava-se de seus antigos hábitos de oração. Esse hábito havia fortalecido sua alma, deixando-a como o aço, e, quando sua vida foi ameaçada pela prática do hábito, ele simplesmente manteve a sua prática sem qualquer apologia. A força da pessoa que ora torna-se mais evidente quando ela está cercada e sendo observada.

No capítulo 9 do livro de Daniel, nós o vemos intercedendo pela nação de Israel no cativeiro, após meditar nas profecias de Jeremias. Elas diziam que, após setenta anos como escravos, eles seriam restaurados. Daniel então diz: "E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração, e rogos, e jejum, e pano de saco, e cinza" (v. 3). Ao introduzir sua oração de confissão, Daniel dirigiu o "rosto ao Senhor Deus" e fez um voto de irrestrita dedicação, pois queria corrigir as coisas diante de Deus. Seu gesto mostra que ele teve fé absoluta naquEle a quem a oração estava sendo dirigida. Não foi uma oração formal, mas marcada por súplicas e rogos intensos. O pano de saco e as cinzas eram sinais de humilhação completa.

> E orei ao Senhor, meu Deus, e confessei, e disse: Ah! Senhor! Deus grande e tremendo, que guardas o concerto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; pecamos, e cometemos iniqüidade, e procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos; e não demos ouvidos aos teus servos, os profetas, que em teu nome falaram aos nossos reis, nossos príncipes e nossos pais, como também a todo o povo da terra.
>
> A ti, ó Senhor, pertence a justiça... a nós pertence a confusão do rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes e a nossos pais, porque pecamos contra ti. Ao Senhor, nosso Deus, pertence a misericórdia e o perdão; pois nos rebelamos contra ele e não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis, que nos deu pela mão de seus servos, os profetas.
>
> Como está escrito na Lei de Moisés, todo aquele mal nos sobreveio; apesar disso, não suplicamos à face do Senhor, nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniqüidades e para nos aplicarmos à tua verdade...
>
> Ó Senhor, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor...
>
> Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos, e ouve; abre os teus olhos e olha para a nossa desolação e para a cidade que é chamada pelo teu nome, porque não lançamos as nossas súplicas perante a tua face fiados em nossas justiças, mas em tuas muitas misericórdias. Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo se chamam pelo teu nome (Dn 9.4-10,13,16,18,19).

Daniel era o advogado da nação perante o tribunal de justiça de Deus. Ele implorou que houvesse reavivamento e restauração, e a base para tal apelo era um genuíno arrependimento. Ele considerou como se fossem seus os pecados de governantes, reis, sacerdotes e juízes. Sua oração bem poderia ser um padrão para todos quantos percebem o triste estado de muitas nações, inclusive a nossa, nestes nossos dias. Os guerreiros de oração podem exercer maior influência sobre as questões nacionais do que os chefes de Estado. Uma pessoa de joelhos, orando, é mais poderosa do que um rei sobre o seu trono. Aqueles que oram conforme Daniel orava têm acesso à sala do trono do Altíssimo; e, à semelhança de Daniel, ouvem o pronunciamento da vontade divina.

Daniel exprimiu sua oração com tanto empenho porque conhecia o propósito de Deus acerca de Israel. Conhecer a vontade de Deus não torna desnecessária a oração. Antes, é capaz de fazê-la ainda mais importante e eficaz, visto que orar com fé sempre produz uma resposta. Enquanto orava, Daniel fixava seus olhos em Deus, relembrando seu atributos e caráter; e nesse ínterim acendeu-se nele uma fé ainda maior.

O livro de Daniel encerra com a visão sobre os eventos dos tempos do fim. Os homens deste mundo volvem-se para os horóscopos, para a leitura de mãos, para a adivinhação e para vários tipos de práticas ocultistas, quando buscam entrever o futuro. Mas aquilo que Deus quer que saibamos sobre o futuro está na sua Palavra. Nada justifica o apelo de qualquer outra fonte quanto ao que deve acontecer: "Eu, pois, ouvi, mas não entendi; por isso, eu disse: Senhor meu, qual será o fim dessas coisas?" (Dn 12.8)

A oração de Daniel é um roteiro seguro para aqueles que querem ponderar o significado da profecia ou que se encontram perplexos quando buscam determinar o horário profético. A percepção de Daniel de que ele "não entendia", levou-o aos pés daquEle que sabe o fim desde o princípio. Quão melhor é orar para aquEle que conhece o futuro que ficar especulando sobre o fim e chegar a conclusões erradas.

A oração de Daniel, pedindo entendimento, foi respondida. Embora não lhe fosse dada toda a informação que desejava, ele obteve uma resposta que fez seu espírito descansar: "Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim" (Dn 12.9). Nós, semelhantemente, podemos ter paz quanto ao futuro, se o inquirirmos somente de Deus.

Joel

Joel, o profeta através de quem Deus concedeu uma profecia das mais memoráveis sobre o futuro derramamento do Espírito Santo (Jl 2.28,29), era uma pessoa que sabia orar. Embora houvesse

profetizado sobre um tempo futuro de bênçãos, ele viveu num período de seca e dificuldade. Mas deixou-nos exemplos de como o crente deve orar.

> A ti, ó Senhor, clamo, porque o fogo consumiu os pastos do deserto, e a chama abrasou todas as árvores do campo. Também todos os animais do campo bramam a ti; porque os rios se secaram, e o fogo consumiu os pastos do deserto (Jl 1.19,20).

Como deve orar um crente, quando a natureza retém a chuva essencial, ou envia inundações, ou sacode a superfície da terra com terremotos devastadores, ou destrói e mata através de furacões e tempestades? Alguns poderiam sugerir que é uma impertinência interferir nas leis naturais e circunstâncias mediante as orações. Mas o exemplo deixado por Joel nos fornece uma saudável instrução. Sem importar qual seja a catástrofe ou a sua causa, devemos seguir os impulsos do coração no sentido de clamar ao Deus Todo-poderoso. AquEle que guia os negócios da humanidade também pode restringir a destruição causada por uma criação decaída. Ele pode afastar a devastação e deixar um rastro de bênção. E, se não o fizer, permitindo que enfrentemos a adversidade, seu consolo e ajuda virão em resposta à oração por livramento.

Joel também instruiu os sacerdotes de Israel sobre onde e como eles deveriam orar, como também Jesus ensinou seus discípulos sobre como deveriam aproximar-se de Deus em oração (cf. Mt 6.9-13): "Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele. Por que diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?" (Jl 2.17)

A vívida descrição do deão Stanley sobre essa notável cena de oração empresta substância a esse clamor nacional pedindo livramento:

> O toque roufenho do chifre de carneiro consagrado convocou uma assembléia para um jejum extraordinário. Nem uma só alma deveria estar ausente... Foram convocados velhos e jovens, homens e mulheres, mães com infantes agarrados aos seus seios, o noivo e a noiva em suas vestes de noivado. Todos estavam ali, estendidos defronte do altar... A casta sacerdotal, em lugar de se reunir, conforme era usual, sobre as escadas e as plataformas... jaziam prostrados, olhando na direção da Presença invisível, dentro do santuário. Em lugar dos hinos e da música que, desde os tempos de Davi, tinham feito parte de suas orações, nada mais era ouvido senão os soluços apaixonados e os gritos altos e dissonantes como somente uma hierarquia oriental poderia proferir... Todos faziam ondear as fímbrias de suas vestes na direção do Templo, e esganiçavam a voz

em altos tons: "Poupa o teu povo, ó Senhor!" (*The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 13 – "Joel", por J. J. Given, p. 23).

A mensagem central dessa oração, que poderia ser também a mensagem central de todas as orações, é a honra de Deus. Os pagãos clamavam debochados: "Onde está o Deus deles?" Atualmente, um clamor semelhante levanta-se entre os ímpios. É tempo de a Igreja orar conforme Israel orava, com intensidade e empenho.

Amós

Mesmo nos dias do Antigo Testamento, uma pessoa não precisava ser profeta ou filho de profeta para ouvir algo da parte de Deus e falar com Ele. Um simples homem do campo, Amós, foi comissionado para trazer uma mensagem de procedência divina a Israel (Am 7.14,15).

Ficou registrada uma única oração dirigida por Amós a Deus: "Então, eu disse: Senhor Jeová, cessa agora; como se levantará Jacó? Pois ele é pequeno" (Am 7.5). Essa oração contém uma linha de profunda conseqüência para todos os que oram: "Pois ele é pequeno" (cf. Am 7.2). Israel precisava urgentemente da ajuda de Deus. Em suas próprias forças, o povo era pequeno. Mas o reconhecimento de sua total insuficiência serviu de portão para a intervenção divina. Jesus disse: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus" (Mt 5.3).

Por causa do pecado, Israel fora desmoralizado e derrotado; e Deus trouxera sobre ele o seu julgamento. A oração de Amós mostra seu espírito. Ele tinha de pregar o julgamento, mas o fez com o coração quebrantado.

Jonas

Jonas foi usado por Deus para realizar algo pelo que ele nunca havia orado. De fato, Jonas não queria que os ninivitas se arrependessem e fossem poupados. Mas quando Deus pede que um servo seu faça algo pelo que, normalmente, ele não oraria, tudo se resumirá na obediência. Há ocasiões em que o plano de Deus exige um ministério acerca do qual ninguém se sente na obrigação. Assim foi que Jonas e seus companheiros de viagem viram-se compelidos a buscar a Deus.

Apanhados numa violenta tempestade no mar, e ouvindo da parte de Jonas que a presença dele é que, de alguma maneira, estava causando aquilo tudo, os marinheiros pagãos expressaram diante de Deus uma oração desesperada, buscando a segurança pessoal: "Então clamaram ao Senhor e disseram: Ah! Senhor! Nós te rogamos! Não pereçamos por causa da vida deste homem, e não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve" (Jn 1.14).

Aqueles pagãos estavam implorando ao Senhor, o único Deus verdadeiro. Faziam-no de um modo que indicava possuírem pelo menos algum conhecimento da Lei do Antigo Testamento que considerava assassino quem tirasse a vida de uma pessoa inocente. Visto que tinham um conhecimento relativamente escasso, eles estavam mal equipados para orar com o devido entendimento. Contudo, para crédito deles, oraram assim mesmo. E, ao contrário de Jonas, eles oraram movidos de um interesse genuíno por um colega do gênero humano, além de demonstrar submissão a Deus. Deus é misericordioso para com todos, especialmente para com aqueles que o invocam, sejam pagãos obscuros ou santos iluminados, pois todos somos criaturas dEle (cf. At 17.29).

Lançado ao mar pelos marinheiros, Jonas foi engolido pelo grande peixe que havia sido preparado por Deus. E, nesse contexto, não é difícil assimilar o sentimento de Jonas de que fora rodeado pelo "abismo" (*sheol*, no hebraico). Ele não tinha saída; não lhe restava qualquer perspectiva de livramento à parte da intervenção sobrenatural do Deus de quem estava fugindo.

> E disse: Na minha angústia, clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do inferno gritei, e tu ouviste a minha voz. Porque tu me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado por cima de mim. E eu disse: Lançado estou de diante dos teus olhos; todavia, tornarei a ver o templo da tua santidade. As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou, e as algas se enrolaram na minha cabeça... Quando desfalecia em mim a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no templo da tua santidade. Os que observam as vaidades vãs deixam a sua própria misericórdia. Mas eu te oferecerei sacrifício com a voz do agradecimento; o que votei pagarei; do Senhor vem a salvação! (Jn 2.2-5,7-9)

Jamais, em todos os milênios da história da humanidade, se fez uma oração tão incomum, e certamente não há registro de qualquer outra oração num lugar tão estranho como aquele. As lições derivadas dessa memorável oração são muitas.

A oração é apropriada em qualquer época e lugar. Ninguém precisa de uma capela com coro ou de uma exaltada catedral para obter uma audiência com o Deus Todo-poderoso. Quando um crente busca a presença contínua de Deus, a oração pode ser feita diante da pia da cozinha ou numa rua com muita gente; a bordo de um avião ou diante do volante de um automóvel; num campo ou na cidade; num lugar solitário ou junto de uma multidão inquieta; em covis de raposas ou numa saleta de oração; num santuário ou no ventre de um peixe. O lugar onde uma oração é expressa nada tem a ver com o fato de Deus ouvi-la ou não.

A maior necessidade de uma pessoa com freqüência torna-se a inspiração para a maior de todas as orações. E por que não poderia Deus, em sua sábia providência, permitir que a aflição e a adversidade nos levassem à oração e à dependência?

A oração, para ser eficaz, deve estar associada à submissão. Um espírito rebelde pode trazer as ondas bravias do mar sobre a alma, mas a submissão tem sempre consigo o livramento.

A oração é um exercício de fé. Assim aconteceu no caso de Jonas. Ele lembrou-se do Senhor e prometeu que contemplaria de novo o templo da sua santidade (cf. Jn 2.4,7). Onde não houver fé genuína em Deus, pouca oração lhe será dirigida. Com freqüência é preciso uma tempestade para fazer a fé entrar em ação.

A oração pode trazer segurança. Jonas "orou com confiança completa" e de um modo tão decidido que, apesar de continuar no ventre do peixe, falou como se já tivesse obtido livramento.

Finalmente, uma oração feita no abismo é ouvida nas alturas: "E entrou a ti a minha oração, no templo da tua santidade" (Jn 2.7). As profundezas não são incomuns na experiência humana. Para algumas pessoas, trata-se do poço da tristeza; para outras, do sofrimento, do pecado ou da angústia mental. Mas não há profundeza de onde o clamor humano não possa ser ouvido pelos excelsos Céus (cf. Sl 107.23-28; 139.8-10).

Mas pode vir um grande abatimento quando Deus não age da maneira que uma pessoa pensa que Ele deveria fazer. Jonas experimentou um desespero semelhante, chegando até a pensar em suicídio.

> E orou ao Senhor e disse: Ah! Senhor! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso, me preveni, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus piedoso e misericordioso, longânimo e grande em benignidade e que te arrependes do mal. Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a minha vida, porque melhor me é morrer do que viver (Jn 4.2,3).

Jonas era um profeta com boa reputação. Afinal, tinha um vasto repertório de profecias cumpridas (2 Rs 14.25). Ele imaginava o que o povo diria, se voltasse sem que nada acontecesse a Nínive. Jonas não desconhecia o caráter e a boa intenção do Deus a quem servia, mas estava mais preocupado com sua própria reputação que com a reputação de Deus. Ele não podia enfrentar o que pensava ser uma desgraça pessoal. Deus efetivamente poupou a Nínive, exatamente como Jonas sabia, o tempo todo, que Ele faria. O profeta ficou desapontado, a ponto de orar pedindo a morte — um equívoco! Mas estava certo ao apresentar a Deus os seus sentimentos. Quão gentilmente Deus tratou com ele! O discernimento compartilhado a Jonas tem sido de uma inspiração ímpar para o trabalho das missões até hoje.

Habacuque

As perguntas que perturbam um servo de Deus algumas vezes são tão grandes como aquelas que perturbam os outros. Habacuque perguntou a Deus: 1) "Por que as orações dos homens bons não são respondidas imediatamente?" e 2) "Por que os ímpios prosperam?" Alguns contam somente duas orações registradas de Habacuque; outros, contam três. O texto, que às vezes é tomado como duas orações (Hc 1.1-11 e 1.12–2.20), pode mesmo ser a expressão de dois problemas numa única oração:

> Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritarei: Violência! E não salvarás? Por que razão me fazes ver a iniqüidade e ver a vexação? Porque a destruição e a violência estão diante de mim; há também quem suscite a contenda e o litígio. Por esta causa, a lei se afrouxa, e a sentença nunca sai; porque o ímpio cerca o justo, e sai o juízo pervertido (Hc 1.2-4).

Embora Deus não respondesse diretamente à primeira pergunta de Habacuque ("Por que as orações dos homens bons não são respondidas imediatamente?"), há princípios que sugerem uma resposta parcial. A importunação algumas vezes é necessária antes que alguém valorize a resposta. Em outras palavras, se recebêssemos uma resposta diante da primeira petição, a bênção poderia não ser plenamente apreciada. O dom significa muito mais quando a mente lhe é receptiva. O adiamento algumas vezes ajusta a mente a fim de que o louvor e a gratidão verdadeiros possam fluir ao vislumbrar uma resposta.

A oração, em si mesma, é um excelente meio para o crescimento do espírito. A interação consciente com Deus é essencial para a excelência moral e espiritual. A verdadeira oração é o meio de nos tornarmos cada vez mais semelhantes a Cristo. A aquiescência à vontade divina freqüentemente é exigida antes que uma solicitação seja atendida. Reiteradas vezes não sabemos bem o que havemos de orar, e é um favor divino que nossas orações não sejam todas respondidas de pronto. Há determinadas ocasiões em que nossa vontade egoísta deve ceder diante da vontade divina. Jesus orou para que o cálice fosse afastado dEle, mas isso não aconteceu e Ele se rendeu à vontade divina superior: "Todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Não há razões para nos mostrarmos ansiosos pela ausência de respostas imediatas à oração. Deus, em sua fidelidade, testifica em nossos espíritos que Ele está realizando uma obra — e não importa que ela pareça demorada!

A segunda pergunta ("Por que os ímpios prosperam?") apareceu também na boca de muitos profetas do Antigo Testamento, incluindo o próprio Habacuque:

> Não és tu desde sempre, ó Senhor, meu Deus, meu Santo? Nós não morreremos. Ó Senhor, para juízo o puseste, e tu, ó Rocha, o fundaste para castigar. Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a vexação não podes contemplar; por que, pois, olhas para os que procedem aleivosamente e te calas quando o ímpio devora aquele que é mais justo do que ele? (Hc 1.12,13)

Deus sabe o que está fazendo. Não tendo Habacuque compreendido por que Deus usara os babilônios para punir a nação de Israel, sendo eles mais ímpios do que os israelitas, Deus deixou claro que Ele sabia quão maus eram os babilônios. Ele os usaria e, então, cuidaria de castigá-los, no tempo devido (cf. Is 10.3-12). Precisamos permitir que Deus responda às nossas orações à sua maneira, reconhecendo que Ele sabe mais do que nós.

Parece muito apropriado que a oração final do Antigo Testamento deva ser uma eloqüente poesia hebraica exaltando as glórias daquEle que é Santo e pleiteando intensamente as suas misericórdias. O salmo de oração feito por Habacuque teve dois propósitos: Além de ser uma oração pessoal, ele visava ao louvor com música na liturgia (veja as instruções musicais específicas – 3.19).

> Ouvi, Senhor, a tua palavra e temi; aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos, e no meio dos anos a notifica; na ira, lembra-te da misericórdia... A sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do seu louvor. E o seu resplendor era como a luz, raios brilhantes saíam da sua mão, e ali estava o esconderijo da sua força. Adiante dele ia a peste, e raios de fogo, sob os seus pés. Parou e mediu a terra; olhou e separou as nações; e os montes perpétuos foram esmiuçados, os outeiros eternos se encurvaram; o andar eterno é seu. Os montes te viram e tremeram; a inundação das águas passou; deu o abismo a sua voz, levantou as suas mãos ao alto. O sol e a lua pararam nas suas moradas, andaram à luz das tuas flechas, ao resplandecer do relâmpago da tua lança... Tu saíste para salvamento do teu povo, para salvamento do teu ungido... Tu, com os teus cavalos, marchaste pelo mar, pela massa de grandes águas. Ouvindo-o eu, o meu ventre se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e estremeci dentro de mim; descanse eu no dia da angústia, quando ele vier contra o povo que nos destruirá. Porquanto, ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas, todavia, eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação. Jeová, o Senhor, é minha força, e fará os meus pés como os das cervas, e me fará andar sobre as minhas alturas (Hc 3.2-6,10,11,13,15-19).

Diante da necessidade os profetas oravam; algumas vezes até mesmo em favor daqueles contra quem profetizavam. Intimamente familiarizados com o propósito divino a respeito do futuro, eles sabiam melhor que os outros pelo que deviam orar. Tendo descoberto que Deus estava pronto para responder à oração, Habacuque pôde orar convicto de que o ouvido de Deus inclinar-se-ia para ele e para Judá. A bem conhecida declaração de 2.4 ("o justo, pela sua fé, viverá") é citada três vezes no Novo Testamento (cf. Rm 1.17; Gl 3.11; Hb 10.38). Exatamente essa verdade é que foi redescoberta por Martinho Lutero durante a Reforma Protestante. A fé que não retrocede foi o alicerce da vida inteira de Habacuque. O justo vive pela fé, e também por meio da oração que brota dessa fé — que não volta atrás, mas conserva a fidelidade.

Embora não haja mandamentos sobre a oração no Antigo Testamento, ao contrário do Novo, ela está interligada de forma sublime em todo o trato sobrenatural de Deus com seu povo. Os exemplos dos patriarcas, dos profetas e líderes hebreus servem como evidência suficiente de que a oração não é uma tardia invenção de indivíduos dotados de grande imaginação. Não, ela é o elemento básico de quem pretende manter um relacionamento efetivo com Deus.

Perguntas para Estudo

1. O que você acha que Isaías diria a quem faz orações levianas e frívolas?
2. Como devemos orar quando sentimos que, de alguma maneira, Deus se esqueceu de nós?
3. Como Jeremias enfrentou a dúvida e os pensamentos perturbados?
4. Por que Deus disse a Jeremias que parasse de interceder pelo povo?
5. Por que é importante firmar na Palavra de Deus as nossas orações?
6. Qual é a importância de uma pura consciência quando oramos?
7. Por que Daniel pediu a seus companheiros que orassem com ele?
8. Como o conhecimento de Deus pode nos ajudar em nossas orações?
9. Como nossas orações poderiam demonstrar nossa preocupação com a honra de Deus?
10. Até onde Deus ouvirá as orações dos perdidos, fazendo-as eles com sinceridade?
11. Como Deus lidou com as perguntas de Habacuque? Ele nos condena quando manifestamos dúvidas e questionamentos?

PARTE 2

Teologia Bíblica da Oração

Oração no Novo Testamento

PARTE 2:
ORAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Capítulo 7
A Oração na Vida e no Ministério de Jesus
Capítulo 8
Os Ensinamentos de Jesus sobre a Oração
Capítulo 9
A Oração na Igreja de Jerusalém
Capítulo 10
A Oração na Igreja em Expansão
Capítulo 11
Paulo na Oração – 1ª Parte
Capítulo 12
Paulo na Oração – 2ª Parte
Capítulo 13
A Oração em Hebreus e nas Epístolas Gerais

Capítulo Sete

A Oração na Vida e no Ministério de Jesus

Ao estudarmos sobre a prática da oração na vida e no ministério de Jesus, devemos primeiramente atentar para sua natureza única. O Senhor Jesus Cristo é tanto divino quanto humano. Ele é tanto o Filho de Deus quando o Filho do Homem, o que, de imediato, suscita quatro perguntas:

1. A quem o Senhor Jesus dirigia suas orações?
2. Já que Jesus é Deus, estaria Deus orando a Deus?
3. Sendo Deus, estaria Jesus orando a si mesmo?
4. Se Jesus é Deus, por que precisou orar?

A quem o Senhor Jesus dirigia suas orações?

O registro é claríssimo. Por dezoito vezes os Evangelhos nos dão conta de que Jesus dirigiu suas orações ao Pai celestial. Em cinco delas, Ele incluiu um termo ou expressão descritiva a respeito desse Pai. É sempre a Ele que Jesus ora. Não há o menor indício de qualquer outro ser a quem suas orações fossem dirigidas: "Ó Pai, senhor do céu e da terra" (Mt 11.25; Lc 10.21); "Meu Pai" (Mt 26.39,42); "Aba, Pai" (Mc 14.36); "Pai santo" (Jo 17.11); "Pai justo" (Jo 17.25) e "Pai" (Mt 11.26; Lc 10.21; 11.2; 22.42; 23.34,46; Jo 12.27,28; 17.1,5,21,24). Atendendo à petição dos discípulos, que queriam saber como orar, Jesus os instruiu a começar do seguinte modo: "Pai nosso" (Mt 6.9). Quando disse "Meu Pai", Jesus não estava falando consigo mesmo nem se dirigindo a outra entidade se não aquEle a quem seus lábios evocara. Numa única ocasião, Jesus não se refere ao Pai em sua oração: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Entretanto, essa foi a maneira que Ele achou de fazer suas as palavras do Salmo 22, adequadas à expressão de seus sentimentos sobre a cruz (Sl 22.1,7,8,14-17).

Já que Jesus é Deus, estaria Deus orando a Deus?

A resposta a esta segunda pergunta não é tão simples como a anterior, pois entra no terreno de uma teologia bastante profunda. O fato de que Jesus é Deus está fortemente estabelecido nas Escrituras (Mt 1.23; Jo 20.28; Hb 1.8). Quando se revestiu da natureza humana, Ele deixou de lado a sua glória, mas não a sua deidade (Fp 2.5-7). Em sua identificação conosco, quando se fez homem, Ele continuou a ser plenamente Deus tanto quanto era plenamente homem. Ele não se opôs a aceitar os limites próprios de um corpo físico. Conseqüentemente, Ele usou a voz para se comunicar com o Pai. Ninguém pode negar que há uma evidente comunhão dentro da Deidade (Gn 1.26). A natureza dessa comunhão por certo está acima da compreensão humana, mas sua essência pode ser percebida, pelo menos em parte, nas orações registradas de Jesus ao Pai.

Sendo Deus, estaria Jesus orando a si mesmo?

Embora às vezes o ser humano fale consigo mesmo, como no Salmo 42.11, ninguém duvida que orar a si mesmo é um absurdo. Como Filho de Deus, Jesus é verdadeiramente Deus, mas também é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Não, Jesus não estava orando a si mesmo, pois cada Pessoa divina é distinta. Por conseguinte, Deus Filho estava orando a Deus Pai.

Se Jesus é Deus, por que precisou orar?

Embora seja Deus, enquanto esteve aqui na Terra Jesus não era somente Deus — era o Deus-Homem. Na posição de Deus, Ele não precisava orar (exceto para manter aquela comunhão e companheirismo próprios da Deidade, como já mencionamos). Mas, na qualidade de homem, estando revestido de um corpo humano, sendo descendente legítimo de Abraão (Fp 2.7; Mt 1.1), a oração era tão essencial a Ele como o fora a Abraão e seus descendentes.

Cerca de quinze séculos antes do início do ministério de Jesus na Terra, Moisés anunciou: "O senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis" (Dt 18.15). Os pontos de semelhança entre Jesus e Moisés são numerosos e notáveis. Por exemplo, na infância, ambos foram miraculosamente poupados da ira de um monarca que estava no poder; ambos tornaram-se salvadores de seu povo; e ambos foram descritos como humildes (Nm 12.3; Mt 11.29). Embora não possamos destacar aqui todos os pontos de similaridade entre os dois, queremos observar a óbvia semelhança na vida de oração que ambos cultivavam. Conforme foi dito no capítulo 2, a vida inteira de Moisés foi governada pela oração e nela baseada. Assim também

Jesus. A oração destacou-se em cada aspecto e fase de sua vida e ministério. A Bíblia cita numerosos exemplos de oração durante o curto período de três anos e meio do ministério de Jesus. Há evidências de que a oração era a própria respiração da vida de Jesus, tal como acontecia com Moisés. Jesus vivia uma vida disciplinada. Os Evangelhos registram determinados hábitos que Ele fazia questão de cultivar. Um deles era freqüentar regularmente a sinagoga aos sábados, o que, naturalmente, incluía um período de oração (Mt 21.13; Lc 4.16). Não é errado pensar que Jesus tenha ido diariamente à sinagoga ou ao Templo — dependendo do lugar onde Ele estivesse — para dedicar-se à oração.

Além disso, dando apoio à idéia da constância de Jesus na oração, temos sua declaração direta, feita aos discípulos, de que os crentes têm "o dever de orar sempre e nunca desfalecer" (Lc 18.1). Outrossim, já bem no início de seu ministério, a Bíblia mostra a dedicação e a importância, de Jesus à oração. "E, levantando-se de manhã muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava" (Mc 1.35). Outras referências indicam que essa era uma disciplina contínua (Mt 14.23; Mc 6.46; Lc 5.16; 9.18,28). Além disso, em situações de extrema significância, a oração desempenhava um papel particularmente importante em seu ministério.

Oração por ocasião do Batismo

Apesar de não existir registro bíblico de que Jesus tenha orado antes de ser batizado no rio Jordão, podemos ter certeza de que Ele orava regularmente. Não obstante, nada mais apropriado que a primeira referência a uma oração de Jesus tenha ocorrido justamente no seu batismo, quando o Espírito Santo desceu sobre Ele. Embora todo filho de Deus deva saber como se dirigir ao Pai, a oração do crente cheio do Espírito deveria ser algo muito especial. O fato de Jesus ter orado quando foi batizado, também indica que o batismo nas águas deveria ser muito mais o que uma formalidade ou um simples ritual. Antes deveria ser uma ocasião de elevada e santa comunhão com o Pai, como aconteceu com Jesus. As palavras que Jesus usou não foram registradas, mas não foi do nada que os céus se abriram enquanto Ele orava, havendo uma notável manifestação das outras Pessoas da Trindade: o Pai e o Espírito Santo.

> E aconteceu que, como todo o povo se batizava, sendo batizado também Jesus, orando ele, o céu se abriu; e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba; e ouviu-se uma voz do céu, que dizia: Tu és meu Filho amado, em ti me tenho comprazido (Lc 3.21,22).

Também deve observar que não são poucos os casos, ao longo deste último século, em que milhares de crentes têm sido cheios do Espírito Santo ao serem batizados nas águas. Embora não haja qualquer outro exemplo na Bíblia acerca desse fato, também não nada há nela que o desabone.

Oração no Deserto

Depois de ter sido especialmente revestido do Espírito Santo, Jesus foi impulsionado por esse mesmo Espírito ao deserto (Mc 1.12), onde também foi tentado. Não temos nenhum registro bíblico de ele haver orado nessa ocasião, mas tudo nos leva a crer que Ele permaneceu muito tempo em oração. As Escrituras registram que, depois dessa experiência no deserto, "pela virtude do Espírito, voltou Jesus para a Galiléia" (Lc 4.14). Somente a oração provê o poder e a virtude necessários para vencermos as tentações e exercermos vitoriosamente o ministério.

O autor da epístola aos Hebreus deixa assentado que Jesus "nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia" (Hb 5.7). Embora essa seja uma referência à sua angústia no jardim do Getsêmani, não é inadequado associar essa descrição de oração intensa à experiência da tentação de Jesus.

Oração antes de Escolher os Apóstolos

Antes de escolher seus apóstolos, Jesus orou. A importância dessa ocasião é ressaltada pelo fato de Jesus ter passado a noite inteira em oração. Ele estava prestes a escolher 12 homens que teriam uma participação decisiva na história da humanidade.

> E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os Seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos (Lc 6.12,13).

Esses homens seriam as pedras angulares no edifício de Deus (Ef 2.20). Seus nomes seriam inscritos nos alicerces da cidade celestial (Ap 21.14). Sobre seus ombros descansaria a responsabilidade da formação e do futuro da Igreja. Tomariam parte não apenas no ministério terreno de Jesus, sendo ensinados pessoalmente por Ele, mas também seriam testemunhas oculares de sua morte, sepultamento e ressurreição. Além disso, quase todos seriam chamados para entregar suas vidas por aquilo que testemunharam. As escolhas feitas por Jesus teriam conseqüências eternas. Por tudo isso, tinham de ser feitas segun-

do o conselho dos Céus, e não de acordo com o conselho da terrena, o qual freqüentemente está baseado em exterioridades e aparências.

Embora o teor da oração de Jesus não tenha sido registrado, bem que o ponto principal dessa oração poderia assemelhar-se à oração feita pelos apóstolos após o trágico fracasso de Judas Iscariotes: "Tu, senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido" (At 1.24). O resultado foi evidente. Os Doze foram escolhidos de acordo com a ótica de Deus: "Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; e Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que foi o traidor" (Lc 6.14-16). Quando examinamos a estirpe e o caráter daqueles a quem Jesus escolheu, duvidamos que alguém que fizesse as mesmas escolhas baseado apenas no ponto de vista humano. A longa e séria oração de Jesus deu-lhe a perspectiva divina, que o capacitou a fazer as escolhas de modo a não ser afetado pelas considerações terrenas.

Alguns podem questionar como poderia Jesus, depois de uma noite inteira em oração, ter escolhido alguém que haveria de fracassar de maneira tão cabal, como Judas Iscariotes. Porventura o Deus onisciente não sabia que Judas seria o traidor? E, visto que Deus sabia disso, por que permitiu que Judas fosse escolhido? Sem dúvida Deus, em sua insondável sabedoria, não pensa e nem age como os homens. Foi Ele quem disse: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o senhor. Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8,9). Além disso, é bom lembrar que a escolha divina nem sempre se faz sem o concurso da vontade humana e que Deus nem sempre age a fim de evitar a rebelião e o fracasso dos homens no futuro. Que Jesus previu a queda de Judas, é certo (At 1.20). Que Ele chama as pessoas, mesmo sabendo que algumas delas se entregarão à rebelião, não permanecendo firmes na Palavra de Deus, também está claro. Todos concordam que Deus escolheu Saul, filho de Quis, para ser o primeiro rei de Israel (1 Sm 10.1). Entretanto, Saul se rebelou, não permaneceu fiel e foi rejeitado (1 Sm 15.23).

Oração pelas Criancinhas

Os discípulos imaginavam saber como Jesus deveria passar o seu tempo e a quem Ele deveria ministrar. Segundo o raciocínio deles, as crianças deveriam constar como o último item na agenda de prioridades do Mestre. Sendo assim, repreenderam as crianças e aqueles que as traziam, porque, na opinião deles, estavam atravancando o caminho. Com que terríveis cicatrizes emocionais aquelas crianças pode-

riam ter ficado, se Jesus não interviesse em favor delas! Ele as tratou com um carinho tão especial que, enquanto vivessem, lembrar-se-iam dEle para sempre.

> Trouxeram-lhe então algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos, e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali (Mt 19.13-15, ARA).

Encontramos aqui não somente uma cena capaz de nos aquecer o coração — Jesus orando por criancinhas que lhe tinham sido trazidas — mas também um belo precedente para todos os pais. Na qualidade de embaixadores do próprio Jesus, os pais e todos quantos trabalham com crianças devem amá-las e abençoá-las, visto que Deus as cerca de cuidados especiais (Mt 18.5,6; Mc 9.42).

Que tipo de oração Jesus fez pelas crianças? Não somos informados. Lemos somente que Ele lhes impôs as mãos. E, visto que elas foram trazidas a Jesus "para que lhes impusesse as mãos, e orasse", parece óbvio que foi exatamente isso que aconteceu. O costume da época indica que a oração era uma forma de bênção, que tanto podia ser espontânea como uma repetição da bênção que Moisés deu a Arão e a seus filhos, para que eles a proferissem sobre todo o Israel: "O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz" (Nm 6.24-26). O quanto não devem ter sido influenciadas as vidas dessas crianças, pelas quais Jesus orou naquela oportunidade! Seria demais pensar que algumas delas, quando adultas, tornaram-se colunas da Igreja Primitiva?

Oração no Monte da Transfiguração

A oração feita por Jesus, no episódio de sua transfiguração, reveste-se de particular interesse. Por essa época, a cruz já lançava longas sombras sobre o campo de sua missão aqui na Terra. Sua popularidade com a multidão estava acabando e Ele já havia predito seu terrível fim (Lc 9.22). Reflexos de uma experiência tenebrosa estavam começando a adensar-se em torno dEle.

Talvez a sua subida ao monte da transfiguração, com os três discípulos de seu círculo mais íntimo, não tenha sido diferente da subida de Abraão ao monte Moriá, quando foi dirigido por Deus a oferecer o seu único e amado filho. Certamente havia uma atmosfera diferente e pesarosa, talvez com pouca conversação. Faltava aquela empolgação própria de se ministrar às multidões. Contudo, estavam às vésperas de experimentar a mais notável e incomum

sessão de oração a que jamais estiveram presentes. Nunca houve e jamais haverá semelhante reunião de oração nesta Terra.

Como em várias outras ocasiões singulares na vida de Jesus, nenhum registro escrito revela o conteúdo dessa sua oração. Gibson especulou como segue:

> Não poderíamos supor, com toda a reverência, que no cume daquele monte solitário, como mais tarde ocorreu no jardim do Getsêmani, no coração do Filho amado houvesse o clamor: Pai, se for possível? Se ao menos o caminho para cima estivesse aberto agora! O Reino de Deus não havia sido pregado na Judéia, Samaria, Galiléia e até além das fronteiras de Israel? A Igreja não havia sido fundada? Não havia sido dado autoridade aos apóstolos? Então seria absolutamente necessário voltar de novo a Jerusalém, não para triunfar, mas para receber a humilhação e a derrota em seu mais extremo grau? (John M. Gibson, *The Gospel of St. Matthew*, Londres: Hodder & Stoughton, 1900, p. 236).

Jesus subiu ao monte não para comungar com Moisés e Elias, embora tivesse falado com eles acerca de sua partida (literalmente, o seu "êxodo", ou seja, sua morte, ressurreição e ascensão). O seu verdadeiro propósito era falar com o Pai celeste, para que desse modo Jesus fosse divinamente fortalecido em seu espírito. A oração de Jesus no monte da transfiguração teve um impacto duradouro na vida daqueles três discípulos. Nunca mais seriam as mesmas pessoas! Quando João, o apóstolo do amor, declarou: "E vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai" (Jo 1.14), estava, pelo menos em parte, referindo-se àqueles inesquecíveis momentos passados no monte da transfiguração. Pedro também manifestou o profundo efeito que essa experiência causou em sua vida, quando escreveu: "Porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido. E ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo" (2 Pe 1.17,18). Além dessa inspiradora influência causada na vida de seus três discípulos, a experiência daquela oração no "monte santo" tem lançado seus inspiradores raios na vida de todos os peregrinos cristãos de todas as épocas.

Oração em Favor de Pedro

A oração de Jesus em favor de Pedro (Lc 22.32) deveria servir de encorajamento a todos os crentes, não importando o quão fraco ou débil estejamos nos sentindo. Quando lutamos contra o maligno e as forças espirituais da maldade, é freqüente sentirmos em nosso próprio ânimo e desejos pessoais que a possibilidade de vitória

parece remota e improvável. Mas Jesus conhece a força da tentação e não permitirá que ela nos avassale (1 Co 10.13). Ele disse a Pedro o quão fielmente o ajudou (chamando-o de simão, e não de Pedro, pois ele dificilmente seria uma rocha quando, com suas próprias forças, tentasse resistir a Satanás): "Disse também o senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos" (Lc 22.31,32).

Jesus orou por Pedro com o propósito de impedir o fracasso, tão trágico e assustador, que pairava sobre um discípulo de seu círculo mais chegado. Jesus sabia exatamente o que jazia à frente, embora o próprio Pedro nem imaginasse o que lhe haveria de acontecer. Note a réplica de Pedro: "Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte" (Lc 22.33). Não somente foi ingênuo, esquecendo-se de suas fraquezas pessoais, mas mostrou-se alheio àquele que procurava devorá-lo. Nem teve a mais fraca noção de como Deus, em sua pura sabedoria, permite que Satanás submeta os crentes ao crivo da provação, visando um fim proveitoso. sem dúvida, Satanás obtivera permissão para fazer isso, esperando causar a queda de um dos escolhidos de Cristo (Lc 22.31; veja também Jó 1.6-12; 2.3-7). Mas ainda que Pedro estivesse prestes a fracassar miseravelmente, Jesus não se esquecera dele. Embora as palavras de Jesus fossem uma predição certeira da queda de Pedro, elas brotaram de um coração compassivo e resolvido a levar o seu apóstolo à vitória.

Há na experiência de Pedro uma grandiosa lição para todo o crente. Todos somos vulneráveis às intrigas do inimigo. Nenhum de nós deve pensar, por um momento sequer, que está acima do fracasso, da queda. As possibilidades malignas e a nossa propensão para a maldade são enormes: o erro, a incredulidade, o orgulho, a vaidade, o egoísmo, a avidez, o mundanismo, a falta de controle próprio, a impureza e todos os pecados do espírito. A regeneração não serve de garantia contra os ataques e ardis de Satanás. Não obstante, quanto alento, conforto e consolação emanam das palavras de Jesus a Pedro: "Mas eu roguei por ti". Ora, se Jesus orou por Pedro, não deveríamos ter razão suficiente para acreditar que Ele fará o mesmo por todos quantos o seguem? "Vivendo sempre para interceder por eles" (Hb 7.25).

A oração de Jesus em favor de Pedro merece um estudo cuidadoso. É significativo observar que Ele não pediu ao Pai que Pedro escapasse do crivo de Satanás, ou que nunca viesse a cair. Se o nosso grande Intercessor nos livrasse de toda responsabilidade moral, garantindo-nos uma vida sem fracassos, seríamos meros fantoches, incapazes de um louvor consciente ao Criador. Embora sejamos

totalmente fracos na carne, devemos aprender, até mesmo através dos nossos próprios erros, que existem recursos disponíveis para ajudar-nos a vencer. Aquilo que nos compete fazer, Deus não fará por nós. A Bíblia mostra-nos o caminho: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41); "Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis" (Rm 8.13); "Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne" (Gl 5.16). A oração de Jesus por Pedro foi breve e simples, mas encorajadora: "Para que a tua fé não desfaleça".

O que uma pessoa faz logo após o fracasso tem enorme influência na eternidade. É nesse momento que o vigor de uma pessoa é testado até o seu limite máximo, sendo revelada a verdadeira condição do seu coração. Quando vemos a nós mesmos sem máscara, somos tentados a perder a fé tanto em nós mesmos quanto em Deus. Por conseguinte, a principal preocupação de Jesus não era com o iminente fracasso de Pedro, mas com o modo como ele reagiria a esse fracasso. Não permanecer firme em meio às provações pode levar o crente a fracassar na fé, o que, por sua vez, pode levar a um desastre irremediável — veja o caso de Judas Iscariotes (Mt 27.3-5). Alguém poderia questionar por que Jesus não orou por Judas Iscariotes, como fez por Pedro. Pode ser que Deus, cuja visão penetra as profundezas do coração humano, tenha visto em Judas um coração já vendido aos propósitos satânicos, ao passo que em Pedro Ele tenha visto um coração desejoso de cumprir a vontade divina — muito embora também tenha caído. Independente de compreendermos ou não a razão de Jesus, podemos estar certos de que Ele orou segundo o conhecimento que tinha da vontade do Pai.

Realmente, pouca dúvida existe sobre o fato da fé de Pedro ter sido provada até o último extremo. Não negara ele tão covardemente ao Senhor Jesus? Não fora ele o maior dos traidores? Não fizera aquilo que tão impetuosamente anunciara que nunca faria? De fato, assim acontecera e, sem dúvida, Satanás procurou tirar o máximo proveito desse acontecimento. No entanto, Jesus disse: "Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça". Possivelmente, a lembrança da oração que Jesus fizera por ele, serviu de grande consolo a Pedro, pois não é difícil imaginá-lo, impelido pelo desespero, subitamente lembrar-se das palavras de seu Senhor: *Foi por isso, Pedro, que roguei por ti.* Essas palavras devem ter batido fundo em seu coração, renovando-lhe a fé e acendendo novamente a luz da esperança em sua alma.

As conseqüências dessa oração de Jesus não podem ser devidamente avaliadas em toda a sua extensão. A restauração de Pedro foi

completa; sua fé não fracassou. Ele não foi destruído. Pelo contrário, prosseguiu para cumprir com distinção seu elevado ofício apostólico e fortaleceu seus irmãos, conforme lhe designara o Mestre.

Oração diante do Túmulo de Lázaro

Na ressurreição de Lázaro, um dos maiores milagres de Jesus, observamos que Ele usou um tipo de oração diferente das que geralmente acompanhavam seus milagres. Os judeus não conseguiram negar a realidade de seus milagres, pelo que os atribuíram ao poder do Diabo. Mas, ao orar ao Deus do céu, dirigindo-se a Ele como Pai, Jesus ousadamente proclamou que seus milagres eram realizados pelo poder do alto: "E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou, por me haveres ouvido. Eu bem sei que sempre me ouves, mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste" (Jo 11.41,42). A oração pública não precisa ser profunda e demorada, uma vez que a oração privada tenha sido feita com antecedência. Jesus já sabia, possivelmente há quatro dias (Jo 11.39), que Lázaro morrera. Por certo, grande parte desse tempo foi ocupado com oração, especialmente durante a noite. O uso que Jesus fez do verbo no tempo passado ("graças te dou, por me haveres ouvido") indica que, antes da oração pública ter sido proferida a oração particular já havia sido feita — e respondida. Não havia qualquer sombra de dúvida na mente de Jesus.

Marta tinha como certo que o processo normal de deterioração já avançara muito no corpo de seu irmão. Mas não há confirmação de que o mau cheiro da morte tivesse permeado o sepulcro. Não seria possível que o processo de putrefação fosse refreado pelas orações anteriores de Jesus e que o corpo estivesse esperando pelo momento do milagre público?

O confiante testemunho de Jesus — "Eu bem sei que sempre me ouves" confirma que suas orações haviam sido feitas em submissão à vontade eterna de Deus. Foi assim também que Ele disse mais adiante: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7). Noutras palavras, se os nossos desejos estiverem submissos ao propósito divino, nada existirá no mundo material ou espiritual que Deus não esteja pronto a nos dar. Esta é a chave para que nossas orações sejam respondidas.

Devemos, pois, orar em particular até obtermos a certeza de que nossas petições estão em harmonia com a vontade de Deus. Essa verdade lança uma significativa luz sobre as questões da oração e da natureza humana de Jesus. Quando compreendermos o princípio da

harmonia entre nossas petições e a nossa submissão à vontade eterna de Deus (conforme Jesus muito acertadamente demonstrou), o lugar da oração na vida de Jesus e em nossa própria vida espiritual será por si só evidente.

As palavras "eu bem sei que sempre me ouves" retratam de maneira maravilhosa a divina comunhão entre o Pai e o Filho. De fato, não há qualquer empecilho à perfeita harmonia da vontade e dos propósitos de ambos. Até mesmo o clamor de Jesus na cruz — "Por que me desamparaste?" — visava apenas ao cumprimento integral do Salmo 22. Nenhum esforço satânico jamais poderia produzir um curto-circuito nesse relacionamento eterno, do "Filho unigênito, que está no seio do Pai" (Jo 1.18). Assim como o Pai sempre ouviu o Filho, até mesmo durante a sua missão terrena, assim também podemos estar certos de que Ele o ouve hoje em dia, porquanto o Filho está assentado à mão direita do Pai, no Céu. Vejam, então, quão grande é a nossa confiança, visto que as petições que depositamos aos cuidados de Jesus são beneficiadas por suas intercessões — pois a Ele o Pai sempre ouve.

Jesus olhou para o céu, invocando o supremo Deus diante dos judeus incrédulos, para que todos soubessem que era o poder de Deus, e não alguma contrafação satânica, que estava operando o milagre. Ao dirigir-se ao Pai, Jesus procurou aumentar a fé da multidão no poder do Deus Altíssimo. O resultado da oração de Jesus foi imediato e, sem dúvida, totalmente assustador, pois diante dos incrédulos olhos da multidão apresentava-se um homem que estivera morto no sepulcro já há quatro dias. É especialmente digno de nota que Jesus, diante do túmulo, não tenha orado para que Lázaro voltasse à vida. Ele já tinha feito isso antes e, quando chegou ao local do sepulcro, não havia o menor vestígio de dúvida em seu coração. Sua oração foi apenas de agradecimento. Quão gloriosa é para nós, filhos de Deus, a experiência da absoluta certeza nascida na oração, nutrida no agradecimento e cumprida no momento oportuno.

Não somente Lázaro foi ressuscitado, mas com isso Jesus atingiu um objetivo ainda maior: "Para que creiam que tu me enviaste" (Jo 11.42). Apenas poucos versículos adiante, João deixa registrado: "Muitos, pois, dentre os judeus, que tinham vindo a Maria e que tinham visto o que Jesus fizera creram nele" (Jo 11.45). Apesar dos incontestáveis resultados da oração, algumas vezes a resposta acarreta reações negativas, pois nem todos têm fé. Os incrédulos, na maioria das vezes, vêem esse sucesso de maneira diferente:

> Mas alguns deles foram ter com os fariseus, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito. Depois os principais dos sacerdotes e os fariseus

> formaram conselho, e diziam: Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais. Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação (Jo 11.46-48).

Que todos quantos oram estejam prevenidos, mantendo em mente que os céticos e os obreiros do mal freqüentemente agem desse modo.

Oração por si Mesmo e por todos os Crentes

Um jovem, cujo desejo era ser pianista, resolveu tomar lições com Paderewski, o grande mestre do piano. Embora tivesse se matriculado como aluno, a principal lição que recebeu foi o privilégio de poder observar e ouvir o grande pianista praticar em seu instrumento. Isso o inspirou a praticar também. No capítulo 17 de João, temos o privilégio de poder participar com o Senhor Jesus de uma verdadeira aula de oração. De que outra maneira poderíamos extrair tão proveitosas lições sobre a arte de orar e sermos igualmente levados à oração?

A ocasião da oração sumo sacerdotal de Jesus, em João 17, não está bem definida. Entretanto, algumas possibilidades têm sido sugeridas por vários expositores bíblicos. Alguns supõem que Jesus encerrou a solenidade da Última Ceia, ao celebrar a refeição pascal, com esta oração. Outros têm especulado que a oração de João 17 foi pronunciada em alguma área do Templo, onde, juntamente com seus discípulos, o Senhor se deteve por alguns momentos. Na verdade, não importa qual tenha sido a real circunstância dessa oração, pois estamos diante de uma das mais significativas orações de toda a Bíblia. Além disso, era apenas uma questão de horas, até que Jesus desse a sua vida em resgate de muitos.

> Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse. Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra.
> Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. E todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e nisso sou glorificado. E eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome. Tenho guardado aqueles que tu me deste...
> Mas agora vou para ti, e digo isto no mundo, para que tenham a minha alegria completa em si mesmos. Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os aborreceu, porque não são do mundo, assim como eu não

> sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal. Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade.
> Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim.
> Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me hás amado antes da criação do mundo.
> Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste a mim. Eu lhes fiz conhecer o teu nome, e ainda lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja (Jo 17.1,4-6,9-26).

J. C. Macaulay chama essa oração "o *sanctum sanctorum* das Santas Escrituras" (J. C. Macaulay, *Devotional Studies in St. John's Gospel*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1945, p. 209). Nós, à semelhança dos discípulos, tomamos conhecimento dessa íntima comunhão entre o Pai e o Filho pouco antes de Ele oferecer o sacrifício divino pela nossa salvação. Até parece uma irreverência analisarmos tal oração, mas é somente quando nos debruçamos sobre seu conteúdo que podemos apreciar seu real e completo significado. É na qualidade de adoradores que a tomamos, e não como gramáticos ou lexicógrafos, que só se preocupam em dissecar cada flexão das declinações e conjugações das palavras.

Quando nosso Senhor fez a oração sumo sacerdotal registrada em João 17, três preocupações primárias ocupavam a sua mente: (1) sua própria glorificação (vv. 1-5); (2) seu grupo apostólico imediato (vv. 6-19); e (3) o grande número de crentes que ainda haveria de aceitar a fé (vv. 20-26).

O interesse central de Jesus e o apelo todo abrangente na primeira Parte (Jo 17.1-5) concentram-se na sua própria glorificação. Ele antecipa a restauração de uma condição que tivera "antes que o mundo existisse" (Jo 17.5) mas que deixara para trás durante sua peregrinação neste mundo.

"Glorifica" vem do verbo grego *doxazo*, que significa "louvar", "honrar", "magnificar" ou "vestir de esplendor". O próprio Senhor

nos deu um entendimento com relação à profundidade do seu apelo à glorificação, quando orou: "Glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). Embora o verbo "glorificar" tenha inúmeras facetas ou nuanças de sentido, além das várias aplicações possíveis em relação ao contexto, Jesus aplica-o aqui à glória que Ele mesmo compartilhara junto ao Pai. Considere também a vívida descrição feita pelo apóstolo Paulo sobre o esvaziamento de Jesus (Fp 2.5-8), pelo qual, de alguma maneira que nos foge à compreensão, Ele abriu mão de sua glória em favor de sua missão redentora. No momento da oração, embora sua paixão ainda estivesse no futuro próximo, Jesus considerou sua missão como já terminada. Ele estava antecipando a mais alta de suas expectativas: seu retorno glorificado ao trono do Pai, onde permanece até hoje como o Deus-Homem que está no Céu.

Não devemos negligenciar a necessidade da glorificação de Jesus. O anelo que demonstrou pela volta ao seu estado original não se devia a um mero desejo egoísta. Assim como seu esvaziamento era essencial à salvação do mundo, também o retorno ao seu estado original de glorificação era indispensável ao bem-estar do seu corpo, a Igreja. De acordo com o apóstolo João, a glorificação de Jesus deveria preceder a vinda do Espírito Santo como nosso Consolador ou Ajudador: "Porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.39).

Deveríamos nós, à semelhança de Jesus, orar pela nossa glorificação? J. C. Macaulay observa: "Tal petição seria totalmente imprópria e irrelevante em nossos lábios, sob qualquer situação" (ibidem, p. 210). Contudo, ficamos imaginando se, de algum modo, tal oração não seria aceitável, pois parece que Paulo tinha em mente a glorificação das criaturas humanas, quando escreve:

> Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo (Rm 8.21-23).

E Paulo também diz que, "assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial" (1 Co 15.49). Porém, isso não sugere, nem mesmo remotamente, que os crentes serão glorificados da mesma forma que Jesus o foi, quando voltou à sua exaltada posição de verdadeiro Deus no Céu. Nem deveríamos orar pedindo isso. Contudo, o texto sugere que podemos orar para refletirmos desde já a semelhança do Senhor. Também está implícito

que experimentaremos uma crescente glorificação no decurso da eternidade (Fp 3.21).

A segunda parte da oração sumo sacerdotal (Jo 17.6-19) pode ser descrita como uma súplica pela preservação. Em primeiro lugar, Jesus relata o processo pelo qual seus mais chegados seguidores foram postos num relacionamento íntimo e santo com Ele: "E guardaram a tua palavra" (v. 6); "porque lhes dei as palavras que tu me deste; e eles as receberam" (v. 8a); "e creram que me enviaste" (v. 8b). A lição é óbvia. Aqueles que desejam um entendimento e uma revelação mais amplos da dimensão divina, têm um papel exclusivo a desempenhar: precisam aceitar e obedecer à Palavra de Deus, além de crer naquEle que lhes deu a Palavra.

O enfoque da oração de Jesus não era o mundo, mas os discípulos: "Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus" (Jo 17.9). Poderíamos esclarecer o significado do texto simplesmente inserindo a palavra "àgora": "Não rogo [agora] pelo mundo". Sua intercessão nesse momento dizia respeito àqueles que já lhe tinham sido dados e que haviam escolhido confiar nEle. Que grande consolo para todo o verdadeiro crente!

Há alguns anos, um famoso cavalo de corrida era considerado o mais valioso de um determinado país. Seu proprietário proclamava em alta voz as virtudes do animal, explicando que nem por um minuto sequer, de dia ou de noite, o cavalo ficava sem a vigilância de olhos humanos. Somos muito mais valiosos para o Senhor, pois nosso valor alcança a eternidade. Seus olhos estão sempre fixos sobre seus filhos. O ponto central da preocupação de Jesus era que, após a sua partida, os seus continuassem a ser guardados deste mundo. A obra que Ele tinha começado neles e através deles haveria de prosseguir. Paulo também refletiu uma preocupação similar por seus seguidores imediatos (At 20.25-32). Os líderes espirituais sempre devem mostrar preocupação por aqueles que foram ganhos para Jesus, ainda que haja uma grande distância geográfica entre eles. O meio para a preservação dos seguidores de Jesus encontra-se na sua petição: "Guarda em teu nome aqueles que me deste" (Jo 17.11). Jesus estivera a protegê-los — até mesmo quando os discípulos pensavam que eram eles quem protegiam o Mestre.

> Agora, quando a proteção da presença física de Jesus estava para ser removida, os discípulos quase que ouviam o retinir dos golpes do seu real adversário. Mas as palavras do senhor estavam vivas dentro deles. Essas preciosas e poderosas palavras e a transferência de volta ao Pai da guarda dos discípulos, livrariam a pequena e assustada força expedicionária de Jesus, quando fosse deflagrado o dia D da guerra espiritual. Deus mesmo os reuniria em tropas e

por meio deles constituiria um grande e bem disposto exército de poderosos guerreiros espirituais, que sacudiriam o mundo! (William D. Spencer e Aida B. Spencer, *The Prayer Life of Jesus*, Lanham, Maryland: University Press of America, Inc., 1990, p. 188).

Os versículos 12 – 15, são um apelo no sentido de que o Pai continuasse a fazer aquilo que o Filho começara: "Estando eu com eles no mundo, guardava-os em teu nome... Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" (Jo 17.12,15). Temos aqui um grande encorajamento para todo o crente. Todos quantos desejam essa proteção especial não ficarão sem ela. Assim também aqueles que deliberadamente preferirem não ser guardados, ficarão desprotegidos. "Senão o filho da perdição" (Jo 17.12). Judas não era o filho da perdição por determinação divina, mas por vontade própria. "Deus, como podemos inferir, poderia ter levado a efeito os seus propósitos sem que Judas se perdesse. Tanto o traidor como Caifás, Pilatos e as multidões — e até mesmo nós, se ali estivéssemos —, todos foram condescendentes em tudo o que houve" (ibidem, p. 192).

Escapar dos problemas da vida não estava na mente de Jesus, embora às vezes isso seja uma constante nas mentes de seus seguidores. Pensamos que é melhor fugir do que lutar, ao mesmo tempo em que ansiamos pelo glorioso mundo novo, onde as marcas da decadência serão extintas de uma vez por todas. Paulo descreveu bem o dilema: "Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor. Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne" (Fp 1.23,24). Enquanto o mundo com sua animosidade e maldade constitui uma sombria ameaça, o crente afigura-se como a única luz capaz de fazer dissipar as trevas mundanas. Por essa razão, a oração de Jesus serve de padrão para as nossas orações diárias.

A terceira preocupação de Jesus exarada na oração sacerdotal incluía-nos (Jo 17.20-26). Seu interesse abrangia pessoas que estavam muito além da circunstância imediata. Na realidade, sua atenção estendia-se até o fim da era da Igreja: "Por aqueles que pela sua [dos discípulos] palavra hão de crer em mim" (Jo 17.20). Quer tenhamos consciência ou não, essa oração chega até nós, os que nEle cremos. Nossas orações, normalmente confinam-se ao presente, ou, quando muito, ao nosso período de vida. A lição que nos cabe aprender aqui é que podemos ampliar a abrangência de nossas orações indo além de nossa própria geração, incluindo nelas todos os crentes até o fim dos tempos. Ray C. Stedman expressou sua profunda preocupação "quanto a entender e a transmitir corretamente o sentido das petições de Jesus. Para tanto, deve-se buscar um modo que corresponda, na

prática, àquilo que Ele estava efetivamente dizendo. Tenho grande medo de que ouçamos (ou leiamos) essas palavras como se fossem uma bela poesia ou um comovente drama, para então, fascinados por sua familiaridade e beleza, deixarmos de perceber que Jesus aqui está realmente orando por nós — pois quando orou por seus discípulos, Ele estava orando por nós" (Ray C. Stedman, *Jesus Teaches on Prayer*, Waco, Texas: Word Books, 1975, p. 159).

O escopo da intercessão de Jesus agora se expande. Embora, tivesse declarado que não estava orando pelo mundo (Jo 17.9), aqui Ele se preocupa nitidamente com aqueles que estão no mundo: "Para que o mundo creia que tu me enviaste" (Jo 17.21). Embora a intercessão de Cristo visasse primariamente àqueles que já criam, seus termos ressaltam que há pecadores que se tornam crentes mediante a fé no sublime Filho de Deus e em sua obra redentora.

Compreender a glória do Filho significa nada menos que assimilar a essência da unidade que existe entre Deus Pai e nosso Senhor Jesus Cristo: "A glória que a mim me deste" (Jo 17.22). A glória pode ser definida como a manifestação da natureza, do caráter e da própria condição existencial de Deus. Essa glória reflete-se na imagem de Deus. Jesus compreendeu que a glória que o tornava um só com o Pai, também poderia fazer que seus seguidores se tornassem um só com Ele, o Filho. Somente assim poderia haver comunhão destes com o Deus trino e também de uns para com os outros. "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do senhor" (2 Co 3.18). Pode o crente fazer uma oração mais adequada que pedir que a imagem e a glória de Deus sejam formadas nele e em todos os membros do Corpo de Cristo? Certamente não há meio mais poderoso de se ganhar a atenção e o coração de um mundo incrédulo do que permitir à imagem de Deus ser plenamente refletida por seus filhos.

Inerente à natureza de Deus está o seu amor supremo. Quando refletido nos crentes, Jesus percebeu que esse amor convenceria o mundo de que Deus realmente enviara seu Filho como expressão do seu amor. Aqui está a condição ímpar para um evangelismo mundial eficaz: o amor de Deus manifestado nos crentes, entre os crentes e através dos crentes. Levar o amor de Deus ao pecador deveria ser a maior preocupação de todos os crentes em suas orações, assim como foi nas de Jesus.

Oração no Jardim do Getsêmani

Antes de seu aprisionamento, Jesus foi com seus discípulos ao jardim do Getsêmani. Nessa ocasião de intensa agonia para o senhor, os discípulos de seu círculo mais íntimo — Pedro, Tiago e João —

falharam miseravelmente em apoiá-lo. Não somente haviam sido incapazes de assimilar o significado da hora e da grande prova que Jesus estava enfrentando, como também deixaram de se preparar para a provação que em breve os confrontaria.

> E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. E voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então nem uma hora pudeste velar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca. E, indo segunda vez, orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade. E, voltando, achou-os outra vez adormecidos; porque os seus olhos estavam carregados. E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras (Mt 26.39-44).

Nunca houve um período de oração que se igualasse a esse. Embora seus mais dedicados discípulos estivessem próximos, Jesus teve de levar sozinho sua carga ao Pai. Era noite. A própria atmosfera dominante estava carregada de presságios. Marcos registrou que Jesus disse: "A minha alma está profundamente triste até a morte" (Mc 14.34). "Profundamente triste", "perturbada", "dominada pela tristeza" — que terríveis momentos para Jesus foram aqueles! Qual teria sido o motivo para fazer com que Jesus estivesse sentindo tão profunda tristeza? Ele que havia declarado ter o poder de entregar a sua vida e o poder de tornar a tomá-la ?! (Jo 10.18) O que o teria levado a orar da maneira como o fez naquela noite tenebrosa? De acordo com as próprias palavras de Jesus, foi "este cálice" (Mt 26.39,42; Mc 14.36; Lc 22.20,42). Podemos apenas tecer conjecturas sobre o que tornara aquele cálice tão assustador. Certamente não era simplesmente a possibilidade dEle ter de enfrentar a morte física, pois se fosse isso, muitos de seus seguidores a teriam enfrentado com a maior coragem. Além disso, Ele viera ao mundo justamente para dar a vida.

A mais forte inferência é que o cálice estava repleto de iniqüidades: os pecados e a culpa do mundo inteiro. Todos os horrendos pecados da humanidade estavam naquele cálice. O que estava acontecendo ali mui provavelmente fora retratado no livro de Levítico:

> E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniqüidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão dum homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniqüidades deles à terra solitária; e enviará o bode ao deserto (Lv 16.21,22).

Ao enfrentar o Calvário, o Filho de Deus viu-se ante a horrenda e indescritível possibilidade de se tornar o Bode Expiatório de todos os pecadores — do passado, do presente e do futuro. Foi nesse momento que o discernimento profético de Isaías encontrou seu pleno cumprimento: "Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Is 53.6). Não admira, pois, que a horrorosa perspectiva da morte em tais condições, acompanhada de uma oração cheia de angústia, tenha feito o sangue brotar dos poros do Salvador (Lc 22.44).

O conteúdo das três sucessivas orações de Jesus, nesta ocasião histórica, é quase idêntico. Note a similaridade entre Mateus, Marcos e Lucas:

Primeira oração: "Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26.39). "E disse: Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres" (Mc 14.36). "Pai, se queres, passa de mim este cálice, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42).

Segunda oração: "Pai Meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade" (Mt 26.42). "E foi outra vez e orou, dizendo as mesmas palavras" (Mc 14.39).

Terceira Oração: "E, deixando-os de novo, foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras" (Mt 26.44).

É interessante notar que foi somente nesta conjuntura que Jesus se dirigiu a Deus nestes termos: "Meu Pai" (em Mateus) ou "Aba, Pai" (em Marcos). Observe o apelo angustiado da alma de Jesus à única Fonte de ajuda de que dispunha. Mas Jesus restringiu seu pedido com a condicional: "Se é possível..." (Mt 26.39)

> Para Deus todas as coisas são possíveis, mas não era possível tirar de Jesus o cálice de sofrimento e, ainda assim, salvar os homens... Nem sempre Deus vai impedir que bebamos o cálice do sofrimento. Pode ser que até seja necessário que soframos, ou pelo nosso próprio bem ou pelo bem de outras pessoas. Nossos sofrimentos podem estar contidos no eterno propósito de Deus. Não obstante, oramos pela remoção desses sofrimentos... Só que devemos fazer a oração do senhor em sua inteireza e não apenas parte dela... "Todavia, não seja como eu quero, mas como Tu queres (*The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 15, *Matthew*, por A. Lukyn e B. C. Caffin, p. 543).

E qual foi o resultado dessa inédita oração de Jesus? O autor da Epístola aos Hebreus relata: "O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era

Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem" (Hb 5.7-9).

Lucas nos fornece mais um aspecto interessante desse acontecimento: "E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava" (Lc 22.43). Embora não houvesse uma maneira de conciliar a retirada do cálice com a plena execução da vontade do Pai, havia uma maneira de o cálice ser suportado, a fim de que a vontade de Deus prevalecesse. O mesmo continua sendo válido para nós em nossos dias.

Oração na Cruz

Somente duas breves orações saíram dos lábios de Jesus durante o opróbrio da cruz. Na primeira, vemos sua aflição a respeito daquilo que, para o *homem* Jesus, parecia ter sido o total abandono da parte de Deus; na segunda, deparamos com sua declaração de entrega absoluta nas mãos de Deus.

A primeira oração na cruz deu-se quase no fim da crucificação: "*Eloi, Eloi, lama sabactâni?* isso, traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mc 15.34; veja também Mt 27.46). Ao experimentar as horrendas trevas, uma agonia física quase insuportável e um senso de total solidão, Jesus clamou em alta voz — e certamente o seu clamor foi ouvido por todos os que estavam ali perto. Ficamos a imaginar se aqueles que o ouviram jamais chegaram a se esquecer daquele grito angustiado. Por certo, o coração do Pai deve ter-se rasgado diante daquele pedido extremo por socorro. Contudo, para que fosse consumado o plano da redenção, o Pai permitiu que seu Filho passasse por aqueles momentos de agonia indescritíveis. É bem possível que haja ocasiões em que os servos de Deus venham a sentir o mesmo tipo de abandono, se não, a experiência de Paulo nos serve de alguma indicação (Fp 3.10).

Essa oração, ainda que constituída apenas de uma breve sentença, provoca em nós os pensamentos mais sóbrios e solenes. Teria Deus realmente abandonado Jesus Cristo? será que Deus chega mesmo a se esquecer daqueles que lhe pertencem? Embora o Pai não pudesse associar-se ao pecado e à iniqüidade que o Filho suportou em nosso favor, ainda assim Ele amava a seu Filho. Aquele que assim pode clamar a Deus, tendo-o como Pai, não estará só, mesmo que se sinta abandonado. O Pai atende desde o mais ínfimo apelo até ao mais desesperado brado. Somente aquele que não se incomoda de estar só, é que realmente foi abandonado.

O clamor de Jesus, ao citar em aramaico o Salmos 22.1, também foi uma maneira de ele reivindicar esse Salmo como uma expressão do seu sofrimento na cruz. Ao lermos este Salmo, deveríamos fazê-lo

tendo essa verdade em mente. Sua oração de desespero foi ouvida (Hb 5.7). A horrorosa agonia de se sentir abandonado teve pouca duração. Só se prolongou enquanto o propósito de Deus assim o exigiu. Quando os momentos de extrema aflição nos visitarem, lembremo-nos de que Deus realmente nos ouve!

A segunda oração feita na cruz também foi muito curta: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Depois de dizer tais palavras, Jesus expirou. Eis aí uma oração que pouquíssimos chegarão a fazer, muito embora alguns já o tenham feito. John Huss, acossado por seus inimigos enquanto se encaminhava para ser executado na fogueira, falou com fé firme e exatidão teológica: "Entrego o meu espírito em tuas mãos, ó Senhor Jesus, pois tu me remiste". Se bem que na hora da morte quase nunca haja oportunidade de fazermos uma oração com essas mesmas palavras, podemos tomar a decisão de servir a Jesus a cada dia que vivermos.

Perguntas para Estudo

1. Que razões tinha Jesus para orar com regularidade?
2. O que a oração de Jesus em favor de Pedro nos ensina sobre sua intercessão por nós?
3. O que a oração de Jesus diante do túmulo de Lázaro nos ensina sobre a relação entre a oração pública e a particular?
4. Quais itens da oração de Jesus, no capítulo 17 de João, podemos empregar em nossas próprias orações?
5. O que continha o cálice sobre o qual Jesus falou em sua oração no jardim do Getsêmani?
6. Deus realmente abandona ou esquece daqueles que lhe pertencem?

Capítulo Oito

Os Ensinamentos de Jesus sobre a Oração

Não há instruções sobre a oração mais significativas e esclarecedoras que as feitas por aquEle que orava com tanta eficácia e com uma certeza tal, que podia dizer: "Pai... eu bem sei que sempre me ouves" (Jo 11.41,42). Contudo, é muito mais importante aprender a orar do que aprender sobre esse assunto. Aprender sobre a oração só terá sentido se nos permitir orar melhor.

Em seus ensinamentos sobre o Céu, Jesus disse aos seus discípulos que eles sabiam como chegar aonde Ele estava indo. Tomé, entretanto, disse que não sabia para onde Jesus estava indo, quanto menos o caminho para chegar lá. Então Jesus lhe respondeu: "Eu sou o caminho... Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6). Nos ensinos de Jesus, não há declaração mais direta sobre o acesso a Deus. Isso aplica-se não só à salvação, mas também à oração, visto que Jesus é o "novo e vivo caminho" por meio do qual entramos no Santo dos Santos (Hb 10.19,20). Essa verdade é absoluta. Ninguém pode aproximar-se de Deus através de outro nome ou por qualquer outro meio. "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Tm 2.5). Os teólogos liberais (que não acreditam no sobrenatural) e os filósofos do nosso mundo gostariam de nos fazer crer que tal ponto de vista é por demais estreito e beato. Mas devemos curvar-nos diante do tribunal de apelação de última instância — a Bíblia.

Quando oramos no nome de Jesus, devemos fazer mais do que simplesmente acrescentar ao final da oração, de maneira formal e rotineira, a frase "em nome de Jesus". Quando Jesus falou em pedirmos qualquer coisa em seu nome (Jo 14.13) queria dizer mais do que o mero uso de palavras. Visto que, na Bíblia, o nome representa o caráter e a natureza da pessoa, por isso mesmo quando oramos no nome de Jesus, devemos orar em consonância com a sua pessoa, natureza e vontade.

Também devemos reconhecer quem Ele é, submeter-nos à sua autoridade e depositar nossa fé inteiramente nEle. Então, o nosso desejo será sempre trazer glória tanto a Jesus quanto ao Pai (At 3.16; 4.30; Rm 15.6).

Além disso, ao orarmos no nome de Jesus, reconhecemos que Ele é a nossa única esperança de acesso a Deus. Pessoas pecaminosas não podem ter acesso, por si mesmas, a um Deus santo. Se ousassem aproximar-se diretamente de Deus, seriam consumidas, "porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12.29). Por essa razão, as pessoas do Antigo Testamento nunca entravam no Santo dos Santos (veja o capítulo 2 deste livro). Seu único acesso era pela intermediação do sumo sacerdote, cuja entrada era permitida uma única vez por ano e somente por meio de sangue (Hb 9.7,8).

Sob o Novo Pacto, Jesus é o eterno Sumo Sacerdote que nos confere constante e permanente acesso ao trono da graça, com base no oferecimento do seu próprio sangue (Hb 9.11,12). Só temos acesso a Deus por causa de Jesus. Em Cristo, nosso pecado foi removido e através dEle — somente através dEle — é que podemos nos aproximar de Deus.

OS CRENTES capacitados pelo Espírito Santo (Rm 8.26,27)	VÊM através de Jesus, o único Mediador (1 Tm 2.5) (Jo 14.6)	AO	Pai

Consideremos agora o protocolo da oração. Embora o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam um só, a oração, de acordo com as Escrituras, deve ser dirigida a Deus Pai. Ao mesmo tempo, o Pai, que considera a condição do coração mais que a correção das palavras, por certo não rejeita a oração feita com erro de protocolo. Também não é incomum os crentes dirigirem-se a Jesus ou ao Espírito Santo em suas orações. Mesmo assim, o padrão da oração deveria ser entendido e praticado conforme nos é apresentado pela Bíblia (veja o diagrama anterior).

Recebendo o que Pedimos

Jesus deu instruções específicas sobre como podemos receber aquilo que pedimos em oração: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7). O que significa "estar" em Cristo? De que maneira as palavras de Jesus poderão estar em nós? Devemos

responder essas perguntas se realmente quisermos ver o cumprimento das palavras de Jesus, quando prometeu nos dar aquilo que pedimos. Na passagem de João 15.1-11 encontra-se, talvez, a promessa mais abrangente para quem almeja alcançar respostas às suas orações: "Pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito". Mas há condições. Há uma chave que deve ser usada para obtermos a certeza de que alcançaremos as petições que fazemos: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós".

"Estar" é a palavra de maior efeito em João 15.7. Esse verbo deriva-se do grego *meno* e significa "permanecer" (num determinado lugar, estado ou relacionamento). O uso do verbo aqui fala do relacionamento que deve existir entre o crente e o próprio Jesus — uma união, unidade, *koinonia* (amizade, comunhão, sociedade) ou estar entrelaçados um no outro — numa comunhão ou sociedade mística, mas no entanto real e empírica. Isso é necessário para o crente poder experimentar essa condição ilimitada de pedir e receber.

Contudo, "estar" deve ser mais do que "permanecer em Cristo". Os requisitos compõem-se de duas partes: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós". Isso inclui o permitirmos que suas palavras estejam em nós. Os dois itens formam um par bem equilibrado, o qual deveria ser a norma cristã — o crente em Cristo e a Palavra de Deus no crente. Cada uma dessas duas condições complementa e capacita a outra. As "palavras" mencionadas aqui incluem mais que as palavras faladas por Jesus, ouvidas por aqueles que o seguiram e que ficaram registradas quase exclusivamente nos evangelhos. Abrangem a inteira Palavra de Deus, a totalidade das Santas Escrituras, dadas a nós por inspiração divina (2 Tm 3.16).

Os crentes que desejam andar em conformidade com a vontade de Deus, devem encher-se da sua Palavra, de modo que ela se torne parte integrante de suas vidas. Isso só é possível se nos disciplinarmos, com a ajuda do Espírito Santo, a vivermos na Palavra. Tal disciplina não acontece por acaso, mas exige uma decisão voluntária de cada um de nós.

A possibilidade de alcançarmos qualquer coisa que pedirmos é extremamente desejável, mas, como humanos, somos tentados a separar a promessa das condições. A natureza humana gosta do ressoar da promessa: "Pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito". Contudo, não passa de imaginação supormos que a promessa é válida à parte dos requisitos que lhe estão vinculados.

> O crente em Cristo, repleto de suas palavras, cada vez mais consciente de sua união com Ele, impregnado com os pensamentos dEle, em sintonia com os seus propósitos, satisfeito com as pala-

> vras de Jesus, não terá vontade que esteja em desarmonia com a vontade de Deus. Nesse caso, a fé é possível no cumprimento do próprio desejo do crente, tornando-se a oração numa profecia e num compromisso com a resposta... Essa é a verdadeira filosofia da oração (*The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 2, *John*, por H. R. Reynolds, p. 243).
> Uma oração que sempre será respondida, conforme explicou Jesus, é o pedido sincero pelo dom do Espírito. O Espírito Santo está presente no mundo para convencer o pecador e levá-lo ao novo nascimento, no momento em que a pessoa crê. É então que o Espírito passa a habitar no crente como o "Consolador" (o Conselheiro, o Paracleto, o Ajudador, Jo 14.16) e como aquEle que testifica da salvação obtida em Cristo (Rm 8.16). Logo, é importante que o crente ore pedindo a promessa do Pai, o dom do Espírito Santo que, entre outras dádivas, concede poder para um testemunho eficaz (At 1.4,8; 2.4; Stanley M. Horton, *O que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo, Rio de Janeiro: CPAD, 1993*).

Satanás, entretanto, é mestre na arte do engano. Ele faz de tudo para impedir que as pessoas participem das bênçãos e provisões de Deus. Para isso, ele procura manter os crentes longe de nosso principal Ajudador, o Espírito Santo. Usando com eficácia o recurso do medo, eis o que Satanás sugestiona àquele que sinceramente busca o Espírito Santo: *Você pode receber um demônio, ou alguma coisa falsa, ou ser vítima de sua imaginação inflamada.* A todos quantos recebem esse tipo de sugestão, o senhor responde:

> E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente? Ou também, se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem? (Lc 11.11-13; veja Mt 7.11)

Jesus salientou a integridade de Deus Pai, valendo-se de uma simples comparação com a maneira pela qual um pai humano trata seu filho. O filho, quando faz um pedido ao pai, não recebe, em lugar do que pediu, um substituto inaceitável, alguma temível falsificação, como uma cobra em vez de um peixe ou um escorpião em lugar de um ovo. Se os pais terrenos — que são maus face a santidade e bondade de Deus — dão prazerosamente bons presentes aos seus filhos, quanto maior é a nossa confiança de que o Pai celeste nos atenderá quando clamarmos pela plenitude do Espírito Santo! Podemos estar seguros de que aquEle que é o epítome do bem, especialmente por causa da condição decaída do homem, dará "o Espírito Santo àqueles que lho pedirem" (Lc 11.13).

Assim, é tanto um privilégio quanto um dever que todos os crentes peçam ao Pai que lhes dê o seu Santo Espírito, para depois descansar na certeza de que, quando assim orarem com um coração sincero, Deus não os decepcionará. Receberão aquilo que desejam e pedem.

Outra promessa de Jesus que fala de respostas efetivas à oração, parece assegurar que receberemos tudo quanto pedirmos: "Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19).

A força espiritual da sintonia e harmonização entre os espíritos humanos é simplesmente incompreensível. A expressão "concordarem", como nosso senhor a emprega aqui, vem do verbo grego *sumphoneo*, que significa "entrosar", "emparelhar", "estar em harmonia", "ter uma mente só", que por sua vez deriva do adjetivo *sumphonos*, que quer dizer "harmonioso", "do mesmo tom", "em concordância".

Na economia divina, há uma liberação de poder baseada na concordância entre tão poucos — dois — o menor número possível para que haja concordância. Imaginamos que, no mundo natural, dois seres com forças similares possam exercer em dobro a força de um só: dois cavalos podem puxar o dobro da carga de um só, duas toneladas de dinamite podem produzir duas vezes a força explosiva de uma só tonelada. Mas até mesmo no mundo físico, evidências comprovam que há um aumento além da proporção das realizações derivadas de um tipo especial de concordância. Exemplificando, um estudo de dinâmica de grupo mostra que dez mentes trabalhando em concordância num dado projeto produzem maiores resultados do que se as mesmas dez mentes trabalhassem nele separadamente.

As Escrituras reconhecem o mesmo princípio quando observa como um só pode perseguir mil, enquanto que dois podem pôr em fuga dez mil (Dt 32.30). Muito embora um único crente, com a ajuda do Senhor, possa perseguir mil adversários, dois crentes, com a mesma ajuda, conseguem pôr em fuga dez vezes esse número.

Concordância, unidade, harmonia ou estar de comum acordo — tudo gera um dinamismo profundo no corpo de Cristo. Deus tem uma promessa até mesmo para o menor movimento possível nessa direção: "Se [tão-somente] dois de vós concordarem". Como os céus devem ter-se regozijado no dia de Pentecostes, quando 120 pessoas foram achadas juntas em perfeita harmonia de propósitos! (Em Atos 2.1, alguns antigos manuscritos gregos dizem *homou*, que quer dizer "juntos", em lugar de *homothumadon*, que significa "num só propósito", o que não altera o sentido de unidade no presente texto.) Não devemos nos admirar, pois, que Deus, pelo seu Santo Espírito,

viesse a contemplar aquele grupo de crentes com uma manifestação que ainda causa impacto no mundo inteiro.

Cada crente é membro do corpo de Cristo (1 Co 12.27). Assim sendo, cada um de nós tem o direito e o privilégio de reivindicar as provisões e promessas de Deus. Aliás, é assim que realmente deve ser. Todavia, independência e autonomia não fazem parte dos propósitos de Deus para seus filhos, pois todos "somos membros uns dos outros" (Ef 4.25). Deus fica extremamente satisfeito quando os crentes convergem em direção à unidade. Em conseqüência disso, oferece-nos a chave dos Céus se tão-somente concordarmos quanto às petições que fazemos.

No entanto, a concordância — ou a unidade — tem limites: "Acerca de qualquer coisa que pedirem". Nesse caso, a concordância e o pedido se misturam. O pedido apresenta-se como um acorde harmonioso numa santa sinfonia que toca o coração de Deus.

Mas essa condição é mais que uma simples concordância natural acerca daquilo que se está pedindo. Ela só brota naquelas pessoas cujos espíritos estão de tal modo sintonizados uns com os outros que todos têm um desejo comum. Esse desejo reflete, em vez de uma vontade egoísta, uma harmonia celeste que só pode ser produzida pela operação do Espírito Santo, quando obedecemos à sua voz (veja o apêndice 1, "A Importância da Oração Feita em Comum Acordo").

Numa análise superficial, a frase "acerca de qualquer coisa que pedirem" parece ser uma promessa sem qualquer condição ou limite. Mas nenhum versículo isolado pode ser usado sem que se leve em conta outros claros ensinamentos da Bíblia sobre um determinado assunto. Por conseguinte, essa passagem deve ser restringida por outras declarações bíblicas, tais como: "E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1 Jo 5.14). E também: "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites" (Tg 4.3). É perfeitamente válida a asserção de que, quando dois crentes são introduzidos num sentimento de concordância e harmonia, conforme indica o texto, seus pedidos estarão de acordo com a vontade do Mestre, não sendo o fruto da imaginação de suas mentes, ou o produto de alguma ambição pessoal ou ainda um desejo humano ilícito.

Aumentando a Fé para Receber Respostas

Quando Jesus falava sobre a oração, fazia freqüentemente referência à fé. Portanto, a fé está no âmago de toda oração eficaz. É o pré-requisito para que a oração seja respondida, visto que a oração é a linguagem da fé. "Ora, sem fé é impossível agradar-lhe, porque é

necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6). Nada é mais fútil que uma oração destituída de fé. Por outro lado, não há nada que um crente possa fazer que seja mais produtivo e cheio de significado que orar com fé.

> E Jesus, respondendo, disse-lhes: Tende fé em Deus; porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis (Mc 11.22-24).

A fé é a força motriz que move a mão de Deus. Todavia, existe muita incompreensão acerca do modo como deve ser exercida a fé que remove montanhas. Alguns ensinam que a fé surge automaticamente quando alguém fala, isto é, quando confessa aquilo pelo que ora, crendo "que se fará aquilo que diz" (Mc 11.23). Muito mais está relacionada com a posse e o exercício da fé que com a mera vocalização. "Dizer" não significa necessariamente praticar a fé, em absoluto! Visto que a expressão da língua pode ser tão-somente a manifestação do espírito do homem no modo de exprimir um desejo puramente humano, o "dizer" deve ser sempre um subproduto da oração. Declarar a bênção, ou a vitória, sem uma atitude reverente de oração é como tentar fazer um automóvel andar sem motor. Outrossim, a "declaração" deve ser compatível com a vontade revelada de Deus.

> E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos (1 Jo 5.14,15).

O trecho de Marcos 11.22-24 contém três lições sobre a fé. A primeira está contida na exortação de Jesus: "Tende fé em Deus". Esta sentença soa como se fosse uma ordem. Entretanto, "tende", no grego, está no tempo presente e não no imperativo. Alguns manuscritos antigos dizem: "Se tiverdes fé em Deus". Sem dúvida, os crentes quase sempre estão a lutar arduamente para cumprir essa condição. Eles testificam sobre a fé, anunciam sua fé, empregam uma variedade de fórmulas humanas para conseguirem ter fé, e, no entanto, o tempo todo se esquecem da simples fórmula bíblica para se obter fé: a própria Palavra de Deus. "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus" (Rm 10.17). O maior estímulo à fé está no ouvirmos a Palavra de Deus, vivificada pelo Espírito Santo.

É deveras significativo que Jesus não tenha dito simplesmente: "Tende fé". Não era sua intenção dizer: "Tende fé na fé". Essa é uma atitude tola e perigosa. O que Ele disse, claramente, foi: "Tende fé *em Deus*". A fé não pode permanecer sozinha. Ela precisa de alguma coisa sobre a qual possa ser edificada. De acordo com as instruções de Jesus, o poderoso Deus do universo deve ser o objetivo da nossa fé. E que maior objetivo além dEle a nossa fé poderia desejar? O Deus em quem a fé é depositada e sobre quem ela faz suas reivindicações é o Deus que, segundo Paulo, é capaz de "fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera" (Ef 3.20). Sim, é o mesmo Deus cujo grande poder Ele "manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus" (Ef 1.20).

> Quão fútil é o esforço humano na luta para crer nas promessas existentes na Bíblia. Uma promessa só pode ser tão boa quanto aquele que a faz — e disso deriva-se toda a nossa segurança. Ao cultivarmos o conhecimento de Deus, estamos ao mesmo tempo cultivando a fé. Não obstante, quando assim fazemos, não olhamos para a nossa fé, e sim para Cristo, seu autor e consumador. Isso posto, o olhar da fé não se volta para dentro, mas para fora e para cima, para Deus. Desse modo fica garantida a saúde da alma (A. W. Tozer, *That Incredible Christian*, Calcutá: Evangelical Literature Depot, 1964, p. 28).

A segunda lição a ser aprendida de Marcos 11.22-24 é a explicação de Jesus sobre o admirável poder da fé em Deus e como ela opera. A fé (*pistis*, no grego) poderia ser traduzida por "fé-obediência". Não existe fé em Deus sem uma confiança absoluta nEle e deliberada obediência à sua vontade. A fé não fingida, não diluída, não enfrenta obstáculo grande demais, visto que apresenta contra esse obstáculo o poder sem limites e sem igual do Deus para quem nada é impossível (Gn 18.11-14; Jr 32.17; Lc 1.37; 18.27).

O crente que tem uma fé marcada pela obediência e pela confiança em Deus, quando fala (já que o faz segundo a vontade de Deus) vê sempre suas palavras cumpridas perante seus próprios olhos. Foi com essa disposição que Jesus falou à figueira (Mt 21.19), e Pedro, ao aleijado na porta do Templo (At 3.6). Mas, antes de falar de tal maneira, os crentes devem estar certos de que têm o tipo de fé que Jesus e Pedro tiveram, além de se certificar de que as suas palavras não são fruto da mera presunção humana ou de um desejo não santificado.

Em Marcos 11.22-24, encontramos a terceira lição nas instruções de Jesus sobre os meios que nos permitem ter uma fé que remova montanhas. O versículo 24 começa com um significativo "por isso",

vinculando-o ao pensamento dos versículos anteriores e identificando a única maneira pela qual esse tipo de fé pode ser encontrada: "Tudo o que pedirdes, orando". Noutras palavras, antes de falar às montanhas com autoridade divina, devemos falar com Deus. E antes de falarmos com Deus sobre os nossos desejos, devemos fazer com que esses desejos se harmonizem à vontade divina revelada nas Escrituras. Uma vez alcançada a convicção de que o pedido está em conformidade à vontade divina, aqueles que pedem têm apenas de acreditar que receberão aquilo que o Senhor deseja. Então Jesus promete: "E tê-lo-eis".

A fé não precisa estar sujeita a restrições de tempo. Uma vez que a fé tenha surgido no coração, a demora da resposta concreta não deveria ser problema. A fé não dita os termos da resposta. Meramente assegura a resposta dentro do arcabouço da vontade e do propósito de Deus.

Limpando a Vereda da Oração

As instruções de Jesus sobre o perdão de pecados estão relacionadas de perto às suas instruções sobre a fé que remove montanhas, indicando que esta só é possível quando aquele que pede está livre de todo o impedimento. A oração eficaz e a confiança inspirada por Deus estão diretamente vinculadas a um relacionamento correto com as outras pessoas.

Jesus ensinou que aqueles que desejam respostas às suas orações, devem avaliar cuidadosamente suas atitudes com qualquer um que lhes tenha feito algum mal. O mais leve resquício de rancor contra o próximo pode bloquear o perdão de Deus, tornando-se um entrave à oração: "E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe as vossas ofensas" (Mc 11.25). "Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas" (Mt 6.15).

O perdão, pois, deve fazer parte das nossas orações: "E, quando estiverdes orando, perdoai". A resposta às nossas orações depende de nossa condição como filhos perdoados de Deus, mas o recebimento do seu perdão está condicionado à nossa disposição de perdoar os outros. Que pensamento dignificante numa época em que os relacionamentos humanos estão, na maioria das vezes, sendo destruídos pelo espírito mundano do egocentrismo!

> Toda oração repousa sobre a nossa fé na graça perdoadora de Deus. Se Deus nos tratasse conforme os nossos pecados, nenhuma oração seria respondida... A disposição perdoadora de Deus é revelada em seu amor para conosco. Quando o poder desse amor

> é derramado sobre nós e habita em nós, então perdoamos como Ele perdoa. Se houver grandes e perigosas injúrias ou injustiças feitas contra nós, buscaremos, antes de tudo, possuir uma disposição parecida com a de Deus. Que sejamos guardados do senso de honra ferida, do desejo de manter os nossos direitos ou da intenção de recompensar o ofensor conforme ele merece. Nos pequenos aborrecimentos da vida diária devemos estar vigilantes e não nos permitir atitudes temperamentais, palavras precipitadas e julgamentos indevidos. Devemos conservar sempre a intenção de não prejudicar ninguém, evitando os pensamentos vingativos, para que a ira não nos domine por tempo demasiado. Não devemos supor que seja demais para a debilidade da natureza humana, perdoarmos da maneira como Deus e Jesus Cristo perdoaram. Em tudo, devemos seguir ao pé da letra a ordem divina, que diz: "*Assim como* Cristo vos perdoou, *assim* fazei vós também" (Cl 3.13) (Andrew Murray, *With Christ in the School of Prayer*, Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1885, pp. 105,106).

Jesus foi mais longe quando nos instruiu sobre aqueles que nos fizeram algum mal. Não somente devemos perdoá-los, como também orar por eles: "Orai pelos que vos caluniam" (Lc 6.28). Mateus oferece-nos uma razão para isso: "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.44,45). Perdoar e orar por aqueles que nos fazem mal é seguir o exemplo de Jesus (Lc 23.44), para que nos tornemos verdadeiros filhos de Deus.

Seguindo a Oração Modelo

Jesus também abordou a questão do perdão mútuo em suas instruções aos discípulos, quando respondeu ao pedido que lhe fizeram: "Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos" (Lc 11.1). Muitos pedem a mesma coisa atualmente, esperando encontrar alguma fórmula com respostas rápidas e previsíveis às suas orações. Mas será que nossas petições estão sendo realmente sinceras, se não dedicamos tempo para descobrir o que a Palavra de Deus diz sobre a oração, nem nos dispomos a pôr em prática as instruções bíblicas?

Devemos dar atenção a cada detalhe da oração modelo, que Jesus prefaciou com estas palavras: "Portanto, vós orareis assim" (Mt 6.9). Embora seja sempre recomendável repetir a oração do Pai Nosso, é muito mais importante que, quando orarmos, nos deixemos guiar pelos princípios providos por nosso Senhor nessa e em outras orações. A palavra "assim" é tradução do vocábulo grego *houtos*, e

deveria ser entendido como "desta maneira". Jesus estava dizendo: "Deixem-se guiar por estes princípios gerais quando forem orar".

> Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia nos dá hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; e não nos induzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém. Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas (Mt 6.9-15).

O fato de nos dirigirmos a Deus como "Pai nosso" (Mt 6.9) deveria nos fazer lembrar da benevolência daquEle de quem nos aproximamos. Quanta bênção nos é conferida quando, ao orarmos, nossos corações se conscientizam de que é um amoroso Pai celeste que está dirigindo sua atenção para nós, tal como estamos dirigindo a nossa para Ele. Deus é o nosso Pai, "o Pai das misericórdias" (2 Co 1.3) e nós somos seus filhos. "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o senhor se compadece daqueles que o temem" (Sl 103.13). Identificar Deus como o nosso Pai que está "nos céus" (Mt 6.9), implica no reconhecimento de sua superioridade ao melhor dos pais terrenos. A oração, assim posta em prática, deve ser dirigida àquEle que está acima de todas as coisas, sendo Ele próprio superior a qualquer pessoa ou ser que se nomeie.

"Santificado seja o teu nome" (Mt 6.9) não é apenas uma declaração ou mero desejo expresso em oração. Antes, trata-se de um pedido genuíno, o primeiro de uma lista de petições: "Que o teu nome [ou a tua Pessoa] seja mantido santo [ou com reverência] entre toda a humanidade". Essa petição será finalmente respondida quando o próprio Deus santificar o seu nome sobre todos os habitantes da Terra, no seu Reino vindouro (Ez 36.22,23). Hoje, a nossa parte consiste em equilibrar a familiaridade que temos com o compassivo Pai celeste, mostrando-lhe completa reverência e respeito. O termo grego correspondente, *hagiazo*, significa "tornar santo", "tratar como santo", "conservar em reverência", "honrar altamente".

O nome de uma pessoa é mais que uma simples palavra — representa a própria pessoa. O nome de Deus representa e significa o próprio Deus, incluindo o seu caráter, natureza, feitos e palavras. Por exemplo, Maria, a mãe de Jesus, associa o nome de Deus a santidade e grandes obras: "Porque me fez grandes coisas o Poderoso; e Santo é o seu nome" (Lc 1.49).

Infelizmente, o ato de santificar o nome de Deus tem recebido menos atenção que as outras petições contidas nessa oração. Muitas pessoas têm clamado ansiosamente: "Dá-me hoje o pão diário"; ou então: "Livra-me do mal". Ora, agindo assim, o interesse de que o nome de Deus seja reverenciado e honrado fica em segundo plano, substituído pelas preocupações com o nosso próprio bem-estar.

Como poderíamos santificar o nome de Deus? Certamente o terceiro mandamento deve ser obedecido: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão" (Êx 20.7). Mas também podemos santificá-lo através de nossa vida e conduta diárias. A obediência a Deus e um testemunho coerente dão honra ao nome dEle: "Como filhos obedientes, não vos conformando com as concupiscências que antes havia em vossa ignorância; mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1 Pe 1.14,15; veja também Hb 12.14). Também o honramos quando nos ajuntamos aos nossos irmãos e irmãs em adoração pública: "Mas chegastes... à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; à universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos... e a Jesus... Pelo que... retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade" (Hb 12.22,24,28). Hinos e cânticos de louvor, aliados a um testemunho eficaz, trazem glória e honra ao nome de Deus.

Quando falamos em "Reino de Deus" estamos nos referindo ao governo direto do próprio Deus. Hoje, o Reino de Deus opera através da Igreja (isto é, dos crentes), em meio a um mundo em rebeldia contra Ele. Contudo, a Igreja não é o Reino de Deus no sentido concreto da palavra. Portanto, todas as vezes que oramos: "Venha o teu reino" (Mt 6.10), estamos orando por aquela consumação final dos eventos temporais, quando, conforme se lê em Apocalipse 11.15, "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre".

Não deveria haver nada mais que um crente desejasse além da vinda do Reino de Deus. Uma certa tradição judaica reza o seguinte: "Nem mesmo orou aquele que não fez menção do Reino de Deus em suas orações" (William H. Erb, *The Lord's Prayer*, Reading, Pensilvânia: I. M. Beaver, Publisher, 1908, p. 87). Não obstante, os judeus que citavam essa declaração, provavelmente pensavam no Reino apenas como a realidade imediata à sua volta. Os próprios apóstolos de Jesus não compreenderam a verdadeira natureza do Reino de Deus, enquanto não foram batizados no Espírito Santo (At 1.6).

Mesmo que não venhamos a proferir as palavras "venha o teu reino" em todas as orações que fizermos, o clamor pelo estabeleci-

mento do Reino deveria ser sempre o alicerce das nossas petições. Isso porque, embora Deus já tenha derrotado Satanás, o promotor da rebelião, ainda há resquícios dela em toda a criação e, até que todas as criaturas sejam libertadas da servidão maligna, devemos buscar a consumação do Reino de Deus. Nosso mais acentuado desejo deve ser que o Inimigo de nossas almas não mais exerça domínio sobre criatura alguma, principalmente sobre nós, mas que o Espírito Santo assuma o pleno controle de nossos corações, levando submisso a Jesus cada pensamento, palavra e ação.

"Que venha o Teu Reino, Senhor, no mundo e em meu coração". A intenção final de Deus só será atingida quando cada crente, individualmente, e a Igreja, como um só corpo, convidarem e permitirem a vinda do Reino de acordo com o beneplácito de Deus. A correlação entre a vinda do Reino de Cristo e o cumprimento de sua vontade é óbvia, pois sempre e onde quer que sua vontade for cumprida, o seu Reino estará sendo manifestado.

> O Reino de Deus, ou seja, o governo de Deus, é também o governo do Céu, pois tem como fonte o Deus que está no Céu. O desejo pelo Reino de Deus não se circunscreve ao futuro Reino milenar de Cristo, quando nosso Senhor reinará vitorioso sobre tudo quanto é contrário à vontade de Deus. É também o desejo de que Deus governe agora em cada coração que lhe é sujeito, para que a sua vontade seja feita na Terra assim como é feita no Céu. Este é o segredo para quem busca ter justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17) (Stanley M. Horton, *The New Testament Study Bible: Matthew*, vol. 2, Springfield, Missouri: The Complete Biblical Library, 1989, p. 109).

Clamar para que "seja feita a tua vontade" (Mt 6.10) requer completa submissão. Como já mencionamos, para que Jesus pudesse cumprir sua missão, Ele teve de submeter-se à vontade do Pai (Hb 5.7-9). A submissão é o elemento básico da oração, pois onde houver submissão sem reservas, não haverá impedimentos à resposta de Deus. Assim, torna-se imperativo que oremos: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Isso expressa também nossa confiança na fidelidade de Deus, bem como demonstra que sabemos que Ele está agindo em nosso favor e que cumprirá todas as suas promessas.

Muito acima de nossas necessidades terrenas e temporais, estão as necessidades do espírito. Mas como continuamos em nosso estado terreno, cercados por necessidades e preocupações terrenas, nosso Senhor nos instruiu a pedirmos por elas ao Pai celeste.

"O pão nosso de cada dia nos dá hoje" (Mt 6.11) significa "supre nossas necessidades diárias". A petição, por si mesma, é um reconhecimento de nossa dependência de Deus. Mas orar dessa maneira não

invalida ou suprime a necessidade do esforço humano (Gn 3.19; 1 Tm 5.8). Antes, reconhece que Deus é a fonte que nos supre das coisas materiais, não importando quão duramente tenhamos trabalhado para alcançá-las.

As realidades temporais pelas quais oramos não são finalidades em si mesmas. São apenas meios para chegarmos a cumprir o propósito para o qual Deus nos pôs na Terra. sem a nutrição para o corpo e as provisões básicas para a vida física, não poderíamos fazer a vontade de Deus na Terra. O suprimento das necessidades ordinárias da vida são apenas um meio de se trabalhar mais intensamente pelo cumprimento de todas as petições, inclusive as nitidamente espirituais, contida nessa oração modelo.

"Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4.4). Viver somente em função do pão natural torna a vida um fardo e tira dela o sentido. Quando oramos pelo pão nosso de cada dia, também deveríamos entender que precisamos do pão da vida. Os israelitas comeram o maná no deserto e mesmo assim morreram. Deus, em sua misericórdia, prometeu nos dar o pão da vida, ainda que o nosso corpo físico morra. Nosso Criador nos constituiu com uma natureza tanto física quanto espiritual, provendo-nos de alimento não só físico como também espiritual. Cristo é o Pão que satisfaz e nos alimenta o espírito. Declarou Ele: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede" (Jo 6.35). Que o senhor nos dê, a cada dia, o pão espiritual que nos é necessário.

"Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6.12). Lucas usa a palavra "pecados" (Lc 11.4) em lugar de "dívidas". Nossos pecados são dívidas. Portanto, quando oramos, devemos sempre ter em mente que necessitamos da misericórdia e do perdão divinos, valendo-nos dos meios providos por Deus para esse fim: a confissão (1 Jo 1.9). A confissão penitente humilha os orgulhosos e os conduz ao arrependimento. Quando nos arrependemos e oramos pelo cancelamento de nossas dívidas, é como se estivéssemos preenchendo uma requisição para que elas sejam apagadas dos anais divinos.

O perdão, essencial a uma vida vitoriosa, é nossa primeira e maior necessidade. Não importa com quanta diligência resistamos às tentações e quão fiéis sejamos no cumprimento de todas as nossas obrigações religiosas, ainda assim estamos aquém da justiça de Deus. Nenhum filho de Deus pode abrir mão de pedir ao Senhor que lhe perdoe os pecados. A pessoa justa aos próprios olhos não sente necessidade de pedir perdão a Deus, porém à medida que nos aproximamos mais de nosso Salvador e Senhor, mais sentimos um profundo senso de pecado e indignidade pessoal.

À semelhança de Isaías, clamamos: "Ai de mim, que vou perecendo! Porque eu sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!" (Is 6.5)

Pedimos o perdão de Deus, "assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6.12). A expressão "assim como" não indica grau, visto que jamais poderemos perdoar com perfeição — somente Deus pode perdoar o pecado — mas podemos e devemos perdoar erros reais e imaginários cometidos contra nós. Não obstante, há uma comparação implícita nessa passagem. Quando estamos prontos a perdoar, a despeito de nossa condição de fraqueza e pecaminosidade, Deus está pronto, em sua santidade perfeita, a nos perdoar igualmente. Receber o perdão divino segue de mãos dadas com o ato de perdoar os outros. Só podemos receber o perdão, quando entendermos o princípio que o rege, e isto implica em não levar a mal o desinteresse que os outros demonstram pelo nosso insignificante ego (Mt 18.21-35).

"Perdoa-nos as nossas dívidas" refere-se aos pecados cometidos no passado; "Não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal" (Mt 6.13) aplica-se ao futuro imediato. Uma pessoa arrependida de fato preocupa-se não somente em ter um passado limpo, mas também em permanecer justa após o perdão e a purificação recebidos. O crente precisa libertar-se da penalidade do pecado, como também do poder do pecado.

A definição usual de "tentação" é "incitação à prática do erro". Mas sabemos perfeitamente que Deus nunca leva ou influencia seus filhos à prática do mal (Tg 1.13). A dificuldade reside na compreensão apropriada das palavras "induzas" e "tentação". O verbo induzir (gr. *eisphero*) significa apenas que Deus nos permite entrar em certas circunstâncias e não que Ele nos empurra para elas. Diz a versão dessa frase, feita por Benjamin Wilson: "Não nos abandones às provas" (Benjamin Wilson, *The Emphatic Diaglott*, Brooklyn: International Bible Students Association, 1942, p. 27). Assim, o termo grego descarta qualquer idéia de sermos abandonados na hora da tentação. Deus é fiel. Ele jamais nos abandonaria aos ludíbrios de Satanás.

A outra palavra-chave nessa petição é "tentação" (gr. *peirasmos*). Seu uso nas Escrituras pode significar "prova" (teste) ou "incitação para praticar o erro". Se a frase seguinte ("mas livra-nos do mal") for uma petição distinta, o significado pode ser qualquer um dos dois. Se, como é mais provável, "não nos induzas à tentação" e "livra-nos do mal" formarem uma única petição, então o sentido de incitação é o mais cabível. Implícitos na palavra "tentação" estão não só os

violentos assaltos satânicos, como também aquelas severas tribulações em meio às quais nos sentimos despreparados.

Nos dias maus em que vivemos, essa é uma oração que todos devemos fazer, pois o grande enganador está intensamente ativo. Ele implanta maus pensamentos, gera más imaginações, estimula o deleite na visualização do mal, pressiona nossa vontade para atendermos aos desejos maus da carne, incita-nos à concupiscência, leva-nos ao pecado e encanta-nos para a morte. Nossas orações deveriam originar-se da verdadeira consciência de que somos inerentemente fracos diante dos poderes das trevas que nos querem destruir. Sempre haverá necessidade de orarmos defensivamente.

Nosso senhor nos instruiu acerca de como a oração deve começar e também nos ensinou como ela deve terminar. A expressão de louvor a Deus é uma breve doxologia. Trata-se de uma homenagem e de um reconhecimento àquEle a quem as nossas orações são dirigidas. Nessa explosão de louvor, a alma obtém a certeza de que Deus atenderá às petições feitas. Nas orações coletivas, a doxologia é uma conclusão apropriada a ser expressa por toda a congregação. "Porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém" (Mt 6.13). Tudo pertence a Deus! Todas as nossas petições devem ser expressas nessa consciência, se é que pretendemos obter alguma resposta. Cada pedido deve ser feito na confiança de que a resposta, uma vez dispensada a nós, trará glória a Deus e somente a Deus.

Tendo Motivos Corretos

Jesus deu muitas outras diretrizes acerca da oração. Todavia, não deve ser menosprezado o fato de Ele haver começado suas instruções com uma palavra negativa. A questão a que Ele se reporta aqui é a da motivação.

> E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não vos assemelheis pois a eles; porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes (Mt 6.5-8).

Para ser eficaz, a oração deve ter como origem um motivo adequado. Esta é a primeira regra. A oração expressa com o único intuito de

atrair a atenção e a admiração do povo não é oração de forma alguma, mas vã exaltação do ego. Os fariseus hipócritas queriam que sua piedade fosse vista e aplaudida. Por essa razão, foram denunciados, juntamente com os escribas, por se valerem de longas orações públicas para encobrir os maus tratos que dispensavam às viúvas (Mc 12.40).

Para obter aceitação junto ao Pai, a oração deve ser dirigida aos ouvidos do Deus Todo-poderoso. Jesus nos deu três admoestações, a fim de que oremos impulsionados pelos motivos certos: (1) orar sem chamar a atenção para nós mesmos (Mt 6.5); (2) orar em secreto (Mt 6.6); e (3) orar sem usar vãs repetições (Mt 6.7,8).

A instrução de Cristo para que seus seguidores, quando orarem, entrem em seus quartos e fechem a porta, não sugere que a oração pública seja imprópria. Apenas sublinha a necessidade de que seja evitada qualquer intenção de usarmos a oração como um meio de obter a admiração do povo. A palavra "aposento" é tradução do termo grego *tameion* e significa, literalmente, "quarto interior" ou "quarto secreto". É tão-somente um lugar de privacidade. Mesmo com uma agenda recheada de compromissos e com exigências prementes vindas de todos os lados, o crente deve reservar tempo para a comunhão com Deus. Samuel Chadwick sumariou a questão muito bem, quando escreveu:

> Devemos encontrar algum lugar que sirva de ponto de encontro com Deus. Um coração faminto encontrará um jeito. Ao ar livre ou em algum canto recluso, sempre haverá um santuário interior. Se não for possível achar um lugar físico adequado, a alma deve reservar um espaço íntimo para onde possa se retirar e estar a sós com Deus, mesmo que outras pessoas estejam por perto — o 'gabinete interior' é uma bênção indizível... Deus quer que os homens orem em todos os lugares, mas o lugar de sua glória está na solidão, onde Ele nos esconde na fenda da rocha e fala conosco face a face, como um homem conversa com seu amigo (Samuel Chadwick, *The Path of Prayer*, Nova Iorque: Abingdon Press, 1931, p. 30).

A oração, tal como a esmola e o jejum, deve ser praticada em secreto, a fim de que o Pai celeste, que vê o que está em oculto, possa recompensar abertamente o ato de devoção (Mt 6.3,4,18). Os fariseus queriam ser vistos pelo povo quando oravam pelas ruas nas horas marcadas para a oração. Quem age assim já recebeu a sua recompensa, que é ser visto pelos homens — mas nem por um minuto presuma que é ouvido por Deus. Os fariseus conseguiam chamar a atenção das pessoas, o que na verdade era o que desejavam, para que fossem julgados mais piedosos e justos que os outros, mas não podiam esperar que Deus desse qualquer resposta aos seus apelos.

A segunda admoestação de Jesus é que cada crente procure um lugar onde possa estar à sós, para orar àquEle que vê o que está em oculto. A palavra "secreto" (gr. *krupto*), significa "oculto", "escondido", "fora das vistas". No que diz respeito a Deus, "que vê secretamente" (Mt 6.6), o uso desse vocábulo destaca a sua onipresença. Ainda que esteja oculto da vista humana, Deus realmente está presente no lugar secreto. A consciência dessa realidade, por parte da pessoa que ora, é um grande estímulo à fé. Deus é poderoso para contemplar a nossa oração, seja ela tão secreta quanto um simples pensamento. Embora a recompensa pública para a oração feita em oculto seja a resposta divina, só o fato de Deus vir ao nosso encontro, em nosso gabinete secreto, e fazer de nós o templo de sua habitação, já vale o tempo dedicado a uma tão íntima comunhão. Veja a poesia de W. F. Adeney (tradução literal), extraída de *The Pulpit Commentary* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 15, *Matthew*, por A. Lukyn e B. C. Caffin, p. 248):

A oração é o desejo sincero da alma,
Expresso em palavras ou balbuciado;
O movimento de um fogo interiorizado,
Uma chama ardente no peito que arfa.
A oração é o peso de um suspiro,
O deslizar suave de uma lágrima;
Quando os olhos se voltam para cima
E ninguém, senão Deus, está próximo.

A terceira admoestação de Jesus refere-se ao uso de "vãs repetições", expressão que se deriva do vocábulo grego *battologeo*, cujo significado básico é "falar sem pensar". Frases repetidas, sem sentido, mecânicas, não têm peso diante de Deus. O que Ele ouve é o clamor do coração e não o ruído produzido pelos lábios. Não é o fato de ficar repetindo a oração que é condenado aqui, mas as repetições vazias, destituídas do assentimento da mente. A repetição pode indicar o senso de urgência, mas, mesmo neste caso, o que conta é o clamor que procede de um coração puro.

O próprio Cristo orou, repetindo as mesmas palavras (Mt 26.44) e a mesma coisa sucedeu com Daniel (Dn 9.18,19). A repetição nem sempre expressa a profundidade de nossas emoções. A reiterada e supersticiosa repetição de palavras, quando não nos importamos com o sentido delas, desagrada a Deus e priva o pedinte da resposta.

Alguém poderia argumentar: "Ora, se ao orarmos devemos evitar 'muitas palavras' e se o nosso Pai celeste conhece as nossas necessidades antes que lhas apresentemos, então para que orar?" A resposta é que a oração é mais do que um apelo feito a Deus. Ela expressa nossa

submissão à vontade do Pai e constitui um meio de exercitarmos nossa fé nEle. *Submissão* e *fé*, em certo sentido, movimentam a mão de Deus para que atue de acordo com as nossas necessidades. A falta de oração, pois, é um bloqueio à provisão de Deus, que sabe do que precisamos.

Alguns, hoje em dia, rejeitam o orar em línguas, alegando ser outra forma de "vãs repetições". Mas a oração no Espírito nunca é mero palavrório, embora a pessoa que esteja exercendo o dom possa não saber o sentido dos sons que está emitindo. Palavras dadas pelo Espírito nunca são vazias e nem constituem uma repetição sem sentido. Mas, se alguém está tomando a frente do Espírito Santo e falando expressões verbais previamente aprendidas, então está incluído na advertência de Jesus a respeito das "vãs repetições".

Orando pelos Obreiros

Alguém já afirmou que Jesus deixou apenas um pedido de oração para a Igreja: "E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor. Então disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros. Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara" (Mt 9.36-38; veja Lc 10.2). Numa outra oportunidade, Ele admoestou: "Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa" (Jo 4.35).

Pessoas destituídas de visão não têm paixão pelas almas e não oram o suficiente. Mas dê a elas uma visão capaz de gerar em seus corações a compaixão pelo próximo, e elas se tornarão como John Knox, que orou: "Dá-me a Escócia, ou morrerei!"

Há mais de um século, o professor W. F. Adeney (veja a poesia citada um pouco antes) escreveu: "Nunca esteve aberto um campo tão vasto para a foice da ceifa como em nossos dias. Por conseguinte, nunca houve tanta necessidade de obreiros. O que o mundo mais precisa é de missionários apostólicos, homens e mulheres que tenham o Espírito de Cristo" (ibidem, p. 382).

Hoje, a extensão dos campos prontos para a ceifa desafiam a imaginação. Mais de cinco bilhões de pessoas habitam o mundo atualmente. A cada trinta anos, sua população duplica. Se essa taxa de crescimento se mantiver constante, lá pelo ano 2020 haverá mais de dez bilhões de pessoas neste mundo — sendo cada uma delas uma pessoa por quem Cristo morreu. Quando as multidões da borda do Pacífico, da Eurásia, da África e das Américas estiverem todas reunidas, somente então Cristo verá o resultado do "trabalho da sua alma... e ficará satisfeito" (Is 53.11).

Mas, como isso será realizado? De que maneira essa tão vasta colheita será enfim reunida?

"Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara." Os obreiros, portanto, são fruto da oração. Quão imperativo é que a Igreja ore, como nunca o fez em toda a sua história, especificamente para que o Senhor envie um exército de ceifeiros! Orar para que Deus envie obreiros para os campos de colheita é uma excelente maneira de multiplicar o impacto das orações de um crente.

Uma das maiores tarefas a que um obreiro pode se dedicar é a oração. Portanto, cada obreiro adicionado à leva de ceifeiros é outra pessoa que ora. A qualificação primária de todo e qualquer ganhador de almas é que ele seja um guerreiro de oração. A oração é a força espiritual que levará Cristo à plena posse do seu Reino, garantindo-lhe as nações como herança e os confins da Terra por possessão (Sl 2.8). O campo de colheita pertence ao Senhor. É Ele quem envia obreiros, chamando-os e equipando-os pelo Espírito Santo. Somente então Ele poderá instilar aquele amor zeloso pelas almas, necessário para que se alcance um mundo de almas perdidas.

Orando com Persistência

Jesus ensina uma importante lição a respeito da oração, nas parábolas do amigo importuno e do juiz injusto. Ambas ilustram a freqüentemente citada promessa de Jesus: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque aquele que pede, recebe; e o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre" (Mt 7.7,8; veja Lc 11.9,10).

Os três imperativos em Mateus 7.7 ("pedi", "buscai" e "batei") são verbos que originalmente estão no presente ativo. Por conseguinte, o sentido dessa passagem é: "Continuai pedindo, até receberdes; continuai buscando, até encontrardes; continuai batendo, até que vos seja aberta a porta". Muito diferente da incredulidade, a importunação e a persistência demonstram a firme determinação de se alcançar um fim desejado, ao mesmo tempo que evidenciam a fé que prevalece contra todos os obstáculos.

> Embora a atitude persistente possa parecer teimosia ou radical, evidenciados pela importunação crescente, cada uma dessas expressões ["pedi", "buscai" e "batei"] apresenta o nosso desejo diante de Deus sob uma luz diferente. Pedimos aquilo que desejamos, buscamos aquilo que nos falta e batemos, quando queremos receber aquilo que nos é vedado. Orar segundo essa tríplice representação é a tripla segurança de sucesso em nossos esforços de fé (Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments*, vol. 5, Nova Iorque: George H. Doran Co., 1921, p. 30).

A Bíblia está repleta de exemplos de persistência na oração. Elias orou sete vezes no monte Carmelo (1 Rs 18.42-44). Daniel orou por 21 dias acerca de uma única questão (Dn 10). Jesus orou três vezes no jardim do Getsêmani, por causa da prova que estava prestes a enfrentar (Mt 26.36-44). A Igreja Primitiva fez contínuas orações por Pedro, que estava agrilhoado na prisão (At 12.5). Paulo, muito provavelmente, orou durante 14 dias num navio sacudido pela tempestade (At 27.21-25). Diante disso, fica mais do que confirmado o ensinamento de Jesus "sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer" (Lc 18.1).

Nossa tendência, quando temos pouca fé, é de entregar os pontos antes de obtermos a vitória. Mas não podemos desistir e deixar de orar antes de alcançarmos do Céu a certeza da resposta. Jesus ilustrou o seu ensino sobre o dever de persistir e nunca desistir, mediante duas parábolas: a do amigo importuno (que chegou à meia-noite) e a do juiz injusto.

> Disse-lhes também: Qual de vós terá um amigo, e, se for procurá-lo à meia-noite, e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois que um amigo meu chegou a minha casa, vindo de caminho, e não tenho que apresentar-lhe; se ele, respondendo de dentro, disser: Não me importunes; já está a porta fechada, e os meus filhos estão comigo na cama; não posso levantar-me para tos dar. Digo-vos que, ainda que se não se levante a dar-lhos por ser seu amigo, levantar-se-á, todavia, por causa da sua importunação, e lhe dará tudo o que houver mister (Lc 11.5-8).
>
> E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer, dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia nem respeitava o homem. Havia também naquela mesma cidade uma certa viúva, e ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. E por algum tempo não quis; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens, todavia, como esta viúva me m0olesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito. E disse o senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra? (Lc 18.1-8).

Essas parábolas não são como as "outras parábolas de Jesus, visto que ensinam por meio de contraste e não por comparação... O ponto em comum entre elas é que a importunação prevalece. Ainda que os suplicantes não fossem ouvidos pelo simples fato de pedir ou pelos argumentos apresentados, haveriam de sê-lo pela persistência" (Chadwick, *Path of Prayer*, p. 70).

Jesus não está ensinando a mera importunação ou o desespero na oração, mas revelou que Deus responde à oração persistente. R. A. Torrey disse: "Devemos ter cuidado acerca daquilo que pedimos a Deus, mas desde que tenhamos começado a orar por alguma coisa, não devemos desistir até alcançarmos aquilo que buscamos, ou até que Deus diga, de forma clara e absoluta, que não é da sua vontade dá-la a nós" (Reuben A. Torrey, *How to Pray*, Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., s. d., p. 66).

Combinando Oração com Jejum

Os ensinamentos de Jesus sobre o jejum e a oração não são volumosos, fornecendo-nos apenas algumas poucas orientações. Apesar dEle ressaltar a importância dessa prática quando se preparava para cuidar de casos difíceis, sua única instrução direta trata mais com os motivos para o jejum do que com procedimentos e diretrizes. No entanto, não há razão para duvidar que Ele reconheceu as virtudes de se praticar o jejum.

> E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram os seus rostos, para que aos homens pareça que jejuam. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Porém tu, quando jejuares, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto, para não pareceres aos homens que jejuas, mas a teu Pai, que está em oculto; e teu Pai, que vê em oculto, te recompensará (Mt 6.16-18).

A principal preocupação desse ensino é que os crentes se guardem de fazer do jejum um ato de hipocrisia. É uma advertência de Jesus a que não cedamos à tentação do auto-engrandecimento (Edgar R. Anderson, "The Holy Spirit's Role in Prayer and Fasting", em *Conference on the Holy Spirit Digest,* vol. 2, ed. G. Jones, Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1983, pp. 225-229). Todos quantos advogam o jejum deveriam dar ouvidos às considerações de Jesus sobre esse assunto. No entanto, não devemos permitir que tais advertências sirvam de desculpa à negligência dessa válida atividade espiritual.

O exercício espiritual de jejuar e orar longamente, face a uma necessidade urgente, não pode ser encarado como um artifício para se obter a atenção de Deus ou sua aprovação àquilo que queremos. Apesar do jejum ter consigo mesmo uma recompensa toda peculiar, tal recompensa diz respeito mais àquele que jejua do que ao objetivo final da oração. A prática da oração associada ao jejum deve resultar numa percepção espiritual mais aguçada e num aumento de fé. A oração e o jejum podem trazer valiosas contribuições à vida do crente ou de toda

a congregação, embora nunca se deva permitir que sua prática degenere numa formalidade vazia ou numa tentativa de manipular Deus.

O pungente e agonizante problema que arrancou de Jesus o comentário: "Esta casta não pode sair com coisa alguma, a não ser com oração e jejum" (Mc 9.29), só pode ser compreendido à luz de seu contexto (leia Mc 9.14-28). (As palavras finais — "e jejum" — acham-se em alguns manuscritos gregos, mas não em todos. Evidências textuais parecem apontar para a inserção e não para o apagamento dessas duas palavras. É por isso que elas não aparecem em muitas traduções contemporâneas. Sabemos que Jesus disse que seria apropriado que seus seguidores jejuassem após a partida dEle deste mundo, Mt 9.15; Mc 2.20; Lc 5.35. A oração, em conjunto com o jejum, indicaria a intensidade ou a urgência daquela.)

As palavras de Jesus em Marcos 9.29 foram uma resposta à total incapacidade demonstrada pelos discípulos, de exercer a fé requerida para conseguir o livramento de uma possessão demoníaca. Foi o lamentável comentário daquele pai, que trouxera o filho aos discípulos, sem que estes pudessem libertá-lo, que levou Jesus a repreender os discípulos: "Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei eu convosco, e até quando vos sofrerei? Trazei-mo aqui" (Mt 17.17). Assim, a oração intensa e urgente, conjugada ao jejum, foi o meio de se chegar ao livramento desejado.

> A oração invoca a ajuda de Deus e deixa a pessoa sem nenhuma reserva em si mesma. O jejum subjuga a carne, desperta as energias da alma e faz entrar em exercício as partes mais elevadas da natureza humana. Assim equipado, o crente fica aberto para receber do alto o poder para dominar os ataques do maligno (Lukyn, *Matthew,* p. 178).

Em seus ensinamentos, observamos claramente que Jesus considera a oração um item de fundamental importância na realização da obra de Deus na Terra. A oração é essencial para afastar a tentação e o desânimo. Provê forças quando as pressões tornam-se tão intensas que pensamos em desistir. O verdadeiro centro da oração, de acordo com o ensino de Jesus, não está em nossas necessidades ou no nosso querer. Está em Deus e em sua vontade. E oramos no nome daquEle que ensinou quão importante é a oração — o nome de Jesus!

Perguntas para Estudo

1. O que significa orar em nome de Jesus?
2. O que devemos fazer para manter um relacionamento no qual possamos dizer que estamos "em Cristo"?

3. Que motivos podem ser considerados impróprios para a oração?
4. O que significa orar com fé?
5. Quais são as outras coisas (além da indisposição quanto a perdoar), que podem servir de empecilho às nossas orações?
6. Os princípios contidos na oração-modelo ensinada por Jesus aos seus discípulos, podem ser expressos em cada uma de nossas orações? Justifique.
7. Já que Jesus nos orientou a orarmos ao "Pai nosso", há alguma base bíblica para orarmos a Jesus ou ao Espírito Santo?
8. Quando santificamos o nome de Deus, que nomes ou títulos a Ele atribuídos nos mostram a natureza e o caráter único do verdadeiro Deus?
9. Qual a correlação existente entre buscar o Reino de Deus e fazer a sua vontade?
10. Quais deveriam ser as nossas prioridades na oração?
11. Que motivos podem ser tidos como legítimos em nossas orações?
12. Que diferença há entre as "vãs repetições" e o "persistir na oração"?
13. Por que é tão importante orarmos ao senhor para que levante obreiros?
14. Qual é o valor do jejum em relação à oração?

Capítulo Nove

A Oração na Igreja de Jerusalém

O livro de Atos dos Apóstolos é mais que o registro inspirado das ações de um grupo especial de crentes. Nele estão incluídos os atos da Igreja levantada no Pentecostes, os atos do Espírito Santo nessa Igreja e por meio dela e os atos das forças contrárias, tanto humanas quanto demoníacas, que buscavam impedir e destruir a Igreja desde o seu nascimento. As orações da Igreja Primitiva foram cruciais para os eventos sobrenaturais que marcaram os primeiros dias desse novo movimento do Espírito.

Se há alguma lição nessa história cheia de fascínio e deslumbre, é que a oração tem sido o fator que faz a diferença. Sem ela, não haveria o registro de atos que nos causam tamanha admiração. A Igreja Primitiva foi estabelecida numa reunião de oração, que durou de sete a dez dias (At 1.13,14); ela continuou em oração (At 2.42); e a oração sempre foi o seu sustentáculo.

O livro de Atos não estabelece qualquer doutrina ou teologia sobre a oração. No entanto, mediante um fluxo incessante de exemplos, ensina sobre o assunto. Gerações de crentes têm recebido inspiração e encorajamento através do exemplo daqueles apóstolos dedicados à oração, que plantaram a semente e a regaram com lágrimas. Nós, igualmente, podemos ter um aumento em nosso labor pelo Reino, à medida que juntamos aos nossos esforços a oração de intercessão. As lições práticas dessas orações e seus resultados são vários.

A Primeira Reunião de Oração da Igreja Primitiva

A ocasião da primeira reunião de oração dos discípulos, após a ascensão de Jesus, é inequivocamente clara (At 1.13,14). A motivação para essa primeira reunião veio diretamente de Jesus, o Cabeça da Igreja. Embora Ele não lhes ordenasse especificamente que orassem, os discípulos sabiam muito bem que o tempo de ficar em Jerusalém (Lc 24.49) e esperar (At 1.4) deveria ser preenchido com

oração. "Ficar" é tradução do verbo grego *kathizo,* que significa "sentar-se", "estabelecer-se", "permanecer".

> E entrando, subiram ao cenáculo, onde habitavam Pedro e Tiago, João e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago. Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos (At 1.13,14).

O dom prometido (Lc 24.49; At 1.5) era algo pelo qual valia a pena esperar. A intensidade com que desejavam o poder do Espírito Santo está claramente demonstrada pelo modo como se dedicaram à oração: "Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas" (At 1.14).

Aquilo sobre o que oravam não ficou registrado no livro de Atos, exceto o pedido posterior por orientação na escolha do sucessor de Judas Iscariotes. Mas suas orações, enquanto esperavam, deviam estar relacionadas ao propósito da espera — a vinda do Espírito Santo, como prometera o Senhor.

O louvor também era uma parte importante na adoração dos integrantes daquele grupo. Durante suas aparições, após a ressurreição, Jesus abriu-lhes as mentes a fim de que pudessem compreender as Escrituras (Lc 24.45). O significado da cruz e da ressurreição, no plano divino da redenção, agora se tornava muito claro para eles. Por isso, seus corações estavam cheios de louvores a Deus, que eram expressos continuamente no Templo, provavelmente nas horas de oração, pela manhã e à tardinha (Lc 24.53; At 3.1). Assim sendo, com corações e mentes abertos, eles permaneciam num estado de prontidão e harmonia espiritual. Havia em todos eles uma ardente expectativa pelo cumprimento do tempo de Deus.

A espera foi importante, pois o propósito de Deus ao batizá-los no Espírito era torná-los testemunhas poderosas. Como acontecia todo ano no dia de Pentecostes, as multidões estavam reunidas em Jerusalém por ocasião da festa. Ora, quando aqueles 120 crentes reunidos num único lugar foram cheios do Espírito Santo, tinham tudo para causar um tremendo impacto — e foi exatamente o que aconteceu! Finalmente, haviam terminado os dias de espera. Em nenhum outro lugar da Bíblia lemos que os crentes tenham sido solicitados a esperar o mínimo tempo que seja, antes de serem revestidos do Espírito. (As chamadas "reuniões de espera", comuns pouco antes do reavivamento pentecostal do século XX, trouxeram grandes bênçãos, sendo de grande ajuda a várias pessoas que tinham sido doutrinadas contra um batismo pessoal no Espírito Santo. Eles precisavam dessa oportunidade para abrir seus corações e mentes à verdade. Mas muitos, na missão da rua Azusa, em 1906, foram

batizados no Espírito poucos minutos depois de iniciarem um período de oração e louvor. Myrle [Fisher] Horton, por exemplo, mãe de Stanley M. Horton, recebeu o batismo em cerca de dez minutos.)

> O livro de Atos retrata a atitude da comunidade da Igreja Primitiva ao usar a palavra grega *homothumadon*, que significa "com uma só mente, propósito ou impulso" (Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2ª ed., Chicago: University of Chicago Press, 1979, p. 566). Na maioria das vezes, a versão inglesa do rei Tiago traduz essa palavra pela expressão "de comum acordo". É interessante notar que 11 das 12 ocorrências da palavra no Novo Testamento estão registradas no livro de Atos... Freqüentemente, quando o povo estava de comum acordo, disto resultava uma demonstração do poder de Deus (Tim Munyon, "The Scourge of Individualism", *Advance*, 1/1/1990, p. 9).

É bom atentarmos para os participantes dessa reunião de oração. Não há indício de qualquer tipo de segregação. Apóstolos e discípulos, homens e mulheres, todos eram como um só corpo: "Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.27,28). Não houve qualquer sugestão de gritaria ou querela. Tratava-se quase de uma reunião familiar. Todos quantos desejavam estar presentes, ali estavam. Ninguém fora excluído. É assim que acontece na família da fé.

E, quando o Espírito Santo foi derramado sobre eles, prevaleceu o mesmo princípio — todos foram igualmente cheios: "E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4). A oração é para todas as pessoas. Ninguém precisa se sentir excluído desse glorioso privilégio e da alta responsabilidade que lhe está associada. A oração é o grande nivelador. Homens e mulheres, importantes ou não, ricos ou pobres — todos estão nivelados diante do trono de Deus.

O resultado daquela primeira reunião de oração da Igreja Primitiva haveria de afetar o mundo para sempre. O Espírito Santo estava agora disponível para a Igreja como nunca antes. Que Ele estava presente no mundo antes daquele dia, é um fato que não pode ser negado. Mas que Ele viesse de uma só vez sobre tantos crentes, revestindo-os de poder para serem suas testemunhas, até então era algo desconhecido.

Os acontecimentos do dia de Pentecostes, preparados pelas orações que os precederam, revestiram-se de tremendas conseqüências: "E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados" (At 2.2). O vento, símbolo do Espírito Santo para qualquer judeu conhe-

cedor dos fatos, despertou grande alvoroço entre aqueles que estavam se dedicando à oração.

E logo, nos calcanhares do vento, veio o fogo: "E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles" (At 2.3). Outro símbolo prontamente reconhecido da presença divina na comunidade judaica (Êx 3.1-6; 1 Rs 18.38,39), o fogo deve tê-los feito lembrar as palavras de João Batista: "Esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lc 3.16). Mas João, ao que tudo indica, usou a palavra "fogo" no sentido de julgamento, ao passo que as "línguas repartidas, como que de fogo" aqui relatadas parecem ser um símbolo da aceitação divina (consulte a discussão de Stanley M. Horton, em *O que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo,* Rio de Janeiro: CPAD, 1993).

Todas essas notáveis manifestações devem ter tocado fundo no coração dos 120, que tinham acabado de receber o Espírito Santo, pois "todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4). Tudo isso relacionava-se à promessa de Deus, em função da qual se realizara aquela longa reunião de oração, cujos efeitos se manifestaram no dia de Pentecostes.

As lições que aqui aprendemos são importantes: (1) a oração é a principal chave para o derramamento do Espírito Santo; (2) orações longas podem ser necessárias para produzir união entre os membros do corpo de Cristo; e (3) a oração sempre será o prelúdio de poderosas manifestações do poder de Deus.

Foi durante a primeira longa reunião de oração da Igreja que houve a substituição de Judas, tarefa que representou uma grave questão de liderança (At 1.15-26). Parece que os apóstolos estavam seguindo o desejo do próprio Senhor Jesus, quando concluíram que seu número deveria ser 12. Judas Iscariotes, um dos que faziam parte do grupo original, havia posto um fim à própria vida e ao seu apostolado, suicidando-se. Portanto, tinha de ser substituído. Dois homens, dentre os muitos presentes, foram inicialmente escolhidos. O motivo dessa escolha é algo sobre o qual não somos informados. Ambos devem ter sido achados capazes de preencher o alto ofício de apóstolo. Deveria ser alguém que tivesse acompanhado Jesus desde o começo do seu ministério e continuado no grupo até a sua ascensão. Também deveria ter sido testemunha de sua ressurreição (At 1.21,22). Provavelmente, vários dos setenta discípulos originais (Lc 10.1) satisfaziam os requisitos. Entretanto, somente dois deles, "José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias", foram selecionados.

E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor dos corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, para que tome parte

neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar. E lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos (At 1.24-26).

Curiosos, ficamos a nos perguntar o que deve ter precedido essa oração e o que aconteceu imediatamente após o lançamento das sortes. Será que houve uma votação na qual o resultado tenha sido um suposto empate? Quem sabe algum outro processo de escolha, mutuamente aprovado, fora seguido. A despeito do que exatamente tenha acontecido, até onde os 120 podiam discernir, aqueles dois homens tinham qualificações idênticas.

Como escolher entre ambos e com segurança? Reconhecendo que somente Deus conhecia seus corações e que, em última análise, é o coração de uma pessoa que a qualifica para o serviço divino, aqueles pioneiros da fé cristã apelaram para a oração. E, após terem orado, "lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias" (At 1.26). Mas o lançamento de sortes, o uso de um velo de lã, como no caso de Gideão, e o emprego de qualquer outro artifício não constituem meios válidos de orientação divina hoje em dia. Agora temos o Espírito Santo e a Bíblia — a orientação que procede deles nunca falha! (Por exemplo, temos a escolha dos sete, em At 6.5, e a nomeação dos anciãos, em At 14.23, feitas por meio de uma eleição. Neste último caso, a palavra grega usada dá realmente a entender que Paulo e Barnabé "conduziram uma eleição pelo erguer de mãos". O contexto também fala em oração e jejum.)

Todavia, não há por que deixar de acreditar que Deus tenha honrado a fé simples das pessoas que apelaram para esses processos, quando pediram a sua orientação e a confirmação de sua vontade. Com certeza, tais pessoas criam que "a sorte se lança no regaço, mas do Senhor procede toda a sua disposição" (Pv 16.33).

A Disciplina Regular da Oração

Praticamente nenhum crente conscientizado ignora a importância da oração. Mas a falta de uma disciplina regular de oração depõe, não raro, contra a afirmação que procede de seus lábios. Os discípulos na Igreja Primitiva praticavam e faziam questão de manter uma vida dedicada à oração. Dessa prática resultaram sinais e maravilhas, intervenções miraculosas de Deus e o extraordinário crescimento da Igreja (At 2.43). Lucas cita uma ocasião em que os apóstolos se viram envolvidos num milagre (At 3.1-8). Isso aconteceu quando estavam indo ao Templo, à hora da oração: "E Pedro e João subiam juntos ao templo, à hora da oração, a nona" (At 3.1). Nessa breve referência, não há nenhuma menção de que a oração

fosse algo particular ou restrito a um grupo de privilegiados. Seu lugar específico era o Templo e hora marcada era três da tarde, para ninguém ficar de fora.

Todo crente faz bem em dedicar tempo e lugar para a oração. Mais importante, porém, são a sinceridade e a comunhão consciente com Deus, qualidades essas que devem caracterizar toda a oração que se faz a Ele. Uma disciplina exageradamente rígida pode descambar em escravidão, como parece ter acontecido com a comunidade judaica, com seus três períodos fixos de oração diária: às nove da manhã, às três da tarde (a nona hora do dia) e ao cair da noite (1 Cr 23.30 só fala em dois períodos diários de oração; mas consulte o Sl 55.17 e Dn 6.10).

Apesar dessa prática regular ser recomendável, cumpre ao crente estar sempre vigilante, para que o período reservado à oração não degenere em mera demonstração externa de piedade. Que ninguém pense que é possível substituir a comunhão sincera e significativa com Deus por demonstrações vãs de religiosidade.

É especialmente significativo o fato de Pedro e João terem ido juntos ao lugar da oração. Por conseguinte, eles estavam juntos quando aconteceu aquele milagre surpreendente. Uma vez mais nos vem à mente o ensino de Jesus: "Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19). Evidentemente, houve uma certa afinidade de espírito entre aqueles dois homens, resultando na concordância abençoada e santa que atraiu a atenção do Deus Todo-poderoso.

São importantes as lições a serem aprendidas dessa breve referência à oração: (1) a disciplina na oração é básica para todos os crentes; (2) essa disciplina inclui um tempo específico; e (3) as portas da possibilidade estão abertas para nos reunirmos em oração com outros crentes.

Oração ante à Perseguição

Pedro e João foram instrumentos usados por Deus para levar a cura, de forma extraordinária, a um homem que desde o nascimento era aleijado e incapaz de andar (At 3). Indignados diante do que os dois ensinavam e faziam, os sacerdotes e o capitão da guarda do Templo, juntamente com os saduceus, ordenaram que eles fossem lançados na prisão (At 4.1-3). Mas, no dia seguinte, Pedro, renovado pelo Espírito Santo (At 4.8), pregou destemidamente a todos os seus opositores. Finalmente, após serem ameaçados pelas autoridades, Pedro e João tiveram permissão para ir embora. Retornando à

companhia dos irmãos, deram-lhes notícias da proibição feita pelos principais sacerdotes e anciãos, isto é, de que não deveriam mais nem falar e nem ensinar no nome de Jesus. Esse edito pôs a Igreja Primitiva de joelhos, em oração.

> E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus, e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há; que disseste pela boca de Davi, teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram à uma, contra o Senhor e contra o seu Ungido. Porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel; para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer. Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra; enquanto estendes a tua mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome do teu santo Filho Jesus. E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus (At 4.24-31).

Apesar do conteúdo da oração estar bem claro nesta passagem, não temos a descrição do modo como os crentes oraram. Um deles pode ter liderado as orações, enquanto que os outros assentiam com aménS. Ou vários lideravam a oração, um de cada vez. Também é possível que todos citassem o Salmo 2 em uníssono (At 4.25,26). Contudo, qualquer que tenha sido a maneira como procederam, o certo é que a unidade era o ponto convergente da sua oração: "E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus, e disseram..." (At 4.24) Sua oração iniciou-se com o devido reconhecimento do Deus ao qual se dirigiam: "Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há" (At 4.24). A palavra aqui traduzida por "Senhor" é diferente das outras palavras dirigidas a Deus. Essa palavra tem um sentido óbvio: "mestre", "soberano" ou "autoridade suprema". Esse tipo de reconhecimento não apenas honra a Deus como o Criador do Universo, como também gera fé nos corações daqueles que oram a um Deus tão grande.

Na oração da Igreja perseguida, os crentes também reconheceram a onisciência de Deus e a sua predeterminação em tudo quanto acontecera ao Senhor Jesus (At 4.25-28). Os sofrimentos e a morte de Jesus continuavam bem vivos na mente deles. O conhecimento da onisciência de Deus e seu completo controle sobre tudo que acontece é igualmente vital para os crentes hoje em dia. Isso nos assegura que Deus está consciente de todas as vicissitudes da vida e

jamais é pego de surpresa. Ele continua sendo a Majestade suprema, o Soberano que prevê e predetermina tudo quanto sucede no universo. É Ele quem nos dá o livre-arbítrio e nos permite saber que podemos confiar tudo inteiramente aos seus cuidados.

Em Atos 4.29, a oração deixa de reconhecer a Deus como o Deus do passado, descrevendo-o também como o Deus do presente... "Agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças". Aquele pequeno grupo de crentes perseguidos sabia que o Deus que demonstrara controle no passado, era igualmente capaz de controlar no presente a crise que enfrentavam.

Todos nós vivemos tempos difíceis, nos quais as tribulações parecem que vão nos avassalar. A preocupação e a oração, nessas ocasiões, deveriam visar menos a prevenção e a remoção das tribulações e mais a obtenção de forças e a decisão de fazer frente às tribulações com bom ânimo e confiança. Quando ameaçados, a reação daqueles combatentes cristãos não foi a retirada e o silêncio. Também não apelaram para que Deus fizesse parar as ameaças, trazendo julgamento contra os que os ameaçavam. Pelo contrário, o que pediram foi ousadia e poder para declarar intrepidamente a mensagem de que eram portadores. Enfrentaram a oposição com coragem e plena confiança, porque sabiam que Deus tinha consciência de sua situação. O Deus que os comissionara a declarar a sua mensagem poderia autenticar o ministério deles com sinais e maravilhas: "Concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra; enquanto estendes a mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome do teu santo Filho Jesus" (At 4.29,30). Tinham absoluta certeza de que as manifestações miraculosas seriam um amém divino aos seus esforços concentrados, testificando que Deus, de fato, estava trabalhando com eles e através deles. Ainda hoje a resposta a um testemunho insípido, de pouco poder e muitas palavras, continua sendo o poder de Deus, manifesto em ações poderosas do Espírito Santo e por meio de curas, sinais e maravilhas concedidos por Deus. Devemos nos encher de coragem e implorar a Deus por um testemunho eficaz, nunca permitindo que as evidências pentecostais sejam relegadas ao passado.

Nem precisamos indagar se a oração daquele grupo primitivo de cristãos foi ouvida. A resposta foi dinâmica: (1) o lugar onde estavam reunidos foi sacudido; (2) todos foram cheios do Espírito Santo; e (3) anunciaram a Palavra de Deus com ousadia (At 4.31). A resposta de Deus foi dada por meio do Espírito Santo, tal como Jesus antes indicara: "Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós" (At 1.8). Aqueles discípulos haviam recebido o Espírito Santo no dia de Pentecostes. Não obstante, aquela outorga

especial de poder não excluía a necessidade de "novos enchimentos, de novas unções, de novos movimentos do Espírito, de novas manifestações do poder e dos dons do Espírito e de uma perpétua dependência da ajuda do Espírito" (Horton, *O que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo*).

Aqueles apóstolos do primeiro século não podiam subsistir em seu andar cristão sem uma comunhão freqüente com a Deidade — e nem o podem os crentes deste século. Deus nos dá graça para o momento, mas não nos enche, como se fôssemos um reservatório, no tocante ao futuro. Os seguidores de Jesus devem pôr em prática uma comunhão constante com Deus. E o meio para atingirmos esse fim é uma vida de oração coerente e transbordante.

A reação normal, quando o Espírito Santo desce sobre as pessoas, é que elas se expressem em palavras (Lc 1.42; At 2.4; 4.32; 10.46; 19.6). Atos 4.31 declara que, depois de terem sido cheios do Espírito, aqueles crentes "anunciavam com ousadia a palavra de Deus" — aliás, exatamente pelo que haviam orado (At 4.29). Deve-se notar que sua ousadia no falar derivava-se do fato de terem sido cheios do Espírito e não do seu pedido por sinais e maravilhas. Entretanto, os sinais e maravilhas apareceram em resposta ao pedido que haviam feito, confirmando a Palavra que era pregada clara, ousada e abertamente. A ousadia no testemunho também é uma obra do Espírito Santo.

As lições que devemos aprender dessa excepcional passagem sobre a oração e suas conseqüências são diversas: (1) ao surgirem perseguições e ameaças, devemos nos reunir com o povo de Deus e orar; (2) quando estivermos orando, fortaleçamos nossa fé, confessando a grandeza do Deus a quem oramos; (3) oremos com base na Palavra de Deus, naquilo em que ela se aplica à nossa situação; (4) não oremos meramente por nossa autopreservação e escape, quando surgirem perseguições e formos ameaçados, mas oremos para que tenhamos um ministério eficaz, a despeito dessas mesmas perseguições e ameaças; e (5) oremos para que Deus aumente a nossa capacidade de sermos cheios do Espírito Santo e que Ele confirme a sua Palavra com sinais miraculosos.

Uma Prioridade de Oração

Se os que são chamados para a liderança e o ministério não forem cautelosos, acabarão tão rapidamente envolvidos com os negócios alheios, que o ato de esperar em oração no Senhor será menosprezado. Esse mesmo problema teve de ser enfrentado pela novel Igreja de Atos. Em meio à empolgação de um crescimento acelerado, veio à

tona um problema: um grupo de novos convertidos queixou-se à liderança de que suas viúvas estavam sendo desprezadas na administração do alimento necessário. De súbito, um movimento do Espírito, nascido em meio a uma unidade sem precedentes, viu-se na contingência de enfrentar uma séria discórdia.

Os apóstolos estavam preocupados em prover apoio às viúvas desamparadas. Mas eles tinham uma missão superior, da qual não podiam arredar o pé. Em conseqüência, tiveram de lidar com uma questão que todo líder espiritual, mais cedo ou mais tarde, acaba enfrentando. Deve-se permitir que o cuidado das necessidades temporais suplante o ministério das necessidades espirituais? A decisão que tomaram a respeito dessa questão foi tão boa para aqueles dias quanto o é hoje: "Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas" (At 6.2). (A mesma palavra grega traduzida aqui como "mesas", refere-se a mesas de dinheiro, em Mt 21.12, Mc 11.15 e Jo 2.15, e a um "banco", em Lc 19.23. Donde se deduz que, em At 4.35, era o dinheiro e não o alimento que estava sendo distribuído. Provavelmente, é a "mesas de dinheiro" que se faz referência na passagem de At 6.2.)

Essa conclusão, em hipótese alguma, sugere que a Igreja não tenha a obrigação de cuidar dos seus necessitados. Mas ensina que outras pessoas, além das engajadas no ministério da pregação, é que devem se encarregar das funções de benevolência da igreja (At. 6.3). Doutra maneira, a mais importante função do ministério, que trata das questões eternas, será trocada pela preocupação muito menos importante das questões temporais.

Parece evidente que havia um equilíbrio entre as orações e a pregação dos apóstolos, embora a análise de suas petições específicas não evidencie nada de conclusivo: "Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra" (At 6.4). A oração complementava o ministério da Palavra e vice-versa. Sem a oração, a pregação é um exercício fútil; e sem a pregação, a oração perde o sentido de ser, especialmente na vida de um ministro.

> Uma escola que ensinasse os pregadores a orar, face ao valor que Deus dá à oração, seria mais benéfica para a verdadeira piedade, para a verdadeira adoração e para a verdadeira pregação do que todas as escolas de teologia juntas... Os pregadores que são grandes pensadores, grandes estudantes, devem ser também os maiores na oração. Caso contrário, serão os maiores desviados, profissionais destituídos de coração, racionalistas, menos que o último dos pregadores na estimativa de Deus (E. M. Bounds, *Preacher and Prayer*, Chicago: The Christian Witness, s. d., pp. 25, 27).

O pregador deve estar familiarizado com todas as formas de oração. O pregador deve aprender a pleitear diante de Deus, antes de se levantar para pleitear pelos outros. O pregador deve deleitar-se na comunhão com Deus antes de procurar comunicar as glórias de Deus e do evangelho. O pregador deve aprender a fazer intercessões apaixonadas e súplicas, antes de convidar os outros a conhecer o Salvador. Referindo-se às orações de David Brainerd, Jonathan Edwards observa:

> A história de sua vida mostra-nos o caminho direto para o *sucesso* no desempenho do ministério... Movido pelo amor a Cristo e às almas dos homens, consta que ele "trabalhava sempre fervorosamente" em palavra e doutrina, tanto em público como secretamente, em *orações* dia e noite. O quanto ele não "lutou com Deus" a sós e "em trabalho de parto", com gemidos e agonias inexprimíveis, "até que Cristo fosse formado" nos corações das pessoas a quem fora enviado!... Como um verdadeiro filho de Jacó, ele perseverou lutando, através da escuridão da noite, até o romper do dia (*Memoirs of the Rev. David Brainerd*, New Haven: S. Converse, 1822, pp. 458,459).

Mas, como resolver o conflito que continua a rugir na Igreja, sobre quanto esforço despender na satisfação das necessidades físicas e na pregação do evangelho às almas perdidas? Os que estão ocupados no ministério da pregação não devem se permitir serem desviados, ocupando-se com necessidades materiais às expensas do ministério que lhes confiou o Senhor Jesus. A prioridade dos que são chamados a pregar deve ser sempre a oração e o ministério da Palavra.

Oração na Hora da Morte

Estêvão acabara de entregar uma mensagem esclarecedora e mordaz aos seus compatriotas judeus, que haviam rejeitado Jesus, o Messias (At 7.2-53). Denunciara-os com ousadia ao declarar: "Homens de dura cerviz, e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim vós sois como vossos pais" (At 7.51). Reagindo a isso, eles "enfureciam-se em seus corações, e rangiam os dentes contra ele. Eles gritaram com grande voz, taparam os seus ouvidos, e arremeteram unânimes contra ele. E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam... a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu" (At 7.54,57-60).

Como reagir diante da perseguição e do abuso? Amaldiçoar os opositores e invocar a ira dos Céus contra eles? Uma pessoa menos aperfeiçoada que Estêvão talvez tivesse reagido dessa maneira, mas não aquele pregador leigo cheio do Espírito Santo. Ele não era um

mundano, pois nele não habitava "o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus" (1 Co 2.12). Em humilde resposta à horrenda violência de que era vítima, Estêvão não demonstrou o menor sentimento de retaliação em seu espírito redimido. Apenas uma terna compaixão e preocupação por aqueles que, instantes depois, tirar-lhe-iam a vida.

A oração de Estêvão exprime duas preocupações: (1) o destino de seu espírito; e (2) o bem-estar de seus inimigos. Dificilmente, ele poderia ter seguido mais de perto o exemplo deixado por seu Senhor. Poucos meses antes, quando Jesus morria às mãos de homens malignos, estas palavras haviam sido ouvidas na cruz: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46). Agora era a vez de Estêvão clamar: "Senhor Jesus, recebe o meu espírito!" (At 7.59) Ele já havia recebido um vislumbre do outro mundo (veja o contexto, em At 7.55-59), cuja glória pareceu aliviar as dores do momento. Também tinha consciência de que deixar o corpo é "habitar com o Senhor" (2 Co 5.8).

Cumpre destacar que Estêvão não solicitou qualquer livramento físico ou um milagre que servisse para esse fim. Tal como Jesus morrera de acordo com a vontade de Deus, às mãos de homens maldosos, assim também convém que seus servos morram. A vontade de Deus pode ser cumprida tanto na morte quanto na vida. Seus servos, à semelhança de Estêvão, devem ser totalmente submissos a essa vontade, não importando qual seja o resultado. Embora Estêvão não tenha verbalizado as palavras, o que ele realmente estava orando era: *Senhor, seja feita a tua vontade!*

Havendo cuidado de seu próprio espírito, Estêvão dirigiu seus sinceros pensamentos àqueles violentos compatriotas, que estavam pecando. Ajoelhou-se, sem dúvida com o rosto voltado na direção do céu, dando a entender com isso não só a sua grande humildade, como também a sua maneira de se aproximar em oração ao Deus do céu. A oração de Estêvão "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7.60) é um eco da oração feita pelo Senhor quando crucificado: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Era como se uma espada excessivamente pontiaguda atravessasse o coração daqueles que o observavam. Enquanto o matavam, ele rogava por eles. Inacreditável! Inimaginável! E, no entanto, aquilo estava acontecendo bem ali, de forma clara e em bom som. Com certeza, Estêvão estava cumprindo a ordem de Jesus, seu Senhor: "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.44,45).

Qual foi o resultado dessa oração incomum e dessa maneira exemplar de morrer? Naquela multidão sedenta de sangue, havia pelo menos um homem inclinado de corpo e alma não só a destruir o destemido Estêvão, mas também a Igreja inteira. Era o rude Saulo de Tarso (At 7.58). Se Estêvão não tivesse orado daquela maneira, talvez a Igreja de Jesus Cristo não contasse com Paulo, o apóstolo dos gentios, entre seus heróis. Estêvão, pois, foi o "grão de trigo" que, caindo no solo e morrendo, pôde produzir "muito fruto" (Jo 12.24). A semente do martírio realmente produziu muito fruto: primeiramente Paulo, como parece dar a entender a menção repetida do seu nome em Atos 7.58 a 8.1, e depois a vasta multidão, tanto de judeus como de gentios, que vieram a Cristo pelo ministério do próprio Paulo.

Perguntas para Estudo

1. Ainda hoje é necessário orar durante muito tempo antes de alguém poder receber o batismo no Espírito Santo? Qual o valor das "reuniões de espera", tão comuns no início do século XX, nos Estados Unidos?
2. Os judeus, quando oram no Muro das Lamentações, em Jerusalém, contam com áreas separadas para homens e mulheres. Em que esse tipo de separação mudou no Cenáculo, antes do Pentecostes, e por quê?
3. Quais as vantagens de se manter na igreja reuniões regulares de oração?
4. Que tipo de oração fez com que fosse sacudido o lugar em que estavam reunidos, como se lê em Atos 4.24-31? O que isso nos mostra sobre a oração em tempos de perseguição?
5. Como podemos ajudar nossos pastores a dar a máxima prioridade à oração e ao ministério da Palavra, sem perder o equilíbrio?

Capítulo Dez

A Oração na Igreja em Expansão

A severa perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão espalhou os crentes em todas as direções. Lucas nos dá exemplos do que deve ter acontecido em muitos lugares, quando descreve o ministério de Filipe, em Samaria, e o de Pedro, na Judéia. Visto que os crentes enfrentavam a perseguição com incessantes orações (por exemplo, At 12.5), podemos estar seguros de que, mediante a oração e orientação do Espírito, a Grande Comissão foi coroada de êxito em lugares acerca dos quais Lucas nada menciona. Atos, entretanto, deixa transparecer alguns indícios (At 9.31; 12.24; 15.3; 21.4; 28.14), incidindo a última parte do livro sobre a missão efetuada pelo apóstolo Paulo entre os povos gentílicos.

Recebendo o que Deus Já Deu

Assim que os crentes foram dispersos de Jerusalém, Filipe foi à cidade de Samaria, onde pregou (At 8.4). Nessa cidade, aconteceu um glorioso despertamento espiritual. Espíritos malignos eram expulsos, milagres podiam ser vistos e muita gente experimentava curas sobrenaturais. Em toda a cidade havia muita alegria. Entretanto, o Espírito Santo ainda não descera sobre nenhum deles.

> Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.) (At 8.14-16.)

Que essas pessoas estavam genuinamente salvas, não há o que duvidar. Havia crido e foram batizados tanto homens como mulheres (At 8.12,16). Não havia qualquer indício de dúvida em Pedro e João de que o Espírito Santo não poderia ser destinado àqueles recém-convertidos. Fora o próprio Pedro que, no dia de Pentecostes, anunciara: "Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (At 2.39).

A experiência pentecostal ainda estava bem viva na memória de Pedro e João. Para eles, era inimaginável que qualquer crente regenerado pudesse permanecer muito tempo sem o batismo no Espírito Santo. Mas, como aqueles novos crentes poderiam ter a experiência pentecostal? A Bíblia nos dá uma resposta sucinta: quando Pedro e João chegaram, "oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo" (At 8.15). Não é de pouca importância que Pedro e João tenham orado nesse sentido, isto é, que os crentes samaritanos pudessem "receber" de forma ativa o Espírito, que pudessem "tomar" para si mesmos a promessa do Espírito (para uma discussão mais pormenorizada sobre esse assunto, consulte o livro de Stanley M. Horton, *O que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo*, Rio de Janeiro: CPAD, 1993).

Não houve nenhuma solicitação para que Deus lhes desse o Espírito Santo, visto que o Espírito já lhes fora concedido. Mas Ele ainda não havia sido dado quando João escreveu: "Porque o Espírito ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.39). Naturalmente, quando ele (João) e Pedro visitaram a cidade de Samaria, Jesus já havia sido glorificado, e o Espírito Santo, concedido (At 2.33). Conseqüentemente, tudo o que os crentes samaritanos precisavam era tão-somente obter a fé necessária para receber esse dom gracioso.

A oração de Pedro e João foi acompanhada pela imposição de mãos. Alguns eruditos pensam que essa prática limitava-se aos apóstolos, especialmente no que diz respeito ao recebimento do Espírito Santo. Todavia, a experiência de um discípulo pouco conhecido chamado Ananias, põe abaixo essa suposição. Nas instruções recebidas para ir ter com Saulo de Tarso, havia a informação de que Saulo estivera orando "e numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver" (At 9.12). O ministério da imposição de mãos não estava confinado a uns poucos, mas era e continua sendo para os muitos que ministram às necessidades dos crentes, inclusive para o crente cheio do Espírito que não possua um ministério específico.

A imposição de mãos parece ter sido um meio especial de estimular a fé daqueles por quem a oração era feita. Não havia qualquer transmissão mística de poder, mas o ato simbolizava a outorga do Espírito Santo por parte do Pai. O resultado das orações e da imposição de mãos foi exatamente o que já era de se esperar: "E receberam o Espírito Santo" (At 8.17).

As Escrituras não registram tudo o que sucedeu quando os samaritanos receberam o Espírito, embora seja óbvio que existiram certas manifestações externas: "E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro" (At 8.18). Que Simão tenha testemunhado algo muito signi-

ficativo, não se pode duvidar, considerando seu olho impuro para os negócios e o lucro (At 8.9-11,18,19). À luz de outras narrativas de recebimento do Espírito Santo, fica muito claro que Simão viu os samaritanos falarem em línguas, enquanto demonstravam jubilosa exaltação e magnificavam a Deus (At 2.11; 10.46; 13.52; 19.6).

Depois de as pessoas aceitarem a Cristo como Salvador, nossa preocupação imediata deveria ser que elas fossem cheias do Espírito Santo. De fato, devemos focalizar nossa atenção mais na disponibilidade do crente em receber que na capacidade de Deus em dar. Ao orarmos veementemente para que os novos convertidos tenham essa experiência, é apropriado, surgindo a fé, impor-lhes as mãos, esperando que Deus lhes dê o dom prometido a todos os crentes.

Recebendo a Orientação de Deus

Quando as pessoas realmente oram, Deus ouve e responde, pondo em movimento o seu glorioso poder. Algumas vezes, a resposta depende da prontidão de outros indivíduos em ouvir e obedecer as instruções de Deus. Mediante a intervenção divina, Saulo esteve face a face tanto com Jesus quanto consigo mesmo, ficando totalmente sem defesa (At 9.3,4). Foi nessa total agonia de alma que ele orou. Embora Deus interviesse de forma sobrenatural, ao chamar a atenção de Saulo, Ele usou um de seus mais humildes servos, Ananias, para completar aquela transformação espiritual, quando lhe disse: "Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando" (At 9.11).

A oração realiza muitas coisas. Contudo, Deus com freqüência usa pessoas para levar a resposta. Aquilo que não podemos fazer, Deus fará mediante intervenções miraculosas em resposta às nossas orações. Mas aquilo que podemos fazer, Deus normalmente nos permite que façamos. Ficamos a imaginar quais teriam sido as conseqüências para a vida de Saulo, se Ananias não estivesse atento aos impulsos e instruções de Deus. E também nos perguntamos se, por vezes, algumas almas desesperadas não se vêem privadas das intenções de Deus para com elas, por causa da indisposição ou da falta de preparo de seus servos em servir de agentes da revelação de Deus.

Era de fundamental importância que Saulo orasse. Além do que, no processo divino de levar as pessoas a essa situação, sempre parece ser algo necessário, "porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13). As conseqüências da oração de Saulo estão além da nossa compreensão. Nunca um crente esteve mais completamente submisso à vontade de Deus e nem foi usado mais eficazmente em alcançar o mundo para Cristo do

que Paulo. Mas Ananias foi o agente de Deus que levou Saulo a movimentar-se na direção certa. Que encorajamento sua mensagem deve ter sido para Saulo! "Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo" (At 9.17). Saulo, que mais tarde veio a ser chamado de Paulo, foi uma das pouquíssimas pessoas na história completamente sujeita à vontade de Deus (At 22.14).

Quando nos encontramos com Jesus face a face e oramos com a máxima sinceridade, podemos ter certeza de que Deus nos dirigirá. E o método que Deus usa para nos orientar bem que pode ser através de um de seus servos.

Conhecendo a Vontade de Deus

Quando Pedro estava em Lida, Dorcas, uma mulher "cheia de boas obras e esmolas que fazia" (At 9.36), veio a falecer na vizinha cidade de Jope. Suas amigas lavaram seu corpo, preparando-o para o sepultamento. Quando os discípulos daquela região souberam que Pedro não estava longe (por esse tempo Pedro já tinha a reputação de ser alguém usado por Deus na operação de milagres), enviaram-lhe mensageiros para que viesse ter com eles. Assim que chegou, as viúvas que haviam sido abençoadas pela benevolência de Dorcas, contaram, aos prantos, vários testemunhos a Pedro sobre como Dorcas fora generosa e cuidadosa. Parece que estavam com isso solicitando que Pedro tentasse restaurá-la à vida.

Como o servo do Senhor respondeu àquela petição? Como devemos proceder ao nos depararmos com uma impossibilidade? A inclinação natural de Pedro poderia ter sido rejeitar os apelos das viúvas, tachando-os de histéricos e irracionais, considerando-os uma fuga da tristeza que sentiam pela perda de tão boa pessoa. Ou ele poderia ter escolhido confabular com elas sobre a esperança da ressurreição de Dorcas no fim dos tempos, oferecendo-lhes somente palavras de consolo e alívio. Mas Pedro não fez nada disso. Pelo contrário, "fazendo-as sair a todas, pôs-se de joelhos e orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita [Dorcas], levanta-te. E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se" (At 9.40).

Para entendermos o curso da ação tomado por Pedro, devemos acompanhar seus passos desde que conheceu Jesus. Logo no início, sendo um dos Doze, ouviu e seguiu as instruções de Jesus: "E, indo, pregai dizendo: É chegado o reino dos céus. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai" (Mt 10.7,8). Pedro havia presenciado inúmeros milagres do Senhor Jesus, incluindo

a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7.11-16), da filha de Jairo (Lc 8.41,42,49-56) e de Lázaro (Jo 11.1-44). Além disso, vira uma revelação pessoal da divindade de Jesus (Mt 16.13-17). Havia testemunhado a glória de Deus no monte da Transfiguração (Mt 17.1-7) e vira pessoalmente o Senhor após a ressurreição (1 Co 15.5). Adicione-se ainda as experiências recentes do pós-Pentecostes — a cura do aleijado na porta Formosa do Templo (At 3.1-9), a morte miraculosa e prematura de Ananias e Safira face ao ludíbrio deles (At 5.1-10) e a sua bem recente experiência com Enéias, que se levantara após um surto de paralisia que o atormentara por oito anos (At 9.32-34). Reúna tudo isso e você compreenderá porque Pedro escolheu tomar um curso diametralmente oposto àquele que a maioria das pessoas teria optado. Assentara-se aos pés de Jesus, avançando de fé em fé, fora cheio do Espírito Santo e, em resposta à sua própria oração e obediência, pôde testificar as operações do grande poder de Deus. Fortalecido, assim, de antemão — mesmo defronte da própria morte — Pedro não hesitou em aconselhar-se com Deus.

Antes de Pedro agir numa situação tão séria, precisou consultar a Deus (At 9.40). Ainda não lhe fora revelado se Deus queria ou não operar aquele milagre. Através de uma fervorosa súplica, sem distração ou interrupção, ele orou até obter o conhecimento da vontade de Deus. Para quem pretende obter o impossível, não há outro caminho a seguir. Agir fora da firme convicção da vontade de Deus é um gesto da maior insensatez, que só pode resultar em desgraça e vergonha. Mas agir à luz da vontade revelada de Deus é pura fé e traz grande glória a Deus. Não obstante, uma vez que a vontade de Deus seja conhecida com absoluta certeza, resta-nos agir em harmonia com o que sabemos.

Pedro voltou-se para aquela mulher sem vida e disse-lhe: "Tabita, levanta-te". Então o milagre já determinado no Céu tornou-se realidade na Terra: "E ela abriu os olhos, e, vendo a Pedro, assentou-se" (At 9.40). Que gloriosa restauração, diríamos — e na verdade foi! Entretanto, foi muito mais que isso. Este milagre tornou-se a chave que abriu os corações de uma grande multidão: "E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor" (At 9.42).

Deus cuida de nossas tristezas e perdas terrenas e, algumas vezes, intervém no curso normal da natureza. No entanto, sua principal preocupação não é com o temporal. O destino eterno de muitas almas em Jope foi, sem dúvida, a razão da resposta divina à oração de Pedro. Na experiência de Pedro, há muitas instruções para aqueles que gostariam de ser usados por Deus para suprir as necessidades humanas.

Quando confrontado por alguma impossibilidade humana, consulte a Deus para saber qual é a vontade dEle. Em seguida, quando a fé for posta à prova, cuidado com a exagerada racionalização. O crente não deve agir de modo presunçoso. Certifique-se de ter ouvido a voz de Deus antes de agir. Dê à fé a oportunidade de crescer até que você possa confiar em Deus para o totalmente impossível. Quando estiver certo de que Deus falou, não tenha medo de agir. E, quando o milagre acontecer, dê a Deus toda a glória. Permita que o milagre se torne um meio de alcançar os perdidos para Cristo.

Uma Notável Resposta à Oração

As pessoas são recompensadas, quando obedecem à luz que têm e oram anelantemente a Deus. Cornélio, centurião romano, era uma pessoa desse tipo. Provavelmente, ele era o que os judeus da época considerariam como um "simpático incircunciso" forasteiro, ou quase um prosélito. Os rabinos do período medieval às vezes chamavam esses estrangeiros devotos de "prosélitos de portão", pois postavam-se no portão do Judaísmo, mas não entravam definitivamente para se tornar prosélitos ou convertidos plenos. Eles ouviam e acreditavam nas Escrituras do Antigo Testamento, lidas na sinagoga, mas não aceitavam a circuncisão nem seguiam as leis acerca dos alimentos (consulte R. A. Stewart, "Proselyte", J. D. Douglas, editor, *The New Bible Dictionary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1962, p. 1047).

Cornélio era homem que tinha "bom testemunho de toda a nação dos judeus" (At 10.22), apesar de ser gentio. Também é evidente que já ouvira falar de Jesus e de sua morte, ressurreição e ascensão, bem como do batismo no Espírito Santo (At 10.36-38). Isso, por certo, inspirou-o em sua determinação de buscar a Deus. Os judeus pensavam que os gentios dificilmente teriam o mesmo acesso que eles a Deus. Mas com Deus não há favoritismos (At 10.34), como Pedro em breve descobriria.

> E havia em Cesaréia um varão por nome Cornélio, centurião da coorte chamada italiana. Piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus. Este, quase à hora nona do dia, viu claramente numa visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e dizia: Cornélio! O qual, fixando os olhos nele, e muito atemorizado, disse: Que é, Senhor? E disse-lhe: As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. Agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer (At 10.1-6).

As credenciais desse gentio eram impressionantes: (1) era um homem devoto — piedoso e temente a Deus; (2) não somente tinha fé no verdadeiro Deus, mas também queria agradá-lo e receber a salvação; (3) zelava por sua casa e compartilhava o que sabia de Deus com seus familiares; (4) era generoso com os pobres; e (5) orava regularmente a Deus.

Não possuímos qualquer indicação, no texto sagrado, do que Cornélio dizia em suas orações. Mas podemos deduzir seu conteúdo pelos resultados. As palavras do anjo que o visitou podem nos fornecer um indício: "Manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro" (At 10.5). Não é difícil supor que Cornélio tenha orado, de todo o coração, para que alguém viesse ajudá-lo quanto ao que deveria fazer. É possível, ainda, pelo fato de todos os crentes batizados no Espírito Santo serem judeus, que Cornélio tenha realmente orado a fim de se tornar um prosélito pleno do Judaísmo (ou seja, converter-se ao Judaísmo), esperançoso de receber a salvação e o prometido dom do Espírito Santo.

Cornélio, pois, vivia segundo a luz que possuía. Mas, em seu espírito, parece ter percebido, como acontece às pessoas honestas e sinceras, que Deus havia preparado algo mais para ele e seus familiares. Dentro do seu coração havia aquela fome por uma experiência mais profunda com Deus. Era essa a sua busca. Também é provável que, na qualidade de homem "temente a Deus", tenha ouvido a declaração do profeta Jeremias sobre esta grande promessa do Senhor: "Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração" (Jr 29.13). Seja como for, Cornélio estava prestes a experimentar, não só o cumprimento dessa promessa, como também a bem-aventurança expressa por Jesus: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos" (Mt 5.6).

> Nesta hora de trevas praticamente universais reverbera um brilho de ânimo: dentre o rebanho do Cristianismo conservador pode-se encontrar um número crescente de pessoas, cujas vidas religiosas são assinaladas por uma fome cada vez mais intensa do próprio Deus. Eles estão ansiosos pelas realidades espirituais e não podem se conformar com meras palavras... Têm sede de Deus e não se satisfarão enquanto não tiverem bebido profundamente da Fonte da Água Viva (A. W. Tozer, *The Pursuit of God*, Harrisburg, Pensilvânia: Christian Publications, Inc., 1948, p. 7).

Cornélio, pois, recebeu sua resposta de uma maneira extraordinária, envolvendo tanto um anjo (At 10.3) quanto um homem, Pedro (At 10.5,6). O ministério dos anjos, trazendo respostas às nossas

orações, será considerado no capítulo 14, mas fica registrado aqui que Deus usa quaisquer meios necessários para dar uma resposta adequada a quem se mostra sinceramente interessado.

De vez em quando, há uma demora na resposta às nossas orações, porque o meio escolhido por Deus para nos responder diz respeito a uma pessoa que ainda precisa aprender algumas lições sobre o obedecer à voz de Deus. Para que Deus pudesse responder à oração de Cornélio, Pedro tinha de se tornar um mensageiro preparado (o que, diga-se de passagem, era um projeto da maior envergadura). Deus sempre responde a um crente que ora, mas não raro Ele usa outro crente que ora para ser o portador da resposta.

"E no dia seguinte indo eles [os homens enviados a Pedro da parte de Cornélio] seu caminho, e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta" (At 10.9). Nenhuma razão particular nos é dada para que Pedro fosse orar àquela hora (pela manhã, à tarde e ao pôr-do-sol eram os horários prescritos aos judeus para orar). Provavelmente, ele o fez por questão de hábito e movido pelo desejo pessoal de comunhão com Deus. Quando oramos, damos a Deus a oportunidade de falar e ficamos mais dispostos a ouvir. A oração de Pedro proporcionou uma revelação da maior importância, não só para ele como também para toda a Igreja, isto é, que Deus não faz acepção de pessoas, pois está disposto a abençoar tanto o mundo judaico quanto o gentílico com o evangelho (At 10.34,35).

Não há como medir o quanto as coisas estão na dependência de nossas orações. Mas se Cornélio não tivesse orado, a porta do evangelho para os gentios teria permanecido fechada por mais algum tempo, embora não de forma permanente, pois Deus prometera abençoar todos os povos da Terra (Gn 12.3; 18.18; 22.18; 26.4; 28.14; Gl 3.8). E se Pedro não tivesse orado, talvez um adiamento fosse novamente necessário — pelo menos até que Deus encontrasse outro crente que lhe obedecesse as orientações. Mas tanto Cornélio quanto Pedro oraram, o que ocasionou a entrada do evangelho no mundo gentílico. Só assim Cornélio e sua casa experimentaram a plenitude do Espírito Santo, muito embora já tivessem ouvido acerca do evangelho antes dessa ocasião (At 10.36,37,44-48; para uma discussão mais detalhada sobre o assunto, consulte o livro de Horton, *O que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo*).

Dessa passagem sobre a oração podemos tirar várias lições. Deus toma nota dos momentos de devoção piedosa e põe em ação o seu poder para responder as orações dos justos. Uma vida de oração coerente e de comunhão com Deus abre as portas para sermos orientados e dirigidos por Ele. Quando buscamos a Deus de coração

puro, a despeito de nossa fama ou obscuridade, nós o encontramos. Mas quando oramos precisamos ter paciência, pois Deus pode querer usar outros seres humanos, os quais Ele freqüentemente tem de preparar antes de, por meio deles, nos dar a resposta que buscamos. A oração é a maior força disponível para influenciar vidas e — por que não? — a própria História.

Livramento por meio da Oração Conjunta

O progresso da Igreja depende, em grande escala, de sua liderança, mais ou menos como uma conquista militar depende dos oficiais do exército. Satanás não se esquece nem por um momento dessa realidade, pelo que procura atingir pontos estratégicos onde possa causar estragos mais profundos. Da mesma forma que Deus prefere agir através de pessoas na realização de seus propósitos, assim também Satanás emprega emissários humanos para alcançar seus objetivos. Herodes Agripa I foi cúmplice de Satanás na detenção e aprisionamento de Pedro. Herodes supôs que Tiago e Pedro eram as duas colunas sobre as quais repousava a Igreja Primitiva. Pensou que, se eles fossem eliminados, a estrutura inteira da Igreja entraria em colapso. Por isso, deteve e executou Tiago. Como isso agradou os judeus, mandou prender também Pedro, colocando-o sob forte segurança, com guardas à porta. "Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus" (At 12.5). Herodes, devido à sua depravação, não tinha consciência de que, na verdade, estava lutando contra o Deus Todo-poderoso.

Portanto, podemos observar mais uma vez o tremendo poder da oração. Quando não oramos, Satanás domina. Devemos nos lembrar de que nestes dias, como em toda a História, a liderança da Igreja é alvo de constantes ataques do maligno. A Igreja Primitiva, deveras preocupada com a morte de Tiago e o aprisionamento de Pedro, orou com toda a seriedade. Os crentes reunidos em casa de Maria, mãe de João Marcos, não se entregaram à oração com um coração dividido, como temos a tendência de fazer, mas permaneceram orando intensamente. Eram orações fervorosas. Ressalte-se que a Igreja, como um todo, estava empenhada naquela oração.

Há tempo e lugar para as orações individuais, feitas em particular. Mas também existe a hora certa de a Igreja reunida levar a carga aos ombros. Quando a missão pela qual a Igreja existe estiver sendo ameaçada, sem dúvida nenhuma esse é o momento de ela orar em conjunto. Desse modo, a infante Igreja se reuniu para orar por uma única razão: que Pedro fosse poupado pela causa da Igreja e do mundo. Essa oração também foi específica. Orar de modo específico,

dentro da vontade de Deus, resulta em respostas específicas. Isso aprimora nossas petições, eliminando aqueles pedidos genéricos acerca dos quais nunca sabemos se recebemos uma resposta ou não. A oração específica prova a fé do suplicante, levando-o a descobrir a vontade de Deus antes de pedir alguma coisa, ou, no mínimo, faz com que ele se disponha a aceitar a vontade de Deus, quando há alguma dúvida de qual seja ela.

A urgência da situação de Pedro requeria uma resposta imediata. E, para obtê-la, tornava-se necessário orar imediatamente. Demorar em fazê-lo, equivalia a aceitar o veredito de Herodes. Ele não hesitaria em agir no primeiro momento conveniente. Providencialmente, os dias santos dos judeus conseguiram adiar a decisão de Herodes, dando um pequeno prazo para a Igreja dedicar-se à oração. Tivesse a Igreja falhado, as conseqüências teriam sido alarmantes. Mas a Igreja pôs-se a orar. E, por causa disso, houve uma intervenção sobrenatural. As correntes que prendiam Pedro caíram por terra. Os guardas não estavam alertas, ou pelo menos não puderam ver o prisioneiro escapar. Os portões abriram-se automaticamente. Pedro estava livre!

As circunstâncias do livramento de Pedro nos fornecem diversas lições sobre a oração. Não nos deve causar surpresa quando os líderes da Igreja forem atacados. A oração intensa a favor dos líderes eclesiásticos está sempre na ordem do dia. Quando os ataques externos contra a Igreja colocarem em risco sua missão divina, no esforço de impedir seu cumprimento, o corpo coletivo deve unir-se em oração intensa, imediata e contínua. A oração deve ser objetiva e atender a necessidades específicas. Nossas orações também devem ser governadas pela vontade de Deus, como está revelada em sua Palavra, e pela prontidão em nos submetermos a ela quando essa vontade for conhecida. Vemos ainda que Deus pode responder às orações sinceras feitas em situações impossíveis, mesmo quando aqueles que oram não estejam, na verdade, esperando por uma resposta imediata. Note como eles responderam à menina Rode, quando ela disse que Pedro estava à porta da casa: "Estás fora de ti... É o seu anjo" (At 12.15).

Recebendo Orientação para Enviar Obreiros

Desde o início da Igreja, as missões têm sido sua maior prioridade. É por elas que pulsa o próprio coração de Deus (Jo 3.16; Lc 19.10). Quanto mais a Igreja se aproxima do coração de Deus, mais profundamente calam as missões dentro de si mesma: "E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.

Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram" (At 13.2,3). O verbo aqui traduzido por "servindo" vem do grego *leitourgeo*, de onde deriva a palavra "liturgia". Seu uso, no capítulo 13 de Atos, parece sugerir uma mistura de louvor e oração. Adicione-se a isso o jejum e você terá uma intensa e unida devoção ao Senhor. Nesse tipo de ambiente, a visão se expande e as pessoas encontram orientação divina para suas vidas.

Não somos informados da maneira exata como o Espírito Santo falou ao grupo que se reunira para orar. Mas o simples fato de alguém obter a orientação necessária tem mais significado que os meios utilizados para a sua obtenção. Temos a incrível tendência de dar excessivo valor aos meios pelos quais obtemos a orientação divina, mais que à própria orientação em si, sendo que este é o fator mais importante. Isso não significa que devemos ser displicentes acerca dos meios pelos quais Deus nos revela sua vontade, pois mais tarde isso facilmente poderia nos impedir de reconhecer e receber a orientação divina. Só depois que o jovem Samuel foi instruído sobre como atender à orientação divina, é que ele foi capaz de reconhecer e recebê-la (1 Sm 3.1-14). A passagem de Atos 13.2 diz apenas: "Disse o Espírito Santo". Há várias possibilidades quanto ao modo como essa palavra foi transmitida: (1) por meio de uma forte impressão no coração de um ou mais líderes (At 8.29; 9.15,16); (2) através de uma visão (At 9.10; 10.3,10-16; 16.9); ou (3) mediante o dom da profecia (At 15.13,28,32; 21.11).

Quanto à terceira possibilidade, deve-se ser extremamente cauteloso, pois a evidência do uso desse meio na Bíblia é, num certo sentido, um tanto restrita. O britânico Donald Gee, erudito da Bíblia, altamente respeitado no mundo inteiro, escreve: "Pode-se afirmar que não há uma única instância no Novo Testamento em que o dom da profecia tenha sido deliberadamente utilizado para dar orientações" (Donald Gee, *Concerning Spiritual Gifts*, Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1949, p. 44).

Paulo e Barnabé já haviam sido chamados pelo Senhor. Agora, como resultado direto de estarem orando e jejuando, a igreja em Antioquia viu-se encorajada a liberá-los de seus deveres locais e enviá-los em missão. É provável que o grupo reunido tivesse orado conforme as instruções dadas pelo Senhor: "Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara" (Mt 9.38).

A consagração dos primeiros missionários foi precedida de jejum e oração. E, do mesmo modo que o jejum e a oração prepararam a Igreja para ouvir a ordem do Espírito Santo, assim também o jejum e a oração foram empregados na hora do envio: "Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram" (At 13.3). A obra a ser

realizada era um empreendimento espiritual. Metodologia mundana e experiências pessoais de alguém que não tivesse o Espírito não seriam — e nem são — suficientes. A orientação dada a uma igreja deve ser espiritual. A obra precisa ser feita pelo poder do Espírito. Quando uma igreja engaja-se em atividades espirituais, fica armado o palco para o ministério e evangelismo espirituais. De Antioquia, Paulo e Barnabé saíram para alcançar o mundo com o evangelho e estabelecer um padrão missionário digno de ser seguido por todas as gerações.

Podemos tirar várias lições dessa passagem. A liderança da Igreja faz bem em dar prioridade ao exercício espiritual, sobretudo à oração, ao serviço prestado ao Senhor e ao jejum. Aprender a receber e a seguir a orientação do Espírito na seleção e envio de obreiros é essencial a um ministério missionário eficaz. O Espírito Santo é a fonte da orientação divina, independente dos meios que Ele venha a empregar. Além disso, Ele trabalha melhor em meio a uma atmosfera de louvor e oração. Quando o Espírito Santo tem liberdade para orientar o seu povo, o evangelismo acaba se tornando a preocupação primária da igreja local.

Enfrentando os Poderes de Satanás

Não é o momento certo para começarmos a levar a sério a oração na hora em que as forças satânicas estão nos confrontando diretamente. Devemos nos preparar com antecedência, pois, apesar das confrontações visíveis serem ocasionais, a batalha ruge constantemente. Cada vez que um crente se predispõe a orar, deve fazê-lo ciente de que está tomando parte num grande conflito espiritual: "Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12). Paulo era uma pessoa dedicada à oração, que participava com outros crentes de reuniões de oração. Foi somente por haver-se preparado que ele pôde ser usado por Deus para fazer frente aos poderes satânicos em Filipos.

> No dia de sábado saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos ter lugar para oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E aconteceu que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem, que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Esta, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo. E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se, e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E na mesma hora saiu (At 16.13,16-18).

Os versos 13 e 16 do capítulo 16 de Atos são os dois únicos do Novo Testamento em que o termo grego *proseuche* ("oração") significa "um lugar de oração". Filipos não tinha sinagoga, porque o número de judeus adultos do sexo masculino era muito pequeno — menos que dez (Horton, *The Book of Acts*, p. 193). Havia apenas um "lugar de oração", perto do rio Gangites. Assim, Paulo e seu grupo se encaminharam para o local onde as pessoas buscavam a Deus com regularidade. E o mesmo deveríamos fazer hoje em dia. Devemos manter um lugar de oração, não importando se na casa de Deus ou num quarto de nossa casa, onde possamos orar.

A oração e a adoração não somente obtêm a atenção do Céu, mas, de alguma maneira inexplicável, também atraem e despertam a dimensão dos espíritos imundos. A presença de Jesus com freqüência provocava os espíritos malignos (Mt 8.28-32; Mc 1.23,24; 3.11; Lc 4.41). Portanto, não deve ser visto com estranheza que, ao fazermos orações fervorosas, as forças das trevas se reúnam para nos fazer oposição (veja o apêndice 2, "Batalha Espiritual na Oração"). É nessa, mais que em qualquer outra ocasião, que as trevas são confrontadas, desmascaradas e derrotadas (Ef 6.12-18).

Assim, como não podia ser diferente, a oração de Paulo gerou a oposição demoníaca, que foi seguida por um glorioso livramento. Sempre que o grupo se dirigia ao lugar de oração, uma jovem escrava, possuída por um espírito maligno, aproximava-se e começava a clamar em alta voz acerca da missão dos evangelistas. A Bíblia acrescenta que ela dava muito dinheiro aos seus proprietários, ao predizer o futuro e anunciar a sorte das pessoas. Os pagãos pensavam que tais pessoas faziam suas predições pela inspiração de alguma divindade real. Na realidade, ela falava pela inspiração do pai da mentira (Jo 8.44). Satanás freqüentemente oculta sua verdadeira natureza, a fim de enganar com maior eficácia aqueles que não têm a luz de Deus.

Finalmente Paulo, equipado e armado pelo Espírito Santo, além de fortalecido com poder da oração, ordenou que o demônio saísse da jovem, o que atraiu a ira dos proprietários da escrava, inclusive contra Silas, companheiro dele nas missões. Satanás não é menos real hoje do que naquele tempo — como não demoram a descobrir aqueles que se ocupam em orar intensamente. Contudo, a pessoa que ora nada tem a temer: "Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas" (2 Co 10.4).

Aprendemos significativas lições sobre a oração nesse trecho bíblico que estudamos. Um lugar de oração, onde os crentes possam se reunir, é deveras importante. A oração pode atrair as forças do mal, que se manifestam de maneiras estranhas. Por conseguinte,

o crente precisa estar cheio do Espírito Santo e sempre pronto a entrar em confronto direto com as forças malignas. Contudo, não precisamos temer o que Satanás possa fazer, contanto que nós mesmos mantenhamos uma relação vital com Deus. Os cativos de Satanás precisam ser libertos, e a oração é um poderoso meio de livramento.

Uma Resposta Inesperada

Por terem libertado aquela jovem possuída por um espírito de adivinhação e, conseqüentemente, privado seus proprietários do sustento financeiro, Paulo e Silas foram espancados e lançados na prisão. Mesmo assim, quando a meia-noite chegou, encontrou-os orando e cantando louvores "a Deus, e os outros presos os escutavam" (At 16.25). Algumas vezes, a vida das pessoas que oram não é muito confortável. A oração não garante imunidade às tribulações. Ocasionalmente, até parece trazer maiores dificuldades. Mas as Escrituras nos asseguram: "Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas" (Sl 34.19).

Os servos do Reino podem ser um mistério para aqueles que estão fora do Reino. À meia-noite, com os pés amarrados firmemente ao tronco, as costas lanhadas e sangrando e os corpos mantidos numa posição que gerava indescritível desconforto, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus naquela masmorra muito úmida e provavelmente infectada por insetos. Não é o lugar que santifica o espírito, mas o espírito santifica o lugar. Das profundezas da alma que sempre ora saem "salmos entre a noite" (Jó 35.10), mesmo em meio ao sofrimento.

Não temos nenhuma indicação de qual tenha sido o teor da oração que os dedicados missionários fizeram. Será que oravam por seu próprio livramento, lembrando-se de como Pedro escapara miraculosamente sob circunstâncias similares? Será que oravam pela conversão do carcereiro? Não importa. Quaisquer que tenham sido suas petições e louvores, Deus respondeu de súbito, de maneira totalmente inesperada. Apesar de Deus ter enviado um anjo para livrar Pedro sem fazer nenhum barulho, foi por meio de um terremoto que Ele livrou Paulo e Silas.

Uma entrega consciente e confiante a Deus, aliada à disposição de aceitar dEle qualquer coisa que nos envie como resposta, previne que façamos orações erradas. Deus vê todo o panorama; nós vemos apenas uns poucos detalhes. É da maior importância que, em todas as situações da vida, oremos: "Senhor, seja feita a tua vontade". Essa oração em hipótese alguma limita a Deus. Pelo contrário, abre a porta para aquEle que age segundo a sua própria e inigualável

sabedoria. Tivesse Deus livrado Paulo e Silas da maneira como livrou Pedro, provavelmente o carcereiro e sua casa jamais teriam encontrado a salvação.

Diversas lições podem ser extraídas dessa experiência vivida por Paulo e Silas. Na noite mais escura de nossas vidas, a oração e o louvor são tanto possíveis quanto produtivos. A melhor garantia para escaparmos dos sofrimentos que estejamos passando é clamar ao Senhor, que reina sobre todas as circunstâncias, para que realize os seus propósitos e receba toda a glória por nosso livramento. Quando Deus intervém sobrenaturalmente em nossas tribulações, precisamos discernir o seu intuito, que bem pode ir além de nossas necessidades para alcançar as necessidades alheias. Se enfrentarmos as situações difíceis com a atitude correta, elas poderão se tornar num recurso para que as almas perdidas encontrem a graça divina.

Orando por uma Bênção

Orações de despedida são, normalmente, difíceis. Paulo acabara de ministrar as últimas instruções aos anciãos da igreja em Éfeso, que se tinham deslocado cerca de 45 quilômetros até Mileto, a fim de se encontrarem com ele pela derradeira vez. Paulo foi claro quando lhes disse que não mais veriam o seu rosto (At 20.25), entristecendo a todos diante dessa possibilidade (At 20.38). "E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos, e orou com todos eles" (At 20.36). A oração é a melhor garantia acerca do futuro. Não só une os corações que os quilômetros separam, mas funciona como uma cola que mantém as pessoas unidas, não importando a distância.

Eis um padrão de despedida para seguirmos, quer o espaço geográfico ou a morte nos separe. Pela fé, recomendemo-nos uns aos outros a Deus, tal como Jesus recomendou o seu Espírito ao Pai, quando morria na cruz (Lc 23.46). Faríamos bem em recitar a bênção de Números 6.24-26, em nossas próprias palavras ou como está registrado na Bíblia: "O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz".

Por meio deste relato do livro de Atos aprendemos que a oração sempre se ajusta bem a qualquer ocasião. Orar juntos é um laço que une a família cristã. É um privilégio poder impetrar a bênção de Deus, diante de uma separação iminente, sobre aqueles a quem amamos ou consideramos com carinho. Note como as saudações finais de Paulo, em suas epístolas, usualmente incluíam uma bênção.

Recebendo uma Revelação

Sempre é apropriado orar em todas as circunstâncias da vida, mas a oração nunca é mais urgente que em momentos de crise. Velejando para Roma como prisioneiro, sob a custódia do centurião Júlio, Paulo estava em perigo de vida, juntamente com a tripulação, os passageiros e os demais prisioneiros (At 27.1-20). Esta foi sua quarta experiência de naufrágio (além daquelas narradas em 2 Co 11.25).

> E, havendo já muito que se não comia, então Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Fora, na verdade, razoável, ó varões, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perdição. Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, ó varões, tende bom ânimo; porque creio em Deus, que há de acontecer assim como a mim me foi dito. É contudo necessário irmos dar numa ilha (At 27.21-26).

Pessoas de ânimo fraco dão lugar ao desespero, quando as tempestades ameaçam a própria vida — mas não Paulo. Alguém poderia suspeitar, pelas referências à abstinência de Paulo, que ele tenha feito um jejum deliberado para conter as circunstâncias que ameaçavam as vidas das pessoas daquele navio. Entretanto, um exame mais detido do texto dificilmente apóia essa interpretação. A palavra grega *asitia* é um termo médico que indica "perda de apetite" e significa, literalmente, "sem comida": "E, havendo já muito tempo que se não comia [por causa da falta de apetite], então Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse..." O "jejum" mencionado um pouco antes, em Atos 27.9, provavelmente se refere ao dia da Expiação, que todos os bons judeus têm por costume observar.

Mesmo que tenha se alimentado durante os primeiros dias da tempestade, podemos seguramente concluir que, em toda aquela dura experiência, Paulo mantinha uma comunhão constante com Deus. Se bem que se preocupasse muito com o seu próprio bem-estar, Paulo sabia com certeza que estava destinado a chegar a Roma (At 19.21; 23.11). As orações dos crentes estão relacionadas à confiança à certeza que possuem. O mais provável é que Paulo tenha orado pela segurança de seus companheiros de viagem. Não é fácil orar por aqueles que entram em dificuldades por haverem rejeitado nosso conselho (At 27.9-11,21). Entretanto, os que oram e comungam com Deus estão acima desses sentimentos de rejeição e

repulsa. A nossa presença no meio deles, como a de Paulo, pode abençoá-los ainda que a princípio nos rejeitem. E então, mesmo que Satanás faça rugir os mares da vida, o Deus em quem confiamos pode tanto acalmar a tempestade quanto livrar-nos dela.

Como resultado de sua oração, Paulo fez um ousado anúncio em face da morte aparentemente iminente: "Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo; porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio" (At 27.22). Essa não foi uma presunçosa "confissão positiva", tampouco um desejo esperançoso de Paulo. Foi antes uma declaração veraz, baseada numa revelação divina. Quem ora geralmente obtém conhecimento das coisas de maneira sobrenatural. Por exemplo, um pastor, enquanto fazia suas orações, viu-se fortemente compungido a dizer a uma certa senhora da comunidade que ela estava diante de sua última chance para receber Jesus. Encontrando-se com ela e o marido numa mercearia, o servo de Deus transmitiu-lhe a mensagem com a maior gentileza possível. Em resposta, disse que, apesar de já ter freqüentado uma igreja, não estava absolutamente interessada. No dia seguinte, enquanto se dirigia bem cedo ao trabalho, seu carro chocou-se violentamente com outro e ela morreu na hora. Isso não deve ser considerado estranho diante da onisciência do Deus a quem servimos.

Duas coisas foram alcançadas mediante a oração de Paulo: (1) revelação e (2) preservação. Por meio de uma revelação especial de Deus feita através de um dos seus anjos, Paulo pôde ver o futuro além das circunstâncias adversas do momento. E tanto ele quanto seus companheiros de viagem foram preservados de uma terrível destruição, porque Deus interveio na situação.

A experiência de Paulo, a caminho de Roma, ensina-nos várias lições. Em meio às tempestades da vida, devemos manter a comunhão com Deus, rejeitando o desespero da incredulidade. Aquilo que Deus nos revela durante o dia não deve ser posto em dúvida ao anoitecer. Quando a mensagem que recebermos for verdadeiramente da parte de Deus, poderemos declarar com confiança o que Ele está prestes a fazer.

Recebendo a Certeza da Cura

A presença sobrenatural de Deus deve ser um fato constante na vida dos seus servos. É o que foi predito no Evangelho de Marcos: "Pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão" (Mc 16.18). (*Nota:* Alguns antigos manuscritos do Evangelho de Marcos terminam em 16.8, mas grande parte deles contêm o trecho de Mc 16.9-20. É possível que o fim tenha sido acidentalmente

rasgado do manuscrito original, escrito pelo próprio Marcos, e que posteriormente ele tenha escrito os versículos 9-20 como um sumário do que continha no fim original.)

Paulo foi testemunha pessoal daquilo que Jesus havia prometido. Antes, na ilha de Malta, quando fora picado por uma serpente venenosa, Paulo escapou sem sofrer nenhum dano (At 28.5). Agora, pôde comprovar mais uma vez que Deus realmente realiza curas maravilhosas através de seus servos.

> E aconteceu estar de cama enfermo de febres e disenteria o pai de Públio, que Paulo foi ver, e, havendo orado, pôs as mãos sobre ele, e o curou. Feito pois isto, vieram também ter com ele os demais que na ilha tinham enfermidades, e sararam (At 28,8,9).

Que segredo está por trás das curas sobrenaturais operadas por um servo de Deus, que levava a mensagem do evangelho em obediência à sua ordem? Verificamos quatro elementos significativos na breve referência a essa cura: Paulo (1) foi vê-lo; (2) orou; (3) impôs as mãos sobre ele; e (4) curou-o.

Públio era o principal oficial da ilha de Malta (ou Melita), onde Paulo e seus companheiros haviam se abrigado após terem escapado do naufrágio. O pai de Públio jazia com febre alta e disenteria. Para o apóstolo Paulo, a necessidade de qualquer pessoa era a oportunidade de Deus. Os ilhéus haviam demonstrado uma bondade fora do comum para com os náufragos. Agora era a vez de Paulo retribuir. Ele foi visitar o enfermo (At 28.8). Os servos de Deus também deveriam ser bons samaritanos. Paulo orou pelo homem. Que maior serviço podemos prestar aos enfermos e sofredores que orar por eles? É certo que podemos consolá-los e cuidar das necessidades deles (e deveríamos fazer ambas as coisas), mas que jamais seja esquecido que prestamos um melhor serviço quando oramos por eles, pois então abrimos as portas para a intervenção divina e provemos credibilidade ao evangelho que pregamos.

Como devemos orar nesses casos? Oramos pela pessoa que está em tão desesperadora necessidade, ou oramos por nós mesmos para sermos canais da provisão divina? Talvez fosse bom fazer ambas as coisas. Nosso contato eficaz com as pessoas está diretamente relacionado ao nosso contato vital com Deus. A oração nos faz entrar em contato com aquEle que torna o humanamente impossível numa realidade divina.

Depois de orar, Paulo impôs as mãos sobre o homem. Enquanto Deus não impor sobre nós a sua mão ungida, não conseguiremos muita coisa impondo nossas mãos sobre as outras pessoas. Paulo orou até estar seguro de que a mão de Deus estava sobre ele. Só então agiu, e o

pai de Públio foi curado. Certamente Paulo não tinha poderes de cura em si mesmo e nem possuía dons naturais além do que alguém possa ter hoje. Mas foi o agente de Deus naquela situação. Foi pela mão de Deus que Paulo operou o milagre (Lc 11.20).

Devemos ser embaixadores de Deus, levando as credenciais do seu Reino e agindo unicamente em favor da causa dEle. Sendo assim, quando Paulo impôs as mãos sobre o pai de Públio, era como se o próprio Deus o tivesse feito. Os resultados foram imediatos. A febre desapareceu. A disenteria passou. O homem ficou curado. Mas o milagre não se resume nisso. Logo as boas novas espalharam-se, e outras pessoas também foram curadas (At 28.9). Sem dúvida, Malta se tornara no palco de um poderoso despertamento espiritual.

Sobre a cura do pai de Públio, aprendemos com Paulo que não devemos deixar de ir a lugares onde existam necessidades, principalmente se estas só puderem ser satisfeitas por um Deus sobrenatural. Cumpre-nos orar até sentirmos sobre nós a mão de Deus e a sua direção para agir. Então poderemos impor as mãos sobre os outros, na certeza de que estaremos agindo no lugar de Cristo.

Note-se que nas orações da Igreja Primitiva não há menção a muitas coisas pelas quais freqüentemente oramos em nossos dias, tais como pelas provisões materiais. O que realmente importava era o Reino de Deus, sua propagação e expansão. Esses servos comissionados tinham aprendido muito bem as instruções dadas pelo seu Senhor: "Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas [comida, roupas, recursos materiais] vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Somente pela oração que podemos buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça.

Perguntas para Estudo

1. Para que serve a imposição de mãos no acompanhamento da oração?
2. Por que convém orar antes pelo conhecimento da vontade de Deus que pelo milagre propriamente dito?
3. Por que uma vida de constante oração é necessária para quem pretende obter orientação e direção divinas?
4. De que mais precisamos para vencermos na guerra espiritual contra os poderes das trevas?
5. O que a Bíblia nos ensina quando declara que Paulo curou o pai de Públio, na ilha de Malta?
6. Sob quais circunstâncias Deus responderá às orações de uma pessoa que não é crente?

Capítulo Onze

Paulo na Oração

1ª Parte

Lições sobre a oração são melhor aprendidas quando oramos. Entretanto, muitas orientações, instruções e correções também podem ser aprendidas nas epístolas destinadas às pessoas e às igrejas do Novo Testamento. Para tornar mais didática a apresentação de todas as referências à oração que aparecem nessas cartas, primeiramente examinaremos os vários ensinos sobre a prática da oração nas epístolas que nomeiam Paulo como autor. Depois, no capítulo seguinte, faremos um exame das próprias orações de Paulo, com o intuito de encorajar a todos os crentes a orar com o grande apóstolo e, dessa maneira, experimentar o que ele via como um privilégio para todos os crentes. E por último, examinaremos as orações que constam nas Epístolas Gerais e a Epístola aos Hebreus.

Poucas pessoas têm orado com tanta eficácia e tamanho poder como o apóstolo Paulo. Suas orações registradas na Bíblia alcançam as alturas e ao mesmo tempo são tão profundas, que qualquer um que as ler admiram-se diante da dimensão de seus contrastes. Outrossim, além dessas orações, temos seus discernimentos e instruções sobre a oração, disponíveis a qualquer um que deseja ter uma vida de oração mais eficaz.

Um Intercessor em Favor dos Crentes

Quase sem exceção, aqueles que oram adquirem uma incrível consciência de suas próprias fraquezas e imperfeições, especialmente os que buscam orar de acordo com a vontade de Deus. Somente aos tolos e presunçosos faltam essa consciência. No entanto, Paulo tem revigorantes palavras de encorajamento para todos nós:

> E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é Ele que segundo Deus intercede pelos santos (Rm 8.26,27).

Um filho de Deus jamais está sozinho quando ora. Há Alguém nomeado por Deus para ajudá-lo — o Espírito Santo. Nunca uma pessoa se mostra mais eficaz e segura do que quando ora conforme o Espírito ora através dela. Como é que o Espírito nos socorre quando oramos? A palavra "ajuda" é a tradução do verbo grego *sunantilambano*, que significa "tomar parte com", "sair em socorro de". O Espírito junta-se a nós em intercessão para moldar a oração que não pode ser compreendida pelo entendimento humano. As orações impulsionadas pelo Espírito são manifestações carismáticas, nas quais o Espírito Santo intercede com gemidos expressos pelo crente desde o mais profundo recesso do seu coração. Da mesma maneira que Cristo intercede no Céu pelo filho de Deus (Rm 8.34), assim também o Espírito Santo intercede dentro do crente aqui na Terra. Os fardos e anelos que não podem ser expressos por meio de palavras comuns têm sua fonte no próprio Espírito de Deus.

"Fraquezas" é a tradução do vocábulo grego *astheneia*, que significa debilidade física ou moral e tanto pode incluir a timidez quanto a falta de discernimento espiritual. O oposto dessa fraqueza é o poder (no grego, *dunamis*) do Espírito. O Espírito Santo ajuda os crentes no ponto de sua necessidade, de sua incapacidade (fraqueza mental) de compreenderem a vontade do Todo-poderoso: "Não sabemos o que havemos de pedir como convém" (Rm 8.26). É verdade que temos a Bíblia para nos guiar em um sentido geral, mas precisamos da ajuda do Paracleto, o nosso Ajudador, para particularizar nossas orações, segundo a necessidade no momento: "O mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis". Quanto consolo temos ao saber que o Espírito Santo intercede por nós dentro de nós! Ele inspira esses gemidos inexprimíveis, conhecidos somente por aquEle que sonda os corações e responde de acordo com a mente do Espírito, que os inspirou.

"Gemidos" vem do termo grego *stenagmos*, que pode significar ou um suspiro não-articulado ou um gemido audível. Entre os versículos 22 e 27 do capítulo 8 de Romanos encontramos três referências a gemidos (ou suspiros). Primeiramente, toda a criação geme, esperando sua restauração ao estado original perdido pela queda de Adão (v. 22). Mas os crentes também gemem (v. 23). Muito embora espiritualmente já sejam uma nova criação, seus corpos ainda estão sujeitos à corrupção. E assim gemem, esperando pela transformação de um corpo terrestre em um corpo glorificado. E, finalmente, há os gemidos inexprimíveis do Espírito (v. 26).

Há ocasiões em que somos incapazes de orar ou não sabemos o que pedir (por causa de nossas fraquezas). É então que o Espírito age em nosso lugar, intercedendo por nós. Como um verdadeiro *Paracleto* (Ajudador), Ele nos ajuda em nossas fraquezas quando oramos. Os gemidos do Espírito são literalmente destituídos de

palavras. São gemidos por demais profundos para admitir palavras. Contudo, juntamente com esses gemidos, o Espírito também intercede pelos santos de uma forma que concorda com a vontade de Deus (Rm 8.27). E Deus entende essa intercessão. O resultado é que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8.28).

Alguns expositores negam que os gemidos do Espírito possam ser línguas ou expressões carismáticas. Muitos pentecostais vêem aqui uma possibilidade do dom de línguas estar envolvido no processo juntamente com os gemidos. Entretanto, esses gemidos (ou suspiros) nunca são enunciados e também não aparecem em palavras de qualquer espécie. Mas são expressos nos corações dos filhos de Deus. Somente o Pai ("aquele que examina os corações") os compreende. O Espírito Santo, dessa maneira, ajuda-nos a subir acima do nível de nossas inadequações humanas, através de seus gemidos humanamente inexprimíveis, os quais são emitidos em harmonia com a vontade divina.

Stanley M. Horton coloca assim o desenvolver dessa passagem:

> Vivemos na fraqueza de nossos presentes corpos... Mas o Espírito Santo está conosco. Embora saibamos que a nossa experiência com Ele na era vindoura seja maior do que qualquer coisa que tenhamos conhecido aqui, Ele está conosco em pessoa, pronto para nos ajudar de uma maneira real e pessoal. Se bem que Paulo não tenha chamado ao Espírito Consolador e Paracleto, certamente ele vê aqui o Espírito como o nosso Ajudador. O Espírito sempre está pronto para nos ajudar em nossas fraquezas, pois é por causa delas que não compreendemos nem a nós mesmos e nem às nossas necessidades. Queremos fazer a vontade de Deus, mas nem ao menos sabemos orar como convém. Então o Espírito sai em nosso socorro e faz intercessão por nós (em nosso lugar) com gemidos por demais profundos para serem expressos por meio de palavras.
>
> Esses gemidos não são expressos em palavras... E nem precisam, pois o mesmo Deus, o mesmo Pai celeste que sabe o que se passa em nossos corações, sabe também o que está na mente do Espírito. Portanto, há uma comunicação perfeita entre o Pai e o Espírito Santo, sem a necessidade de palavras. Ademais, o Espírito Santo sabe qual é a vontade de Deus, pelo que podemos estar seguros de que sua intercessão sempre estará em consonância com a vontade de Deus. Em outras palavras, podemos estar plenamente certos de que suas orações serão respondidas. Não admira que Paulo diga que coisa alguma poderá nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor (Stanley M. Horton, *O que a Bíblia Diz Sobre o Espírito Santo*, Rio de Janeiro: CPAD, 1993).

Um Testemunho do Coração

Seria de prestimosa ajuda se todas as passagens bíblicas fossem claras e não estivessem sujeitas a nenhuma interpretação alternativa, principalmente as relacionadas com o teor da oração e a maneira de orarmos. Mas, infelizmente, não é o que acontece. Se Paulo tivesse apresentado as razões para as pessoas usarem vestes apropriadas e se deviam ou não cobrir a cabeça ao orarem em público, poderíamos determinar melhor se suas declarações são verdades universais e permanentes, ou se foram meramente relativas ao tempo no qual viveu e ministrou. É provável que não haja outra passagem bíblica que tenha apresentado mais controvérsias do que esta em que Paulo se dirige aos crentes de Corinto, que lutavam para ser um luzeiro numa das mais ricas e moralmente corruptas cidades do mundo antigo.

> Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se tivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu. Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu. Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus (1 Co 11.4-6,13-16).

Trata-se de uma clara violação do que a Bíblia ensina aqui, dizer que Deus só se preocupa com nossas atitudes e com nossa devoção interior. Vestir-se apropriada e modestamente, tanto na comunidade em que vivemos como na adoração coletiva, é um princípio bíblico válido para todos os tempos e culturas. Ainda que, talvez, não seja sábio permitir que considerações culturais influenciem exageradamente nossa compreensão e aplicação dos ensinos bíblicos, o princípio da modéstia e decoro deve ser aplicado dentro do contexto de nosso tempo. Por conseguinte, não está sendo dito aqui que devemos nos arrumar e vestir como os crentes judeus do primeiro século de nossa era, mas que, como eles fizeram, devemos nos portar com modéstia, apresentando um comportamento aceitável diante de todos.

A declaração de Paulo de que um homem não deve orar ou profetizar com a cabeça coberta (1 Co 11.4), foi posteriormente contestada pelos cânones judaicos (os judeus ortodoxos atualmente usam um chapéu ou solidéu — *yarmulka*, em hebraico — quando oram, mas não há evidências de que esse costume retroceda até à época do Novo

Testamento). Segundo esses cânones, não se permite que um homem ore sem alguma espécie de cobertura na cabeça, porquanto todo homem deve, mediante a cabeça coberta, demonstrar sentimento de vergonha diante de Deus e que é indigno de encará-lo. Então Deus fica ofendido se um homem ora com a cabeça coberta? Ou a nossa preocupação deveria ser com a possível reação negativa das pessoas presentes na reunião de oração? O princípio do respeito, como quando um homem tira o chapéu na presença de outras pessoas a quem deseje honrar, também deve ser uma das considerações, juntamente com a modéstia e o senso de decoro.

O verso 5 de 1 Coríntios 11 introduz uma idéia que tem implicações culturais muito fortes: "Mas toda a mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se tivesse rapada". O que as mulheres usavam sobre a cabeça era um pedaço de pano ou uma rede para cobrir o cabelo, semelhante àquilo que hoje chamamos de "rede para cabelo" (não se tratava de um véu sobre o rosto). Era costume entre os gregos e romanos, e uma lei expressa entre os judeus, que nenhuma mulher deveria ser vista em público sem ter a devida cobertura na cabeça. As prostitutas desafiavam tal costume como um sinal de sua profissão. Por conseguinte, para uma mulher aparecer em público sem a apropriada cobertura para a cabeça era uma falta de decência e uma desonra para a reputação de seu marido.

O versículo 13 de 1 Coríntios 11 é um apelo ao decoro: "Julgai entre vós mesmos: é decente que a mulher ore a Deus descoberta?" Parafraseando o apóstolo, diríamos: "Faz bom sentido, à luz de considerações culturais e de outras, que vossas mulheres orem em público sem que cubram as cabeças?" Agir de acordo com a maneira como as sacerdotisas dos templos pagãos tinham de orar e de fazer pronunciamentos com a cabeça descoberta, ou com os cabelos soltos e esvoaçantes, seria, não há dúvida, uma desgraça para as piedosas mulheres cristãs. Alguns eruditos acreditam que a palavra "descoberta", neste versículo, inclui a idéia de cabelos longos, soltos, esvoaçantes (Gordon Fee, *The First Epistle to the Corinthians,* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1987, p. 509).

A "mesma natureza" (1 Co 11.14) refere-se não à "Mãe Natureza", mas aos costumes herdados de nossos antepassados (Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature,* 2ª edição, traduzido por F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, Chicago: University of Chicago Press, 1979, p. 869).

Paulo escreveu que a própria natureza das coisas (ou seja, os costumes humanos) ensina que é vergonhoso para um homem ter cabelos compridos. Por outro lado, essa mesma natureza ensina que

ter cabelos longos é uma glória para a mulher (1 Co 11.14,15). Essa vergonha era apenas uma questão cultural, ou será que Deus considera vergonhosos os cabelos longos num homem? O voto do nazireado, de dedicação a Deus, exigia que não fossem cortados os cabelos de um homem (Nm 6.5). Por certo houve tempo, também nas sociedades cristãs, quando homens maduros e de respeito usavam cabelos longos e perucas. Será que a natureza das coisas ainda ensina o que Paulo disse que ensinou, ou haverá alguma mistura do vocábulo "natureza" com a respeitabilidade cultural? Ser dogmático ou contencioso sobre esses pontos pode ser uma atitude anticristã (1 Co 11.16). Contudo, os princípios da modéstia, do decoro e do respeito são normas que não devem ser comprometidas.

Precisamos relembrar, entretanto, que na passagem de 1 Coríntios 11.3-16, a referência primária é a costumes comuns às igrejas no que tange à oração pública e à adoração. Quando chegamos com outros crentes na presença de nosso Deus santo, nosso comportamento, vestuário e tudo o mais que se relacione à nossa pessoa deve ser um testemunho à decência, à moderação e à boa ordem. Embora a parte externa não possa compensar pela ausência do que é interior, o que é exterior com freqüência serve de indícios acerca das realidades internas.

Orando no Espírito

O intuito de Paulo com suas instruções ao Corpo de Cristo é impor ordem e propósito às expressões espontâneas dos crentes, quando oram no Espírito. Se forem cuidadosamente seguidos, esses ensinamentos impedirão que a oração e a adoração pentecostais descambem para a desordem.

> Pelo que, o que fala língua estranha, ore para que a possa interpretar. Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto. Que farei pois? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. Doutra maneira, se tu bendisseres com o espírito, como dirá o que ocupa o lugar de indouto o Amém sobre a tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes? Porque realmente tu dás bem as graças, mas o outro não é edificado" (1 Co 14.13-17).

Neste trecho bíblico, observamos que a suprema preocupação de Paulo é com a edificação do Corpo de Cristo e a melhor maneira de alcançá-la. Pelo contexto, torna-se evidente que o dom de línguas, apesar de manifestado profusamente nas reuniões dos crentes coríntios, estava ficando aquém do propósito estabelecido por Deus. As lín-

guas estavam na frente e no centro das atenções. Eram usadas simplesmente para que houvesse drama e exibicionismo. A edificação do Corpo de Cristo estava sendo desconsiderada. Qual seria, pois, a solução para isso? Orar! "Ore para que a possa interpretar" (1 Co 14.13). Somente quando as línguas são interpretadas é que podem edificar o Corpo de Cristo. O dom da interpretação foi posto à disposição do crente. Por conseguinte, a pessoa que fala ou ora em línguas perante a congregação deve orar para ser capaz de interpretá-las.

Em 1 Coríntios 14.14, ainda falando sobre o quão importante é interpretar o que foi orado em línguas, Paulo explica: "Porque, se eu orar em língua estranha, o meu espírito ora bem, mas o meu entendimento fica sem fruto".

A pergunta "Que farei pois?" (1 Co 14.15) segue-se muito naturalmente. Em outras palavras, que deverei fazer, já que sou aquele que ora em línguas nas reuniões dos crentes? Vem a seguinte resposta: "Orarei com o espírito [isto é, em línguas], mas também orarei com o entendimento". Estaria Paulo tentando dizer: "Orarei sobrenaturalmente em línguas, conforme o Espírito Santo me conceder que fale, e orarei também com minha própria mente e pensamentos"? À luz de sua instrução anterior sobre a oração — "Ore para que a possa interpretar" — parece que ele estava querendo dizer: "Orarei em línguas, e então interpretarei o que tiver orado, para que o Corpo de Cristo possa ser edificado". A mesma prática aplica-se ao cantar no Espírito: "Cantarei com meu espírito, e interpretarei o que tiver cantado, para que os outros também possam ser beneficiados".

E 1 Coríntios 14.16 apõe seu selo de aprovação sobre isso. Poderíamos parafrasear os ensinamentos de Paulo da seguinte maneira: "Se vós deixardes de seguir essas diretrizes, que exigem que interpreteis o que tiverdes orado ou cantado em línguas numa reunião pública, como é que aqueles que não entenderem o que estiverdes falando poderão dizer o 'Amém' por terem sido edificados?" Conseqüentemente, vemos que a oração e o cântico em línguas inclui o louvar a Deus e o dar graças a Deus. Por conseguinte, quando você louva a Deus e dá graças em línguas, seguido da interpretação do que foi dito, por você haver previamente orado para que pudesse interpretá-las, então todo o Corpo de Cristo é edificado, porquanto agora todos poderão dizer "o Amém, sobre a tua ação de graças" (1 Co 14.16).

O costume de confirmar a oração e os louvores como um "amém" de assentimento era praticado tanto na adoração judaica quanto na cristã. ("Amém" é uma palavra hebraica que quer dizer "assim seja", "na verdade", "verdadeiramente". Indica que a declaração que a precede é aceita como verdadeira e válida.) Alguns analistas da adoração na Igreja Primitiva compararam o alto coro de

"aménS" com o ribombar de um trovão distante. O concordante "amém" da congregação era considerado não menos importante que a própria oração em si (Ap 5.13,14; 22.20).

A oração pública deve ser algo mais do que aquilo que alguém faz na presença da congregação. O "amém" na Igreja Primitiva era uma resposta mediante a qual as pessoas se identificavam com aquele que orava, concordavam com o que ele dizia e se apropriavam de sua oração, como se as palavras do que orava fossem as mesmas de cada um dos presentes. Assim sendo, quando uma pessoa liderava a oração, tinha o mesmo valor que uma oração conjunta, quando todos uniam suas vozes em oração, porquanto isso indicava ao Senhor que todos estavam se aproximando dEle coletivamente, como o Corpo de Cristo (Alexander B. MacDonald, *Christian Worship in the Primitive Church*, Edimburgo: T. & T. Clark, 1934, pp. 108,109).

Guerra Espiritual na Oração

Estamos em guerra espiritual! É imperativo que compreendamos isso, pois procurar guerrear contra o Inimigo na força da carne é o mesmo que cortejar uma derrota certa. Fazemos bem em relembrar as palavras de nosso Senhor a Pedro: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mc 14.38). "Carne" (no grego, *sarx*) é uma alusão a esta vida terrena. Nossas batalhas não são combatidas em algum campo de batalha deste mundo e nem são usados instrumentos de guerra terrenos. Antes, são travadas com armas de outra espécie — armas que se fazem eficazes pelo poder de Deus.

> Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo (2 Co 10.3-5).

Embora as armas do crente sejam numerosas (Ef 6.14-17) e a oração não esteja nomeada entre elas, crê-se que a oração é pelo menos o meio pelo qual as armas do crente são utilizadas (Ef 6.18). Através da capacidade concedida mediante a oração (e não por meros meios humanos como a metafísica, a filosofia humana ou as manobras mentais), são demolidos argumentos e pretensões, bem como qualquer outra elevada e poderosa oposição ao conhecimento de Deus. Os argumentos contra o evangelho abrangem a imaginação e raciocínios puramente humanos. Através da oração e do estudo da

Palavra de Deus, o Espírito Santo nos dá sabedoria para demolir esses artifícios.

"Levando cativo todo o entendimento" (2 Co 10.5). Como crentes, nossa guerra envolve levar todo o nosso pensamento em conformidade à vontade de Cristo. A própria mente é um campo de batalha. Alguns de nossos pensamentos imorais originam-se em nós mesmos; outros nos são implantados por Satanás; e ainda outros são lançados contra nós por nosso meio ambiente. Por conseguinte, estamos lutando contra a nossa própria natureza pecaminosa e contra as ativas forças do mal. Devemos resistir firmemente a pensamentos malignos e doentios, buscando antes de tudo que a mente de Cristo habite em nós (Fp 2.5; 4.8). Derrotamos o nosso adversário dizendo "não", com persistência, às tentações por ele apresentadas (Tt 2.11,12).

Quando a Oração Não É Respondida

Será que Deus sempre nos cura e nos livra de nossas aflições quando oramos? Mais dia, menos dia, todos os crentes têm de lidar com essa questão perturbadora. Embora fosse nosso desejo dar uma resposta positiva, alguns exemplos nos levam à direção oposta, como o caso do espinho na carne de Paulo (2 Co 12.7). É digno de nota que o ministério de curas de Jesus estava dirigido, com raríssimas exceções, a ímpios e pecadores. O mesmo ocorreu no período do ministério da Igreja Primitiva. E, quando se tratava de crentes, houve diversas ocasiões em que as curas não ocorreram (1 Co 11.30; 1 Tm 5.23; 2 Tm 4.20), embora se tenha absoluta certeza de que elas façam parte da provisão da expiação. Em algumas instâncias, não nos é dada a razão da cura não haver sido realizada. Em outras, podemos apenas conjecturar. Paulo nos apresenta os motivos para a sua contínua enfermidade.

> E, para que não me exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de me não exaltar. Acerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade pois me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco, então sou forte (2 Co 12.7-10).

Na assembléia de Corinto, também havia uma razão específica para entre eles haver fraquezas, doenças e morte: eles não discerniam "o corpo do Senhor" (1 Co 11.29). Deus permitia as fraquezas, as

doenças e a morte entre eles a fim de corrigir um problema. Não é provável que qualquer esforço para obter a cura tivesse sido frutífero enquanto a causa não fosse remediada. Para Deus ter curado, nesses casos, tê-lo-ia feito como um pai que deixa de disciplinar seu filho antes de ter sido formado o indispensável traço de personalidade.

Há muita incerteza quanto à natureza do problema que afligia Paulo. Alguns supõem que se tratava de uma enfermidade física, talvez um irritante problema nos olhos ou a malária que periodicamente reaparecia. Outros pensam que fosse uma questão estritamente espiritual, baseando tal suposição na sentença "um mensageiro de Satanás para me esbofetear" (2 Co 12.7). Ainda outros dizem que era um judaizante que seguia a Paulo por toda parte, causando-lhe problemas (Nm 33.55, onde "espinhos nos vossos olhos" e "aguilhões nas vossas ilhargas" são referências a pessoas). Não se ganha muito forçando qualquer interpretação em particular. Então, qualquer que tenha sido o problema, por três vezes Paulo orou para que fosse removido esse espinho. Após orar com fervor, recebeu uma resposta — não a cura pela qual tão sinceramente buscara, mas um entendimento sobre a razão para o seu tormento (2 Co 12.7). Foi-lhe dito que era para o seu melhor interesse que aquela condição permanecesse inalterável. Ao mesmo tempo, Deus prometeu lhe dar sua graça para suportá-la (2 Co 12.9).

A lição para os crentes de hoje em dia é: quando as enfermidades ou aflições nos atingirem, somos muito bem aconselhados a buscar sinceramente a cura divina, mas sempre tendo em mente que muito mais importante que a cura para nossos corpos é a integridade de nosso estado espiritual. Se a cura parece nos escapar, embora a busquemos insistentemente, devemos, baseados na experiência de Paulo, abrir os nossos corações para o entendimento que vem da parte do próprio Senhor. Só assim Ele pode ministrar a nós de acordo com o seu sábio conselho.

Um Estilo de Vida Cheio do Espírito

A cada dia que passa, incontáveis pessoas têm tido uma nova experiência com o Espírito Santo. Elas têm falado em novas línguas — como os discípulos de Éfeso (At 19.6). Têm também profetizado e testemunhado outras manifestações do Espírito Santo. De acordo com David B. Barrett, grande autoridade sobre demografia religiosa, havia no início da década de 1990, mais de 353 milhões de pentecostais e carismáticos no mundo.

Mas foi nos dias de Paulo, particularmente na igreja em Éfeso, que uma experiência antes vital e cheia de esplendor foi facilmente trocada por um estilo de vida indigno, o qual em vez de fomentar o evangelho impedia o seu progresso. Mas Paulo tinha um remédio para esse problema.

> E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito; falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais: cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo; sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Ef 5.18-21).

Para a maneira santificada de Paulo pensar, esse é o padrão de procedimento para que haja avanço espiritual. Todas as coisas que fazem guerra contra o permanecer cheio do Espírito devem ser identificadas e eliminadas, antes que se possa conseguir e manter um estilo de vida cheio do Espírito. Para exemplificar, o crente que argumenta em favor do uso do vinho ou de qualquer outra bebida alcoólica, argumenta, ao mesmo tempo, contra o ter uma vida cheia do Espírito, pois não há compatibilidade entre ambas. Para as pessoas que sinceramente buscam a Deus, há apenas um único caminho a seguir: "Enchei-vos [continuai a ser cheios] do Espírito". Ora, ser cheio do Espírito requer uma atenção muito grande em oração, tendo em vista esse mesmo fim. O batismo no Espírito Santo é uma experiência vital e viável. Não obstante, se a experiência tiver propósito e significado permanentes, deve, necessariamente, resultar num estilo de vida de constantes enchimentos com o Espírito. Esse estilo de vida envolve disciplinas que evitem os empecilhos e promovam ações para a sua intensificação. Os itens da lista de práticas a que Paulo nos intimou são evidências de um estilo de vida cheio do Espírito (Ef 5.19-21: meditação, cânticos, ações de graças, submissão) e, ao mesmo tempo, os meios nomeados por Deus para esse estilo de vida.

Embora alguns estudiosos traduzam *lalountes heautois* como "falando entre vós" ou "falando uns aos outros", não é errado compreender o significado dessa expressão da seguinte maneira: "Falando dentro de vós mesmos". Paulo usa uma linha de raciocínio similar em 1 Coríntios 14.28: "Mas, se não houver intérprete... fale consigo mesmo, e com Deus". Por conseguinte, podemos dizer que o estilo de vida cheio do Espírito é estimulado pela adoração interior, que se expressa por meio de salmos, hinos e cânticos espirituais.

À primeira vista, poderíamos relacionar a palavra "salmos" aos salmos do Antigo Testamento. Mas embora essa possibilidade não precise ser excluída, a falta do artigo faz o sentido tornar-se mais geral, isto é, cânticos com acompanhamento musical, como se fossem salmos.

A idéia por detrás do termo "hinos" parece ser cânticos que expressem louvores a Deus Pai e a Jesus Cristo (confira certas passagens do Novo Testamento, como por exemplo Ef 1.3-10; Fp 2.6-11; 2 Tm 2.11-13; Tt 3.4-7, que têm a forma de hinos).

Ainda que não seja este o único sentido pretendido com a expressão "cânticos espirituais", é perfeitamente possível que Paulo estivesse indicando aqui o que ele havia falado em 1 Coríntios 14.15: "Cantarei com o espírito", ou seja, entoar os louvores a Deus numa língua desconhecida.

O texto de 1 Coríntios 14.26 indica que essas coisas se manifestam quando as pessoas se reúnem. A própria palavra "salmo" inclui um acompanhamento musical. As palavras "no vosso coração" bem poderiam ser traduzidas por "com o vosso coração", ou podem significar que, quando os crentes juntam suas vozes nos cânticos da congregação, seus corações também estão cheios de música. Fazer melodia, de acordo com as páginas do Antigo Testamento, envolvia instrumentos musicais. O versículo seguinte, "sujeitando-vos uns aos outros", também mostra que Paulo estava falando sobre o que está acontecendo no corpo da Igreja, e não apenas no coração de cada indivíduo.

Harold Horton observa: "Falando com *vocês mesmos*... em cânticos espirituais, ou seja, com cânticos em outras línguas, cantados por cadências ditadas também pelo Espírito. Falando — em cânticos! Falando assim com nós mesmos no Espírito é o mesmo que nos edificarmos... Quando falamos em línguas estamos enchendo um reservatório dentro de nós mesmos neste estéril deserto do mundo em que vivemos. E assim, ao cantarmos, fazemos com que jorre uma fonte no mais seco deserto" (Harold Horton, *Gifts of the Spirit*, Nottingham, Inglaterra: Assemblies of God Publishing House, 1934; reimpressão, Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1975, p. 136 da edição reimpressa).

"Cantando e salmodiando [ou fazendo música] ao Senhor no [ou com o] vosso coração" parecem ser palavras que indicam que os salmos, os hinos e os cânticos espirituais fluem a partir do santuário particular do homem interior.

A ação de graças é a própria essência da vida cheia do Espírito, ao mesmo tempo que é outro importante meio para o crente chegar ao estilo de vida cheio do Espírito. "Dando sempre graças" é o acesso da alma à presença divina. Esses agradecimentos devem ser direcionados a Deus Pai, de onde nos vem o Espírito. E tudo deve ser feito no nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o único meio de nos aproximarmos dEle.

A submissão é para a oração aquilo que o sangue é para o corpo humano. Sem submissão, a oração é apenas uma forma fria e sem vida de nos expressarmos. A palavra grega usada por Paulo, *hupotasso*, significa "subordinar", "sujeitar-se", "ceder voluntariamente". A submissão põe em evidência a oração eficaz. É algo essencial para o preenchimento inicial com o Espírito Santo. Sem o seu contínuo

exercício, não pode haver estilo de vida cheio do Espírito. A submissão é a chave à nossa admissão no Santo dos Santos. A submissão sempre parte da iniciativa daquele que se submete, pois emana do âmago do ser, de sua vontade central. Se for imposta à força, não será submissão sob hipótese alguma. Jesus era a epítome da submissão. Ele pôde dizer sem o menor equívoco: "E aquele que me enviou está comigo; o Pai não tem me deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada" (Jo 8.29). E Ele também disse: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas" (Mt 11.29). "Sou manso e humilde de coração" é equivalente a "submeto-me completamente ao meu Pai e à sua vontade".

As palavras "uns aos outros no temor a Cristo" pressupõem a fonte de todos os outros tipos de submissão necessários à comunidade cristã. A submissão básica é ao nosso Senhor Jesus Cristo. Uma vez que esteja no seu devido lugar, a submissão dentro da família de Deus, de acordo com a ordem prescrita por Ele (1 Co 11.3; Ef 5.21; 6.9), será perfeitamente natural. Toda falta de submissão na família da fé pode ser acompanhada por uma rebelião, cujos princípios fundamentais voltam-se contra Deus. Por sua própria natureza, a recusa em se submeter torna-se num empecilho à oração e ao estilo de vida cheio do Espírito.

Oração para qualquer Ocasião

A maioria dos crentes acha mais fácil orar quando está atravessando períodos de sofrimento e tribulação. Mas orar em momentos de crise, sem uma comunhão constante com Deus, é como agarrar-se a uma bóia salva-vidas cuja corda de ligação não foi devidamente cuidada. Paulo mostra o propósito divino para os nossos hábitos de oração, quando encoraja os crentes efésios a orar com regularidade, intensidade e perseverança.

> Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos, e por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho (Ef 6.18,19).

Deixando de lado a metáfora da armadura do soldado cristão (Ef 6.10-17), Paulo continua, nos versículos 18 e 19, com o tema da luta espiritual do crente, enfocando agora o elemento mais vital para o sucesso na batalha: a oração. Ainda que, sem dúvida, a oração esteja implícita nas instruções sobre a colocação da armadura espiritual, Paulo advoga especificamente uma grande variedade de abordagens à oração.

Visto que são maus os poderes deste mundo tenebroso e as forças espirituais do mal estejam sempre voltadas contra nós, é importante que oremos sempre. A expressão grega *en panti kairo* significa "em todo o tempo", "em toda a ocasião". Esta não é uma injunção casual. Mas é uma questão de tão vastas proporções e conseqüências que deve ser levada a sério com toda a firmeza. Acreditar que podemos contender com sucesso nessa guerra, contando apenas com o poder de nossos minúsculos intelectos ou com a força de nossa natureza adâmica, é descobrir, para prejuízo nosso, que não somos adversários à altura para aquele que "anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pe 5.8).

As palavras *dia pases proseuches* significam, literalmente, "através de toda a espécie de oração". Efésios 6.18 começa com essa frase, sem qualquer separação da passagem anterior, que trata da armadura cristã. Na realidade, Paulo estava dizendo: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus [6.11]... estai pois firmes [contra Satanás] [6.14] e tomai... a espada do Espírito [6.17] com toda a oração e súplica [6.18]". É inútil ficar discutindo se, através da oração, nos revestimos de todas as peças da armadura ou apenas tomamos a espada do Espírito (a Palavra de Deus). A oração é o instrumento de guerra espiritual que torna eficaz a armadura defensiva e as armas ofensivas.

"Com toda a oração e súplica" inclui tanto a oração pública quanto a particular, tanto a informal quanto a formal, tanto a silenciosa quanto a em voz alta, tanto a de louvor quanto as petições, tanto a oração planejada quanto a espontânea e tanto a oração no Espírito quanto aquela feita com a mente. "Oração" é a tradução do grego *proseuche*. "Súplica", em grego, é *deesis*. *Proseuche* representa as orações em geral, ao passo que *deesis* denota a oração por uma necessidade específica. "Súplica" implica em oração vigorosa e persistente, que persevera até que o mal seja derrotado e a retidão prevaleça. "No Espírito" talvez fosse melhor traduzido por "mediante o Espírito". É muito provável que Paulo tivesse em mente o orar em outras línguas (1 Co 14.14). Por esse intermédio, a oração do crente é elevada acima do nível intelectual, sendo oferecida de acordo com a vontade de Deus.

Os crentes, nessa guerra espiritual, não somente devem orar em todo o tempo, sob a direção do Espírito (que sabe pelo que orar), como também ser diligentes na oração e na súplica "por todos os santos". Paulo, então, demonstra a sua seriedade e humildade, ao pedir que os crentes efésios façam orações vigilantes por ele. Esse pedido de oração, em apoio ao seu próprio ministério, deveria ser o pedido primário de o todo pregador do evangelho. Satanás procura, por todos os meios disponíveis, fazer calar a boca dos servos de

Deus, ou pelo temor, para que se acovardem, ou mediante a dúvida, hesitem em falar com autoridade, ou, por pensamentos confusos, não possam falar com clareza.

Oração em Lugar de Preocupação

Os cristãos de Roma foram admoestados da seguinte maneira: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12.21). Mas, para os crentes de Filipos, o conselho tornou-se mais específico. Diante de circunstâncias difíceis, foi-lhes dito o modo como poderiam mostrar-se à altura das circunstâncias: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.6,7).

A alegria é o tom geral que prevalece em toda a epístola à igreja em Filipos. Havia uma necessidade genuína para esse encorajamento. Paulo estava na prisão. Os crentes de Filipos estavam sofrendo nas mãos de um mundo hostil. Havia falsos mestres que procuravam instigar os filipenses a que seguissem um evangelho falso. Não obstante, Paulo pôde dizer: "Não estejais inquietos por coisa alguma". "Inquietos" é tradução do vocábulo grego *merimnao*, que significa "ficar ansioso a respeito de", "estar indevidamente preocupado" ou "ter um cuidado perturbador sobre algo". "Não... por coisa alguma" é a ênfase principal da admoestação, pois *meden* é a primeira palavra da sentença: "Sobre nada estejais inquietos". Nada! É claro que não podemos deixar de ter cuidados ou preocupações — emprego, saúde, entes queridos, colegas crentes. Mas não devemos permitir que esses cuidados nos dominem, como se nós mesmos tivéssemos de levar toda a carga sozinhos.

Contudo, é inadequado exortar uma pessoa para que não se preocupe. Fazer isso pode apenas impor-lhe uma ansiedade ainda maior. Um antídoto deve ser providenciado. Por essa razão, Paulo prescreve o meio para vencermos a preocupação: "Antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças" (Fp 4.6). A ação de graças deveria ser um elemento essencial em todas as nossas orações. Esse é o meio de manifestarmos apreciação por aquilo que Deus já fez em nosso favor e a fé por aquilo que Ele fará em resposta às nossas orações. O fato de que Deus, o "vosso Pai, sabe o que vos é necessário, antes de vós lho pedirdes" (Mt 6.8), é outra razão para lhe darmos graças, porquanto Ele responderá às nossas orações de tal maneira que sempre satisfará nossas verdadeiras

necessidades. Não é propósito de nossas petições dar novas informações a Deus, antes fazemo-las para exercitar a nossa fé em obter de suas mãos aquilo que precisamos.

Orar dessa maneira não somente obtém respostas para as preocupações, que geram nossas ansiedades, mas também resultam num estado mental que todo o filho de Deus deveria experimentar: "a paz de Deus". Essa paz é aquele profundo e interior repouso da alma, identificado como "a paz de Deus", porque é comunicada e sustentada por Ele. É desenvolvida a partir de uma certa atitude mental, porquanto "a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz" (Rm 8.6). A paz é o fruto resultante da substituição da ansiedade pela oração e súplica: "Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti" (Is 26.3).

A oração é galardoada com a paz de Deus, uma paz que "excede todo o entendimento" (Fp 4.7). Os ímpios não podem percebê-la, pois está acima da compreensão deles. E também está acima da compreensão dos crentes, pois até mesmo os homens piedosos, que desfrutam desta gloriosa experiência, não podem compreender inteiramente a luz que irrompeu em suas trevas, de maneira misteriosa mas real, trazendo com ela uma tranqüilidade que desafia toda e qualquer explicação: "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.7). O verbo grego *phroureo* ("guardar") é um termo militar usado para a vigilância desempenhada por uma guarnição inteira de soldados. Descreve o senso de segurança que o crente experimenta quando deixa suas preocupações nas mãos de Deus. É mais do que mera proteção. O Espírito Santo mantém uma guarda vigilante e uma custódia benévola sobre nossos corações e nossas mentes, de modo que nenhuma influência perturbadora possa transpor esse bloqueio e perturbar nossa serenidade interior. R. Finlayson mantém o conselho dado por outro escritor:

> Se a sua mente estiver sobrecarregada por aflições e ansiedades, vá à presença de Deus. Derrame o seu caso perante Ele. Embora conheça os desejos do seu coração, mesmo assim Ele quer ser buscado, quer que você lhe peça para satisfazer seus anseios, como Ele mesmo o disse. Por conseguinte, entre na presença desse Deus que imediatamente tranqüilizará o seu espírito, dar-lhe-á aquilo que você deseja ou fará você mais feliz sem isso, porquanto Ele será a sua eterna consolação, contanto que você confie nEle. Ele soprará paz para o interior de sua alma e ordenará a tranqüilidade em meio às piores tempestades de sua vida (H. D. M. Spence e Joseph S. Excell, editores, *The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 20, *Philippians*, por R. Finlayson, p. 177).

E a paz de Deus, mediada pelo Espírito Santo em resposta à oração e súplica, "guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus".

Oração pelos Líderes

Bons conselhos sempre podem ser repetidos. Os crentes de Colossos e os de Éfeso precisavam do mesmo tipo de encorajamento, a fim de se dedicarem à oração. Aquilo que, no século I, era bom para os crentes em Colossos e em Éfeso continua sendo igualmente bom para os crentes do mundo atual. Note a similaridade entre Colossenses 4.2-4 e Efésios 6.18,19:

> Perseverai em oração, velando nela com ação de graças; orando também juntamente por nós, para que Deus nos abra a porta da palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual estou também preso; para que o manifeste, como me convém falar (Cl 4.2-4).

O verbo grego *proskartereo*, traduzido aqui por "perseverai", significa "passar muito tempo em" ou "continuar firme com uma pessoa ou coisa". Esse vocábulo é usado em Atos 1.14 para descrever como os discípulos lançaram-se juntos em oração imediatamente antes da escolha do substituto de Judas Iscariotes. O próprio Jesus orou da mesma maneira, quando passava noites inteiras em oração antes de tomar uma decisão importante ou fazer nomeações (por exemplo, Lc 6.12 e Mt 26.36-44). A mesma palavra é usada em Romanos 12.12, onde Paulo exorta os crentes a ser perseverantes na oração.

A palavra "velando" é tradução do verbo grego *gregoreo*, que significa "manter-se acordado", "manter-se espiritualmente alerta", "ser vigilante". Jesus usa essa mesma palavra ao repreender os sonolentos Pedro, Tiago e João, para que se mantivessem acordados: "Vigiai e orai" (Mt 26.41). A mensagem dessas palavras é simples e direta: ore sem cessar; mantenha seu coração focalizado no assunto em que estiver orando, para que não se distraia e, conseqüentemente, venha a falhar em seu propósito. E, enquanto você estiver orando dessa maneira, não negligencie no dar graças.

Uma vez mais o apóstolo faz seu apelo pessoal à igreja: "Orando também juntamente por nós" (Cl 4.3). Na época, Paulo estava preso em Roma, como resultado de violenta oposição levantada pelos judeus. Todavia, não esqueceu de sua santa missão e chamada para anunciar Jesus. Sua paixão por pregar o evangelho não havia diminuído, embora a oportunidade para fazê-lo estivesse grandemente limitada. Por isso, solicitou a ajuda da oração de colegas crentes. Orar pelos líderes espirituais deve ser uma das prioridades de todos os

crentes. De fato, todos os líderes precisam da nossa intercessão: reis, presidentes, governadores e os que ocupam cargos públicos de menor importância. Mas, dentre todos aqueles por quem devemos interceder, ninguém é mais digno (1 Tm 5.17,18) ou está em maior necessidade que os pregadores do evangelho. Sua mensagem é mais importante que a de reis e estadistas. Portanto, quando Paulo pede aos crentes de Colossos que intercedam por ele, é com o propósito de poder falar do mistério de Cristo com maior ousadia ainda. A intercessão de todos os santos de Deus deveria ser para que os pregadores fossem libertos de todas as limitações e empecilhos na proclamação do evangelho.

"Para que o manifeste, como me convém falar" (Cl 4.4) é um pedido com mais significado que poderia parecer a princípio. Além disso, o verbo "manifeste", no grego, é *phaneroo* e significa "revelar", "tornar conhecido", "ensinar". Paulo deseja não apenas ter uma porta aberta para proclamar o evangelho, mas também que em sua proclamação haja clareza quanto ao mistério oculto às gerações passadas e agora revelado a Paulo (Cl 1.25,26). O desejo de Paulo também deveria ser veementemente anelado por todo o pregador do evangelho, lembrando as palavras de nosso Senhor: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida" (Jo 6.63).

Instruções sobre a Oração

Sempre que fazia uma declaração teológica, Paulo tinha o costume de prosseguir em suas palavras a fim de esclarecer, explicar e aplicar a verdade apresentada aos destinatários de suas epístolas. Mas, em certa oportunidade, ao escrever aos crentes de Tessalônica, houve uma mudança em sua tática. Num *staccato* de instruções, ele dispôs em ordem concisos mandamentos a serem seguidos por todos os crentes: "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças... Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem... Irmãos, orai por nós" (1 Ts 5.16-21,25). A maior parte dessas pungentes instruções se relaciona com a oração — tanto para os crentes do presente século quanto o fora para os crentes do século I d.C. Não há condição ou contingência que restrinja esses mandamentos. Quer estejamos passando a mais severa das tribulações ou desfrutando situações de bom e pleno êxito, todos esses mandamentos devem ser obedecidos à risca.

Dois manuscritos importantes (o F^p [também chamado F_2], Códex Augiensis; e o G^p [também chamado G_3], Códex Boernerianus, ambos do século IX d.C.) adicionam as palavras "no Senhor" à ordem "regozijai-

vos sempre", estabelecendo assim uma relação entre o mandamento e a oração (Fp 4.4). A verdadeira alegria deriva-se de uma relação vital com o Senhor. É a sua alegria em nós que nos capacita a sempre estarmos alegres. E o modo de mantermos essa alegria é através da oração contínua. Os crentes regozijar-se-iam mais se orassem mais. "Sempre" não significa estar continuamente a fazer orações formais. Antes, isso faz eco a Efésios 6.18: "Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos". Devemos manter horários predeterminados para orar, mas também devemos ser espontâneos na oração, conforme a necessidade surgir ou o coração tiver oportunidade de se voltar ao Senhor. Paulo não está dizendo que os crentes nada mais devam fazer senão orar. No entanto, coisa alguma que façamos deveria nos impedir de ter uma atitude ou espírito de oração.

Que parte essencial da oração é a ação de graças! A ação de graças sempre deveria acompanhar a oração (Fp 4.6), porque é justamente da oração fiel que se origina a ação de graças. A oração nos leva à presença de Deus, e ali, quem não pode dar graças? "Em tudo" (1 Ts 5.18) cobre a esfera inteira da vida, as circunstâncias boas e as situações más, as vitórias e as derrotas, as alegrias e as tristezas. Coisa alguma é omitida. Isso se equipara à exortação que nos ordena a dar graças por tudo (Ef 5.20). Nossa ação de graças é o reconhecimento da fé de que Deus, no fim, opera todas as coisas para o nosso próprio bem. Portanto, a ação de graças é sempre a vontade de Deus em Cristo Jesus. (Veja "Ação de Graças", na Introdução. Paulo pode estar sugerindo aqui que uma constante atitude e expressão de ação de graças de nossa parte é uma das maneiras de orarmos sem cessar.)

É comumente aceito que Paulo esteja aludindo à obra que o Espírito Santo faz pelos dons, quando diz: "Não extingais o Espírito" — especialmente os dons de expressão verbal manifestos publicamente (1 Co 14.39). Também é apropriado aplicar essa admoestação à nossa vida de oração pessoal. Devemo-nos guardar de sufocar aqueles períodos inspirados por Deus, de oração particular em línguas desconhecidas, bem como aqueles gentis impulsos do Espírito para intercedermos por questões várias que Ele nos chame a atenção.

Paulo também roga as orações dos crentes (Rm 15.30-32). Os crentes precisam das orações uns dos outros (Gl 6.2). Nossas orações possibilitam a intervenção de Deus em nossas vidas tanto quanto nas vidas das outras pessoas. Quantas tragédias poderiam ser evitadas, quantos problemas poderiam ser solucionados, quantas pregações mais eficazes poderiam haver, quanto mais poderia ser feito pelo evangelho, se os crentes intercedessem em oração pelos ministros de Deus!

Oração para a Propagação do Evangelho

O sucesso do evangelho depende das orações dos crentes além do que a maioria de nós percebe. É um mal de proporções gigantescas negligenciar a intercessão pela propagação rápida e eficaz do evangelho: "Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara" (Mt 9.38). No que se relaciona à oração, as instruções finais do apóstolo Paulo aos crentes tessalonicenses visavam esta finalidade: "No demais, irmãos, rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso e seja glorificada, como também o é entre vós; e para que sejamos livres de homens dissolutos e maus; porque a fé não é de todos" (2 Ts 3.1,2).

"Tenha livre curso" é uma alusão às corridas que se realizam nos estádios. Paulo retrata a Palavra do Senhor como se ela estivesse numa corrida, e deseja que ela corra eficazmente até alcançar a coroa estabelecida ou "seja glorificada, como também o é entre vós [os crentes de Tessalônica]". Paulo percebeu que a oração é o propulsor capacitador, que impele a Palavra do Senhor na direção do seu alvo pretendido: a conversão dos não-regenerados. Sem a oração, a corrida está perdida.

A segunda parte da petição relaciona-se com a primeira. Homens ímpios e maus obstruem, ou pelo menos buscam obstruir, o avanço do evangelho. "Dissolutos" (tradução do grego *atopos*) significa, literalmente, "inconveniente", "injurioso", "moralmente nocivo". Indivíduos assim sem fé e perniciosos estão sempre presentes para se opor à Palavra de Deus, seja mediante o ridículo ou através de qualquer outro meio que impeça a manifestação do mensageiro de Deus. Paulo percebeu, e nós somos sábios para crer, que a resposta para esse problema sempre será a mesma: liberdade através das orações do povo de Deus.

Oração em Favor de todos

Orações deveriam ser oferecidas em favor de todos os homens. Não que cada pessoa tenha de ser mencionada por nome, mas todos os grupos e classes de pessoas devem ser incluídos em nossas orações. Naturalmente, haverá nomes específicos mencionados dentro de cada círculo, quer pertençam a um determinado grupo étnico, ou sejam viciados, homossexuais ou autoridades deste mundo. A este último grupo Paulo destaca como uma classe que não deve ser negligenciada em nossas orações.

> Admoesto-te pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões, e ações de graças por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos

> uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade. Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus homem. Quero pois que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda (1 Tm 2.1-5,8).

Não é fácil determinar a diferença precisa entre "deprecações, orações, intercessões, e ações de graças". Entretanto, há distinções que sugerem maneiras pelas quais o crente pode se aproximar do trono de Deus. As "deprecações" (no grego, *deeseis*) são petições ou pedidos urgentes para que Deus satisfaça uma escassez ou privação na vida da pessoa em favor de quem a oração está sendo feita. As "orações" (no grego, *proseuchas*) são pedidos gerais que visam necessidades essenciais, tanto espirituais quanto temporais. As "intercessões" (no grego, *enteuxeis*) falam das petições dirigidas a um superior, por exemplo, a um rei. Para o crente, a intercessão consiste em rogar ao Deus Todo-poderoso para que supra as necessidades das outras pessoas. "Ações de graças" (no grego, *eucharistias*) denota uma permanente atitude de agradecimento e gratidão, quando nossas orações se elevam ao Céu. Uma oração de louvor é sempre do agrado do Senhor.

> É provável que aqui o apóstolo estivesse dando orientações para a adoração pública e que as palavras possam ser parafraseadas da seguinte maneira: "*Agora, exorto, antes de mais nada, que* nas assembléias públicas *sejam oferecidas deprecações* de males, e *súplicas* por todas as coisas boas que sejam necessárias, e *intercessões* para a sua conversão, e *ações de graças* pelas misericórdias divinas, *por todos os homens* — tanto em favor dos pagãos como em favor dos cristãos, tanto pelos inimigos como pelos amigos" (Adam Clarke, *The Holy Bible Containing the Old and New Testament with a Commentary and Critical Notes*, vol. 6, Londres: Ward, Lock & Co., s. d., pp. 560,561).

A essência de nossas orações deveria ser dupla: (1) em favor daqueles que estão em posição de autoridade; e (2) para que tenhamos um viver pacífico e tranqüilo. Os crentes fazem bem em orar para que os líderes civis não só governem com justiça e eqüidade, como também sejam protegidos de influências nocivas e atitudes precipitadas, promovam a paz por sua boa administração e eles mesmos sejam salvos (1 Tm 2.4). Outrossim, a oração pelos governantes objetiva a paz com o propósito final de alcançar a piedade e a santidade. Os crentes devem orar sempre por uma

atmosfera social e política na qual possam viver em fé, piedade e obediência a Deus, sem terem de contender com magistrados pagãos. Orar pelos líderes seculares é agradável a Deus, porquanto a salvação dada por Deus é oferecida a todos os homens, tanto aos nobres e poderosos quanto aos pobres e humildes.

Chegamos agora a um conceito fundamental para a verdadeira fé, bem como para a oração propriamente dita: "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus homem" (1 Tm 2.5). O Deus de quem nos aproximamos em oração é o único Deus. Aliás, não pode mesmo haver outro Deus, pois este enche toda a eternidade e o infinito. Ele estava tão interessado pela humanidade, que deu o seu próprio Filho para ser o único Mediador que nos reconciliasse com Ele mesmo. Seu desejo é que todos sejam salvos e ninguém pereça, exceto aquele que negligenciar essa oportunidade. Chegamo-nos ao único e grande Deus através do único e grande Mediador, o homem Jesus Cristo, a fim de sermos salvos. E isto pode acontecer em relação a todos os seres humanos, a despeito de sua posição social ou política.

Como Paulo aplica essa verdade básica à fé cristã? Como deveríamos nos comportar e qual deveria ser a nossa devoção pessoal à luz da realidade eterna da salvação providenciada por Deus? Visto que há um único Deus, com quem devemos nos reconciliar, e um único Mediador, por meio de quem podemos obter essa reconciliação, Paulo diz: "Quero pois que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda" (1 Tm 2.8). A expressão "do mesmo modo", em 1 Timóteo 2.9, significa que mulheres e homens devem apresentar mãos santas e consagradas, juntamente com um espírito puro. Temos uma sinédoque na palavra "mãos", que representa o ser inteiro, todo o estilo de vida da pessoa.

"Levantando mãos santas" era um costume comum tanto entre os judeus como entre os gentios. Levantar ou estender braços e mãos enquanto oramos denota súplica e petição. É assim que Paulo nos mostra como podemos orar com mais eficácia. Devemos ir a Deus, humilhar-nos por causa de nossos pecados, apresentar o Cordeiro de Deus como o nosso sacrifício, oferecer vidas santas em adoração e louvor a Ele e então esperar o acesso à sua presença. As petições feitas enquanto entramos na sua presença, com a sua justiça, receberão a devida resposta. Para as mulheres, há o pedido adicional de se trajarem com roupas modestas, usadas com decência e decoro.

Nossas atitudes são absolutamente decisivas se quisermos que nossas orações sejam respondidas. Por isso, Paulo advogou que

evitássemos a ira e a contenda. Não pode haver espírito implacável ou vingativo, nem raciocínios ou diálogos que entrem em choque com a fé simples. "Quero pois", escreveu Paulo, "que os homens orem em o todo lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda". Sem dúvida, isso caracterizava as orações de Paulo — e também deveria caracterizar as nossas.

Perguntas para Estudo

1. Sob quais circunstâncias é importante que confiemos no Espírito Santo, para que interceda por nós com gemidos profundos demais para serem expressos por meio de palavras? Como podemos saber que o Espírito está agindo assim?
2. Como aplicar o texto de 1 Coríntios 11.4-6 aos nossos próprios dias?
3. Quando é necessário que seja interpretada a oração feita em línguas?
4. O que fazer quando a resposta de Deus às nossas insistentes orações for um "não"?
5. Por que é importante orar no Espírito em todas as ocasiões?
6. Qual é a cura para a ansiedade?
7. O que está incluído na paz de Deus?
8. Qual é o papel das ações de graças em nossas orações, e por quê?
9. Os primitivos cristãos esperavam ser perseguidos, mas mesmo assim Paulo os exorta a que orassem para ter uma vida quieta e sossegada. Por quê?

Capítulo Doze

Paulo na Oração

2ª Parte

As orações do apóstolo Paulo nasciam de suas próprias experiências. Aquilo que ele havia aprendido tão bem em sua busca pessoal de Deus, tornara-se a paixão de suas orações pelas igrejas. "Aquele que realmente ora tem uma visão mais aguda, forma um julgamento mais sadio, elabora planos mais inteligentes, obtém um domínio maior das circunstâncias, mantém relações mais criativas com as pessoas, do que jamais poderia sem a oração" (Albert Edward Ayd, em R. L. Brandt, *Praying with Paul*, Grand Rapids: Baker Book House, 1966, p. 7). Paulo era eficaz em seu testemunho e pregação, porque a sua vida de oração era eficaz.

Poderíamos indagar por que Paulo incluiu suas orações em suas cartas. Por certo não foi para impressionar seus leitores com sua devoção e espiritualidade pessoais, nem tampouco foi feito para meramente preencher espaço em epístolas literárias. Mas devido ao fato de Paulo estar escrevendo aos seus leitores e não se dirigindo a eles em pessoa, naturalmente seus hábitos regulares de oração deveriam acompanhar suas admoestações e encorajamentos. Também devemos lembrar que Paulo escreveu suas epístolas sob a inspiração do Espírito Santo. O Espírito dirigiu-o a incluir essas orações como parte das instruções pelas quais Deus queria que todos os crentes tivessem. Através do exemplo de Paulo, podemos aprender como chegar à verdadeira presença de Deus, com ousadia. As orações de Paulo também nos ajudam a receber as revelações da vontade de Deus em favor do seu povo, apresentando um padrão de oração digno de ser seguido. Quando entramos no espírito das orações de Paulo, ao estudá-las, é possível orar de modo significativo, juntamente com Paulo.

Orar as orações registradas de Paulo ajudam-nos a exprimir diante de Deus a parte mais profunda de nosso ser. Essas belas e inspiradoras orações introduzem-nos a um mundo completamente novo. Permitem-nos dar uma espiada nas profundezas da eternidade e, ao mesmo tempo, transportam-nos dos níveis mundanos e medíocres da existência cristã para as alturas da revelação divina. Todo crente que

deseja ter uma vida de oração eficaz será sábio se decorar as orações de Paulo e fazer delas uma porção contínua de suas devoções diárias (tenho feito isso pessoalmente, mantendo essa prática com grande vantagem e deleite, por mais de um quarto de século – *R. L. Brandt*).

Orando para Conhecer Melhor a Deus

A oração de Paulo pelos crentes efésios (Ef 1.15-21) expressa a mais sublime vontade de Deus para cada um de seus filhos. Tanto aqui como mais adiante na epístola, Paulo orou com grande unção, a fim de que os crentes efésios crescessem espiritualmente e se tornassem mais fortes, através da ajuda do Espírito Santo (Ef 3.16). Todos nós precisamos orar uns pelos outros – e por nós mesmos — para que haja uma maior operação do Espírito em cada um de nós.

> Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e a vossa caridade para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós lembrando-me de vós nas minhas orações; para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro (Ef 1.15-21).

Com a introdução formada pelas palavras "pelo que", Paulo estava se referindo a alguns versículos anteriores — versículos esses que contêm três bênçãos espirituais que pertencem aos crentes através de Cristo. A primeira delas diz: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça" (Ef 1.7). A segunda dessas bênçãos estipula: "Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade" (Ef 1.11). E a terceira declara: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (Ef 1.13). Redimidos, escolhidos para dar louvores a Deus (Ef 1.12) e então recebedores do Espírito Santo prometido, essas são as verdades que Paulo queria que os crentes efésios compreendessem e que agissem de acordo com elas.

Os crentes de Éfeso, por quem Paulo estava orando, provavelmente tinham sido adoradores da deusa Diana (At 19.23-34). Sem dúvida, na qualidade de pagãos, os efésios tinham feito orações a essa deusa. Mas agora tudo isso havia mudado, e que contraste devem ter sentido ao verificar que Paulo, nas suas petições, dirigia-se ao "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória" (Ef 1.17)! Fazemos bem em identificar o Deus a quem oramos, dirigindo-nos a Ele conforme Ele é descrito pelos autores inspirados das Sagradas Escrituras.

De imediato, deparamo-nos com algo que soa como um mistério: Jesus não é Deus? Inquestionavelmente, a Bíblia assim o declara (Mt 1.23; Jo 20.28; Hb 1.8). Mas embora Jesus seja realmente o Filho de Deus e, conseqüentemente, o próprio Deus, Ele é ao mesmo tempo o Filho do Homem e, por conseguinte, é tanto divino quanto humano. Em outras palavras, Ele traz em si mesmo um conjunto completo de qualidades divinas e um conjunto completo de qualidades humanas, de tal maneira que um conjunto de qualidades não interfere no outro. Foi a partir da perspectiva humana que Jesus orou a Deus Pai. Sua entrada no nível humano (Fp 2.5-8) requeria que Ele orasse nesse mesmo nível humano (exemplos de suas orações como homem aparecem no capítulo 7 deste livro).

Havendo estabelecido a identidade daquEle a quem dirigia suas orações, Paulo passou da identificação para a afirmação do caráter: "o Pai da glória". "Glória" é mais do que mero brilho ou resplendor. Envolve tudo quanto Deus é — sua natureza, seu caráter, seu Ser. Dar glória a Deus não transmite a Ele algo que Ele já não tenha. Pelo contrário, é o reconhecimento da honra que lhe pertence por direito (Is 42.8,12). "Glória" é a essência insondável de Deus, que o torna digno de todo o louvor. Quando alguém discerne a glória de Deus, mesmo que seja num grau limitado, a oração do crente entra em dimensões completamente novas (veja Êx 33.18–34.8). A esse Deus gloriosíssimo, e somente a Ele, Paulo dirigia suas petições, sabendo que Deus era inquestionavelmente capaz de responder aos profundos anelos por ele expressados.

A oração de Paulo pelos crentes efésios pode ser sumariada de forma bem simples: "Deus, leva-os a compreenderem". O próprio Paulo exprime o peso do seu coração nessa oração. Há uma relação discernível entre a experiência de um crente e suas preocupações. Aquilo que Paulo tinha experimentado, desejava que outros também o experimentassem. Ele havia conhecido a realidade eterna através do "espírito de sabedoria e de revelação". Os olhos do seu entendimento tinham sido iluminados, de modo que podia conhecer a esperança do chamamento de Deus, a herança que Deus

contempla para o seu povo (incluindo Paulo) e o poder disponível para obter esses fins gloriosos. Paulo queria que seus amigos de Éfeso tivessem a mesma experiência, portanto orava para que Deus lhes desse "o espírito de sabedoria e de revelação", de maneira a virem a conhecer melhor o Pai da glória.

Quer a palavra "espírito" se refira ao Espírito Santo quer ao espírito humano "de sabedoria e de revelação" é algo que tem sido motivo para debates. Contudo, qualquer que seja a interpretação a ser seguida, o certo é que o espírito humano, quando posto em movimento pelo Espírito Santo, experimenta a sabedoria e a revelação espirituais. "Sabedoria" significa mais do que o julgamento ou a intuição derivada do processo mental humano, não importando o quão brilhante isso possa parecer. Essa é a sabedoria divina, tal como Isaías previra para a vinda do Messias: "E repousará sobre ele o espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor" (Is 11.2).

Enquanto a sabedoria resulta num julgamento correto, a revelação resulta num conhecimento correto. A revelação tem dois aspectos: o aspecto divino e o aspecto humano. Em relação a Deus, é o desvendar de um conhecimento exclusivamente da competência divina. Em relação aos seres humanos, é a aplicação da faculdade do discernimento a essa verdade espiritual desvendada. O desejo de Paulo, em apresentar os efésios ao Deus de toda a sabedoria, conhecimento e poder, inspirou sua eloqüente oração.

Do mesmo modo que inspirou a Paulo, Cristo anela por inspirar à sua Igreja o mesmo desejo apaixonado por um conhecimento mais completo de Deus. Não podemos ter mais confiança de que estamos orando conforme a vontade de Deus do que quando, juntamente com Paulo, pedimos para nós e para os nossos companheiros crentes, que tenhamos uma maior compreensão e conhecimento do Deus Todo-poderoso. Esse conhecimento está inteiramente fora da apreensão da natureza humana. "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2.14). No entanto, essa revelação divina pode ser recebida por qualquer um que esteja disposto a reconhecer a existência de um Deus que se comunica com os homens. "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Co 2.12). Somente Deus pode nos dar os olhos de um vidente. "Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem,

são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Co 2.9,10).

Em outras palavras, a obtenção desse conhecimento de Deus não é questão de dura labuta mental. Considere a observação de A. W. Tozer: "Os ensinamentos do Novo Testamento são que Deus e as coisas espirituais só podem ser finalmente conhecidas mediante a direta operação de Deus dentro da alma do crente. Por mais que o conhecimento teológico possa ser ajudado por meio de figuras e analogias, a pura compreensão de Deus somente vem pela consciência espiritual de cada um. O Espírito Santo é indispensável" (A. W. Tozer, *That Incredible Christian*, Calcutá: Evangelical Literature Depot, 1964, p. 91).

Infelizmente, a própria Igreja tem forçado o sentido do termo "revelação". Por isso o uso dessa palavra, na maioria das vezes, provoca suspeita e desconfiança. Quantas divisões, quantas tristezas, quantas angústias, quantas inquietações, quantas brigas e quantas ruínas têm sido provocadas na Igreja por parte daqueles que abusam desse dom divino! Mas rejeitaremos as revelações divinas somente porque os charlatães empregam uma falsificação para atingir seus próprios objetivos? Certamente que não! Pelo contrário, isso deveria intensificar nossos esforços para conhecer por experiência própria o que o charlatanismo tenta imitar.

Sendo assim, como devemos entender a intenção de Paulo ao fazer aquela petição a Deus? Paulo quis dar a entender que devemos dar preferência a um conhecimento obtido mediante revelação do que aquele alcançado por meios comuns. De que devemos chegar a um conhecimento revelado por meio de um ato de Deus, através do seu Espírito. De que temos uma percepção espiritual aguçada pelo Espírito, de modo que possamos reconhecer o verdadeiro do falso. Quão grande é a nossa necessidade por revelações genuínas! Sem elas, vemos apenas o contorno de um corpo nas sombras; com elas, quase conseguimos vê-lo face a face. Sem elas, ficamos sabendo a respeito dEle; com elas, verdadeiramente o conhecemos. Sem elas, Ele parece muito distante; com elas, percebemos que Ele está gloriosamente perto. As revelações traduzem a diferença entre a ortodoxia fria, morta e a espiritualidade viva e calorosa.

A frase limitadora "Em *seu* conhecimento" (Ef 1.17) não abre espaço para o que é estranho ou espúrio. Fronteiras muito bem definidas são demarcadas, dentro das quais o conhecimento revelado torna-se válido: (1) Para que você possa conhecer "a esperança da sua vocação"; (2) "as riquezas da glória da sua herança nos santos"; e (3) "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos" (Ef 1.18,19).

Mas Paulo leva sua petição ainda mais adiante: "Iluminados os olhos de vosso coração" (Ef 1.18, ARA). O coração, na linguagem dos hebreus, incluía a mente e o entendimento. Nossa compreensão natural não pode discernir ou entender por si mesma as verdades espirituais. Mas tendo os olhos do "coração" ("entendimento", ARC) iluminados, despertados pelo Espírito Santo, recebemos genuínas revelações de Deus. Não se trata de algum misterioso e oculto ato de desvendar daquilo que antes era desconhecido, mas sim de uma dinamização da verdade já revelada na Palavra, contudo ainda não compreendida pela consciência espiritual do crente. Todos nós, por uma razão ou outra e num grau ou outro, somos muito parecidos com o povo de Israel, a respeito de quem foi dito: "E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles" (2 Co 3.15). Ou então nos assemelhamos aos discípulos em Emaús, cujos olhos "estavam como que fechados, para que o não conhecessem" (Lc 24.16).

Não há em nenhuma dessas elevadas petições qualquer indício de interesse ou ambição por algo que traga gratificação aos sentidos humanos. Contudo, percebemos o sentimento de alguém tão arrebatado por uma percepção dada por Deus sobre o futuro dos crentes, que seu maior desejo é compartilhar com todos a promessa revelada das bênçãos vindouras. Paulo contemplara o outro mundo de uma maneira tal, que raramente outros mortais chegaram a ver (2 Co 12.1-4), e almejava ardentemente que os outros crentes, pelo Espírito Santo, também viessem a ter um vislumbre das gloriosas probabilidades que estão para acontecer. O quanto precisamos orar com Paulo para chegarmos a esse fim!

Recebendo a Plenitude de Deus

Que inspiração recebemos ao comparar as circunstâncias exteriores vividas pelo apóstolo Paulo com o conteúdo de suas orações! Quando escreveu a epístola aos Efésios, Paulo estava preso em Roma (Ef 3.1,13). Mesmo tendo o privilégio de receber visitantes e de poder movimentar-se com alguma liberdade, Paulo vivia constantemente sob vigilância. Não o censuraríamos se tivesse orado por sua completa libertação. Contudo, estava mais preocupado em libertar as pessoas do pecado e ajudá-las a crescer espiritualmente. Suas próprias restrições físicas eram nada, em comparação com a escravidão daqueles que estavam sem Cristo.

> Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as riquezas da sua glória, vos

> conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus (Ef 3.14-19).

Nessa segunda oração de Paulo pelos efésios, observamos uma progressão ascendente, indo passo a passo até atingir o estágio final de sermos "cheios de toda a plenitude de Deus". Em nenhuma outra passagem, a paixão de Paulo pelo progresso espiritual da Igreja está mais claramente evidente do que nesta. Suas petições não somente indicam seus acalentados objetivos, mas também mostram sua inquestionável convicção de que somente através da capacitação divina tais objetivos podem ser alcançados. Enquanto não orarmos com semelhante convicção, buscando a mesma capacitação divina, ficaremos aquém das gloriosas alturas que Deus tenciona para cada um de nós.

A frase "me ponho de joelhos" (Ef 3.14) pode ser entendida de duas maneiras diferentes: (1) Paulo estava falando sobre a sua postura física enquanto orava; e (2) ele estava descrevendo a atitude do seu coração na presença de Deus. Em algumas culturas, as pessoas mostram respeito por aqueles que estão em posição de superioridade ficando de pé na presença deles, em vez de permanecerem sentadas. Em outras culturas, prostrar-se ou ajoelhar-se é a posição corporal apropriada na presença de pessoas de grau mais elevado. Deveria Deus ser tratado com menor respeito do que um mortal semelhante a nós? Todavia, é possível que Paulo não estivesse tão preocupado com a postura do seu corpo tanto quanto estava com a atitude do seu coração. Sem importar qual seja o caso, ajoelhar-se na presença do Senhor sugere uma oração deliberada e séria, por estarmos nos aproximando de Deus com reverência e santo temor.

Considerando que em sua oração anterior (Ef 1.17) Paulo identificou Deus como "o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória", sua identificação aqui simplesmente diz: "O Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome" (Ef 3.14,15). Com isso Paulo está enfatizando a comunidade inteira dos crentes devotos, sem importar se já estão no céu ou se ainda permanecem na terra, de modo que formam uma única família, que recebe o seu nome do próprio Deus e que olha para Ele como o Supridor de todas as suas necessidades.

> Todas as quatro petições desta oração estão inter-relacionadas e cada uma delas enfatiza a anterior. Apesar de esperarmos progredir através dessas quatro petições numa tacada só, isso é tão impossível quanto querer avançar da infância à idade adulta num único dia. "A criança tem de crescer gradualmente, passo a passo, pois não há nenhum 'elevador de cadeirinha' que a leve rapidamente da base para as gloriosas alturas da montanha do conhecimento... Três desses estágios são introduzidos pelas palavras 'para que' e um deles com a locução 'a fim de que', e cada uma dessas expressões aponta novamente para as condições que tornaram possível o estágio seguinte na subida. Não há como negligenciar nenhum dos estágios e nem há como subir apenas meio estágio de cada vez. Cada estágio é necessário para aquele que lhe fica imediatamente acima e está na dependência do estágio que lhe fica imediatamente abaixo" (Brandt, *Praying With Paul*, p. 55).

A primeira petição nesta oração de Paulo encontra-se em Efésios 3.16: "Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior". "Segundo" (no grego, *kata*) é um termo que aparece pelo menos quinze vezes somente na epístola aos Efésios, e nesse versículo sugere um meio de estabelecer medidas. Em outras palavras, a capacidade de Deus em prover a subsistência do homem interior é medida pela vastidão de seus próprios recursos, de suas próprias riquezas e glórias. Esse meio celestial de permuta não pode ser comparado com nenhum outro meio terreno de trocas e nem a moeda corrente deste mundo pode fornecer os recursos necessários para contentar o homem interior. As riquezas do Deus Todo-poderoso não são medidas em termos de ouro, mas em termos de glória. O ouro pode satisfazer as necessidades do corpo físico, que perece, mas somente a glória pode atender as necessidades da alma, cujo destino é a eternidade. Tudo de que o homem interior precisa está disponível "segundo as riquezas [sem limites] da sua glória". Portanto, Paulo reivindicou aqui tudo quanto o seu ser interior poderia precisar. Sua confiança de que receberia mais do que o suficiente para ir de encontro às suas necessidades repousa na existência das inexauríveis e gloriosas riquezas de Deus. Hoje, temos o privilégio de fazer a mesma reivindicação.

Para o apóstolo Paulo, a oração era o único meio de juntar o suprimento — as gloriosas riquezas de Deus — com a avassaladora necessidade do homem interior. O apóstolo estava especialmente cônscio de uma determinada faceta dessas gloriosas riquezas: o poder de Deus. O crente é fortalecido por meio do miraculoso poder transmitido pelo Espírito de Deus.

A segunda petição está na primeira parte de Efésios 3.17: "Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações". A petição anterior eleva-nos a este degrau na escadaria que conduz à plenitude de Deus. O verbo "habite" (no grego, *katoikeo*) significa "estabelecer um lar", "estabelecer-se para ficar" ou "viver de modo permanente". Até que Cristo forme seu lar permanente em nossos corações, pouco progresso haverá em relação ao amor na dimensão de "toda a plenitude de Deus". "Pela fé" não foram palavras incluídas aqui por mero acidente. "Todas as relações entre o homem e Deus repousam sobre esse sólido e firme fundamento. Por sua própria fé, Abraão habitou em tendas; pela nossa fé, Cristo habita em nossos corações" (ibidem, p. 59). A realidade de Cristo a habitar em nossos corações não se alcança por esforço e determinação humanos, mas ocorre somente quando o Espírito Santo a realiza em resposta às nossas orações.

A terceira petição acha-se na última metade de Efésios 3.17, continuando até o fim do versículo 19. "A fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Talvez ainda não tenhamos percebido, mas estamos diante da oração de um grande apóstolo que, na sua própria busca de Deus, deixou para trás as baixas terras da mediocridade espiritual e subiu ao monte do discernimento e revelação espirituais. E do alto da montanha, afastado do mundo lá em baixo, o apóstolo ficou admirado com a visão quase indescritível do seu Deus magnificente. Agora a visão de Paulo não estava mais limitada. Ele vira a Deus em toda a sua glória e beleza inefáveis. Nunca mais encontraria satisfação ao sopé da montanha. E nem podia, egoisticamente, ficar banqueteando-se sozinho em seu presente estado, pois com todo o seu ser desejava que a mesma bênção fosse usufruída por todos os crentes. E assim, ele orava com paixão.

Esse terceiro passo flui naturalmente do segundo, pois quando Cristo está à vontade em nosso homem interior, ali também habita o seu amor, abrindo diante de nós horizontes ilimitados. O amor é, ao mesmo tempo, o solo fértil da alma e a base das nossas realizações espirituais.

"Compreender" (no grego, *katalambano*) significa "tomar com impaciência", "agarrar", "tornar para si", "possuir". O amor é a força que nos capacita e habilita. Sem o amor, nossos membros espirituais ficam atrofiados. Não conseguimos subir até atingir as alturas onde a plenitude de Deus é experimentada. Podemos contemplar essas alturas à distância, com olhos anelantes, mas como a extremidade

indefinível de um arco-íris, essas alturas estão além do nosso alcance. Nossa visão limitada de Deus é a nossa maior desvantagem. A grandeza de Deus pode estar brilhando diante de nós, como se fora um imponente mas distante pico montanhoso, mas dificilmente teremos posto o pé em suas proximidades. Contudo, tanto Deus quanto Paulo nos acenam lá de cima, convidando-nos a escalar o monte.

O que é, portanto, essa realidade em quatro dimensões (largura, comprimento, altura e profundidade), que tanto nos atrai? Quase certamente, é algo que está oculto de nossa visão natural. Está muito além da compreensão daquele que não conhece a Deus através de Jesus Cristo, de uma maneira pessoal e real. Alguns têm conjecturado que o amor divino é o incomensurável aspecto de Deus, que o Espírito Santo quer que compreendamos. Sem dúvida, isso faz parte de nossas reflexões sobre o texto e, muito embora a própria declaração que o texto encerra destaque o amor em si mesmo ("e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento"), o contexto dificilmente permite essa conclusão. Ainda que não haja dúvidas de que Deus deseja que seus filhos cresçam em amor, já que Deus é amor, erramos quando pensamos que compreendemos a Deus se sabemos algo sobre o amor. "Além do amor de Deus, mas abrangendo-o inclusive, está a sua própria plenitude — a largura, o comprimento, a altura e a profundidade dEle — tudo quanto Ele mesmo é" (ibidem, p. 59). Foi isso o que Paulo tinha descoberto ao orar. E essa era a sua grande preocupação em suas orações pela família de Deus.

Nesta oração de Paulo, deparamos com a sua quarta e última petição na segunda metade de Efésios 3.19: "Para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus". Aí está o cume da montanha! Depois que o nosso homem interior foi fortalecido com o seu poder por meio do Espírito Santo, depois que Cristo fixou residência em nossos corações e depois de termos começado a possuir a gloriosa plenitude de Deus, somente então é que o mais elevado pico na experiência cristã torna-se nossa propriedade. As planícies com sua tênue inclinação, agora estão distantes. Mais um e último passo e alcançaremos o cobiçado alvo: sermos cheios com a plenitude de Deus. Isso é algo sem limites. Esse é o brilhante cume montanhoso, que está acima das nuvens — a mais elevada altura de todas. Ninguém pode buscar um tesouro mais precioso do que esse. Em comparação com isso, quão completamente insignificantes são os tesouros terrestres. Entretanto, note que tal como no caso da luz de Deus que brilha em nossos corações, "temos... este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós" (2 Co 4.7).

Em que consiste essa plenitude, na qual devemos fixar a nossa visão e orientar nossas mais fervorosas orações? Consiste na conformidade com a imagem do Filho de Deus. Pois acerca dEle está escrito: "Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele [em Cristo] habitasse" (Cl 1.19). E também: "Porque nele [em Cristo] habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade" (Cl 2.9,10). Nada mais da plenitude e da natureza de Deus poderia ter tomado a forma humana e nem poderia haver outra maneira de Deus se revelar mais plenamente às suas criaturas, porquanto Jesus é "a expressa imagem da sua [de Deus] pessoa" (Hb 1.3), a própria expressão da substância divina.

Orando por um Amor mais Profundo

Tão certamente quanto as marés oceânicas são influenciadas pela lua, assim também nosso comportamento e nossos hábitos são influenciados pelas nossas orações. A oração é muito mais do que uma forma de terapia espiritual. Seu propósito é muito mais elevado do que um mero senso de bem-estar. Em sua forma mais pura, é a vontade de uma pessoa elevando-se ao nível da vontade de Deus. É nessa união que podemos realizar a vontade dEle. A vontade de Deus para com todos os crentes não poderia ter sido estabelecida com maior clareza do que o foi nesta oração.

> E peço isto: que a vossa caridade abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento. Para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo; cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (Fp 1.9-11).

A vontade de Deus para com os crentes filipenses e para conosco é o amor *agape* — o amor em sua forma mais pura e elevada, embora ainda em sua infância e, conseqüentemente, imperfeito. Diferente do amor *philos* ("afeição" ou "apego" e, às vezes, "que tem pouca profundidade"), o amor *agape* é derramado "em nossos corações pelo Espírito Santo" (Rm 5.5) e somente dEle obtém sua nutrição. A verdade é o seu tutor; a sabedoria, o seu guia. As tentações lançadas por Satanás não podem destruí-lo e nem as atrativas palavras de um amante falso podem fazê-lo hesitar. Esse amor tem um potencial que nem podemos imaginar. Foi o amor *agape* que impulsionou a oração de Paulo, tal como deveria motivar as nossas orações. O apaixonado coração de Paulo desejava seu superabundante e contínuo crescimento, sabendo que onde abunda o amor, aí predominam todas as boas obras.

As palavras "em ciência e em todo o conhecimento" deveriam ser tratadas como uma unidade, visto que juntas representam uma qualidade composta de amor. Procurar separar a ciência e o conhecimento é como tentar separar irmãos siameses, pois são praticamente idênticos.

"Ciência" (no grego, *epignosis*) é uma forma intensificada de *gnosis* e indica um conhecimento completo, uma maior participação do conhecedor no objeto conhecido, o que o influencia mais poderosamente. Paulo parece ter em mente uma sensibilidade espiritual, uma espécie de sexto sentido espiritual. A palavra grega *aisthesis*, traduzida aqui por "conhecimento", encontra-se somente neste versículo em todo o Novo Testamento. Significa "percepção", "discernimento", "experiência moral". Envolve a compreensão moral que intuitivamente percebe o que é certo e inconscientemente se afasta daquilo que é errado. Através dessa percepção, uma pessoa se enriquece em cada experiência moral vivida. Sensibilidade espiritual e discernimento são as nossas necessidades supremas. Sem essas qualidades, facilmente nos encontramos entre aqueles que "ao mal chamam bem, e ao bem mal; que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade; e fazem do amargo doce, e do doce amargo! Ai dos que são sábios a seus próprios olhos, e prudentes diante de si mesmos!" (Is 5.20,21). Mas dotados desse senso espiritual e desse discernimento, juntamo-nos às fileiras daqueles que, "em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal" (Hb 5.14).

Sem a sensibilidade espiritual e sem o discernimento conferidos pelo Espírito Santo, somos incapazes de aprovar as coisas excelentes. Portanto, a oração de Paulo de que "a vossa caridade abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento" antecede sua oração "para que aproveis as coisas excelentes". "Aproveis" (no grego, *dokimazo*) indica algo mais do que a mera compreensão. Consiste em descobrir o que há de melhor em algo para aceitá-lo com aprovação, depois de ter sido testado (como o metal) e verificado a sua superioridade.

Entretanto, uma coisa é discernir o certo do errado, outra inteiramente diferente é agir com base nesse julgamento: A aprovação das coisas excelentes é visivelmente manifestada pelo desempenho, sendo que a aprovação também traça o curso desse desempenho. Em outras palavras, a aprovação do que é melhor nos impulsiona a realizar o melhor. Sem a capacidade de discernir ou de descobrir o que é melhor, também não haverá capacidade de realizar o que é excelente. O amor *agape*, conforme percebeu Paulo, era muito superior a qualquer excelência aprovada pela lei

(Rm 2.18), porquanto capacitava o seu possuidor a sentir e a discernir o que agradaria ao objeto do seu amor, vindo em seguida a realização da ação (o que a lei não podia fazer). A lei gritava: "Eis aqui a regra; cumpri-a ou morrei!" Mas o amor sussurra: "Eis aqui o princípio. Prefiro morrer do que não o cumprir!"

A excelência espiritual compõe-se de muitas virtudes, sendo a pureza a primeira delas. A palavra "puros" (no grego, *eilikrines*, que na ARC e na ARA foi traduzida por "sinceros", Fp 1.10), de acordo com alguns lingüistas, significa, literalmente, "testado pela luz do sol". Em outras palavras, temos uma pureza moral e ética que pode ser examinada sob a mais forte luz, sem, contudo, exibir um único defeito ou imperfeição. Também significa "sem mistura", "livre de impurezas". É igualmente usada para indicar algo feito com sinceridade, isento de motivos errados, egoístas ou dissimulados. O mundo tem sua maneira de detectar a impureza e a falta de sinceridade. Outro tanto se pode dizer em relação a Deus. Coisa alguma possui uma voz tão discordante e provoca mais desdém do que a falta de sinceridade. No entanto, a pureza, combinada com a sinceridade, é a rainha das virtudes, a mãe de todo o respeito. Sua fonte é o amor. Que a pureza e a sinceridade reinem, pois assim tanto Deus como as outras pessoas estimarão e honrarão a pessoa que as demonstrar.

A pureza tem um nobre irmão gêmeo: a inculpabilidade. "Inculpáveis" (no grego, *aproskopos*, Fp 1.10, ARA) descreve um relacionamento ideal que não causa ofensa, um relacionamento basicamente entre nós e Deus. O amor *agape*, que é rico na percepção espiritual e no discernimento, remove todas as barreiras e nos impede de causar ofensa ou escândalo. Onde houver amor, a ofensa é tão prejudicial ao ofensor quanto ao ofendido. Evitar ofensa ou escândalo, por ser inculpável, é que é ser realmente justo.

A impureza, a falta de sinceridade e a ofensa não podem produzir os frutos da justiça. Mas se combinarmos a pureza e a sinceridade com um espírito inculpável, que não causa escândalo, teremos então um coração que não pode produzir nenhum fruto mau. Essa oração de Paulo atinge seu glorioso clímax com o pronunciamento do propósito para o qual a oração foi direcionada desde o seu início: "Cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus" (Fp 1.11). O fruto denota o caráter da pessoa e não o serviço que ela presta:

> Ao longo do Novo Testamento, há uma distinção quase uniforme entre *obras* e *fruto*. As primeiras apontam para o serviço, ao passo que o fruto aponta para o caráter. Por conseguinte... o fruto refere-se não àquilo que fazemos, mas àquilo que somos; não à atividade cristã, mas à nossa semelhança com Cristo; não ao nosso

> relacionamento com as outras pessoas, mas à condição de nossas almas (W. Graham Scroggie, *Paul's Prison Prayers*, Grand Rapids: Kregel Publications, 1981, p. 33).

A esta altura, podemos ser levados a protestar: "Havendo alvos tão elevados, como posso atingi-los? Como posso ter o amor *agape*? Como posso aprovar as coisas excelentes? Como posso ser moral e eticamente puro e sincero de maneira a não causar escândalo a ninguém? Como posso ser cheio dos frutos da justiça?" Só existe uma resposta. Comece a orar conforme Paulo orou:

> E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo. E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte; para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dos mortos (Fp 3.8-11).

À primeira vista, esta passagem pode não ser percebida como oração. Contudo, ela faz tocar a doce música do mais elevado propósito da vida. Expressar o desejo de conhecer a virtude da ressurreição de Cristo e a comunicação de suas aflições é, realmente, orar. A alma que compreende aqui todo o significado dessas palavras de Paulo, pode ser tomada por um profundo sentimento de estar sendo submetida ao mais rigoroso escrutínio. Coisa alguma expõe as imperfeições de um crente como as perfeições de outrem. Ninguém provoca mais ciúmes do que aquele que se porta com excelência.

O exemplar apóstolo Paulo estava sob observação. Um jato de luz focalizava todos os recessos de sua vida. Todo aquele que ousa pisar dentro dessa luz imediatamente toma consciência de sua própria pobreza espiritual. Quem jamais declarou tão minuciosa expressão de desejo e, ao mesmo tempo, tão óbvia desconfiança de suas próprias realizações? Eis uma cena quase que por demais sagrada para os nossos tímidos corações: uma poderosa alma no catre, mas compondo tão provocantes confissões que piscamos de vergonha, admirados diante de nossa própria complacência. Sinta a intensidade do seu clamor: "Para ver se de alguma maneira posso chegar..." (Fp 3.11) "Não que já a tenha alcançado..." (Fp 3.12) "Não julgo que o haja alcançado..." (Fp 3.13)

Num único momento, descobrimos as nossas próprias deficiências. Podemos ter ficado tão completamente absortos com as experiências e realizações do passado, que nem ao menos consideramos a possibili-

dade de que ainda não chegamos à perfeição. E agora, pensando bem, não somente reconhecemos que temos agido como se já tivéssemos alcançado a perfeição, mas descobrimos também que desembarcamos no porto errado! No entanto, em plena inspeção encontra-se o principal dos apóstolos (2 Co 11.5; 12.11), o mais poderoso dos santos, e eilo completamente cônscio de avassaladoras falhas pessoais (1 Tm 1.15). Sem dúvida, essa é a marca identificadora da grandeza, quando demonstramos nossa estatura espiritual pelas nossas atitudes para com o passado e pelas nossas esperanças em relação ao futuro.

Para o apóstolo Paulo sempre havia mais alguma coisa. Havia algo além da revolucionária experiência na estrada de Damasco e até mesmo algo mais do que a realidade da rua Direita. Havia um deserto da Arábia permeado de revelações e, depois disso, uma vereda reta que se elevava sempre na direção de um conhecimento insondável do poder da ressurreição de Cristo. Contudo, quando Paulo contemplava o seu Senhor, ele sabia que sempre haveria algo mais. Já havia sofrido, mas não do modo como o seu Senhor sofrera. Paulo sabia o que era mortificar-se, mas ainda estava longe de ser como Ele na sua morte. Portanto, Paulo só sentiria que havia chegado à perfeição depois de ter cumprido todo o percurso. Uma volta na corrida ainda não era a vitória. Reservara o seu grito de júbilo somente para depois de haver completado a última volta da corrida.

Diferente de Paulo, a maioria dentre nós vitima-se a si mesmo com um mundo de sonhos. O cântico de nossas almas diz: "Se estou sonhando, deixai-me sonhar". E enquanto algo drástico não acontece, contentamo-nos em ficar sonhando. Precisamos ser sacudidos para voltar à realidade, para que não continuemos a sonhar nossos fantásticos e nocivos sonhos. Sentir que já temos alcançado a perfeição exclui toda a possibilidade de maiores avanços.

O fato é — e isto pode ser afirmado sem medo de haver qualquer exceção convincente — que nenhum de nós jamais "alcançou" a perfeição. Para além de nós há mais, mais do que olhos ou ouvidos jamais viram ou ouviram, mais do que qualquer sábio jamais disse. Na mente espiritualmente iluminada de Paulo, conhecer a Cristo, a "virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições" (Fp 3.10), eram atributos da maior importância entre todas as relações espirituais. Fazemos do conhecer a Cristo algo por demais casual e, assim, admitimos o quão pouco o conhecemos. Enganamo-nos ao considerar uma simples apresentação da sua Pessoa como se fora o completo conhecimento dEle. Temos sido vítimas inconscientes de uma deplorável ignorância. Mas há um meio de sairmos dessa situação. É orarmos com o absoluto e inflexível propósito de coração como Paulo o fez: "Para que possa ganhar a Cristo. E seja achado nele" (Fp 3.8,9).

Mas o que significa "ganhar a Cristo"? "Ganhar" (no grego, *kerdaino*) é a mesma palavra traduzida por "ganhar" em Mateus 16.26: "Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?" Quando o crente ganha a Cristo, ele se apropria de Cristo de tal maneira, que o gentil Mestre se torna o poder preeminente em todo o seu ser e sobre todas as circunstâncias de sua vida.

Uma e somente uma coisa era contada como "ganho" para Paulo. Tudo o mais era perda, era "esterco" (Fp. 3.8). O verdadeiro valor na vida nada tinha a ver com a linhagem de Paulo, da qual ele podia se orgulhar, ou com a sua nobre formação religiosa, ou com a sua educação sob o famoso rabino Gamaliel, ou com o seu conhecimento superior, ou com o seu zelo e feitos sem paralelo, ou ainda com a sua retidão aparentemente sem falha. Tudo isso não passava de enfeite, de ouro dos ignorantes, comparado com a maior riqueza que ele havia encontrado: "Pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (Fp 3.8). Ganhar a Cristo, nas próprias palavras inspiradas de Paulo, significava ser "achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé" (Fp 3.9). Usando outras comparações bíblicas para esse relacionamento, ganhar a Cristo significa estar ligado a Ele como o Cabeça (Ef 4.15), casado com Ele como o Esposo (Jo 3.29) e estar edificado sobre Ele como o firme fundamento (1 Co 3.11).

Não pode haver conhecimento íntimo de Cristo, enquanto houver a menor parcela de dependência a qualquer outra coisa. Paulo sabia disso, mas nós não. Esse é o nosso perpétuo campo de batalha e a deslumbrante razão de nosso crescimento espiritual a passo de lesma. Lutamos constantemente contra a tendência humana de sentir prazer em nossa própria justiça. Tentamos ganhar a Cristo oferecendo os indignos cupons de nossa hipocrisia, em vez de dependermos da moeda corrente do tesouro celestial, a justiça de Cristo.

"Ganhar a Cristo" não é um ato que se possa fazer uma única vez na vida. É tão fácil voltarmos às bem conhecidas veredas do passado, começar direito e terminar errado, começar no Espírito mas tentar aperfeiçoar-se na carne (Gl 3.3). Juntamente com Paulo, também devemos praticar com esmero a "consideração". "E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas... e as *considero* como esterco" (Fp 3.8). Considerar de outro modo é atrair a infelicidade, é nos alienarmos dEle. No momento em que começamos a considerar nossa própria vida direita, nossa fidelidade à igreja, nossos atos de benevolência, a maneira como evitamos certos males — a partir desse momento, uma cunha é colocada entre nós e Ele, a qual somente é tirada quando nos arrependemos e a nossa "consideração" for corrigida.

Ganhar a Cristo é um pré-requisito absoluto para o conhecermos. A segunda petição dessa grande oração depende estritamente da primeira. "Para conhecê-lo" (Fp 3.10) temos de fazer dEle o Senhor de nossas vidas. O "conhecer" sobre o qual Paulo falava e na direção do que se esforçava por alcançar, vai muito além da usual compreensão mental que temos. É mais do que recontar os mais elevados atos de Cristo e seus mais nobres feitos, mais do que a familiaridade com os fatos de sua vida, mais do que a convicção intelectual de sua realidade, mais do que o conhecimento mediante o ouvir e o ler. É a identificação com o próprio poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos. É a identificação com os próprios sofrimentos e aflições por que passou. É a identificação com Jesus ao ponto de nos unirmos com Ele na sua morte.

À primeira vista, parece haver uma estranha ordem de apresentação no manifesto desejo de Paulo em conhecer a Cristo: "Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições... para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dos mortos". Não obstante, há uma lógica nessa seqüência. Esse é o caminho pelo qual Cristo palmilhou. Podemos discernir suas pisadas em cada estágio e, tendo feito a viagem com o apóstolo Paulo, encontramo-nos de pé juntamente com o apaixonado apóstolo a contemplar aquEle cuja face estava voltada para o Getsêmani, para uma sala de julgamento, para um pelourinho, para um madeiro maldito, para um túmulo num jardim e, finalmente, para a manhã da páscoa! Por conseguinte, clamamos juntamente com Paulo: "Quero conhecer a Cristo". A ressurreição foi o clímax do ministério de Jesus. Mas antes de Ele ressuscitar, Ele morreu. E antes de morrer, Ele sofreu. E antes de sofrer, Ele havia vivido e ministrado pelo poder da ressurreição. Não foi Ele quem disse: "Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai"? (Jo 10.17,18)

"Quero conhecer a Cristo" era, realmente, a essência de todas as orações de Paulo. Todas as suas outras petições eram apenas facetas dessa grandiosa oração. A ignorância é o oposto direto do conhecimento. É a nossa ignorância que nos aliena da vida de Deus. A pessoa que não conhece a Cristo é a maior perdedora. Paulo descreve tais pessoas como "entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração" (Ef 4.18). Paulo não queria tomar parte nessa ignorância espiritual, mas queria conhecer a Cristo. Compreendia que conhecer a Cristo é participar da própria vida de Deus e que

conhecer o poder da ressurreição de Cristo é participar da vida mais abundantemente.

Parece que um número demasiadamente grande de crentes tem permanecido muito aquém das coisas mais sublimes e melhores que Deus tem para nós. Aparentemente, todos nos contentamos com o mais débil pulso espiritual. No entanto, quantos de nós conhecem a virtude ou o poder da ressurreição de Cristo? Quase nem sabemos que tal coisa existe, muito menos dizer que a conhecemos em sua real operação.

"A virtude da sua ressurreição" é a mais poderosa manifestação da onipotência, pois em sua base está o princípio da própria vida. Esse poder encontra seu solo mais fértil no vale da morte. De fato, isso não pode ser nem demonstrado nem plenamente experimentado sem ocorrer a morte. Mas estar morto sem isso é estar eternamente morto. Paulo desejava percorrer o mesmo caminho que seu Senhor tinha percorrido. Contudo, percebeu que, para fazê-lo, teria de ter o mesmo poder. Sem isso, ele não podia ter a comunhão com os sofrimentos de Cristo, nem amoldar-se à sua morte e nem atingir a sua ressurreição. E nem nós o podemos!

Da "virtude da sua ressurreição" avançamos para "a comunicação de suas aflições". Que tremenda oração é essa! Humanamente falando, empreendemos todos os esforços para evitar e escapar de sofrimentos e aflições. E tachamos de masoquista todo aquele que procura o sofrimento. Todavia, Paulo não era masoquista. Ele sabia que o sofrimento é necessário para a ressurreição — embora não todo o tipo de sofrimento, mas somente o sofrimento exemplificado pelo Salvador.

> Porque é coisa agradável, que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis, mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente (1 Pe 2.19-23).

Os sofrimentos de nosso Salvador podem ser facilmente identificados, pois eram sempre em favor dos outros e nunca por causa de suas próprias falhas ou pecados. Sempre eram de acordo com a vontade de Deus; sempre eram vicários; sempre eram redentores. Portanto, a comunhão que nos leva a participar dos sofrimentos de Cristo, envolve necessariamente sofrer segundo esse mesmo padrão e na direção desse mesmo fim. Podemos beber desse cálice? Estamos preparados a ser batizados com esse batismo? (veja Mt 20.22,23 e Mc 10.38,39).

Ousaremos nos alinhar com Paulo em sua oração? Sim, mas somente depois que os olhos do nosso entendimento forem iluminados pelo espírito de sabedoria e de revelação, para que, juntamente com Paulo e com o próprio Cristo, possamos ver o grande final de tudo.

O sofrimento introduz suas vítimas à morte. Chega mesmo a ajudar a preparar o indivíduo para a morte. Escreveu o autor da epístola aos Hebreus: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu" (Hb 5.8). E Paulo registrou que Jesus Cristo "humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz [a morte de um criminoso comum]" (Fp 2.8). Sofrer como Jesus sofreu possibilita-nos a morrer como Jesus morreu. Antes de começarmos a investigar, mesmo que superficialmente, o sentido da oração de Paulo de nos tornarmos como Cristo em sua morte, devemos examinar mais detidamente essa morte. Por certo, a morte que Paulo contemplava era algo mais do que a simples morte física. A morte física dificilmente é um alvo digno — e muito menos a morte por crucificação. Mas a "morte de Cristo" foi uma morte diferente. Muitas pessoas têm morrido e não poucas por crucificação. No entanto, ninguém morreu como Jesus morreu. A morte física foi a menor (embora importante) parte de sua morte. Foi apenas uma demonstração visível de algo profundamente espiritual e invisível. Ali estava o amor em seu objetivo final.

Como poderíamos explicar essa morte? Como poderíamos entendê-la? Preste atenção aos rogos de Moisés em favor do seu povo cheio de culpa e você obterá alguma noção do significado desse morrer: "Assim tornou Moisés ao Senhor, e disse: Ora, este povo pecou pecado grande fazendo para si deuses de ouro. Agora pois perdoa o seu pecado, se não risca-me, peço-te, do teu livro, que tens escrito" (Êx 32.31,32). A oração de Paulo para que se tornasse como Jesus em sua morte, já deveria ter sido experimentada, pelo menos em parte, quando escreveu sobre os judeus que tinham rejeitado a Cristo: "Porque eu mesmo poderia desejar ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne" (Rm 9.3). Em outras palavras, Paulo estava disposto a desistir de sua própria salvação e passar a eternidade no lago do fogo, se isso garantisse a salvação dos judeus que tinham rejeitado a Cristo. Porém, Paulo sabia que isso seria impossível. Não havia coisa alguma que ele pudesse fazer que assegurasse a salvação deles. Não obstante, isso nos mostra a dimensão do amor de Paulo pelos judeus.

O desejo de Paulo em morrer não era mórbido. Pelo contrário, refletia sua perfeita compreensão do caminho para a ressurreição, bem como da inigualável glória que ele via na ressurreição. Não diferente do seu Senhor, "o qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz, desprezando a afronta" (Hb 12.2), Paulo, arrebatado pela visão do que

lhe jazia à frente, não somente se dispunha a caminhar pela mesma vereda, mas também fazia disso a sua principal busca.

A ressurreição, considerada sob o ponto de vista do desejo de Paulo, dificilmente pode limitar-se à ressurreição final dos mortos justos. Diversas traduções, inclusive a ARC usada aqui, fazem eco à versão inglesa *Amplified New Testament*: "Para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição [espiritual e moral, que me eleva] dos mortos [enquanto estou no corpo]" (Fp 3.11).

Quantos ápices de esplendor espiritual e de revelação temos perdido, devido ao nosso fracasso em reconhecer os atuais aspectos disponíveis da ressurreição? Que existam tais aspectos da ressurreição, embora disponhamos de apenas alguns poucos e leves indícios, deveria provocar, de nossa parte, a mais vigorosa investigação. Nossa incapacidade de conceber a existência desses aspectos, não deveria nos deter. Nossa falta de conhecimento é apenas uma indicação de que Deus os tem posto na obscuridade, para que os descubramos somente quando realmente quisermos fazê-lo. Contudo, não queremos ser como o inquiridor no poema de Robert Service, "O Encanto do Yukon", preferindo a emoção da busca do objeto do que o objeto da busca:

> Há ouro, e é persistente e persistente;
> Está me encantando como antigamente.
> Contudo, o que estou querendo não é o ouro,
> Mas sim, apenas encontrar o ouro.
> (Robert Service, *Collected Poems of Robert Service*, Nova Iorque: Dodd, Mead & Co., 1940, p. 5).

"A glória de Deus é encobrir o negócio", escreveu o mais sábio dos homens, e acrescentou: "Mas a glória dos reis é tudo investigar" (Pv 25.2). E nós, na qualidade de "reis e sacerdotes" espirituais, investigaremos melhor quando, através da oração persistente, dissermos juntamente com o apóstolo Paulo: "Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação das suas aflições, sendo feito conforme à sua morte; para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dos mortos" (Fp 3.10,11).

Orando para Entender a Vontade de Deus

Conforme temos observado, a oração, para ser eficaz, deve estar em consonância com a vontade de Deus. Enquanto a vontade divina não estiver determinada, pouca expectação poderá haver de que receberemos respostas positivas às nossas orações. Os filhos de Deus ficam

se debatendo, quando não compreendem bem esse ponto. Para eles, o conhecimento da vontade de Deus é um verdadeiro enigma, cuja solução é tão difícil, que perdem toda a esperança de descobri-la. Contudo, não ousemos acusar Deus de tornar sua vontade algo além da possibilidade de nossa descoberta. Por que Deus, que deseja que realizemos a sua vontade, subitamente a ocultaria de nós? Porventura já não nos ocorreu que, ao mesmo tempo que o descobrir a vontade de Deus é freqüentemente um quebra-cabeças para nós, apreender a nossa vontade é a principal intenção de Deus? Uma vez que comecemos a perceber isso, estaremos prontos para um desenlace que mudará toda a nossa vida.

Paulo sabia quão importante é compreender a vontade de Deus e as suas obras neste mundo. Paulo elogiou os crentes colossenses pelo fruto do evangelho que estava sendo produzido entre eles, desde o dia em que tinham ouvido falar de Jesus. Também observou o amor que eles tinham no Espírito, o qual é um requisito básico para se conhecer a vontade de Deus. "Por esta razão" (Cl 1.9), desde o dia em que Paulo tinha ouvido falar sobre eles, não cessara de orar em favor deles.

> Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus; corroborados em toda a fortaleza, segundo a força da sua glória, em toda a paciência, e longanimidade com gozo; dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz (Cl 1.9-12).

O amor é uma atividade da vontade. Foi o que o Mestre ensinou: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele" (Jo 14.21). Assim como a fé sem obras está morta, assim o amor desacompanhado de obras também está morto. A evidência do amor no Espírito é a completa dedicação da nossa vontade. O amor a Deus desconhece maior demonstração do que o abandono à sua vontade. Quando nos dedicamos à plena realização da vontade de Deus, sem reservas em defesa própria ou sem um conhecimento específico dessa vontade, estamos preparados para receber uma revelação dessa vontade divina. Exigir que saibamos antes de decidir agir, é admitir a desconfiança; e a desconfiança obstrui a revelação.

De acordo com o desígnio e método divinos, há uma ordem estabelecida: querer, saber, fazer. "Se alguém quiser fazer a vontade

dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo" (Jo 7.17). As pessoas têm a tendência de negligenciar essa seqüência. Queremos saber antes de nos dedicarmos a fazer. À semelhança de Jacó, ficamos lutando arduamente a noite inteira, sem querer nos render, enquanto que, ao mesmo tempo, Deus luta para conseguir nossa completa submissão. "Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13). Quando o problema do "querer" for resolvido, o problema do "saber" desaparecerá na insignificância.

O tesouro mais cobiçado por Deus é uma pessoa dotada de uma vontade submissa a Ele. Davi era uma dessas pessoas. Por que será que Deus pôs de lado o protocolo e, em vez de escolher um dos filhos mais velhos de Jessé, escolheu precisamente o mais jovem de todos? Reconhecemos o direito incontestável do soberano Deus em fazer isso, mas acreditamos que a sua soberania é sempre compatível com a sua natureza justa e razoável. Ainda que nós, mortais, com nossas próprias limitações finitas, talvez não compreendamos as suas razões, devemos insistir que Ele sempre tem razão. Qualquer coisa menos do que isso deprecia o seu caráter.

Sob ordens de Deus, o profeta Samuel desceu à casa de Jessé para ungir um novo rei. Quando apareceu o filho mais velho de Jessé, Eliabe, a reação imediata do profeta foi: "Certamente está perante o Senhor o seu ungido" (1 Sm 16.6). Mas Samuel estava vendo através dos olhos da carne. O vidente viu alguém de estatura elevada, com um semblante de rei. Também viu, sem dúvida, um homem muito bem trajado e treinado para a guerra, possuidor de distintas habilidades de liderança. Mas Deus trovejou aos ouvidos de Samuel: "Eu o rejeitei!" Por quê? "Porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração" (1 Sm 16.7).

Havia uma certa qualidade que faltava em Eliabe — qualidade essa que era o fator mais decisivo de todos. A mesma qualidade estava faltando em sete dos oito filhos de Jessé, a despeito do fato de todos os sete serem homens de habilidade e de renome. Samuel não pôde ungir a qualquer um deles, porquanto Deus os havia rejeitado. No entanto, quando Davi — a possibilidade mais remota, por causa de sua juventude — foi trazido a Samuel, recém-chegado dos campos de pastoreio, não havia qualquer sombra de dúvida. Instantaneamente, a voz do céu ordenou: "Levanta-te, e unge-o, porque este mesmo é" (1 Sm 16.12).

O que fez a diferença? Era algo que Deus via no coração de Davi. Será que Davi tinha um conhecimento mais completo de Deus? Certamente que não. O que havia, então, naquele despretensioso rapaz que

chegou a atrair a atenção do céu? Somente uma coisa — uma vontade inteiramente dedicada ao seu Criador. Paulo apagou todas as dúvidas para sempre quando, sob a inspiração do Espírito, escreveu: "E, quando este foi retirado, lhes levantou como rei a Davi, ao qual também deu testemunho, e disse: Achei a Davi filho de Jessé, varão conforme o meu coração, que executará toda a minha vontade" (At 13.22).

Há somente um obstáculo que impede que Deus faça, por nosso intermédio, tudo quanto Ele deseja — a nossa vontade, o nosso querer. Combine uma vontade dedicada a Deus com uma busca sincera do conhecimento de sua vontade, e nenhuma força no Céu ou na Terra poderá impedir Deus de fazer o que deseja aqui neste mundo. Não precisamos persuadir Deus a nos mostrar a sua vontade. Tudo quanto devemos fazer é tornar isso possível. "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Co 2.12). Sim, Deus nos deu tudo gratuitamente. Precisamos só nos valer dos meios próprios para recebermos as bênçãos de Deus. "Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Co 2.14).

Os crentes de Colossos, devido ao seu amor no Espírito, tinham tornado possível a revelação da vontade de Deus. A oração de Paulo pelos crentes colossenses fazia parte do processo mediante o qual essa vontade foi revelada. O conhecimento de sua vontade é realizado quando, no amor do Espírito, a vontade humana se submete. Mas não chegamos realmente a entender a sua vontade, enquanto esta não for feita "em ciência e em todo o conhecimento" (Fp 1.9). A ciência e o conhecimento aqui são quase idênticos ao "espírito de sabedoria e de revelação" que torna possível conhecer Deus melhor (Ef 1.17). Conclui-se, imediatamente, que podemos ser cheios do conhecimento de sua vontade unicamente por meio de uma operação espiritual.

O conhecimento é o fruto do processo de aprendizado. E um dos aspectos do aprendizado é o processo de comparação. Por quantas vezes nosso grande Mestre disse: "O reino dos céus é semelhante a..."? Aquilo que já sabemos é um degrau para aquilo que ainda não sabemos. O conhecimento, podemos dizer, é a chave para mais conhecimento. O conhecimento da aritmética básica é necessário para o conhecimento da álgebra e o conhecimento da álgebra é necessário para o conhecimento da matemática superior do cálculo diferencial e integral. Assim também acontece com as realidades de Deus. A pessoa que não tem ponto de partida não

pode fazer progresso algum. Aquele que ainda não nasceu do Espírito Santo ainda não aprendeu o ABC do conhecimento espiritual. Portanto, a linguagem do Espírito é destituída de sentido para esse, tal como a linguagem de sinais é destituída de sentido para um homem cego.

O Espírito Santo é o nosso Mestre no conhecimento da vontade de Deus. E o seu processo de ensino é muito similar ao processo de aprendizado natural. Somente a matéria-prima é diferente: "As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais" (1 Co 2.13). Por conseguinte, a experiência espiritual é um requisito absolutamente imprescindível. Enquanto não houver olhos espirituais, não há como haver visão espiritual. As palavras de Jesus a Nicodemos estabeleceram esse fato acima de qualquer dúvida: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus" (Jo 3.3). O fundamento já fora posto diante dos crentes de Colossos, pois a vida e o conhecimento espirituais já estavam presentes entre eles. Agora era apenas uma questão de movimentar-se do vazio relativo para o lugar da plenitude. Por isso Paulo pediu a Deus que eles fossem "cheios do conhecimento da sua vontade" (Cl 1.9).

Para nós, hoje em dia, as coisas não são diferentes. A vontade de Deus é que sejamos cheios do conhecimento da sua vontade. Entretanto, devemos orar e desejar, como o apóstolo Paulo o fez, para que assim aconteça, pois é somente então que permitiremos que o Espírito Santo nos ensine, expressando verdades espirituais com palavras espirituais, até que sejamos enchidos desse conhecimento supremo. "Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra e crescendo no conhecimento de Deus" (Cl 1.10).

A vida e o conhecimento têm muita coisa em comum. A vida de Jesus refletia o seu conhecimento. O nosso conhecimento reflete-se em nossa vida. Em certa ocasião, Jesus tinha de "passar por Samaria" (Jo 4.4), onde se encontraria com uma mulher dali, apenas para lhe dizer que Ele era o Messias. Noutra ocasião, os judeus "consultavam-se para o matarem" (Jo 11.53). Mas Jesus teve conhecimento disso e "já não andava manifestamente entre os judeus" (Jo 11.54). Ainda em outra oportunidade, Jesus disse: "Importa, porém, caminhar hoje, amanhã, e no dia seguinte, para que não suceda que morra um profeta fora de Jerusalém" (Lc 13.33). Sim, o conhecimento de Jesus motivava a sua vida.

A oração de Paulo para que os crentes colossenses fossem cheios do conhecimento da vontade de Deus, estava claramente firmada sobre a premissa de que esse conhecimento resultaria numa vida digna. Notemos a relação entre as duas petições: (1) "Que sejais cheios do conhecimento da sua vontade"; (2) "para que possais andar dignamente diante do Senhor" (Cl 1.9,10). Devemos ser cheios do conhecimento da vontade de Deus, a fim de vivermos de modo digno diante do Senhor. "Toda a ação verdadeira deriva-se do conhecimento: uma conduta digna deriva-se de um credo idôneo; a ética cristã deriva-se da doutrina cristã; as ações corretas derivam-se de um pensamento correto; a moralidade deriva-se da teologia" (Scroggie, *Prison Prayers*, p. 49). "Para que possais andar dignamente diante do Senhor" é o ponto mais alto de toda a oração. Nisso reflete-se a consumidora paixão do coração do apóstolo e a intensa responsabilidade que o impulsionava em todos os seus labores. Tudo quanto se segue é apenas a elucidação e o meio de se atingir o alvo de andar dignamente diante de Jesus.

"Agradando-lhe em tudo" seriam palavras grosseiramente retiradas de seu contexto, se fossem construídas de modo a significar que o crente também deveria agradar a todos os homens. Na verdade, exatamente o contrário é que é a verdade. O objetivo do crente é agradar somente a Deus. A versão da Bíblia em inglês *Twentieth Century New Testament* traduz essa frase da seguinte maneira: "E assim agradem a Deus de todas as maneiras". Andar de modo digno diante do Senhor Jesus é agradar a Deus, da mesma forma que Jesus descreveu a sua vida diária na face da terra: "Eu faço sempre o que lhe agrada" (Jo 8.29).

O ponto de partida para uma vida digna é "frutificando em toda a boa obra [atividade]". De fato, uma vida digna e as boas obras são quase idênticas. As boas obras requerem um exame cuidadoso, pois tem-se perdido quase todo o verdadeiro sentido bíblico em meio a um labirinto de interpretações humanas. Dar bom fruto em toda a boa obra não é produto da mera sabedoria e entendimento humanos. Pensamos em termos de pão para os famintos, água para os sedentos, abrigo para os desabrigados, vestes para os despidos e cura para os enfermos. Não podemos conceber maiores obras do que essas. Mas quando começa a se descortinar "o conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual", nossa visão subitamente passa a alcançar novos e mais amplos horizontes. É então que chegamos a perceber que a bondade de uma obra ou atividade é medida pela fonte de onde ela emana e pelo fim em direção ao qual ela se dirige. Atos de gentileza humana realizados apenas com um objetivo temporal,

podem refletir a indistinta imagem do Deus benévolo e compassivo. Mas dificilmente são dignos da designação "boa obra", conforme aparece nesta oração. O Bem, no seu sentido absoluto, é Deus. Jesus disse: "Não há bom senão um só que é Deus" (Mt 19.17). Isso posto, as boas obras devem estar em harmonia com a natureza de Deus e com a vontade de Deus.

Consideremos a obra daquEle que "andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38). Não podemos negar, nem deveríamos negligenciar, que Jesus atendeu a várias necessidades desta vida. Ele curou os enfermos por toda a parte. Quando as multidões que o seguiam ficavam famintas, Ele as alimentava, pois percebia que poderiam desfalecer pelo caminho (Mt 15.32). Mas quando queriam fazer dEle o seu rei, porquanto Jesus parecia ser a solução para as suas necessidades temporais, Ele se voltou com compaixão para as multidões e disse: "Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará" (Jo 6.26,27). A obra de Deus tem em vista um fim eterno. Preocupa-se mais com o Pão da Vida, embora não negligencie o pão para os famintos. Preocupa-se mais com a Água da Vida, embora não negue água potável para os sedentos. Preocupa-se mais com a cidade cujo Edificador e Construtor é Deus, embora não negligencie o abrigo para os desabrigados. Preocupa-se mais com as vestes da justiça, embora não se esqueça das roupas para os despidos. E nem nós, em nosso zelo de levar Cristo às vidas humanas, deveríamos negligenciar essas realidades (Mt 25.34-46).

Mas existe uma vasta diferença entre as boas obras da fé e as boas obras sem fé. Não obstante, essa diferença é raramente discernida. As boas obras da fé são sempre agradáveis a Deus, porquanto nascem da vida de Deus que se move em nosso interior. As boas obras sem fé podem derivar-se somente das aspirações humanas. As boas obras da fé surgem do conhecimento da vontade de Deus. As boas obras para a eternidade são sempre realizadas no Senhor, embora possa enriquecer as vidas das pessoas. Trata-se de um labor do mais alto nível. É a devoção de Maria em contraste com a devoção de Marta. É como o sacrifício de Abel, em oposição ao sacrifício de Caim. É como uma oração do Salvador em comparação com a oração dos fariseus. É como a sabedoria que Paulo pregou, em contraposição à sabedoria deste mundo.

Há uma bendita compensação pela frutificação em toda a boa obra: "Crescendo no conhecimento de Deus" (Cl 1.10). O conhecimento da vontade de Deus leva às boas obras. Estas, por sua vez, levam a um crescente conhecimento de Deus. No primeiro caso, o conhecimento é a semente; no segundo, o conhecimento é o fruto. O conhecimento de Deus é completo e absoluto. Nosso conhecimento (especialmente dEle) é incompleto e ganho por etapas. O conhecimento de Deus desconhece aumento, mas o nosso sempre deve aumentar. De outra maneira, nosso crescimento espiritual definhará.

Um casal do Texas, já em idade avançada, tinha passado todos os anos de sua vida na pobreza do seu rancho. Um dia, foi descoberto petróleo em suas terras e, de um momento para o outro, foram transportados da quase pobreza total para a riqueza. O rancheiro soube que quinhentos mil dólares estavam depositados em nome dele no banco local. Voltando para casa, anunciou à sua mulher: "Mãe, estamos ricos! Temos meio milhão de dólares no banco! O que é que você mais gostaria de ter? Diga o que você quer e eu arranjo para você". A esposa ponderou por alguns momentos e depois declarou qual seria o seu maior desejo. "Esse machado velho está me matando", disse ela. "O que mais quero é um machado novo, para cortar lenha para o fogão da cozinha."

A idosa mulher poderia ter pedido vastas riquezas. Poderia comprar um fogão novo e uma cozinha nova, e livrar-se de vez daquele machado. Mas o conhecimento dela, limitado por sua vida de pobreza, impediu-a de obter aquilo que estava disponível para ela. Por semelhante modo, nosso conhecimento da vontade de Deus determinará nosso progresso espiritual e nossas oportunidades.

Já vimos que o conhecimento de Deus nos vem por meio da revelação divina. Agora observaremos que esse conhecimento também nos vem pela participação. Não há qualquer conflito de verdades, mas é simplesmente mais luz à verdade inicial. Enquanto que o conhecimento da vontade de Deus nos faz andar dignamente, evidenciado pela frutificação em cada boa obra, o mesmo andar digno e a mesma frutificação tornam-se um foguete que dá maior impulso ao nosso progresso espiritual, aperfeiçoando o nosso conhecimento de Deus. Outrossim, esse conhecimento é interno e absoluto, em lugar de ser externo e questionável, pois trata-se de um conhecimento do coração, o tesouro mais cobiçado por santos e sábios. Nenhum objeto na terra é obstáculo suficiente para impedir nossa maior busca.

Com o crescente conhecimento de Deus vem a demonstração prática desse conhecimento. Conhecemo-lo como o Deus de glorioso poder, e somente conforme esse poder se manifesta em nós. Paulo diz que somos "corroborados em toda a fortaleza" (Cl 1.11), ou, como J. B. Rotherham traduziu, "sendo dotados de todo o poder". Nós recebemos esse poder. Deus nos dota desse poder. O poder se mostra em nós, mas Deus é a sua fonte. Jesus anunciou à Igreja Primitiva: "Mas recebereis a virtude [poder]... e ser-me-eis testemunhas" (At 1.8). Sermos testemunhas dá expressão e significado à dotação de poder. Sem importar no que consista esse poder, haverá também uma demonstração desse poder. Abra caminho para o conhecimento de Deus e o seu glorioso poder se manifestará.

Quando pensamos no glorioso poder de Deus, temos a tendência de pensar somente em termos de poderosas pregações, grandes milagres, livramentos sobrenaturais e coisas semelhantes. No entanto, o apóstolo estabeleceu um conceito inteiramente diferente. Para a sua compreensão iluminada, a manifestação interior de poder era tão importante quanto a sua demonstração externa — e talvez até mais. Paulo entendeu (e que Deus nos ilumine para entendermos também) que é preciso um poder mais glorioso para sermos pacientes do que para pregarmos; que é necessário maior poder para com alegria sermos longânimos do que para realizarmos milagres instantâneos; e que é indispensável uma energia divina maior para sermos agradecidos do que para entregarmos uma profecia. É claro que não é nossa intenção diminuir a importância das pregações, dos milagres ou das profecias. Mas uma grande pregação desacompanhada de grande paciência exibe a humanidade e oculta a divindade. Grandes milagres de livramento sem grande longanimidade mostrada com alegria, revela fraquezas carnais e oculta o seu glorioso poder. Grandes profecias sem grandes ações de graças evidenciam ignorância e lançam uma idéia errada sobre o que seja o conhecimento de Deus.

O conhecimento da vontade de Deus em toda a sabedoria e entendimento espirituais resulta numa vida digna cheia de frutificação em toda a boa obra. Dessa fonte bendita flui uma crescente correnteza do conhecimento de Deus, dando evidências práticas de si mesma, por meio de uma maior resistência e paciência, e de um agradecimento alegre ao Pai. Por conseguinte, com entendimento e intenso desejo oremos, dia após dia, para que possamos viver de uma maneira digna do Senhor e sermos agradáveis a Ele em todos os sentidos, produzindo frutos em toda a boa obra, crescendo no conhecimento de Deus, sendo fortalecidos com todo o poder, de acordo com o seu grande poder, a fim de obtermos

maior resistência e paciência, dando alegremente graças ao Pai, que nos qualificou para compartilharmos da herança dos santos no reino da luz.

Perguntas para Estudo

1. O que Paulo mostrou, em relação ao seu conceito de Deus, quando se dirigiu a Ele como "o Pai da glória"?
2. Qual era a relação entre o coração e o entendimento na maneira de pensar dos hebreus? Em qual sentido o entendimento tem olhos?
3. De que modo a situação de Paulo, como prisioneiro em Roma, afetou o conteúdo de suas orações registradas em suas epístolas?
4. O que Paulo esperava que as "riquezas da glória de Deus" suprissem?
5. Como podemos obter a sensibilidade e o discernimento espirituais, que são necessidades supremas na vida cristã?
6. O que significa "ganhar a Cristo" e como devemos fazê-lo?
7. Por que uma pessoa que já é crente há muitos anos ainda precisa fazer esta oração: "Quero conhecer a Cristo"?
8. O que está envolvido no conhecimento de Cristo?
9. Como podemos nos tornar como o Salvador em sua morte?
10. Por que é tão importante querer fazer a vontade de Deus, antes mesmo de orarmos para saber qual seja ela?
11. O que significa viver uma vida digna diante do Senhor?

Capítulo Treze

A Oração em Hebreus e nas Epístolas Gerais

Confiança para nos Aproximarmos do Trono

Num simples versículo da Epístola aos Hebreus, temos uma forte palavra de encorajamento para todo o filho de Deus que ora: "Cheguemo-nos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno" (Hb 4.16; leia também os vv. 14,15). Para obtermos uma adequada compreensão dessa fantástica segurança, devemos examinar primeiramente a palavra "pois", que liga essa promessa à verdade que a antecede: Cristo é o grande Sumo Sacerdote do crente.

Jesus, o Filho de Deus, está no céu, com o Pai (Hb 4.14). Contudo, há algo de muito pessoal e terno acerca desse Mediador, que está assentado à mão direita do Pai (At 2.33; Rm 8.34). Ele pode "compadecer-se das nossas fraquezas", porquanto "como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15). Ainda que não tivesse cometido qualquer pecado, Jesus, em sua vida terrena, sentiu a realidade das provas e tentações. Ele se compadece de "nossas fraquezas" — fraquezas de saúde, temperamento, dedicação e serviço. Conhece bem a força das tentações que nos submetem à prova. Por essa razão, Ele nos ama e nos protege como a "menina do seu olho" (Zc 2.8). (*Nota:* A "menina do olho" refere-se à pupila, que tem a forma de uma esfera. Mostramo-nos muito protetores quando alguém tenta tocar em nossos olhos, no intuito de machucá-los. É precisamente dessa maneira que Deus se preocupa com o seu povo.) Porquanto Jesus é o próprio Filho de Deus, porquanto Ele está à mão direita do Pai no céu, e porquanto Ele está qualificado de forma especial para compadecer-se de nossas fraquezas — temos acesso com toda a confiança ao trono da graça.

Devemos entrar com confiança na presença divina, por duas razões: (1) Para recebermos misericórdia; e (2) para encontrarmos

graça que nos ajude em nossos tempos de necessidade. Nossa necessidade mais premente é de misericórdia, visto que todos nós, por natureza e ações, somos pecadores. O pecado tem um julgamento certo e merecido — a morte. "A misericórdia triunfa sobre o juízo" (Tg 2.13, ARA). Devemos, antes de tudo, "alcançar misericórdia" da parte do Único que está qualificado para concedê-la, daquEle que voluntariamente morreu em nosso lugar. E somente então podemos ir com confiança, sem medo de sermos rejeitados ou revidados, e receber livremente a misericórdia de suas mãos.

Tendo alcançado a misericórdia e com ela o privilégio de entrarmos confiadamente na presença divina, é-nos oferecido um segundo privilégio: o de pleitearmos pela graça diante do próprio trono da graça, para encontrarmos socorro "em tempo oportuno". Todo o período da existência humana é um "tempo oportuno" de necessidade. Contudo, a graça continua disponível e abundante. A graça de Deus foi suficiente para Paulo (2 Co 12.9). E também é suficiente para cada crente hoje em dia.

Critérios para Irmos a Deus

É mediante a oração que nos aproximamos de Deus. Mas palavras ditas, dirigidas à deidade, não recebem automaticamente ouvidos atentos e respostas. Existem critérios que Deus requer da parte daqueles que se aproximam dEle, os quais têm a sua atenção e acesso até o seu coração compassivo. "Ora, sem fé é impossível agradar-lhe; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6).

"A fé não é de todos" (2 Ts 3.2). Contudo, somente pessoas dotadas de fé podem agradar a Deus. A fé é um requisito básico indispensável em toda a oração frutífera. É essencial, pois, que a fé seja claramente entendida, a fim de não ser confundida com alguma virtude menor e inadequada. No dizer de Hebreus 11.1: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". Há outras traduções que acrescentam ainda maior clareza a essa definição: "A fé é a certeza das coisas que se esperam, a convicção de coisas que não se vêem" (*Revised Standard Version*). "A fé significa que temos plena confiança nas coisas pelas quais esperamos, que estamos certos de coisas que não vemos" (Phillips).

A verdadeira fé pressupõe um objeto sobre o qual ela se apóia. A fé cristã está fixada na Palavra de Deus e no Deus da Palavra. E é essa fé que agrada a Deus. A pessoa que ora deve acreditar que o Deus da Bíblia existe e é, verdadeiramente, tudo quanto a Bíblia diz que é: o grande "EU SOU" (Êx 3.14). O crente que ora de modo eficaz deve viver constantemente na convicção de que esse "EU

SOU" é o Deus infinito, eterno, existente por si mesmo, sempre presente e fiel, por meio de cuja energia, abundância e providência todos os demais seres existem.

Entretanto, não basta apenas crer que Deus pode fazer qualquer coisa. "Também os demônios o crêem, e estremecem" (Tg 2.19). A fé que alcança transformações deve abranger não somente a existência de um Ser Supremo, mas também deve perceber o intenso interesse de Deus por suas criaturas, a ponto de recompensar aqueles que "o buscam" (Hb 11.6). Deus deseja filhos que anelem profundamente por sua presença. "Buscam" (no grego, *ekzeteo*) significa "ir à procura de", "pôr-se em busca de", "desejar obter". A fé que dá prazer a Deus e obtém a sua atenção é aquela fé que motiva o seu possuidor a mover-se na direção de Deus, para encontrá-lo com o propósito de cumprir a sua vontade divina, para investigar a sua natureza a fim de compreender a sua plenitude e para desejar a sua superintendência em todas as ocupações da vida.

Oração por Sabedoria nas Provações

A pessoa verdadeiramente humilde tem plena consciência de suas limitações humanas, especialmente em face de lutas e provações. À medida que o crente avança para o terreno espiritual, as limitações da sabedoria humana vão ficando cada vez mais evidentes. Sabendo que toda a vida do cristão é uma guerra espiritual e que as armas humanas ou naturais não conseguem derrubar as fortalezas que têm de ser destruídas (2 Co 10.4), o crente fica profundamente cônscio da necessidade de ajuda proveniente de uma fonte sobrenatural.

> E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte. Não pense tal homem que receberá do Senhor alguma coisa. O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos (Tg 1.5-8).

Os versículos que precedem o texto acima, identificam as "tentações", as "provações", como o tema do assunto em consideração. O termo grego *peirasmos* (Tg 1.2) inclui tribulações, provações e tentações, permitidas ou enviadas por Deus, as quais sobrevêm aos seus filhos. A justificação para pedirmos a sabedoria que provém de Deus, está no fato de podermos entender e usar as tribulações e provações para o benefício de nosso desenvolvimento espiritual. Sabedoria é o uso correto do conhecimento. Uma pessoa pode conhecer muito e,

no entanto, não ser sábia. A sabedoria escolhe os melhores propósitos e os melhores meios de atingir esses propósitos. Não se trata apenas de fazer as coisas certas, mas de fazer as coisas certas no tempo certo. A pessoa verdadeiramente sábia considera a glória de Deus como o único propósito de vida e faz com que seus atos e palavras contribuam para essa finalidade.

Saber como usar as tribulações e provações, a fim de que produzam o maior grau de perfeição cristã, requer mais do que a faculdade natural do bom senso. O resultado é esse processo de aperfeiçoamento, que revela ao crente sofredor o intuito divino, a relação entre o método e o cumprimento do propósito divino. Essa sabedoria é posta à disposição do crente, mas somente a pedido: "Peça-a a Deus" (Tg 1.5). Não há outra fonte para essa sabedoria. Nem os conselheiros deste mundo, nem a perspicácia mental dos crentes é capaz de prover tal sabedoria. Mas para "o único Deus, sábio" (Rm 16.27; 1 Tm 1.17), essa é a realidade e a expressão de sua natureza.

O recebimento de tal sabedoria, entretanto, é condicional: "Peça-a, porém, com fé, não duvidando" (Tg 1.6). "Duvidando" (no grego, *diakrino*) significa "hesitar", "estar em rixa consigo mesmo". Não sugere tanto uma fraqueza de fé, ou uma falta de fé. A hesitação ou dúvida nada recebe da parte do Senhor (Tg 1.7). Uma pessoa de coração dobre (Tg 1.8) é alguém "de duas almas... uma para a terra e outra para o céu... Ela não desiste da terra e reluta em renunciar o céu" (Adam Clarke, *The Holy Bible Containing the Old and New Testament with a Commentary and Critical Notes*, vol. 6, Londres: Ward, Lock & Co., s. d., p. 761).

Esse indivíduo de coração dobre não obtém acesso à sabedoria de Deus, porque é "semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte" (Tg 1.6). Mas aquele que tem uma fé firme encontra a resposta do céu e, mediante a infusão da sabedoria de Deus, é capaz de se beneficiar até mesmo do pior que a vida lhe possa oferecer. José é um bom exemplo disso. Com a sabedoria de Deus claramente manifesta, após anos das mais severas tribulações e provações, ele pôde anunciar: "Vós bem intentastes mal contra mim, porém Deus o tornou em bem" (Gn 50.20).

Oração que Garante a Resposta

Qualquer estudo sério sobre a oração deve lidar com a realidade das orações que não são respondidas. Quem ainda não teve alguma oração "recusada", ou pelo menos respondida de forma diferente daquilo que pedira? Até mesmo um grande guerreiro de oração, como foi Elias, nem sempre obteve as respostas que desejava (1 Rs 19.4-8).

Não é por acaso que Deus, em sua grande sabedoria e amor por seu povo, nem sempre responda em conformidade com os pedidos que recebe, pois fazê-lo seria para prejuízo e ruína daqueles que pedem. Tiago nos revelou uma razão básica para essas orações sem resposta.

> Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites. Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós. Alimpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai os corações. Senti as vossas misérias, e lamentai e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará (Tg 4.3,7-10).

"Pedis mal". "Mal" é tradução do termo grego *kakos*, que significa "impropriamente", "incorretamente", "impiamente". Pedimos errado quando pedimos por qualquer coisa que esteja fora da vontade de Deus. Nosso Senhor não responderá às orações que forem motivadas por desejos egoístas: "Para o gastardes em vossos deleites" (Tg 4.3). Ele não responderá à oração das pessoas que buscam posição, prazer, honra, poder ou riquezas. "Deleites" (no grego, *hedone*) fala da gratificação dos desejos naturais ou pecaminosos, dos prazeres sensuais. Orar por aquilo que agrada aos nossos próprios desejos sensuais é contrário à vontade de Deus e pode conduzir ao desastre espiritual.

As instruções restantes (Tg 4.7-10) fornecem-nos diretrizes para orarmos com exatidão (de modo a não errarmos) e, conseqüentemente, garantir a resposta divina.

"Sujeitai-vos pois a Deus" (Tg 4.7). Um "sim" de todo o coração é um pré-requisito para toda a oração eficaz. No começo da oração-modelo ensinada por Jesus, seus discípulos deveriam dizer: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10). Sempre será apropriado dar expressão a essa oração, visto que a vontade de Deus sempre será o mais alto bem do cristão. Entretanto, isso não deve ser usado como desculpa para a nossa falta de fé.

"Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (Tg 4.7). A submissão a Deus sempre antecede com sucesso a resistência ao diabo. Por mais poderoso que Satanás seja — e é um equívoco subestimar o poder dele (Ef 6.12) —, Deus não lhe permitirá vencer o crente que, tendo-se submetido a Deus, continuamente resiste ao Maligno no nome de Jesus e através dos méritos do seu sangue derramado.

"Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós" (Tg 4.8). Que bendita e encorajadora promessa! Deus promete aproximar-se de todos quantos abandonem o pecado, clamando a Ele em verdadeiro arrependimento. Com Ele vêm a sua presença, a sua graça, o seu amor e as suas bênçãos. Deve haver o esforço da parte da pessoa em convidar a

ação da parte de Deus. Somos agentes livres e devemos iniciar a ação, se desejarmos que Deus se aproxime de nós. Ao mesmo tempo, porém, Deus não se mostra passivo, porquanto Ele é o Iniciador, aquEle que busca a sua criação (Gn 3.8,9): "Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13).

"Alimpai as mãos, pecadores; e, vós de duplo ânimo, purificai os corações" (Tg 4.8). Todo aquele que sinceramente busca a Deus, com a intenção de aproximar-se dEle, é confrontado com os seus próprios maus caminhos, tendo de tratar diretamente com essas iniqüidades pessoais. O salmista percebeu isso ao escrever: "Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente" (Sl 24.3,4). Jesus lembrou seus discípulos da necessidade de uma constante purificação das contaminações diárias (Jo 13.2-14).

"E, vós de duplo ânimo, purificai os corações" é declaração paralela àquela que a precede. Um completo rompimento com o pecado é algo absolutamente essencial, se desejamos que nossas orações sejam respondidas. Aqueles que buscam a aprovação e a bênção divinas não podem manter lealdade aos dois mundos. O duplo ânimo convida a condenação. Precisamos nos arrepender do duplo ânimo até que o coração se purifique e se torne possuidor do singelo desejo de servir a Deus. Paulo também nos advertiu para que fizéssemos aquilo que nos convém fazer, crucificando a carne, a antiga natureza pecaminosa (Gl 6.24). Devemos fugir da imoralidade sexual (1 Co 6.18), odiar o mal e nos apegar ao bem (Rm 12.9). No entanto, não podemos fazer tudo isso por nós mesmos. É preciso o sangue de Jesus para trazer a plena purificação de que necessitamos (1 Jo 1.7). O crente que realmente deseja aproximar-se de Deus deve levar a sério a admoestação do apóstolo João: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 Jo 1.9).

"Senti as vossas misérias, e lamentai e chorai" (Tg 4.9). "Senti as vossas misérias" (no grego, *talaiporeo*) significa "ser desgraçado", "perceber a própria miséria". "Lamentai" (no grego *pentheo*) significa "estar triste", "ter tristeza pelo pecado". "Chorai" (no grego, *klaio*) significa "soluçar", "chorar em voz alta", "lastimar pelos mortos". A incumbência dada pelos apóstolos era ver uma genuína tristeza de coração e um arrependimento irrestrito. "Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17). Quão extremamente necessária é tal contrição na igreja de nossos dias.

"Converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo em tristeza" (Tg 4.9). O tema continua sendo o arrependimento e a contrição sincera. Há nessas palavras um característico eco de Mateus 5.4 ("Bem-aventurados os que choram") e de Lucas 6.25 ("Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis").

"Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará" (Tg 4.10). Há esperança. Não importa quão má a situação possa parecer, se alguém seguir as instruções acerca de um puro relacionamento com Deus, as orações respondidas o levarão à vitória.

A prescrição é válida para todas as pessoas de todos os tempos e de todos os lugares. Cada uma das sete diretrizes é uma faceta de vital importância para a oração, pois todas levam ao fim desejado: "Ele vos exaltará". Essas instruções se ajustam como um cartão num envelope. A primeira instrução "Sujeitai-vos [submetei-vos] pois a Deus" é equilibrada pela sétima "Humilhai-vos perante o Senhor". Inseridas nesse envelope há duas instruções relacionadas, respectivamente, com duas promessas. "Resisti ao diabo" e "Chegai-vos a Deus". E então, seguem-se as promessas: "O diabo fugirá de vós" e "Deus se chegará a vós". Entretanto, resistir ao diabo e chegar-se a Deus sempre deve honrar o envelope da submissão e da humildade. Por semelhante modo, o alimpar as mãos (desfazer-se dos pecados externos) deve ser equilibrado por um coração purificado (atitudes interiores), ainda dentro do envelope da submissão e da humildade. Finalmente, há uma alegria em nos submetermos e nos humilharmos diante de Deus. Trata-se da alegria de sabermos que nossos pecados foram perdoados e que temos um relacionamento correto com Deus. A humildade e o arrependimento nos alegram, à medida que nos submetemos a Deus em todas as coisas.

Oração Poderosa e Eficaz

A Epístola de Tiago contém muitos conselhos práticos sobre o modo como devemos orar. As instruções sobre a oração para sermos curados são especialmente significativas para os pentecostais. Acreditamos que Deus continua curando. Para aqueles que não acreditam, esta passagem é meramente histórica, cuja aplicação somente se refere aos crentes do primeiro século. Mas nós consideramos as promessas de Deus quanto à cura de enfermidades, doenças e aflições, como o compromisso de Deus fazer hoje o que Ele já fazia no passado — contanto que satisfaçamos aos seus requisitos.

> Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a

> oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis: a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos. Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra. E orou outra vez, e o céu deu chuva, e a terra produziu o seu fruto (Tg 5.13-18).

Ninguém pode negar que orações para curas de vários tipos de enfermidades são ensinadas na Bíblia. Entretanto, pouca atenção é dada ao ensino específico sobre como sermos curados. É possível que um número maior de curas poderia ser obtido, se mais atenção fosse dada à ordem bíblica que diz: "Está alguém entre vós aflito? Ore" (Tg 5.13).

"Aflito" (no grego, *kakopatheo*) significa "sofrer infortúnio", "suportar as dificuldades com paciência". À vista do versículo que vem em seguida "Está alguém entre vós doente?", o uso de *kakopatheo* parece não incluir a idéia de doenças e enfermidades físicas, antes trata-se de uma alusão aos sofrimentos fora do corpo. O crente nessa situação é instruído a orar pelo seu próprio infortúnio. Deus pode remover a dificuldade ou providenciar sua graça para que o crente a possa suportar. Naturalmente, os outros crentes são encorajados a apoiar o crente que esteja sofrendo: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6.2). Mas o crente sofredor deveria pôr-se em contato com Deus em favor de suas próprias necessidades. C. Jerdan descreveu muito bem o sentido e o intuito dessa instrução:

> O crente não deve permitir que suas provações o irritem. Em lugar de maldizê-las, ele deveria orar por causa delas. É o coração que perdeu a graça de Deus, que, quando sob punição, ou desafia a soberania de Deus, ou contesta a sua justiça, ou desconfia da sua bondade, ou põe em dúvida a sua sabedoria. O filho de Deus sempre ora, porque ama a oração — especialmente quando sob tribulação, porquanto é nessa ocasião que ele tem um motivo especial para orar... Até mesmo o próprio ato de falarmos com Deus a respeito de nossas tribulações, já nos ajuda a aliviá-las. A oração faz a alma aproximar-se de Deus, o qual leva em seu coração de amor o peso das tristezas do seu povo" (H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, editores, *The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 21, *James*, por E. C. S. Gibson, p. 80).

A boa saúde e o contentamento diante das circunstâncias da vida são razões suficientes para uma disposição feliz. "Está alguém contente? Cante louvores" (Tg 5.13). Na vida de todo o crente haverá

tempos para orar nas aflições e também tempos para cantar louvores nas alegrias. Não devemos negligenciar nem uma coisa nem outra. Contudo, visto que a natureza humana parece ter uma maior tendência em manifestar a queixa do que a gratidão, devemos dar especial atenção aos louvores. O livro de Salmos está repleto de exortações para que entoemos louvores (Sl 32.11; 33.1-3; 81.1,2; 89.1; 92.1-4; 98.4-6; 100.1; 101.1; 144.9; 149.1,5; 150.6, só para exemplificar). Precisamos louvar a Deus por suas maravilhosas obras, pelos céus que declaram a glória de Deus, pelos lindos pores-do-sol, pelas belezas da natureza e, acima de tudo, pelas bênçãos da salvação. Também não podemos nos esquecer das bênçãos de todos os dias, como a bênção de amigos fiéis, de uma boa refeição, do término de uma tarefa realizada e de tantas outras coisas que, no mais das vezes, tomamos como assuntos corriqueiros.

"Está alguém entre vós doente?" (Tg 5.14) "Doente" (no grego, *astheneo*) significa, literalmente, "sem força", "sem resistência", "sem ação". Pode incluir a idéia de estar enfermo, debilitado, incapacitado, fraco ou, em alguns contextos, de ser tímido, espiritualmente fraco ou moralmente fraco. Enquanto que o crente que está em aflição deve orar por si mesmo, o doente é instruído a chamar (convidar, apelar para) os presbíteros da igreja para orarem "sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor". Obviamente, a pessoa enferma precisa do apoio da oração dos outros crentes, pois em tal período de fraqueza, freqüentemente tanto física quanto espiritual, pode ser que ela esteja incapacitada de exercer a fé necessária para obter a cura.

Os presbíteros (no grego, *presbyteroi*) que o enfermo devia chamar e que deviam ir à casa da pessoa enferma (ou no hospital), eram indivíduos levantados e qualificados pelo Espírito Santo para ministrarem e ensinarem numa igreja local. O original grego pode incluir a idéia de ir aos presbíteros, embora esse não seja o sentido primário do trecho. Algumas vezes, esse título representava um ofício nomeado. Em outros casos, os presbíteros (pastores ou anciãos) eram os líderes estimados por sua maturidade, experiência espiritual e evidentes demonstrações dos dons do Espírito. Geralmente, havia mais de um presbítero ou pastor numa igreja local (note o plural, Tg 5.14), pelo que o termo não precisa ser limitado ao pastor-presidente, embora em tempos de necessidade seja normal que pensemos primeiro no principal líder espiritual da congregação.

As instruções dadas a esses presbíteros são breves e nenhum pouco complicadas: Que eles "orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor". É interessante notar que há um manuscrito antigo que diz: "Ungindo-o com azeite *no Nome*" (Manuscrito B,

Códex Vaticanus. Provavelmente, trata-se de uma omissão do copista. Não há dúvida de que o Nome do Senhor Jesus é o que está em foco aqui). O uso do Nome demonstra que essa unção com azeite certamente não era feito com a expectativa de que o azeite produziria a cura, mas antes, que o azeite, sendo símbolo do Espírito, indicaria que é por meio do Espírito Santo que a cura é administrada.

"E, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados" (Tg 5.15). Levanta-se aqui a pergunta: Qual o método pelo qual os pecados desse crente são perdoados? Há uma opção que sugere que a enfermidade aqui pode estar relacionada, de alguma maneira, com algum pecado cometido pelo doente. Tiago 5.16 tem estreita ligação com o presente versículo. A conjunção "pois" (no grego, *oun*, Tg 5.16, ARA), encontrada em muitos manuscritos importantes, dá a entender que os pecados seriam perdoados se as orientações anteriores fossem cumpridas. Aceitando-se isso, compreendemos que os pecados cometidos são perdoados através do método do enfermo confessar seus pecados (desvios do caminho da retidão, quer intencionais ou não) àqueles que oram por ele (não necessariamente alguém que tenha o ofício de presbítero). Os que estiverem com saúde, por sua vez, devem confessar ao doente quaisquer pecados que tenham cometido, para que não haja qualquer empecilho às suas orações. Em seguida, devem todos orar uns pelos outros, a fim de que o enfermo seja curado e restaurado à saúde. Embora as doenças mentais e espirituais também possam estar incluídas na palavra "sareis", obviamente o seu sentido básico é ser curado de enfermidades físicas.

O uso do imperativo presente indica que a confissão de pecados uns aos outros e a oração uns pelos outros deve ser uma prática contínua entre os crentes, mantendo assim uma atmosfera em que as pessoas serão mais prontamente curadas.

O perdão dos pecados não resulta automaticamente da confissão, embora a confissão seja o passo inicial necessário ao perdão. "O que encobre as suas transgressões, nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia" (Pv 28.13). Se o pecado continuar mesmo depois de ter sido confessado, a pessoa enferma poderá necessitar mais do que de perdão. Precisará de libertação. Por conseguinte, é necessária a oração que "pode muito em seus efeitos" (Tg 5.16). A confissão descrita aqui envolve aquela que é feita entre crentes, e não a algum sacerdote. Se uma pessoa tiver magoado alguém, deve confessar e pedir perdão àquele contra quem pecou. Os pecados de natureza pública devem ser publicamente confessados, a fim de que todos os que foram magoados possam ser envolvidos no perdão. Em certas ocasiões, é aconselhável confessarmos os nossos pecados a um ministro ou a algum amigo crente —

pessoas prudentes e de oração que nos ajudem a pleitear pela misericórdia e perdão de Deus. Tiago, naturalmente, não estava advogando que sempre que tivéssemos consciência de nosso erro em atos ou palavras, fôssemos contar em detalhes a alguém. O que queria dizer é que quando a confissão for necessária para a nossa reconciliação com as outras pessoas, ou para obtermos uma consciência livre e tranqüila, então devemos estar prontos a obedecer essa ordem.

Ilustrando os resultados de uma oração poderosa e eficaz, bem como para encorajar os presbíteros que foram chamados a orar pela pessoa doente, Tiago nos lembra de Elias, um dos homens de oração mais eficazes em toda a Bíblia (veja o capítulo 5 deste livro). Devido à tendência natural de colocarmos tais pessoas num pedestal, considerando-as pertencentes a uma raça superior, impossível de imitar, Tiago deixou claro que Elias era um ser humano "sujeito às mesmas paixões que nós" (Tg 5.17). Elias não estava livre da carga de sua humanidade: Ele também lutou com as fraquezas da carne; também experimentou a fragilidade humana e suas conseqüências. Mas orou e Deus o ouviu. Por conseguinte, devemos, como Elias, orar pela necessidade que se nos apresenta, tendo absoluta confiança de que o Deus de Elias ouvirá o nosso intenso clamor de pedido de ajuda.

Empecilhos à Oração

As relações humanas desempenham um importante papel na oração eficaz. Relacionamentos impróprios ou debilitados podem causar um curto-circuito na conexão divina e impedir respostas às nossas orações. Pedro dirige-se especificamente aos relacionamentos no lar: "Maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coherdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações" (1 Pe 3.7).

Pedro mencionou três áreas nas quais os maridos devem honrar suas mulheres, se quiserem que suas orações sejam eficazes.

Em primeiro lugar, os maridos devem ter "entendimento". Devem comportar-se para com suas esposas com plena consciência do que Deus espera da parte deles. Devem compreender o propósito pelo qual o casamento foi instituído: que marido e mulher sejam uma só carne, de comunhão tanto física quanto espiritual. Devem tratar suas mulheres sabendo perfeitamente o que a Bíblia define como um relacionamento apropriado entre dois crentes: demonstrando bondade, amor, altruísmo; honrando o outro acima de si mesmo; demonstrando o fruto do Espírito.

Em segundo lugar, os maridos devem tratar suas mulheres "como vaso mais fraco". "Mais fraco" provavelmente tem o sentido de "menos proeminente" (conforme se vê em 1 Co 1.22,23), não sendo uma referência à força física da mulher. Os cientistas não concordariam que ela é mais fraca fisicamente, pelo menos não em relação à sua resistência e capacidade de suportar a dor. Todavia, a mulher era o membro de menor proeminência nas culturas judaica e greco-romana do primeiro século de nossa era. E até mesmo hoje, quando a mulher não é tão dependente do marido e as condições sociais são outras, ainda continua havendo essa diferenciação. O que Pedro esperava aqui era que o marido não tomasse decisões arbitrárias, nem deixasse de mostrar a devida consideração às opiniões e desejos de sua mulher. Em vez disso, o esposo deveria dar à esposa o reconhecimento, a honra e o respeito de modo especial, mostrando assim o quanto ele depende dela. Os maridos também deveriam demonstrar compreensão ao não levar em conta as rugas que o espelho revela e ao colocar o bem-estar de suas mulheres acima de si mesmos. Dessa forma, os maridos estarão amando suas mulheres como "Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela" (Ef 5.25).

E finalmente, em terceiro lugar, os maridos devem lidar com suas mulheres como sendo "os seus co-herdeiros da graça da vida". A mulher crente é um membro da família de Deus em pleno desenvolvimento. Em Cristo não há macho nem fêmea (Gl 3.28). Espiritualmente falando, o homem e a mulher são iguais. Ambos partilham da salvação, da vida espiritual e de todos os dons de Deus numa mesma base — pela graça através da fé. Aos olhos de Deus, nenhum dos dois tem mais méritos do que o outro. Assim, o esposo mostra consideração ao encorajar a esposa a exercitar a fé e a buscar os dons espirituais, o serviço no ministério e as bênçãos de Deus. É claro que dentro da vida familiar as diferenças de gênero ainda permanecem, mas devem servir de base para a consideração amorosa, para o respeito mútuo e para a apreciação sincera. Se o marido agir com autoritarismo, com maltratos, com ameaças ou mostrar um espírito arrogante e dominador para com sua mulher, estará causando danos à unidade do Corpo de Cristo (1 Co 12.27), despojando a obra de Cristo do seu verdadeiro significado e tornando-se num impedimento para as respostas de suas orações.

A ausência da prática desses princípios no lar impedirá as orações de qualquer pessoa da casa. O verbo "impedidas" (no grego, *egkopto*) deriva-se de palavras que significam "decepar", "cortar fora". No Novo Testamento, essa palavra significa "bloquear", "impedir", "interromper". A referência primária aqui são às orações do marido.

Entretanto, como conseqüência disso, as orações da esposa também são impedidas ou bloqueadas por causa de conflitos, abusos ou falta de amor por parte dela. Como companheiros em sua peregrinação espiritual, marido e mulher devem fazer todo o possível para encorajarem-se um ao outro e ajudarem-se mutuamente. Juntos, os dois devem resguardar-se contra desacordos e confrontos domésticos que se estendem indefinidamente (Ef 4.26). Ambos precisam estar alertas, a fim de que coisa alguma que aconteça entre eles prejudique suas orações particulares, suas orações domésticas e, especialmente, as orações um pelo outro (1 Co 7.5). Quando as relações familiares estão em harmonia e são edificantes, as orações do líder espiritual do lar, bem como as de qualquer outro membro da família, são eficazes.

Pedro adiciona ainda outro empecilho às nossas orações: o orgulho. Duvida-se que haja outro obstáculo maior do que este. O orgulho é inimigo de toda a oração. Ele coloca a pessoa à frente de Deus. Enevoa a visão das pessoas e perverte os seus valores. Promove a divisão e atrai o desprazer divino — pois Deus faz oposição ao orgulhoso. Em lugar do orgulho, a humildade é a veste dos crentes sinceros.

> Semelhantemente vós, mancebos, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Humilhai-vos pois debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte; lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós (1 Pe 5.5-7).

A humildade é vital às nossas orações. Não ousemos, pois, negligenciá-la. A verdadeira humildade é mais do que proferir palavras. É uma gentileza que geralmente se reflete quando o mais jovem se submete ao mais velho e os crentes se submetem uns aos outros. É uma vestimenta exterior que anuncia uma virtude interior. No tempo do Novo Testamento, os escravos amarravam um pano branco ou um avental sobre suas vestes, para que todos soubessem que eles eram escravos (Charles Bigg, *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Peter and St. Jude*, The International Critical Commentary, Edimburgo, T. & T. Clarke, 1902, p. 191; J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and Jude*, Nova Iorque: Harper & Row, 1969, p. 206). Os crentes que usam o pano da humildade estão enfaticamente anunciando: "Somos servos de Cristo Jesus", seguindo-o no espírito de João 13.4,5.

A humildade é tão alienígena à auto-exaltada natureza humana, que o crente deve se esforçar constantemente por manter essa virtude cristã. O orgulho advoga a independência e a auto-suficiência, e

reluta em reconhecer a necessidade da intervenção divina nos assuntos pessoais. Nos mais jovens e inexperientes, o orgulho encoraja a insubordinação e a rebeldia; nos líderes, encoraja o despotismo. Mas a humildade, originária da auto-negação (Mc 8.34), reconhece a total dependência de Deus, sem importar qual seja a esfera de atividades que alguém ocupe nesta vida.

Uma boa maneira do crente humilhar-se a si mesmo aparece no versículo 7, de 1 Pedro 5: "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós". A pessoa orgulhosa, autosuficiente, nunca pede a ajuda de ninguém, nem mesmo de Deus. Por conseguinte, o próprio ato de lançarmos a nossa ansiedade sobre Deus exprime a nossa dependência e necessidade da ajuda dEle. O máximo em termos de submissão e humildade é a outorga a Deus a partir das perplexidades, dos problemas e das dificuldades da vida, pois Ele verdadeiramente cuida e pode transformar todas essas coisas para o nosso benefício e crescimento espiritual.

"Ansiedade" (no grego, *merimna*) fala de uma preocupação exagerada. A ansiedade puxa os nossos pensamentos e emoções em diversas direções ao mesmo tempo, resultando em excessiva preocupação, desassossego, apreensão, tensão e aflição. Isso mostra uma ausência de confiança em Deus e é freqüentemente o resultado de buscas ambiciosas pelas coisas materiais, pelo poder mundano ou por status. Portanto, humilhamo-nos indo a Deus em oração, lançando sobre Ele toda a nossa carga de ansiedades, preocupações, tristezas e perplexidades. E o fazemos por um bom motivo — porquanto Ele cuida de nós.

"Cuidar", como verbo impessoal (no grego, *melei*), significa "ter uma preocupação genuína que se agrada em fazer algo com carinho". Deus se importa conosco. Por essa razão, entendemos que Ele se interessa pelas ansiedades que nos sobrecarregam, indo ao ponto de, quando as apresentamos a Ele, Ele se junta a nós para levá-las ou Ele mesmo as leva em si (Mt 8.17; 11.28-30).

Outro evidente empecilho à oração é o pecado. Toda e qualquer oração eficaz feita por crentes é governada pela comunhão e pelo relacionamento, primeiramente com Deus e depois com os irmãos na fé. Pecado, iniqüidade, maldade são arquiinimigos dessa comunhão, pelo que temos de lidar com eles de forma adequada.

> Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos

> pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça (1 Jo 1.6-9).

"Comunhão" (no grego, *koinonia*) significa "participação", "sociedade", "compartilhar em comum". Inerente na palavra está a idéia de ser entrelaçado um no outro — como os fios que formam uma corda. Ter esse tipo de relacionamento com o Senhor depende de o crente estar andando "na luz".

O contraste aqui está entre o andar nas trevas versus o andar na luz. O pecador anda nas trevas. Para ele não pode haver comunhão com Deus, já que não há compatibilidade entre as trevas e a luz, entre o pecado e o Deus que é Luz. Andar na luz requer total obediência à vontade de Deus, conforme essa vontade está revelada na Bíblia. Disso resulta a comunhão com o próprio Deus. Contudo, ninguém é impecavelmente perfeito (1 Jo 1.8), porquanto estamos numa luta sem trégua com uma natureza caída e pecamos por ignorância e fraquezas humanas — e, às vezes, até mesmo deliberadamente. Se pecarmos enquanto tentamos andar na luz, "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado (1 Jo 1.7). Também existe um remédio quando o crente peca voluntariamente: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 Jo 1.9).

A confissão dos pecados é obrigatória se o crente quiser ter uma comunhão inquebrantável e contínua "com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1.3). E essa comunhão é absolutamente essencial se o crente desejar orar com a certeza de estar sendo ouvido pelo Criador.

A Certeza de que a Oração Foi Ouvida

A confiança do crente em receber respostas às suas orações está baseada na certeza de ter sido ouvido. E a certeza de que foi ouvido deriva-se de saber que está pedindo do modo certo — em conformidade com a vontade de Deus. Por conseguinte, nossa descoberta da vontade de Deus é o primeiro passo para uma oração eficaz.

> E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos. Se alguém vir pecar seu irmão pecado que não é para morte, orará, e Deus dará a vida àqueles que não pecarem para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que ore (1 Jo 5.14-16).

Todo aquele que ora pode ter a mais absoluta certeza de que sempre que uma oração for feita de acordo com a vontade divina, a audiência

diante do trono da misericórdia está assegurada. Pedir é uma das prerrogativas do crente. Às vezes, o crente não recebe simplesmente porque não pede (Tg 4.2; veja também Mt 7.7). Por outro lado, nossas petições só serão ouvidas se forem compatíveis com o bom prazer do Ouvinte. Existe a petição motivada por motivos errados (Tg 4.3).

No entanto, depois de pedirmos — e de pedirmos pelos motivos certos —, devemos nos preocupar em descobrir a vontade de Deus em relação às nossas orações. Como fazê-lo? Esta é uma pergunta de importância fundamental: As nossas orações se ajustam aos claros mandamentos da Bíblia? É tolice orar por qualquer coisa que seja proibida pela Palavra de Deus. Por exemplo, orar pela aprovação divina ao casamento de um crente com um incrédulo seria orar contra a vontade de Deus (2 Co 6.14). Por outro lado, podemos estar certos de que estamos orando segundo a sua vontade, quando pedimos para ser cheios com o seu Santo Espírito (Lc 11.13). Basicamente, a vontade de Deus aparece de maneira clara em sua Palavra (1 Ts 4.3; 5.18; 1 Pe 2.15; 4.19).

As petições de um crente não deveriam deixar de incluir qualquer membro do Corpo de Cristo que tenha cometido um pecado "não para morte". Admite-se que essa passagem possa ser interpretada de diversas maneiras, particularmente à luz da seguinte declaração: "Há pecado para morte, e por esse não digo que ore" (1 Jo 5.16). Muitos intérpretes identificam o "pecado para morte" com o pecado "contra o Espírito Santo" (Mt 12.32). Outros percebem que a referência aqui diz respeito a algum pecado que possa ser castigado com a morte temporal (como o assassinato), ou a qualquer pecado que Deus prefira punir com a morte.

A posição de A. Plummer parece ser a mais próxima da interpretação correta do "pecado para morte".

> A oração de um ser humano jamais poderá cancelar o livre-arbítrio de outro ser humano. Se a vontade de Deus não controlar a vontade do homem, nem poderá fazê-lo a oração de um outro ser humano. Quando uma vontade humana manifesta-se firmemente em oposição à vontade divina, nossa intercessão de nada valerá. E esse parece ser o sentido de "pecado para morte": uma obstinada e voluntária rejeição da graça de Deus e a persistência no pecado impenitente (H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, editores, *The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 22, *I John*, por A. Plummer, p. 142).

Embora esse possa ser o caso em ocasiões raras, é muito mais provável que quando apelamos com veemência por um irmão que pecou, Deus, que é pleno de misericórdia e compaixão, lhe "dará a vida" (1 Jo 5.16; veja também Tg 5.20).

Certa feita, tive de ser inflexível com um irmão que tinha causado uma divisão numa pequena congregação que passava por dificuldades. Foi necessário que eu o tratasse com bastante firmeza, mas posteriormente fiquei aflito por ter confrontado aquele homem de forma tão franca e direta; pelo que comecei a orar intensamente por ele. No entanto, enquanto orava por ele dia após dia, uma crescente convicção foi-se formando em meu espírito de que minhas orações eram inúteis e de que aquele homem havia cometido um "pecado para morte". Que eu saiba, desde aquele dia em diante aquele sujeito não mais serviu a Deus – *R. L. Brandt.*

Edificação Pessoal através da Oração

É muito apropriado que nosso estudo sobre as orações nas epístolas terminem com esta nota:

> Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos sobre a vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, conservai-vos a vós mesmos na caridade de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna (Jd 20,21).

Esta instrução é bastante simples e básica: Edifiquem-se. Em lugar de ficar ouvindo homens ímpios, que se entregam aos maus desejos (Jd 19), os crentes são encorajados a se edificarem espiritualmente, bem como uns aos outros, na mais santa fé — isto é, na revelação que nos foi dada por Cristo e por seus apóstolos (Jd 20). Hoje, tal desenvolvimento requer um estudo consistente da Palavra de Deus, enquanto procuramos conhecer a verdade e os ensinamentos das Escrituras. Esse é um privilégio de todo o crente, bem como uma tarefa que todo o crente deve cumprir.

O particípio presente usado no original grego de Judas 20, atua como imperativo e exige uma ação contínua que lhe é paralela. Em outras palavras, enquanto nos edificamos na (e por meio da) nossa santíssima fé, devemos fazer nossa prática "orando no Espírito Santo". Tanto a Palavra de Deus quanto o Espírito Santo são ambos necessários. Quando oramos pelo poder capacitador do Espírito Santo, Ele inspira os nossos corações, ilumina as nossas mentes e nos dá força para sermos capazes de resistir ao Inimigo de nossas almas e aos falsos mestres, que querem destruir a nossa fé (Rm 8.26,27; Ef 6.18). Com toda a probabilidade, temos aqui uma referência direta à oração em línguas, segundo o Espírito nos concede (1 Co 14.15,18). Entretanto, isso certamente deve incluir toda a oração que se deriva da vida e do poder do Espírito Santo.

Através dos exemplos de oração no livro de Atos e nos ensinos sobre a oração nas epístolas, observamos que o Espírito Santo desempenha um papel proeminente na oração. Sua presença está

implícita ou diretamente mencionada como aquEle que ajuda as orações do crente cheio do Espírito. O padrão permanece o mesmo até hoje. Esse divino Ajudador, que foi enviado para nos ajudar depois de Jesus Cristo haver retornado à mão direita do Pai, é a principal força numa vida de oração ativa e eficaz. Portanto, você não deve apagar as chamas do Espírito, mas sim convidá-lo a revolucionar a sua vida através de orações inspiradas.

Perguntas para Estudo

1. Qual a nossa confiança quando nos aproximamos do trono da graça?
2. De acordo com Tiago, quais os motivos certos que devem ser expressos em nossas petições a Deus?
3. Quem tem a responsabilidade de chamar os presbíteros ou pastores da igreja para orar pelos enfermos e ungi-los? A Bíblia faz alguma exceção quanto a isso?
4. De acordo com Pedro, qual o maior empecilho à oração e por quê?
5. O que significa andar na luz?
6. Por que a misericórdia é necessária e como podemos estar certos de que a temos?

PARTE 3

Teologia Bíblica da Oração

A Oração na Prática Contemporânea

PARTE 3:
A ORAÇÃO NA PRÁTICA CONTEMPORÂNEA

Capítulo 14
Intervenção Angelical
Capítulo 15
Oração e Reavivamento
Capítulo 16
As Disciplinas da Oração: Um Princípio Prático
Capítulo 17
Problemas Analisados

Capítulo Quartorze

Intervenção Angelical

Nenhum estudo sobre a oração, que tenha fixado a atenção sobre a prática contemporânea, será completo sem uma consideração específica sobre o ministério dos anjos, no que se refere às respostas que eles trazem às orações dos crentes. O termo grego *angelos* pode denotar um "mensageiro" humano ou celestial. No Novo Testamento, entretanto, trata-se de uma palavra usada quase exclusivamente para indicar os seres celestiais (as exceções são Lc 7.24; 9.52 e, talvez, Ap 1.20). Estes seres sobrenaturais estão sob às ordens de Deus. No céu, a missão deles consiste em louvar e adorar a Deus (Ap 4.11,12). Dedicam-se, sem reservas, a cumprir a vontade divina (Sl 103.20). Ao cumprir essa vontade em favor daqueles a quem Deus ama, eles "sempre vêem a face" do Pai (Mt 18.10).

Os anjos não são nem imaginários, nem místicos. Ainda que participem do místico, nem por isso são irreais. Embora apareçam misteriosamente, às vezes, nos sonhos e nas visões (Mt 1.20; 2.13), em outras ocasiões tornam-se seres tangíveis neste mundo físico e humano. Visto que Deus é o Criador e porque só Ele pode criar, Ele é capaz de dar corpos físicos aos anjos com o propósito de aparecerem aos homens. No encontro deles com Ló (Gn 19.1-4), por exemplo, os anjos comeram como se fossem homens comuns e até se prepararam para dormir. Algumas vezes, como no caso que narraremos mais adiante, aquele a quem o anjo apareceu não sabia se havia tido uma visão ou se vira um ser físico, até depois de o anjo ter-se ido embora.

Os anjos são enviados das dimensões celestiais. Todavia, o ministério dos anjos entre homens e mulheres não é freqüentemente reconhecido. Podemos suspeitar da intervenção deles na proteção e provisão sobrenaturais, mas então hesitamos em reivindicar uma visita angelical, porque não compreendemos plenamente como a dimensão invisível se mistura com a dimensão física. Também não precisamos compreender inteiramente os meios que Deus usa para responder às nossas orações. Apenas saber que há mensageiros angelicais que cumprem as ordens do Pai, na maioria das vezes em

resposta às orações, já serve de substância suficiente sobre a qual nossa fé pode se manter firme. Embora a expressão da oração tenha aspectos muito humanos e físicos, a comunhão entre o crente na face da terra e o Deus do universo vai desde a mais baixa dimensão até os mais altos níveis, ligando o Céu e a terra.

Deveríamos observar que em parte alguma da Bíblia os crentes são exortados a orar pela intervenção angelical e nem somos instruídos ou permitidos a orar aos anjos (Ap 19.10). A intervenção angelical é estritamente uma iniciativa de Deus. Não nos cumpre exigir atividade dos seres angelicais, mas simplesmente reconhecer que isso pode acontecer quando nos engajamos em fervorosa oração. Alguns experimentarão essa forma de resposta à oração (veja o apêndice 3, "A Aparição de um Anjo"). Mas outros não a experimentarão. Contudo, as orações de todos os crentes são ouvidas. "E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos" (1 Jo 5.15). Deus não demonstra parcialidade no modo como envia as respostas às nossas orações, mas Ele sabe que aquilo que pode ser útil para alguns é totalmente desnecessário para outros.

Sempre que buscamos compreender e explicar os mistérios do mundo sobrenatural, devemos ser cautelosos bem como estudar estritamente os registros bíblicos. Apesar de ser importante dar o devido reconhecimento à possibilidade da intervenção angelical quando se ora, é igualmente importante evitar extremos, que são o fruto da imaginação humana ou o subproduto de interpretações bíblicas errôneas.

O ministério dos anjos em favor do povo de Deus está ratificado na epístola aos Hebreus: "Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" (Hb 1.14) Os anjos estão envolvidos na providencial ordenação de Deus nos assuntos humanos (Dn 12.1). São extremamente ativos na obra divina de preparar o caminho para a reconciliação dos pecadores com Deus (At 10.3,4). Proclamam as palavras de Deus (Lc 1.26-28) e executam a sua obra na face da terra (Mt 13.41). Os anjos tomaram parte na salvação que Deus trouxe à humanidade: estavam presentes no nascimento de Jesus (Mt 1.20-24; 2.13,19,20; Lc 1.26-38; 2.9-15), durante o seu ministério (Mt 4.11; Mc 1.13; Lc 22.43), em sua ressurreição (Mt 28.2,5; Jo 20.12) e por ocasião de sua ascensão (At 1.10,11). Os anjos desempenharão um papel importante nos acontecimentos do fim dos tempos (veja, por exemplo, Mt 24.31; Ap 9.15) e retornarão em companhia de Jesus em sua segunda vinda (Mt 25.31).

Despachar os anjos é uma prerrogativa e bênção dos céus. Eles são totalmente obedientes ao Deus que os envia. Alguns intérpretes têm ensinado, erroneamente, que o crente pode despachar anjos,

mas não há qualquer base bíblica em apoio a essa reivindicação. Nossa principal preocupação neste capítulo é descobrir como a intervenção angelical pode ocorrer em resposta às nossas orações. Sabemos que os anjos cumprem atividades que não dependem das orações humanas, mas o nosso enfoque aqui se restringe à função que desempenham no que diz respeito à oração.

Os Anjos e a Oração no Antigo Testamento

Há muitos exemplos de intervenção angelical no Antigo Testamento. Entretanto, somente um número limitado deles se relaciona diretamente à oração. Em lugar de meditarmos em todas as ocasiões em que há a presença de anjos, limitar-nos-emos aos episódios claramente assinalados pela oração.

Não é incomum que a oração esteja relacionada com a guerra espiritual, mas quando ouvimos falar sobre esse assunto geralmente entendemos que se trata da luta contra as forças do mal. Entretanto, Jacó contendeu com "um varão", isto é, com um anjo (Gn 32.24). Se o citado homem era um anjo enviado pelo Senhor ou o próprio Senhor em forma humana não nos é fácil decidir, embora pareça ter sido fácil para Jacó, que, após a experiência, disse: "Tenho visto a Deus face a face" (Gn 32.30).

> Jacó porém ficou só; e lutou com ele um varão, até que a alva subia. E vendo que não prevalecia contra ele, tocou a juntura de sua coxa, e se deslocou a juntura da coxa de Jacó, lutando com ele. E disse: Deixa-me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: Não te deixarei ir, se me não abençoares. E disse-lhe: Qual é o teu nome? E ele disse: Jacó. Então disse: Já não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste. E Jacó lhe perguntou, e disse: Dá-me, peço-te, a saber o teu nome. E disse: Por que perguntas pelo meu nome? E abençoou-o ali. E chamou Jacó o nome aquele lugar Peniel, porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva (Gn 32.24-30).

Não é importante que estabeleçamos a diferença entre Deus e seus mensageiros angelicais, exceto quando adoramos (Ap 19.10). Para Jacó, o confronto com o anjo era de grande conseqüência. Ele reconheceu que o ser com quem lutou era capaz de abençoá-lo e, nessa circunstância em particular, compreendeu que não poderia sobreviver sem aquela bênção.

Ao mesmo tempo em que Jacó lutou com o anjo, parece que o anjo também lutou com ele — ou talvez Jacó tenha lutado consigo mesmo. Seu grande problema estava mais relacionado consigo mesmo do que em ganhar domínio sobre o anjo, pois o anjo era o mensageiro de Deus

para a sua bênção. Mas Jacó era muito "forte" para receber essa bênção. Enquanto não se rendesse, significava que ainda não estava preparado para ser abençoado. O obstáculo a ser vencido era o próprio Jacó: o enganador, o suplantador, o trapaceiro.

O anjo lutou por longo e renhido tempo, pois estava ali para ministrar a Jacó. A luta perdurou a noite inteira. Enquanto a junta da coxa de Jacó, símbolo de sua força humana, não foi deslocada (no hebraico, *teqa'* — "foi desconjuntada"), ele não se rendeu ao anjo. Mas no momento em que Jacó cedeu — o que levou uma cansativa e angustiosa noite até chegar a esse ponto (Gn 32.26) — obteve a bênção desejada: "Não se chamará mais o teu nome Jacó, mas Israel: pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste" (Gn 32.28). "Prevaleceste" contra quem? Contra o anjo? Contra Deus? Não, Jacó havia prevalecido contra Jacó. Foi com essa finalidade que houvera a luta com o anjo. Se for necessário, Deus ainda pode enviar o seu anjo para lutar conosco, a fim de nos dar uma bênção. O Jacó que há em nós, que engana e trapaceia, tende a nos dominar e a nos tornar vítimas de nossa velha natureza adâmica. *Oh, Senhor, envia-nos o teu anjo!*

Jacó respondeu com uma pergunta: "Dá-me, peço-te, a saber o teu nome" (Gn 32.29). Isso não deveria parecer estranho, pois quem, após tão revolucionário encontro, não gostaria de identificar o ser misterioso com o qual tanto lutara? Mas a pergunta de Jacó recebeu do anjo outra pergunta: "Por que perguntas pelo meu nome?" Por mais que o ser humano possa compreender o divino, seu nome já está evidente naquilo que acontece. Jacó não precisava de mais nada. Aquele não era um anjo comum (Gn 32.30). Jacó tinha-se encontrado com *o Anjo* do Senhor. E ele provou que compreendera esse fato, quando chamou aquele lugar de Peniel, que significa "a face de Deus". A luta na oração intercessória sempre fala mais sobre nós mesmos do que sobre Deus, pois leva-nos ao ponto de reconhecer a nossa pecaminosidade, a nossa fraqueza espiritual, a ausência de qualquer mérito pessoal de nossa parte. Paulo compreendeu essa verdade quando escreveu: "Porque quando estou fraco então sou forte" (2 Co 12.10).

Moisés foi o líder dos israelitas quando peregrinavam pelo deserto a caminho da Terra Prometida. Mas havia outro guia. Moisés não tinha dúvidas de quem era esse guia. Tendo chegado a Cades, Moisés solicitou ao rei de Edom que permitisse que Israel passasse pelo território do seu país. Embora a petição lhe tivesse sido negada, ela contém um testemunho da fidelidade divina em responder às orações: "E clamamos ao Senhor, e ele ouviu a nossa voz, e mandou um anjo, e nos tirou do Egito; e eis que estamos em Cades, cidade na extremidade dos teus termos" (Nm 20.16).

> É provável que Moisés tenha usado de propósito uma expressão que tanto poderia ser compreendida como proveniente do anjo quanto do mensageiro, porquanto ele não podia explicar ao rei de Edom a verdadeira relação entre o Senhor e seu povo. Ao mesmo tempo, isso fazia o mais perspicaz sentido (Êx 14.19; 32.34), visto que esse anjo era o incriado Anjo da Aliança, que vinha da parte de Deus e, no entanto, era Deus (Gn 32.20; Js 5.15; 6.2; At 7.35), o qual era o verdadeiro capitão dos exércitos do Senhor (H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, editores, *The Pulpit Commentary*, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1950, vol. 2, *Numbers*, por R. Winterbotham, p. 254).

O detalhe que nos interessa da passagem de Números 20, é o fato de que a intervenção angelical foi dada em resposta à oração de Israel: "Clamamos ao Senhor" (Nm 20.16). Quando o povo de Deus se vê escravizado a governos dominados por homens malignos, suas orações sempre serão ouvidas. Em sua própria sabedoria e no tempo determinado por Ele, Deus intervirá, indo até o ponto de empregar anjos para efetuar o livramento necessário.

Anos mais tarde, quando o povo de Israel foi de novo dominado por outro grupo de povos, desta feita os filisteus, mais uma vez Deus ouviu o seu clamor. Essa oração pelo livramento nacional dos filhos de Israel começou a ser respondida através de um filho que Deus enviou: Sansão.

O registro do nascimento de Sansão, em resposta à súplica do coração de uma esposa estéril, contém vários elementos miraculosos, incluindo o anúncio feito por um anjo sobre o nascimento de uma criança especial. Deus estava trabalhando em favor do seu povo e a aparição do Anjo do Senhor foi a confirmação desse fato.

> E os filhos de Israel tornaram a fazer o que parecia mau aos olhos do Senhor, e o Senhor os entregou na mão dos filisteus por quarenta anos. E havia um homem de Zorá, da tribo de Dã, cujo nome era Manoá; e sua mulher era estéril, e não tinha filhos. E o anjo do Senhor apareceu a esta mulher, e disse-lhe: Eis que agora és estéril, e nunca tens concebido; porém conceberás, e terás um filho. Agora, pois, guarda-te de que bebas vinho, ou bebida forte, ou comas coisa imunda. Porque eis que tu conceberás e terás um filho sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu de Deus desde o ventre; e ele começará a livrar a Israel da mão dos filisteus. Então a mulher entrou e falou a seu marido, dizendo: Um homem de Deus veio a mim, cuja vista era semelhante à vista dum anjo de Deus, terribilíssima; e não lhe perguntei donde era, nem ele me disse o seu nome; porém disse-me: Eis que tu conceberás e terás um filho; agora pois não bebas vinho, nem bebida forte, e não comas coisa imunda; porque o menino será nazireu de Deus, desde o ventre até o dia da sua morte (Jz 13.1-7).

Apesar do registro bíblico não indicar explicitamente que Manoá e sua esposa tenham orado pedindo um filho, esse fato está subentendido. O fardo da esterilidade num lar judaico mui naturalmente teria provocado essa oração (Gn 25.21; 1 Sm 1.10,11). Neste caso, Deus enviou o seu anjo não apenas para assegurar à esposa de Manoá que Ele curaria a esterilidade dela, mas também para instruí-la especificamente acerca do tempo de gravidez e do tipo de vida que seu filho deveria levar.

A descrição do anjo feita pela futura mãe é digno de nota: "Um homem de Deus veio a mim, cuja vista era semelhante à vista dum anjo de Deus, terribilíssima" (Jz 13.6). "Terrível" é tradução do vocábulo hebraico *nora'*. Trata-se de um particípio passivo que significa "a ser reverenciado", "mantido em honra", "mantido em admiração". Encontrar um anjo, especialmente o Anjo do Senhor (Êx 33.20; At 7.38), era verdadeiramente uma experiência tremenda, que requeria o máximo de reverência. A experiência de Gideão foi similar: "Então viu Gideão que era o anjo do Senhor; e disse Gideão: Ah! Senhor, Jeová, que eu vi o anjo do Senhor face a face. Porém o Senhor lhe disse: Paz seja contigo; não temas; não morrerás" (Jz 6.22,23).

O ministério que o anjo foi cumprir, ao visitar a esposa de Manoá, tinha dois aspectos: (1) Transmitir a ela a promessa de Deus: "Conceberás, e terás um filho"; e (2) dar instruções específicas acerca do filho que nasceria: "Um filho sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu de Deus desde o ventre".

Se está implícito que o anjo visitou a esposa de Manoá em resposta à oração, não havendo declaração direta nesse sentido, não há dúvida de que a segunda aparição angelical ocorreu em resposta à oração. Manoá rogou ao Senhor que enviasse novamente "o homem de Deus", para que desse mais instruções sobre como criar a criança que havia sido prometida à sua esposa. Pode ser que Manoá não tenha acreditado que sua esposa tivesse visto um anjo. Os anjos não são homens, pois são identificados como "espíritos" (Hb 1.14) e um espírito não tem carne nem ossos (Lc 24.39). Não obstante, quando se apresentam às pessoas, os anjos podem aparecer como homens comuns ou extraordinários. Que os anjos podem aparecer na forma de seres humanos está evidenciado em ambos os Testamentos (Hb 13.2).

> Então Manoá orou instantemente ao Senhor, e disse: Ah! Senhor meu, rogo-te que o homem de Deus que enviaste, ainda venha para nós outra vez e nos ensine o que devemos fazer ao menino que há de nascer.
> Deus ouviu a voz de Manoá; e o anjo de Deus veio outra vez à mulher, e ela estava no campo, porém não estava com ela seu

> marido Manoá. Apressou-se pois a mulher, e correu, e noticiou a seu marido, e disse-lhe: Eis que aquele homem que veio a mim o outro dia me apareceu. Então Manoá levantou-se, e seguiu a sua mulher, e veio àquele homem, e disse-lhe: És tu aquele homem que falaste a esta mulher?
> E disse: Eu sou. Então disse Manoá: Cumpram-se as tuas palavras; mas qual será o modo de viver e serviço do menino? E disse o anjo do Senhor a Manoá: De tudo quanto eu disse à mulher se guardará ela. De tudo quanto procede da vide de vinho não comerá, nem vinho nem bebida forte beberá, nem coisa imunda comerá; tudo quanto lhe tenho ordenado guardará. Então Manoá disse ao anjo do Senhor: Ora deixa que te detenhamos, e te preparemos um cabrito. Porém o anjo do Senhor disse a Manoá: Ainda que me detenhas, não comerei de teu pão; e se fizeres holocausto o oferecerás ao Senhor. Porque não sabia Manoá que fosse o anjo do Senhor. E disse Manoá ao anjo do Senhor: Qual é o teu nome? para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos. E o anjo do Senhor lhe disse: Por que perguntas assim pelo meu nome, visto que é maravilhoso? Então Manoá tomou um cabrito e uma oferta de manjares, e os ofereceu sobre uma penha ao Senhor; e obrou o anjo maravilhosamente, vendo-o Manoá e sua mulher. E sucedeu que, subindo a chama do altar para o céu, o anjo do Senhor subiu na chama do altar; o que vendo Manoá e sua mulher, caíram em terra sobre seus rostos. E nunca mais apareceu o anjo do Senhor a Manoá, nem a sua mulher; então conheceu Manoá que era o anjo do Senhor (Jz 13.8-21).

Mesmo depois de conversar bastante com o anjo que lhe aparecera na forma de homem, Manoá não percebeu que era o Anjo do Senhor. O encontro foi muito parecido com o encontro de um homem com outra pessoa qualquer. Sendo assim, Manoá lhe pediu que ficasse e desfrutasse da hospitalidade de uma refeição especial que ele providenciaria. Mas o anjo recusou-se a comer da comida deles, sugerindo antes que preparassem uma oferta queimada ao Senhor. Isso deveria ter sido o suficiente para que Manoá percebesse que havia algo de incomum acerca daquela pessoa, mas continuou olhando para ele como um "homem de Deus" (isto é, um profeta) e lhe perguntou o nome, "para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos" (Jz 13.17). A profecia cumprida era uma das autenticações de um verdadeiro profeta (Dt 18.21,22; 1 Sm 9.6). É claro que Manoá não tinha tanto discernimento espiritual quanto sua esposa revelara ter (Jz 13.6,23).

Por um lado, a petição de Manoá foi-lhe negada, mas por outro, foi-lhe respondida, porquanto "maravilhoso" é tradução do termo

hebraico *pel'i*, que significa "admirável", "magnífico". Trata-se de outra forma da mesma palavra usada por Isaías em sua profecia sobre Jesus: "E o seu nome será: Maravilhoso [no hebraico, *pele*']" (Is 9.6). E então, quando Manoá obedeceu e fez uma oferta ao Senhor, toda a dúvida sobre a identidade daquele "anjo", que tinha aparecido em resposta à oração de Manoá, foi desfeita. "E obrou o anjo maravilhosamente, vendo-o Manoá e sua mulher. E sucedeu que, subindo a chama do altar para o céu, o anjo do Senhor subiu na chama do altar". Dessa forma, o Senhor e o Anjo do Senhor foram identificados (Jz 13.19,20). Foi então que Manoá e sua mulher se deram conta de que se tratava do Anjo do Senhor e que eles tinham visto a Deus (Jz 13.21,22).

Essa é outra indicação dada no Antigo Testamento de que as manifestações especiais do Anjo do Senhor eram aparições pré-encarnadas do divino Filho de Deus. Ele é o único Mediador entre Deus e a humanidade (1 Tm 2.5). Manoá e sua mulher podem não ter compreendido plenamente essa verdade, mas a esposa de Manoá chegou a compreender que o Senhor havia aceitado o sacrifício deles e que fora Ele quem tinha mostrado todas aquelas coisas (Jz 13.23).

Daniel também teve encontros com anjos. Os anjos apareciam a Daniel geralmente em períodos de intensa oração, quando ele ficava a esperar em Deus. Cada uma das missões desses anjos reveste-se de grande importância, visto que cada vez que apareciam a Daniel traziam uma nova revelação concernente ao fim dos tempos. Não abordaremos o conteúdo das visões nem o entendimento dado a Daniel, mas faremos algumas observações sobre os significativos fatos relacionados aos mensageiros celestiais, que o visitavam durante seus momentos de mais fervorosa oração.

> E aconteceu que, havendo eu, Daniel, visto a visão, busquei entendê-la e eis que se me apresentou diante uma como semelhança de homem. E ouvi uma voz de homem nas margens do Ulai, a qual gritou, e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. E veio perto donde eu estava; e vindo ele, fiquei assombrado, e caí sobre o meu rosto; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se realizará no fim do tempo (Dn 8.15-17).

Daniel tinha estado a orar em busca de entendimento acerca de uma visão que havia tido. Como parte da resposta que recebeu, testificou: "Eis que se me apresentou diante uma como semelhança de homem". Uma voz de homem falou, dizendo que esse ser com semelhança de homem era o anjo Gabriel, que significa "herói ou forte de Deus" (outros estudiosos pensam que o sentido da palavra Gabriel é "Deus mostrou-se forte". Esta é a primeira ocorrência na

Bíblia em que um anjo é identificado por nome). Conforme acontecia comumente nas aparições angelicais no Antigo Testamento, Daniel sentiu um apavorante medo, e não sem razão, porquanto estava defronte de um ser apenas um pouco inferior a Deus. Ele sabia que nenhum ser humano podia ver a Deus e viver.

> Estando eu, digo, ainda falando na oração, o varão Gabriel, que eu tinha visto na minha visão ao princípio, veio voando rapidamente, e tocou-me à hora do sacrifício da tarde. E me instruiu, e falou comigo, e disse: Daniel, agora saí para fazer-te entender o sentido. No princípio das tuas súplicas, saiu a ordem, e eu vim, para to declarar, porque és mui amado; toma pois bem sentido na palavra, e entende a visão (Dn 9.21-23).

Mais uma vez, Gabriel apareceu como um "homem" ou como uma "pessoa", conforme o termo hebraico *'ish* pode significar. Exatamente como em sua primeira aparição, sua missão era fazer Daniel "entender o sentido". Embora o anjo que veio a Daniel tenha trazido uma revelação divina e novas verdades, as aparições angelicais hoje em dia visam outros propósitos. Portanto, quer se trate do anjo Moroni, do Mormonismo, ou de qualquer outro anjo que afirme acrescentar ou tirar alguma revelação da Bíblia, tal ser deve ser denunciado e rejeitado. O apóstolo Paulo afirmou com ousadia: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema" (Gl 1.8). Satanás, o qual se "transfigura em anjo de luz" (2 Co 11.14), continua empregando seus anjos maus para impedir e destruir a obra de Deus.

> Naqueles dias eu, Daniel, estive triste por três semanas completas. E levantei os meus olhos, e olhei, e vi um homem vestido de linho, e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz; e o seu corpo era como turquesa, e o seu rosto parecia um relâmpago, e os seus olhos como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés como cor de bronze açacalado; e a voz das suas palavras como a voz duma multidão. Só eu, Daniel, vi aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram; não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram, escondendo-se. Fiquei pois eu só, e vi esta grande visão, e não ficou força em mim; e transmudou-se em mim a minha formosura em desmaio, e não retive força alguma. Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo a voz das suas palavras, eu caí com o meu rosto em terra, profundamente adormecido. E eis que uma mão me tocou, e fez que me movesse sobre os meus joelhos e sobre as palmas das minhas mãos. E me disse: Daniel, homem mui desejado, está atento às palavras que te vou dizer, e levanta-te sobre os teus pés; porque eis que te sou

> enviado. E, falando ele comigo esta palavra, eu estava tremendo. Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia, em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras. Mas o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia. Agora vim, para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias; porque a visão é ainda para muitos dias" (Dn 10.2,5-14).

Essa última aparição angelical a Daniel, como em cada uma das vezes anteriores, seguiu-se a um prolongado e intenso período de jejum e oração. A descrição que Daniel fez do ser celestial tem paralelos com o "filho do homem" que o apóstolo João viu (Ap 1.13-15). Qualquer que seja a identidade do mensageiro enviado a Daniel — quer tenha sido o próprio Senhor, ou, mais provavelmente, Gabriel, que já lhe aparecera duas vezes — era um emissário que lhe trazia notícias do outro mundo (Hb 1.14).

Esta experiência do visitante angelical a Daniel, em resposta à sua oração por entendimento, tem um profundo significado. Quando oramos com fervor, Deus pode imediatamente enviar um anjo para nos trazer a resposta. No entanto, até mesmo anjos poderosos poderão ter de guerrear contra forças invisíveis que combatem e resistem aos mensageiros da misericórdia divina. A existência de seres malignos extremamente poderosos é real. Neste caso que estamos analisando, havia um ser maligno chamado de "o príncipe do reino da Pérsia" (Dn 10.13). Tão poderoso era ele que retardou a resposta da oração de Daniel por vinte e um dias. Durante esse tempo, um segundo anjo, de nome Miguel, foi despachado com a missão de ajudar a levar a resposta a Daniel. (Miguel, cujo nome significa "Quem é como Deus?", é o outro anjo identificado por nome na Bíblia. Judas 9 chama-o de "arcanjo" ou "anjo-chefe".)

Com Miguel tomando conta do conflito, Gabriel viu-se livre para cumprir as ordens de Deus para com Daniel. Os seres humanos fazem pouca ou nenhuma idéia da batalha que ocorre nas regiões celestes em relação aos acontecimentos e às pessoas aqui na terra. É provável que Paulo estivesse se referindo a tal conflito, quando escreveu: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6.12).

Os Anjos e a Oração no Novo Testamento

As intervenções angelicais não se confinam ao Antigo Testamento. De fato, são notavelmente comuns os relatos de aparição de anjos na época do Novo Testamento. Na maioria das vezes, esses aparecimentos angelicais ocorriam como resultado direto da oração. Mas havia também ocasiões em que os anjos eram enviados em alguma missão especial inteiramente independente de qualquer oração feita pelos santos, como por exemplo, os anjos que apareceram no túmulo vazio de Jesus (Lc 24.4,5).

Os anjos jamais se ocupam com coisas triviais. Quando aparecem, é com algum propósito muito importante. "Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho" (Gl 4.4). Contudo, havia muito mais no advento do Messias do que uma simples declaração desse evento. Houve profecia e preparação. Um precursor para o Salvador fazia parte do grandioso plano de salvação e um anjo desempenhou um importante papel, ao anunciar o evento.

> Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judéia, um sacerdote chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão; e o seu nome era Isabel. E eram ambos justos perante Deus, andando sem repreensão em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade. E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma, segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso; e um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João; e terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos; com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto. Disse então Zacarias ao anjo: Como saberei isto? pois eu já sou velho, e minha mulher avançada em idade. E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas (Lc 1.5-15,17-19).

Não se pode afirmar categoricamente que a oração de Zacarias, ou mesmo a oração do povo, tenha precipitado a aparição angelical,

embora não haja dúvidas de que a oração armou o palco para esse acontecimento sobrenatural. O povo estava orando do lado de fora do Templo (Lc 1.10), enquanto que lá dentro, no Santo Lugar, Zacarias oferecia incenso (uma forma de oração) em cumprimento à sua função sacerdotal no Templo de Jerusalém. O anjo que apareceu a Zacarias era Gabriel (Lc 1.19), que se identificou sem que se pedisse que o fizesse. Havia sido enviado por Deus com a missão especial de anunciar aquelas "alegres novas" (Lc 1.19). A Zacarias, pois, o anjo revelou: "A tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João" (Lc 1.13).

A natureza da oração de Zacarias é incerta. Estaria ele orando por um filho (Lc 1.6,7) ou pela redenção de Israel (Lc 1.16,17)? Seja como for, o nascimento de João Batista foi uma resposta às duas orações. De acordo com a Bíblia, nós, os crentes, vivemos rodeados de anjos, enviados por Deus para nos guardar (Sl 91.11). Contudo, em nosso viver diário, não notamos a presença deles. Zacarias e outros santos que figuram nas Escrituras possuíam esse tipo de sensibilidade e receptividade, que só têm aqueles que vivem engajados em constante oração.

Jesus foi ajudado pelo ministério dos anjos. No jardim do Getsêmani, às vésperas de sua morte sacrificial por nossos pecados, nosso Senhor orou a mais intensa e agonizante oração de toda a sua missão terrena. Enfrentava ali a incomensurável agonia de ser feito pecado por nós, uma carga que nenhum ser humano seria capaz de suportar (2 Co 5.21; a palavra "pecado", no original hebraico, também significa uma oferta pelo pecado, veja Is 53.10). Os crentes contam com a seguinte promessa: "Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar" (1 Co 10.13). Em face do peso quase insuportável que Jesus teve de levar, Ele também foi tentado, mas não acima do seu limite de resistência. Deus providenciou um escape para que Jesus pudesse suportar a tentação, enviando um anjo para fortalecê-lo: "E apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e pondo-se de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálix, todavia não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava" (Lc 22.41-43).

Que tremendo encorajamento isso representa para nós, quando nos defrontamos com as impossibilidades da vida. Em tais situações, não há dúvida de que podemos contar com Deus, que enviará os seus anjos "para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14). Nos momentos de nossa maior necessidade, a oração gera uma força que está além da capacidade humana, a qual vem por intermédio de um anjo ou através do ministério do bendito Espírito Santo.

Mesmo depois que o Espírito Santo foi dado como um socorro especial aos crentes, Deus não deixou de usar anjos. Devemos, então, considerar estranho que tais experiências continuem acontecendo? Por certo que não! (Veja o apêndice 3, "A Aparição de Um Anjo".)

> E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te, e vai para a banda do sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserta. E levantou-se, e foi; e eis que um homem etíope, eunuco, mordomo mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava, e assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te, e ajunta-te a esse carro. E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías (At 8.26-30).

Embora não esteja escrito que o encontro de Filipe com o anjo tenha sido antecedido por orações, é razoável acreditarmos que Filipe era homem de muita oração, que sempre estava buscando a orientação de Deus, tal como fazia toda a testemunha ativa da Igreja Primitiva. Intervenções angelicais visíveis certamente são a exceção, e não a regra. Entretanto, no caso de Filipe, isso provavelmente se tornou necessário diante das circunstâncias preponderantes. O reavivamento em Samaria, movido pelo Espírito, sem dúvida ocupava o tempo e a atenção de Filipe. Todavia, na perspectiva mais ampla de Deus, era mais importante para o Reino que o eunuco etíope recebesse o evangelho (antes de retornar à sua terra natal) do que Filipe permanecesse em Samaria. Portanto, Deus enviou um anjo com uma ordem específica: "Vai para a banda do sul".

Reveste-se de especial interesse, nesta passagem, o papel do anjo e do Espírito Santo, ao darem orientações a Filipe. O anjo chamou a atenção de Filipe e o instruiu a que se dirigisse para o deserto, entre Jerusalém e Gaza. Quando ele, em obediência, seguiu nessa direção, o Espírito lhe deu mais instruções. Quando um anjo do Senhor direciona de uma maneira específica, o resultado é um ministério significativo e produtivo (At 8.30-38).

Temos outro caso, ocorrido na cidade de Cesaréia, de um anjo a orientar uma pessoa que obedientemente segue as instruções dadas. Trata-se de Cornélio, homem "piedoso e temente a Deus", que vivia em constante oração. Quando orava, certamente expressava seu forte e contínuo desejo de ser orientado por Deus, em sua busca por Ele.

> E havia em Cesaréia um varão por nome Cornélio... Piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo, e de contínuo orava a Deus. Este, quase à hora nona do dia, viu claramente numa visão um anjo de Deus, que se dirigia

> para ele e dizia: Cornélio. O qual, fixando os olhos nele, e muito atemorizado, disse: Que é, Senhor? E disse-lhe: As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. Agora, pois, envia homens a Jope, e manda chamar a simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo simão curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer (At 10.1-6).

Deus não enviou um anjo a Cornélio com a missão de lhe pregar o evangelho, pois não é da incumbência dos anjos esse tipo de ministério. Esta é uma responsabilidade que cabe aos homens e mulheres deste mundo. Os anjos talvez tenham um ministério afim, mas não o do evangelismo propriamente dito. Podem armar o palco para o evangelismo, guiar as pessoas na direção da salvação, mas não fazem o verdadeiro trabalho de evangelismo.

A mensagem do anjo a Cornélio compreendia duas determinações: (1) Assegurar-lhe de que estava sendo ouvido no céu; e (2) dirigi-lo a enviar homens a Jope. Quanta segurança deve ter sentido Cornélio ao ouvir o anjo lhe dizer: "As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus" (At 10.4). Gabriel transmitiu uma mensagem semelhante a Zacarias: "A tua oração foi ouvida" (Lc 1.13). A mesma garantia tem sido dada a muitos crentes devotos, depois de suas orações fervorosas. Quando as pessoas buscam a Deus com toda a intensidade e sinceridade de seus corações, Deus responde, mesmo que para isso tenha de enviar anjos: "E buscar-me-eis, e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração" (Jr 29.13).

> Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus. E quando Herodes estava para o fazer, nessa mesma noite, comparecer, estava Pedro dormindo, entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão. E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro na ilharga, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te, e ata as tuas alparcas. E ele o fez assim. Disse-lhe mais: Lança às costas a tua capa, e segue-me. E, saindo, o seguia. E não sabia que era real o que estava sendo feito pelo anjo, mas cuidava que via alguma visão. E, quando passaram a primeira e segunda guarda, chegaram à porta de ferro, que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, percorreram uma rua, e logo o anjo se apartou dele (At 12.5-10).

As constantes orações da Igreja Primitiva fizeram com que Deus interferisse na situação. Nem sempre os anjos fazem uma intervenção tão dramática na vida de uma pessoa como nesse caso, mas a narra-

tiva serve de suficiente prova da realidade de Hebreus 1.14: "Não são porventura todos eles espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação?" A oração pode ocasionar a vinda de anjos no cenário de nossa vida, de maneira visível ou invisível. A lição para nós é inequívoca: Em tempos de extrema emergência e de renhido conflito com as forças do mal, a Igreja deve orar até que Deus intervenha à sua própria maneira, despachando um anjo se necessário for.

Quando a libertação se completou, Pedro pôde testificar a ocorrência de uma miraculosa intervenção, não porque tivesse causado o evento, mas porque havia seguido rigorosa e obedientemente cada instrução e orientação dada pelo anjo operador de milagres. Note as atividades do anjo em sua visita a Pedro:

1. O anjo tocou em Pedro, sem dúvida para acordá-lo.
2. O anjo convocou Pedro a agir: "Levanta-te depressa".
3. O anjo tocou em Pedro e "caíram-lhe das mãos as cadeias".
4. O anjo disse a Pedro para que se vestisse: "Cinge-te, e ata as tuas alparcas".
5. O anjo instruiu a Pedro sobre o modo como escapar: "Lança às costas a tua capa, e segue-me".
6. O anjo fez a porta de ferro abrir-se automaticamente.
7. O anjo conduziu Pedro à liberdade.

Que tremendo testemunho de livramento Pedro tinha agora a partilhar com os irmãos na fé! Não obstante, nada tinha do que jactar-se. O anjo enviado do céu, no interesse daquEle que o enviara, é que foi o principal agente impulsionador naquela interferência sobrenatural.

Um anjo apareceu ao apóstolo Paulo numa catastrófica situação de emergência. Paulo estava de viagem a Roma, a fim de ser julgado na presença de César. Tendo partido da ilha de Creta, num período do ano em que a segurança da navegação a vela era altamente duvidosa, o navio foi apanhado por um vendaval que tinha a força de um furacão. A situação tornou-se tão desesperadora, que todos a bordo do navio abandonaram a esperança de serem salvos. Devemos supor que Paulo, para quem a oração era um hábito constante, estava em oração durante a assustadora e terrível viagem. Suas epístolas estão repletas de encorajamento para orarmos. Aos crentes de Filipos, afirmou: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças" (Fp 4.6). Aos de Tessalônica, escreveu: "Orai sem cessar" (1 Ts 5.17).

> E, havendo já muito que se não comia, então Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Fora, na verdade, razoável, ó varões, terme ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perda. Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importas que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo (At 27.21-24).

O poderoso guerreiro de oração sem dúvida lutou com Deus na escuridão da noite, orando por sua própria segurança e pela de seus companheiros de viagem. Mesmo sabendo que Jesus lhe assegurara que chegaria a Roma (At 19.21; 23.11), à medida que os dias passavam sem que o tempo melhorasse, Paulo, juntamente com os outros, perderam toda a esperança de se salvarem (At 27.20). Tiago nos recorda que "Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós" (Tg 5.17). E Paulo também era. Em meio àquele tremendo vendaval, chamado "Euro-Aquilão" (At 27.14), que ameaçava destruir tanto os homens quanto a embarcação, até o próprio Paulo temeu. Por mais de uma vez, os líderes judaicos tinham tentado matar Paulo. Porventura o vento e o mar seriam bem-sucedidos onde eles haviam falhado? Paulo, Lucas e todos os demais que estavam a bordo entraram em desespero.

Mas Deus é fiel. Ele mandou um anjo com uma mensagem de esperança e fé, bem no meio de uma circunstância quase fatal. A tradução de Williams obtém o sentido exato do texto grego, quando diz que as primeiras palavras do anjo foram: "Pára de ter medo, Paulo" (uma ordem negativa em grego, no tempo presente, significa que devemos parar de fazer algo que já estamos fazendo). Na verdade, Paulo compareceria perante César. Mais do que isso, todos a bordo do navio seriam salvos da morte certa.

Poderíamos perguntar: Por que Deus simplesmente não fez parar a tempestade, permitindo que o navio velejasse tranqüilamente? Por que não preservou o navio da fúria da tempestade? Por que permitiu que seu servo passasse por tão agonizante experiência? Basta-nos dizer que em tudo quanto aconteceu, Deus foi glorificado. Os marinheiros aprenderam que, em primeiro lugar, deveriam ter levado em consideração as palavras do servo de Deus. Também aprenderam que o Deus de Paulo era o verdadeiro Deus. Os ilhéus, que receberam a tripulação do navio naufragado, testemunharam o grande poder de Deus e ouviram o evangelho. E Paulo, no devido tempo, chegou a Roma.

Grandes lições sobre a oração estão contidas nesta narrativa bíblica. Quando as tribulações nos avassalarem, oremos. Quando os homens não ouvirem as nossas palavras, oremos. Quando os temporais da vida nos ameaçarem destruir, oremos. Quando toda a esperança se dissipar, oremos. Não importa o quão difícil esteja a situação, oremos. Quem ou o que quer que seja que tenha desencadeado o problema, oremos. A oração é a resposta que se ajusta a qualquer uma das vicissitudes da vida.

Perguntas para Estudo

1. Qual o significado da palavra "anjo" e de que modo ela se relaciona com as suas funções no tocante à oração?
2. Quem toma a iniciativa nas intervenções angelicais e o que isto significa para nós?
3. Que lições aprendemos dos episódios no Antigo Testamento em que os anjos ministraram àqueles que oraram?
4. Você concorda com a declaração do autor deste livro: "Os anjos jamais se ocupam com coisas triviais"? Explique sua resposta.
5. Sob quais circunstâncias podemos contar como certo que Deus enviará os seus anjos "para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação"?

Capítulo Quinze

Oração e Reavivamento

A relação entre oração e reavivamento não é habitualmente reconhecida por todos os que estudam os reavivamentos do passado. Alguns vêem a oração como uma incumbência que Deus coloca nos corações do seu povo, somente quando Ele está a ponto de enviar algum reavivamento. Afinal, o seu povo deve estar preparado para a vinda de um reavivamento enviado soberanamente por Deus. De acordo com essa perspectiva teológica, Deus envia um reavivamento apenas quando quer, não sendo eficaz qualquer quantidade de oração para mudar a intenção divina predeterminada no céu.

Os crentes pentecostais, porém, percebem que há uma relação direta entre oração, reavivamento e busca dos perdidos para Cristo. É claro que ninguém pode alterar a vontade final de Deus por meio da oração, pela barganha ou por qualquer outro meio. Não obstante, Deus deixou perfeitamente claro o desejo de que seus filhos orem (Pv 15.8), pedindo pelas coisas que necessitam e até mesmo por aquilo que desejam (Mt 6.7-13; Mc 11.24). Quando esses desejos estão em consonância com a vontade de Deus, podemos esperar com confiança por uma resposta positiva. Nosso amoroso Pai celeste não encorajaria seus filhos a orarem e a levarem a Ele suas petições, somente para ignorá-las, negando-as continuamente.

Ainda que a vontade final de Deus não mude e nem possa ser alterada por qualquer ser humano, Deus resolveu realizar essa vontade através das orações de seus filhos. Por conseguinte, um dos propósitos primários da oração é fazer com que os desejos humanos entrem em conformidade com a intenção e vontade divinas. Conhecer a Deus é conhecer a sua vontade. O evangelismo — ou trazer as pessoas desobedientes e rebeldes de volta à submissão obediente ao seu Criador — é o centro da vontade final de Deus, que não quer "que alguns se percam, senão que todos venham ao arrependimento" (2 Pe 3.9). Quando a conquista dos perdidos para Cristo move os crentes da mera afirmação intelectual para uma exaustiva paixão em direção à oração, fazendo eco às próprias batidas do coração de Deus, o Espírito Santo começa a se mover com o poder do reavivamento. Carecemos daqueles "tempos do refrigério" (At 3.19) que Deus prometeu àqueles que se arrependem e se voltam para Ele.

Embora tanto o Antigo quanto o Novo Testamento contenham relatos de intervenções sobrenaturais, que podem ser chamados de reavivamentos, alguns fazem oposição a tais acontecimentos em nossos dias, afirmando que os reavivamentos brincam com as emoções das pessoas, levando-as à instabilidade espiritual e a um comportamento irracional. (Conta-se a história de um menino que convidou seu pai para ir a uma reunião de reavivamento. O pai respondeu: "Não preciso dessa agitação. Estou bem firme em meu propósito". Dias mais tarde, numa manhã fria de inverno, o carro da família não pegava de jeito nenhum. O pai tentou fazer alguns ajustes no motor e então disse: "Não sei por que este motor não funciona". O menino respondeu: "Eu sei, papai. Ele está firme em seu propósito!")

Esses mesmos críticos também fazem objeção à ênfase de experiências de crise, que são freqüentemente ressaltadas pelos reavivamentos. No entanto, os resultados dos reavivamentos bíblicos e do dramático movimento do Espírito em resposta à oração intercessória ao longo dos séculos, são provas de um modelo divino para a construção e manutenção da vitalidade da Igreja de Cristo. A história eclesiástica registra um aumento no crescimento e um renascimento de uma rededicação dos crentes a Deus nos períodos especiais que se seguem ao reavivamento religioso. Transformações morais e sociais têm acompanhado os principais reavivamentos, tanto nos tempos bíblicos quanto em períodos subseqüentes.

> Em sua definição estrita, "reavivamento" denota uma restauração do fervor e da vitalidade espiritual, após um período de declínio. É da vontade de Deus que o seu povo o ame de todo o coração, alma, mente e forças (Mc 12.30; Lc 10.27). Qualquer desvio dessa sincera dedicação, requer um reavivamento. O povo de Deus deve ser sempre encorajado a tornar esse amor e dedicação cada vez mais abundantes e permanentes. Assim, com a Igreja reavivada, haverá a conquista dos perdidos para Cristo (Charles G. Finney, *Lectures on Revivals of Religion,* Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1868, pp. 15,16).

Aqueles que estão "mortos em ofensas e pecados" (Ef 2.1) precisam de um despertar para uma nova vida, uma ressurreição. Quando oramos por um reavivamento dos crentes, que leve à salvação dos pecadores, sabemos que estamos orando de acordo com a vontade de Deus.

> Será que há algum tipo de peso nos corações dos homens, que não lhes dá descanso, mas que os leva a agonizarem em oração? Em caso negativo, então a noite ainda não está adiantada e profundas trevas ainda nos aguardam. De que adiantaria um reavivamento se não estivéssemos preparados para ele? Ele passa-

ria por nós sem fazer a sua obra (James Burns, *Revivals: Their Laws and Leaders*, Londres: Hodder & Stoughton, 1909, reimpresso em Grand Rapids: Baker Book House, 1960, p. 71 da edição reimpressa).

Através do reavivamento, há um grande avanço no Reino de Deus. Havendo um reavivamento, a vida espiritual é renovada, revitalizada. Na experiência espiritual de uma congregação ou dos seus membros, há um fluxo e refluxo de dedicação e fervor. Quando os períodos de oração se vão tornando menos freqüentes e o desejo de comungar intimamente com o Senhor abranda, a vitalidade espiritual arrefece e precisa ser reavivada. Oxalá não houvesse tal coisa como espírito morno na vida dos crentes! Por conseguinte, cada crente e cada congregação deve ser constantemente desafiado a buscar o reavivamento e uma maior submissão ao Espírito Santo. É providencial que a oração seja a chave para o reavivamento pessoal e coletivo.

É raro os reavivamentos serem antecedidos por um despertamento de toda uma igreja ou congregação local para um senso comum de necessidade. Pelo contrário, o fardo e a agonia da intercessão recaem sobre os corações de algumas poucas almas devotas que, sentindo a necessidade, começam a clamar a Deus pela vinda de um reavivamento. À medida que esse impulso é fielmente apresentado diante de Deus em oração, o sentimento de necessidade e preocupação espiritual por uma igreja descuidada e apática transforma-se num grito de agonia: "Ó Deus, até quando? Até quando?" No momento em que a oração tornar-se persistente e fervorosa, Deus responderá essa súplica, que Ele mesmo ordenou para trazer o reavivamento que está querendo enviar.

Todas as tentativas humanas para criar ou operar um reavivamento estão condenadas ao fracasso. Poderá haver atividade, mas somente um reavivamento enviado pelo céu pode realizar qualquer coisa que tenha valor duradouro. Se isso representa a verdade dos fatos, devemos nós esperar impotentemente até que Deus, em sua soberania, decida reavivar a Igreja? Certamente que não! Ele está sempre pronto a reavivar o seu povo. Tão-somente espera que o senso de urgência e desespero dos seus filhos atinja um ponto em que possa enviar um reavivamento aos corações famintos, que realizarão o propósito pelo qual Ele reaviva a Igreja: fazer avançar ainda mais o seu Reino.

A oração abre nossas mentes e corações a um sentimento de nossas próprias necessidades, bem como as do mundo. A oração prepara o solo da alma para a semente da Palavra. O reavivamento,

pois, é a colheita espiritual. A intercessão intensa e persistente do povo de Deus, que solicita um reavivamento, é o sinal mais seguro de que o reavivamento está a caminho. O reavivamento não resulta de uma metodologia humanamente traçada. Mas é uma questão de fome, intercessão, oração e confissão da necessidade. Deveríamos, então, orar: "Oh, Senhor, reaviva a tua obra e que esse reavivamento comece por mim", até que a resposta venha.

Reavivamentos no Antigo e no Novo Testamento

Os reavivamentos registrados no Antigo Testamento narram com minúcias o renovado zelo de Israel por obedecer a Deus. Houve renovação e rededicação depois que Salomão orou ao término da construção do Templo (2 Cr 7.1-11). Também houve reavivamentos nos dias de Samuel, Asa, Josafá, Ezequias e Josias. Esdras registrou o reavivamento que ocorreu após anos de oração pelo retorno do cativeiro e pela reconstrução e dedicação do Templo (Ed 9.1–10.14). Contudo, em todos os casos de reavivamento que aparecem no Antigo Testamento, não há nenhum mandamento para evangelizar e alcançar os povos gentílicos. Parece que os obstinados israelitas sempre tinham de ser chamados a retornar à obediência e ao reconhecimento das reivindicações de Deus para com eles, como seu povo escolhido.

Os reavivamentos do Novo Testamento acrescentam uma dimensão que tem servido de modelo para a Igreja cristã de todos os tempos. O evangelismo torna-se mais fácil em resultado de um verdadeiro reavivamento. É verdade que o povo de Deus precisa ser reavivado, mas o é para que faça parte da grande obra do Reino: salvar os perdidos do domínio de Satanás. Os crentes desempenham um papel importante na atuação do plano divino de salvação. "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). E quando o Filho de Deus estava prestes a voltar para a glória, depois de haver completado sua missão de morrer pela raça humana, disse a todos que eram e os que viriam a ser seus irmãos e irmãs espirituais: "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda a criatura" (Mc 16.15).

O evangelismo é mais eficaz quando é precedido por um despertamento espiritual. Já se disse que antes que uma igreja possa sair fora de suas quatro paredes para ganhar os perdidos, deve primeiro haver uma renovação e uma preparação dos crentes — do pastor até ao mais recente novo-convertido. Seria maravilhoso se as igrejas sem-

pre pudessem manter um elevado nível espiritual. Mas talvez devido à natureza humana ou, em parte, por causa das pressões do mundo à nossa volta, toda a congregação precisa de uma renovação de tempos em tempos. Precisamos ser levados àquela situação em que todos tenhamos um só pensamento, como o livro de Atos menciona com tanta freqüência. (Alguém já comparou a obra do Espírito Santo com a concentração dos raios solares através de uma lente de aumento. O Espírito Santo trabalha de uma maneira geral, tal como o sol aquece o ambiente. E quando o Espírito Santo opera através de um corpo local unido, as chamas do reavivamento começam a arder.)

E mais tarde, quando o reavivamento leva ao evangelismo, os resultados não serão desapontadores. Naturalmente, isso não quer dizer que um crente deva esperar que um reavivamento varra a sua congregação, para então poder falar aos outros sobre a paz e a vida eterna que Jesus nos providenciou através de sua morte e ressurreição. De fato, quando um crente passa a ganhar almas para Cristo, em obediência à Grande Comissão, gera-se um senso de necessidade de poder e de reavivamento pessoal. O coração do crente é despertado a orar, vindo um reavivamento pessoal em sua vida, tão certo como a salvação de almas.

O maior de todos os reavivamentos registrados nas páginas do Novo Testamento começou no dia de Pentecostes. De fato, o livro de Atos, em sua inteireza, é o registro de um reavivamento pessoal (revestimento de poder) e de um testemunho eficaz. A Igreja Primitiva orou pedindo ousadia para testemunhar em face da perseguição (At 4.29). "E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (At 4.31). Em resultado daqueles repetidos enchimentos e revestimentos de poder, muitos pecadores se converteram e se uniram ao Corpo de Cristo (At 2.41,47; 5.14; 11.24).

Reavivamentos na História Recente

A relação entre a oração e os reavivamentos na Bíblia tem sido muito bem documentada nos comentários bíblicos. Atualmente, damos pouca importância à oração relacionada com alguns dos recentes movimentos de Deus, especialmente os ocorridos depois da Reforma Protestante do século XVI. A literatura religiosa da Igreja Medieval contém muitos relatos de monges que devotaram suas vidas à oração e à intercessão. Na medida em que essas pessoas combinaram suas próprias inquirições espirituais com o evangelismo, encontramos relatos históricos de reavivamentos que conduziram os perdidos para Cristo e reformaram o clima moral da época. Francisco de Assis

(século XII), Savonarola (século XV) e madame Guyon (séculos XVII e XVIII) são exemplos de líderes espirituais católicos, que em seus dias experimentaram notáveis reavivamentos (na forma de renovação e evangelismo) em resposta a fervorosas orações para que Deus revertesse a corrupção e a decadência moral de seus tempos.

Tradicionalmente, os historiadores concentram sua atenção sobre os aspectos públicos dos acontecimentos. Cartas pessoais e pronunciamentos podem lançar luz sobre as influências de segundo plano, mas essas declarações peculiares, a menos que sejam substanciadas por fontes adicionais não afins, são consideradas apenas opiniões e interpretações particulares. Por conseqüência, a oração é freqüentemente omitida como fator que precede e desencadeia os reavivamentos.

Contudo, o leitor perceptivo pode fazer algumas deduções lógicas a partir do aumento da devoção, das chamadas ministeriais, da preocupação diante da decadência da sociedade contemporânea e dos relatos de confrontações sobrenaturais com a deidade. Um crescimento na dedicação a Cristo e à sua Igreja se desenvolve à medida que o hábito da oração amadurece e se intensifica. A certeza de uma chamada divina para a liderança espiritual surge da comunhão pessoal com Deus. Uma crescente preocupação pelo estado degenerado da sociedade conduz à oração intercessória. Repetidas provas sobrenaturais da presença de Deus nos assuntos dos devotados crentes, confirmam um relacionamento pessoal com Deus sustentado pela oração.

Martinho Lutero é reconhecido como a maior figura da Reforma Protestante, que teve seu início no século XVI. Contudo, antes do seu tempo, houve significativos despertamentos de fervor religioso, o que nos leva a concluir que a oração e a devoção pessoal desempenharam um importante papel no reavivamento de crentes nominais e no conduzir as multidões de pecadores a Cristo.

"The Brethren of the Common Life" (Irmãos da Vida Comum), companhia fundada no século XIV, na Holanda, servem de bom exemplo daqueles que começaram a orar e a clamar com insistência por uma reforma e reavivamento. De acordo com os historiadores da igreja, esses irmãos notabilizaram-se por sua piedade (isto é, dedicação à vida religiosa) e por um estilo de vida santificado. A influência deles, impulsionada pela oração e pela comunhão pessoal com o Senhor, prosseguiu até o século XVII, quando muitos membros da Irmandade deram as boas-vindas à Reforma Protestante e aliaram-se aos reformadores luteranos.

O século XVIII testemunhou extraordinários reavivamentos, tanto na Inglaterra quanto na América do Norte: o "Grande Despertamento nos Estados Unidos" e o "Reavivamento Metodista", sob os irmãos Wesley, na Inglaterra. Os historiadores registram que, durante

o Grande Despertamento, 50 mil novos crentes (um quinto da população da Nova Inglaterra) uniram-se à Igreja.

As orações e pregação de Jonathan Edwards contribuíram em muito para o "Grande Despertamento na Nova Inglaterra". Antes do começo do reavivamento, em 1734, a religião cristã estava em triste declínio. A devoção e o fervor dos colonos peregrinos, de um século antes, haviam esfriado. Pessoas não-convertidas, que não faziam confissão de fé para serem salvas, eram admitidas como membros. Tal como nos períodos de declínio no Antigo Testamento, Deus escolheu um homem para levar o peso da oração e para proclamar uma chamada ao arrependimento. Edwards descreveu sua experiência de conversão como um relacionamento pessoal com Deus, que continuou ao longo de todo o seu ministério pleno de reavivamento:

> Veio à minha alma... um sentimento da glória do Ser Divino; um novo senso, bem diferente de qualquer coisa que eu jamais havia experimentado antes... Pensei comigo mesmo, quão excelente era aquele Ser e quão feliz eu deveria me sentir, se viesse a experimentar aquele Deus e fosse arrebatado ao céu, como que se fosse engolido por Ele para sempre! Eu... orava de uma maneira bastante diferente do que costumava fazer, com uma nova espécie de afeto... A partir daquele tempo... minha mente foi grandemente atraída a passar meu tempo na leitura e na meditação sobre Jesus, sobre a beleza e a excelência de sua Pessoa e sobre o amoroso caminho de salvação através de sua graça... O senso que eu tinha das coisas divinas de repente se acendia, por assim dizer, numa doce chama a queimar em meu coração; um ardor de alma, que não sei como expressar ("Personal Narrative", *The Works of Jonathan Edwards* em Walter Blair, et al., *The Literature of the United States*, Chicago: Scott, Foreman & Co., 1953, p. 131).

O contínuo exercício da oração e da comunhão com o Senhor, por parte de Jonathan Edwards, pode ser comparada com o testemunho de David Brainerd em suas memórias. Esse grande homem de oração passava dias inteiros a orar e a jejuar pelos índios nativos da Nova Inglaterra. Segue-se um exemplo típico dessas orações:

> 1 de janeiro de 1744. Pela manhã, recebi um pequeno grau de ajuda em minhas orações. Vi-me a mim mesmo tão vil, tão indigno, que não podia encarar minha própria congregação que viera me ouvir pregar. Oh, minha maldade, minha loucura, minha ignorância e minha poluição interior! — À noite, tive uma pequena ajuda na oração, pelo que o dever me foi deleitoso e não cansativo. Refleti sobre a bondade de Deus para comigo no ano passado, etc. Na verdade, Deus tem sido bondoso e gracioso para comigo... Oxalá

> eu pudesse começar este ano com Deus e passar o ano inteiro vivendo para a *glória dEle*, quer na vida quer na morte! (*Memories of the Rev. David Brainerd*, New Haven: E. Converse, 1822, p. 123).

Após ter passado anos em oração e sofrimentos físicos sem verificar qualquer resultado, finalmente Brainerd viu o reavivamento chegar entre os índios, em 1745. "Eu estava admirado diante da influência que sobreveio à audiência de maneira quase que geral. Não encontrei nada mais adequado para comparar essa influência do que a força irresistível de uma poderosa corrente... Quase todas as pessoas de todas as idades inclinavam a cabeça sob convicção divina... Um homem importante entre os índios, que antes estava sempre seguro de si, cheio de justiça própria, e que pensava que seu estado era bom... estava agora sob profunda e solene convicção por sua alma, chorando amargamente" (ibidem, notas sobre o dia 8 de agosto de 1745). Eventualmente, o reavivamento veio em resposta às suas persistentes orações. No entanto, Brainerd pagou o mais alto preço por seu ministério tão devotado aos índios. Morreu com apenas vinte e nove anos de idade, tendo gasto sua vida inteira a orar pela salvação deles.

A deflagração do reavivamento ocorrido na Inglaterra seguiu-se, poucos anos mais tarde, ao reavivamento na América do Norte. De fato, John e Carlos Wesley, juntamente com seu colega evangelista, George Whitefield, tinham sido testemunhas da intervenção miraculosa de Deus no despertamento americano. No entanto, o reavivamento na Inglaterra começou com um pequeno grupo na Universidade de Oxford, chamado Clube Santo. Em seu diário, Whitefield descreveu uma reunião dos membros do Clube Santo e de outros inquiridores, ocorrida a 1 de janeiro de 1739: "Tive uma festa de amor com nossos irmãos e passei a noite inteira em constante oração, salmodiando e dando graças ao Senhor" (Collin C. Whittaker, *Great Revivals*, Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1984, p. 49). E John Wesley narrou a mesma reunião de oração com maiores detalhes:

> O poder de Deus desceu sobre nós com tanto ímpeto, que muitos gritavam de excessiva alegria e outros caíam no chão. E assim que nos refizemos um pouco daquela espantosa e reverente admiração diante da presença da majestade de Deus, irrompemos a uma voz: Nós te louvamos, ó Deus, reconhecemos que tu és Senhor (ibidem, p. 49).

A igreja oficial da Inglaterra não era mais espiritual do que a igreja norte-americana. Havia alcoolismo entre o clero tanto quanto entre a população inteira. Os entretenimentos populares eram vulgares e obscenos. Turbas brutais e selvagens enchiam as ruas, engajadas

na violência e na imoralidade. As multidões se opunham abertamente à mensagem pregada pelos Wesley e por Whitefield. A Inglaterra, tal como a sociedade ocidental dos dias de hoje, estava desesperadamente necessitada de reavivamento.

John Wesley é conhecido como "O Cavaleiro do Senhor". Numa época em que não havia estradas pavimentadas, ele viajava a cavalo cerca de treze mil quilômetros por ano, pregando não menos do que mil vezes a cada ano. Com uma agenda tão cheia, como é que encontrava tempo para orar? Contudo, encontrava! Embora o diário de John Wesley seja, basicamente, um relato do seu ministério público, há suficientes referências à oração para indicar que esse grande homem de Deus era alguém realmente dedicado à oração. Todas as manhãs, levantava-se às quatro horas da madrugada — até mesmo depois de haver pregado no culto da noite anterior. Era freqüente vê-lo pregar num culto público ao ar livre já cedo pela manhã, algumas vezes às cinco horas da madrugada, e depois num culto noturno ao redor das dezoito horas. Esse horário acomodava os longos dias de trabalho com o povo comum a quem Wesley ministrava. O tempo que sobrava, passava pregando nas prisões e instituições, e ocupando-se com outras atividades, "remindo o tempo". A oração, sem dúvida, tinha grande prioridade em suas ocupações, bem como durante as muitas horas em que viajava a cavalo. Duas típicas passagens do diário de Wesley vêm bem a calhar:

> Sábado, 10 de setembro de 1743 — Houve orações em St. Just, à tarde, que só terminaram às quatro horas. Mais tarde preguei em Cross, para, segundo acredito, mil pessoas, as quais se comportaram de maneira silenciosa e séria. Às seis, preguei em Sennan... e marquei um encontro com a pequena congregação (que consistia principalmente de homens idosos, de cabelos brancos) para se encontrar comigo de novo às cinco horas da madrugada. Mas no domingo, dia 11, uma grande parte deles se reuniu entre às três e quatro horas da madrugada. Por isso, entre às quatro e cinco horas começamos a louvar a Deus (John Wesley, *Journal*, Chicago: Moody Press, s. d.).

> Sábado, 30 de dezembro de 1780 — Acordando entre uma e duas horas da madrugada, observei uma luz brilhante na capela. Na hora concluí que havia fogo nas proximidades, provavelmente no lugar de guardar lenha. Sendo assim, sabia que não demoraria muito para o fogo nos alcançar. A princípio, convoquei a família inteira para orar. Mas então, saindo, descobrimos que o fogo estava a cerca de cem metros de distância e que tinha irrompido enquanto o vento soprava na direção sul. Mas um marujo gritava: Basta! Basta! o vento

> mudará de direção de um momento para o outro! E assim aconteceu, mudando para a direção oeste, enquanto estávamos em oração, levando as chamas para longe de nós. E então voltamos agradecidos e descansei bem o resto da noite (ibidem).

Juntamente com a chamada para o evangelismo e ministério, Deus nos confere a responsabilidade de orar. Para termos um ministério bem-sucedido, devemos banhá-lo com orações.

Os nomes de líderes e de reavivamentos começaram a proliferar no início do século XIX. Mas a oração continuou a ser a força estimuladora por detrás de cada movimento importante do Espírito. Já no fim do século XVIII, a moral e a religião tinham experimentado um declínio generalizado. Os campi universitários não formavam exceção. Escolas como as de Harvard, Yale e Princeton, fundadas inicialmente como instituições de treinamento religioso e ocasionalmente encabeçadas por alguns dos líderes do Grande Despertamento, não mais eram leais à sua missão original. Antes, eram centros de ateísmo e incredulidade. Moral e espiritualmente, as condições nas universidades e na sociedade em geral eram deploráveis.

A decadência dos tempos tornou-se um tema de oração para mais de uma dúzia de homens na região da Nova Inglaterra. Convocaram um "Concerto de Oração", de âmbito nacional, pedindo que Deus interferisse na situação. Ministros de várias denominações participaram nessa conclamação. Relatórios do reavivamento — chamados por alguns de o Segundo Grande Despertamento — começaram a circular. Os acontecimentos nos campi universitários foram especialmente dignos de nota.

Estudantes de vários campi universitários deram início a associações evangélicas. A princípio, essas associações foram perseguidas, mas gradualmente a maré mudou. "Todos se dedicaram à vigilância recíproca, às orações fervorosas, à comunhão freqüente, ao conselho mútuo e à reprimenda amigável. Na maioria dos casos, formavam minúsculos clubes. Por exemplo, três estudantes da Universidade Brown formaram um 'clube de orações na universidade', que se reunia semanalmente num sala particular" (J. Edwin Orr, *Campus Aflame*, Glendale, Califórnia: Regal Books, 1971, p. 25).

Timothy Dwight, neto de Jonathan Edwards, tornou-se presidente da Universidade de Yale, em 1796, e liderou um movimento de retorno aos fundamentos da experiência cristã. Em 1802, um terço do corpo estudantil fez profissão de fé em Cristo. Naquele mesmo ano, metade dos estudantes que deixaram a Universidade de Yale entrou no ministério. Histórias similares de reavivamentos vieram de outros campi universitários: Amherst, Dartmouth, Princeton e

Williams. A dedicação à oração, até mesmo por parte de pequenos grupos em cada campus universitário, produziu um evangelismo dinâmico e muitas conversões. O reavivamento e o despertamento continuaram a alcançar geração após geração de estudantes em muitos campi universitários. Em conseqüência disso, os devotos administradores e o corpo docente das universidades eram escolhidos com cuidado. O sermão nas universidades tornou-se uma prática constante na adoração estudantil e para cada período de ano escolar eram marcados dias de oração nos campi.

Numa tarde de verão de 1806, no Colégio Williams, em Massachusetts, cinco estudantes se reuniram fora do campus para fazerem uma oração particular. Quando voltavam ao campus universitário, uma súbita tempestade acompanhada de raios e trovoada forçou-os a se abrigarem sob um monte de feno. Enquanto esperavam que a chuva parasse, oraram a fim de encontrar um meio de atingir os perdidos do mundo com a mensagem de salvação. O resultado eventual dessa Reunião de Oração sob o Monte de Feno foi a formação da primeira sociedade missionária norte-americana, uma espécie de esforço missionário cooperativo, o que foi imitado por muitos grupos de igrejas desde então.

Os despertamentos ocorridos nos colégios e universidades dos Estados Unidos foram apenas parte de um despertamento mundial simultâneo. Contudo, seu prolongado impacto mantido através da dedicação dos formados, ao tomaram seus lugares como líderes da sociedade, foi monumental. As universidades evangélicas e os institutos bíblicos de hoje têm uma rica herança, além de uma grande responsabilidade a manter.

Charles G. Finney foi um dos principais evangelistas da América do Norte. Nasceu em 1792, num lar sem qualquer influência evangélica. A princípio, tornou-se professor de escola primária e, mais tarde, aprendiz num escritório de advocacia no Estado de Nova Iorque. Enquanto estudava para prestar exames na faculdade de Direito, descobriu que a Bíblia era o alicerce das leis norte-americanas. Ao comprar sua primeira Bíblia para melhor se preparar para a carreira de advogado, convenceu-se de que a Bíblia era a própria Palavra de Deus. Com a idade de vinte e nove anos, Finney rendeu sua vida a Cristo e abandonou seus planos de se tornar advogado para pregar o evangelho. Foi licenciado para pregar com a idade de trinta e um anos.

Imediatamente, o reavivamento acompanhou a prédica de Finney. Pessoas eram arrebanhadas para o Reino de Deus em reavivamento após reavivamento. Um de seus mais famosos reavivamentos ocorreu em Rochester, Estado de Nova Iorque, em 1830. Segundo notícias da época, cem mil pessoas se uniram às igrejas daquela região como

resultado direto desse reavivamento. Lyman Beecher, contemporâneo de Finney, assim se referiu a esse fenômeno sobrenatural: "Esta foi a maior obra de Deus e o maior reavivamento religioso que o mundo jamais viu, em tão curto espaço de tempo" (L. G. Parkhurst, Jr., *Charles G. Finney's Answers to Prayers*, Minneapolis: Bethany House Publishers, 1983, p. 125).

A oração era o principal ingrediente no sucesso de Finney. Tudo quanto fazia era precedido pela oração. Em certa ocasião, enquanto estava dando uma aula no Colégio Oberlin, foi-lhe feita uma pergunta sobre uma passagem bíblica. Confessando que não sabia a resposta, imediatamente Finney ajoelhou-se e orou diante da classe. Então levantou-se para dar a resposta que o Senhor lhe havia dado.

A clássica obra de autoria de Finney, *Lectures on Revivals of Religion*, contém capítulos inteiros sobre a oração e sua importância no reavivamento: *Prevailing Prayer* (A Oração que Prevalece), *The Prayer of Faith* (A Oração da Fé), *The Spirit of Prayer* (O Espírito da Oração) e *Meetings for Prayer* (Reuniões de Oração). Do capítulo *The Spirit of Prayer*, temos este impressionante trecho:

> Oh, quem nos dera uma igreja que orasse! Certa feita, conheci um ministro que teve um reavivamento por catorze anos seguidos. Não sabia como explicar a razão disso, até que presenciei um de seus membros se levantar numa reunião de oração e fazer uma confissão. "Irmãos", disse ele. "Há muito que tenho o hábito de orar todos os sábados à noite até depois da meia-noite, pela descida do Espírito Santo entre nós. E agora, irmãos" — e ele começou a chorar — "confesso que tenho negligenciado isso por duas ou três semanas..." Aquele ministro tinha uma igreja dedicada à oração (Finney, *Lectures on Revivals*, pp. 99,100).

Para o crente que realmente deseja ter uma vida de oração eficaz, com vistas ao evangelismo, os escritos de Charles G. Finney só perdem em importância para a Bíblia.

Apesar da pregação de Finney e da obra do Espírito Santo na regeneração de almas perdidas e na revitalização espiritual das comunidades às quais Finney era convidado a pregar, o ciclo de declínio espiritual já começara a se instalar na década de 1850. Em seu extraordinário volume, *Revivals: Their Laws and Leaders*, James Burns fez a seguinte observação acerca da decadência e da impiedade na sociedade de todos os tempos:

> Enfermos de alma, os homens voltam-se para Deus com um desejo ardente... Lentamente essa dor cresce, o coração do homem começa a clamar por Deus, por certezas espirituais, por novas visões... Também dentro da própria Igreja, durante todos os seus dias de

> desvio, tem havido muitos que não dobraram os joelhos diante de Baal, que têm chorado a perda de poder espiritual e que nunca deixaram de constantemente orar por um reavivamento na vida espiritual da Igreja... Entretanto, os números vão aumentando gradualmente. A oração vai-se tornando cada vez mais urgente e confiante... Anelar por coisas melhores torna-se uma dor intensa. As pessoas começam a se reunir em grupos a fim de orarem. Não cessam de importunar Deus dia e noite, muitas vezes com lágrimas, implorando-lhe que visite as almas dos homens com o seu divino poder e que derrame nas cisternas vazias de seus corações um poderoso aguaceiro de vida divina" (Burns, *Revivals*, p. 33).

Os grandes reavivamentos ligados a D. L. Moody começaram com intensas orações, quando um contemporâneo seu, Jeremiah Lanphier, experimentou justamente aquilo que James Burns descreveu acima. Sentindo grande responsabilidade pelo triste estado espiritual que vigorava nas vizinhanças de sua missão no centro de Nova Iorque, Lanphier convidou alguns conhecidos para se juntarem a ele numa reunião de oração, ao meio-dia, todas as quartas-feiras. Na primeira reunião de oração, em 23 de setembro de 1857, seis pessoas se fizeram presentes. Na segunda semana havia vinte; na terceira quarta-feira, quarenta. As reuniões do meio-dia foram mudadas de semanais para diárias. A freqüência cresceu para cem. Outras reuniões de oração foram realizadas em outros locais. Por volta de janeiro de 1858, a freqüência no local original era tão grande, que orações simultâneas eram realizadas em três salas diferentes. A maioria daqueles que as freqüentavam compunha-se de homens de negócios.

Marcado por fervorosas e contínuas orações, esse reavivamento veio a se tornar conhecido como o reavivamento das reuniões de oração. As reuniões de reavivamento com múltiplas conversões estão registradas em muitos relatos do ministério de Dwight Moody. Todos os níveis da sociedade foram atingidos. Colégios e universidades onde Moody pregava experimentaram maravilhosas visitações de poder. Esse reavivamento foi caracterizado pela influência laica. Nos dois anos de 1858 e 1859, foram registradas um milhão de conversões entre uma população total de trinta milhões de pessoas. Outro milhão de membros de diversas igrejas foi reavivado. O reavivamento foi interdenominacional, com participação de todos os principais grupos protestantes. Estas dez características do reavivamento foram observadas no *The Methodist Advocate*, de janeiro de 1858:

> (1) Poucos sermões tiveram de ser pregados; (2) as pessoas leigas anelavam por testificar; (3) os interessados reuniam-se diante do altar; (4) quase todos os interessados eram abençoados; (5) as

> experiências desfrutadas ficavam evidentes a todos; (6) os convertidos eram cheios de uma santa ousadia; (7) a religião tornou-se o assunto do dia na sociedade; (8) altares domésticos foram fortalecidos; (9) o testemunho dado todas as noites era abundante; e (10) as conversas eram assinaladas por uma seriedade a toda prova" (Whitaker, *Great Revivals*, p. 84).

Entretanto, o ciclo de reavivamento e declínio do fervor religioso continuou. Pelo fim do século XIX, embora os resultados do ministério de Moody ainda fossem evidentes, a sociedade norte-americana estava em necessidade de outra visitação divina. As principais igrejas, como um todo, tinham perdido o zelo evangelístico, esperando alterar o mundo através da ação política e social, em vez de esperar o retorno de Cristo para estabelecer o seu Reino milenar. Os poucos que acreditavam estar vivendo o fim dos tempos e que a Segunda Vinda de Jesus era iminente, sentiam-se impulsionados a conquistar sua geração para Cristo, antes que fosse tarde demais. Iniciaram um intenso estudo da Bíblia, orando para que Deus lhes mostrasse como poderiam evangelizar a geração em que viviam e para que lhes desse poder espiritual para fazer uma geração pecaminosa se voltar para Deus.

Embora tenham havido significativos reavivamentos no século XX, sem contarmos com o derramamento pentecostal, pouco se discute que o reavivamento pentecostal tem sido a maior e a mais simples fonte inspiradora na transformação de um cristianismo letárgico numa força evangelística de alcance mundial. Em 1889, Charles Fox Parham começou a pregar a santidade e a mensagem de curas. Seus estudos da Palavra de Deus e as narrativas bíblicas de reavivamento e evangelismo enviaram-no numa busca por verdades bíblicas que fazia tempo que se perdera. Interessava-se, especificamente, no que os outros estavam ensinando sobre o Espírito Santo. Durante o outono de 1900, Parham abriu uma escola bíblica em Topeka, Estado do Kansas. Seu fascínio pela doutrina do Espírito Santo levou-o, em dezembro daquele mesmo ano, a dar uma tarefa especial aos estudantes da escola: determinar, mediante um minucioso estudo das Escrituras, a evidência do batismo no Espírito Santo. Esse estudo foi acompanhado por prolongados períodos de espera no Senhor. O estudo concluiu que o batismo no Espírito dá poder para servir a Deus e que o falar em línguas é a única evidência externa que sempre acompanha a experiência do batismo.

Com início em 31 de dezembro, num culto de vigília de fim de ano, os estudantes receberam o batismo no Espírito Santo, passando a falar em outras línguas. Parham e seus estudantes cheios do Espírito começaram a falar de sua recém-encontrada experiência a quem

quer que lhes desse ouvidos. Curas miraculosas aconteceram em algumas das reuniões, confirmando nos corações de muitos o que se lia na Bíblia.

Ao mesmo tempo em que Parham estava pregando a mensagem pentecostal no Meio-Oeste dos Estados Unidos, um grupo começou a se reunir em Los Angeles na busca por um despertamento religioso. Oravam por uma plena restauração do Cristianismo do Novo Testamento e por um derramamento dos últimos dias do Espírito Santo. O batista William J. Seymour, pregador da santidade, que tinha estado por pouco tempo sob os ensinamentos de Parham, compartilhou suas crenças a respeito do Espírito Santo com o grupo que se reunia num decrépito edifício da rua Azusa. Muitos discordaram dos ensinos de Seymour, tal como tinham discordado de Parham, mas o derramamento do Espírito continuava. Os acontecimentos nas reuniões eram comandados espontaneamente pelo Espírito e o número de participantes crescia conforme ia se espalhando a notícia do que Deus estava fazendo.

Muitos dos primeiros crentes pentecostais opunham-se fortemente às organizações eclesiásticas ou às associações de qualquer denominação. Mas devido à proliferação de pregadores independentes com práticas sensacionalistas e de teologia duvidosa, os participantes mais sensatos temeram que os abusos dissipassem e destruíssem a grande obra espiritual que havia começado. Em abril de 1914, um grupo de cerca de trezentos crentes pentecostais reuniu-se em Hot Springs, Estado do Arkansas, para formarem as Assembléias de Deus, um movimento que eventualmente se tornaria o maior dos diversos grupos pentecostais nascidos no início do século XX. Tal como ocorreu nos reavivamentos anteriores, desde a Reforma Protestante, o reavivamento pentecostal surgiu a partir de uma urgência comum em orar, fato que tomou conta completamente dos corações de um punhado de crentes devotos e perscrutadores da verdade.

O alcance evangelístico que acompanhou o derramamento pentecostal tem sido fenomenal. Milhões ao redor do mundo têm sido chamados para sair das religiões pagãs, bem como de religiões cristãs nominais, para se tornarem testemunhas e evangelistas. Mais uma vez, o fogo do Espírito tem incendiado as principais denominações evangélicas, que estão ardendo originalmente pela essência do Cristianismo.

Oração — reavivamento — evangelismo. A seqüência tem sido a mesma em todos os grandes reavivamentos da história. Essa sucessão não deve parar no reavivamento. Deve prosseguir até o evangelismo: conduzir as almas perdidas ao conhecimento de Jesus Cristo. Conforme James Burns observou, o reavivamento sem o evangelismo perde todo o impacto necessário ao despertamento dos crentes para a salvação de almas:

Quase sempre estamos a dizer que, antes de podermos conquistar os perdidos para Cristo, temos de primeiro ter uma renovação da graça de Deus entre os membros e o ministério de nossas igrejas — incluindo os pastores. Por certo nenhuma congregação pode ir muito longe na busca do aprimoramento daqueles cujos nomes aparecem no rol de membros de suas igrejas. Mas a experiência tem provado que são desapontadores os nossos esforços na busca de um reavivamento sem o evangelismo... O povo, tal como seus ministros, chegam mais perto de Deus, quando se mostram mais ativos na oração e no trabalho pela salvação de seus parentes, amigos e vizinhos (Burns, *Revivals*, p. 334).

Perguntas para Estudo

1. Qual o centro da vontade final de Deus, e por quê?
2. Em que consiste um reavivamento e por que eles são necessários?
3. Qual o papel da oração no fazer surgir um verdadeiro reavivamento?
4. Qual a relação entre reavivamento e evangelismo?
5. O que houve de especial em relação ao Grande Despertamento da América do Norte?
6. Em que o reavivamento wesleyano foi diferente daqueles que o antecederam?
7. Cite algumas coisas que Finney experimentou e ensinou a respeito do reavivamento.
8. Em que o reavivamento pentecostal do século XX foi diferente daqueles que imediatamente o antecederam?
9. Qual o segredo de um contínuo reavivamento pentecostal?

chuva, também deveria arar, plantar, cultivar e colher. O estudante que ora para que Deus o ajude em seus exames, também deveria estudar (John Elliot Wishart, *The Fact of Prayer: Its Problems and Possibilities*, Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1927, p. 221).

Portanto, visto que Deus vê as coisas muito além do que podemos ver, algumas vezes Ele não responderá nossas petições, porquanto aquilo que pedimos pode, na verdade, nos impedir de receber uma resposta melhor para as nossas necessidades ou desejos. Agostinho, quando jovem, era seguidor do maniqueísmo, seita religiosa sincretista originária da Pérsia. Além disso, vivia uma vida bastante imoral. Quando planejava ir a Roma, sua mãe, a piedosa Mônica, temeu que ali seu filho caísse diante de tentações piores e orou para que Deus não o deixasse ir. Mas, mesmo assim, ele foi. Havendo chegado a Milão, foi influenciado por Ambrósio (bispo de Milão, entre 374 e 397 d.C., eloqüente pregador e compositor de hinos, que tinha grande influência política e procurou fazer com que a igreja dominasse sobre o falido Império Romano Ocidental). Foi num jardim dessa cidade que Agostinho ouviu uma voz, dizendo: "Toma e lê". Imediatamente compreendeu que se tratava da Bíblia. O resultado foi sua conversão a Cristo. Desse modo, foi atendido o real desejo de Mônica, embora não da maneira como ela tinha orado (Wishart, *Fact of Prayer*, p. 222; ver também Lindsell, *When You Pray*, p. 87).

Somos gratos, porque Deus pode ver e saber muito além daquilo que podemos ver e saber. Tem também todo o poder e nada lhe é impossível (Gn 18.14; Jr 32.17; Mt 19.26; Lc 18.27). Ele é soberano. Mas não devemos estender a idéia de sua soberania além dos limites estabelecidos pelos ensinamentos da Bíblia. Com base em sua visão da soberania de Deus, os filósofos muçulmanos determinaram que todo o pensamento, ação ou acontecimento é um ato direto de Deus. Não reconhecem a lei da causa e efeito, visto que acreditam que cada evento é causado em separado por Deus.

Agostinho e Calvino não chegaram até esse extremo, mas através do seu raciocínio puramente humano, propuseram que, visto que Deus é soberano, Ele tem tudo sob controle e, visto que Ele sabe de tudo, tudo já deve ter sido predestinado com antecedência. Isso levou-os à idéia de que aqueles que estão predestinados à perdição não podem ser salvos e aqueles predestinados à salvação não podem se perder. Essa argumentação tornou sem qualquer sentido algumas advertências das Escrituras (Jo 15.6; Hb 2.1,3; 6.4-6; 10.26-29). Então, alguns levaram mais adiante a idéia da soberania de Deus e começaram a duvidar da validade das orações. Raciocinaram que se Deus

tem tudo sob controle e conhece o futuro, que diferença faz a oração? De que adianta orar? Mas isso é um fatalismo, não é ensinado pela Bíblia.

O real problema com tais idéias e questionamentos é que são derivados de uma visão errada em relação à soberania de Deus. Provérbios 16.32 nos diz: "Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade". Em outras palavras, é melhor para nós, que somos criados segundo a imagem de Deus, controlarmo-nos a nós mesmos e limitarmos a expressão de nossas próprias idéias em consideração das outras pessoas do que mostrarmos o nosso poder. A Bíblia inteira mostra que Deus não somente é soberano, mas também é soberano sobre si mesmo. Ele é capaz de se controlar e de se limitar a si mesmo. Se Deus não fosse capaz de fazer isso, então Ele também seria apenas mas uma vítima do destino. Que Ele possua essa habilidade foi demonstrado da maneira mais significativa quando Jesus, o Filho de Deus, não só se limitou a si mesmo, como também humilhou-se e assumiu "a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz" (Fp 2.7,8).

Quando criou Adão e Eva, Deus se limitou a si mesmo ao lhes dar a capacidade de escolherem. A própria presença da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, no jardim do Éden, já nos mostra isso. Deus poderia ter-nos programado de modo a sempre fazermos as coisas certas — mas, nesse caso, seríamos nada mais do que marionetes, máquinas, autômatos. Ele quis que fôssemos voluntariamente sensíveis ao seu amor e aos seus cuidados. O amor deve ser dado livremente, ou não será amor. Por semelhante modo, a salvação é um dom (Ef 2.8), livremente concedido, para que possa ser livremente recebido.

Não obstante, Deus não nos deu liberdade em todas as áreas. Podemos escolher entre comer uma salada e não uma sobremesa, mas não podemos escolher parar de comer totalmente e continuar vivendo. Podemos escolher aceitar o caminho de salvação provido por Deus através de Jesus Cristo ou simplesmente podemos rejeitá-lo, mas não podemos escolher seguir algum outro suposto salvador ou caminho de salvação e, mesmo assim, chegar ao céu. Esta opção não nos foi outorgada (At 4.12). E nem basta escolhermos seguir a Jesus só uma vez. Temos de prosseguir fazendo uma escolha dia-a-dia e continuar seguindo-o (Lc 9.23). Pois, individualmente, não fomos predestinados a fazê-lo (Bierderwolf, *How Can God Answer Prayer?* p. 111). O que foi predestinado é o caminho da salvação e o fato de que a Igreja é um corpo eleito ou escolhido (Robert Shank,

Elect in the Son: A Study of the Doctrine of Election, Springfield, Missouri: Westcott Publishers, 1970, p. 157; o livro inteiro é um valioso estudo em relação à doutrina da eleição).

Não precisamos nos glorificar a nós mesmos. Se tão-somente continuarmos seguindo a Jesus, Deus nos glorificará quando Ele voltar. Isso posto, existem limitações naturais às nossas orações: "Não oramos acerca dos eclipses" (Lewis, *Letters*, p. 38) e não podemos orar para que a terra fique chata. E também existem limitações espirituais — não podemos orar para que Deus salve as pessoas através de outro meio se não pela fé em Cristo Jesus (At 4.12).

Mas quando realmente cremos em Jesus, entramos numa comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo (1 Jo 1.3). A própria palavra "comunhão" inclui a idéia de parceria. Deus nos deu uma parte para fazermos. Devemos nos achegar a Ele e temos de fazê-lo pela fé (Hb 11.6). Há muitas evidências bíblicas de que Deus freqüentemente espera para agir, até que cumpramos a parte que nos toca. Notamos isso no ministério de Jesus. Quando chegou a Nazaré, Ele "não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos. Admirou-se da incredulidade deles. Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar" (Mc 6.5,6). Ao que tudo indica, os habitantes de Nazaré não demonstraram fé ao pedir ou buscar aquilo de que precisavam. Quando Jesus caminhou sobre as águas, disse: "Tende bom ânimo! sou eu. Não temais!" (Mt 14.27), mas foi somente Pedro que replicou: "Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas". Todos os outros discípulos também poderiam ter andado sobre as águas sem qualquer dificuldade, mas foi só Pedro que pediu (Erickson, *Christian Theology*, p. 405). Muitos outros exemplos poderiam ser apresentados, tanto da Bíblia quanto da experiência, provando que Deus entra em ação quando as pessoas lhe pedem.

Deus também decidiu que os crentes fossem seus agentes, seus servos, na propagação do evangelho e na edificação da Igreja de Cristo, tanto em termos espirituais quanto em termos quantitativos. Deus continua merecendo toda a glória. É como o apóstolo Paulo disse: "Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento" (1 Co 3.5,6). Isso não significa que não é importante aquilo que fazemos. "Ora o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus, vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus" (1 Co 3.8,9). Somos também "embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse" (2 Co 5.20). Que privilégio! Que responsabilidade! Ao nos dar esse privilégio e responsabilidade, Deus decidiu fazer da oração

o meio de nos comunicarmos com Ele e o modo pelo qual expressamos nossa fé. Faz parte do seu plano que a oração tenha sua função e sua influência (Biederwolf, *How Can God Answer Prayer?* p. 108). Jesus recomendou: "Rogai pois ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara" (Lc 10.2). Ele quer que todos sejamos "cooperadores de Deus". E isso significa que Deus trabalha conosco e nós trabalhamos com Ele. A oração é o meio escolhido por Deus para tornar isso possível.

A santidade de Deus também leva alguns a perguntar, como é que aquEle, que é supremamente santo, pode entrar num mundo tão cheio de pecados e responder às orações de pessoas tão imperfeitas como nós. O Evangelho de João nos fornece uma resposta simples. Jesus, a Palavra viva, que era e é Deus (Jo 1.1), foi aquEle por meio de quem Deus Pai criou todas as coisas. "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam" (Jo 1.4,5). Jesus Cristo é a Luz do Mundo (Jo 8.12). Do mesmo modo que a luz brilha nas trevas, sem que as trevas contaminem a luz, assim também o Espírito Santo entra num mundo pecaminoso, sem que isso o afete de modo algum. De fato, Ele sempre se agrada em fazê-lo (Is 57.15).

O Problema das Leis da Natureza

Muitos filósofos humanos assumem um ponto de vista mecanicista em relação ao universo. Supõem que todas as coisas são controladas pelas leis da natureza e que essas leis não podem ser alteradas ou quebradas. Alguns chegam ao extremo de acreditar que nada existe senão matéria e energia, e suas respectivas leis. Outros presumem que podemos usar essas leis em nosso benefício e que a ciência solucionará todos os nossos problemas, fornecerá todas as respostas e nos dará esperança quanto ao futuro. Entretanto, esse cientismo é uma esperança falsa. O avanço científico tem-nos criado muitos problemas, como também tem-nos trazido muitas bênçãos. E o pior de tudo, é que pessoas malignas tiram vantagens de coisas boas e as utilizam para os seus maus propósitos. Mas a ciência não tem solução para o pecado. Todo pecado é "excessivamente maligno" (Rm 7.13). Somente o sangue de Jesus pode nos limpar do pecado.

Na realidade, há muitas coisas com as quais a ciência não pode lidar. Por exemplo, a ciência não pode lidar com a qualidade. Ela tem de tratar essa questão em termos de quantidade: cores em termos de ondas de luz, sons em termos de ondas sonoras. Uma pessoa que nasceu cega pode compreender toda a física e a matemática das ondas de luz. Entretanto, isso não significa que essa

pessoa faça idéia de qual seja a aparência da aurora boreal, de uma maré vermelha ou do colorido das asas de uma borboleta. Um surdo de nascença pode entender toda a física e a matemática das ondas sonoras, mas não tem a mínima compreensão de como ressoa o som de uma sinfonia ou de uma congregação louvando a Deus. A ciência também não pode lidar com algo singular, que não tenha paralelo. Todas as coisas têm de ser classificadas por métodos estatísticos, porquanto só pode lidar com fatos repetidos. A bem da verdade, não pode lidar com algo parecido com o nascimento virginal de Jesus ou com qualquer milagre.

Encontramos na Bíblia, muitas e muitas vezes, Deus respondendo orações por meio de milagres. Mas os milagres não desobedecem às leis da natureza. As leis da natureza não são como as leis de uma cidade. Elas não dizem que algo deva ou não acontecer. São apenas declarações de princípios que têm sido observados, testados por experimentos e, conseqüentemente, usados com sucesso para fazer prognósticos relacionados a procedimentos ou acontecimentos. Se acontece algo que não se ajusta à "lei", então os cientistas fazem mais testes e experimentações, com vistas a mudar a lei.

No campo das leis da natureza também há espaço para a interação com outros poderes. Por exemplo, se você deixar cair uma bola, a lei da gravidade — a qual descreve bem aquilo que habitualmente encontramos no nosso dia-a-dia — enuncia que a bola cairá na direção do solo com certa aceleração. Mas se você apanhar a bola no ar, antes de ela tocar o solo, não estará sendo quebrada a lei da gravidade. Essa lei ainda está em operação e você comprova isso ao sentir o peso da bola na mão. Quando você estendeu a mão, fez entrar em ação a sua força muscular, a fim de contrabalançar o efeito da gravidade. Do mesmo modo, a Bíblia fala sobre a poderosa mão de Deus, ou seja, sobre o seu grande poder. Assim sendo, quando Deus responde uma oração mediante algum milagre, Ele simplesmente fez entrar em ação o seu grande poder. O Deus que criou o universo sabe como fazer isso e a Bíblia nos dá a certeza, repetidas vezes, de que Ele continuará a se mostrar ativo no mundo.

A oração, portanto, deve levar em conta o que a Bíblia diz sobre a natureza, a vontade e o plano de Deus. Deus ouve a oração simples de uma criança. Mas à medida que crescemos em Deus, continuamos a rebuscar as Escrituras no intuito de descobrir mais a respeito dEle, de sua vontade e sobre a oração. Também buscaremos a ajuda do Espírito Santo, visto que Jesus prometeu que o Espírito nos "guiará em toda a verdade" (Jo 16.13). Sempre que tivermos perguntas, dúvidas, problemas, podemos contar como certo a sua ajuda para iluminar a Bíblia e nos dar os discernimentos

de que precisamos. Deus não somente é capaz, mas também está disposto a responder às nossas orações. Ele nos ouve, não importa que linguagem usemos. Ele nos ouve, quer estejamos de pé, ajoelhados, sentados ou em qualquer circunstância que estejamos vivendo (veja Wayne R. Spear, *The Theology of Prayer*, Grand Rapids: Baker Book House, 1979, p. 18). Ele nos ouve quando oramos, apesar do fato de não estarmos com vontade de orar — ou mesmo quando não sentimos absolutamente nada. Podemos ser francos com Deus. Podemos lhe dizer o que realmente pensamos e sentimos. Mas visto que Ele nos ama, que nos quer usar para a sua glória, que nos tem preparado coisas maravilhosas, que vão além de nossa imaginação, Ele também quer ouvir de nós a mesma oração de dedicação que Jesus fez: "Todavia não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42).

Perguntas para Estudo

1. Como podemos vencer a nossa resistência natural à oração?
2. Quando nos aproximamos de Deus em oração, por que é importante que reconheçamos que Ele é um Deus pessoal?
3. O que podemos esperar que Deus faça, quando os crentes se dividem em oração, alguns orando em favor e outros contra uma mesma coisa?
4. Como é que a soberania de Deus afeta a sua forma de lidar conosco em nossas orações?
5. Sob quais circunstâncias Deus pode anular momentaneamente as leis da natureza, a fim de responder às nossas orações?

Apêndice Um

A Importância da Oração Feita em Comum Acordo

A ilustração a seguir, sobre a importância de duas ou mais pessoas estarem de comum acordo quanto ao que pedirem em oração, foi contada por R. L. Brandt.

Depois de me formar no instituto bíblico, retornei à cidade onde morava e tomei conhecimento de que a igreja que eu freqüentava estava em grande alvoroço. Um pregador havia chegado à igreja, apresentando-se como ministro das Assembléias de Deus. Entretanto, após haver conquistado os corações de vários membros, ele saiu da igreja e iniciou diversas igrejas pequenas na área circunjacente. Entre aqueles que se juntaram a ele estavam meus pais e um certo número de amigos. Como outro triste resultado de tudo isso, os jovens da igreja foram atingidos pelo fogo cruzado da controvérsia que se formou.

Sabia que tinha a chamada de Deus para o ministério, mas em meio à confusão prevalecente, encontrei dificuldades para começar. Efetuei uma série de cultos nas dependências de minha própria escola do interior, onde meu pai se convertera. Por alguns meses, ajudei um amigo a dar início a uma igreja e fiz alguma evangelização, mas nenhuma porta parecia se abrir para um ministério permanente. Entrementes, tornara-me ministro licenciado das Assembléias de Deus.

Por fim, após haver passado um ano inteiro, o pregador independente veio me oferecer a oportunidade de ser seu assistente. Pareceu-me ser uma porta aberta, e meus pais ficaram entusiasmados, sentindo que se tratava da direção de Deus para a minha vida. Todavia, encontrava-me assediado por incertezas. Havia declarado lealdade à igreja que me credenciara, mas ali estava uma ampla porta aberta para trabalhar com uma igreja independente, conquanto

que até então nenhuma oportunidade havia surgido da parte do grupo ao qual estava afiliado. Que deveria fazer? Honestamente não sabia, embora do fundo do meu coração o que mais desejava era fazer a vontade de Deus.

Nesse confuso estado de espírito, participei da convenção regional das Assembléias de Deus. Enquanto estava ali, pediram-me que me reunisse com os membros do ministério regional, a fim de declarar minhas intenções em relação ao futuro no ministério. Contudo, como poderia declarar as minhas intenções quanto ao futuro, se nem sabia como interpretar as minhas próprias circunstâncias no presente? Na noite anterior ao meu encontro marcado com a junta regional, resolvi que deveria me aconselhar com alguém. Desse modo, solicitei uma entrevista com um pastor que era de minha igreja local. Os pais dele, assim como os meus, também estavam apoiando o pregador independente. Raciocinei que, se havia alguém que pudesse me dar alguma orientação, por certo era aquele homem que conhecia bem as circunstâncias que envolviam o problema.

Após a reunião noturna da convenção regional, encontramo-nos no carro dele, de frente para o lago que havia no terreno, e compartilhei com ele o que havia em meu coração. Conversamos talvez por duas horas, mas em vez de encontrarmos uma solução, pareceu-me que quanto mais falávamos mais longe me sentia de uma decisão. Justamente quando parecia que tínhamos gasto toda a nossa habilidade em resolver a questão, algo surpreendente aconteceu. De repente, sem que qualquer um de nós tivesse resolvido ou concordado em fazer uma oração, encontramo-nos a orar de uma maneira fora do comum. Fomos conduzidos pelo Espírito numa súplica e intercessão da maneira mais harmoniosa jamais vista. Nossos corações estavam unidos em torno de uma única questão: a vontade de Deus quanto à minha vida e ministério. Essa nova e estranha maneira de orar continuou noite adentro, até bem depois da meia-noite.

Então, com aquela mesma subitaneidade de nossa oração, uma Presença invadiu o automóvel e em meu espírito ouvi a mensagem: *Tua oração foi ouvida. A questão já foi resolvida.* Não consigo expressar o senso de admiração e maravilha que tomou conta de mim. Mesmo assim, ainda não sabia que decisão tomar, mas agora não precisava mais saber, pois tinha plena convicção de que a vontade de Deus seria feita. Era uma e meia da manhã quando, finalmente, cheguei ao meu dormitório para passar a noite. Na manhã seguinte, encontrei o amigo com quem tinha orado e disse-lhe que não sentia mais necessidade de continuar orando a respeito daquele meu assunto. Ele concordou comigo.

Daquele dia em diante, sucederam alguns fatos que estavam além da capacidade de minhas realizações e que deixaram atônitas várias pessoas que tinham conhecimento da situação. No espaço de uma semana, encontrava-me a caminho de uma cidade para abrir uma igreja das Assembléias de Deus. Na viagem, passei pela fazenda dos meus pais e encontrei-os um tanto quanto desapontados devido ao rumo dos acontecimentos. Pensavam que por certo eu havia perdido a oportunidade de estar no centro da vontade de Deus. Mas, pensando bem, cada crente deve achar a vontade de Deus por si mesmo. Durante as semanas que se seguiram à minha chegada na nova comunidade, meu espírito estava nas alturas, nos lugares celestes.

Foi então que soube de um fato estranho: o pastor independente da igreja de meus pais, que me convidara para trabalhar com ele, teve uma infeliz desavença com alguns membros de sua igreja e deixou a comunidade, para nunca mais voltar. Se tivesse decidido me juntar a ele, temo que minhas esperanças de ter um ministério teriam acabado para sempre. Mas visto que dois de nós tínhamos concordado sobre o que pedir a Deus, fui providencialmente poupado. Desde que passei por essa encruzilhada em minha vida, estou há mais de meio século no ministério das Assembléias de Deus, tendo servido como pastor, superintendente regional, secretário de missões nacionais e presbítero executivo. O Senhor mostra-se fiel ao responder as orações daqueles que pedem por sua direção em concordância de espírito com algum outro crente.

Apêndice Dois

Batalha Espiritual na Oração

Vários alunos de uma escola bíblica viviam em dormitórios, no andar superior de uma grande casa de família evangélica. Vez por outra, à noite, todos se reuniam num dos dormitórios a fim de orar. Enquanto oravam juntos certa noite, Lester, o filho do dono da casa, estava no andar de baixo, tocando piano. Sua mãe encorajou-o a subir e orar com os outros jovens.

"Mas, mamãe", respondeu ele. "Tenho esta lição de piano para fazer, além de outras lições escolares. Não tenho tempo". Não obstante, poucos minutos depois abandonou o piano e foi-se juntar à reunião de oração. Nenhuma palavra foi trocada entre os estudantes que oravam, mas no exato momento em que Lester chegou, um pesado sentimento de batalha espiritual tomou conta do dormitório, quase como se os próprios demônios do inferno tivessem entrado. Tão forte era a sensação, que um dos jovens saiu correndo e, do topo da escada, chamou a mãe de Lester para que viesse ajudar.

"Clamem o sangue de Jesus e continuem orando", instruiu ela.

Seguindo o conselho, os rapazes continuaram em oração. Em pouco tempo, a opressão demoníaca desapareceu e, uma vez mais, a atmosfera tornou-se tranqüila e cheia de paz. Ninguém sabia o que dizer daquela estranha experiência, senão até uma semana mais tarde, quando Lester relatou a sua extraordinária experiência na capela do colégio. Depois de haver resolvido não se juntar aos outros rapazes na oração, sentiu-se fortemente compelido a fazê-lo. Contou então sobre a horrível batalha que houve contra as forças do mal, que se enfureceram quando ele obedeceu àquele impulso de ir orar com os outros. Também revelou que naquela reunião de oração fora miraculosamente liberto de algo contra o qual vinha lutando há dois anos.

Apêndice Três

A Aparição de um Anjo

John Weaver era o despretensioso pastor de uma florescente igreja em Bozeman, Estado de Montana. Havia labutado e orado intensamente pelo vasto vale de Gallatin, onde sua igreja estava localizada. Num gélido dia de outono, estava caçando numa montanha existente a uma certa distância. Ao deparar com uma trilha recente de alce na fina camada de neve, começou a segui-la, pensando que quando chegasse ao alto de um cume ali perto poderia ver algum daqueles animais.

Parando para tomar fôlego, de modo que pudesse estar pronto para disparar a arma quando chegasse ao alto da crista, viu em sua visão periférica um homem que surgia de um grupo de árvores no outro lado de um desfiladeiro próximo. Ficou observando, enquanto o homem, vestido de chapéu e traje de passeio, movia-se em sua direção. Momentaneamente, o estranho desapareceu num trecho de floresta, porém, mal havia desaparecido, logo reapareceu de repente e, para a profunda admiração de John, bem onde este se encontrava. Um homem comum gastaria entre vinte e trinta minutos para percorrer a pé toda aquela distância, mas havia transcorrido apenas vinte segundos, mais ou menos.

O estranho falou primeiro: "Você sabe quem eu sou?"

Sabendo que tinha acabado de ver algo extraordinário, John retrucou: "Acredito que você é um anjo, um mensageiro enviado da parte do Senhor".

"Sim, eu sou", respondeu o anjo. "E o Senhor me enviou para falar com você".

Havia ali perto duas pedras. O anjo sugeriu que John se sentasse numa delas. Depois, sentou-se na outra, de frente para John.

"Esta é uma bela região", disse o anjo. "Nunca estive aqui antes, mas o Senhor me mandou para falar com você. Tudo quanto acontece aqui na Terra é uma preparação para o Céu. A vida no Céu, sob certos aspectos, é como a vida daqui. Estamos sempre

aprendendo e servindo-o. Temos prazer em fazer a vontade dEle. Minha vida está contida na vida dEle. Minha alegria consiste em servi-lo. De fato, mal posso esperar para voltar à presença dEle. E, John, Ele sabe tudo a seu respeito. De fato, Ele sabia onde você estaria hoje e me enviou aqui. Ele conhece a sua família e todas as pessoas em sua igreja. Ele se interessa por cada pessoa. Ele me mandou perguntar o que você quer que aconteça em Bozeman".

John disse que, naquele momento, sentiu o seu coração bater tão fortemente pela salvação das pessoas de Bozeman e do vale de Gallatin, que parecia que ia explodir.

Em resposta, o anjo disse: "Sabe, John, poderia dar a você tudo isso agora mesmo, mas não é assim que trabalhamos. Geralmente usamos as pessoas, e é isto o que faremos".

Enquanto tudo isso estava acontecendo, John percebeu em seu espírito que estava conversando com um espírito congênere, que eles, espiritualmente, pertenciam a uma mesma espécie de ser.

Finalmente, o anjo disse: "John, vou voltar para a presença de Jesus. Estamos esperando ansiosamente sua chegada ao Céu para breve, mas, caso isso demore, pode ser que venha visitá-lo de novo".

Deram-se um aperto de mão e, enquanto retornava para onde John o vira a princípio, o anjo acenou-lhe com a mão e desapareceu.

Embora John tivesse continuado a caçada, caminhou pelos montes tão extasiado pela experiência que, pelo menos daquela vez, a caçada ao alce perdeu todo o fascínio.

Pouco tempo mais tarde, John estava dirigindo seu automóvel de volta para Bozeman, vindo de Laurel, Estado de Montana, onde havia dirigido uma reunião da junta que trataria das missões nacionais da igreja. Enquanto dirigia o carro, louvando a Deus, sentiu a presença do Senhor de uma forma extraordinária e ouviu em seu espírito uma voz, dizendo: *John, você se lembra daquele ser que o visitou na montanha?*

"Sim, lembro-me muito bem dele", retrucou.

Agora quero que você cite uma das coisas que você realmente quer que eu faça, era o que a Presença parecia mencionar.

Então John replicou: "Senhor, talvez seja algo grande demais, porém gostaria de pagar toda a dívida de minha igreja". No momento seguinte, o senso especial da presença de Deus desapareceu e John prosseguiu em sua viagem, regozijando-se no Senhor.

John não contou a sua experiência a ninguém, mas na manhã seguinte, por volta das oito horas, o telefone tocou. Um casal de sua própria congregação desejava que ele fosse à casa deles para discutirem um assunto. Tendo chegado ali, encontrou-os passando em revista o relatório financeiro da igreja. "Pastor", disseram eles.

"Nunca fizemos algo parecido antes, mas inusitadamente sentimos que Deus quer que paguemos a dívida da igreja". Imediatamente, preencheram um cheque com a metade da quantia devida e disseram que pagariam o resto após o primeiro dia do ano seguinte.

A essa altura, o pastor Weaver chamou o superintendente das Assembléias de Deus da região de Montana (nessa ocasião, o pastor R. L. Brandt), pedindo que se fizesse presente para o levante de uma hipoteca. Quando o superintendente chegou, John lhe contou toda a história, perguntando se deveria contá-la à congregação. Concordaram que isso deveria ser feito, pelo que, no dia seguinte, a história foi contada a uma estupefata congregação, incluindo o casal que havia pago toda a dívida. Eles também ouviram o relato pela primeira vez.

Apêndice Quatro

Testemunhos de Orações Respondidas

Há muitos relatos escritos e orais acerca de orações que foram respondidas. Embora quase todos esses relatos sejam aceitos por aqueles que acreditam em milagres exatamente do modo como são narrados, tem havido casos em que se declaram que houve um milagre, porém, mais tarde, levantaram-se provas de ter ocorrido uma fraude. Longe de ser promovida, a causa de Cristo é grandemente prejudicada, quando as pessoas tentam dar autenticidade à mensagem ou ao mensageiro utilizando-se de métodos fraudulentos.

As respostas às orações que figuram neste apêndice são mais que meras coincidências. Portanto, requerem autenticação. Na época em que este apêndice foi escrito, estavam vivos todos os participantes de cada uma das miraculosas narrativas de respostas à oração. Quatro de seis testemunhos são membros do Presbitério Executivo das Assembléias de Deus e líderes de longa data do movimento. Os outros três testemunhos foram averiguados por R. L. Brandt, co-autor deste livro e também membro do Presbitério Executivo. Os testemunhos são contados aqui, não em reconhecimento às pessoas cujas orações foram respondidas, mas para dar glória a Deus, à medida que Ele confere credibilidade à sua Palavra com os sinais que se seguem.

A situação relatada a seguir, na qual a natureza cedeu diante da proclamação do evangelho, aconteceu no ministério de Paul E. Lowenberg, presbítero executivo. (Note que a iniciativa de orar não partiu de Lowenberg.) A história é contada em suas próprias palavras.

Tínhamos armado nossa tenda evangelística numa área totalmente desconhecida para nós. Conforme logo descobrimos, tratava-se de uma comunidade muito ímpia e depravada. Deus e a igreja estavam longe dos pensamentos de seus habitantes. Não havia uma igreja sequer num raio de muitos quilômetros. Sentimos forte impulso de Deus para instalar nossa tenda naquela área rural, provavelmente por causa da grande necessidade de ouvirem acerca do Senhor Jesus Cristo.

Desde o primeiro culto a poderosa presença de Deus já se fazia presente. As multidões que vinham aos cultos eram surpreendentemente numerosas. Noite após noite, o povo vinha e aceitava Jesus como seu Salvador e Senhor. Tínhamos planejado fazer reuniões durante uma semana, mas acabamos ficando por mais de quatro meses, vendo uma igreja ser construída e inaugurada livre de pecados.

Lá pela segunda semana de reuniões, começou a chover. A chuva caiu continuamente por diversos dias, até que toda aquela região rural ficou ensopada de água. Chegamos a pensar que as reuniões deveriam terminar, mas persistimos e isso fez com que o povo continuasse vindo. Em certa noite de quinta-feira, a despeito da chuva, trovoadas e relâmpagos, a tenda estava repleta. Sabíamos que seria impossível efetuar um culto sob aquelas condições. Um forte vendaval fazia balançar a tenda. A chuva entrava pelos muitos buracos que havia no teto. Os trovões e os relâmpagos só aumentavam a consternação. Em minha mente, perguntava-me o que poderia ser feito. Senti que Deus falava comigo: *Peça-me para fazer parar o vento e a chuva.*

Levantei a voz (não havia nenhum sistema de alto-falantes) e disse aos presentes o que ia fazer. A audiência estava incrédula. Não podiam acreditar que faríamos algo tão esquisito e irracional. Orando de modo que todos pudessem ouvir, disse a Deus que, se eu não pudesse pregar à Palavra a todos os presentes por causa da tempestade, eles poderiam morrer e ir para o inferno. Lembro-me de haver dito: "Se o Calvário significa mais para ti que o vento ou a chuva, se a salvação deste povo significa mais para ti que esta tempestade, então, em nome de Jesus, faze parar o vento e a chuva". Nem bem havia dito amém, o vento e a chuva cessaram.

O efeito sobre a audiência foi eletrizante. Permaneceram sentados, aturdidos. Naquele exato momento, lembrei-me das palavras de Mateus 24.27: "Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem". A parte mais interessante do milagre é que não me ocorreu pedir que Deus fizesse parar os trovões e os relâmpagos. E foi assim que, tendo o brilho dos relâmpagos e o som dos trovões como pano de fundo, falei sobre a segunda vinda de Jesus. Quando o convite foi feito, o público se moveu em massa para a frente, a fim de buscar a Deus diante do altar. Por causa da resposta a uma simples oração, um reavivamento varreu a comunidade inteira, gerando uma igreja forte como testemunho da fidelidade de Deus.

A história a seguir, sobre uma doação de terras para a obra do Senhor, foi contada por Glen D. Cole, presbítero executivo e pastor do Capital Christian Center, em Sacramento, Estado da Califórnia:

Depois de estar em Sacramento por um curto período de tempo, tornou-se evidente que o local das instalações do Capital Christian Center não acomodaria o crescimento que Deus estava concedendo. Precisávamos de mais do que os 13 acres disponíveis na época (1978). Começamos, então, a orar para que Deus nos desse milagrosamente um terreno para construir.

Em 1979, um negociante crente estava em meu escritório discutindo a possível mudança de localização da igreja. Tinha em vista um terreno, à beira de uma auto-estrada importante, que talvez pudesse estar à venda. Por isso, perguntou: "Você acha que este é o melhor terreno que poderíamos obter para construir a sua igreja? Tem certeza de que este é o melhor lugar que Deus tem para a sua igreja?"

Para minha admiração, ouvi-me dizendo: "Sim, tenho. E acho que você deveria fazer dele um presente à igreja, porque precisamos de um milagre!" Minha observação muito provavelmente chocou aquele negociante crente, porquanto levantou-se e preparou-se para ir embora, antes mesmo que eu tivesse a chance de pedir permissão para orar com ele. Enquanto se dirigia à porta, disse: "Ligo para você mais tarde".

E realmente, às 10:30 da manhã seguinte, meu telefone tocou. Aquele agente de negócios estava ao telefone. Suas palavras foram curtas e diretas: "É seu". Um terreno de 63 acres, de primeira linha, tornou-se um dom miraculoso ao Capital Christian Center. Sem dúvida, foi uma resposta à oração!

Em 1981, começamos a construir naquela propriedade, que atualmente abriga 1.858 m² de área construída, além de completas instalações de atletismo para a escola evangélica e para os programas esportivos da igreja. O Capital Christian Center cresceu de aproximadamente mil membros, em 1979, para seis mil, em 1990.

O milagre lançou a igreja num período de fé e expectativa, pois serviu de catalisador que inspirou a congregação a confiar em Deus para alcançar outros milagres e respostas às suas próprias orações. E milagres continuam ocorrendo, dia após dia.

O dízimo de todo o dinheiro empregado para a edificação, separado durante a construção das instalações, foi entregue para as missões. Assim, muitas outras pessoas ao redor do mundo têm recebido respostas às suas orações por causa dos milhares e milhares de dólares que resultaram daquele milagre original. Ministérios cristãos e missionários têm sido abençoados, milhares de pessoas têm sido salvas e a resposta prossegue!

Abaixo temos a história de uma resposta à oração recebida de forma espontânea e coincidente com a necessidade de G. Raymond Carlson, superintendente geral e presidente do Presbitério Executivo, quando ainda era estudante.

Deus, pela sua graça, tem-me respondido muitas orações. Tem feito curas maravilhosas, operado milagres, suprido minhas necessidades materiais, salvado parentes e sido o Jeová-Jiré ("o Senhor que provê") por muitas e muitas vezes.

Quero narrar uma resposta simples mas muito importante, recebida através da oração. Esse acontecimento afetou minha vida quando jovem e continua a me inspirar até o dia de hoje. Durante meus dias de escola bíblica, vários de nós, jovens, vivíamos no segundo andar de uma casa espaçosa. Meu quarto ficava diretamente em frente da escada, sendo a única dependência cuja fechadura não funcionava.

Certa noite, todos nós havíamos saído por trinta minutos. Ao voltarmos, os colegas saíram em disparada de seus respectivos quartos, todos fazendo a mesma pergunta: "Que aconteceu em seu dormitório?" Um ladrão havia conseguido entrar na casa e furtar diversos artigos de todos os dormitórios, exceto o meu. Muito embora o meu fosse o mais acessível, o ladrão não tinha tocado em nada do que havia ali.

As cartas de meus pais levavam cerca de três dias para chegar até onde me encontrava, a várias centenas de quilômetros de distância. Três dias após o arrombamento, recebi uma carta de minha mãe, na qual perguntava se havia acontecido algo aos meus objetos de uso pessoal. Então passou a contar que, naquela mesma noite, Deus havia posto no coração dela que orasse pelos meus pertences. Essa impressão começara às vinte horas e terminara meia hora depois — o exato período de tempo em que estávamos longe de nossos dormitórios. Deus interviera em meu favor, quando minha piedosa mãe respondeu ao impulso do Espírito Santo para orar.

Graças a Deus, Ele responde às orações. E que possamos sempre obedecer quando Ele nos mandar orar.

A história do suprimento de uma necessidade financeira foi contada por Ronald F. McManus, pastor da Primeira Igreja da Assembléia de Deus em Winston-Salém, no Estado da Carolina do Norte:

Durante nosso programa de construção, por volta de 1985, estávamos bem apertados financeiramente. Enquanto estávamos ocupados com uma extensa campanha para levantamento de fundos, uma propriedade adjacente à nossa foi posta à venda. Havia uma procura muito grande por aquela propriedade, e tínhamos de comprá-la enquanto ainda estava à venda, porque poderíamos não ter uma segunda chance.

Era eu quem estava negociando com os proprietários. O preço da propriedade era de 110 mil dólares. Infelizmente, não tínhamos dinheiro para aplicar na compra e também não podíamos fazer

empréstimos para conseguir a nova propriedade, porque já tínhamos tomado emprestado uma polpuda soma de dinheiro do banco e mensalmente estávamos levantando fundos para cobrir os custos adicionais com a construção.

Num domingo pela manhã, expus de modo franco e honesto nossa necessidade à igreja. Expliquei que a propriedade estava disponível para venda e que tínhamos trinta dias para fechar o negócio. Caso contrário, alguma outra pessoa haveria de comprá-la. Mas precisávamos daquela propriedade se quiséssemos ter condições de crescer no futuro. Pedi que a congregação se munisse de um envelope de ofertas e que cada um indicasse o que acreditava que Deus o ajudaria a fazer dentro dos próximos trinta dias para cuidar da situação.

Na segunda-feira, quando as ofertas e as promessas de ofertas foram contadas, nada menos de sessenta mil dólares haviam sido oferecidos ou prometidos. Ainda nos faltavam cinqüenta mil. Lembro-me bem de ter orado assim naquela manhã de segunda-feira: "Senhor, não sei mais o que fazer ou para onde me voltar, mas estou confiando que tu farás um milagre". Tinha plena consciência de que nossa congregação havia feito tudo quanto lhe era possível fazer.

Aproximadamente às cinco da tarde daquele mesmo dia, a secretária avisou que o pastor das missões nacionais, obra que havíamos começado dois anos antes, estava na sala de espera querendo me ver por alguns minutos. Ele entrou em meu escritório trazendo uma pasta na mão, e disse: "Pastor, estou aqui porque, horas atrás, um membro de sua congregação veio ao meu escritório com esta pasta. Disse-me que qualquer que fosse a quantia que estivesse faltando para completar o montante necessário, além das ofertas e das promessas de ofertas feitas ontem, estaria nesta pasta".

O pastor da missão não verificara o que havia dentro da maleta, mas havia recebido uma chave. Pusemos a pasta sobre a escrivaninha, abrimo-la e contamos cinqüenta mil dólares em dinheiro — a quantia exata necessária para comprar a propriedade. Naquela tarde, fizemos uma reunião de agradecimento com a igreja, ao ar livre, quando constatamos a miraculosa provisão de Deus.

Apresentamos agora a narrativa de uma resposta à oração recebida espontânea e coincidentemente com a necessidade de Paul E. Lowenberg, hoje presbítero executivo, no começo de seu ministério.

Corria o mês de maio de 1951. Em janeiro daquele ano, fui ao Japão para ajudar um amigo da Inglaterra no cumprimento de sua chamada para iniciar uma igreja em Osaka, cidade que na época estava em ruínas. A Segunda Guerra Mundial a deixara destruída. Os bombardeios americanos arrasaram-na completamente. Quilômetros

após quilômetros de fábricas nada mais eram do que cenas grotescas de metal retorcido e de um vazio silencioso. Por diversos meses, as áreas bombardeadas serviram de locais para cultos evangelísticos ao ar livre. Num mesmo local, três ou quatro cultos eram realizados diariamente, atraindo multidões. Finalmente, compramos duas barracas do exército norte-americano, armamo-las numa área bem localizada que havia sido alvo de bombardeios e estabelecemos uma igreja permanente.

Meu visto de permanência expirara no início de maio, pelo que planos começaram a ser traçados para minha volta a Shreveport, Louisiana, onde viviam minha esposa e minha filhinha de quase dois anos de idade. Minha passagem de avião fora comprada com antecedência, e ele estava ansioso por chegar em casa, ficar com meus familiares e assumir minhas responsabilidades em nossa igreja. Entretanto, minha excitação em ir para casa estava um tanto quanto amortecida por um sentimento interior de que nem tudo estava bem com o meu vôo. Portanto, quanto mais se aproximava o dia de minha partida, mais perturbado eu ia ficando. Após muita oração e inquietude, cheguei à conclusão de que não poderia viajar pela companhia aérea à qual pertencia minha passagem.

Consultando as autoridades do aeroporto, fui informado de que poderia voar conforme fora planejado ou atrasar minha viagem por aproximadamente trinta dias. Mas não havia, em absoluto, vagas em qualquer outro vôo para fora do Japão. Estava enfrentando um dilema terrível. Deveria arriscar-me e viajar conforme o planejado, apesar de meus inquietantes sentimentos interiores, ou deveria esperar trinta dias até que houvesse o primeiro vôo disponível? Tinha tanta certeza de que era Deus que falava comigo, que resolvi esperar pelos trinta dias. Embora estivesse desapontado, senti uma profunda paz interior em resultado dessa decisão.

Por causa de outros problemas relacionados ao transporte, fui forçado a ficar no aeroporto de Haneda, em Tóquio, por mais algumas horas. De repente, ouvi uma voz a chamar pelo meu nome acima dos ruídos de um aeroporto atarefado e cheio de pessoas com pressa: "Lowenberg, Sensi, apresente-se imediatamente no balcão de passagens da Pan American". Corri para o balcão de passagens e, para meu total espanto, fui informado de que fora localizado um assento para mim num vôo da Pan American para aquela mesma noite. Fiquei contentíssimo e muito emocionado. Dentro de poucas horas estava a caminho de casa, atravessando o azul do oceano Pacífico.

Fazendo baldeação em São Francisco, li, chocado, a surpreendente manchete dos jornais: "Avião entre Tóquio e Anchorage cai nas ilhas Aleutas". Aquele era o meu vôo original! Anchorage era um

ponto de parada, onde o avião seria reabastecido. O Espírito Santo havia me guiado sem nenhum erro. Minha vida e ministério foram preservados pela intervenção do Espírito.

Mas isso é apenas parte da história. Numa casa de uma pequena cidade do Canadá Ocidental, mais ou menos na época em que deveria voltar aos Estados Unidos, meu pai ficou muito inquieto e perturbado em relação ao meu vôo de regresso para casa. Levantando-se às três horas da madrugada, falou com minha mãe sobre sua profunda preocupação por minha causa e disse que ia se dedicar à oração e à intercessão. Meu pai era um homem comparativamente baixo, mas quando se punha de joelhos, podia tocar o Céu. Entregou-se a uma intensa oração "no Espírito", suplicando a ajuda do Céu por qualquer que fosse o problema. Embora lhe faltasse instrução e já estivesse com 75 anos de idade, sua intercessão pôs a mão de Deus em movimento desde o Céu até ao aeroporto de Haneda, tirando o seu filho de um avião para outro, embora não houvesse vagas disponíveis senão para dali trinta dias, e trazendo-o com segurança à sua família e ao seu trabalho. A Deus seja dada toda a glória!

Abaixo temos uma narrativa que mostra o cuidado de Deus por seus filhos em meio às tribulações, conforme nos conta Mel Erickson, missionário entre os nativos norte-americanos do Estado de Dakota do Norte:

Em 1989, nossa filha adotiva fugiu de casa quatro vezes. Na última vez, quando foi apanhada pela polícia, queixou-se de ter sido abusada sexualmente. Foi impedida de voltar à nossa casa, e nós fomos tratados como criminosos. Além disso, proibiram-nos de entrar em contato com ela no abrigo onde estava hospedada.

Durante os meses do outono, tivemos de aturar numerosas audiências e reuniões, quando fomos examinados e reexaminados no que concerne ao comportamento desobediente de nossa filha de criação. As autoridades recusaram-se a consultar nossos outros filhos, a escola ou a nossa igreja, preferindo antes acreditar na história dela. Por conseguinte, tivemos de contratar um advogado para nos assistir nos trâmites legais. Ficávamos a nos perguntar como poderíamos pagar pelos serviços do advogado. Éramos missionários e trabalhávamos entre os nativos norte-americanos, sendo que a nossa renda era mínima. Foi requerido que pagássemos adiantados 2.500 dólares, que tivemos de pedir emprestados. O resto tinha de ser pago não muito tempo depois disso, e não fazíamos a menor idéia de onde obteríamos recursos financeiros para isso. Orávamos fervorosamente pela ajuda do Senhor.

Finalmente, chegou o sábado — dois dias antes da data de pagarmos o empréstimo de 2.500 dólares, além de outros 2.500

dólares para o advogado. Orávamos intensamente para que o Senhor suprisse nossa necessidade premente. Um casal nos telefonou, convidando-nos para almoçar num restaurante. Quando estávamos terminando a refeição, contaram-nos que cinco meses antes, tinham sentido um forte impulso para nos dar certa quantia em dinheiro, mas tinham adiado o ato. Levantaram a questão dois meses mais tarde, mas novamente nada fizeram. Então disseram que o marido, no dia em que havíamos orado tão intensamente, tinha saído para cumprir suas várias tarefas diárias. Ao retornar a casa, sua esposa perguntou-lhe se ele ainda sentia que deveriam doar aquela determinada quantia em dinheiro sobre a qual haviam falado. Quando respondeu que sim, ela disse: "Se temos de fazer a doação, então devemos fazê-la ainda hoje".

Entregaram-nos um cheque com a quantia exata de dinheiro que precisávamos. Os cheques foram preenchidos no sábado e o dinheiro foi descontado na segunda-feira, a data exata da dívida. Louvamos a Deus por sua fiel resposta às nossas orações.

O testemunho a seguir foi contado por Herman Rattai, membro das Assembléias Pentecostais do Canadá de Manitoba, Colúmbia Britânica, que teve um grande livramento no deserto, como resultado direto da oração:

Achava-me em Churchill, Manitoba, durante o verão de 1977, administrando alguns projetos de construção. Durante as longas noites, gostava de procurar a solidão de uma praia deserta. Numa certa ocasião, peguei o carro e fui até uns 16 quilômetros fora da cidade, para dar um passeio ao longo de uma área isolada do litoral. Saí caminhando lentamente, apanhando belas conchas e pedras calcárias entremeadas de fósseis, pondo os meus achados em pequenas pilhas para depois serem apanhados no meu caminho de volta. Tendo andado mais ou menos um quilômetro e meio, encontrei uma protuberância rochosa, que impedia o meu progresso. Então, enrolei as barras das calças e subi com dificuldade até o topo de uma grande pedra. Fiquei sentado por algum tempo, observando os navios passarem com suas cargas de grãos provenientes de um porto ali perto. Por 15 minutos, permaneci contemplando com sereno prazer o plácido oceano em contraste com o terreno escabroso.

Voltei-me em direção à terra, tencionando subir um pouco mais, para lá de cima poder espiar melhor os navios que iam e vinham. De súbito, para minha surpresa, divisei três ursos polares na saliência de uma rocha exatamente acima de mim, a apenas uns oito metros de distância. De pronto compreendi que estava em sério perigo, porque os ursos estavam se movendo em minha direção. Um deles era uma enorme ursa, tendo ao seu lado dois filhotes.

Enquanto que as outras espécies de urso atacam o homem somente quando são provocadas ou ao se sentirem ameaçadas, o urso polar é conhecido como caçador de homens, mesmo quando não é provocado. Os nativos têm um incrível temor de ursos polares, pois todos sabiam de alguém que, enquanto caminhava por lugares desérticos, fora literalmente perseguido e devorado.

Automaticamente gritei: "Parem!" Ao mesmo tempo, meu cérebro entrou em ação, procurando pensar em todas as possíveis opções de fuga. Poderia saltar e sair correndo em disparada para salvar a própria vida, mas a ursa me perseguiria e facilmente me alcançaria. Pensei em mergulhar no oceano e nadar para longe, mas a água estava muito fria e a ursa folgadamente poderia me alcançar a nado. Meu terceiro pensamento foi atirar pedras neles e tentar me defender, mas sabia que seria pura tolice.

A única opção que me restava era orar — e foi o que fiz, fervorosamente: "Senhor, estou pronto para morrer a qualquer momento (e realmente estava), mas não estou disposto a morrer nas garras de alguma fera selvagem". Então, falei com os ursos. Todas as vezes que vinham em minha direção, eu gritava: "Parem!" E obedeciam, pelo menos momentaneamente. Olhando para a ursa nos olhos, disse: "Não ouse vir até aqui, porque alguém vai se machucar!" Só que não dizia quem ia se machucar.

Para chegar à praia, tinha de dar alguns passos na direção dos ursos. Continuei a falar com a ursa a respeito de minha situação difícil: "Preciso chegar mais para o seu lado para poder alcançar a praia". Enquanto falava, ia-me movendo lentamente na direção da praia.

Uma vez na praia, comecei a andar de costas, o tempo todo falando com a ursa. Sempre que se movia, eu gritava: "Pare!" Finalmente, quando tinha percorrido aproximadamente a metade da distância até onde deixara o carro, virei-me e corri à toda velocidade. Quando faltavam uns cem metros, voltei-me e vi que os ursos não estavam me seguindo. Chegando no automóvel, exausto acima de tudo, meu coração parecendo que ia explodir, agradeci a Deus pelo absoluto milagre. De volta a Churchill, quando contei a história a um agente de transportes da região, ele disse-me: "Sem dúvida isso foi um milagre. Ninguém, tendo chegado assim tão perto de um urso polar, jamais conseguiu escapar".

Bibliografia

Baelz, Peter R. *Prayer and Providence.* Nova Iorque: The Seabury Press, 1968.

Barth, Karl. *Prayer.* 2ª edição. D. E. Saliers, editor. Traduzido por S. F. Terrien. Filadélfia: The Westminster Press, 1985.

Bauer, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* 2ª edição. Tradu- zido por F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

Biederwolf, William Edward. *How Can God Answer Prayer?* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1910.

Bigg, Charles. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Peter and St. Jude.* The International Critical Commentary. Edimburgo: T. & T. Clark, 1902.

Bilheimer, Paul E. *Destined for the Throne.* Fort Washington, Pensilvânia: Christian Literature Crusade, 1975.

Bloesch, Donald G. *The Struggle of Prayer.* São Francisco: Harper & Row, 1980.

Boros, Ladislaus. *Christian Prayer.* Traduzido por David Smith. Nova Iorque: The Seabury Press, 1976.

Bounds, E. M. *The Essentials of Prayer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1925.

_____. *The Possibilities of Prayer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1923.

_____. *Prayer and Praying Men.* Nova Iorque: George H. Doran Company, 1921.

_____. *Preacher and Prayer.* Chicago: The Christian Witness, s. d.

_____. *Purpose in Prayer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1920.

_____. *The Reality of Prayer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1924.

_____. *The Weapon of Prayer.* Chicago: Moody Press, 1980.

Brandt, Robert L. *Charismatics, Are We Missing Something?* Publicado e disponível com o autor, 1520, Westwood Dr., Billings, Montana, 59102.

_____. *Praying with Paul.* Grand Rapids: Baker Book House, 1966.

Burns, James. *Revivals: Their Laws and Leaders.* Londres: Hodder & Stoughton, 1909; reimpressão, Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

Buttrick, George Arthur. *Prayer.* Nova Iorque: Abingdon- Cokesbury Press, 1942.

Carley, W. *The Book of the Prophet Ezekiel.* Cambridge, Massachusetts: Cambridge University Press, 1974.

Carlson, G. Raymong. *Prayer and the Christian's Devotional Life.* Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1980.

Carre, E. G., editor. *Praying Hyde: A Challenge to Prayer.* Londres: Pickering & Inglis, s. d.

Cassuto, Umberto. *A Commentary on the Book of Exodus.* Traduzido por Israel Abrahams. Jerusalém: The Magnes Press, The Hebrew University, 1967.

Chadwick, Samuel. *The Path of Prayer.* Nova Iorque: Abingdon Press, 1931.

Clarke, Adam. *The Holy Bible Containing the Old and New Testament with a Commentary and Critical Notes.* Londres: Ward, Lock & Co., s. d.

Cornwall, Judson. *Praying the Scriptures.* Lake Mary, Flórida: Creation House, 1990.

Craigie, Peter C. *Psalms 1-50*, volume 19, Word Biblical Commentary Series, Waco, Texas: Word Books, 1983.

Dods, Marcus. *The Prayer that Teaches to Pray.* Londres: Hodder & Stoughton, 1892.

Dubay, Thomas. *Fire Within.* São Francisco: Ignatius Press, 1989.

Duewel, Wesley L. *Touch the World through Prayer.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1986.

Eastman, Dick. *The Hour that Changes the World.* Grand Rapids: Baker Book House, 1978.

Ellul, Jacques. *Prayer and the Modern Man.* Traduzido por C. Edward Hopkin. Nova Iorque: The Seabury Press, 1973.

Erb, William H. *The Lord's Prayer.* Reading, Pensilvânia: I. M. Beaver, Publisher, 1908.

Erickson, Millard J. *Christian Theology.* Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

Fee, Gordon. *The First Epistle to the Corinthians.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1987.

Feinberg, Charles L. *The Prophecy of Ezekiel.* Chicago: Moody Press, 1969.

Finney, Charles G. *Lectures on Revivals of Religion.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1868.

Gee, Donald. *Concerning Spiritual Gifts.* Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1949.

Gibson, John Monro. *The Gospel of St. Matthew.* Londres: Hodder & Stoughton, 1900.

Gordon, Samuel Dickey. *Quiet Talks on Prayer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, s. d.

Grenz, Stanley J. *Prayer: The Cry for the Kingdom.* Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1988.

Hallesby, O. *Prayer.* Minneapolis: Augsburgo, 1931.

Hallimond, John G. *The Miracle of Answered Prayer.* Nova Iorque: The Christian Herald, 1916.

Heiler, Friedrich. *Prayer: A Study in the History and Psychology of Religion.* Londres: Oxford University Press, 1932.

Hertz, J. H., editor. *The Pentateuch and Haftorahs.* 2ª edição. Londres: Soncino Press, 1972.

Horton, Harold. *Gifts of the Spirit.* Nottingham, Inglaterra. Assemblies of God Publishing House, 1934; reimpresso, Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1975.

Horton, Stanley M. "A Defense on Historical Grounds of the Isaiah Authorship of the Passages in Isaiah Referring to Babylon". Tese de Doutorado em Teologia, Central Baptist Seminary, Kansas City, Kansas, 1959.

_____. *The New Testament Study Bible: Matthew.* Volume 2. The Complete Biblical Library. Springfield, Missouri: The complete Biblical Library, 1989.

_____. *What the Bible Says About the Holy Spirit.* Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1976.

Hybels, Bill. *Too Busy Not to Pray.* Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1988.

Jamieson, Robert, A. R. Fausset e David Brown. *A Commentary Critical and Explanatory on the Old and New Testaments.* 6 volumes. Nova Iorque: George H. Doran Company, 1921.

Jeter, Hugh. *By His Stripes.* Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1977.

Jones, Gwen, editor. *Conference of the Holy Spirit Digest.* 2 volumes. Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1983.

Jones, J. D. *The Model Prayer.* Londres: James Clarke & Company, 1899.

Keller, W. Phillip. *A Layman Looks at the Lord's Prayer.* Minneapolis: World Wide Publications, 1976.

Kelly, J. N. D. *A Commentary on the Epistles of Peter and Jude.* Nova Iorque: Harper & Row, 1969.

Knight, Cecil B., editor. *Pentecostal Worship.* Cleveland, Tennessee: Pathway Press, 1974.

Leech, Kenneth. *True Prayer: An Invitation to Christian Spirituality.* Nova Iorque: Harper & Row, 1980.

LeFevre, Perry. *Understandings of Prayer.* Filadélfia: The Westminster Press, 1981.

Lewis C. S. *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer.* Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1964.

Lindsell, Harold. *When You Pray.* Wheaten, Illinois: Tyndale House Publishers, 1969.

Lockyer, Herbert. *All the Prayers of the Bible.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959.

_____. *How I Can Make Prayer More Effective.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1953.

Macaulay, J. C. *Devotional Studies in St. John's Gospel.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publisher Company, 1945.

MacDonald, Alexander B. *Christian Worship in the Primitive Church.* Edimburgo: T. & T. Clark, 1934.

MacIachlan, Lewis. *Intelligent Prayer.* Com prefácio de L. W. Grensted. Greenwood, Carolina do Norte: The Attic Press, 1977.

Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible. 6 volumes. Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, s. d.

McGraw, Louise Harrison. *Does God Answer Prayer?* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1941.

Memoirs of the Rev. David Brainerd. New Haven: S. Converse, 1822.

Miller, Basil. *Prayer Meetings that Made History.* Anderson, Indiana: Warner Press, 1938.

Mitchell, Curtis C. *Praying Jesus' Way.* Old Tappan, Nova Jérsei: Fleming H. Revell Company, 1977.

More, Hannah. *The Spirit of Prayer.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1986.

Munyon, Tim. "The Scourge of Individualism", *Advance,* 1 de janeiro de 1990, página 9.

Murray, Andrew. *The Ministry of Intercession.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1898.

_____. *The Prayer-Life.* Garden City, Nova Iorque: Doubleday, Doran & Company, 1929.

_____. *With Christ in the School of Prayer.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1885.

Myers, Warren e Ruth. *Pray: How to be Effective in Prayer.* Colorado Springs: Navpress, 1983.

Nee, Watchman. *The Prayer Ministry of the Church.* Nova Iorque: Christian Fellowship Publishers, 1973.

Newburn, Armon. "The significance of the Altar Service". *Conference on the Holy Spirit Digest.* Volume 2. Gwen Jones, editor. Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1983.

Ogilvie, Lloyd John. *Praying with Power.* Ventura, Califórnia: Regal Books, 1983.

Orr, James, editor. *International Standard Bible Encyclopedia.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publisher Company, 1939.

Orr, J. Edwin. *Campus Aflame.* Glendale, Califórnia: Regal Books, 1971.

Parker, William R. e Elaine St. Johns. *Prayer Can Change Your Life.* Englewood Cliffs, Nova Jérsei: Prentice-Hall, Incorporated, 1957.

Parkhurst, L. G., Jr. *Charles G. Finney's Answers to Prayer.* Minneapolis: Bethany House Publishers, 1983.

Petuchowski, Jacob e Michael Brocke, editores. *The Lord's Prayer and Jewish Liturgy.* Nova Iorque: The Seabury Press, 1978.

Poloma, Margaret M. e George H. Gallup, Jr. *The Varieties of Prayer.* Filadélfia: Trinity Press International, 1991.

Ravenhill, Leonard. *Revival Praying.* Minneapolis: Bethany Fellowship, 1962.

Ridderbos, J. *Isaiah.* Traduzido por John Vriend. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1985.

Rinker, Rosalind. *Prayer: Conversing with God.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959.

Robinson, Charles E. *Praying to Change Things.* Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1928.

Sanders, J. Oswald. *Prayer Power Unlimited.* Minneapolis: World Wide Publications, 1977.

Scroggie, W. Graham. *Method in Prayer.* Londres: Pickering & Inglis, 1955.

_____. *Paul's Prison Prayers.* Grand Rapids: Kregel Publications, 1981.

Seiss, Joseph A. *Gospel in Leviticus.* Filadélfia: Lindsay & Blakiston, 1860; reimpressão, Grand Rapids: Kregel Publications, 1981.

Shank, Robert. *Elect in the Son: A Study of the Doctrine of Election.* Springfield, Missouri: Westcott Publishers, 1970.

Simpson, Robert L. *The Interpretation of Prayer in the Early Church.* Filadélfia: The Westminster Press, 1965.

Spear, Wayne R. *The Theology of Prayer.* Grand Rapids: Baker Book House, 1979.

Spence, H. D. M. e Joseph S. Exell, editores. *The Pulpit Commentary.* 49 volumes. Wm. B. Eerdmans Publisher Company, 1950.

Spencer, William David e Aida Basançon Spencer. *The Prayer Life of Jesus.* Lanham, Maryland: University Press of America, 1990.

Sproul, R. C. *Effective Prayer.* Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, 1984.

Stedman, Ray C. *Jesus Teaches on Prayer.* Waco, Texas: Word Books, 1975.

Stradling, Leslie E. *Praying the Psalms.* Filadélfia: Fortress Press, 1977.

Stuart, Douglas. *Ezekiel.* Dallas: Word Books, 1989.

Talling, Marshall P. *Extempore Prayer.* Manchester: James Robinson, 1902.

Thomson, James G. S. S. *The Praying Christ.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publisher Company, 1959.

Torrey, Reuben A. *How to Pray.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, s. d.

_____. *The Power of Prayer.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1955.

Tozer, A. W. *Keys to the Deeper Life.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1984.

_____. *Of God and Men.* Harrisburgo, Pensilvânia: Christian Publications, Incorporated, 1960.

_____. *The Pursuit of God.* Harrisburgo, Pensilvânia: Christian Publications, Incorporated, 1948.

_____. *That Incredible Christian.* Calcutá: Evangelical Literature Depot, 1964.

Vincent, Marvin R. *Word Studies in the New Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publisher Company, 1946.

Walker, Lucille. "Prayer in Worship". Em *Pentecostal Worship*, editor Cecil B. Knight. Cleveland, Tennessee: Pathway Press, 1974.

Ward, J. Neville. *The Use of Praying.* Plymouth, Inglaterra: The Epworth Press, 1975.

Whittaker, Colin C. *Great Revivals.* Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1984.

Whyte, Alexander. *Lord, Teach Us to Pray.* Nova Iorque: Doubleday, Doran & Company, s. d.

Williams, J. Rodman. *Renewal Theology.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1990.

Williams, Morris O. *Partnership in Mission.* Edição revisada. Springfield, Missouri: Assemblies of God Division of Foreign Missions, 1986.

Wilson, Benjamin. *The Emphatic Diaglott.* Brooklyn: International Bible Students Association, 1942.

Wilson, Marvin. *Our Father.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publisher Company, 1989.

Wishart, John Elliot. *The Fact of Prayer: Its Problems and Possibilities.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, 1927.

Wood, Leon. *Distressing Days of the Judges.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1975.

Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket

Teologia Bíblica da Oração

O Espírito nos ajuda a orar



Muito mais que um estudo bíblico, *Teologia Bíblica da Oração* proporciona um relato histórico da oração, mostrando a sua relevância na vida do crente nos dias de hoje. Robert L. Brandt e Zenas J. Bicket oferecem uma verdadeira mina de ouro para os que buscam crescer na graça e ministrar no poder do Espírito Santo.
Você encontrará riquíssimos subsídios nas três principais seções deste comentário:

A Oração no Antigo Testamento
A Oração no Novo Testamento
A Oração na Prática Contemporânea

Este livro não lhe causará apenas impacto. Ele mudará o seu modo de ser, influenciando os que se acham ao seu redor.

Robert L. Brandt *serviu às Assembléias de Deus como pastor, superintendente de dois distritos, secretário de Missões Nacionais e presidente do Central Indian Bible College.* Zenas J. Bicket *é presidente do Berean College. Ele também já atuou como deão de currículo do Evangel College, lecionando em ambas as instituições. É Ph. D. pela Universidade do Arkansas.*

ISBN 85-263-0068-7
9 788526 300682